



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
EM SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA
SAÚDE

ENTRAMOS NA REDE:

A experiência de construção do blogue "Libertando a Mente" por cidadãos em sofrimento
mental

BRUNA VANESSA DANTAS RIBEIRO

BRUNA VANESSA DANTAS RIBEIRO

ENTRAMOS NA REDE:

A experiência de construção do blogue "Libertando a Mente" por cidadãos em sofrimento
mental

Tese de doutorado apresentada para banca de defesa do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, para a obtenção do grau de Doutor em Informação e Comunicação em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. André Pereira de Faria Neto
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Freitas Guljor

Rio de Janeiro
2023

Título do trabalho em inglês: We join the network: the experience of building the blog "Libertando a Mente" by citizens in mental distress.

O presente trabalho foi realizado com apoio de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - Código de Financiamento 001.

R484e Ribeiro, Bruna Vanessa Dantas.
Entramos na rede: a experiência de construção do blogue "Libertando a Mente" por cidadãos em sofrimento mental / Bruna Vanessa Dantas Ribeiro. -- 2023.
441 f. : il.color, fotos.

Orientador: André de Faria Pereira Neto.
Coorientadora: Ana Paula Freitas Guljor.
Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2023.
Bibliografia: f. 422-441.

1. Comunicação e Saúde. 2. Educação Popular. 3. História Oral. 4. Tecnologia da Informação. 5. Saúde Mental. I. Título.

CDD 303.4833

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica: Regina Maria de Souza - CRB-7-7438
Biblioteca de Manguinhos

BRUNA VANESSA DANTAS RIBEIRO

ENTRAMOS NA REDE:

A experiência de construção do blogue "Libertando a Mente" por cidadãos em sofrimento
mental

Aprovado em 29 de junho de 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André de Faria Pereira Neto - Orientador

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Freitas Guljor - Coorientadora

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Prof. Dr. Wilson Couto Borges

Prof. Dr. Paulo Duarte de Carvalho Amarante

Prof. Dr. David Baião Nemer

Prof^a. Dr^a. Pâmela Araújo Pinto (Suplente)

Prof^a. Dr^a. Tânia Cristina Oliveira Valente (Suplente)

DEDICATÓRIA

Esta tese é dedicada a todos que me ajudaram a ser quem eu sou hoje, mas partiram antes de verem quem eu estou me tornando:

Dilene, minha tia, a professora mais dedicada.

José Dantas, meu avô, o maior cientista que já conheci.

Videval, meu tio, o maior amante de moda de viola que já passou por Goiás e Mato Grosso.

Ericson, meu amigo mais atencioso e acolhedor.

Dioni, minha mãe, que sempre me apoiou e acreditou em mim. Agora deve estar em algum lugar do infinito falando "Que bom, filha, eu sabia que daria certo".

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa é feita de muitas mãos e sonhos. São muitos meus agradecimentos. Todos eles já moram no meu peito, mas nunca é demais convertê-los em palavras.

Primeiramente agradeço aos meus orientadores André e Ana Paula. Mais do que mentores acadêmicos com um enorme respeito pelo meu modo de pensar, eles foram guias e amigos que estiveram ao meu lado em toda essa caminhada. Eles me apoiaram nos momentos em que que mais do que produzir, eu precisava parar. Eles me ampararam em minhas escolhas, me apresentaram alternativas sábias e me ensinaram com paciência e cuidado.

Agradeço ao PPGICS. Esta tese só se tornou possível porque o programa acreditou em mim e eu acreditei nele. Cada membro da equipe foi importante.

Agradeço à minha família, que, mesmo me vendo ir embora, me apoiou e acreditou que eu conseguiria.

Agradeço às minhas sobrinhas, Clarinha e Nalu, que me deram vontade e motivos para “ser mais” (como é que deixa um mundo ruim pra elas? Não pode, uai).

Agradeço ao Bruno e sua imensa paciência, por me escutar, apoiar, aprender, ensinar, corrigir vírgulas e ser o melhor o tempo todo, sem fim de semana ou feriado.

Agradeço aos meus amigos, que mesmo não entendendo bem o que eu fazia, me apoiaram, se mostraram curiosos, se interessaram e se orgulharam do mistério.

Agradeço aos meus colegas de curso, companheiros de caminhada, de desespero e alegrias. Entre cervejas, palestras e mensagens de “eu não vou conseguir”, nós conseguimos.

Agradeço à equipe do LaISS que me recebeu como parte e através do diálogo e da pedagogia da autonomia, esperança e me ensinou caminhos heterodoxos da luta contra a opressão.

Agradeço também à equipe do LAPS, que, sem julgamentos, me apresentou todo seu trabalho e conhecimento sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira.

Também não posso deixar de agradecer à toda equipe do CAPS-Magal, que me recebeu em sua “casa” e lutou junto comigo para que cada uma das entrevistas desta tese fosse possível.

Agradeço a todos os participantes do projeto “Eu quero entrar na rede”. Nosso ano juntos foi tão especial que precisei eternizá-lo em uma tese de doutorado. Obrigado por aceitarem estar, também, nessa empreitada comigo e por confiarem suas histórias de vida a mim. Vocês são minha inspiração.

Agradeço, especialmente, à minha mãe, que me ensinou que a gente não conta a vida por quantas vezes é o melhor profissional, mas pelo tanto de amor que soma tocando aos pouquinhos as vidas das pessoas.

Ante esta realidade assustadora que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir por outros até mesmo a forma de morrer, onde verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham finalmente e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra.

Gabriel Garcia Márquez

RESUMO

A partir do final do Século XX se desenhou um quadro de ampliação da conectividade através das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs). Esse cenário gerou disputas pela apropriação das NTICs e movimentou as relações de poder no âmbito mundial. As NTICs passaram a estar presentes em todas as esferas da vida cotidiana. Seus usos e apropriações na saúde se tornaram grande preocupação, particularmente no campo da saúde mental, onde a Reforma Psiquiátrica Brasileira buscou promover a desinstitucionalização de pessoas em sofrimento mental e construir um novo paradigma. Nesse sentido, a apropriação das NTICs por sujeitos em sofrimento mental se tornou estratégica. Esta Tese analisa a experiência do projeto “Eu quero entrar na rede”, realizado por dez cidadãos em sofrimento mental, usuários do Centro de Atenção Psicossocial II Carlos Augusto Silva Magal (CAPS-Magal), localizado na Comunidade de Manginhos, na cidade do Rio de Janeiro. Eles construíram, de forma autônoma, entre 2018 e 2019, o Blogue “Libertando a Mente”. Esta experiência contou com o apoio da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC) da Fundação Oswaldo Cruz e foi realizado no Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LaISS), vinculado ao Centro de Saúde Escola Germano Sinval de Faria da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Foi realizado em parceria com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS). Esta tese está organizada em três eixos temáticos centrais: Comunicação e Saúde, Saúde Mental e Educação Popular em Saúde. A **questão** orientadora está associada ao debate sobre o empoderamento e o protagonismo dos usuários por meio do uso e apropriação das NTICs. **Objetivos:** analisar de que forma os processos comunicacionais empregados se inserem na trajetória de vida e terapêutica dos usuários participantes; identificar as contribuições para o protagonismo e na vida de cada um dos participantes; explicar em que medida essa participação promoveu mudanças de lugar social dos participantes em suas redes comunitárias/relacionais; discernir as mudanças ocorridas na evolução do tratamento farmacológico e biomédico a partir da participação do projeto. **Metodologicamente**, a pesquisa esteve dividida em duas abordagens: relato de experiência e história oral. Na primeira, foi feito um relato de experiência baseado nos materiais produzidos pelos usuários participantes e pela equipe do projeto durante sua realização. Em um segundo momento, foram entrevistados 18 sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente, com o projeto utilizando a história oral. São eles: usuários participantes, seus familiares e profissionais do CAPS-Magal. **Resultados:** o trabalho demonstra que as atividades para a construção do blogue contribuíram com o empoderamento e o protagonismo dos participantes. Esse empoderamento

se deu em diferentes frentes, pois aumentou as habilidades para manuseio das NTIC, potencializou laços de amizade entre os participantes, interferiu no tratamento e retomada de vida, reduzindo a presença da biomedicina e dos recursos farmacológicos e potencializou o autoconhecimento e a autoconfiança dos sujeitos. **Conclusão:** a apropriação das NTICs pode ser um instrumento para potencializar o empoderamento e a promoção do protagonismo de pessoas em sofrimento psíquico servindo como alternativa ao tratamento biomédico e farmacológico.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde. Educação Popular. História Oral. Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Saúde Mental.

ABSTRACT

From the end of the 20th century onwards, a picture of expansion of connectivity through the New Information and Communication Technologies (NICTs) was drawn. This scenario generated disputes over the appropriation of NICTs and shifted power relations worldwide. NICTs have become present in all spheres of everyday life. Its uses and appropriations in health have become a major concern, particularly in the field of mental health, where the Brazilian Psychiatric Reform sought to promote the deinstitutionalization of people in mental distress and build a new paradigm. In this sense, the appropriation of NICTs by subjects with mental suffering has become strategic. This Thesis analyzes the experience of the project “I want to enter the network”, carried out by 10 citizens in mental suffering, users of the Psychosocial Care Center II Carlos Augusto Silva Magal (CAPS-Magal), located in the Community of Manguinhos, in the city of Rio de Janeiro. of January. They built, autonomously, between 2018 and 2019, the Blog “Libertando a Mente”. This experience had the support of the Vice-Presidency of Education, Information and Communication (VPEIC) of the Oswaldo Cruz Foundation and was carried out at the Internet, Health and Society Laboratory (LaISS), linked to the Health Center Escola Germano Sinval de Faria of the National School of Public Health at the Oswaldo Cruz Foundation. It was carried out in partnership with the Laboratory of Studies and Research in Mental Health and Psychosocial Care (LAPS). This thesis is organized into three central themes: Communication and Health, Mental Health and Popular Education in Health. **The guiding question** is associated with the debate on the empowerment and protagonism of users through the use and appropriation of NICTs. **Objectives:** to analyze how the communicational processes employed are inserted in the life and therapeutic trajectory of the participating users; identify contributions to the protagonism and life of each of the participants; explain to what extent this participation promoted changes in the social place of the participants in their community/relational networks; to discern the changes that occurred in the evolution of pharmacological and biomedical treatment from the participation in the project. **Methodologically**, the research was divided into two approaches: experience report and oral history. In the first, an experience report was made based on the materials produced by the participating users and by the project team during its implementation. In a second moment, 18 subjects involved, directly or indirectly, with the project were interviewed using the Oral History method. They are: participating users, their families and CAPS-Magal professionals. **Results:** the work demonstrates that the activities for building the blog contributed to the participants' empowerment and protagonism. This empowerment took place on different fronts, as it increased the skills to handle NICT, enhanced bonds of friendship between the participants, interfered in the treatment and resumption of life by reducing the presence of biomedicine and pharmacological resources and enhanced the self-knowledge and self-confidence of the subjects. **Conclusion:** the appropriation of NICTs can be an instrument to enhance the empowerment and the promotion of the protagonism of people in psychological distress, serving as an alternative to biomedical and pharmacological treatment.

Keywords: New Information and Communication Technologies. Communication and Health. Mental health. Popular Education. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logomarca do blogue “Libertando a Mente”.....	149
Figura 2 – Imagem de capa do blogue “Libertando a Mente”.....	150
Figura 3 - Cartaz de divulgação do evento de lançamento do blogue “Libertando a Mente”	157
Figura 4 – Pesquisadores-cidadãos durante o evento de lançamento vestindo camiseta do projeto assistem ao vídeo.....	159
Figura 5 - Pesquisadores-cidadãos leem no evento de lançamento texto produzido de forma coletiva.....	159
Figura 6 – Notícia sobre tiroteio em Manguinhos.....	169
Figura 7 - Alerta de Risco verde em Manguinhos.....	185
Figura 8 - Quadro com imagem de Carlos Augusto Silva que decora a área comum do CAPS-Magal.....	203

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Materiais / Documentos do projeto	117
Tabela 2 - Perfil dos participantes entrevistados	127
Tabela 3 - Tabela de competências: digitar, salvar e enviar texto.....	133
Tabela 4 - Tabela de competências: pesquisar, salvar e enviar imagem	135
Tabela 5 - Tabela de competências: produzir, salvar e enviar fotografia.....	137
Tabela 6 - Tabela de competências: produzir, salvar e enviar vídeo.....	140
Tabela 7 - Tabela de competências: média geral.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre educação bancária e educação libertadora	102
Quadro 2 - Materiais / Documentos do projeto	112
Quadro 3 - Escala de competências	131
Quadro 4 - Publicações do blogue Libertando a Mente	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS-Magal	Centro de Atenção Psicossocial II Carlos Augusto da Silva Magal
CGI	Comitê Gestor da Internet
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
EPSJV	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
FIB	Felicidade Interna Bruta
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
HCTP	Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico
IMASNS	Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira
IPUB	Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro
LaISS	Laboratório Internet, Saúde e Sociedade
LAPS	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial
NTICs	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PTS	Projeto Terapêutico Singular
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
RPB	Reforma Psiquiátrica Brasileira
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Livre Consentimento Esclarecido
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – EU COMUNICADORA E PESQUISADORA	18
1 INTRODUÇÃO	25
2 COMUNICAÇÃO E SAÚDE	34
2.1 Por uma Comunicação Pedagógica do Cuidado e da Promoção da Saúde.....	34
2.2 Comunicação e Saúde: Um campo em construção.....	36
2.2.1 Cuidado	38
2.2.2 Promoção da Saúde	41
2.2.3 Divulgação Científica.....	44
2.3 E-health	48
3 NTICS E INTERNET	51
3.1 Internet no Mundo: Exclusão Digital e Social	57
3.2 Tecnologia Mundana.....	60
3.3 Blogue	64
4 SAÚDE MENTAL	70
4.1 Silenciamento da Loucura: o Homem e a Árvore, a Mulher e o Telefone	70
4.2 A Loucura e o Poder Des-historificante	74
4.3 A História Única dos Não-Seres	78
4.4 Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB).....	82
4.5 Saúde Mental e Comunicação	87
4.6 CAPS-Magal e Manguinhos	94
5 EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE.....	101
6 EMPODERAMENTO DO USUÁRIO – UMA ENCRUZILHADA.....	106
6.1 Empoderamento em Saúde Mental.....	107
7 METODOLOGIA DE PESQUISA	112
8 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “EU QUERO ENTRAR NA REDE” 124	
8.1 Planejamento e Metodologia das atividades	124
8.2 Apresentação do Espaço da Fiocruz e Introdução Teórica e Crítica	128
8.3 Diagnóstico e Nivelamento de Competências.....	130
8.3.1 Produção de texto	132
8.3.2 Captura de Imagem	135
8.3.3 Produção de fotografia	136
8.3.4 Produção de vídeo	139

8.3.5	Média geral.....	141
8.4	Construção do Blogue	143
8.5	Produção de Conteúdo.....	151
8.6	Lançamento do Blogue.....	157
8.7	Discussões Parciais	161
8.7.1	Cidadãos Sem Documentos.....	162
8.7.2	Território	163
8.7.3	Violência	164
8.8	Fatores Facilitadores ou Limitadores.....	167
8.9	Relato De Mediação em Primeira Pessoa.....	171
8.9.1	Análise da Mediação: Criticização, Diálogo e Confiança.....	177
9	RELATOS EM HISTÓRIA ORAL	180
9.1	Eu Entrevistadora – Método E Subjetividade Na História Oral	180
9.2	Fazer Científico e Emoção – Para Além Do Roteiro de Entrevista	186
9.3	Textualização e Transcrição – Artesania Criativa.....	191
10	CAPS-MAGAL: UM GRITO ENTRE SILENCIAMENTOS, UMA LUTA DE MUITAS MÃOS	195
10.1	CAPS-Magal de Portas Abertas.....	204
10.2	“EU QUERO ENTRAR NA REDE”: UMA HISTÓRIA DE MUITAS VOZES 207	
11	OS “PESQUISADORES-CIDADÃOS”	216
11.1	FERNANDO – O ORGULHO DE SER QUEM SE É	216
11.1.1	A chegada ao CAPS-Magal.....	223
11.1.2	Entrada no Projeto	225
11.1.3	Resultados do Projeto.....	228
11.1.4	Após o Blogue	229
11.1.5	Sua relação com as NTICs	231
11.1.6	Hoje em dia	233
11.1.7	Fernando Pelo Olhar dos Profissionais do CAPS	237
11.2	AUSTRY – UMA CÂMARA DE EDIÇÃO, UMA ILHA DE ECOS	241
11.2.1	A Chegada ao CAPS-Magal.....	249
11.2.2	Entrada e participação no Projeto.....	250
11.2.3	Resultados do projeto	253
11.2.4	Sua relação com a internet.....	256
11.2.5	Hoje em dia	258

11.2.6	Austry Pelo Olhar dos Profissionais do CAPS	259
11.3	MAURA – O DESFAZER DO SILÊNCIO.....	264
11.3.1	A Chegada ao CAPS-Magal.....	275
11.3.2	Entrada no Projeto	277
11.3.3	Resultados do projeto	278
11.3.4	Após o Blogue	279
11.3.5	Sua relação com as NTICs	282
11.3.6	Hoje em dia	283
11.3.7	Maura Pelo Olhar dos Profissionais da CAPS	284
11.4	RAFAEL – NÃO TENHO MEDO, EU SOU FILHO DO DONO, MAIOR RESPONSA DE SUJEITO HOMEM.....	287
11.4.1	A chegada ao CAPS-Magal.....	292
11.4.2	Entrada no Projeto	294
11.4.3	Resultados do Projeto.....	297
11.4.4	Sua relação com as NTICs	297
11.4.5	Hoje em dia	298
11.4.6	Rafael Pelos Olhos dos Profissionais do CAPS	300
11.5	TADEU – O CUIDADO QUE EMANA DA COMUNIDADE.....	302
11.5.1	A chegada ao CAPS-Magal.....	311
11.5.2	Entrada no Projeto	313
11.5.3	Resultados do projeto	315
11.5.4	Após o Blogue	317
11.5.5	Sua relação com as NTICs	318
11.5.6	Hoje em dia	320
11.5.7	Tadeu Pelo Olhar dos Profissionais do CAPS.....	322
11.6	ANTÔNIO – UM LONGO CAMINHO DE VOLTA PRA CASA	326
11.6.1	A Chegada ao CAPS-Magal.....	335
11.6.2	Entrada no Projeto	337
11.6.3	Resultados do Projeto.....	340
11.6.4	Após o Blogue	342
11.6.5	Sua Relação com as NTICs	342
11.6.6	Hoje em Dia.....	344
11.6.7	Antônio Pelo Olhar dos Profissionais do CAPS	345
11.7	JULIANO – MUNDO AQUI É MAIS BONITO.....	348
11.7.1	A chegada ao CAPS-Magal.....	357

11.7.2	Entrada no Projeto	360
11.7.3	Resultados do projeto	363
11.7.4	Após o Blogue	365
11.7.5	Sua relação com as NTICs	367
11.7.6	Hoje em dia	369
11.7.7	Juliano Pelo Olhar dos Profissionais do CAPS	372
12	RESULTADOS GERAIS DO PROJETO “EU QUERO ENTRAR NA REDE” SEGUNDO A EQUIPE	375
12.1	Benefícios da Comunicação e Tecnologia no CAPS	381
12.2	Desafios Para o Desenvolvimento da Comunicação e Tecnologia no CAPS	385
13	CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS: ENTRE CONEXÕES E CONTRADIÇÕES.....	390
13.1	Relação com o PTS e a Equipe do CAPS-Magal	391
13.1.1	Metodologias Dialogais e Promoção da Autonomia.....	394
13.1.2	Reconhecimento e Confiança	405
13.1.3	Relações Sociais: Caminhos de Diálogo e Entendimento.....	407
13.1.4	Preconceito e Estigma	409
13.1.5	Diversas Narrativas que Compõe a Comunicação	411
13.1.6	Empoderamento dos Sujeitos	412
13.1.7	Evolução no Tratamento e Medicação	414
13.1.8	Leituras Para Além do Projeto	415
14	CONCLUSÃO	419
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	423

APRESENTAÇÃO – EU COMUNICADORA E PESQUISADORA

A escolha de começar esta tese com esta introdução em primeira pessoa partiu da certeza de que uma pesquisa de doutorado não se faz só de referencial teórico, método, coleta de dados e análise. Certa vez, eu disse ao meu orientador André Pereira Neto: “A ciência é feita de gente”. Ele gentilmente me corrigiu “a ciência é feita por pessoas”. Refletindo um pouco, cheguei à conclusão de que ambos estávamos certos: ela é feita por e de humanidades. Minha relação com o projeto “Eu quero entrar na rede”, seja como mediadora, durante um ano de atividades junto aos usuários participantes, ou como pesquisadora, analisando a experiência para esta tese, foi realizada a partir de meu lugar no mundo. Por isso entendo que este relato pode ser capaz de esclarecer alguns pormenores. Entendo que um leitor interessado irá me ver em meu trabalho. Meu olhar e meus dedos passeiam por estas linhas.

Antes de doutorandos, nós, aprendizes de fazedores de ciência, somos pessoas. O que nos constitui enquanto indivíduos também está presente em nossa pesquisa e em nosso texto. Tendo isso em vista, enquanto pesquisadora, pois é assim que me vejo, me comunico, estou dizendo para a sociedade de onde vêm as minhas inovações e descobertas e explicitando em que corpos, contextos e relações se constrói o fazer científico.

Assim como, enquanto jornalista, não acredito no ideal da objetividade jornalística, também o faço com relação à imparcialidade científica, ainda mais tratando-se de ciências humanas e sociais. Nossos objetos de pesquisa, se é que assim podemos chamá-los, de forma tão passiva, comem, bebem, dançam, brigam, sorriem, choram, votam, revoltam-se, resignam-se, por inúmeras razões que extrapolam a dimensão quantitativa. E assim também são os nossos cientistas. Não tenho como separar o que sou do que pesquiso e essa relação é ainda mais profunda quando se trata da minha atuação comunicacional e pedagógica, como foi o caso do projeto que será apresentado e analisado nesta tese. Era eu ali dentro daquela sala pequena com dez computadores e dez seres humanos. Éramos nós, no plural. Compartilhamos alegrias, tristezas e dificuldades, concordando, mas também discordando. Nós nos encontramos no meio do caminho, mas muito já havíamos caminhado e levávamos conosco essa bagagem. Levávamos também aquilo que vivíamos naquele momento de nossas vidas e os lugares pelos quais ainda gostaríamos de passar. Tendo isso em vista, apresento ao leitor um pouco do que carreguei e ainda carrego. Neste breve texto exponho brevemente a trajetória profissional que me trouxe até a presente experiência e a coloco à luz de algumas reflexões teóricas.

Um primeiro ponto importante é que carrego em mim muitos interiores, diversos sertões. Goiás, Paraíba, Bahia e Mato grosso compõem o meu sangue e as minhas tradições. É do centro do Brasil que olho para os problemas do país e penso soluções. Hoje morando e realizando minha pesquisa no Rio de Janeiro, vejo que são muitos os Brasis. As agruras e alegrias que tocam lá, não tocam aqui. E é de lá que eu vim e sou, é a partir daquele horizonte que olho para o que está à minha frente, incluindo minha pesquisa.

Saí de Goianésia, no interior de Goiás com 17 anos para fazer faculdade. Sou branca, de classe média e tive todas as oportunidades possíveis. Meus pais, que não tiveram acesso às oportunidades que eu tive, com muita luta conseguiram ascender socialmente graças aos estudos. Eles entendiam a importância disso. Meus avós, de pouco estudo, também.

Tenho graduação em comunicação social, habilitação em jornalismo, e mestrado em Comunicação, Cultura e Cidadania, pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Apesar de minha trajetória acadêmica e profissional ter sido integralmente realizada na comunicação, desde a graduação trabalho com a temática da saúde mental.

Meu interesse pelo campo da saúde mental se deu por meio do trabalho de conclusão de curso da faculdade de jornalismo, no ano de 2011. Após algumas incursões nada exitosas, surgiu a ideia de contar a história de um hospital psiquiátrico de Goiânia. Fiquei tão envolvida com o tema que, após a finalização do trabalho, passei a ser voluntária nesse mesmo hospital. Em seguida fiz meu mestrado pesquisando a representação da loucura na televisão. Hoje, olho para o caminho que escolhi e vejo que foi muito solitário. Não eram muitos pesquisando o tema no Programa de Pós-Graduação que estudei. Na minha turma, eu era a única. Percebi que, se quisesse me aprofundar na saúde mental, apenas o campo da comunicação não atenderia aos meus anseios. Eu precisava me tornar interdisciplinar.

Minha aproximação com o campo da saúde mental se deu unicamente pelo meu interesse pelo tema. Me vejo como uma comunicadora falando sobre o assunto e entendo que tal posicionamento é necessário. Entretanto, nem sempre isso é entendido de forma clara por outras pessoas, do campo da comunicação ou da saúde.

Já se passaram quase dez anos que pesquiso saúde mental e durante esse tempo fui inúmeras vezes questionada sobre essa escolha. Não foram poucos os inquéritos indiscretos sobre a sanidade mental dos meus familiares e até a minha própria. Também não foram poucos os questionamentos acerca da minha profissão. Psiquiatra? Psicóloga? 'Não, eu sou jornalista'. Achavam que uma pessoa mentalmente sã, sem contato pessoal ou profissional com o tema,

não navegaria por aquelas águas. Isso ocorreu e ainda ocorre principalmente porque eu não carrego os signos mais óbvios do pertencimento aos espaços e debates psiquiátricos. Assumo que isso me gerou uma certa sensação de impostora.

Durante minha trajetória profissional e acadêmica, me pareceu que, para a maioria das pessoas, não é compreensível que uma pessoa como eu, sem uma conexão pessoal com o campo da saúde mental ou formação profissional, se dedique a estudar e a trabalhar com o tema, que ainda parece muito restrito. Na minha caminhada de estrangeira na terra da saúde mental, vi inúmeros olhares de admiração e surpresa, como se ser uma “leiga” falando da loucura fosse algo que ficasse entre o divino e o profano.

Tendo em vista essas vivências, sou categórica em afirmar que minha função de mediadora cumpro como uma comunicadora com experiência em docência superior atuando no campo da saúde. É também como comunicadora que enxergo e analiso os processos pedagógicos e comunicacionais aqui expostos e penso o cuidado atrelado ao direito à comunicação (GARCIA, 2017) e às mudanças proporcionadas pelo surgimento das NTICs, o que guia o anseio por compreender os processos de empoderamento dos usuários.

Em função disso, destaco dois momentos que, enquanto retratos da interdisciplinaridade, que permeiam minha trajetória e são inerentes ao meu objeto de pesquisa. Eles foram fundamentais para a minha transformação enquanto uma comunicadora que pesquisa saúde mental.

Quando entrei na faculdade de jornalismo em 2008, ainda era comum ouvirmos que o jornalista dava voz aos desfavorecidos. Um momento marcante de minha formação veio através de uma fala da professora Raquel Mourão, importante jornalista goiana e conhecida por todos os estudantes de jornalismo de Goiânia da minha geração: "Ninguém dá voz a ninguém, todo mundo tem voz". Essa ideia simples me marcou, mas, naquele momento, eu não estava preparada para pensar o que ela significava de verdade. Anos depois, essa frase ganhou contornos mais precisos e durante o projeto “Eu quero entrar na rede” se fortaleceu e fez morada em mim.

Foi ainda como estudante de graduação que entrei pela primeira vez no Instituto Espírita Batuira de Saúde Mental, localizado em Goiânia. Tinha um gravador na mão e a minha ideia de contar a história daquele lugar através de um livro-reportagem que seria meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Me sobrava vontade, mas também medo e desinformação. Eu carregava o que Chimamanda Ngozi Adiche (2019) chama de história única, que mais à frente trataremos com maior profundidade. Era uma história de estereótipos e preconceitos que não

necessariamente foi construída por mim. Como veremos, neste trabalho há todo um processo histórico, social e político por trás dele. Entretanto, por diversas vezes essa história me foi contada. De tanto ouvi-la, acreditei, absorvi e a repeti sem questionar. Eu tinha em mente a loucura das grades, eletrochoques e delírios, dos loucos por vezes infantis, por vezes perigosos e sexualizados. Foi assim que meu objeto me encontrou: preconceituosa e despreparada.

Um dia, sentada na recepção do hospital, em busca de fontes para o meu trabalho, presenciei a chegada de uma ambulância vinda de uma cidade do interior. O estado de Goiás é grande e com muitos municípios. Entretanto, vários deles são pequenos e não têm estrutura de saúde adequada. Por essa razão recorrem à capital. O carro trazia uma mulher negra, pequena e acanhada, e seu pai, igualmente pequeno. Ele revelava um cansaço que ficava claro em seu rosto e mal cabia em seu corpo. Ela era uma paciente conhecida por todos no hospital por suas recorrentes internações. Suas internações eram o que o depois, em uma entrevista, uma assistente social chamou de ‘folga para a família’. Ela era um ‘problema’ sem solução e a internação era vista como um respiro para seus familiares, incluindo o pai que estava ali mais uma vez. Naquela noite, eu o entrevistei. Eram de uma família pobre de uma cidade próxima. Sem dinheiro e envolto nos processos para internar sua filha, ele havia permanecido todo o dia apenas com o café da manhã. Sem dinheiro, ele me disse que só comeria no dia seguinte. O quadro era desolador.

Hoje, anos depois, vejo que eles eram um pedaço do Brasil populoso e plural que vive diferentes formas de opressão e que também se mostra nessa pesquisa: loucos, pobres, pretos, periféricos e com fome. Ali tive meu primeiro contato com meu objeto de pesquisa, muito antes de ser uma doutoranda. Acredito que ele passou a me habitar desde aquele momento. Ele de alguma forma se conectou com o que dele já existia dentro de mim.

Essa não foi a última vez que tive contato com essa usuária. Anos depois, com meu TCC já finalizado, decidi continuar estudando a relação entre saúde mental e comunicação no mestrado. Este esforço resultou na dissertação “Saúde mental, cidadania e televisão: representações da loucura no programa ‘A Liga’” (RIBEIRO, 2015). Senti que não me bastava a teoria, eu precisava conhecer mais de perto meu objeto. De quem eu falo? Para responder essa pergunta, voltei ao Instituto Bатуíra para realizar trabalho voluntário. Uma hora por semana auxiliava a terapeuta ocupacional em sua função junto aos usuários do lugar.

Em vários desses encontros observei a mesma mulher que havia visto na recepção do hospital quando fazia a pesquisa de meu TCC. Em uma dessas oportunidades aconteceu o seguinte diálogo:

“Usuária: Com o que você trabalha?
 Pesquisadora: Eu sou jornalista.
 Usuária: Eu gosto de jornal.
 Pesquisadora: É mesmo, por quê?
 Usuária: Porque é tudo verdade. Eu também gosto de novela.
 Pesquisadora: Mas você sabe que novela não é verdade né?
 Usuária: Eu sei.”

Sua condição mental frágil naquele momento não a impedia de diferenciar realidade e ficção nos meios de comunicação de massa, principalmente da televisão, sua companheira de internação. Ela compreendia quem eu era e o que fazia e isso me tornou mais capaz de compreendê-la. Esse encontro e vários outros que tive nesse período plantaram em mim outras histórias. Dali para a frente, elas dialogaram e conseguiram desconstruir aquela história única (ADICHE, 2019) que eu possuía até então.

Todo esse processo me fez crescer para que a pesquisa que deu origem a esta tese e meus anseios de fazer ciência em conato com a comunidade coubessem dentro de mim. Ao fim do mestrado, eu já havia mergulhado na relação entre mídia e loucura. Segui um período trabalhando com educação, dando aulas em cursos de graduação e sendo assessora de imprensa na Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de Goiás. Naquele momento, eu senti que precisava de mais. Eu precisava me aproximar daquelas pessoas. Afinal, como disse Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou” (2001, p.39).

Foi nesse constante processo de mudança que me aproximei do projeto “Eu quero entrar na rede: Um Blogue sobre saúde mental construído por pessoas em sofrimento psíquico”. Descobri o Professor André Pereira Neto pela internet, através de seus artigos e atuação no ICICT, e nos aproximamos. Por coincidência ou não, o encontrei no momento que ele criava esse projeto. Era a oportunidade que eu precisava. Em uma visita ao Rio de Janeiro, conheci pessoalmente André e Ana Paula Guljor, que se tornaram meus orientadores. Depois o professor Paulo Amarante, então coordenador do LAPS. Conversamos sobre o projeto e logo veio o convite para ser mediadora. Saí de Goiás e entrei de cabeça nessa experiência. Começou assim minha relação com o que hoje pesquiso. Seis meses depois, me tornei aluna do doutorado do ICICT.

Entretanto, Guimarães Rosa estava mesmo certo. As pessoas não são sempre iguais, no meio do caminho, a Pandemia de Covid-19 me obrigou a olhar para mim mesma e para o meu

objeto com outros olhos. Mudei minha rotina, isolada, migrei minha vida acadêmica para o online. Dei adeus aos cafés depois da aula com meus colegas, à vida que conhecíamos. As NTICs se fizeram mais necessárias do que nunca. A saúde mental virou assunto corriqueiro e, isolados, passamos a viver no fio da loucura.

Contudo, para mim, a afetação proporcionada pela pandemia foi além da vida acadêmica. No início de 2021 um tio e minha mãe faleceram em função da covid-19. No ápice da pandemia, quando o Brasil perdia 4 mil vidas por dia, ela se foi após 11 dias de internação. Foram tempos difíceis e eu estaria mentindo se dissesse que já passaram e que passarão. Esse período será sempre uma grande cicatriz na história mundial, em especial na do Brasil por seus recortes sociopolíticos.

Precisei descobrir como me levantar e pesquisar enquanto via a vida de tantos, inclusive dos meus, se esvaindo em descaso. Enquanto via aqueles que ficavam se apagarem por dor e falta de esperança. Enquanto isso assistia a ciência brasileira ser desmontada e desacreditada.

Ainda não sei como consegui chegar até aqui, mas eu não fui a única. Aos trancos e barrancos, conseguimos ficar de pé e continuamos a pesquisar. Eu poderia não tratar desse tema aqui, mas acredito que precisamos sempre nos lembrar de como e onde fazemos ciência. Fiz ciência no meio da Pandemia de Covid-19. Essa dimensão também está aqui nesse trabalho, pois ela não se separa de mim. Quando perdi minha mãe, eu e minha pesquisa nos transformamos. Não perdi meu objeto de pesquisa, ele ainda estava aqui, mas eu já não estava aqui como antes. Eu não era mesma a olhar para a minha pesquisa. Muito do que você lerá neste trabalho é resultado disso, da pesquisadora que me tornei ao longo desse processo, que nasceu da esperança, da dor, da retomada.

As entrevistas que realizei para realizar esta tese carregam reflexos dessa trajetória: os mecanismos que utilizei para pesar e compreender objetividades e subjetividades, a relação com os entrevistados, a postura com as quais ouvi seus relatos, a forma como me vi em suas histórias e olhei para suas vidas para poder investigá-las com respeito. As dúvidas e certezas que tive. Mais à frente trago um relato específico dos momentos, que, por serem tão ricos e importantes, exigem uma maior atenção.

Foi assim que cheguei até aqui, que realizei minha pesquisa e que agora me apresento a você, leitor, para que você consiga entender melhor o que e como pesquiso e escrevo. Aqui está o meu objeto de pesquisa, o tema pelo qual me apaixonei ainda na graduação, o que gosto de pesquisar e estudar. Eu estou nele e ele está em mim. Por isso, trago nestas páginas as partes de mim que fui colhendo e construindo enquanto caminhava, mas também as marcas das partes

que perdi pelo caminho. Algumas marcas são grandes demais para caberem em palavras únicas. Por isso estão no texto inteiro, costuradas pela interdisciplinaridade. Ela me permitiu transitar pelos saberes e conhecimentos, meus e dos outros. Torço que você me encontre entre as minhas palavras.

1 INTRODUÇÃO

O uso de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) para a saúde se tornou uma preocupação a partir de sua popularização no final do Século XX (LEMOS, 2015). Segundo Murero, (2020) as NTICs contribuem com o desenvolvimento de novas formas para “acessar, receber, fornecer e procurar cuidado de saúde” (p.35). Assim sendo, elas podem contribuir com o empoderamento dos usuários (PEREIRA NETO et al., 2020a).

Dados de 2021, oferecidos pela “International Telecommunication Union” (ITU), apontam que 4,9 bilhões de pessoas eram usuárias de internet em todo o mundo. Esse índice representa 63% da população mundial (ITU, 2021). No Brasil, dados do “Comitê Gestor da Internet” (CGI), referentes ao ano de 2021, indicam que existem cerca de 148 milhões de usuários de Internet no país. Esse índice representa 81% da população (CGI, 2021). No Brasil, houve um aumento de 47% dos usuários de 2008 a 2021 (CGI, 2019; CGI, 2021). Castells (2015) e Parry (2012) enfatizam que a internet foi a mídia de popularização mais rápida na história da humanidade.

O número de pessoas conectadas no Brasil e no mundo aumentou durante a pandemia de Covid-19. Segundo a “International Telecommunication Union” (ITU), de 2019 a 2021 houve um crescimento de 12% dos usuários de internet em todo o mundo. Esse índice significa que mais 800 milhões de pessoas passaram a estar conectadas (ITU, 2021). Para o CGI (2020), “Isso evidencia um aumento na demanda por conectividade em decorrência da migração de diversas atividades para o ambiente digital” (p.25). Essa demanda relacionada com a conectividade se deu em campos variados: trabalho, relações sociais, educação e acesso a serviços básicos (ITU, 2021).

O processo de convergência digital que, desde o final da década de 1990, promoveu a transição dos computadores domiciliares para as *lan houses* e, finalmente, para os dispositivos portáteis, que promoveram uma série de possibilidades de comunicação e compartilhamento de informação a um baixo custo (CGI, 2018). Para Pereira Neto et al. (2020a) as NTICs “(...) promovem novos entendimentos, conceitos e suposições sobre o papel da informação e da comunicação para o homem contemporâneo” (p.147).

Em 2019, o dispositivo portátil passou a ser utilizado por 99% da população conectada. Ele se tornou a única forma de acesso à internet para 58% desses brasileiros (CGI, 2020). Em 2021, 95% da população mundial tinha acesso à rede móvel. Ela se tornou a única forma de acesso para muitos cidadãos, especialmente nos países em desenvolvimento (ITU, 2021). Nesse

fluxo de convergência, novas formas de uso e apropriação de conteúdos *web* emergiram e novas relações de poder foram se estabelecendo e disputando espaço (JENKINS, 2009).

Entretanto, a exclusão digital ainda é uma realidade, apesar de ter se desenhado, após a segunda metade da década de 2000, um quadro favorável de ampliação da conectividade (ITU, 2021). Em 2021, 2.9 bilhões de pessoas permaneciam sem acesso à internet no mundo. Desses, 390 milhões seguiam sem cobertura de internet móvel. Esse quadro é ainda mais alarmante quando pensamos a desigualdade de acesso: 96% dos excluídos digitais vivem em países em desenvolvimento (ITU, 2021).

O crescimento de conectividade ocorrido durante a Pandemia de Covid-19 não foi suficiente para a superação da exclusão e da desigualdade de acesso às NTICs. O mesmo fenômeno pode ser observado no uso de aparelhos celulares e na conexão via rede móvel: A ampliação do acesso observado durante a pandemia não foi suficiente para a superação da exclusão digital e a diminuição da desigualdade de acesso (ITU, 2021).

Na maioria dos países em desenvolvimento, a banda larga móvel (3G ou superior) é a principal forma – e geralmente a única – de se conectar à Internet. É uma condição necessária, mas não suficiente, pois os potenciais usuários enfrentam várias outras barreiras à conectividade (tradução nossa)¹. (ITU, 2021, p.10).

O “Internet index” da “The Economist Intelligence Unit” destaca que a exclusão dessa natureza em todo o mundo vai se dar por motivos variados que envolvem a falta de infraestrutura tecnológica, questões financeiras, relevância do conteúdo ou letramento. Este último inclui a capacidade de acesso dos sujeitos, nisso incluem-se: habilidades, aceitação cultural e políticas públicas (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2022).

A desigualdade de acesso à internet guarda íntima relação com a classe social, faixa etária, gênero, escolaridade, localização (áreas urbanas ou rurais) do usuário/a (ITU, 2021; CGI, 2021).

Preocupado com as questões apontadas acima, foi criado em 2008, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), o Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LaISS)². O laboratório é iniciativa de promoção da saúde vinculada ao Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), departamento da Escola Nacional

¹ “In most developing countries, mobile broadband (3G or above) is the main way—and often the only way—to connect to the Internet. It is a necessary condition, but not a sufficient one, as potential users face several other barriers to connectivity.”

² Disponível em: <http://laiss.ensp.fiocruz.br/>

de Saúde Pública (ENSP). Ele se propõe a pensar a saúde em sua relação com Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) e a intermediação dos moradores do território de Manguinhos. O LaISS desenvolve, desde sua criação, a produção de conhecimento e a promoção da saúde a partir de uma triangulação de saberes que se fundamenta na relação entre usuários, especialistas e profissionais. Com suas atividades, o laboratório visa estimular o empoderamento dos cidadãos a partir das NTICs.

Em seus dez primeiros anos, de 2008 a 2018, o laboratório realizou atividades de alfabetização digital com moradores das comunidades de baixa renda próximas à Fiocruz e avaliação participativa da qualidade da informação em sites de saúde. As atividades de avaliação resultaram na publicação de artigos e capítulos de livro acerca da produção científica brasileira sobre o tema (PEREIRA NETO; PAOLUCCI, 2020) e sobre a avaliação participativa de sites brasileiros que continham informações sobre dengue (PEREIRA NETO et al., 2017), tuberculose (PAOLUCCI; PEREIRA NETO; LUZIA, 2017) e aleitamento materno (PEREIRA NETO et al., 2021).

O laboratório atuou também na produção de conteúdo, ‘através de produção do aplicativo Meu Info-saúde que procurava estabelecer uma comunicação direta entre os gestores e os usuários do Centro de Saúde da Fiocruz. É nesse contexto que foi elaborado o projeto “Eu quero entrar na rede: um blogue sobre saúde mental construído por pessoas em sofrimento psíquico” que será apresentado e analisado nesta tese de doutorado. Para isso, vamos primeiramente contar um pouco de sua história.

Localizado no Complexo de favelas de Manguinhos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o Centro de Atenção Psicossocial II Carlos Augusto da Silva Magal (CAPS-Magal) entrou em atividade em 2016. Sua criação foi fruto da luta coletiva e participação social de moradores de Manguinhos. Até então não havia nenhum dispositivo de cuidado em saúde mental no território. Dadas as condições de vida no complexo, essa questão era especialmente importante. Manguinhos é um conjunto de comunidades de baixa renda, formado por 12 favelas com baixos índices de desenvolvimento social. Seus mais de 36 mil moradores compõem uma população vulnerabilizada, constantemente exposta à violência estrutural, condições ambientais e socioeconômicas precárias e descaso do poder público (TEIAS ESCOLA MANGUINHOS, 2023c; BODSTEIN et al, 2004).

Em abril de 2018, um profissional do CAPS-Magal, informado das atividades de alfabetização digital e avaliação da informação realizadas pelo LaISS, levou alguns usuários do CAPS para conhecerem o laboratório. O professor e coordenador do LaISS, André Pereira Neto,

presente na visita, enxergou ali uma demanda e oportunidade de ampliar a atuação de produção de conteúdo do LaISS com os usuários do CAPS, que, em sua maioria, tinham baixo acesso às NTICs. Pereira Neto compreendeu a necessidade de planejamento e método para a realização de atividades com aquele grupo específico. O LaISS passou então a estruturar um projeto de pesquisa voltado para a inclusão digital e produção de conteúdo realizada por usuários do CAPS-Magal. Para isso, foi firmada uma parceria do LaISS com a direção do CAPS-MAGAL.

A articulação interinstitucional também envolveu o “Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial” (LAPS).

Criado na década de 1980, o LAPS, vinculado à ENSP, se estrutura enquanto espaço de reflexão sobre a Saúde Mental, Atenção Psicossocial e Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB). As atividades do laboratório são desenvolvidas a partir da interrelação entre diferentes formas de conhecimento, tendo como ênfase a natureza multiprofissional. Ganha especial atenção a relação do tema com os Direitos Humanos. Desde sua criação, ele é dedicado à preservação da memória da RPB. Através do projeto Memória da Reforma Psiquiátrica no Brasil, o LAPS reúne, sistematiza e pesquisa a produção sobre a saúde mental no Brasil e a RPB. Tendo isso em vista, atua em diferentes projetos relacionados com a RPB, como organização de eventos científicos, a condução de projetos de pesquisa e a publicação de artigos e livros³.

Através da parceria entre o LaISS, o LAPS e o CAPS-Magal, o projeto foi submetido e aprovado no Edital para Projetos de Divulgação Científica da Vice-presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz (VPEIC/FIOCRUZ) de 2018. Uma equipe multidisciplinar composta por profissionais desses Laboratórios passou a organizar e colocar em prática a experiência comunicativa pedagógica com pessoas em sofrimento mental.

Dez usuários do CAPS-Magal foram convidados a participar de uma experiência voltada para a construção de um blogue que se constituísse como espaço de fala para pessoas em sofrimento mental. Os participantes foram escolhidos pela equipe do CAPS. O projeto teve como objetivo somar-se na luta contra a invisibilidade social em que geralmente se encontram, promovendo a discussão de temas que envolvem a saúde mental no Brasil e a desconstrução de estigmas de que são vítimas.

A proposta metodológica do projeto se estruturou a partir da construção de conhecimento fruto da relação entre os especialistas dos dois laboratórios parceiros, dos profissionais do CAPS-Magal e dos usuários que participaram do processo. O projeto “Eu quero

³ Disponível em: <http://laps.ensp.fiocruz.br/>

entrar na rede” adotou abordagens participativas tendo como base as expertises adquiridas pelo LaISS com o manuseio das NTICs junto aos moradores de comunidade e do LAPS com as temáticas da RPB. Para isso, foram escolhidos o método da “Translação de Conhecimento” (CLAVIER et al, 2011) e a pedagogia de Paulo freire (1967; 1987; 2002; 2019). O projeto, realizado durante o ano de 2018/2019, resultou no blogue Libertando a Mente⁴, produzido pelos usuários.

Nesse sentido, a experiência de inclusão digital foi pensada como forma de articulação para a inclusão social, construção do protagonismo da própria vida e empoderamento desses cidadãos em sofrimento mental.

A presente pesquisa de doutorado teve como objetivo descrever e analisar essa experiência e seus resultados para os usuários do CAPS-Magal. A investigação teve os seguintes objetivos específicos:

- Analisar de que forma os processos comunicacionais empregados no projeto “Eu Quero Entrar na Rede” se inserem na trajetória de vida e terapêutica dos usuários participantes.
- Identificar as contribuições dos processos comunicacionais do projeto “Eu Quero Entrar na Rede” para o protagonismo dos usuários sobre sua própria vida.
- Analisar as mudanças de lugar social dos participantes do projeto “Eu Quero Entrar na Rede” em suas redes comunitárias/relacionais.
- Identificar mudanças ocorridas na evolução do tratamento farmacológico e biomédico a partir da participação do projeto.

Para tanto, foram utilizados documentos de planejamento e registro da equipe do projeto, conteúdos produzidos pelos usuários e entrevistas com os usuários participantes, seus familiares e alguns profissionais do CAPS-Magal.

Tendo como base essa proposta, esta pesquisa de doutorado buscou responder à seguinte questão: Os processos comunicacionais, utilizando as NTICs para a produção de um blogue, contribuíram com a construção do protagonismo da própria vida desses cidadãos em sofrimento mental? Em que medida a participação desses cidadãos em sofrimento mental e socialmente

⁴ Disponível Em: <https://projeto-libertando-mente.wordpress.com/author/projeto-libertando-mente/>

vulnerabilizados pode ser considerada uma alternativa ao tratamento biomédico e farmacológico dominante?

Para responder à essa pergunta, buscamos nos distanciar de visões utópicas ou diatópicas das NTICs que entendem que a internet poderia salvar ou condenar o futuro da humanidade, ou que já está por si só condenada ou santificada. Propomos pensar a internet a partir da relação que as pessoas têm com ela. Buscamos não sucumbir nem ao "academicismo pessimista" nem ao "otimismo histórico" (Lemos, 2015). Afinal, não vamos falar somente sobre tecnologias, seus usos e apropriações. Neste trabalho, tratamos da informação e comunicação nas mídias digitais, seus processos e suas consequências para indivíduos vulnerabilizados como possíveis ferramentas facilitadoras da promoção da saúde (PEREIRA NETO et al, 2020).

Circunscrita no campo interdisciplinar da Comunicação e Saúde, esta tese está organizada a partir de três eixos temáticos centrais: comunicação e saúde, saúde mental e educação popular em Saúde. Algumas reflexões teóricas dentro dessas áreas servirão de base para a análise do projeto, seus resultados e seus processos comunicacionais pedagógicos, realizados por meio das NTICS.

O presente texto está dividido em cinco partes: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e conclusão, isso organizado em partes que visam apresentar um olhar minucioso sobre os diferentes temas que confluem em nossa pesquisa. Nós nos propomos a realizar uma análise interdisciplinar ao do texto que se segue.

Apresentaremos a seguir como está estruturada cada uma dessas cinco partes.

Na Introdução, abriremos a tese com um relato em primeira pessoa acerca da autora-pesquisadora e a relação entre a sua trajetória pessoal e profissional e o tema/problema desta pesquisa. Entendemos que não se trata puramente de um texto de fundamentação teórica, mas sim de vida, por isso ele precede o referencial teórico. Esse trecho é pautado na experiência e na necessidade de falar de quem escreve para que o leitor entenda melhor o que está sendo dito ou não dito. Esse texto é sobre a pesquisadora, mas é também sobre o fazer científico e nossa trajetória acadêmica. Esperamos com isso que o leitor compreenda melhor o que está escrito e o que está subentendido.

Posto isso, a segunda parte apresenta o referencial teórico. Ela se inicia com uma reflexão acerca do campo interdisciplinar da Comunicação e Saúde. Nossa visão sobre comunicação pedagógica do cuidado e da promoção da saúde através de um debate sobre o campo da Comunicação e Saúde está estruturada em três eixos: O cuidado, a promoção da saúde e a divulgação científica. Entraremos também na temática da *E-health* ou saúde digital.

Nessa parte dedicada ao referencial teórico trataremos das NTICs e da internet, apresentaremos inicialmente um breve histórico das tecnologias e da cibercultura, da exclusão digital, a “Tecnologia Mundana” (NEMER, 2021), para, por fim, refletirmos sobre o blogue enquanto ferramenta.

Além disso, abordaremos a questão da temática da saúde mental. O campo é apresentado a partir dos recortes temáticos do silenciamento da loucura e das des-historização das pessoas em sofrimento mental (BASAGLIA, 1985). Esses temas são a lente que escolhemos para refletir sobre e a RPB e a relação entre comunicação e saúde mental.

Nessa segunda parte, trataremos da educação popular em saúde. O tema está inscrito nesta tese a partir das metodologias dialogais utilizadas na realização das atividades do projeto “Eu quero entrar na rede”. Nossa reflexão sobre a educação popular parte da relação do projeto com os processos de ensino aprendizagem pautados na pedagogia de Paulo Freire. Em especial, propomos uma discussão sobre a mediação regida pelos pressupostos do autor.

Fechamos o referencial teórico com uma discussão acerca do empoderamento do usuário de forma mais específica: o empoderamento em saúde mental.

A terceira parte será dedicada à metodologia de pesquisa. Primeiramente, apresentaremos a base documental utilizada no planejamento e registro das atividades produzidas durante a realização do projeto de inclusão digital “Eu quero entrar na rede”. A análise das informações contidas nesta base documental foi um dos elementos que serviu de base para a produção do relato de experiência, que compõe a primeira parte dos resultados.

No capítulo metodológico, iremos analisar a história oral. Esse método foi utilizado para a realização das entrevistas com atores sociais envolvidos direta e indiretamente no processo que culminou com o lançamento do Blogue “Libertando a Mente”⁵. Foram realizadas ao todo 18 entrevistas longas com usuários participantes, seus familiares, profissionais do CAPS-Magal e uma representante de movimentos sociais. Para tanto, o apêndice desse trabalho contém os roteiros de entrevista e transcrições das entrevistas, além dos TCLEs utilizados.

Os resultados compõem a quarta parte desta tese.

Em função dos métodos utilizados, os resultados da pesquisa serão divididos em duas partes. Primeiramente apresentaremos um relato de experiência. Essa análise conta com uma descrição minuciosa do projeto, sendo elas: planejamento e metodologia das atividades, etapas de trabalho e discussões parciais. Nessa etapa do trabalho, a descrição das atividades é acrescida

⁵ Disponível em: <https://projetolibertandoamente.wordpress.com/author/projetolibertandoamente/>

de percepções experienciais/empíricas divididas em três temáticas principais observadas ao longo do projeto: cidadania, território e violência. O relato também é aprofundado por uma análise geral do projeto em três níveis: mediação, fatores facilitadores ou limitadores e diálogo com outras experiências de mesma natureza. No relato de mediação, buscamos relacionar as experiências da mediadora, também autora deste trabalho, com conceitos desenvolvidos por Paulo Freire.

A segunda parte dos resultados é introduzida como relato de pesquisa, uma reflexão prática e teórica sobre a história oral enquanto método e como se deu seu uso neste trabalho. Em sequência, são apresentados os textos frutos da textualização e transcrição (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021) das entrevistas realizadas com usuários participantes, seus familiares e profissionais do CAPS-Magal. Na segunda parte dos resultados iremos abordar quatro aspectos: História do CAPS-Magal, do projeto “Eu quero entrar na rede”, dos usuários participantes e a análise do projeto pelos profissionais envolvidos.

Esse bloco é finalizado com uma discussão sobre as questões que emergiram no relato de experiência e nos relatos em história oral, seguido da conclusão da tese.

Escolhemos transitar entre a escrita em primeira pessoa e em terceira pessoa pois entendemos que o texto em si precisava ora ser guiado por um olhar coletivo, ora por uma imersão da pesquisadora em seu próprio fazer científico.

Para nós, é claro que alguns pontos da tese são fruto de muitas mãos e já outros, mesmo tendo a valiosa contribuição de outras pessoas, constituem uma reflexão mais pessoal da pesquisadora no objeto de pesquisa, dessa forma exigindo uma construção textual individual e sincera. Essa escolha também se deu em função do nosso desejo de contar histórias da melhor forma possível.

A partir da abordagem teórica e metodológica que será apresentada nos capítulos listados, buscamos, em paralelo à tentativa de cumprir os objetivos e responder à questão problema, contar histórias. Elas são muitas: as desta pesquisa, as do CAPS-Magal, as de seus profissionais, as do projeto “Eu quero entrar na rede” e, principalmente, as dos usuários participantes: os nossos blogueiros. Ao longo de um ano de projeto e quatro anos de pesquisa, percebemos que, para além de falar do cuidado, da promoção da saúde e da divulgação científica em sua relação com a Comunicação e a Educação Popular, e em específico com as NTICs e a saúde mental, era nosso papel ajudar a lançar um outro olhar em relação às pessoas que tornaram essa tese possível e apresentá-las como algo mais do que objetos ou sujeitos de pesquisa: são cidadãos protagonistas de suas vidas que vivem no limite máximo da resiliência possível.

Nas páginas à frente eles se enraízam e lançam sementes como sujeitos de história e direitos. Ao nos contar suas vivências, mesmo que sem ter seus nomes expostos, oralizaram suas trajetórias de vida e de tratamento. Suas falas foram transformadas em texto que revela o papel ativo que desempenham como produtores de vida e ciência. Por isso, ao ler esse trabalho, é importante ter em mente que suas falas são o ponto central. É dentro de suas vidas, em um pedaço pequeno, mas importante delas, que o projeto se realizou, e não o contrário. É nelas que os registros documentais do projeto, os relatos de profissionais do CAPS-Magal e familiares desaguam. É no contar do todo de suas existências, em olhar para eles como sujeitos inteiros, que buscamos nossas respostas e nos propomos a analisar a experiência do projeto “Eu quero entrar na rede e seus resultados”.

Talvez ao longo do texto, o leitor se surpreenda em não encontrar a interdisciplinaridade escrita em letras garrafais e de forma repetida, mas tenha certeza de que ela está aqui. Entendemos que, nas trajetórias que registramos através do método da história oral, e que agora apresentamos, a interdisciplinaridade está onde ela pode ser mais fértil: nas pessoas, através de seu comunicar e fazer cotidiano de saúde, sejam eles usuários, familiares ou profissionais.

2 COMUNICAÇÃO E SAÚDE

2.1 POR UMA COMUNICAÇÃO PEDAGÓGICA DO CUIDADO E DA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Através do olhar de Paulo Freire, este capítulo se propõe a realizar um retorno à comunicação em sua essência, o que significa para nós a troca, o aprendizado e a vivência que se produzem com a experiência e o conhecimento, mesmo no conflito. Essa comunicação nasce na troca e está intimamente conectada com os processos de ensino e aprendizagem e, no contexto da saúde, com o cuidado e a promoção da saúde através da integralidade.

Trabalharemos a comunicação e saúde a partir de processos pedagógicos de cuidado, promoção da saúde e divulgação científica. Para isso, precisamos, antes de qualquer conceituação, expor nossa compreensão de comunicação. Primeiramente, cabe esclarecer que, para nós, não há contradição na relação entre comunicação e pedagogia. A pedagogia cresce por inúmeros caminhos e tem suas raízes também no cuidar. Por sua vez, a comunicação que é “vivência individual e coletiva, é prática social, experiência cotidiana que leva a formação de pontos de vista” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p.19) permeia toda a vida em sociedade e sua relação com o mundo. Viver e compreender é comunicar e cuidar, ambos como via de mão dupla.

Temer e Nery (2012) defendem que toda inserção em processos sociais implica em relações comunicacionais. O indivíduo em sociedade está sempre se comunicando, seja sobre si mesmo ou sobre outro e o social. Tendo isso posto, as autoras listam sete diferentes formas de conceituar a comunicação: etimológica, biológica, pedagógica, histórica, psicológica, sociológica e estrutural. O conceito adotado nesse trabalho se encaixa no que as autoras nomeiam de forma sociológica e definem da seguinte forma:

“A comunicação é o instrumento que torna possível a ação ou interação social. Por meio da comunicação, os seres vivos podem relacionar-se, dar forma e explicar o mundo em que vivem” (TEMER; NERY, 2012, p.15).

Para Temer e Nery (2012), a comunicação representa um “processo de compartilhamento”. As autoras consideram a informação como matéria prima da comunicação.

“Comunicação, portanto, é mais do que informar: é partilhar, tornar comum, romper o isolamento. É o produto de um encontro social, um tempo de relação intencional exercida sobre outro indivíduo ou indivíduos, que exige reciprocidade” (TEMER; NERY, 2012, p.16).

Para essas autoras, o processo comunicativo, portanto, só se realiza no compartilhamento e, conseqüentemente, no ato interpretativo do receptor da mensagem.

Fiori (2019), ao prefaciar a obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire (2019), afirma que é na palavra que nasce a comunicação. A partir dessa ideia, expressar o mundo é uma fusão entre elaborá-lo e comunicá-lo de forma colaborativa pelo diálogo:

Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração (FIORI, 2019, p.26).

A noção de comunicação enquanto diálogo é amplamente defendida na obra de Paulo Freire. Sua pedagogia está intimamente ligada ao diálogo, à comunicação. Para o autor, o diálogo é sinônimo de comunicação, condição para uma relação mais humanizada entre os homens. O diálogo favorece a colaboração. Nesse caso, a seu ver “dois tu que fazem dois eu” (FREIRE, 2019, p.227) pois é “encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir” (FREIRE, 2019, p.111).

Nesse sentido, pensamos os processos comunicacionais e educacionais em saúde, e especificamente relacionados com os campos da saúde mental e das NTICs, desenvolvidos no projeto “Eu quero entrar na rede” a partir de uma compreensão freireana das pessoas como “corpos conscientes” a partir das suas trocas e relações com o mundo. Portanto, do humano da comunicação. “O homem é o da integração (...) O homem integrado é o homem Sujeito” (FREIRE, 1967, p.42). A comunicação é, portanto, um dos pilares do “Ser Mais” (FREIRE, 2019).

No campo da saúde mental, a ideia de comunicação atrelada a uma pedagogia do cuidado ganha contornos mais específicos, já que é permeada por um longo processo histórico de opressão que resultou em estigmas e no silenciamento da loucura. Paulo Freire não trabalha especificamente a problemática da saúde mental, mas discute em profundidade a opressão que se origina nas relações de desigualdade de classe na América Latina (FREIRE 1967; 1987; 2002; 2019). Ao fundamentar sua “teoria da ação libertadora”, o autor reflete sobre os processos que tornariam possíveis o deslocamento das estruturas de perpetuação da opressão. É a partir dessas ideias, e perpassada também pelas questões de classe, raça e gênero, que buscamos

compreender a comunicação enquanto alternativa ao silenciamento e des-historização de sujeitos em sofrimento mental (BASAGLIA, 1985) e à perpetuação dos estigmas manicomiais.

Ao analisar a condição do homem do campo em situação de analfabetismo e pobreza, Paulo Freire afirma que a “cultura do silêncio” gerada pela opressão produz nos indivíduos a ela submetidos a experiência de “quase-coisas” que acaba por constituí-los. O processo de libertação passaria então pela leitura crítica de sua situação de opressão e tolhimento de direito e da compreensão de sua humanidade e capacidade transformadora (FREIRE, 1981).

Descobrirem-se, portanto, através de uma modalidade de ação cultural, adialógica, problematizadora de si mesmos em seu enfretamento com o mundo, significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, com Josefa, com toda a significação profunda que tem essa descoberta. (...) Reconhecem-se, agora, como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador. Descobrem que, como homens, já não podem continuar sendo ‘quase-coisas’ possuídas e, da consciência de si como homens oprimidos, vão a consciência como classe oprimida. (FREIRE, 2019, p.238)

A nosso ver, essa quase “não-humanidade”, se assemelha ao estado de a-social dos sujeitos em sofrimento mental citada por Foucault (2008). Na História da Loucura, Foucault (2008) relaciona o contexto hospitalocêntrico a uma série de opressões de diferentes naturezas. Essas opressões destituem dos indivíduos marginalizados sua humanidade.

A seguir aprofundaremos os conceitos de Comunicação e Saúde e os caminhos que esta tese pretende percorrer, entre o cuidado, a promoção da saúde e a divulgação científica.

2.2 COMUNICAÇÃO E SAÚDE: UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Esta tese se propõe a introduzir uma reflexão acerca dos processos comunicacionais para inclusão digital e social de indivíduos em sofrimento mental. Por essa razão, nos parece imprescindível pensar os conceitos de Comunicação e Saúde. Eles trazem elementos de cada um dos campos, sem, contudo, favorecer a prevalência de um sobre o outro, e se instalam na interface entre os dois. Para Rangel-S e Ramos (2017), Comunicação e Saúde se configuram como “um novo campo de interface de produção de saberes, teorias, métodos e práticas...” (p.13).

A interface entre Comunicação e Saúde começa a se estruturar enquanto campo no início da década de 1990. O debate teve como ponto inicial a crítica empreendida por profissionais da

saúde e instituições de ensino e pesquisa. Desde então, ele é tema de debate. Segundo Araújo e Cardoso (2008):

“Trata-se de um campo ainda em formação, mas como os demais constitui um universo multidimensional no qual agentes e instituições desenvolvem estratégias, tecem alianças, antagonismos, negociações” (ARAÚJO; CARDOSO, 2008, p.95)

Em sua obra “Comunicação e Saúde”, que tem grande importância no campo, Araújo e Cardoso (2017) explicam que a forma como a nomenclatura foi sendo moldada visa mostrar uma relação de equivalência entre campos, retirando a comunicação de uma posição de instrumentalidade com relação a saúde. Dessa forma, comunicação ‘e’ saúde representa um posicionamento político teórico.

Nesse sentido, a saúde pensada a partir do Sistema Único de Saúde vai além do tratamento biomédico de enfermidades. Seu sentido é perpassado por uma lógica democrática cidadã atrelada a inúmeros fatores e determinantes que estão além das dores e adoecimentos do corpo enquanto mecanismo puramente biológico. Esse conceito ampliado de saúde vai proporcionar um leque maior de temas e partes envolvidas nas ações e políticas de saúde coletiva e pública no Brasil:

O conceito ampliado de saúde e sua inscrição constitucional como direito de cidadania e dever do estado estabeleceram uma nítida ancoragem do SUS em um projeto social mais amplo e democrático, competido com a superação das desigualdades sociais, com a equidade em saúde e a participação social nas políticas e estratégias em saúde. (ARAÚJO; CARDOSO, 2008, p.99)

É através desse ponto que Araújo, Aguiar e Moreira (2013) compreendem o direito à comunicação e o direito à saúde no Brasil como correlatos. “Ter acesso à comunicação – e não só à informação – é condição de acesso à saúde. Em decorrência, o direito à comunicação é inalienável do direito à saúde” (ARAÚJO; AGUIAR; MOREIRA, 2013, p.7).

Ambos estão na base da formação e manutenção de um estado democrático de direito e se constituem como direitos fundamentais. Por essa razão devem estar compreendidos nos princípios básicos do SUS de universalidade, equidade, integralidade, descentralização, hierarquização e participação (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

No cerne do SUS, seus princípios e diretrizes, está a participação social: a principal a conexão entre comunicação e saúde. Como defendem Araújo e Cardoso (2007), a participação parte da premissa de uma sociedade engajada no planejamento, implantação e fiscalização de políticas públicas de Saúde no Brasil, principalmente através dos conselhos de saúde em

diferentes níveis. Com efeito, sem uma comunicação “universal, equitativa, integral, descentralizada e hierarquizada” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p.83) a diretriz da participação não é possível na prática.

A comunicação é hoje um espaço de produção de conhecimento em saúde (ARAÚJO, 2015). Com a ajuda das NTICs, a comunicação tem funcionado como um dos fatores para uma maior pluralidade de vozes no campo da saúde. O lugar de fala dado a essas novas vozes é construído e mantido pela visibilidade e possibilita um maior reconhecimento de necessidades de saúde (ARAÚJO; AGUIAR; MOREIRA, 2013, p.6).

A visibilidade é extremamente importante dentro da problemática das doenças negligenciadas e/ou estigmatizantes. No caso dos sujeitos em sofrimento mental, a internação foi por séculos ferramenta de silenciamento de discurso e manutenção de invisibilidade do indivíduo em sofrimento mental. Para Araújo e Cardoso (2007), é papel da comunicação que busca promover a saúde “escutar e entender os silêncios, as ausências, amplificar as vozes historicamente abafadas, entender os sentidos clandestinizados por força das estruturas práticas autoritárias” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p.111)

Circunscritos por essas trajetórias, características, potencialidades e limitações, sugerimos três caminhos para a reflexão teórica e o exercício prático da Comunicação e Saúde: o cuidado, a promoção da saúde e a divulgação científica. Essas três perspectivas serão na sequência mais bem descritas e analisadas.

2.2.1 Cuidado

A relação entre comunicação e cuidado que adotamos vai além da comunicação interpessoal. Ela está fundamentada na proposta de um cenário de trocas, mesmo que desigual, muito longe do ideal. Ela passa pelo acesso à informação, pela formação de espaços de fala para a participação social e pelo respeito às narrativas dos próprios usuários. Nesse sentido, compreendemos que o cuidado guarda uma conexão com a Comunicação.

Assim como a comunicação, que traz na própria origem da palavra a ideia de comunidade, o cuidado é uma atitude, portanto contínuo e processual, uma forma de ser no mundo que envolve afetar o outro, envolve coexistência e convivência (BOFF, 1999). Cuidado e comunicação são constituintes da natureza humana (TEMER; NERY, 2012; FREIRE, 2019; BOFF, 1996). Eles trazem em seu cerne a essência humana da troca. Assim como a

comunicação: “O cuidado é sempre cuidado por uma abertura” (XAVIER; GUIMARÃES, 2013, p.142).

Sem ambos, o homem se coisifica e coisifica o outro. “Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e amortização” (BOFF, 1999, p.139). Nesse sentido, Lacerda e Valla (2013) entendem o cuidado enquanto ações que permeiam práticas de saúde e que devem enxergar e respeitar o sujeito em sua integralidade. “Cuidar é, portanto, uma atitude interativa que inclui o envolvimento e o relacionamento entre partes, compreendendo acolhimento, escuta ao sujeito, respeito ao seu sofrimento e pelas suas histórias de vida” (LACERDA; VALLA, 2013 :p.97).

Para Oliveira (2000), o cuidado implica o agir conjunto. Segundo ela: “Quem gosta, cuida. Cuidar implica agir junto. Nesse agir conjunto, a racionalidade técnica em estado bruto perde sentido: atuar junto exige ser respeitado em seus desejos e projetos de vida, que é quem de fato é capaz de colocar nossos corpos em movimento” (OLIVEIRA, 2000, p.207).

Nesta tese buscamos estabelecer uma relação entre cuidado e comunicação a partir da ideia de que estes dois conceitos sejam percebidos como substratos da natureza humana e processos dialógicos, que só ocorrem na relação que estabelecem entre si. Assim, a comunicação seria ao mesmo tempo instrumento e finalidade do cuidado. Constrói-se uma relação dialética por onde se estabelecem canais de comunicação para cuidar e ao mesmo tempo cuida-se para que se estabeleçam fluxos e canais de comunicação e relações sociais. Cuida-se para comunicar, comunica-se como forma de cuidado.

A partir dos estudos acerca da Integralidade em saúde, consideramos possível estreitar ainda mais essas conexões. Tendo em vista a realidade plural e diversa das dinâmicas sociais e movimentações dos sujeitos envolvidos, Pinheiro e Guizardi (2013) entendem a integralidade como: “...prática social, que implica o reconhecimento de diferentes visões de mundo. É, portanto, prática irremediavelmente política, já que concerne aos ‘modos de andar a vida’ das pessoas” (p.24).

Pinheiro e Guizardi (2013) defendem o dialogismo enquanto elemento constitutivo da integralidade. Quando bem cumprida, a função dialógica produz efeitos de polifonia, resultando em muitas vozes a ecoar no cuidado em saúde. Quando não cumprida, o resultado é a monofonia, o diálogo mascarado. Segundo elas: “Ou seja, se a integralidade não se constitui em práticas eficazes, teremos apenas uma voz, uma parte, um lado, um sem o outro, um apenas com poder de decidir acerca da saúde que se quer e se deseja ter” (PINHEIRO; GUIZARDI, 2013, p.24).

Nesse sentido, as autoras destacam que a integralidade está mais relacionada com a noção de cuidado do que com as intervenções em saúde. Isso porque os procedimentos realizados são secundários às relações que se estabelecem (GUIZARDI; PINHEIRO, 2013). Para isso, é preciso entender o cuidado em sua relação com a alteridade e o encontro de diferenças. Segundo elas: “Cuidar requer a aceitação do outro-sujeito [...] cuidar implica estar em relação” (GUIZARDI; PINHEIRO, 2013, p.40). A comunicação se impõe, pois cuidar implica reconhecer um outro sujeito ativo e se relacionar com ele. Portanto, indo além da transmissão de informação, admitem as autoras que: “O cuidado só é possível se há condições para a concretização de um diálogo (...) o diálogo é a densidade material desse espaço de encontro, justamente quando está à disposição da relação, e não o contrário” (GUIZARDI; PINHEIRO, 2013, p.47).

Tendo como base a ideia de integralidade enquanto “linguagem a partir de vários olhares” (XAVIER; GUIMARÃES, 2013, p.145), Xavier e Guimarães (2013) defendem que comunicação e cuidado estão intimamente relacionados e analisam esta relação da seguinte forma:

Em um certo sentido, sim, há uma extraordinária interdependência entre a comunicação (caminho e meio da integralidade) e o cuidado (onde a integralidade é essencialmente ela mesma). Essa interdependência é atestada pelo fato de *que não há ação de cuidar que não seja uma ação comunicativa* (Grifo dos autores). Nesse ponto, são conceitos conversíveis, pelo que podemos dizer que cuidado é sempre comunicação – no sentido próprio de tornar-se comum, estabelecer contato direto com o outro – d mesmo modo que podemos dizer que comunicação é sempre cuidado – no sentido de ocupação e preocupação com um fora de si. (XAVIER; GUIMARÃES, 2013, p.144).

Para estes autores, os sentidos envolvidos na integralidade são, conceitualmente e ativamente, impregnados de comunicação e das negociações que envolvem o ato comunicativo. A partir de uma perspectiva semiótica, Xavier e Guimarães (2013) identificam palavras-signo que definem a integralidade e pontuam como elas, ao mesmo tempo, podem ser caracterizadas como ações comunicativas em quatro níveis: “a. escuta/tradução; b. negociação/escuta; c. polifonia/polissemia; d. diálogo/troca” (XAVIER; GUIMARÃES, 2013, p.147). Neste sentido, os autores concluem que “Promover a integralidade da saúde depende, portanto, por vezes até necessária e fundamentalmente, da promoção de ações e processos de comunicação (Grifo dos autores)” (XAVIER; GUIMARÃES, 2013, p.155).

Temer e Nery (2012) destacam que a comunicação enquanto cuidado vai além da dimensão interpessoal. Embora esta forma de comunicação esteja posta como um fator fundamental para o cuidado, aqui pensamos a comunicação e o cuidado em uma perspectiva interdisciplinar, na qual nem comunicação, nem saúde têm menor valor e ambas se estabelecem como direito (GARCIA, 2017).

A saúde e a comunicação se instrumentalizam e se conectam através de processos comunicacionais. Isso ocorre por essa relação ser capaz de humanizar o indivíduo em sociedade. Assim, os processos comunicacionais podem ser também entendidos como terapêuticos.

2.2.2 Promoção da Saúde

Fruto da Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa em novembro de 1986, a carta de Ottawa é considerada como um dos marcos fundadores do conceito contemporâneo de promoção da saúde. Nesse documento a promoção da saúde é definida como:

Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 1996, p.20/21)

A partir de um conceito positivo, que enfatiza recursos de diferentes naturezas, esse documento propõe que a saúde seja compreendida como recurso para a vida. Nesse sentido, a promoção da saúde se converte em um conceito global. Se considerarmos o conceito de saúde de forma ampliada, os problemas e soluções deixam de se constituir como responsabilidade única dos segmentos de saúde (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 1996; BUSS et al., 2020).

No Brasil a promoção da saúde ganhou força com a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada também em 1986. Rosário, Baptista e Matta (2020) explicam que a VII Conferência foi resultado do movimento da Reforma Sanitária e foi organizada no bojo a transição democrática, ocorrida ao fim do período ditatorial militar no Brasil. O encontro

fundamentou a criação do SUS a partir de um conceito ampliado de saúde e tornou-se um marco da democratização da saúde no Brasil e da participação social em saúde (FIGUEIREDO et al., 2019; ROSÁRIO; BAPTISTA; MATTA, 2020). A proposta de um novo conceito de saúde ganhou destaque e passou a fundamentar as demais ideias defendidas no Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde. Consta neste documento o seguinte texto:

Em primeiro lugar, ficou evidente que as modificações necessárias ao setor da saúde transcendem aos limites de uma reforma administrativa e financeira, exigindo-se uma reformulação mais profunda, ampliando-se o próprio conceito de saúde e sua correspondente ação institucional, revendo-se a própria legislação que diz respeito à promoção, proteção e recuperação da saúde, constituindo-se no que se está convencionado chamar a Reforma Sanitária. (BRASIL, 1986, p.2).

Assim sendo, além de campo teórico e espaço de prática social, “o Sistema Único de Saúde (SUS) é uma estratégia conceitual e prática para a mudança no modelo de organização dos serviços de saúde” (CARVALHO; COHEN, AKERMAN, 2017, p.266).

Buss et al. (2020) destacam que a Promoção da Saúde, ao longo do tempo, foi associada a uma série de valores, não estritamente biomédicos, distintos que passaram a ser vistos como constituintes da saúde. Eles se estruturaram como uma reação à medicalização do campo. A Promoção da Saúde propõe a criação de pontes entre o público e o privado, o institucional, de cunho técnico, e o comunitário popular, em prol da qualidade de vida. O termo também está relacionado com um conjunto de estratégias do estado, da comunidade, dos indivíduos, do sistema de saúde e de parcerias entre setores (BUSS et al., 2020).

Por conseguinte, a promoção da saúde propõe sua capilarização em diferentes dimensões nos âmbitos coletivo e individual. No coletivo, através da vida social. Neste caso, temas como família, educação, comunidade etc. ganham notoriedade. No âmbito individual, o foco está no indivíduo e sua saúde de forma singular, como, por exemplo, o corpo e hábitos cotidianos entendidos como saudáveis (MOROSINI; FONSECA; PEREIRA, 2017).

Segundo Buss et al. (2020), o termo – promoção da saúde – vem se distanciando de seu caráter inicial como medicina preventiva. Ele está passando a representar uma abordagem política e técnica acerca dos processos de saúde-doença-cuidado. Buss et al. (2020) apresentam duas principais definições para o conceito de promoção da saúde: A primeira enfatiza o caráter educativo no âmbito comunitário e familiar e envolve atividades de transformação de comportamentos individuais. A segunda, elaborada a partir da década de 1970, parte dos

determinantes em saúde e destaca um quadro expandido de fatores que afetam a saúde e a qualidade de vida dos indivíduos (BUSS et al., 2020).

Esta tese esta inspirada nesta segunda visão, que parte da ideia de que a Promoção da Saúde é um campo em elaboração passível de mudanças, no qual concepções e ações plurais vão atuar (MENDES; FERNANDEZ; SACARDO, 2016). Dessa forma, na análise do projeto “Eu quero entrar na rede”, aqui empreendida, a Promoção da Saúde se fortalece e atravessa nosso objeto de pesquisa através de sentidos que surgem de sua relação entre a Comunicação e Informação em Saúde, o empoderamento dos usuários e o fortalecimento da participação social.

O papel da informação e da comunicação foi destacado nas conferências seguintes da Promoção da Saúde. No documento final da VII Conferência Nacional de Saúde, a garantia da comunicação e da informação, subentendida nos tópicos “educação e informação plenas” e “direito à liberdade, à livre organização e expressão” (BRASIL, 1986, p.13), surgem como critério para o exercício pleno do direito à saúde.

Anos depois, no cenário internacional, A Declaração de Jacarta, produzida durante a IV Conferência Internacional de Promoção da saúde, realizada em Jacarta, na Indonésia, em julho de 1997, indica o “acesso aos meios de comunicação de massa e à tecnologia de comunicações” (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 1997, p.50) como fator transacional de impacto significativo para a promoção da saúde.

Nesse sentido, como afirmam Carvalho, Cohen e Akerman (2017), é necessário que o tema da comunicação seja ampliado no campo da Promoção da Saúde: trabalhar pelo avanço de estratégias comunicacionais e de negociação para produzir o cuidado a partir de singularidades dos usuários (suas trajetórias, narrativas e histórias de vida) tendo em vista a saúde individual e coletiva.

Para Carvalho, Cohen e Akerman (2017), a comunicação polissêmica, constituída pela participação social, a autonomia e o empoderamento do usuário, ganha contornos de conceito e ação através da Promoção da Saúde. Segundo esses autores:

A PS está relacionada com a autonomia e empoderamento individuais e coletivos, com a participação para transformar e melhorar as condições de vida e saúde, incluindo aí as ações cotidianas nos serviços de saúde, no espaço micropolítico da vida de sujeitos e coletividades, mas que não se restringem ao foco individual e culpabilizador baseada na comunicação autoritária que só considera o saber técnico-científico. (CARVALHO; COHEN, AKERMAN, 2017, p.274).

Tendo em vista as afirmações acima, propomos nesta tese pensar o campo da Comunicação e Saúde a partir da perspectiva da promoção da saúde. Essa interface é perpassada pela educação em saúde, que pode ser considerada como um dos pilares de sustentação da promoção da saúde (MOROSINI; FONSECA; PEREIRA, 2017), mas não se restringe a ela. Compreendemos a Comunicação e Informação também através de processos comunicacionais pedagógicos. A nosso ver, a produção de conteúdo, sua divulgação e o estabelecimento de canais de comunicação construídos pelos usuários são uma forma de produção de saúde e vida para sujeitos vulnerabilizados.

2.2.3 Divulgação Científica

Buscamos compreender a relação entre Comunicação, Saúde e a divulgação científica com o nosso objeto de pesquisa. Isso parte do fato de que compreendemos que, ao ocupar um lugar central da produção de informação e conteúdo, o usuário do CAPS que construiu o blogue vai ocupar um lugar de produtor de ciência. Em simultâneo, a estruturação de espaços de fala para esses indivíduos, e, portanto, de comunicação, também se constitui enquanto uma via de mão dupla para a ciência. Isso porque procuramos entender de que forma os processos pedagógicos e comunicacionais analisados se ancoram em uma ciência que dialoga com os saberes e experiências dos usuários e, através deles, se comunica com a sociedade.

Para Sousa Santos (2008), a ciência se completa na sua tradução em saber popular. Em suas palavras:

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida (SOUSA SANTOS, 2008, p.91).

Compartilhamos da ideia de “sensocomunizar-se”, principalmente na perspectiva de romper a “cultura do silêncio” (FREIRE, 1981). Compreendemos a “Ciência Aberta” e, de forma mais próxima ao nosso objeto de pesquisa, a “Ciência Cidadã”, como possíveis pontes promovendo a aproximação entre o conhecimento produzido na academia e o conhecimento popular. Para pensar a questão, precisamos compreender o que são “Ciência Aberta” e “Cidadã”.

Para Albagli (2015), a “Ciência Aberta” é um processo que deve ser pensado “no contexto dos movimentos sociais que emergem em meio a mudanças nas condições de produção e circulação da informação, do conhecimento e da cultura, e que vêm desestabilizando arcabouços epistemológicos e institucionais vigentes” (p.9).

Dessa forma, a “ciência aberta” é não só um movimento em prol da disponibilização de conteúdo, métodos e resultados de forma irrestrita e livre (aspectos técnicos e tecnológicos de pesquisa). Indo além de perspectiva de produção do conhecimento, é um movimento de mudança paradigmática da ciência a partir da informação, ela propõe “questões de ordem cultural, política e institucional (formal e informal)” (ALBAGLI, 2015).

O movimento da “ciência aberta” advoga um maior acesso a informações em ciência e tecnologia, amplia os estoques de conhecimento público, de produtividade científica e de inovação e o retorno de investimentos em ciência para a sociedade (ALBAGLI, 2015). É a partir dessa perspectiva que podemos pensar a “ciência cidadã”, o que, para Albagli (2015), se desenha por duas vertentes, sendo a primeira delas pragmática ou instrumental. Uma segunda, que perpassa de forma mais consistente esse trabalho, vai tratar das inovações sociais que processos científicos abertos e participativos podem produzir:

Na outra vertente da ciência cidadã estão iniciativas orientadas para maior participação, intervenção e empoderamento de cidadãos não só nas formas de produção e uso, mas nos próprios rumos da pesquisa. É o caso do desenvolvimento de ferramentas abertas e descentralizadas em favor da democratização e apropriação cidadã da ciência e da tecnologia em favor da inovação social. (ALBAGLI, 2015, p.14)

Para Parra (2015), a “Ciência cidadã” promove uma troca entre cientistas e cidadãos. Nesse caso, a sociedade contribui ativamente com a produção de ciência, agregando valor. Como devolutiva, ela recebe novos aprendizados e habilidades. Essa troca permite uma ampliação do processo de democratização da ciência, o que aprimora as interações entre ciência, política e sociedade.

É nesse sentido que, ao analisar o projeto “Eu quero entrar na rede” e seus efeitos, esta tese pretende que o conhecimento produzido de forma descentralizada e inspirado nos princípios da “Ciência Aberta” possa ser incorporado como método dentro do processo da RPB. Esta tese se traduz através de uma produção interdisciplinar que se ancora na “Ciência Cidadã” para produzir conhecimento científico tendo como alicerce o conhecimento dos indivíduos em sofrimento mental e a constituição de uma pesquisa focada na devolutiva social. Temos em

vista uma produção calcada no conhecimento de indivíduos em sofrimento mental em tratamento no CAPS e que retorne à instituição como método de intervenção contra a exclusão digital e social.

A pesquisa desenvolvida se fundamenta a partir de dois eixos de produção de conhecimento. O primeiro deles, o relato de experiência. Ele abarca a produção do conhecimento acerca do processo comunicacional pedagógico realizado através da estruturação do método e da realização das atividades. No segundo eixo temos o conhecimento baseado em experiência dos usuários do CAPS. Ele se desenha primeiramente enquanto produção para o blogue e, em seguida, enquanto seus relatos de história oral. Neste segundo eixo se somam os relatos dos familiares e profissionais do CAPS.

No relato de experiência, a “Ciência Cidadã” se aloca no fazer compartilhado com os usuários, adaptado às suas necessidades, limitações e potencialidades, e desenhado a partir de metodologias participativas. Nas produções do blogue “Libertando a Mente” e nas entrevistas, o fazer científico se estabelece no entendimento da produção, modos de pensar e histórias de vida dos usuários participantes e, em segundo plano, de seus familiares e dos profissionais do CAPS, enquanto conhecimento. Uma vez entendidos como produtores de conhecimento, as narrativas sociais e midiáticas dos sujeitos em sofrimento mental tornam-se produção de “Ciência Cidadã”, passíveis de se converter em divulgação científica.

O primeiro eixo da pesquisa vai ao encontro daquilo que Barreto (2004) considera como funções da informação científica. Primeiramente, divulgar o conhecimento a partir da garantia de autoria (valorização do pesquisador) e aumento da apreensão de fenômenos. Ela também serve de matéria-prima para pesquisas futuras, para insumo e, também, especificar metodologias. Em resumo, as funções da informação científica envolvem a divulgação e a ampliação da ciência. Dessa forma, a pesquisa aqui proposta busca uma solução tecnológica social para um problema já posto pelo campo através de legislação, manuais, guias etc. (BARRETO, 2004).

No segundo caso, analisaremos conhecimentos que são produzidos através das vivências e experiências dos indivíduos em sofrimento mental. A pesquisa entende o blogue como ferramenta digital de articulação e espaço de fala para pessoas em sofrimento mental. Ele tem como objetivo discutir temas que buscam desconstruir estigmas e os silenciamentos histórica e sistematicamente impostos a esses sujeitos e promover a sua inclusão digital e social.

O blogue é utilizado nesse projeto a partir de três perspectivas:

- Literacia – Saboga-Nunes et al (2019), de forma geral, conceituam a literacia da seguinte forma:

“A literacia envolve um processo contínuo de aprendizagem que capacita a pessoa no alcançar dos seus objetivos, a desenvolver o seu potencial e o seu conhecimento, de modo a poder usufruir do seu máximo potencial de qualidade e bem-estar.” (SABOGA et al., 2019, p.13).

Dito isso, na perspectiva da literacia analisaremos o blogue enquanto instrumento para o desenvolvimento de capacidades relativas ao uso e à compreensão das NTICs visando a inclusão digital e social dos usuários participantes.

- Canal de fala – O blogue como espaço de fala para a criação de pontes entre pessoas em sofrimento mental e a sociedade. Os processos criativos que são como exercícios de autoexpressão e diálogo. Além disso, representam instrumentos de socialização, historização e combate ao silenciamento dos usuários.
- Divulgação científica – o conhecimento fruto das experiências dos indivíduos em sofrimento mental como informação científica e, em consequência, suas narrativas como comunicação científica.

Sena et al. (2016) afirmam que “atores tradicionalmente ausentes dos processos desenvolvidos pela ciência tradicional (a não ser como objetos de pesquisas) passam a desempenhar um papel ativo na perspectiva da ciência cidadã” (p.19). Dessa forma, torna-se um objetivo superar barreiras paradigmáticas construídas pela história da loucura (FOUCAULT, 2008) e por seus processos socialmente enraizados de silenciamento, trazendo a fala de indivíduos em sofrimento mental para a produção de ciência e fazendo uso das movimentações comunicacionais centradas nas NTICs para pensar novas formas de ciência e construção de conhecimento.

Nesse sentido, retomamos a ideia de Integralidade para compreender o papel de experiências criativas e inovadoras para a construção de um cuidado e de uma ciência cidadã e plural no SUS. A nosso ver é no dia a dia dos serviços da ação criativa que a integralidade é alcançada. Por isso, para que esta última se converta em potencializadora da emancipação dos usuários, a crítica e a criatividade são fundamentais (PINHEIRO; GUIZARDI, 2013).

Todavia, essas práticas do cotidiano, quando tomadas quando fonte de criatividade e críticas, podem potencializar ações emancipatórias e de

liberdade, tanto do conhecimento científico – que está aprisionado no método que o legitima e lhe confere autoridade – quanto da própria sociedade, ao possibilitar-lhe a expressão de sua participação ativa e constituinte de novos e críticos saberes sobre saúde e de fontes de sua construção (PINHEIRO; GUIZARDI, 2013, p.26).

É também nesse sentido que analisamos a experiência do projeto “Eu quero entrar na rede”. A nosso ver a ação inovadora nos serviços do SUS e a produção de “Ciência Cidadã” são dois interligados. Para isso, discutiremos as NTICs, através da internet, como base para a cibercultura e o atual contexto tecnológico e comunicacional. Entretanto, primeiramente faremos uma breve apresentação da e-health. Esse tema é de fundamental importância para a compreensão do nosso objeto de pesquisa.

2.3 E-HEALTH

McLuhan (2007), em obra de referência, definiu que as tecnologias da informação seriam como extensões do corpo humano. Para ele, a máxima desse modelo seriam os computadores como extensões do sistema nervoso central e a promessa da extensão das consciências dos cidade (o autor não viveu para ver sua concretização através da internet).

Muitos autores admitem que a internet surgiu como um movimento de apropriação social (LE MOS, 2002), causando uma mudança nas estruturas do poder tecnocrático midiático e, também, promoveu a reestruturação do poder vigente em outras áreas do saber. No campo da saúde uma das principais discussões está voltada para a reflexão sobre a capacidade das novas configurações de distribuição e acesso a informações, experiências e conhecimentos interferir nos processos de saúde-doença.

Hoje a relação da saúde individual e coletiva com o uso das NTICs se tornou um tema muito debatido. A Internet é hoje um dos principais repositórios de conhecimento consultados por indivíduos interessados em informações sobre saúde (PEREIRA NETO; BARBOSA; MUCI, 2016). Ela tem se mostrado como um repositório midiático das variadas formas de conhecimento e cuidado sobre saúde: formal, informal e popular (HELLMAN, 2009). Ela também é um campo vasto para formação de comunidades.

A interface entre as novas tecnologias de informação e comunicação e a saúde foi sugerida da seguinte forma por Iriart e Silva (2015):

Nos dias atuais, a Internet não é só uma importante fonte de informação sobre o processo saúde/doença/cuidado, mas também uma tecnologia que permite a

construção de novas formas de subjetividades e de interação socioafetiva, merecendo atenção especial no campo da saúde coletiva. (IRIART; SILVA, 2015, p.2.253)

O uso de NTICs para a saúde se tornou uma preocupação a partir da sua popularização no final do século XX (LEMOS, 2015). Essa mudança esteve atrelada aos interesses de cidadãos por mais informação sobre saúde, ao desenvolvimento de bancos de dados virtuais, e às novas tecnologias voltadas para a saúde. A *e-health* passou a ser uma preocupação da Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 1998, essa instituição passou a apresentar resoluções e deliberações sobre o tema.

O conceito *e-health* engloba a informática médica, a saúde pública e os negócios. Todos eles são atingidos pelas mudanças ocasionadas pela entrega e melhoria em serviços e informações sobre saúde através da internet e às tecnologias relacionadas. Esta nova realidade criou oportunidades e desafios para pacientes, familiares, profissionais (EYSENBACH, 2001).

A OMS define *e-health* como: “cost-effective and secure use of information and communications technologies in support of health and health-related fields, including health-care services, health surveillance, health literature, and health education, knowledge and research” (WHO, 2005. p.1).

Vários tipos de informação de saúde circulam pela internet, sendo produzidas e acessadas tanto por profissionais da saúde, quanto por pacientes. Os ambientes virtuais estão se constituindo em novos locais de fala. Eles interferem na forma como os cidadãos lidam com as questões de saúde (HELLMAN, 2009; GARBIN; et al., 2008). A Internet se estabelece hoje como uma aliada na promoção de saúde e, principalmente, como facilitador no processo de empoderamento de pacientes e familiares (GARBIN; GUILAM; PEREIRA NETO, 2011).

Para Garbin, Guilam e Pereira Neto (2011), a internet vai se diferenciar das mídias de massa, como o rádio, a televisão e os veículos impressos (jornais, revistas etc.) por significar novas possibilidades de incentivo a um posicionamento ativo dos usuários e da produção autônoma de informação e conteúdo por parte desses sujeitos.

É nesse cenário, que ganha força o uso das NTICs para questões ligadas à saúde.

Para os brasileiros conectados à internet, a saúde é um tema de grande interesse, de forma que, segundo dados do CGI, 50% deles utilizam as NTICs para buscar informações sobre saúde (2022). Ela também é ferramenta para o acesso à saúde pública, sendo que 34% dos usuários realizaram serviços online dessa natureza e ela é a categoria a mais buscada dentre os serviços públicos. Entretanto o número de cidadãos que utilizou a internet para acessar serviços

de saúde pública é menor que a média, representando 25% (CGI, 2022). Esses números evidenciam o fortalecimento da *E-health*, *digital health* ou saúde digital no Brasil e a necessidade de fortalecimento para o seu acesso.

Entretanto, Garbin, Guilam e Pereira Neto (2011) destacam que não devemos esquecer que a internet ainda é grande fonte de reprodução do modelo biomédico. Além disso, destacam que o acesso às NTICs ainda é limitado pela exclusão social. Questões mais recentes envolvem também a baixa qualidade da informação em saúde disponível online (PEREIRA NETO et al., 2017; PAOLUCCI; PEREIRA NETO; LUZIA, 2017; PEREIRA NETO et al., 2021) e a intensificação da produção e distribuição de Fake News sobre saúde. Esta última está ligada ao conceito de pós-verdade (HARSIN, 2018) e se estrutura a partir de redes virtuais de desinformação, entretanto se relacionando com outros processos de socialização, transformando os regimes de verdade até então existentes (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Esses movimentos de desordem informacional (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) podem contribuir com a formação e o fortalecimento de infodemias (PAHO, 2020). Apesar dessas questões, Garbin, Guilam e Pereira Neto (2011) afirmam que “a internet pode vir a ser uma grande aliada na construção de projetos de promoção da saúde, em especial no que se refere ao desenvolvimento de habilidades pessoais” (p.359).

Posto isso, a nosso ver, a ausência de linearidade e a descentralização na distribuição de conhecimento promovidas pela internet e presentes na Cibercultura vão atingir inúmeras questões das sociedades modernas (LEMOS, 2015). Dentre elas está a forma como os indivíduos utilizam as NTICs e a interatividade gerada por elas para tratar de processos de saúde e doença, o que nos últimos anos passou a ser chamada de *e-health*. Tendo em vista o cenário posto e compreendidas as questões relacionadas com a Comunicação e Saúde, principalmente através da *e-health*, sugerimos uma reflexão sobre a internet.

3 NTICS E INTERNET

Para compreender o cenário em que se desenvolveu a experiência do projeto “Eu quero entrar na rede”, tomamos como base a conjuntura política, econômica e social proporcionada pela Cibercultura e as relações que derivam dela. Lemos (2015) explica que o mundo viveu, na segunda metade do século XX, a invenção e a popularização das NTICs, que se difundiram através da internet. A internet como peça-chave da cibercultura é vista por inúmeros teóricos como uma grande propulsora de um fluxo mais democrático da informação e do conhecimento (LEMOS, 2015).

Na atualidade, muitos fenômenos que compõem a vida dos indivíduos nas sociedades industrializadas são, de alguma forma, influenciados pelas mudanças culturais proporcionadas pelo advento das NTICs. Para Castells (1999), a “Revolução da Tecnologia da Informação”, iniciada na década de 1990, deu origem à “Sociedade em Rede”. Para ele, esta revolução é tão importante quanto a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII. Segundo ele, “A Revolução da Tecnologia da Informação dependeu cultural, histórica e especialmente de um conjunto de circunstâncias muito específicas cujas características determinaram sua futura evolução” (CASTELLS, 1999, p.70).

A presença das novas tecnologias de informação e comunicação é tão importante que Santaella (2003) propôs que a história da humanidade fosse dividida em seis “eras culturais”: a cultura oral, a escrita, a impressa, a de massas, a das mídias e a da cultura digital. A seu ver, em cada uma dessas “eras”, os usos e apropriações das tecnologias moldam o pensamento e a sensibilidade humana, proporcionando o surgimento de novos ambientes socioculturais. A passagem de uma “era” a outra, contudo, não é linear. Pelo contrário. As diferentes “Eras Culturais” tendem a sofrer um processo de integração, que culminam em reajustes e refuncionalizações. Não há o desaparecimento de uma “era” anterior. O que ocorre é apenas o predomínio de uma nova “era” em relação às demais (SANTAELLA, 2003).

Segundo Santaella (2003), vivemos hoje sob o domínio da “Era Digital”. Seguindo lógica semelhante, Lemos (2015) afirma que as tecnologias que nos trouxeram ao nosso atual estado de interconexão global estão baseadas nas evoluções tecnológicas nos campos da computação e da informática que surgem atreladas ao conceito de Cibernética, cunhado em 1948 (LEMOS, 2015).

O primeiro computador eletrônico entrou em atividade nos Estados Unidos um pouco antes disso, em 1946, e os primeiros microcomputadores para uso profissional surgiram em

1964 (RÜDIGER, 2016). Antes da internet, um primeiro grande passo para o predomínio da Era Digital foi a popularização da microcomputação na segunda metade da década de 1970.

Segundo Lemos (2015), essas inovações estavam atreladas aos movimentos de contracultura nos EUA e a uma lógica de contrapoder tecnocrático, trazendo como lema “computadores para o povo” (*Computer to the people*). A microinformática deu o pontapé necessário para a criação da internet que, juntamente com tecnologias que vieram anos depois, ficaram conhecidas como NTICs (LEMOS, 2021). O autor afirma ainda que a cibercultura começou a surgir a partir dessa dialética anárquica de apropriação social das NTICs, que teve continuidade com a criação da internet.

Lemos (2015) explica que o movimento de apropriação da internet promoveu uma “conexão generalizada”. O autor afirma que a internet é parte de um movimento de apropriação social, causando mudanças nas estruturas do poder tecnocrático midiático, que levaram a uma reestruturação do poder vigente em outras áreas do saber. Nesse sentido, a relação da internet e de seus usuários com a criação e consumo de informação passou a ser pelo uso, apropriação e produção de conteúdo (LEMOS, 2015).

Tendo em vista esse processo de desenvolvimento da informática, Lemos (2015) elenca três tipos principais de usuários ao longo da história. Em um primeiro momento, na chamada “primeira informática”, essas tecnologias foram reservadas aos pesquisadores, principalmente militares e acadêmicos, que as desenvolviam e utilizavam com finalidade própria em seus ambientes de pesquisa. Eram, portanto, usuários “analistas-programadores”. Em um segundo momento, com a microcomputação, as tecnologias saem dos grandes centros de pesquisa e passam a servir a usuários especialistas: os *experts*. Por último, essas tecnologias se popularizam e chegaram aos amadores. Nesse momento, passaram a existir usuários comuns. Para Lemos (2015), a quarta fase da informática vai se constituir enquanto a formação do ciberespaço e os computadores conectados em rede.

Hoje não é preciso ser um profissional da informática para circular pelo universo de informação, já que os desenvolvimentos das interfaces gráficas, surgidas com os microcomputadores, e sua posterior banalização, permitem, a qualquer pessoa, ter acesso aos benefícios e malefícios da informatização da sociedade. (LEMOS, 2015, p.107)

Segundo Maynard (2020), a criação da internet na década de 1960 e sua comercialização já na década de 1990 resultaram de processos de natureza econômica, social e tecnológica. O primeiro se deu pelo aumento de “exigências econômicas por flexibilidade administrativa e

globalização de capital, da produção e do comércio” (MAYNARD, 2020, p.54). No segundo deles, o fortalecimento de valores ligados às liberdades individuais e à comunicação tornaram-se demandas sociais. Um último foi fundamental, a revolução proporcionada pela microeletrônica. A fusão de processos de diferentes naturezas resultou no cenário de Cibercultura que temos atualmente.

Outros autores realizaram esforço semelhante ao de Lemos (2015) e Maynard (2020) na tentativa de construir períodos para esta história recente.

No movimento de apropriação destas novas tecnologias de comunicação e informação, podemos mencionar autores que estudaram os estágios do desenvolvimento da internet como Martino (2014), que subdivide em Web 1.0, a Web 2.0 e chegando à Web 3.0. Nesse caso, a primeira fase da internet, a Web 1.0, seria constituída por conteúdo estático e baixa interatividade. Foi na Web 2.0 que a internet conquistou sua maior evolução. O termo, cunhado por Tim O’Rally em 2002, designa conexões mais densas com “alto grau de interatividade, colaboração e produção/uso/consumo de conteúdos pelos próprios usuários” (MARTINO, 2014, p.13). Nesse novo cenário, a internet se tornou plataforma de colaboração (PARRY, 2012). Nesse contexto, as redes de compartilhamento transformaram usuários comuns de internet, que consumiam informação de forma passiva, em “colaboradores ativos da cultura compartilhada” (DUDENEY; HOCLY; PEGRUM, 2016, p.18). Por fim, na Web 3.0 emergiu a internet da inteligência artificial e dos metadados (PARRY, 2012).

Lupton (2015) destaca a Internet das Coisas (LUPTON,2015) e Parry (2012) se refere à Web semântica (PARRY, 2012). Parry (2012) caracteriza os conteúdos desse período como “...enorme coleção de páginas que podiam ser acessadas por meio de um navegador” (p.337), havia um maior volume de texto e poucas imagens.

Para Martino (2015), a importância das NTICs torna-se clara quando a articulação dessas mídias com o cotidiano passou a ser alta o suficiente para transformar a vida dos indivíduos e de suas relações, se tornando triviais. A Cibercultura é parte integrante da Era Digital quando novas formas de pensar e se relacionar foram sendo incorporadas em nosso dia a dia. Naquele momento, essas tecnologias de informação e comunicação se tornaram invisíveis na medida em que muitos usuários não percebiam a influência que exerciam em suas vidas, apesar dessa influência passar a estar presente a todo tempo (LUPTON, 2015).

Para Levy (2007), a Cibercultura, se caracteriza como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores” (LEVY, 2007, p. 17) que se desenvolvem com a interconexão mundial de computadores, no Ciberespaço.

Tanto Lemos (2015) quanto Levy (2007) entendem o potencial de sociabilização possibilitado pela internet como parte fundamental das sociedades modernas. Para eles, a forma como nos sociabilizamos nos dias de hoje tira proveito do potencial comunitário, associativo, ou simplesmente agregador dos computadores conectados.

Castells (1999) defende que as NTICs proporcionaram a fundação de um novo paradigma informacional constituído de cinco características fundamentais: informação como matéria-prima; penetração dos efeitos da NTICs moldando os processos da experiência humana; a lógica de redes; a flexibilidade; a convergência para um sistema integrado. Para ele, a “abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos” [do novo paradigma informacional] (CASTELLS, 1999, p.81).

Por sua vez, Rice, Yates e Blejmar (2020) entendem que as economias modernas e a vida cotidiana têm como aspecto fundamental a informação. Entretanto, os autores identificam a existência de disparidades de acesso à informação seja entre países ou mesmo dentro de regiões menores. Apesar disso, esses autores elencam quatro elementos que, combinados, dão base para o potencial transformador do mundo digital, sendo eles: “digitalização”, “computação”, “microprocessadores” e “rede digital” (RICE; YATES; BLEJMAR, 2020).

Para Rice, Yates e Blejmar (2020) a “digitalização” consiste na conversão digital da informação através da codificação em bits. Esse processo deu origem ao que os autores chamam de “segundo mundo”: O mundo digital, em contraposição ao mundo analógico. O segundo componente básico da sociedade da Informação, a “computação”, se potencializa no processamento da informação, produzindo procedimentos de datificação e digitalização. Segundo eles, “A informação torna-se um poderoso recurso bruto e pode ser transformada, combinada, integrada e analisada” (RICE; YATES; BLEJMAR, 2020, p.38). Para eles, a criação de dispositivos computacionais menores e mais poderosos também contribuiu com a transformação do mundo digital. Os “microprocessadores”, via circuitos integrados, diminuíram o tamanho e o gasto energético na computação. Eles permitiram o aumento das funcionalidades, velocidade e potência dos dispositivos (RICE; YATES; BLEJMAR, 2020). Graças a essa evolução processos computacionais passaram a ser realizados por objetos cada vez menores, até mesmo dentro do corpo humano, produzindo novas formas de intervir nos processos de tratamento de saúde.

Por último, Rice, Yates e Blejmar (2020) citam a formação da “rede digital”, ou da “transmissão de informações digitalizadas entre nós que são computadores” (p.38). A Internet passou a ser formada por um conjunto de sub-redes interconectadas. Este aspecto possibilitou

o processamento e a distribuição da informação com maior velocidade, de forma mais robusta, com menor quantidade de erros e a uma maior distância. Ao apresentar esses quatro elementos, os autores utilizam como o os smartphones e suas inúmeras funcionalidades (RICE; YATES; BLEJMAR, 2020). Rice, Yates e Blejmar (2020) também discutem as implicações positivas e negativas dos usos das tecnologias digitais para as sociedades modernas. Nesse sentido, os autores destacam o potencial de compartilhamento e de construção coletiva de conhecimento que as redes digitais possuem. Para eles: “As tecnologias digitais possibilitam que todos os tipos de pessoas encontrem, criem, compartilhem, reformulem e vinculem uma variedade estonteante de conteúdo existente e imprevisível” (RICE; YATES; BLEJMAR, 2020, p.59).

A emergência da Web 2.0 no início dos anos 2000 configurou na Internet tendências e práticas centradas em uma arquitetura da participação e da colaboração.

Seguindo uma lógica semelhante, Castells (2015) caracteriza essa nova estrutura societal como: “Uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (CASTELLS, 2015, p.70).

Essa estrutura é global, pois detém a capacidade de reconfiguração a partir de mudanças de programação. As “redes ativadas por tecnologias de comunicação” ultrapassam as fronteiras de território e instituições. Para Castells (2015), a difusão proporcionada pelas NTICs tem estimulado o desenvolvimento de redes de comunicação interativas mais horizontais que conectaram o local e o global. Castells (2015) denomina essa sociedade de “global” por sua capacidade de influenciar e afetar todos os processos e modos de vida e não apenas por incluir todas as pessoas em suas redes. Ele adverte, entretanto, a existência de um cenário global de desigualdade de acesso. Ele é resultado da coexistência da Sociedade em Redes com diferentes geometrias de inclusão e exclusão que fazem parte da realidade de cada país. Castells (2015) exemplifica essa ideia da seguinte forma: “Ou seja, várias redes terão geometrias e geografias diferentes de inclusão e exclusão: o mapa da economia global do crime não é o mesmo que o mapa resultante dos padrões de localização internacional da indústria de alta tecnologia.” (CASTELLS, 2015, p.72).

Lemos (2021) atualiza e apresenta uma visão relativamente distinta, se não complementar às apresentadas acima. Segundo ele, a primeira fase da cultura digital, a “digitalização”, vem sendo absorvida pela “dataficação”. Esta pode ser definida como

...processo de tradução da vida em dados digitais rastreáveis, quantificáveis, analisáveis, performativos...A dataficação possibilita a conversão de toda e qualquer ação em dados digitais rastreáveis, produzindo diagnósticos e inferências nos mais diversos domínios. (LEMOS, 2021, p.194).

Esse processo ocorre em três áreas: conhecimento, sociabilidade e natureza. A “dataficação” é fomentada pela criação das redes sociais, de procedimentos computacionais na nuvem e da ampliação da inteligência artificial algorítmica. “Com a dataficação, não se trata apenas da conversão de um objeto analógico em digital, mas da modificação de ações, comportamentos e conhecimentos baseados na performance dos dados elaborada por sistemas de inteligência algorítmica” (LEMOS, 2021, p.194).

O autor explica que a “dataficação” tem como consequência a construção de uma realidade de vigilância distribuída (*dataveillance*). Ela reforça o controle e monitoramento sobre os usuários. Entretanto, ele considera que os efeitos dessas transformações tecnológicas são diversos e ainda incertos.

Alguns autores destacam o caráter contraditório decorrente do gozo da liberdade produzido pelos fluxos intenso de produção e consumo de informação e conhecimento. Estes fluxos são feitos através de redes controladas por grandes corporações privadas da informação e comunicação. Para Dantas, Canavarro e Barros (2014), essas empresas são entidades capitalistas. Elas dificilmente “estarão a serviço da superação da economia de mercado e desta sociedade desigual em que vivemos” (DANTAS; CANAVARRO; BARROS, 2014, p.23). Dessa forma, estes autores nos fazem lembrar que a internet é regida pelo mercado e pelos modos capitalistas de trabalho e acumulação de capital.

A tecnologia não resolverá os conflitos da história. Por isso, escavando mais fundo os discursos, explorando suas contradições, inclusive omissões, buscando o concreto resultante de múltiplas determinações, a Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura descobre o rosto real do capital, nas faces de Bill Gates, Steve Jobs, Rupert Murdoch, Ted Turner, Sergey Brin, Mark Zuckerberg, para citarmos apenas alguns mais conhecidos. Todos eles inquiriram as "multidões" com apenas uma pergunta: "como vocês me farão bilionários"? Descobriram as respostas. Não foi nada por acaso. (DANTAS, 2012, p.303).

Para o Dantas (2012), o encontro dessa nova economia política com atores engajados na luta pelo acesso ao conhecimento livre pode ser um caminho para o impasse tecnológico informacional que está posto. Sem disputa, este impasse pode nos levar a uma “monopolização capitalista do conhecimento” (DANTAS, 2012, p.303/304).

Sendo assim, apesar das mudanças de proporções globais e das potencialidades das Novas tecnologias de Informação e Comunicação, ainda existem uma série de questões que afetam o seu uso e poder de apropriação da sociedade.

A seguir analisaremos brevemente a questão da exclusão digital e das limitações para acesso e apropriação das NTICs: Trata-se de uma questão de grande pertinência para nossa pesquisa.

3.1 INTERNET NO MUNDO: EXCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL

Apesar do crescimento significativo de usuários de internet, o número de excluídos digitais é expressivo. Dados recentes informam que 49% da população mundial ainda não tem acesso à internet. Esse número representa 3.7 bilhões de pessoas e é bem maior em países pobres. Dados de 2019 indicam que, em países desenvolvidos, 87% da população tem acesso à internet. Enquanto isso, em países em desenvolvimento, esse índice chega apenas à casa de 44%. (INTERNATIONAL TELECOMMUNICATIONS UNION, 2020). Castells (2015) afirma que o acesso às redes tende a reproduzir estruturas sociais, desigualdades e dominações, dentro e entre países.

Ainda nos primeiros anos da popularização da internet, Castells (1999) analisou a questão da exclusão digital em sua relação com a exclusão social. Para o autor, ela pode ser pensada a partir da abrangência do novo sistema comunicacional informacional em variadas expressões culturais e das consequências disso para os cidadãos que estão ou não conectados.

Em razão de sua existência, todas as espécies de mensagens do novo tipo de sociedade funcionam em um modo binário: presença/ausência no sistema multimídia de comunicação. Só a presença nesse sistema integrado permite a comunicabilidade e a socialização da mensagem. Todas as outras mensagens são reduzidas à imaginação individual ou às subculturas resultantes do contato pessoal, cada vez mais marginalizadas. (CASTELLS, 1999, p.396).

Estudo internacional publicado em 2022 resume os fatores limitantes no uso de internet, a saber: Availability (se existe disponibilidade infraestrutura de qualidade no local), affordability (se o usuário tem condições de arcar com os custos do uso da Internet e dos seus dispositivos), Relevance (se o conteúdo é relevante e aborda temas locais) Readiness (se o usuário sabe utilizar as ferramentas de forma crítica e criativa) (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2022).

No Brasil, levantamento de 2020 realizado pelo Conselho Gestor da Internet indica que 19% da população não acessa a internet (CGI, 2021). Aqui a exclusão digital atinge um grupo composto em sua maioria por uma população de baixa renda, moradora de zona rural, idosa e/ou com menor escolaridade (CGI, 2019). Podemos dizer que, no contexto brasileiro, “exclusão digital é uma metáfora da exclusão social” (PEREIRA NETO, FLYNN, 2020). Araújo (2017) já havia constatado que a exclusão digital no Brasil se encontra significativamente atrelada à exclusão socioeconômica.

No início do século XXI, Sorj e Guedes (2005, p. 105) afirmaram que o fenômeno da exclusão digital no Brasil “reflete sem dúvida o nível desigual de riqueza e escolaridade entre as diferentes regiões e cidades, em particular entre as populações pobres das regiões Norte e Nordeste e do Centro-Sul”.

No Brasil, a exclusão digital atinge um grupo composto em sua maioria por uma população de baixa renda, moradora de zona rural, idosos e pessoas com menor escolaridade (CGI, 2019). Podemos dizer que, no contexto brasileiro, exclusão digital não está separada da exclusão social. No Brasil, a exclusão digital reflete a social.

Dados recentes do *Internet Index* expõe um quadro de desigualdade digital que vai além do simples acesso à rede mundial de computadores. Dois dos principais motivos para a exclusão é a literacia e o letramento digital (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2022). A pesquisa resume os fatores limitantes no uso de internet em: *Availability* (infraestrutura), *affordability* (fatores financeiros), *Relevance* (conteúdo relevante e local) *Readiness* (literacia e fatores políticos) (THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT, 2022).

Em 2019, o Brasil tinha 40% de usuários da internet com conhecimento básicos, 12% com conhecimento padrão e apenas 3% com conhecimento avançado (ITU, 2019). A pesquisa considera como conhecimento básico questões que foram tratadas na etapa de diagnóstico e nivelamento de competências do projeto “Eu quero entrar na rede”. “...Copiar ou mover um arquivo ou pasta, usando ferramentas de copiar e colar para duplicar ou mover informações dentro de um documento, enviando e-mails com arquivos e a transferência de arquivos entre um computador e outros dispositivos” (ITU, 2021, *online*).

As principais justificativas declaradas para o não acesso à internet são a falta de interesse e a falta de habilidade com o computador (CGI, 2020). Entretanto, entre populações rurais, de baixa renda e escolaridade, é grande o número de indivíduos que declaram não acessar a internet por razões econômicas.

Muitos autores ressaltam que a exclusão digital não se restringe ao fato de a pessoa não ter acesso às NTICs (BUZATO, 2008). A inclusão ocorre quando o uso das novas tecnologias promove a interação de indivíduos em uma sociedade, através do pensamento crítico e do exercício da cidadania. “Assim, inclusão digital é a construção de conhecimento, apropriando-se de instrumentos tecnológicos para incluir-se socialmente” (ARAÚJO, 2017, p. 376). Para Buzato (2008), o letramento digital desempenha um papel especial, já que os usuários precisam dominar as linguagens dos dispositivos tecnológicos, para deixarem de ser meros consumidores de conteúdo.

E quando diante de letramentos (digitais ou não), estamos em posição de observar mecanismos de inclusão/exclusão (digital ou não), uma vez que tais práticas são fortemente relacionadas a formas de opressão (ou emancipação) e reprodução (ou transformação) sociais nas economias escriturísticas (e agora digitalizadas) em que vivemos (BUZATO, 2008, p.328)

Para Sousa et al (2020), o uso das NTICs é afetado por aspectos de diferentes naturezas, podendo ser “sociais, culturais, ideológicos, pessoais ou profissionais” (p.423). Dessa forma, o acesso, a leitura e a compreensão de informações ficam delimitadas pelas capacidades e limitações de cada sujeito. Por essa razão, os cidadãos em situação de empobrecimento são os mais expostos à exclusão digital. Sousa et al. (2020), entendem que a literacia digital se traduz através da “competência no uso dos recursos tecnológicos” (SOUSA et al., 2020, p.425). Trata-se de uma das alternativas para o enfrentamento da desigualdade social.

Assim, a questão do baixo letramento é de grande importância para se pensar a inclusão/exclusão digital no Brasil de forma geral e, conseqüentemente, a interface saúde e internet.

A partir do cenário posto, promover a inclusão digital não é apenas garantir que o indivíduo tenha acesso às NTICs, mas, sim, que consiga utilizá-la de modo crítico e efetivo. Assim ele poderá ter acesso à educação e ao trabalho, às trocas sociais que visam incrementar sua saúde e transformar sua realidade social visando ao exercício da cidadania (ARAÚJO, 2017). Conforme ressalta Araújo (2017), a “inclusão digital possui o papel de resgatar os excluídos digitais ao contexto da sociedade movida pelos processos de criação, produção e obtenção da informação em conhecimento” (ARAÚJO, 2017, p. 378).

Embora a inclusão/exclusão seja uma questão urgente e crucial, como afirma Nemer (2021), analisar a opressão moderna a partir das relações com às NTICs não pode se limitar ao

simples acesso, “através de noções simplistas da ‘desigualdade digital’ e do ‘ter ou não ter’” (NEMER, 2021, p.21). Posto isso, trataremos da “Tecnologia Mundana”

3.2 TECNOLOGIA MUNDANA

Para Nemer (2021), a tecnologia é uma extensão da vida comum dos sujeitos, com suas alegrias e dificuldades. Tendo em vista essa abordagem, Nemer (2021) cunhou o conceito de “Tecnologia Mundana”. Segundo o autor:

O convite de Freire para que outros reinventassem suas ideias me inspirou a desenvolver uma abordagem que busca compreender por que as tecnologias digitais podem ser, simultaneamente, locais de opressão e ferramentas que podem ser apropriadas pelos oprimidos em sua busca por liberdade. Chamo essa abordagem de tecnologia mundana. (NEMER, 2021, p.23)

Esse tema está diretamente relacionado com as questões abordadas nesta tese.

Conforme explicitado ao longo deste trabalho, os sujeitos da pesquisa são pessoas em sofrimento mental, usuárias de CAPS e moradoras de favelas do Rio de Janeiro, mais especificamente dos Complexos de Manguinhos e da Maré. Analisar qualquer abordagem de empoderamento envolvendo esses sujeitos exige considerações sobre uma série de opressões sofridas por eles enquanto moradores de comunidade pobres. Essas opressões atravessam suas realidades e modos de vida de diversas formas: o estigma da loucura somado às discriminações de classe, raça, gênero etc. Nesse sentido, entendemos que não é possível tratar do entrelaçamento entre a questão do empoderamento em saúde mental e a inclusão social e digital sem pensar, especificamente, no uso da NTICs por moradores de favela.

Nemer (2021) avalia que as NTICs vêm incorporando uma variedade de desigualdades estruturais. Isso ocorre porque artefatos tecnológicos podem também reproduzir e perpetuar opressões que se originam nos poderes vigentes (NEMER, 2021). Dito isso, os sujeitos em vulnerabilidade social moradores de favela vão encontrar no acesso ao digital os reflexos de um quadro de opressões mais amplo. Assim sendo, “O ato da opressão é, portanto, uma consequência inevitável das experiências digitais do morador de favela” (p.24).

Impulsionado por um olhar que busca ir além da compreensão das NTICs como simplesmente itens de consumo, Nemer (2021) encontra em Paulo Freire a teoria para analisar as relações entre tecnologia, opressão e inclusão nos contextos de favelas. O autor faz isso através do conceito de Tecnologias Mundanas. Para o autor, elas compreendem as apropriações

de tecnologias do dia a dia, permitindo às pessoas apaziguarem as opressões às quais são submetidas.

O termo Tecnologia Mundana também engloba atividades “não produtivas” e desejos com os quais as pessoas se conectam através de tecnologias digitais cotidianas. Tecnologias mundanas são o modo como as pessoas exercem agência e conscientização e se apropriam de tecnologias para se mobilizarem em direção à qualidade de vida que desejam (NEMER, 2021, p.27)

Dessa forma, fora dos centros de poder vigentes, alocados no tempo presente do cotidiano, se instauram processos populares de desconstrução de imperativos políticos e tecnológicos. Para isso, os sujeitos oprimidos realizam sua apropriação das NTICs a partir de conhecimentos próprios e modos de fazer autônomos criativos. As favelas são locais especialmente importantes para se observar esses movimentos de produção sociotécnica e compreender sua potencialidade (NEMER, 2021).

A localidade periférica das favelas nos permite aprender sobre “lugar” e como a tecnologia ganha importância na sociedade de hoje, sem que se faça suposições dominadas por usuários de elite. Portanto, Tecnologias Mundanas – como apropriações tecnológicas cotidianas – referem-se ao modo como a tecnologia é reinterpretada, adaptada e reinventada por aqueles fora dos centros de poder para que se alcance a libertação da opressão (NEMER, 2021, p.28).

Trazendo a discussão para o objeto dessa pesquisa, o não lugar do sofrimento mental também é possibilidade rica para pensar as produções sociotécnicas dos oprimidos. Como afirma Nemer (2021), a opressão é frequentemente tratada de forma homogênea, o que é desrespeitoso e invisibiliza os sujeitos e seus movimentos de resistência. Por isso, ao propor a forma como sujeitos em sofrimento mental se apropriam das tecnologias, partirmos de suas especificidades. A estas são somadas suas condições enquanto moradores de favela. Dito isso, as Tecnologias Mundanas se mostram como uma alternativa para analisar as possibilidades de uso e apropriação das NTICs por sujeitos expostos a opressões interseccionais (NEMER, 2021).

Neste sentido, Nemer (2021) define as Tecnologias Mundanas como “episteme para compreender a opressão e o processo de Freire de conscientização na Era da Informação” (p.23). O autor defende que é necessário compreender que as NTICs podem ser tanto fonte de opressão como de empoderamento para sujeitos moradores de favela que buscam liberdade. A conversão das NTICs de instrumento de opressão para ferramenta de autonomia e participação social passa pelas apropriações que os sujeitos oprimidos fazem dessas tecnologias. “Apropriar-se das Tecnologias Mundanas é o seu ato de esperança: eles usam a tecnologia para buscar

libertação. Portanto, precisamos mudar nossa compreensão do papel da tecnologia em situações opressoras” (NEMER, 2021, p.22).

O conceito de Tecnologia Mundana na obra de Nemer (2021) surge do processo de releitura e atualização das ideias de Paulo Freire, como sugeriu o estudioso, para, então, refletir sobre outras realidades opressivas. O fato de Freire ter tido um olhar receoso acerca das NTICs, destacando as possibilidades de opressão advindas de seu uso, não é um empecilho para fazer essa inversão, mas sim um caminho para se ter sobre elas um olhar crítico. “Utilizar a opressão como um ponto de preocupação nos permite enxergar processos complexos de exploração, marginalização, impotência, imperialismo cultural e violência como injustiças centrais propulsoras da era digital” (NEMER, 2021, p.23).

A temática mídia está presente em várias obras de Freire. A longo de sua fundamentação da educação libertadora encontramos críticas às mídias de massa. Para o autor, elas não comunicam, apenas dão comunicados. São armas de dominação que, nas mãos do opressor, cumprem o papel alienador (FREIRE, 2019). Contudo, toda sua obra enfatiza a importância da comunicação e da tomada da consciência pelos oprimidos. Tendo isso em vista, é possível encontrar conexões que permitem refletir sobre a inclusão digital e o uso das NTICs, tomando-os como alternativa às mídias de massa.

Paulo Freire vivenciou o início da popularização da internet e os debates sobre seu uso no ambiente escolar. Segundo ele, as NTICs seriam fruto da criatividade humana e a seu ver resultam e promovem o avanço da ciência e da tecnologia. Freire se colocava a favor de seu uso no processo educativo (FREIRE, 2002). Ao elencar as qualidades necessárias a um bom educador, Freire reconhece o potencial das NTICs e de seu uso pedagógico:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas. (FREIRE, 2002, p.34)

Contudo, para ele, seria fundamental questionar sua utilização do ponto de vista político, não apenas técnico. Certa feita, ele perguntou: “A máquina está a serviço de quem?” (FREIRE, 1984, p.1). Para Freire, não haveria problema no uso das tecnologias, entretanto é necessária uma crítica acerca de quem as opera e quais vozes escutamos por seu intermédio.

Divergindo de Freire, Hooks (2020) reconhece as NTICs com fonte para busca de informações, entretanto é mais enfática em igualar meios de massa e NTICs e tratá-los enquanto instrumentos de passividade:

Nós, que conhecemos o valor da conversa como chave para a aquisição de conhecimento, também sabemos que vivemos em uma cultura na qual várias pessoas não dispõem de habilidades básicas de comunicação, porque na maior parte do tempo são consumidoras passivas de informação. Tanto a televisão quanto o computador ajudam a promover o aprendizado passivo. (HOOKS, 2020, p.83)

Seu posicionamento é interessante para se pensar outras temáticas que não trataremos aqui, como a das Fake News, por exemplo. Entretanto, partiremos da perspectiva freireana e da perspectiva da Tecnologia Mundana, já exposta. Por isso, entendemos que, ao implicar uma passividade inerente aos sujeitos que fazem uso das NTICs, Hooks (2020) exclui a complexidade das experiências e apropriações possíveis das redes. Além disso, diminui o próprio poder dos sujeitos que as utilizam e o potencial de uma formação crítica tecnológica e midiática.

Para Freire (2019), não há antagonismo entre a formação técnico-científica e a formação crítica, uma vez que, em uma sociedade revolucionária, a ciência e a tecnologia devem servir à libertação e humanização dos homens. “Educação e conhecimento como processos de busca” que não promovem domesticação, mas o desenvolvimento do pensamento crítico e autêntico (FREIRE, 2019, p.81).

Malaggi e Miyashiro (2020) seguiram essas pistas deixadas por Paulo Freire. Eles defendem que os processos críticos de inclusão digital extrapolem a simples ampliação de acesso e uso das NTICs:

Advogamos por uma inclusão digital como ação político-formativa em que os sujeitos se apropriam de forma crítica e criativa das TIC, encontrando nas características de autoria e colaboração da cultura digital meios para “dizerem a palavra” acerca das realidades sociais em que estão inseridos. (MALAGGI; MIYASHIRO, 2020, p.196)

Corroborando com Malaggi e Miyashiro (2020), enxergamos na práxis freireana caminhos para a promoção da saúde e da inclusão digital a partir da Educação Popular e da comunicação para o empoderamento. Consideramos que é possível o acesso de pessoas em

sofrimento mental moradores de comunidades pobres aos estímulos que as tecnologias, segundo Freire (2002), já oferecem aos mais favorecidos.

É com base neste debate que trataremos do blogue, ferramenta utilizada no projeto “Eu quero entrar na rede”.

3.3 BLOGUE

Ao analisar as mudanças nos meios de comunicação ocorridas no cenário pós-industrial, Castells (2015) sugere que ele se caracteriza pelo que o autor denomina de “autocomunicação de massa”: uma comunicação mais horizontal com grande potencial de divulgação, porém autoguiada. Esse modelo estaria em oposição ao modelo tradicional de comunicação de massa. A “autocomunicação de massa” parte das demandas dos consumidores que se tornam também produtores de informação.

Com a difusão da internet, surgiu uma nova forma de comunicação interativa, caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou no tempo escolhido, e com a possibilidade de usar a comunicação entre os dois pontos, em transmissões especializadas, *narrowcasting* ou em transmissões para muitos receptores (*broadcasting*), dependendo do objetivo e das características da prática de comunicação intencionada (CASTELLS, 2015, p.101).

O autor defende que essa autocomunicação é de massa por seu potencial de divulgação para um público global. Entretanto, ela também é autocomunicação, pois trata-se de uma produção autogerada de mensagens, de consumo autosselecionado. Nesse sentido, a seu ver, a autocomunicação uniria três formas de comunicação: interpessoal, de massa e autocomunicação de massa. Segundo ele, estas três formas, por sua vez, coexistem e se complementam (CASTELLS, 2015).

A construção da autonomia do sujeito estaria ligada ao processo de individuação característica. Esta é, para Castells (2015), uma mudança central de comportamento relacionada com o desenvolvimento da internet nas sociedades pós-modernas. Na “autocomunicação de massa”, os produtores de conteúdo têm maior autonomia e liberdade com relação às grandes corporações de mídia existentes e dominantes até então. Em suma, a internet canaliza as produções de outras mídias tradicionais e forma aquilo que Parry (2012) caracteriza como supermídia e que ele considera como a mais poderosa da história, com alto potencial de democratização e acessibilidade.

A visão de Parry (2012) segue a mesma direção. Segundo ele:

Ao contrário dos meios de comunicação que a antecederam, são os seus usuários, e não os produtores de conteúdo, que decidem quando e onde consumir o quê. Os usuários podem ainda participar da criação de conteúdo em medida muito mais do que jamais antes. (PARRY, 2012, p.331).

O blogue é um dos formatos que essa nova forma de comunicação social assumiu.

O blogue foi concebido e criado no final de 1997 com John Barger. A palavra *Blogue*, em inglês *Blog*, tem origem na contração das palavras Web e log, formando *Weblog* (LEMOS, 2009)⁶. Segundo Träsel (2009), o termo estaria ligado às metáforas de navegação, que são comuns quanto se trata da internet.

A partícula “log” remete aos diários de navegação, em que os capitães informam as latitudes e longitudes percorridas a cada dia e os pontos de referência geográficos encontrados, além de incidentes diversos. O prefixo “web” indica a transposição desses verdadeiros guias de navegação para a rede mundial de computadores de interface gráfica. (TRÄSEL, 2009, p.94-95). Em seu formato inicial, os blogues consistiam em espaços para coleta e análise de hiperlinks de outros sites da internet. Eles funcionavam como um catálogo ou arquivo de referências que interessavam aos autores. Esse formato era útil, pois as ferramentas de busca não atendiam às necessidades do usuário como fazem hoje em dia (TRÄSEL, 2009).

Os Blogues foram criados durante o período da Web 1.0 (FERRARI, 2006). Seu uso vai ser potencializado anos depois com a criação de ferramentas de publicação e a ampliação da interatividade através de ferramentas para comentários (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). Os Blogues, com essas melhorias, passaram a se popularizar como uma ferramenta para a publicação de diários pessoais (PRIMO, 2010). Naquele momento: “Esses blogs eram utilizados como espaços de expressão pessoal, publicação de relatos, experiências e pensamentos do autor” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p.29).

Na Web 2.0 os Blogues ganharam novas ferramentas que ampliam suas funcionalidades, como imagem, mapas, sons etc. (LEMOS, 2009). A partir daí, eles se popularizaram rapidamente entre usuários, que buscavam produzir conteúdo de outra natureza, formando um quadro heterogêneo de práticas (PRIMO, 2010). Braga (2009) esclarece que em pouco tempo os blogues passaram a se configurar como “Espaço social diverso, até certo ponto

⁶ Neste trabalho utilizaremos a palavra *blogue*, por se tratar de sua forma em português.

democrático, para expressão individual, interação e informação noticiosa” (BRAGA, 2009, p.79). Essa reconfiguração provocou a convergência entre os campos jornalístico e literário. Durante este mesmo período ocorreu outra mudança significativa: surgiram os microblogues, como o Twitter. Com os dispositivos portáteis, os microblogues ampliaram e aproximaram os blogues das redes sociais (LEMOS, 2009).

Quando se trata de conceito dos blogues, não há um consenso. Sua definição vai variar conforme a perspectiva pela qual é estabelecida. Amaral, Recuero e Montardo (2009) classificam as definições de blogue como ferramenta a partir de duas categorias: estrutural e funcional. A definição do conceito de natureza estrutural versa sobre a apresentação do conteúdo. Os autores que seguem esta visão definem o blogue por seu formato, tendo como argumento principal a constante atualização e a apresentação cronológica reversa das publicações, de conteúdos mais atuais para os mais antigos (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). Para os autores que categorizam o blogue a partir de uma perspectiva funcional, a função comunicacional do meio é mais definidora do que sua estrutura.

Träsel (2009) discorda da abordagem estrutural. Para ele, a frequência de atualização e a ordem cronológica não são características suficientes para conceituar um blogue. Outras categorizações podem trazer maiores esclarecimentos. Amaral, Recuero e Montardo (2009) indicam que perspectiva socioantropológica levará alguns estudiosos da internet a conceituar o blogue enquanto um “artefato cultural”. A partir dessa perspectiva, os blogues são vistos como registro cultural de um período e contexto sócio-histórico, para além de sua estrutura e funcionalidade como ferramentas de comunicação. Dessa forma, a compreensão teórica dos blogues se expande para o uso e apropriação deles e de seus conteúdos. “Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p.32).

A “personalização” também é citada por Amaral, Recuero e Montardo (2009) como uma outra perspectiva de conceituar um Blogue. Mesmo indo além de sua funcionalidade como diários pessoais, os blogues expressam a personalidade do autor. Essa parece ser sua característica basilar, expressa através da escrita íntima e da narrativa de si. “Blogs, assim, não são apenas ferramentas caracterizadas pelo seu produto: são formas de publicação apropriadas pelos seus usuários como formas de expressão” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p.34).

A essas categorias, Träsel (2009) adiciona a definição de Blogue a partir da linguagem. O autor destaca que há uma tendência dos estudiosos do tema em definir os blogues a partir de

sua linguagem e narrativa, mais especificamente a autorreferência e a subjetividade. Entretanto, Träsel (2009) afirma que as constantes evoluções tecnológicas são um desafio para a delimitação dos blogues enquanto objeto, o que, por outro lado, poderia ser um incentivo para pesquisas sobre o tema.

Com a finalidade de fugir de polêmicas, Penteado, Santos e Araújo (2009) apresentam um conceito geral, entendendo os blogues como “espaços de comunicação, pessoal ou coletivo, via internet, em que são apresentadas (postadas) informações, opiniões, análises etc. Os posts são publicados a partir do mais recente, valorizando a atualização constante de conteúdo” (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009, p.135). Segundo os autores, dentre as principais características dessa definição estão a interatividade entre autor e público e a flexibilidade na estruturação do conteúdo: os posts (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009).

Independente dessas diferenças e nuances conceituais, Amaral, Recuero e Montardo (2009) afirmam que os blogues “consistem em aportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização *on-line* de acordo com os mais variados interesses.” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO 2009, p.35-36). Essa socialização se manifesta também através da interatividade estruturada pela troca de comentários entre autores e público, público e público, autores e outros autores.

Braga (2009) entende que, em função da interatividade, os blogues vão, em sua maioria, se organizar como arenas públicas de discussão. Através dos comentários e da indicação de blogues ou sites semelhantes ou de mesmo tema forma-se uma “rede de interação”, que pode criar nos usuários a sensação de comunidade (BRAGA, 2009). Segundo ela: “A maioria dos blogs disponibiliza um espaço de interação, de debate, de “arena pública”, em que visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes” (BRAGA, 2009, p.78). Segundo a autora, a popularização dos blogues e o crescimento do jornalismo individual se desenvolveu em função da interatividade proporcionada por esse formato associada às ferramentas eficientes, de fácil utilização e baixo custo. Graças a essas características, os blogues vão agenciar a democratização de recursos para a produção midiática. Como consequência, ocorre a emergência de “enunciadores/as dispersos/as” (BRAGA, 2009), veiculando uma grande variedade de conteúdo.

Para Lemos (2009), os blogues são uma forma de concretização da democratização da informação e de libertação do polo emissor, que agora pode produzir conteúdo sem necessariamente depender da grande mídia. A seu ver: “Os *blogs* são criados para

os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências” (LEMOS, 2009, p.8).

Dessa forma, eles são “sintoma da cibercultura e do desejo de conexão e comunicação permanente” (LEMOS, 2009, p.17). Sua existência vai proporcionar mais alternativas informativas e possibilidades de publicar e distribuir conteúdo em diversos formatos de forma global. Martino (2015) corrobora com esta visão ao afirmar que os blogues têm grande potencial para pluralizar vozes.

As novas possibilidades de produção e recepção vão de alguma forma interferir na forma como conteúdos circulam na sociedade e como poder simbólico se estabelece. “...As condições de produção e de circulação de mensagens vêm mudando radicalmente: atores individuais têm crescente acesso à discursividade mediática, provocando revisões naquelas relações instituídas com base na comunicação broadcast” (PRATES, 2014, p.255).

Ao analisar o blogue enquanto formato, Orihuela (2006) afirma que publicar na internet deixou de ser um privilégio exclusivo para especialistas, se convertendo em uma realidade para diferentes públicos. Conforme afirma Penteadó, Santos e Araújo (2009), as NTICs agregam à relação vertical entre emissores e receptoras proporcionada pelas mídias tradicionais a possibilidade de receptores produzirem conteúdo e interagirem, com os produtores e entre si. Esse desenho midiático elimina a necessidade do editor, dando maior liberdade aos blogueiros.

Apesar do cenário favorável à democratização da informação, três pontos negativos precisam ser analisados: concentração de mídia, censura e baixa qualidade da informação.

Em primeiro lugar, é necessário admitir que, apesar de sua natureza democratizante e suas possibilidades de pluralização de vozes, a internet ainda assim é foco da concentração de meios. “Embora o surgimento dessa forma de autocomunicação de massa amplie a autonomia e a liberdade dos atores comunicantes, essa autonomia cultural e tecnológica não leva a autonomia comercial da mídia” (CASTELLS, 2015, p.121). Sendo assim, ainda é problemática a manutenção financeira de produtores de conteúdo independente na internet, já que a monetização muitas vezes ainda depende de grandes conglomerados de mídia e de publicidade. Mesmo na era dos influencers, grandes produtores de conteúdo para redes sociais, essa segue como uma temática ainda presente.

Conforme defende Hewitt (2007), na internet qualquer um que queira “ter voz” (p.102) pode tê-la, sem, contudo, a garantia de que ela será ouvida, já que a atenção do público e a publicidade deve ser conquistada e isso pode não acontecer. “O campo de jogo não é nivelado,

já que as velhas elites da antiga mídia ainda têm extraordinárias vantagens herdadas, assim como todas as aristocracias em campo em uma época revolucionária” (HEWITT, 2007, p.102).

Em segundo, Lemos (2009) assinala que a conexão política da liberação do emissor faz com que o debate acerca dos blogues envolva também a censura, a política e o ativismo. Os blogues e, em sequência, as redes sociais se tornam instrumentos para ativismo político. “Dar voz a todos (liberação da emissão), permitir o compartilhamento e a troca de informações (conexão) são poderosas ferramentas políticas de transformação da vida social (reconfiguração)” (LEMOS, 2009, p.13). Seu potencial para incentivar a reconfiguração política torna os veículos de autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015) foco de censura e repressão por parte de governos autoritários. Sem um aparelho institucional por trás, os produtores de conteúdo se tornam alvo fácil para a censura e perseguição.

Por fim, o movimento que favorece a democratização da informação tem como efeito colateral a produção de conteúdo de baixa qualidade e a consequente desconfiança com parte dos conteúdos publicados (BRAGA, 2019). “Se a informação ali é livre, é também duvidosa” (BRAGA, 2009, p.78). Lemos (2009) afirma que os benefícios trazidos pelas NTICs não anulam problemas e conflitos para os quais, dada sua complexidade, ainda não se tem respostas simples.

Tendo em vista essas questões, relacionadas com as diferentes definições de Blogue no campo das ciências sociais, Lemos (2009) admite que os blogues se mostram como objeto de pesquisa e instrumento pedagógico (LEMOS 2009).

O Blogue é algo datado e fruto de um contexto histórico tecnológico que passou por alterações significativas na última década. Apesar disso, o Blogue foi escolhido como ferramenta tecnológica por tratar-se de um instrumento de fácil acesso, baixo custo e fácil manutenção por parte dos usuários e profissionais envolvidos. Outra característica que foi valorizada para a escolha do blogue como ferramenta é a possibilidade de produção de arquivo de conteúdos produzidos. Assim, ele pode dialogar com as redes sociais proporcionando maior divulgação.

O blogue foi trabalhado na pesquisa que se transformou nesta tese como uma via alternativa de resistência e de fala dos usuários. Nossa hipótese é que ele tenha servido como instrumento e articulação de enfrentamento ao processo histórico de silenciamento estabelecido sobre os indivíduos em sofrimento mental. Esse processo histórico de silenciamento e os temas e problemas relacionados como a Reforma Psiquiátrica Brasileira e demais questões de saúde mental serão analisados a seguir.

4 SAÚDE MENTAL

4.1 SILENCIAMENTO DA LOUCURA: O HOMEM E A ÁRVORE, A MULHER E O TELEFONE

Na fábula oriental do homem e da serpente, que foi citada e analisada por Basaglia (1985), e posteriormente por Amarante (2016) em sua relação com a saúde mental, temos a história do homem que, ao dormir, uma cobra entra por sua boca e se aloja seu estômago. A serpente passa a ditar seus os desejos e ações, tomando-lhe a liberdade. Tempos depois, o animal abandona o corpo do homem que, ao ficar livre da cobra que o controlava, se vê frente ao embate entre uma nova vida de autonomia e o hábito da obediência. A cobra, que ocupava dentro de si um espaço significativo e lhe guiava as ações, ao ir embora, deixa um vazio, um não saber viver, que deve ser aprendido aos poucos. Sobre essa fábula, Basaglia teceu o seguinte comentário:

A analogia entre esta fábula e a condição institucional do doente mental é surpreendente, pois parece a parábola fantástica da incorporação, por parte do doente, de um inimigo que o destrói com a mesma arbitrariedade e a mesma violência com que o homem da fábula foi dominado e destruído pela serpente. (BASAGLIA, 1985, p.132-133)

Em uma analogia com pessoas em sofrimento mental em situação de internação, Amarante (2016) interpreta que a serpente representaria o saber psiquiátrico.

Assim como Basaglia se aproxima da fábula O homem e a serpente para empreender uma reflexão acerca do saber psiquiátrico e das relações de poder que emanam dele, a obra O alienista, de Machado de Assis, publicada em 1882, é amplamente citada em debates brasileiros acerca dos processos de medicalização em saúde mental e a psiquiatrização.

Vasconcelos (2003) endossa as trocas entre literatura e produção científica ao afirmar que, quando buscamos cooperar com dimensões complexas e profundas do ser humano, apenas o discurso acadêmico formal e racional é insuficiente:

O acesso a outras dimensões só pode ser feito de forma metafórica ou simbólica, através do discurso literário, poético ou mitológico, pelas características próprias que apresentam: por sua polissemia (possibilidade de vários sentidos ao mesmo tempo), pelo seu canal direto com a emoção e a imaginação, por constituir um discurso vivo e constantemente retomado, e por estar sempre aberto a novas significações e explorações de sentido. (VASCONCELOS, 2003, p.303-304)

É a partir desta questão e nos espelhando nos exemplos anteriores, que introduziremos a temática da saúde mental a partir de uma breve aproximação com duas produções literárias de Gabriel García Márquez: o livro *Cem anos de solidão* e o conto *Só vim telefonar*. Visamos, por meio dessas obras, introduzir o debate sobre as relações sociais da loucura, em específico da comunicação e da perpetuação de um modelo de silenciamento e violência simbólica historicamente institucionalizado.

Posto isso, em 1967 o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que em 1982 viria a ser premiado com o Nobel de literatura, publicou o romance *Cem Anos de solidão*. O livro se tornou um clássico e colocou o Realismo Mágico no mapa literário mundial, fazendo com que fosse amplamente utilizado tanto na produção literária pós-colonial de países emergentes da América Latina, quanto na literatura do norte global (FARIS, 2022). Na obra, o autor utilizou o realismo mágico para esgarçar a malha da realidade. Através de elementos fantásticos, García Márquez inseriu a fantasia necessária para podermos enxergar em macro os pormenores de histórias complexas. É assim, utilizando como instrumento a ficção, que ele narra o silenciamento da loucura.

No livro *Cem anos de Solidão*, José Arcádio Buendía, o patriarca da família central da narrativa, desde sempre afeito a aventuras e delírios de ciência, passa a se comunicar de forma estranha, em uma língua desconhecida (GARCIA MÁRQUEZ, 2019). Todos pensam que ele finalmente havia enlouquecido. José Arcádio é amarrado a uma castanheira no quintal da casa da família. Em determinado ponto da história, ele passa a ser visitado por Padre Nicanor, que buscava evangelizá-lo.

O seguinte trecho faz parte da narrativa desses encontros ao pé da árvore, onde o Arcádio racionalizava o discurso religioso do padre: “Cada vez mais assombrado com a lucidez de José Arcádio Buendía, [o padre] perguntou a ele como era possível que o tivessem amarrado a uma árvore. *Hoc est simplicissimum* – respondeu – é porque fiquei louco”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2019, p.95)

O assombro do padre ocorre em função da inesperada lucidez de José Arcádio e da descoberta de que a estranha língua, que assustou os familiares e moradores da vila de Macondo, colocando Buendía no lugar de louco incomunicável amarrado a uma árvore, era na verdade latim. O patriarca não falava improperios incompreensíveis frutos de delírios, mas sim outro idioma, a então língua dos cultos e letrados, da ciência que ele tanto admirava. Ainda assim, o patriarca da família permaneceu amarrado à castanheira até a sua morte.

García Márquez voltou a tratar do tema através de uma personagem feminina. É possível encontrar semelhante narrativa sobre loucura, poder e silenciamento em seu conto *Só vim telefonar*, escrito em 1978 e publicado em 1992 na coletânea *Doze contos peregrinos*. Nele, o autor narra a história de Maria de la Luz Cervantes. Após seu carro quebrar em uma estrada, ela pega carona em um ônibus cheio de mulheres para que pudesse telefonar para o marido. Ao final da viagem, ela desce em uma fortaleza de muros altos que descobre ser um manicômio. Ali, mesmo sem um diagnóstico, registro ou prontuário, Maria é tomada como uma das pacientes e não lhe é permitido fazer contato com o mundo exterior. Assim começa sua internação psiquiátrica que perdura anos, mesmo após o contato com o marido, que acredita no quadro de ‘insanidade’ diagnosticado pelos profissionais do local (GARCÍA MÁRQUEZ, 1992). Silenciada, Maria passa a compor a massa de insanas.

O conto retrata as inúmeras violências – físicas, simbólicas e sexuais – a que mulheres em sofrimento mental, e aquelas lidas como tal, são submetidas sob a lógica manicomial. Assim como o latim de Buendía, em *Cem Anos de Solidão*, a constante solicitação de Maria de usar o telefone, frase que dá nome ao conto, é transformada em uma “estranha obsessão”, um sintoma de sua doença mental. Como afirma Basaglia: “mas dentro de uma instituição psiquiátrica existe uma razão psicopatológica para cada acontecimento e uma explicação científica para cada ato” (1985, p.122).

A história de Maria, mesmo envolvendo níveis diferentes de intencionalidade e forma narrativa, se assemelha ao relato jornalístico e autobiográfico de Nellie Bly (2021), que em 1887, aos 23 anos, simulou o próprio adoecimento mental para que fosse internada em um manicômio para mulheres na Blackwell’s Island, em Nova York. Sua intenção era escrever uma série de reportagens que posteriormente seriam publicadas no jornal *New York World*. Em seu relato, Bly (2021) expõe as violências e abusos sofridos por ela e suas companheiras de internação durante o período passado no hospital e destaca os processos de silenciamento e psiquiatrização sofridos por elas. Uma vez internada, ela cessou seus esforços para que fosse vista como louca. Isso não mudou a compreensão que os profissionais do local tinham acerca de sua insanidade e não diminuiu sua condição de silenciada.

E permitam-me dizer uma coisa: desde o momento em que entrei no hospício da ilha, não fiz nenhum esforço para me manter no suposto papel de louca. Falei e agi exatamente como faço no meu dia a dia. Por incrível que pareça, quanto mais eu agia e falava com lucidez, mais louca me consideravam (BLY, 2021, p.23).

Em outro trecho, Nellie cita a fala de um médico frente a sua recusa de dar informações sobre si mesma.

O que estava atrás da mesa abriu um livro e pôs-se a fazer uma longa lista de perguntas que já me haviam feito tantas vezes. Me recusei a responder, e o médico lhe disse que não era necessário continuar me importunando, pois ele já organizara toda a documentação e eu era louca demais para oferecer qualquer informação útil (BLY, 2021, p.48).

Dadas as proporções, liberdades e limitações de uma obra de ficção para retratar a realidade, tomamos as narrativas citadas para pensar a história da loucura. Enxergamos Maria e José Arcádio como possíveis faces ficcionais da opressão, objetificação e instrumentação do silêncio que a realidade da loucura proporcionou, e ainda proporciona, aos sujeitos em sofrimento mental. A partir de suas histórias, é possível fazer análises que nos auxiliam na compreensão de nosso objeto de pesquisa.

No romance *Cem Anos de Solidão* encontramos a metáfora da árvore que aprisiona e isola o louco, mesmo ao ar livre, cobrindo-o com sua razão e silenciando suas palavras. O louco silenciado, desapropriado de suas próprias narrativas, que se sabe louco, mas permanece incompreendido por não se adequar ao padrão da razão. No conto *Só vim telefonar*, a solicitação da protagonista serve de metáfora para o processo de despersonalização pelo qual Maria passa e de suas constantes tentativas de expressar-se, sem, no entanto, ser ouvida e acreditada. Em ambos os casos, uma razão psicopatológica (BASAGLIA, 1985) permeia o tratamento dado a esses personagens.

Tendo em vista essa breve análise e o que ela nos traz, partimos do enlouquecimento de José Arcádio Buendía e da internação de Maria de la Luz para propor uma reflexão sobre a comunicação e a loucura. Através de conceitos trazidos por Chimamanda Ngozi Adiche (2019) e Michael Foucault (2008; 2010), iremos discutir o silenciamento e o apagamento da história das pessoas em sofrimento mental, que vão refletir em suas vivências mesmo no cenário da RPB. Para que tratemos desse tema, iremos primeiramente refletir sobre a loucura, a história e as narrativas sociais.

4.2 A LOUCURA E O PODER DES-HISTORIFICANTE

Como vemos na obra de García Márquez, para pensar a saúde mental, tendo como base a loucura, é necessário considerar o social, superando um conceito puramente biomédico. Tendo isso em vista, deve-se considerar os processos históricos, políticos e sociais que engendraram um quadro de silenciamento, institucionalização e estigmatização (AMARANTE, 2016). Esses processos surgem a partir de relações de poder entre razão e loucura. Esse tema vai ganhar especial importância na obra de Foucault (1996; 2008; 2010).

Sobre a obra de Foucault, Pereira Neto (1998) afirma que o autor acredita que até o século XVII “Loucura e não-loucura, razão e ‘des-razão’ estariam confusamente implicadas” (p. 638). Na Era Moderna, a loucura passa a ser instituída pela doença mental. Após o século XVIII, essas relações são quebradas e a normalidade para de se comunicar com a loucura, colocando-a em um lugar de silêncio.

Na virada do século XVIII, a era de ouro do alienismo, como é chamada por Castel (1978), Philippe Pinel realizou a reforma administrativa do hospital de Bicêtre e, posteriormente, do Salpêtrière, em Paris, que instrumentalizou uma, então, inovadora forma de tratar a loucura. Os processos reformatórios iniciados por Pinel se estruturaram em três instâncias: classificação do espaço hospitalar, organização de doenças mentais e o tratamento moral. Esse terceiro constituía-se como uma forma específica de relação de poder entre médico e louco (CASTEL, 1978). Nessa oportunidade, Pinel criou o conceito de instituições apenas para loucos (AMARANTE, 1996).

Segundo Pereira Neto (1998), Derrida, discorda da Arqueologia do Silêncio realizada por Foucault, tanto por duvidar da possibilidade de se utilizar tal método, quanto por não concordar com o marco histórico pontuado por Foucault. Derrida defende que a ruptura entre razão e ‘des-razão’ teria acontecido antes do século XVIII, sendo, portanto, anterior à antiguidade Greco-romana (PEREIRA NETO, 1998). Visto isso, independente do marco temporal, ambos concordam na existência de um cenário de ruptura e antidiálogo.

Para Foucault (2010), a loucura se constitui como um fenômeno social e que, portanto, só existe na vida em sociedade. Ela tem origem em normas de sensibilidade e, por sua vez, de repulsa que se recusam e fundamentam, em uma lógica de coexistência. Essas normas resultaram nos processos históricos institucionalizados de isolamento e silenciamento. A “ausência de obra” (FAUCAULT, 2010, p.156), construída no tempo histórico que impõe o

silêncio e coloca em destaque a história aprovada e construída pelos poderes vigentes, é para o autor uma das definições gerais e concretas da loucura.

A grande obra do mundo é indelevelmente acompanhada de uma ausência de obra, que se renova a cada instante, mas que corre inalterada em seu inevitável vazio ao longo da história: e desde antes da história, uma vez que ela já está na decisão primitiva, e ainda depois dela, uma vez que ela triunfará na última palavra pronunciada pela história. (FOUCAULT, 2010, p. 156).

Em suma, estabelecida como uma distância, a loucura se constituiria enquanto um vazio na sua relação a razão. Ela é negativa (FOUCAULT, 2008). Essa “ausência de obra” é composta por uma linguagem excluída (FOUCAULT, 2010), ao mesmo tempo em que compõe o status de não-seres dos sujeitos em sofrimento mental. Como afirma Foucault (2010), há uma lacuna de não-comunicação que separa razão e loucura. Os dois opostos permanecem ligados apenas pelos processos abstratos de adoecimento:

No meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há de uma parte o homem de razão, que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, do outro lado, o homem de loucura, que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo e a exigência de conformidade. Linguagem comum não há. (FOUCAULT, 2010, p. 153).

Para Foucault (2010), a linguagem da psiquiatria se estabeleceu como um monólogo da razão sobre a loucura, que só se assenta tendo como base o silêncio (FOUCAULT, 2010). Amarante (2021) corrobora: “a fala do louco era considerada apenas como forma de ouvir sintomas; ausência de discurso” (2021, p.21).

A ausência de obra não seria então um acidente social que sobreviveu à medicalização da internação, mas sim uma escolha frente à necessidade de perpetuação dos discursos detentores do poder, constituindo-se como aprisionamento moral (FOUCAULT, 2008). Segundo Foucault (2008), a razão necessita da loucura justificando sua existência através da insanidade. “[...] o homo psychologicus é um descendente do homo mente captus.” (p. 522).

Quando Foucault (2010) fala da ausência de obra, compreendemos que há uma falha do autor em utilizar a palavra “ausência”, já que conforme defende Paulo Freire (2019): o humano é um ser histórico. O que há, na verdade, não é uma ausência de obra, mas um silenciamento, que, ao ser reiterado e reforçado, põe os indivíduos historicizados em um lugar social de

inexistência e robustece a cultura do silêncio (FREIRE, 1981). Portanto, não há ausência de obra, de história, mas de histórias, múltiplas e plurais, que são silenciadas por relações de poder e pela opressão. Indivíduos aos quais é imposto o antidiálogo e que, submetidos e acostumados a ele, são impedidos de serem ativos em construir e contar as narrativas de suas próprias vidas.

Nesse sentido, é importante destacar que os processos de silenciamento da loucura são influenciados pelo valor social do indivíduo, que é estabelecido também a partir de sua condição socioeconômica, como acredita Basaglia (1985). Em uma leitura acerca das instituições de violência, dentre elas o manicômio, o autor comenta sobre a forma como, durante as internações manicomial, a doença assume significados distintos a depender do nível social do sujeito em sofrimento mental (BASAGLIA, 1985).

Essas características vão, inclusive, influenciar no tipo de relação que se estabelece entre o psiquiatra e o usuário, podendo ser: aristocrático, mutualista e institucional. Essas três possibilidades de relacionamento entre profissional e usuário envolvem respectivamente um decréscimo do poder contratual do sujeito em sofrimento mental. Em seu estado mais crítico, a falta de poder contratual dos sujeitos vai ampliar o poder des-historificante e objetificante da instituição psiquiátrica e a crença em uma passividade patológica e irreversível (BASAGLIA, 1985).

Nesse cenário, a comunicação do cuidado vai se dar de forma limitada, beneficiando uma “realidade invertida” (BASAGLIA, 1985, p.109), onde o problema é principalmente a relação com a doença e não a doença em si. Conforme afirma o autor: “a partir dessas premissas a relação entre o doente e aquele que toma conta dele é forçosamente objetal, na medida em que a comunicação entre ambos ocorre somente através do filtro de uma definição, de um rótulo que não deixa a possibilidade de apelo” (BASAGLIA, 1985, p.109). Posto que, conforme destaca Basaglia (1985), a sociedade delega ao saber psiquiátrico o tratamento e a tutela dos sujeitos em sofrimento mental para que fique ela mesma protegida, sua relação com eles será espelhada por aquela que se estabelece no cuidado.

Trazida ao contexto da desinstitucionalização, entendemos que essa problemática é especialmente importante para esta pesquisa, já que ela envolve sujeitos em sofrimento mental moradores de comunidades de baixa renda. Os sujeitos desta pesquisa têm seu processo de sofrimento mental atravessado por suas características econômicas e sociais. De forma que, mesmo destituídos de sua condição de usuários de um CAPS, eles continuam a ser sujeitos vulnerabilizados. Como afirma Basaglia:

Entretanto, uma vez despido o paciente das superestruturas e das inscrustações institucionais, percebe-se que ele é, ainda, o objeto de uma violência que a sociedade exerceu sobre ele e que continua a exercer, na medida em que, antes de ser um doente mental, ele é um homem sem poder social, econômico ou contratual: é uma mera presença negativa, forçada a ser aproblemática e acontraditória com o objetivo de mascarar o caráter contraditório de nossa sociedade. (BASAGLIA, 1985, p.113)

Portanto, a sociedade que os cerca e o local social desses indivíduos é de extrema importância para entendermos seus processos de sofrimento mental e os fatores que os envolvem. Por isso, Basaglia (1985) defende que um processo verdadeiramente reformatório deve levar em consideração as questões de cunho social atreladas à assistência psiquiátrica, seja considerando as motivações sociais para os adoecimentos ou a pela reintegração integral do sujeito em sofrimento mental à sociedade. O único caminho é através da conservação dos laços do sujeito em sofrimento mental com sua própria história, que é em geral de abuso e violências (BASAGLIA, 1985).

Tendo isso em vista, nos cabe tentar entender de que forma os processos históricos de institucionalização ainda repercutem nesses sujeitos e nos seus processos comunicacionais. Para isso, é necessário ter em vista o seu envolvimento com a manicomialização e o silenciamento da pessoa em sofrimento mental social e economicamente excluída,

É a partir dessa perspectiva que propomos analisar o silenciamento e a des-historização da loucura (BASAGLIA, 1985) e, posteriormente, a proposta da RPB de desvelá-los. Para isso, nos apoiamos no conceito de História Única de Chimamanda Ngozi Adiche (2019). Ao falar da representação do continente africano e de seus nativos na literatura e no imaginário ocidental, Adiche (2019) apresenta o conceito da História Única. Entendemos que, a partir dessa perspectiva, é possível ponderar acerca do objeto proposto nesse trabalho: o sofrimento mental, a comunicação e a tecnologia.

A relação entre saúde mental e História Única foi proposta por Garcia (2017) em sua tese de doutorado. O trabalho tem como tema o direito à comunicação de pessoas com esquizofrenia usuárias do Centro Psiquiátrico Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, participantes do Museu de Imagens do Inconsciente, localizado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS). Tomando como base essa tese, propomos discutir a ideia defendida por Garcia (2017) afim de atualizá-la, ampliá-la e projetá-la para um quadro geral. Para isso, partimos da noção social do sofrimento mental e não de uma psicopatologia específica. Posto isso, começaremos buscando compreender o conceito de História Única de Adiche (2019).

4.3 A HISTÓRIA ÚNICA DOS NÃO-SERES

Segundo Adiche (2019), as Histórias Únicas se constituem como versões reduzidas e simplificadas da realidade, que apagam nuances, possibilidades e perspectivas acerca daquilo que é contado. Essas versões de realidade colocam grupos humanos à mercê de visões reduzidas sobre si, que mantêm uma relação com a coisificação e objetificação do outro. “É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão” (ADICHE, 2019, *Online*). A autora afirma que os processos de coisificação que envolvem a criação de uma História Única estão ligados com o poder. Para Adiche (2019), é ele que define quem, o que, como, quando e quantas vezes uma história é contada. “Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa” (*Online*).

No imaginário fundado pela História Única se formam estereótipos, que são apenas parcela da realidade. “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.” (ADICHE, 2019, *Online*). Através de processos de poder que estruturam histórias únicas coletivas, negros tornam-se violentos, indígenas convertem-se em selvagens, LGBTQIAP+ são definidos como devassos. Nesse movimento, pessoas em sofrimento mental são taxadas de perigosas e incapazes, dentre outros estereótipos comuns que vivenciamos, introjetamos e perpetuamos. Calcados em histórias únicas, todos esses estereótipos acabam por coletivamente colocar em sujeitos, suas vivências e subjetividades a marca da inferioridade.

Tendo isso posto, é possível pensar a história única a partir da ideia alteridade. Eu sou porque você não é. Você é porque eu não sou. O eu e o outro em oposição, configurando a existência que se concretiza na diferença. “A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (ADICHE, 2019, *Online*). Na versão reduzida, simplificada e incompleta do outro, a diferença é a principal característica.

Para Basaglia (1985), a história recente é marcada pelas diferenças de posse e poder:

Tal é a história recente (e, em parte, atual) de uma sociedade organizada a partir da divisão radical entre os que têm (os donos no sentido real, concreto) e os que não têm; da qual resulta a subdivisão mistificadora entre o bom e o

mau, o são e o doente, o respeitável e o não-respeitável. (BASAGLIA, 1985, p.101)

Em face dessa realidade, Franz Fanon (2020), ao refletir sobre o adoecimento mental a partir de uma perspectiva racial e anticolonial, enfatiza que o louco é um elemento anárquico estranho à sociedade. A internação seria então um ato de rejeição. Nesse sentido, caberia ao saber psiquiátrico o papel e o desafio de tornar o louco apto para a vida em sociedade, isso se dá balizado pelo discurso científico.

Nesse sentido, Basaglia (1985) argumenta que a psiquiatria vai colocar o sujeito em sofrimento mental em parênteses, privilegiando uma definição abstrata da doença, e de seus sintomas. “O psiquiatra, em seu diagnóstico, prevalece-se, portanto, de um poder e de uma terminologia técnica para sancionar aquilo que a sociedade já executou, excluindo de si aquele que não integrou o jogo do sistema” (BASAGLIA, 1985, p.125)

Entendemos que o poder que impõe uma história incompleta do outro é o mesmo que oprime aquele sobre o qual se fala e impede que suas narrativas sejam ecoadas e ouvidas. No caso do sofrimento mental, falamos de histórias que se confundem ou limitam a diagnósticos. Séculos de institucionalização contaram ao mundo uma história única da loucura balizada pelo saber e poder psiquiátricos. Uma versão coletiva e indistinta, que promoveu o apagamento de indivíduos, que passaram a ter como existência unicamente o adoecimento mental. Esse processo foi efetivo ao ponto de Foucault (2010) teorizar uma ausência de obra. Os loucos não possuem uma vida anterior, presente ativo ou perspectivas de futuro. Seu único passado, presente e futuro é a não existência da insanidade. É nesse sentido, que a história única da loucura retira a dignidade desses indivíduos, criando não-seres (ADICHE,2019), sujeitos “a-sociais” (FOUCAULT, 2008) estranhos à sociedade (FRANZ FANON, 2020).

Tendo como o exemplo especificamente pessoas diagnosticadas com esquizofrenia, Garcia (2017) afirma que esses sujeitos constantemente se veem frente à história única contada sobre eles. “Assim, sua única história, que foi constituída pelos enunciados que nomeavam, descreviam e explicavam sua doença, segue sendo contada, reforçada e atualizada por outros sujeitos da enunciação.” (GARCIA, 2017, p. 16). Em função dessas relações, esses indivíduos são silenciados e tornam-se sujeitos do enunciado (falados). Sem o devido reconhecimento de suas vivências e identidades, eles se veem tolhidos de seu direito à fala, à saúde e à cidadania. Isso geraria uma “visibilidade negativa” (GARCIA, 2017), tendo como destaque pontos negativos, como a violência, os estigmas e a suposta irracionalidade. Nos veículos de

comunicação, esse movimento tende a gerar uma hipomidiatização de suas narrativas e/ou a hipermediatização de estigmas (RIBEIRO, 2015).

A partir das questões até aqui levantadas, encontramos nas reflexões de Adiche (2019) sobre as visões ocidentais acerca da África e seus habitantes compreensões possíveis da historicidade da pessoa em sofrimento mental e o domínio sobre suas narrativas de vida. Para Porter (1987), a história da loucura é marcada pelas relações de poder a permeiam:

A história da loucura é a história do poder, porque ela imagina poder, a loucura é ao mesmo tempo onipotência e impotência. Requer-se poder para controlá-la. Ameaçando as estruturas normais da autoridade, a doença mental se engaja num diálogo interminável – às vezes um monólogo maníaco – sobre o poder. (PORTER, 1987, p. 54).

Apesar de tratarem objetos diferentes, Adiche (2019) vai convergir com o pensamento de Porter (1987), Fanon (2020) e, especialmente, Foucault (2008). Este último, ao tratar os processos de internação que se iniciam baseados na exclusão de não-seres e que estão na base do pensamento psiquiátrico tradicional e, conseqüentemente, social acerca da loucura, vai defender que mesmo a aproximação entre loucura e razão, que aconteceu na Renascença, ocorreu através da exclusão e silenciamento pela internação. O autor explica que as instituições de internação primeiramente se estruturaram como uma forma de exclusão de anormais, cumprindo um papel autoritário de repressão. Nesses espaços, os loucos, doentes venéreos, homossexuais, devassos, blasfemadores, suicidas e supersticiosos – como adivinhos, mágicos e feiticeiros – eram convertidos em uma massa indistinta de “não-seres” (FOUCAULT, 2008). Essa lógica de exclusão de não-seres não desaparece com a medicalização e a psiquiatrização da loucura, convertendo-se em a-sociais, e vai culminar em uma relação estreita entre a loucura e a anormalidade.

A partir daí que pensamos a conexão entre os dois autores. Nesse sentido, os “não-seres” de Adiche (2019) e os “a-sociais” de Foucault (2008), que dialogam em sua origem de apagamento histórico calcado na opressão, nos permitem estabelecer uma relação com o conceito de “cultura do silêncio” de Paulo Freire (1981; 2019) e dos “ninguéns” de Eduardo Galeano. Em sua poesia, Eduardo Galeano tratou da existência incompleta daqueles que mesmo sendo, não são e não aparecem na história universal. Na mídia ocupam as páginas policiais. Pessoas que, a partir de um quadro de exclusões e apagamentos, “...não são seres humanos, são recursos humanos” (GALEANO, 2002, p.42).

Encontramos ideia semelhante na obra autobiográfica “Diário do hospício”, de Lima Barreto. Nessa obra, ele narra sua internação no Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920. Em suas experiências pessoais e percepções sobre o coletivo, surgem o apagamento e silenciamento do louco dentro das instituições psiquiátricas. Conforme percebido por ele, elas ocorriam em simultâneo a uma massificação das pessoas em sofrimento mental. “Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só” (BARRETO, 2010, p. 67).

Amarante (1996) afirma que a psiquiatria define um estatuto jurídico do doente mental que vai legitimar a condição de pessoas em sofrimento mental enquanto não-cidadãos e não-sujeitos despossuídos de direitos. Fundada no saber biomédico, a ideologia psiquiátrica vai corroborar com o silenciamento e apagamento do sujeito em sofrimento mental.

Entretanto, como defende Freire (2019), a existência não pode ser silenciosa, pois ela se consubstancia na palavra verdadeira.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação- reflexão. (FREIRE, 2019, p.108)

Posto isso, ao tratar da contação de histórias e do compartilhamento de experiências e vivências dentro de sala de aula, Bell Hooks defende que as histórias podem ser ferramentas nos processos de construção de comunidades (HOOKS, 2020). Para a autora, são as histórias que sustentam a vida na comunidade global. “Uma forma poderosa de nos conectar com um mundo diverso é ouvindo as diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são um caminho para o saber. Portanto, elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos contar mais histórias” (HOOKS, 2020, p.94).

Para Hooks (2020), o indivíduo em sua existência está ligado à história e às histórias que conta. “Em vez de supor ‘penso, logo existo’, gosto de pensar que sou porque a história é. As histórias que conto sobre mim constituem o eu em ‘eu, como me vejo’ enquanto narro” (HOOKS, 2020, p.90-91). Nesse sentido, elas são também formas de compreender e superar sofrimentos e dores individuais e coletivas. “Histórias também nos ajudam a cicatrizar” (HOOKS, 2020, p.93).

Por consequência, a formação de uma comunidade passa pelo reconhecimento das diferenças, a descoberta das conexões e a superação do medo, que é alimentado pela opressão e que nasce na cultura do dominador (HOOKS, 2020). Quando falamos de saúde mental, estamos tratando, então, das amarras que surgem com a dominação pelo saber psiquiátrico.

Em consonância com as ideias de Freire (2019) e Hooks (2020), Adiche (2019), ao tratar da literatura, afirma que as mesmas histórias que expropriam e condenam sujeitos, podem ser usadas para capacitar e retomar a humanidade e a palavra, revertendo o apagamento e reparando a dignidade. Ao refletir sobre as histórias e seu poder de construção e desconstrução de estereótipos, compreendemos que é possível estabelecer um diálogo entre esses autores e a RPB a partir de sua proposta de desconstrução paradigmática.

A RPB sugere o protagonismo de pessoas em sofrimento mental em suas próprias vidas, agindo de forma ativa na construção de suas subjetividades e das muitas e múltiplas versões de si. O sujeito que fala de si e é protagonista de sua história tem instrumentos para Ser Mais (FREIRE, 2019). Nesse sentido, a RPB propõe e baliza iniciativas que substancializam a superação da ideia do louco enquanto elemento anárquico estranho à sociedade (FANON, 2020), buscando promover sua integração a ela. Para melhor trabalhar essa questão, analisaremos os processos da RPB, suas potencialidades e consequências para a comunicação em saúde mental.

4.4 REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA (RPB)

Loucura e Saúde mental estão intimamente conectadas em uma linha cronológica de produção sociopolítica e histórica de opressão. Contudo, é necessário refletir sobre como o Brasil, dentro de um contexto geral, saiu de um cenário hospitalocêntrico e fundamentou os processos da RPB. Foucault (2008) afirma que o cenário de exclusão e violência instaurado pelo alienismo e seu modelo manicomial vai permanecer intocado por séculos.

O fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, marcou uma mudança na forma de pensar a dignidade humana. Nesse contexto voltou-se a atenção para os manicômios. As mudanças nesse campo começaram a surgir com os movimentos reformatórios que ganharam força ao longo do século XX (AMARANTE, 2007) e que, a partir de 1960, germinaram em vários países (PEREIRA; AMARANTE, 2017). Para Rotelli, os processos reformatórios empreendidos durante o século XX buscaram negar não só os hospitais enquanto formas de tratamento

biomédico, mas a loucura e o paradigma estabelecido, realizando uma reconstrução da complexidade e das pessoas em sofrimento mental como atores sociais (ROTELLI, 2001).

Amarante (2007) explica que a trajetória da RPB teve início em 1978 com a “Crise da Dinsam” (Divisão Nacional de Saúde Mental). O episódio consistiu em uma greve dos funcionários de quatro instituições do Rio de Janeiro (Centro Psiquiátrico Pedro II – CPII, Hospital Pinel, Colônia Juliano Moreira e Manicômio Judiciário Heitor Carrilho), ligadas do órgão responsável pela saúde mental no Ministério da Saúde. Os servidores protestavam contra a demissão de funcionários e estagiários e denunciavam a situação degradante das instituições.

Com a adesão de outras entidades e instituições, fortalecendo o debate promovido pelos grevistas, formou-se o Movimento dos trabalhadores da Saúde Mental (MTSM), que se propunha a ser um espaço de luta não institucionalizado (AMARANTE, 2013). Seguiram-se uma série de movimentações que estruturaram e pluralizaram a luta pelo fim dos manicômios no Brasil, como a adesão dos familiares, com a criação da Sosintra (Sociedade de Serviços Gerais para a Integração pelo Trabalho), a primeira associação de familiares no país.

Em 1987, menos de uma década depois, no Congresso de Trabalhadores de Saúde Mental, realizado em Bauru, São Paulo, foi criado o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (GULJOR, 2013). Nesse momento também foi escolhido o slogan “Por uma sociedade sem manicômios” e definido o dia 18 de maio como Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Guljor (2013) explica que o movimento é caracterizado por se expandir para a sociedade civil, pela ampla participação de trabalhadores da saúde mental, usuários, sindicatos e entidades representativas.

O final da década de 1980 também foi marcado pelo pioneirismo no campo da gestão e do cuidado, com a fundação de projetos que se estruturaram para implantação de um novo modelo de tratamento mental no Brasil. Um deles foi o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Professor Luiz da Rocha Cerqueira, criado em São Paulo em 1987, o primeiro desses dispositivos no Brasil (TENÓRIO, 2002; GULJOR, 2013; AMARANTE, 2021). Outro exemplo foi a implantação da “Rede substitutiva” (AMARANTE, 2021, p.46) em Santos, tendo como destaque a criação do Núcleo de Atenção Psicossocial (NAPS)

Essas e outras mobilizações resultaram no Projeto de Lei N° 3.657/1989 do deputado federal Paulo Delgado (DELGADO, 1989), que após anos de luta e sofrer alterações no texto original, culminou na promulgação da Lei n° 10.216, de 6 de abril de 2001 (BRASIL, 2001). A chamada Lei da Reforma Psiquiátrica “Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental”

(BRASIL, 2001) e busca garantir tratamento digno para pessoas em sofrimento mental no Brasil.

A RPB propôs mudanças profundas na assistência em saúde mental no Brasil e, também, no paradigma vigente (AMARANTE; TORRE, 2017). Guljor (2016) divide o processo contínuo e não linear da RPB em três fases: radicalização, período institucionalizante e desinstitucionalização. Esses períodos se caracterizam da seguinte forma:

- 1) Um primeiro período de questionamentos, lutas sociais e experiências inovadoras que denominaremos período de radicalização;
- 2) Um segundo período institucionalizante das políticas públicas com o início da construção de um arcabouço legislativo específico e;
- 3) O terceiro período voltado para estratégias de desinstitucionalização ao mesmo tempo em que permeado pelos impasses consequentes à reorientação do modelo assistencial; (GULJOR, 2013, p.121-122)

A RPB propõe a desconstrução do modelo manicomial para a construção de um novo modelo calcado na desinstitucionalização, aos moldes da Psiquiatria Democrática Italiana. Liderada por Frango Basaglia, esse modelo defendeu a desmanicomialização do sistema italiano de Saúde e promoveu a aproximação entre pessoas em sofrimento mental e a sociedade (AMARANTE, 2007). Tanto na Itália quanto no Brasil, essa perspectiva permite a invenção de “novas perspectivas de vida e subjetividade” (AMARANTE, 1996, p.31), modificando as experiências da loucura.

Para Amarante (2021), o principal objetivo da RPB não é o tratamento humano de pessoas em sofrimento mental, mas a construção de um novo lugar social para esses sujeitos. Conforme pontua Vasconcelos (2021a), os processos reformatórios do campo da saúde mental no Brasil têm se distanciado de uma abordagem negativa, centrada unicamente em denúncias acerca de violações de direitos. Através de um posicionamento ativo e propositivo, a RPB vem se consolidado a partir de uma abordagem positiva.

Dita de outra forma, trata-se de um processo que busca intervir no campo das relações da sociedade com a loucura, transformando tais relações, por um lado, através de práticas contra a exclusão e, por outro, de estratégias de inclusão social dos sujeitos. Trata-se de um processo que tem como princípios éticos a inclusão, a solidariedade e a cidadania (AMARANTE, 2021, p.17).

É a partir dessa trajetória de desinstitucionalização política, teórica e prática e dos processos reformatórios que se seguiram que foi construído o atual conceito de saúde mental. Amarante (2007) compreende saúde mental enquanto uma área complexa e extensa de

conhecimentos, atravessada por múltiplos saberes que dão a ela um caráter plural, intersetorial e transversal. Nesse sentido, a psiquiatria é apenas uma área presente nesta vasta área do conhecimento. Assim, no seu entender, a “saúde mental não é apenas psicopatologia, semiologia [...], ou seja, não pode ser reduzida ao estudo e tratamento das doenças mentais” (AMARANTE, 2007, p. 19). Dessa forma, a seu ver, a saúde mental não estaria restrita à dimensão biológica, mas sim à atenção psicossocial.

Nesse contexto de reformulação e ampliação do cuidado em saúde mental no SUS a partir da atenção psicossocial, após 1992, o termo “usuário” passou a ser utilizado para designar pessoas em sofrimento mental. Apesar de ainda causar estranheza no público em geral, por se confundir com usuários de álcool e drogas, a expressão usuário propõe se distanciar da passividade induzida pelo termo paciente (VASCONCELOS, 2021c). No mesmo sentido, adotou-se o termo sofrimento mental para substituir o termo paciente e ocupar o lugar social de expressões como loucura, transtorno mental, insanidade etc. (VASCONCELOS, 2021b; 2021c). Essas substituições significam não apenas mudanças de linguagem, mas também demarcações políticas, epistemológicas e culturais.

Amarante (2007) explica que a RPB tem sido qualificada enquanto “processo social complexo” (p.17). O que significa que “(...) se trata de um processo dinâmico, plural, articulado entre si por várias dimensões que são simultâneas e que se intercomunicam, se retroalimentam e se complementam” (AMARANTE, 2021, p.17-18). Sendo assim, ela se estrutura a partir de quatro dimensões: jurídico-política, epistemológica ou teórico-conceitual, técnico-assistencial e sociocultural.

A dimensão jurídico-política trata da questão dos indivíduos em sofrimento mental enquanto sujeitos de direitos e, portanto, cidadãos. Nessa dimensão, através da “cidadania, emancipação, reconhecimento, participação social e cidadania” (AMARANTE, 2021, p.22), rompe-se com o paradigma da psiquiatria tradicional. Neste, essas mesmas pessoas eram dignas unicamente de curatela e vítimas de violações de direitos.

Por sua vez, a dimensão epistemológica ou teórico-conceitual envolve as críticas epistemológicas fundamentais do campo, incluindo a medicalização e a patologização da vida. Nela se inscrevem as discussões acerca do saber psiquiátrico, partindo do conceito de loucura, até o atual entendimento de transtorno mental, passando por todas as noções que permearam a história da loucura (AMARANTE, 2021). Nessa dimensão também são debatidas a função do hospital psiquiátrico e as relações que envolvem profissionais de saúde, a sociedade no geral e pessoas em sofrimento mental.

Influenciada pela dimensão epistemológica, a técnico-assistencial centra-se nas questões relativas aos modelos de cuidado, passando pela idealização de novos dispositivos de atenção psicossocial e serviços. Também são compreendidas as demandas de serviços e os tipos de tratamento oferecidos. (AMARANTE, 2021). Essa dimensão é fundamental para pensar os serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico.

Conforme discute Amarante (2007; 2021), é na dimensão sociocultural que se estrutura a proposta de novas relações sociais da loucura. Segundo o autor:

Um dos princípios fundamentais adotados nesta dimensão é o envolvimento da sociedade na discussão da Reforma Psiquiátrica com o objetivo de provocar o imaginário social a refletir sobre o tema da loucura, da doença mental, dos hospitais psiquiátricos, a partir da produção cultural e artística dos atores sociais envolvidos (usuários, familiares, técnicos, voluntários) (AMARANTE, 2007, p. 73).

Se, por um lado, no paradigma psiquiátrico os afetos são articulados a partir da compreensão do louco como estranho à sociedade (AMARANTE, 2021), conforme teorizou Fanon (2020), essa noção reverbera no “modelo assistencial tradicional” (ALVES; GULJOR, 2013, p.225); em contrapartida, na dimensão sociocultural da RPB, o afeto vai guiar novas percepções acerca dos sujeitos em sofrimento mental. “Os afetos procuram se voltar para a inclusão, o reconhecimento do outro, da singularidade e da diversidade” (AMARANTE, 2021, p.25).

À vista disso, a superação do paradigma biomédico dominante só é possível se sairmos do território unicamente psiquiátrico. Amarante (1996; 2021) defende que a sociedade deve participar dessa solução. Para isso, três linhas de atuação se destacam na dimensão sociocultural da RPB. “1. A participação social e política de todos os atores sociais envolvidos no processo; 2. as iniciativas de trabalho, geração de renda e cooperativismo social; e, 3. os projetos artísticos-culturais nos quais participam usuários e outros profissionais” (AMARANTE, 2021, p.24)

Essas linhas de atuação devem ser compreendidas à luz do entendimento de que todas as dimensões da RPB se interligam e atravessam para a construção de uma nova e mais humana realidade. É nesse sentido que buscamos compreender o papel da comunicação e das NTICs nos processos da RPB. Entendemos que é nas dimensões epistemológica e, principalmente, sociocultural que comunicação e tecnologias digitais se mostram mais potentes.

No âmbito teórico-conceitual, a comunicação e a apropriação tecnológica podem contribuir com novos entendimentos de conceitos e noções que permeiam ou fundamentam o campo da Saúde mental. Por sua vez, na dimensão sociocultural, elas podem se estabelecer enquanto dispositivos de cuidado, autoexpressão e produção de vida promovendo o empoderamento, o protagonismo e a autonomia dos sujeitos. Nesse sentido, comunicação e NTICs têm potencial de ampliar a aproximação e inserção dos sujeitos em sofrimento mental na sociedade, criando pontes através do diálogo por meio de diferentes linguagens.

Nesse contexto, a comunicação, e o conseqüente uso das NTICs, pode cumprir um papel empoderado. Ela é um elemento constituinte das sociedades humanas. Para nós, as manifestações e ações culturais podem desempenhar um papel importante na reinserção social de indivíduos excluídos na sociedade. Comunicação e Cultura podem facilitar a entrada desses segmentos nos movimentos sociais.

É a partir das questões aqui levantadas acerca do histórico de opressão e silenciamento de pessoas em sofrimento mental e os avanços da RPB, que buscamos nas NTICs possibilidades para estruturar processos comunicativos pedagógicos nos dispositivos de cuidado em sociedade. Para isso, propomos pensar a interface entre comunicação e saúde mental.

4.5 SAÚDE MENTAL E COMUNICAÇÃO

A RPB propõe discutir e criar conceitos, serviços e mecanismos sociais que proporcionem não só a desospitalização, mas também a inclusão social, a promoção da cidadania e da autonomia de pessoas em sofrimento (AMARANTE, 2021). Entendemos que um processo mais completo e natural de inclusão social e empoderamento, ou emancipação, de usuários pode ser potencializado através da comunicação. Esse potencial é reconhecido por instrumentos legais de regulação de direitos.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1948, garante a todo e qualquer indivíduo a liberdade de expressão e opinião, bem como o direito à informação. Nas décadas seguintes à declaração, o reconhecimento das necessidades de populações em situação de vulnerabilidade levou a um processo de ampliação de direitos a pessoas em sofrimento mental. Isso incluiu o direito desses sujeitos à informação e à comunicação.

No âmbito global, são exemplos os Princípios para a Proteção de Pessoas Acometidas de Transtorno Mental e a Melhoria da Assistência à Saúde, fruto da Assembleia Geral da ONU,

de 17 de dezembro de 1991. Também a convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU, de 2007, aprovada como Decreto n° 186, de 09/07/2008. Ao âmbito nacional, a mais importante é a Lei n° 10.216, que ficou conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica. Com relação à comunicação, esta última estabelece que é direito da pessoa em sofrimento mental “ter livre acesso aos meios de comunicação disponíveis” (BRASIL, 2001, *online*).

Apesar de ainda pouco reconhecida no campo das lutas da saúde mental, a Lei n° 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (LBI ou Estatuto da Pessoa com Deficiência) (BRASIL, 2015) é ainda mais enfática quanto à importância da comunicação. Essa lei é explícita quanto à comunicação de pessoas com deficiência como direito.

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico. Esses e outros dispositivos legais preveem liberdade de acesso desse grupo vulnerável à informação e garantem sua liberdade de expressão e opinião (BRASIL, 2015, *online*).

Esse entendimento também é compartilhado por profissionais e gestores dos instrumentos da RAPS. Desde o final da década de 1980 são desenvolvidos no Brasil projetos que utilizam a comunicação como ferramenta de promoção da autonomia e da cidadania de pessoas em sofrimento mental. Eles organizam o cuidado e a promoção da cidadania a partir da compreensão de veículos de comunicação enquanto espaços de fala. O primeiro exemplo de iniciativas dessa natureza é o Projeto Tam Tam, que abarca uma rádio e uma televisão de mesmo nome, e foi iniciada em 1989 na Casa de Saúde Anchieta em Santos (FORTUNA; OLIVEIRA, 2013; ALVES; GULJOR, 2013; AMARANTE, 2007;2021).

Outro exemplo é a TV Pinel, desenvolvida desde 1996 no Instituto Philippe Pinel no Rio de Janeiro (ARAÚJO; NABUCO, 2013; ALVES; GULJOR, 2013; AMARANTE, 2007;2021). Dois exemplos mais recentes são a Rádio e a TiVi Piraí, coletivo de comunicação e saúde mental criado em 2013. Elas são formadas por usuários de diferentes dispositivos de

saúde mental de Juiz de Fora (SOARES, 2021; 2022). São muitos os exemplos: a TV Parabolinoica em Belo Horizonte, Rádio Antena Virada em Paracambi, Rádio Maluco Beleza em Campinas, dentre outros (AMARANTE, 2021; MOREIRA, 2011). Alguns desses nasceram no analógico, mas acabaram sendo transferidos para o digital ou tiveram seus conteúdos espelhados em sites, blogues e redes sociais.

Os benefícios de projetos dessa natureza na RAPS se dão em diferentes dimensões da vida dos usuários participantes. Para Soares (2022; 2021), projetos dessa natureza, que vão se estruturar enquanto trabalho imaterial, trazem alguns benefícios atrelados ao processo laboral e criativo de produção do conteúdo. Dois deles são a possibilidade de engajamento dos usuários envolvidos com temáticas envolvendo a saúde mental, o fortalecimento de sentimentos de “pertencimento” e o incentivo à participação grupal (SOARES, 2004; 2022; 2021). Também é de grande importância a geração de novas vias de compreensão e a produção de subjetividade para os sujeitos envolvidos.

A criação de uma estrutura comunicacional nas práticas do associativismo/cooperativismo, que intermedeia o trabalho nos grupos da saúde mental, pode construir um espaço vivo de possibilidades, de comprometimento com o real histórico dos seus integrantes e de identificação destes às causas relativas ao campo da saúde mental. É pertinente a aposta de que o potencial da linguagem, a busca de sentido no fazer cotidiano, a implicação e o engajamento de cada um, a sua maneira, diante de um fazer escolhido, possam representar um importante via de subjetivação. (SOARES, 2022, p.41)

Nesse sentido, guiadas pelas prerrogativas antimanicomiais da inclusão social e de promoção da autonomia e indo além das mídias enquanto instrumento, a linguagem tem um lugar central nas experiências de comunicação comunitária no campo da saúde mental. “...É de grande relevância o uso do potencial da linguagem, como alternativa de abarcar a particularidade dos sujeitos aí envolvidos, atribuindo a estes a possibilidade de se posicionarem, de modo próprio, enquanto sujeitos ativos na reelaboração do sofrimento e na reinvenção da vida” (SOARES, 2021, p.759)

Assim sendo, além da inclusão social e incentivo da autonomia dos usuários, para Soares (2021), outro benefício é a possibilidade de utilizar os meios de comunicação enquanto instrumentos de autoexpressão tendo como foco a linguagem. Nesse caso, através de mídias comunitárias, é possível negociar sentidos sociais envolvendo a saúde mental e reconstruir identidades plurais (SOARES, 2004).

O dispositivo comunicacional, no contexto da desinstitucionalização, se constitui como uma importante ferramenta de negociação do lugar social do portador de sofrimento mental. A utilização de mídias alternativas (rádio e TV comunitárias) como formas de comunicação desta minoria e a invenção de novos sentidos e dispositivos de expressão singular podem representar uma via diferenciada de operar frente à massificação estética e ideológica de padronização, homogeneização e segregação na sociedade (SOARES, 2021, p.759/760)

Segundo Soares, (2021) esses canais de fala e escuta e os procedimentos que envolvem sua produção vão destacar diferentes possibilidades para o exercício do protagonismo do usuário, a promoção de sua cidadania e a garantia de direitos. Posto isso, eles apresentam potencial para ampliar as discussões e as pautas da luta antimanicomial (SOARES, 2021) e, conseqüentemente, da RPB enquanto processo político e social.

Como defendem Alves e Guljor (2013): “As iniciativas pautadas nos princípios da Reforma Psiquiátrica devem contemplar intervenções voltadas para a desconstrução da linha imaginária que restringe a população portadora de transtornos mentais aos guetos “alternativos” de expressão” (p.236).

São muito os exemplos positivos de experiências comunicacionais envolvendo pessoas em sofrimento mental no bojo do SUS, como os citados acima. Entretanto, ainda são escassas as experiências criadas pensando no digital e materiais tratando do uso da internet com e por usuários dos dispositivos de saúde mental da RAPS. Acreditamos que isso ocorra principalmente porque a articulação da comunicação enquanto instrumento de cuidado e promoção da saúde mental ainda é focada em um modelo de mídia de massa. Durante as pesquisas para esta tese foram encontrados poucos projetos que envolveram o modo de fazer e pensar das NTICs. Mesmo aquelas experiências que se dão estritamente no digital e a partir de seus modos de produção digital, como é o caso do projeto Oficinando em Rede (MARASCHIN; FRANCISCO; DIEHL, 2011) e o trabalho de Bittencourt e Francisco (2013), disponibilizam poucas informações sobre o conteúdo produzido, focando nos processos terapêuticos envolvidos.

A Internet vem sendo entendida como uma alternativa para a inclusão de indivíduos em situação de vulnerabilidade e com deficiência (LUPTON,2015) que, no ambiente virtual, podem encontrar maior liberdade para se expressar entre iguais. A possibilidade de anonimato, juntamente com a proximidade com indivíduos com dificuldades semelhantes geram uma

relação de identidade, produzindo em uma parcela de indivíduos vulneráveis o sentimento de pertencimento (RAMOS; PEREIRA NETO; BAGRICHEVSKY, 2011).

O “Manual de Direitos e Deveres dos Usuários e Familiares em Saúde Mental e Drogas”, realizado com pelo Projeto Transversões da Universidade Federal do Rio de Janeiro (VASCONCELOS et al, 2014) é um dos pioneiros em tratar do tema no Brasil. O Manual defende a informação como direito dos usuários, sendo dever dos instrumentos da RAPS garanti-la:

Os serviços abertos têm como princípio garantir o acesso a visitantes a todos os usuários, e assegurar-lhes o direito a todo tipo de informação e a todos os meios de comunicação, sem censura, inclusive à capacitação para o melhor uso dos mesmos tanto pelos próprios usuários como a seus familiares (VASCONCELOS et al, 2014, p.48).

Tendo em vista a dimensão sociocultural da RPB e os projetos aqui citados, compreendemos que uma aproximação entre os campos da Saúde Mental e da Comunicação podem gerar uma série de benefícios em quatro entrâncias. Primeiramente, na relação com os profissionais atuantes no cuidado em saúde mental, é um caminho possível para a simplificação do discurso médico científico. O que pode beneficiar as relações com usuários, familiares e sociedade em geral. Para usuários, essa aproximação pode contribuir com seu protagonismo, promoção de cidadania e direito (SOARES, 2021). Para os veículos de mídia, pode significar maior qualidade da informação e representatividade nos conteúdos veiculados. Por fim, para a sociedade, a consequência seria a potencialização e a pluralização do debate acerca da saúde mental de forma geral.

Em contraste com essas possibilidades, a manutenção do distanciamento entre os dois campos pode fomentar a desinformação e a manutenção de estereótipos e preconceitos acerca de pessoas em sofrimento mental. Como resultado secundário dessas consequências estão as possíveis dificuldades de cidadãos em buscarem tratamento mental, quando necessário, e maior susceptibilidade à medicalização acrítica em saúde mental. Não devemos esquecer que a desinformação pode levar a um distanciamento da sociedade com o tema. A limitação no debate sobre políticas públicas incide, ainda, no risco de retrocesso nos processos da RPB sem que a sociedade compreenda suas implicações.

Com efeito, as NTICS se mostram como instrumento para a democratização do debate sobre saúde mental e fortalecimento da relação entre os dois campos. Através do uso das NTICs por profissionais atuando nos dispositivos de saúde mental, usuários e familiares, é possível

criar condições para facilitar o acesso à informação. Agregar mais vozes, promovendo a participação popular é uma forma de aproximar a sociedade do tema. Construir canais e redes autônomos, cortando mediadores, pode criar pontos de encontro e troca de conhecimento entre usuários e a sociedade, inclusive na grande mídia. Porquanto, desenvolver habilidades tecnológicas e facilitar o acesso à internet são formas de promoção da inclusão digital e social de pessoas em sofrimento mental.

Em virtude disso, Vasconcelos et al. (2014) vão tratar da relação de usuários e familiares com NTICs a partir de suas potencialidades para socialização e deficiências de acesso e literacia/letramento digital:

A utilização da Internet pelos usuários e familiares da saúde mental do Brasil tem se dado desde os primeiros anos da década de 2000. Esse uso possibilita estreitar laços pessoais, diminuir distâncias, trocar informações otimizar decisões coletivas e organizar encontros. No entanto, na rede pública de saúde mental e atenção psicossocial, a maioria absoluta dos usuários e familiares não sabem utilizar o computador e a Internet, e/ou têm dificuldades para acessá-los. (VASCONCELOS et al, 2014, p. 202)

A relação do letramento/literacia e o uso da NTICS por pessoas em sofrimento mental usuárias de CAPS e moradoras de comunidades de baixa renda é um pilar deste trabalho. Entretanto, em nossas pesquisas não foram encontrados dados acerca do uso de internet por usuários de CAPS no Brasil, isso também exclui dados sobre um possível não uso. Tendo isso em vista, foram utilizados como norteadores os dados gerais sobre o uso de internet no Brasil. Características sociodemográficas prevalentes nessa população, como baixo poder econômico e baixa escolaridade (OLIVEIRA et.al., 2017; OLIVEIRA et al.,2014; PASSOS DE OLIVEIRA et al., 2017; TREVISAN; CASTRO, 2017) nos últimos anos estiveram ligadas a menores índices de uso de internet (IBGE, 2017). Isso aponta uma maior chance de encontrar taxas de uso de internet baixas entre essa população.

Mesmo nesse cenário de uso de internet por usuários, no contexto pandêmico se multiplicaram grupos de apoio mútuo online, como observam Vasconcelos e La Cerda (2021). Os autores explicam que, durante o período de isolamento social, grupos de *WhatsApp* foram utilizados para dar continuidade a ações de suporte mútuo entre usuários em serviços de saúde mental pelo Brasil (VASCONCELOS; LA CERDA, 2021). Apesar de não abordar a produção de conteúdo, a partir dessas experiências, Vasconcelos e La Cerda (2021) recomendam as estratégias de ampliação da defesa da inclusão digital e aparelhamento tecnológico dos dispositivos de saúde mental. Como no trecho abaixo:

C.1) Assumir a inclusão digital como parte dos direitos de cidadania, e como bandeira de luta importante não somente para os movimentos de reforma psiquiátrica e luta antimanicomial em todo país, como também para a rede pública de saúde mental;

C.2) Recomendar às redes de saúde mental do país disponibilizarem em seus serviços computadores, telefones celulares e acesso de qualidade à internet aos seus serviços, com serviços de *wi-fi*, ou ainda, de forma mais imediata, a compra de chips institucionais de telefone celular para serem usados nos aparelhos pessoais de profissionais e facilitadores de grupos, desde que tenham acesso a algum serviço de *wi-fi*, não exigindo, portanto, fazer uso de seus números pessoais (VASCONCELOS; LA CERDA, 2021, p.304).

Tendemos a concordar com Vasconcelos et al. (2014). O projeto analisado nesta pesquisa dá-se, necessariamente, em função das potencialidades e lacunas elencadas por eles. Da mesma forma, concordamos com Vasconcelos e La Cerda (2021) em uma defesa mais ativa do uso das NTICs nos movimentos sociais e serviços de saúde mental. Cabe salientar que essas propostas estão inseridas no contexto da desinstitucionalização e da “superação do aparato manicomial” (AMARANTE; ROTELLI, 1992, p.53) presentes no processo da RPB (GULJOR; AMARANTE, 2018).

É balizado pela RPB, que Vasconcelos et al. (2014) propõem as NTICs e a comunicação enquanto dispositivos de inclusão social e de cuidado. Em oposição ao sujeito em sofrimento mental entre parênteses (BASAGLIA, 1985), o “Eu quero entrar na rede” tomou como base a ideia da doença entre parênteses. Sobre essa questão, ele explica:

Colocar a doença entre parênteses não é negar sua existência nem afirmar que não exista algo que produza dor, sofrimento ou mal-estar. A doença entre parênteses opera a ruptura com os aspectos epistemológicos, científicos, legislativos, administrativos e culturais, assim como com as relações de poder estruturadas em torno da doença mental”. (MEZZA, TORRENTÉ, 2020, p.244)

Nesse sentido, o foco sai da submissão e da passividade do sujeito, do sofrimento, do estigma e das histórias de dor, histórica e socialmente estabelecidos pelos processos de institucionalização e que, mesmo com a desinstitucionalização, continuam a povoar o imaginário social. Ainda que nas últimas décadas, principalmente após a promulgação da Lei da Reforma (BRASIL, 2001), o estigma com relação ao sofrimento mental e o preconceitos com os sujeitos em sofrimento mental tenham sido combatidos, eles ainda persistem. Eles continuam a contribuir para que esses sujeitos sofram com a invisibilidade social e vivenciem

diferentes tipos de exclusão, principalmente no que tange ao trabalho, à família, ao convívio em sociedade e no exercício político (LEÃO; BARROS, 2011).

Em contraponto a isso, Portugal, Mezza e Nunes (2018) afirmam que a doença entre parênteses, conforme sublinhada por Basaglia, propõe precisamente “produzir a ruptura com uma ação que apassiva e dociliza corpos, que exclui das interações sociais, dos direitos e da cidadania, e que, perante aqueles que demandam – ou não – cuidados, responde com um projeto preestabelecido e marcado pela tutela” (p.15). Em seu lugar, ganham luz os usuários, suas vivências e experiências, relações sociais e seu estar no mundo para além do CAPS, em um movimento de empoderamento do usuário e de construção de novas narrativas de vida.

Entendemos que os CAPS e sua relação com os territórios e a sociedade são fundamentais para o desenvolvimento de atividades como as do projeto “Eu quero entrar na rede”. Em vista disso, falaremos brevemente sobre o complexo de Manguinhos, o contexto do CAPS Magal.

4.6 CAPS-MAGAL E MANGUINHOS

Ao refletir sobre o processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira, Guljor e Amarante (2018) explicam que ele vai além da superação do paradigma e do modelo manicomial de assistência, trazendo em seu cerne um projeto de sociedade. Dentro dessa proposta, serviços complementares substitutivos do modelo manicomial foram criados e fortalecidos, sendo os CAPS pontos centrais.

Souza (2015) esclarece que, no cenário da RPB, os CAPS se apresentam como “dispositivos estratégicos para a mudança do modelo hospitalar” (p.53). Esse dispositivo é definido pelo Ministério da Saúde como um ambiente que oferece “serviços de saúde de caráter aberto e comunitário constituído por equipe multiprofissional e que atua sobre a ótica interdisciplinar e realiza prioritariamente atendimento às pessoas com sofrimento ou transtorno mental” (BRASIL, 2015). Os CAPS são hoje a porta de entrada de pessoas com sofrimento mental que procuram o SUS, principal ligação com a “Rede de Atenção à Saúde” (RAS) e espaço prioritário da reabilitação psicossocial, em oposição ao modelo não asilar até então predominante no Brasil.

O CAPS congrega uma equipe multiprofissional, constituindo lugar de interlocução de vários saberes e conhecimentos. Situa-se na comunidade e, portanto, deve estar aberto a seus problemas e contar com recursos. Esse é o conceito de CAPS como lugar no território – ao mesmo tempo, instrumento

político de difusão de determinada forma de cuidar e um serviço potente em si (ALVES; GULJOR, 2013, p.232).

Nesse sentido, o CAPS deve ser pensado como “conceito operacional” (ALVES; GULJOR, 2013, p.233). Ele é situado pelo SUS enquanto organizador do cuidado em saúde mental no território e serviço substitutivo dos dispositivos manicomial. Assim como os demais dispositivos propostos pela RPB, os CAPS não devem se estruturar como espaços que ofertam unicamente tratamento tradicional, mas sim “(...) abarquem estruturas que permitam alavancar as relações com o outro, com a sociedade, são processos hoje em curso. O lazer, a música e os meios de comunicação configuram instrumentos dessa estratégia” (ALVES; GULJOR, 2013, p.236).

O CAPS-Magal está localizado na comunidade de Manguinhos e é um desses dispositivos. Sua criação foi fruto da luta comunitária e de profissionais da saúde atuantes no território, que mais à frente neste trabalho será contada com uma de suas participantes. Ele atende a cidadãos residentes nas regiões de Manguinhos, Maré, Benfica e Tuiuti – bairros localizados na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Tomando como base a Geografia Crítica, Furtado et al. (2016) vão pensar o território a partir de relações de poder que se estabelecem através e por meio dele. “O conceito de território implica a consciência de que o poder sempre se exerce em determinado espaço e por meio dele, seja um Estado-nação, sejam territórios menos evidentes, como aqueles do tráfico de drogas ou da indústria imobiliária de luxo” (FURTADO et al., 2016, p.2). É nesse sentido que propomos pensar Manguinhos enquanto espaço de sociabilização e território de lutas.

Manguinhos foi demarcado como bairro em 1988 através do decreto municipal N° 7.980, de 12 de agosto de 1988 (TRINDADE, 2012). O bairro recebe esse nome em função de ocupar de Mangue que foi aterrada ao longo do século XX (TRINDADE, 2012). Entretanto, para compreender seu território, é necessário ter em mente uma série de implicações de naturezas variadas.

A análise histórica de ocupação e evolução urbana dessa região, como veremos, tem limites diversos daquele determinado pelo decreto de criação de bairro, dependendo da denominação atribuída à localidade – Bairro ou Complexo de Favelas –, da definição de pertencimento dos moradores e/ou da abrangência das políticas públicas ali operadas. (TRINDADE, 2012, P.18)

Posto isto, Trindade (2012) propõe a delimitação do território de Manguinhos da seguinte forma:

Compreende-se entre a Avenida Brasil, Avenida dos Democráticos e Linha Amarela e o Ramal da Linha Ferroviária de Minério do Arará. É cortado pelos rios Faria Timbó, Jacaré e Canal do Cunha, pela rua Leopoldo Bulhões e a linha de ferro que opera no ramal Saracuruna, ligando o centro da cidade à Região Metropolitana do Rio de Janeiro (TRINDADE, 2012, p.18)

Até o início do Século XX, Manguinhos contava com uma baixa ocupação, composta principalmente pelo Departamento de Suprimentos (D-SUP), quartel do exército e pelo Instituto Soroterápico, que posteriormente, em 1908, passou a se chamar Instituto Oswaldo Cruz. Ocorrendo desde 1910, é a partir da década de 1940 que a ocupação da região para moradias se intensificou (TRINDADE, 2012). Primeiramente, ocupado por trabalhadores das instalações próximas, ao longo das décadas seguintes Manguinhos passou a ter uma ocupação intensa e desordenada devido a diferentes fatores, como a construção da Avenida Brasil, a industrialização de regiões próximas, o sequente abandono do parque industrial etc., (TRINDADE, 2012).

Nas décadas seguintes, impulsionado pela falta de poder público atuante no território, Manguinhos passou a ser ocupada de forma espontânea e desordenada (SOARES, 2010). Houve um aumento da população, a precarização das condições de vida e o aumento da violência. Entre 1980 e 1990, houve também um aumento do desemprego, que ocasionou uma maior informalização do trabalho entre os moradores da região, que refletiu o cenário nacional (TRINDADE, 2012).

A configuração de ocupação da área apresenta uma disposição altamente complexa, marcada por diferenças ambientais e socioeconômicas, embora em um ambiente cujo denominador comum é a baixa renda, jovens sem escola e sem trabalho, a violência e a ausência de serviços públicos (BODSTEIN et al, 2004, p.599).

Essa trajetória histórica e a configuração complexa ajudaram a delimitar o complexo de Manguinhos que encontramos durante a realização do projeto “Eu quero entrar na rede” e desta pesquisa. Localizado na zona norte do Rio de Janeiro, onde em 2010 viviam 27,3% da população moradora de favela da cidade (CAVALLIER; VIAL, 2012), o Complexo de Manguinhos é um conjunto de comunidades populares que reúne cerca de 36 mil habitantes em quase 11 mil domicílios (TEIAS ESCOLA MANGUINHOS, 2023c). Eles estão distribuídos em 12 favelas (GULJOR et al, 2022). Conforme lista Trindade (2012) são elas:

Parque Oswaldo Cruz/Morro do Amorim/Amorim; Parque Carlos Chagas/Varginha; Parque João Goulart; Vila Turismo; Centro de Habitação Provisória 2 (CHP2); Vila União; Conjunto Néelson Mandela; Conjunto Samora Machel; Comunidade Mandela de Pedra; Conjunto Samora II/Embratel; Comunidade Vitória de Mangueiros/Conab; Comunidade Embratel/Nova Mandela (TRINDADE, 2012, p.47).

Bueno e Lima (2010) destacam que as condições de vida dos moradores do Complexo de Mangueiros são desfavoráveis em função de uma série de fatores sociais, econômicos, ambientais, políticos etc., que afetam esses sujeitos.

O cotidiano nos territórios de favelas de Mangueiros se caracteriza por violento controle social exercido sobre a maioria de seus moradores; violação de direitos civis e políticos por aparelhos de coerção públicos e privados; pouco acesso a direitos sociais (acesso à educação, saúde/ambiente, habitação, etc.); alto desemprego e precarização acentuada do trabalho; baixa escolaridade e acesso restrito à saúde pública; condições ambientais deterioradas; população empobrecida, desprovida também de capital cultural e social; políticas públicas assistencialistas e paternalistas; cultura de massa incentivando ação individualista e fragmentada; criminalização do território. (LIMA; BUENO, 2010, p.14)

O rendimento domiciliar *per capita* é menor que um salário-mínimo. Apesar das obras públicas realizadas pelos governos estadual e federal na região e a presença de grandes instituições públicas e privadas nas proximidades do Complexo, os problemas são bastante presentes. Rios poluídos, bueiros entupidos, entulhos de lixo e rede de saneamento precária persistem, fazendo com que os moradores sejam expostos a condições ambientais e habitacionais degradantes são constantes no território (PEREIRA NETO et al., 2019)

Mangueiros é um microcosmo da desigualdade brasileira, onde as moradias convivem com empresas públicas e privadas, nacionais e transnacionais. Nas delimitações, tanto do Complexo quanto do bairro, os espaços para habitação são, em sua grande maioria, territórios favelizados, que apresentam diversas carências e necessidades (FURTADO et al., 2012, p.28)

Essa realidade é demonstrada através de índices sociais. Em 2010, Mangueiros apresentou um Índice de Desenvolvimento Social (IDS) de 0,518. Esse índice é mais baixo que de outros bairros de sua região, como Ramos (0,609), Penha (0,584), complexo do Alemão (0,532) e Jacarezinho (0,534) (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2020). Já em 2022, Mangueiros ocupou a posição 125 entre 158 bairros da Cidade do Rio de Janeiro no ranking do Índice de Progresso Social (IPS). O IPS é um índice sintético que retira

a renda média e analisa diferentes variáveis para fins de políticas públicas (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2022).

Em 2007 foi anunciada a inclusão do bairro de Manguinhos no “Programa de Aceleração do Crescimento” (PAC) do Governo Federal. O Programa, desenvolvido entre 2007 e 2010, teve como proposta expandir os investimentos em infraestrutura visando o aceleração do desenvolvimento sustentável com o crescimento da economia, aumento da produtividade e combate à desigualdade (BRASIL, 2007). Em Manguinhos, as obras foram iniciadas em 2008 (PEREIRA, 2013). Uma série de benfeitorias públicas em Manguinhos foi fruto do PAC, entretanto, ele ainda gera desconfiança por parte dos moradores. Isso ocorre, principalmente, porque se mantiveram inúmeros fatores que aprofundam a situação de vulnerabilidade dos moradores do território.

(...) alguns principais, e, históricos problemas permanecem, com destaque para: 1) as moradias em beira de rios poluídos, que remontam aos anos 1940-50, 2) o lixo, um problema crônico que se agrava com as obras do PAC, pela mistura do lixo doméstico com entulhos das obras, pelas dificuldades de coleta nas ruas internas e vielas, entre outros problemas, 3) o saneamento, com obras incompletas, sem a ligação da rede interna com uma estação de tratamento, o esgoto e as águas pluviais continuam sendo jogados nos rios Jacaré e Faria-Timbó, 4) moradia e lazer sob a rede de alta tensão e instalações precárias e clandestinas pela não regularização dos serviços de fornecimento de energia elétrica, faz com que os riscos de incêndio se perpetuem. (TEIAS ESCOLA MANGUINHOS, 2023b, *online*)

A esses problemas foram somadas a violência no território, que é, de forma complexa, composta pela atuação de grupos ‘para(militares)’ de narcotráfico e, a partir de 2012, foi atravessada pela entrada da Unidade de Polícia Pacificadora no (UPP) no território (BUENO, 2018). As UPPS adotam “práticas militarizadas de policiamento ostensivo” (BUENO, 2018, p.22).

Campos e Soares (2022), pesquisadores moradores do território de Manguinhos, destacam, ainda, que o quadro de violência e vulnerabilização, vivido pelos habitantes do bairro, foi intensificado pela Pandemia de Covid-19.

A violência estrutural que já assolava as comunidades foi potencializada pela pandemia de Covid-19. Falamos de milhares de pessoas duplamente afetadas pois estão, em sua maioria, física e mentalmente abaladas pela Covid-19 em si e por seus efeitos sociais, como o desemprego, a violência, a fome, a falta de escolas, de acesso à saúde e à cultura, e a perda de familiares e amigos. Muitos deixaram de ter acesso a direitos fundamentais ou passaram a ter de forma superficial, não em sua integralidade (CAMPOS; SOARES, 2022, p.10)

Em função desse desenho territorial e sociopolítico, o bairro é caracterizado pelo IBGE como aglomerado subnormal, que é definido como:

É um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa (IBGE, 2010, p.16).

Essas condições de vida afetam gravemente a saúde dos moradores de Manguinhos. Isso fica claro nas análises do Teia Escola Manguinhos (2023) acerca de certos agravos de saúde que demandam notificação compulsória no Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN), no período de 2005 a 2011. Os dados e análises indicam que as condições sanitárias precárias, a situação socioeconômica dos moradores e a violência estrutural ocasionam um quadro de vulnerabilidade social. Ele fica claro nos diferentes coeficientes analisados, que são numericamente superiores aos do município do Rio de Janeiro (TEIAS ESCOLA MANGUINHOS, 2023a).

Destaca-se, neste espaço, a significativa presença da violência estrutural que afeta enormemente a saúde dos moradores, ampliando a vulnerabilidade à dengue e à tuberculose, aos agravos à saúde no trabalho, à hipertensão, à diabetes e ao déficit nutricional. Há altos índices de gravidez precoce, de traumas associados à violência e à condição social, de abuso de álcool e drogas, de violência da família, sexual e reprodutiva, além de altos índices de mortalidade, discriminação e criminalização juvenil (Blog Participação Cidadã na Gestão da Saúde de Manguinhos). (DEPARTAMENTO DE ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA E SAÚDE JORGE CARELI, 2019, p.8)

Apesar desse quadro de desigualdade e violência, Manguinhos se estabeleceu como solo fértil de movimentos de resistência cultural e social, que frente ao descaso e abandono público, são impelidos a tentarem eles mesmos mudar a realidade imposta aos moradores. Uma pesquisa recente realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Getúlio Vargas e People's Palace Projects, da Universidade Queen Mary de Londres, catalogou quarenta iniciativas culturais no território. A maioria delas foi criada por moradores, é autogerida e não recebe apoio estatal de nenhuma natureza. São iniciativas de diferentes categorias: cultura, educação, esporte, direitos humanos/cidadania, comunicação e sustentabilidade (GULJOR et al., 2022).

Essas iniciativas apontam para um caminho de produção de cultura que surge da organização social e do fazer coletivo e depende delas para existir. Essa produção cria oportunidades e espaços de fala que são habitualmente negadas à população de Manguinhos.

Somos nós que construímos com luta e persistência a cultura em Manguinhos. Um jovem não pode levantar sua voz para um agente de violência, mas ele pode cantar, rimar, dançar. Uma mãe sozinha não será ouvida, mas juntas elas se fazem som e força coletiva. E assim, a arte vai ocupando os silêncios que os corpos não poderiam desfazer. Em coletivo, em comunidade, todos cuidando de todos (CAMPOS; SOARES, 2022, p.8).

Logo, entendemos que, apesar do quadro de desigualdade e descaso, Manguinhos é um território de possibilidades socioculturais. É nesse cenário de enfrentamentos que o projeto “Eu quero entrar na rede” foi pensado e desenvolvido. Para compreender esses movimentos, falaremos um pouco sobre as possibilidades e processos de Educação Popular em Saúde.

5 EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Para compreender a Mediação na perspectiva Freireana, partimos da educação popular em saúde como possível ferramenta de articulação e inclusão social no contexto da RPB. Tendo isso em vista, propomos, primeiramente, compreender minimamente os pressupostos de Paulo Freire e o movimento da Educação Popular em Saúde no Brasil.

Conforme afirma Paludo (2015), na América Latina, a Educação Popular foi construída como movimento de crítica, resistência e luta de classes populares. Isso se deu a partir de uma perspectiva contra-hegemônica que se iniciou com as insurgências anticoloniais que ocorreram a partir do século XVI. As reflexões teóricas que dão base para o movimento da Educação Popular se iniciaram ainda no século XIX e tinham como foco pensar a educação libertária a partir de situações de opressão vividas pelos povos latinos (PALUDO, 2015). Entretanto, Paludo (2015) assegura que essa perspectiva pedagógica se consolida nos períodos entre 1930 e 1960. Na década de 1980, foi retomada no contexto de reconstrução dos estados democráticos latino-americanos após uma onda de ditaduras.

Segundo Paludo (2015), o movimento da Educação Popular cumpre sua função de ação cultural dentro e fora da pedagogia. Ele se estabelece como mediador entre realidade vivida e a futura que se constrói e objetiva através do fazer popular. A seu ver: “O Movimento de Educação Popular se fez no interior desse processo, na direção da construção de fazer do povo expressão política de si mesmo, por meio de organizações populares autônomas, imbuídas do desejo de construir o “poder popular” (PALUDO, 2015, p. 226).

No Brasil, o movimento da Educação Popular se iniciou na década de 1960 através das organizações populares e dos Círculos de Cultura desenvolvidos por Paulo Freire. Já na década de 1970, ele se desdobrou na Educação Popular em Saúde (PARO; LEMÕES; PEKELMAN, 2020).

É no bojo desses movimentos que a Educação Libertadora e suas potencialidades para o enfrentamento à opressão se estruturaram como tema central da obra do Educador Paulo Freire. Para Ernani Maria Fiori (2019), o método de Paulo Freire visa à conscientização e à politização. Mais do que um programa pedagógico para alfabetização, é um método de cultura popular.

Em resumo, Paulo Freire estabelece as correlações base dos círculos de cultura com a educação formal:

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1967, P.103)

É nesse cenário que se produz o que o autor chama de Educação Libertadora. Para ele, trata-se de um método democrático, “Ativo, dialogal, crítico e criticizador” (FREIRE, 1967, p. 107) em oposição àquilo que o autor chama de Educação Bancária (FREIRE, 2019), se pautando no diálogo e na esperança.

No Quadro 1 temos uma sintetização dos principais pontos de diferença entre “Educação libertadora” e “Educação Bancária” teorizados pelo autor em diversas obras.

Quadro 1 – Diferenças entre educação bancária e educação libertadora

Educação Bancária	Educação Libertadora
Bancária, imobilista	Problematizadora, libertadora, dinâmica
Feita para o oprimido	Feita com o oprimido
Absolutiza a ignorância	Valoriza a vocação de cada um
Reforça percepção fatalista da realidade	Reforça esperança e propõe a situação como problema visando transformação da realidade
Nega a historicidade do homem	Parte do caráter histórico e da historicidade do homem
Antidialógica	Dialógica
Mistifica a realidade	Desmistifica a realidade
Assistencialista, paternalista	Crítica
Inibe e domestica a criatividade	Funda-se na criatividade e estimula a reflexão e ação sobre a realidade
Desumaniza, coisifica	Humaniza
Serve à dominação	Serve à libertação
Narra e descreve conhecimentos e valores	Realiza-se como um ato cognoscente e criativo dialogal
Mantém a contradição educador-educando	Supera a contradição educador-educando
Dá comunicados, doação	Comunica-se, ato de criação
Educando objeto – Relação vertical	Educando sujeito – Relação horizontal
Educador	Educador-educando
Educando	Educando-educador
Desvaloriza os saberes, conhecimentos e experiências dos educandos.	Valoriza os saberes, conhecimentos e experiências dos educandos.
Extensão	Comunicação

Fonte: elaborado pela autora (FREIRE, 1967; 1987; 2002; 2019).

Para Freire, a Educação Libertadora se configura através da denominada Pedagogia do Oprimido. Trata-se de uma metodologia de trabalho que não é desenvolvida para o oprimido, mas com ele, visando a sua humanização e a busca por sua vocação de “ser mais” (FREIRE, 2019). Por essa razão, na atuação do educador, é sua função criar possibilidades para a construção do conhecimento, respeitando e reconhecendo a sabedoria dos educandos. É abandonar a postura autoritária de narrar ou dissertar saberes que caracteriza o ensino bancário.

A relação entre educador e educandos não está baseada na transferência de conteúdo (FREIRE, 2002), mas em atos cognoscentes⁷ que se substanciam através da comunicação. Para a Educação Libertadora, não há saber ou ignorância absoluta (FREIRE, 1967). “Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de re-criar esse conhecimento (FREIRE, 1967, p.77-78). O conhecimento prévio dos indivíduos e o trabalho colaborativo são base para uma educação voltada para a formação crítica dos estudantes. Os atos criativos valorizando os saberes individuais e coletivos dos indivíduos são incentivados para que possa ser construído em conjunto o projeto formativo.

Em processos de troca entre educadores, educandos e o mundo, surgem educadores-educandos e educandos-educadores, que aprendem, produzem juntos e buscam anular relações de opressão e autoridade. Freire (2019) propõe que seja superada a contradição entre educador-educando através do diálogo:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem (FREIRE, 2019, p.95-96).

Na prática, essa abordagem exige a formação e o constante aperfeiçoamento de profissionais que tenham como prioridade a comunicação com os educandos. Essa não é uma tarefa fácil. Freire (2019) explica que o desafio em formar educadores para atuar nos círculos de cultura, seguindo essa perspectiva, impõe a criação de uma atitude dialogal.

A educação para a liberdade está imbricada naquilo que Bell Hooks (2020; 2021), admiradora e estudiosa da obra de Paulo Freire, chama pelo mesmo nome ou então de pedagogia

⁷ Cognoscente é um adjetivo que qualifica a pessoa que busca ou toma o conhecimento sobre algo, também utilizado para se referir ao indivíduo que tem a capacidade de conhecer e assimilar o saber.

engajada/crítica ou educação democrática. Para a autora, esse modelo de pedagogia se ancora no movimento de ideias e vai servir à construção de uma relação de trabalho fundamentada na participação mútua (HOOKS, 2020). Esse ambiente de diálogo forma uma comunidade de aprendizagem, na qual é reconhecido o potencial de cada sujeito para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. “Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem” (HOOKS, 2020, p.81).

Segundo a autora, a valorização dos sujeitos incentivada pela pedagogia engajada pode resultar no empoderamento desses e na diminuição de seu quadro de silenciamento neste ambiente:

Uma vez que a pedagogia engajada ressalta a importância do pensamento independente e de cada estudante encontrar sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera estudantes. Isso é importante, sobretudo, para estudantes. Isso é importante, sobretudo, para estudantes que, de outra forma, não se sentiriam que são “dignos”, que podem contribuir com a discussão. (HOOKS, 2020, p.50)

Posto isso, a partir das teorizações de Freire e de Hooks (2020), compreendemos que o primeiro passo do projeto “Eu quero entrar na rede” consistiu em ocupar o lugar dos estudantes com os sujeitos em sofrimento mental participantes, sem, no entanto, deixar de considerar os processos pedagógicos envolvidos. Se tomamos a liberdade de pensar este objeto de pesquisa a partir da abordagem freireana, é porque suas ideias têm sido amplamente utilizadas para pensar os processos educativos em diferentes áreas. Uma dessas áreas é a Educação Popular em Saúde. Seguindo os pressupostos freireanos, educadores atuam como mediadores de grupos de trabalho e de pesquisa no campo da saúde. É baseado nesse arcabouço teórico-metodológico, precisamente em sua relação com a saúde mental, que vamos pensar os processos pedagógicos, comunicacionais e tecnológicos que envolveram a mediação do projeto “Eu quero entrar na rede”.

É em seu projeto contra-hegemônico, na proposição de uma nova sociedade menos opressiva, que a Educação Popular vai dialogar com a RPB (DIAS; AMARANTE, 2020). No campo da saúde mental, esses processos ocorrem em consonância com a RPB. Dias e Amarante (2020) explicam que o diálogo entre a RPB e a Educação Popular se dá por meio dos ideais contra-hegemônicos que fundamentam ambos.

Consideramos que a Educação Popular em Saúde pode dialogar com a Atenção Psicossocial na problematização da hegemonia do saber técnico-científico, assim como apontar caminhos possíveis para uma perspectiva mais ampliada de sujeito e, conseqüentemente, de cuidado, valorizando as

múltiplas formas de ser e estar no mundo. (DIAS; AMARANTE, 2020, p.1-2)

Indo além dos pressupostos teóricos, Dias e Amarante (2020) destacam que inúmeros dispositivos da RAPS, incluindo os CAPS, absorveram práticas da Educação Popular, que são hoje amplamente utilizados pelas equipes multidisciplinares de saúde mental. Dessa forma, o campo da saúde mental no Brasil se aproxima dos métodos de gestão e organização coletiva prescritos pela Educação Popular.

É buscando amarrar esses conceitos que apresentamos a última parte deste referencial teórico: uma reflexão sobre o empoderamento.

6 EMPODERAMENTO DO USUÁRIO – UMA ENCRUZILHADA

Nessa tese buscamos pensar o empoderamento a partir de uma encruzilhada entre o que ele significa para a saúde no geral, em específico, a saúde mental e sua relação com as NTICS. Cientes das polêmicas e contradições que envolvem sua tradução, optamos pelo uso do termo em português.

O conceito de empoderamento na área da saúde é definido como a capacidade que os pacientes têm de entender e influenciar na condução de sua própria saúde, dos seus familiares e amigos. Garbin (2012) afirma que, mesmo sem o uso direto da palavra, esse conceito já estava presente na carta de Ottawa, conectado à promoção da saúde. É a partir desse ponto inicial que o empoderamento passa a figurar no debate internacional sobre saúde (GARBIN, 2012).

Com a emergência das NTICs e seu uso no campo da saúde, o empoderamento passou a ser uma questão acerca de seus usos. A quantidade de informação disponível na internet e as possibilidades de uma participação mais ativa de pacientes em sua saúde contribuem nesse sentido (SAMOOCHA, 2010). O maior acesso às informações pode promover uma maior educação pública sobre saúde e o empoderamento através da tomada de decisões informadas (KELLY; ZIEBLAND; JANKINSON, 2015). A partir da possibilidade de um posicionamento mais ativo e informado, podem ser identificados fluxos de empoderamento que podem ser coletivos, agindo no âmbito grupal, e individuais, que tratam do autorreconhecimento, da autoestima e da autovalorização do indivíduo (SILVA, 2017).

Nesse sentido, as NTICs podem ser um dispositivo importante para a promoção do empoderamento do usuário. Dentre as mudanças provocadas pelas NTICs nas relações sociais, estão o desenvolvimento de comunidades virtuais e a produção de novas formas de se relacionar. (PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009). Lottenberg (2015) afirma que a internet oferece uma valiosa rede de apoio para pacientes, ex-pacientes e familiares que não deve ser desperdiçada. Por conseguinte, a disponibilidade de relatos e trocas de experiências é considerada como um dos principais diferenciais dos conteúdos Web (KELLY; ZIEBLAND; JANKINSON, 2015). Por múltiplos fatores, o posicionamento mais ativo de pacientes e familiares faz com que pessoas comuns se sintam confortáveis para expor suas experiências e se inserir em processos de troca de conhecimento com outros usuários de internet, isso se mostra particularmente vantajoso para indivíduos pertencentes a grupos estigmatizados, como pessoas em sofrimento mental (BERGER et al., 2005 apud GARBIN; GUILAM; PEREIRA NETO,

2011). Tendemos a concordar com esses autores, pois entendemos que as NTICs podem ser utilizadas como dispositivos de fomento ao empoderamento dos usuários.

Entretanto, apesar desses benefícios, um olhar crítico sobre o empoderamento e sua relação com qualquer campo deve passar pela apropriação individualista e neoliberal que o termo tem sofrido nos últimos anos (VASCONCELOS, 2021b).

A apropriação do termo de forma conservadora imprime a ele características individualistas de cunho neoliberal, observadas, por exemplo, em sua incorporação pela cultura da autoajuda, com vistas à uma adaptação ao status quo e às demandas sociais bem como por aqueles que justificam o mero crescimento econômico como principal forma de promover o desenvolvimento humano (RIBEIRO, 2017, p.23).

Não podemos negar que o uso da NTICs passa, necessariamente, por questões relacionadas com a realidade desigual de consumo, oportunidades e acesso no contexto capitalista. Entretanto, como afirma Vasconcelos (2003), em função disso as tecnologias da informação e comunicação, incluindo as NTICs, se mostram como um exemplo de estratégias de empoderamento importantes. Apesar de serem constantemente atreladas ao consumo, elas se mostram como ferramentas de democratização da informação.

Não há dúvidas que o acesso a um computador de última geração, à internet e aos canais de TV a cabo, representa a abertura para um campo enorme de fontes de informação, eventos culturais e contatos, constituindo ferramenta essencial para qualquer indivíduo, grupo ou agência se manter atualizado e desenvolver estratégias de *empowerment* em qualquer área de atuação social. Atualmente, por exemplo, não há como negar que programas de inclusão digital devam fazer parte de qualquer agenda emancipatória ou democrático-popular mais ampla, de caráter governamental ou não (VASCONCELOS, 2003, p.123).

São estas as nossas bases para pensar o empoderamento na saúde mental impulsionado pelas NTICs.

6.1 EMPODERAMENTO EM SAÚDE MENTAL

No campo da saúde mental, o empoderamento é uma questão latente fortemente atrelada à promoção do protagonismo e autonomia dos sujeitos em sofrimento mental. Segundo Vasconcelos (2003) o conceito emergiu no campo do serviço social e saúde mental na Europa, principalmente nos países de língua inglesa, a partir do final da década de 1980. Para Vasconcelos (2003), o empoderamento constitui-se como uma perspectiva de aumento de

potência de sujeitos subalternizados, submetidos a processos históricos de opressão e discriminação. Nesse sentido, o empoderamento se estrutura a partir de diferentes abordagens que não têm um estatuto teórico delimitado, mas sim vão se constituindo enquanto “interpelação direcionadora de sentidos, abordagens estratégias e práticas (...)” (VASCONCELOS, 2021b, p.47)

O autor conceitua o empoderamento como: “aumento do poder e autonomia pessoal e coletiva de indivíduos ou grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, dominação e discriminação social” (VASCONCELOS, 2003, p.20).

Em função disso, pensar o empoderamento no contexto brasileiro exige adequar a abordagem à realidade de países periféricos e suas especificidades. Dentre elas está sua relação indissociável com lutas sociais estruturais. Nos países periféricos, a questão social é central para se entender e desarticular formas específicas de opressão e discriminação (VASCONCELOS, 2003). Dito isso, no Brasil o *empowerment*, que nos países anglófonos se constituiu por influências de movimentos sociais específicos, como os de gênero, e com contornos de autoajuda, proveniente de grupos de usuários, vai ganhar novos sentidos a partir de movimentos sociais e teorias nacionais. Alguns deles são a Teologia da Libertação, através das Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) e outras pastorais, O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e a Educação Popular, de Paulo Freire (VASCONCELOS, 2003; RIBEIRO, 2017). Apesar dessas influências, o conceito e uso do termo empoderamento no Brasil só se deu a partir de 1990 (VASCONCELOS, 2021b).

Não podemos nos esquecer que os sujeitos em sofrimento mental no Brasil, principalmente os usuários da RAPS, estão, muitas vezes, sujeitos a diversas outras formas de opressão. Seu empoderamento passa pelo reconhecimento desses determinantes e de suas relações com a autonomia e protagonismo desses sujeitos sobre suas próprias vidas. Passa também por as potencialidades e limitações de sua atuação dentro dos movimentos sociais no campo da saúde mental, o que influencia na constituição do cenário da RPB que temos hoje (VASCONCELOS, 2021b).

Este tema revela algo importante e talvez universal sobre as abordagens de empoderamento e *recovery*: elas não se sustentam histórica e teoricamente por si mesmas, exigem ser ancoradas por uma teorização social e política crítica, capaz de traçar também as estratégias necessárias para o longo processo de conquista da cidadania e da justiça social em cada momento histórico específico. Portanto, no Brasil, essa tarefa nós não podemos esperar que venha

pronta dos países centrais sintetizadores de políticas de *recovery*, pois ela é inteiramente nossa (VASCONCELOS, 2021b, p.183)

Isso nos permite o entendimento de que, por aventar relações de poder enraizadas, mesmo quando é desenvolvido através de iniciativas simples, o empoderamento em saúde mental envolve um conceito complexo e multifacetado, imbricado em diferentes dimensões do cuidado e da promoção da saúde.

(...) a perspectiva de *empowerment*, embora parta de estratégias relativamente simples em sua operacionalização, não constitui um fenômeno social e político simples. Pelo contrário, configura um fenômeno complexo, incluindo a possibilidade de, em nome dos interesses emancipatórios, defender-se e reproduzir estratégias limitadas ou até mesmo conservadoras (...) a questão do *empowerment* implica, como o próprio nome indica, em inserir inteiramente no campo das relações de poder, que constitui uma temática escorregadia e fluida e que envolve múltiplas dimensões, desde às dimensões micropolíticas e subjetivas, às dimensões macropolíticas e estruturais, com enormes desafios teóricos a serem enfrentados (VASCONCELOS, 2003, p.53)

Nesse sentido, essas abordagens propõem relações de poder menos hierarquizadas e verticais. Elas buscam transformar a natureza dessas relações (VASCONCELOS, 2003). Esclarecida essa questão, é importante ter em mente que o empoderamento pode ocorrer tanto no âmbito individual como coletivo.

No Brasil, a abordagem do empoderamento no campo da saúde mental vai ganhar força junto à luta antimanicomial e à RPB, utilizando diferentes instrumentos e métodos para alcançar o fortalecimento e a emancipação dos sujeitos em sofrimento mental. Foi através da Educação Popular em Saúde, de estratégias de promoção do empoderamento e protagonismo dos usuários, além da ênfase em ações comunitárias e reforço de políticas, que a RPB avançou (FERRARI, 2021).

Vasconcelos (2003) enumera que alguns conceitos-chave para entender essa perspectiva no campo da saúde mental são: recuperação (ou *recovery*), cuidado de si, ajuda e suporte mútuo, defesa de direitos (ou *advocacy*), a transformação do estigma, a participação social e as narrativas pessoais de vida.

A recuperação, ou *recovery*, é um conceito advindo dos movimentos e pessoas com deficiência. No campo da saúde mental o conceito abarca "(...) um processo profundamente pessoal e coletivo de mudanças que pode levar a uma vida de satisfação, desejo e participação social, mesmo com as limitações causadas pelo transtorno" (VASCONCELOS, 2003, p.26).

Por sua vez, o cuidado de si trata dos dispositivos que permitem a elaboração e a expressão de vivências pessoais pelos sujeitos em sofrimento mental. Através do cuidado de si, os sujeitos em sofrimento mental podem promover trocas, aprendizados e novos vínculos sociais (VASCONCELOS, 2003; 2021b). A ajuda mútua se organiza enquanto grupos de troca de experiência para suporte emocional acerca de problemas em comum. Nesses espaços, os sujeitos em sofrimento recriam redes sociais. No suporte mútuo, esses grupos desdobram em ações em diferentes setores da vida dos sujeitos e se estabelecem, principalmente, através do suporte de pares (VASCONCELOS, 2003; 2021b).

A defesa de direitos, ou Advocacy, trata da defesa de direitos pelos próprios usuários em diferentes instâncias e através da articulação política. A transformação do estigma se constitui em ações coletivas ou individuais para o combate a atitudes discriminatórias e opressivas. A participação social se constitui enquanto a militância e participação de usuários nas instâncias de controle social. O último conceito-chave é a valorização das narrativas de vida de pessoas em sofrimento mental, que passam a contar suas próprias histórias (VASCONCELOS, 2003; 2021b).

Dada sua pluralidade, para adotar ferramentas e abordagens antiopressivas e empoderadoras, é necessário ter em vista as particularidades dos sujeitos a quem as ações se destinam (VASCONCELOS, 2003). Esses empreendimentos devem levar em consideração as pessoas a partir de sua cultura, limitações, potencialidades e opressão sofrida.

Cada tipo de indivíduo, grupo ou clientela implica em diferentes formas de discriminação/opressão, de comunicação humana, de habilidades sociais e necessidades específicas, requerendo-se, portanto, perspectivas teóricas apropriadas e um conjunto particular de estratégias práticas (VASCONCELOS, 2003, p.261).

Mesmo com inúmeras possibilidades, Vasconcelos (2003) defende que é fora do paradigma médico tradicional, porém reconhecendo suas contribuições, que as auto-organizações de usuários e familiares e iniciativas de empoderamento se estruturam e se movimentam de forma mais criativa, inovadora e comprometida. Nesse sentido, a internet tem se mostrado como uma ferramenta de articulação para o empoderamento de usuários da saúde mental.

Nesse sentido, Vasconcelos (2003) destaca que a internet tem se estabelecido como uma ferramenta valiosa em todos os conceitos-chave do empoderamento de usuários. Primeiramente, ela cumpre um papel importante no combate e superação de estigmas e de ações

discriminatória. Isso tem ocorrido, principalmente, por seu potencial para facilitar denúncias e divulgação de ideias (VASCONCELOS, 2003; 2005). Esse uso a torna um suporte importante para ações de defesa de direitos. Seu uso também pode ser vantajoso para a formação e manutenção de redes de amizade e como espaço para realização virtual de encontros de grupos de ajuda mútua (VASCONCELOS, 2003). Com relação às narrativas de vida, Vasconcelos (2003) explica que a internet facilitou a divulgação de relatos pessoais de usuários da saúde mental e trocas entre sujeitos com experiências de vida semelhantes. Dessa forma, a internet funciona como uma facilitadora para que os sujeitos em sofrimento mental possam ser ouvidos.

É a partir dessa leitura sobre o empoderamento que buscamos compreender nosso objeto de pesquisa. É nesse cenário de trânsito de ideias que esta tese busca se inserir.

7 METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta tese foram utilizadas metodologias qualitativas para a produção de um relato de experiência, através de análise documental, e pesquisa em história oral com as pessoas envolvidas no projeto. Por empreender uma análise baseada em documentos pré-existentes e no corpus documental de entrevistas realizadas pela pesquisadora, este trabalho é caracterizado como uma pesquisa em “história oral híbrida”. A “história oral híbrida” é caracterizada pelo cruzamento entre documentos de diferentes naturezas (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021).

Para o relato de experiência foram utilizados documentos de planejamento, avaliação e registro produzidos pela equipe durante o desenvolvimento do projeto. Também foram utilizados os materiais produzidos pelos usuários em atividades de diagnóstico e nivelamento de competências, além de publicações do blogue “Libertando a Mente”. Às informações disponíveis nesses documentos, somaram-se os materiais produzidos para e sobre o evento de lançamento do blogue. Foram ao todo 12 materiais, de autorias e naturezas variadas, conforme designado no Quadro 2:

Quadro 2 - Materiais / Documentos do projeto

Materiais / documentos	Autoria	Formato
Fichas de inscrição dos participantes	Equipe	Texto
Cronograma de atividades	Equipe	Tabela
Relatórios gerais dos encontros	Mediadora	Texto
Relatórios individuais dos encontros	Mediadora	Texto
Documentos de avaliação de competências	Equipe	Tabelas
Produtos de atividades em laboratório	Participantes	Textos, fotografias e vídeos
Produtos de atividades fora do laboratório	Participantes	Textos, fotografias e vídeos
Cronogramas de publicação	Participantes	Tabelas e texto
Publicações do Blogue	Participantes	Textos, fotografias e vídeos
Materiais para o evento de lançamento	Equipe e Participantes	Textos e vídeos
Registros do evento de lançamento do blogue	Equipe	Fotografias e vídeos
Atas das reuniões mensais da equipe do projeto	Equipe	Texto

Fonte: Elaborado pela autora

Os relatórios dos encontros são os documentos mais robustos e importantes para esta etapa. Trata-se de um documento composto por 134 páginas de texto que foram sendo produzidas continuamente ao longo do projeto, após cada encontro, e foram divididos entre relatórios gerais e relatórios individuais. Ele funcionou como um “Caderno de Campo” do projeto “Eu quero entrar na rede”.

O Caderno de Campo é uma prática de pesquisa incorporada pela antropologia e consiste em um suporte para registro da pesquisa. Achutti e Hassen (2004) sugerem que o Caderno de Campo, enquanto “depositário da memória”, pode ir além de seu papel inerente de instrumento de registro íntimo. “É um instrumento de reflexão, auxilia na formulação de hipóteses, direciona a pesquisa, permite visualizar retrospectivamente as lacunas e, no nosso caso, é um motivador de diálogo e de resgates” (ACHUTTI; HASSEN, 2004, p.287). Mais à frente trataremos também de seu uso durante as entrevistas em história oral.

Posto isso, nos relatórios gerais dos encontros foram registradas as atividades do grupo como um todo e os pontos altos do debate. Nos relatórios individuais, foram feitos relatos breves sobre o desempenho de cada participante durante os encontros, dando destaque para o comportamento e a produção dos participantes de forma isolada. Nesses relatórios, foram registradas as informações básicas de cada encontro e as percepções da mediadora sobre as atividades realizadas naquele dia. Os relatos individuais auxiliaram na análise das entrevistas realizadas com os usuários e na construção do texto de introdução de cada um. Como a pesquisadora participou do projeto como mediadora, não foi necessária a solicitação de acesso a nenhum banco de dados, pois a os materiais são de produção da própria, acervo do projeto ou de acesso aberto, como no caso das postagens do blogue.

Findada essa primeira etapa de relato e análise, foi realizada a segunda etapa de história oral com sujeitos envolvidos com o projeto “Eu quero entrar na rede”: profissionais do CAPS-Magal, usuários participantes e seus familiares.

A história oral foi escolhida enquanto método para essa pesquisa, pois se alinha com a metodologia de Translação do Conhecimento e pressupostos pedagógicos de Paulo Freire, que foram utilizadas para o desenvolvimento das atividades do projeto “Eu quero entrar na rede”. Essa relação foi possível pois, como defende Marinho (2021), a história oral faz oposição ao positivismo tradicional, indo contra a objetificação e a submissão dos sujeitos de pesquisa ao conhecimento científico. Portanto, do ponto de vista do depoente/ colaborador, “(...) ela deve ser uma prática libertadora para aquele que narra” (MARINHO, 2021, p.141). É nesse sentido, enquanto prática humanizada de escuta, registro e valorização de diferentes narrativas e formas de conhecimento, que o método dialoga com a Translação do Conhecimento e com os pressupostos de Paulo Freire.

Para Alberti (2013), a história oral tem um caráter multidisciplinar, podendo ser empregada em diferentes áreas das ciências humanas enquanto “fonte de pesquisa”, “técnica para registro de depoimentos gravados” ou “metodologia de pesquisa”. Nas duas primeiras, elas

estariam dispostas enquanto procedimento técnicos, desprovido de conceituação (MARINHO, 2021). Marinho (2021) aponta que ela é ainda entendida por alguns especialistas como “disciplina”, mas que é como metodologia que a história oral é melhor aceita entre pesquisadores. Nesta última perspectiva, ela não fica limitada a funções técnicas e de procedimentos, pois está conectada à fundamentação da pesquisa. “Assim, não lhe cabe apenas cumprir uma função técnica ou procedimental, isentando-a de fundamentos; é considerada uma ponte entre a prática e a teoria, por isso não oferece respostas ou interpretações. Ela suscita questões!” (MARINHO, 2021, p.135). Ou seja: não pode ser um mero instrumento desconectado com o restante da pesquisa.

Enquanto método de pesquisa, seu emprego se restringe a pesquisas que tenham como objeto temas que podem ser alcançados pela memória dos entrevistados. Isso ocorre pois a História oral guarda relação com a “biografia, a tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc.” (ALBERTI, 2013, p.24).

Posto isso, a autora define a história oral como: “(...) método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2013, p.24).

A partir dessa definição, Alberti (2013) afirma que história oral consiste no estudo de eventos históricos, cenários e grupos específicos a partir de depoentes que vivenciaram esses acontecimentos. Assim sendo, os depoimentos tratam de diferentes apreensões e interpretações dos eventos vividos. Ou seja: a história oral proporciona a documentação de versões diversas e plurais da história (ALBERTI, 2013). Levando em consideração as questões apontadas, um benefício da história oral é que ela também permite a recuperação e o registro de informações que não estão disponíveis em documentos de outra natureza (ALBERTI, 2013).

Corroborando com Alberti (2013), Penna (2017) propõe a seguinte definição: “A história oral é um instrumento metodológico que possibilita investigar lembranças e esquecimentos de cada indivíduo e também, reunir evidências de processos mais amplos e coletivos de construção de um passado comum e compartilhado” (p.7). Para Pereira Neto, Machado e Montenegro (2007), o cruzamento de informações obtidas através da história oral com outras fontes potencializa a complexidade da análise da história e seus desdobramentos no presente. “O relato oral de memória, ao se constituir como reconstrução ou releitura (de marcas, experiências, imagens, acontecimentos), a partir do presente, possibilita muitas vezes estudar

como o passado adquire novas significações” (PEREIRA NETO; MACHADO; MONTENEGRO, 2007, p.118).

Considerando as características e definições apontadas, Alberti (2013) destaca que o método da história oral é utilizado em uma pesquisa como “meio de conhecimento” (p.37).

Para Meihy e Seawright (2021), o método vai além do registro da memória e apreensão de conhecimento. Os autores, entendem que a história oral se constitui a partir de uma postura democrática frente à pluralidade de vozes e o silenciamento imposto pelas diferentes formas de desigualdade social. Essa postura pode gerar diferentes mudanças no âmbito individual, para os colaboradores e coletivos, para as comunidades de destino e a sociedade.

A assimetria social tende a relegar um conjunto de pessoas às posições inferiores nos espaços de fala, mas a história oral tem o potencial de valorização das histórias de pessoas comuns porque, por motivos diversos, almeja a proposição de políticas públicas e escuta empática. Ao serem ouvidos e gravados, contudo, os colaboradores reconhecem a importância da expressão oral de suas memórias e identidades (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.123).

Meihy e Seawright (2021) definem o grupo amplo de sujeitos de pesquisa enquanto “comunidade de destino”. O afunilamento de critérios e estreitamento do número de sujeitos vai resultar, nas palavras destes autores, em “colônias”, que, por sua vez, podem ser compartimentadas em grupos ainda menores chamados de “redes”.

Tendo em vista essas definições e características, é importante ter em mente que a história oral enquanto processo pressupõe um projeto de pesquisa ou arquivamento, como definem Meihy e Seawright (2021). Trabalhando com as entrevistas enquanto forma de apreensão da “memória de expressão oral”, os autores apontam que as entrevistas não são eventos isolados ou um ponto final. Para eles, as entrevistas em história oral devem ser realizadas com finalidade específica e tendo em vista os objetivos da pesquisa e análises pretendidas. Nesse sentido, os autores admitem que todo o processo em história oral deve ser planejado e dirigido pelo projeto de pesquisa (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021). Para os autores, o projeto é inerentemente atrelado ao interesse público: “No campo da intencionalidade, o projeto é comparável a um duto ou dique e não fim em si mesmo. A vocação de todo projeto é responder a alguns apelos de interesse social ou afetivo” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.38).

Assim sendo, no contexto da RPB, projetos de história oral se mostram especialmente interessantes, pois o processo reformatório introduziu novos conceitos que só podem ser

apreendidos através de narrativas. Isso ocorre pois o reconhecimento desses conceitos atravessa o campo da subjetividade e das relações que ocorrem nele (RIBEIRO; MACHADO, 2014).

Para Ribeiro e Machado (2014), as experiências de exclusão e estigmatização que permearam a assistência psiquiátrica ao longo da história da humanidade desenharam um cenário em que novos entendimentos do cuidado em saúde mental passam pelo resgate da cidadania dos sujeitos em sofrimento mental. Isso torna pertinente o uso da história oral para este tema, já que, enquanto método, ela permite que os protagonistas de novas formas de cuidado possam colaborar com “(...) conhecimento científico, histórias vividas e histórias em construção” (RIBEIRO; MACHADO, 2014). Nesse sentido:

(...) a história oral pode ser um grande instrumento de modificação dessa realidade, pois ela possibilita a produção de informações ainda não existentes que, por meio de narrativas, registra as transformações no cuidado, aprofundando-se nas experiências vividas, nas percepções e expectativas deste novo contexto. (RIBEIRO; MACHADO, 2014, p.585)

Ribeiro e Machado (2014) entendem que a utilização de métodos como a história oral em pesquisas sobre saúde mental pode promover o enriquecimento do conhecimento científico e de sua produção, além de ressignificar práticas psicossociais de saúde.

Assim sendo, a escolha dos entrevistados, depoentes (ALBERTI, 2013) ou colaboradores (MARINHO, 2021; MEIHY; SEWRIGHT, 2021) e a nomeação dos sujeitos de pesquisa variou de acordo com o autor e a finalidade das entrevistas. Essa é uma etapa fundamental na pesquisa em história oral. Consequentemente, ela deve ser feita considerando os sujeitos enquanto unidades qualitativas. “Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2013, p.40).

Orientada por essa lógica, pelo objetivo e as delimitações do projeto de pesquisa (ALBERTI, 2013; MEIHY; SEWRIGHT, 2021), as entrevistas em história oral realizadas na pesquisa que serviu de base para esta tese tiveram como “comunidade de destino”, o grupo de pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, no projeto “Eu quero entrar na rede”. Dentro desta comunidade construímos quatro “colônias”.

A primeira “colônia” é formada pelos usuários participantes (seis homens e uma mulher) que participaram diretamente da construção do blogue. Eles indicaram, durante suas entrevistas os sujeitos que iriam compor a segunda colônia: a dos familiares/amigos.

A terceira “colônia” é composta por três redes formadas por profissionais do CAPS-Magal. Os sujeitos selecionados para a entrevista tiveram envolvimento com o projeto e/ou seus usuários ou atuavam junto a eles no momento da realização do projeto: duas gestoras da instituição, um psiquiatra e três ‘técnicos de referência’⁸ dos usuários participantes. A quarta “colônia” é composta por uma profissional do CAPS membro de movimento social. Ela foi escolhida por ter participado da criação do CAPS e ser moradora do território de Manguinhos.

Os roteiros das entrevistas (no apêndice) foram estruturadas de acordo com a natureza do sujeito de pesquisa, buscando dar destaque às suas particularidades e questões com as quais cada um poderia contribuir com seu depoimento. Para isso, elas foram organizadas em quatro blocos, tendo como ponto de partida suas trajetórias profissionais, no caso de profissionais, ou história de vida, no caso de usuários participantes e seus familiares. Essas temáticas foram divididas e organizadas em ordem cronológica: período de atuação anterior ao CAPS, no CAPS, durante o projeto e após o projeto. Essa abordagem cronológica está ligada às perguntas da pesquisa, a saber: Os processos comunicacionais utilizando as NTICs para a produção de um blogue, contribuíram com a construção do protagonismo da própria vida destes cidadãos em sofrimento psíquico? Em que medida a participação desses cidadãos em sofrimento psíquico e socialmente vulnerabilizados pode ser considerada uma alternativa ao tratamento biomédico e farmacológico dominante?

Marcos temporais:

Tabela 1 – Linha do tempo do projeto “Eu quero entrar na rede”

Antes do tratamento no CAPS-Magal	Após do tratamento no CAPS-Magal	Durante Projeto “Eu quero entrar na rede”	Após o projeto “Eu quero entrar na rede”
Período indeterminado anterior a 2016 (ano de fundação do CAPS)	Período indeterminado posterior a 2016 (ano de fundação do CAPS)	2018 a 2019	2019 a 2022

Fonte: Elaborada pela autora

O CAPS-Magal cumpre, nesse sentido, um papel central. Esse é o local de trabalho dos profissionais e onde os usuários encontraram atendimento e foram selecionados para atuar no projeto.

⁸ Profissionais responsáveis pelo acompanhamento dos projetos terapêuticos individuais de cada usuário.

Acerca do período anterior à chegada ao CAPS-Magal, os interesses de nossa entrevista tiveram duas direções principais. Sobre os trabalhadores, nos interessou conhecer sua trajetória profissional. Sobre os usuários, pretendíamos saber como eram suas vidas no geral em diversos âmbitos: familiar, social, clínica, profissional, acadêmica etc. Isso inclui como se deram seus processos de sofrimento mental e sua trajetória de cuidado antes de iniciarem o tratamento no CAPS.

Em 2016, o CAPS-Magal iniciou suas atividades. Esse foi um importante marco temporal revelado durante as entrevistas.

Tendo isso em vista, em um segundo momento da pesquisa procuramos compreender como os profissionais foram selecionados e desenvolveram suas atividades no CAPS-Magal até o início do projeto “Eu quero entrar na rede” em 2018. Sobre os usuários buscamos entender quando eles iniciaram seu atendimento na instituição e como se desenvolveu seu tratamento no CAPS antes da participação no projeto.

Em 2018 teve início o projeto “Eu quero entrar na rede”. Posto isso, um terceiro momento das entrevistas foi reservado à investigação dos acontecimentos durante a realização do projeto e de suas consequências para os usuários participantes.

Em 2019 o projeto foi encerrado. Como quarto e último momento, trabalhamos com o pós-projeto. Procuraremos compreender de que forma a participação dos usuários no projeto repercutiu em suas vidas e trajetórias terapêuticas. Esse momento compreende o período logo após a finalização das atividades e a situação atual dos sujeitos participantes do projeto.

A partir desses quatro momentos, as entrevistas realizadas para esta pesquisa misturam dois gêneros de entrevista em história oral: temática e de história de vida (ALBERTI, 2013; MEIHY; SEAWRIGHT, 2021). Nas entrevistas temáticas, o destaque foi dado para as vivências dos depoentes ligadas a um determinado tema central (ALBERTI, 2013). Meihy e Seawright (2021) apontam que, enquanto gênero narrativo da história oral, as “entrevistas temáticas” são o formato que mais admite diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto. Mesmo demandando maior quantidade de dados e informações objetivas, a história oral temática não anula a marcante presença da “subjetividade inerente aos atos expressivos da memória” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.70).

Nas entrevistas de “história de vida”, o foco está na trajetória do sujeito entrevistado, desde sua infância até o momento vivido (ALBERTI, 2013). Meihy e Seawright (2021) apontam que o diferencial dessa abordagem consiste em oferecer ao entrevistado o papel de colaborador através do protagonismo de sua própria narrativa.

Em ambos os gêneros, temático e de vida, é importante ter em vista que cada entrevista é individual, carregada de subjetividade e representa uma realidade em separado. Esse depoimento, entretanto, possui também filiação coletiva, já que é parte do todo do projeto (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021). “Os produtos de entrevistas são sempre de fundo subjetivo e correspondem a uma narrativa constituída pela memória individual ou coletiva” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.81).

Entendemos que dados os temas tratados, sua relação com a trajetória de vida e a subjetividade dos entrevistados, a “história oral temática” e de “História de vida” são as mais adequadas à proposta teórica e político-ideológica desta tese. Contudo, é importante destacar que o presente trabalho guarda características que permitiriam o uso do gênero testemunhal da história oral (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021). Entretanto, trabalhamos com diferentes “colônias” e defendemos a construção de narrativas que vão além da dor e do trauma. Por essa razão, optamos por adotar os dois primeiros gêneros apresentados, que nos deram maior liberdade para contar as histórias ouvidas.

Em função dos temas delicados tratados nas entrevistas e da situação de vulnerabilidade de alguns entrevistados, optamos pelo artifício da história oral de pessoas anônimas e pela utilização de pseudônimos. Para isso, escolhemos nomes de figuras proeminentes da história da saúde mental no Brasil e da RPB. Demos prioridade para usuários que de alguma forma se destacaram, seja através de sua atuação nos movimentos sociais ou de suas obras artísticas. Esses personagens históricos foram brevemente descritos em notas de rodapé.

Tendo isso em vista, foram investigados os seguintes temas centrais, ou geradores (FREIRE, 1967; 2019):

Usuários participantes – história de vida, trajetória terapêutica, uso das NTICS, participação no projeto e resultados.

Profissionais do CAPS

- Coordenadoras técnicas do CAPS Magal – Trajetória profissional, uso das NTICS no CAPS, história do projeto e resultados para os usuários e a comunidade do CAPS
- Técnicos de referência dos usuários participantes – trajetória profissional, trajetória terapêutica dos usuários participantes, história do projeto e resultados para os sujeitos participantes do projeto.

- Psiquiatras responsáveis pelos usuários participantes – trajetória profissional, trajetória terapêutica dos usuários participantes, história do projeto e resultados para os sujeitos participantes do projeto.

Familiares – história de vida familiar e trajetória terapêutica do usuário, participação no projeto e resultados para os participantes no âmbito familiar e social.

Consideramos como “trajetória terapêutica” a história e os processos de sofrimento mental e tratamento pelo qual o usuário passou e ainda passa.

Através da entrevista em história oral, as questões principais, que tratam dos temas geradores, foram desmembradas para investigar também temas secundários ou periféricos. Esses temas são de interesse desta pesquisa e para a análise do objeto, portanto foram introduzidos pela entrevistadora ao longo das conversas ou naturalmente abordados pelos entrevistados. A partir de seu potencial de contribuição para a compreensão do objeto e do fluxo de fala dos entrevistados, esses temas periféricos foram ou não aprofundados durante as entrevistas. Alguns desses temas foram destacados nos roteiros de entrevista para facilitar a realização delas.

A configuração do território e o perfil dos usuários participantes, conforme foram apresentados, trouxeram para o projeto uma série de temas que são próprios desses indivíduos e do contexto social no qual estão inseridos. Tendo em vista a realidade exposta e a conexão do CAPS-Magal com os movimentos populares da região, optamos por contar também através da história oral o processo de criação do CAPS-Magal. Para isso, suas especificidades foram registradas a partir de entrevistas com profissionais de saúde envolvidas nos processos de criação e estruturação da instituição. Penna (2017) afirma que, no estudo de movimentos sociais, a história oral pode fazer emergir a subjetividade de indivíduos envolvidos nos processos de luta política.

Tendo isso posto, foi entrevistada uma moradora de Manguinhos, agente territorial do CAPS-Magal e militante no campo da saúde. Nessa entrevista, foram investigados os seguintes temas geradores (FREIRE, 1967; 2019): história de Manguinhos, trajetória profissional, processo de criação do CAPS e lutas após implantação. A essa entrevista, foram somados detalhes apresentados pelas duas gestoras do CAPS-Magal.

Tendo em vista essas categorias de entrevistados, entendemos que foi fundamental delimitar os critérios de inclusão dos sujeitos de pesquisa. Foram considerados como critérios de inclusão os seguintes pontos:

- Usuários Participantes – ser cidadão maior de 18 anos não curatelado, usuário do CAPS-Magal, que participou do projeto “Eu quero entrar na rede” até a finalização das atividades.
- Gestoras do CAPS-Magal – ser cidadã maior de 18 anos, ter atuado na gestão do CAPS-Magal durante a realização do projeto “Eu quero entrar na rede” e na tomada de decisão e planejamento do projeto.
- Psiquiatras do CAPS-Magal – ser cidadão maior de 18 anos, ter atuado no CAPS-Magal durante a realização do projeto “Eu quero entrar na rede” e atendido como médico psiquiatra os usuários participantes do projeto.
- Técnicos de referência do CAPS-Magal – ser cidadão maior de 18 anos, ter atuado no CAPS-Magal durante a realização do projeto “Eu quero entrar na rede” exercendo a função de técnico de referência de pelo menos um usuário participante do projeto.
- Representante de movimento social – ser cidadão maior de 18 anos, ter participado ativamente dos processos comunitários que envolveram a criação do CAPS-Magal.

Por seguirem o método da história oral, as entrevistas não tiveram duração pré-estabelecida e foram realizadas em um ou mais encontros, virtuais ou presenciais, a depender do interesse e disponibilidade de cada entrevistado. Ao todo foram 18 entrevistados totalizando 21 horas de entrevistas. As questões que levaram à redução do número de usuários e familiares e a ampliação do número de profissionais entrevistados são mais detalhadas nos resultados das entrevistas.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com autorização dos sujeitos de pesquisa que assinaram o TCLE. Em função do método utilizado, que implica em entrevistas longas de respostas discursivas, a gravação do áudio foi imprescindível para a análise do material. Os áudios foram arquivados em uma pasta virtual, tiveram seu conteúdo transcrito e os nomes dos entrevistados foram trocados por pseudônimos. A coleta e conservação dos dados está em acordo com a Lei Geral de preservação de Dados, Lei Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.

Somando-se às gravações, também foram produzidos “Cadernos de Campo”. Eles são uma ferramenta de grande importância nos processos de produção de pesquisas em história oral. Eles consistem em documentos de produção contínua e intimista contendo “opiniões, impressões, entendimentos, sentimentos, dúvidas, dificuldades e possibilidades para o projeto” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.124) através do olhar da pesquisadora. Além de detalhes narrativos, descritivos e informativos que podem contribuir com a futura textualização e

transcrição das entrevistas. Como definem Meihy e Seawright (2021), “trata-se de um registro intermediário entre a concepção do projeto, sua execução e análise das entrevistas” (p.125). Esses “cadernos de campo” foram escritos, arquivados e acessados pela pesquisadora autora da tese de forma contínua durante e depois do período das entrevistas.

Tendo esclarecida essa questão, é importante destacar que o projeto de “Eu Quero Entrar na Rede” foi construído com o apoio da equipe gestora do CAPS-Magal. Dessa forma, as equipes do LaISS, LAPS e CAPS-Magal se mantiveram em contato durante e após a experiência e a realização desta pesquisa. A equipe gestora da instituição de saúde mental foi consultada durante todo o processo e deu suporte à construção do projeto dessa pesquisa de doutorado, mediação dos contatos com entrevistados e na realização das entrevistas.

Por se tratar de uma pesquisa científica com humanos, o projeto foi aprovado pelos Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), da Fiocruz⁹, e ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro¹⁰. Para todos os entrevistados foi aplicado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido ou Termo (TCLE).

Posto isso, a primeira parte dos resultados, o relato de experiência, é composta do relato de experiência em si, o relato de mediação em primeira pessoa e o diálogo do projeto “Eu quero entrar na rede” com outras experiências. Em seguida serão apresentados os resultados das entrevistas em história oral. Esse capítulo é iniciado pela história do projeto. Ela consiste em um relato em primeira pessoa acerca da trajetória de desenvolvimento das entrevistas em história oral. Como apontam Meihy e Seawright (2021), a história do projeto apresenta o andamento da pesquisa com seus pontos de partida e mudanças de percurso. “A história do projeto é um texto escrito a partir da própria experiência do oralista, passando pelas anotações do caderno de campo ou pelos registros glosados em suportes variados” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.40). Os autores definem oralista como o pesquisador que realiza uma pesquisa utilizando o método da história oral.

Em sequência, os resultados das entrevistas em história oral são apresentados a partir da seguinte estrutura de subcapítulos: a história do CAPS-Magal; a história do projeto “Eu quero entrar na rede”; a história de cada usuário participante; a análise do projeto pelos profissionais

⁹ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética número 54160321.4.0000.5241, Parecer Consubstanciado número 5.227.988

¹⁰ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética número 54160321.4.3001.5279, Parecer Consubstanciado número 5.349.335

do CAPS-Magal que estavam envolvidos nas atividades. Por fim, esses resultados serão analisados a partir de temas que se destacaram durante as entrevistas.

O apêndice da tese contém os roteiros de entrevista e TCLEs, específicos para cada categoria de sujeito de pesquisa. Eles também contêm as transcrições das entrevistas na íntegra.

8 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “EU QUERO ENTRAR NA REDE”

8.1 PLANEJAMENTO E METODOLOGIA DAS ATIVIDADES

A experiência do Projeto “Eu Quero Entrar na Rede” seguiu os parâmetros da metodologia qualitativa da “translação do conhecimento”. Trata-se de uma proposta metodológica de construção conjunta de conhecimento que leva em consideração o saber acadêmico formal e a *expertise* fruto da prática e da vivência concretas, valorizando a troca de experiências (CLAVIER et al., 2011; MANTOURA; GENDRON; POTVIN, 2006).

Segundo Davison (2009), inúmeros modelos, teorias e métodos da translação do conhecimento convergem em quatro temas centrais. O primeiro deles é a caracterização da translação do conhecimento como variada e multidimensional, podendo adotar várias formas. O segundo ponto de concordância é a necessidade de interação, que implica na relação entre diferentes atores. Em sequência, diferentes teorias, modelos e métodos vão apontar para a relação do conceito com os processos científicos e sua produção. Por fim, diferentes contextos vão trazer diferentes fatores facilitadores e limitadores da translação do conhecimento (DAVISON, 2009).

Clavier et al. (2011) fundamentaram seu modelo teórico de translação do conhecimento a partir de três diferentes vertentes teóricas: a Teoria Ator-Rede, da literatura acerca da translação do conhecimento e da sociologia dos atores intermediários. Cada um deles contribui, à sua maneira, com a identificação das principais características e práticas de criação de vínculo entre pesquisa e prática, tornando possível aplicá-las à pesquisa participativa (CLAVIER et al., 2011). As principais contribuições são as abaixo:

Em suma, a concepção de tradução na Teoria Ator-Rede destaca o fato de que criar conexões entre diferentes entidades sociais envolve mais do que apenas gerir interesses e processos: envolve na verdade a coprodução de conhecimento. A literatura sobre translação de conhecimento mostra que processos participativos, como parcerias de pesquisa, são propícios à criação de tais conexões entre entidades sociais, especialmente para a coprodução de conhecimento. Finalmente, a sociologia dos atores intermediários diferencia as práticas de intermediação que lidam com conteúdos e aquelas que lidam com os processos de interação. (CLAVIER et al., 2011, p.794, tradução nossa)

Para tornar possível sua realização, Clavier et al. (2011) destacam que são necessários três tipos de práticas fundamentais de co-construção. A Primeira delas, “práticas cognitivas”, trata do conteúdo. “Elas contribuem com a divulgação do conhecimento e as preferências dos

parceiros em todas as direções e, em última análise, ajudam a enquadrar questões de pesquisa, processos de produção de conhecimento e tradução para as várias redes de parceiros” (CLAVIER et al., 2011, p.794, tradução nossa).

As práticas estratégicas tratam do conjunto de atividades, competências e esforços que são necessários para mobilizar os diferentes grupos e mantê-los interessados. Por fim, as práticas logísticas vão envolver atividades práticas de coordenação do projeto. As três possuem características e atividades específicas e se desenvolvem de maneira simultânea ao longo do processo de pesquisa (CLAVIER et al., 2011). A translação se dá a partir do entrelaçamento de valores, ideias e interesses dos atores envolvidos, promovidos por essas práticas fundamentais.

Abreu et al. (2017) avaliam que, ao discutir e teorizar a produção do conhecimento e as conexões entre especialistas e leigos na pesquisa participativa, o modelo de Clavier et al. (2011) contribui com a operacionalização das teorias da translação do conhecimento. A adoção desse método tem relação com sua potência para adequação do discurso científico ao público leigo e a valorização de diferentes conhecimentos. Os processos de translação se desenvolvem em meio a negociações constantes de interesses distintos, incertos e instáveis que resultam na criação de um conhecimento compartilhado (CLAVIER et al., 2011).

O trabalho desenvolvido no projeto buscou valorizar os saberes e vivências dos indivíduos em sofrimento mental, construindo um processo comunicacional de cuidado, promoção da saúde e divulgação científica. Isso ocorreu a partir da troca de conhecimento entre profissionais, usuários e sociedade. A divulgação dos conteúdos fruto dessas trocas pode ser considerada como parte dos processos de translação do conhecimento. Compreendemos que, através da criação de um blogue, é possível potencializar a conversão de processos de produção de conteúdo em cuidado. Nesse mesmo sentido, a produção coletiva de conhecimento pode resultar em divulgação científica e promoção da saúde.

A ‘Translação do Conhecimento’ guarda íntima relação com os pressupostos teóricos de Paulo Freire que propõe uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza os saberes individuais e coletivos dos cidadãos. Freire propõe a superação da educação “bancária” (FREIRE, 1987), engessada e conteudista, e aposta na formação que vai além do simples treinamento para ações específicas (FREIRE, 1996). Na pedagogia Freiriana, o conhecimento prévio dos indivíduos e o trabalho colaborativo são base para uma educação voltada para a formação crítica dos estudantes, valorizando os saberes individuais e coletivos dos indivíduos que são incentivados a construir em conjunto o projeto formativo. Nessa perspectiva, o projeto objetivou a formação crítica e empoderamento dos usuários através da valorização de

experiências dos indivíduos envolvidos. Mais à frente, os pressupostos teórico pedagógicos de Paulo Freire serão alicerce para análise da experiência de mediação do projeto.

Posto isso, o trabalho desenvolvido no projeto buscou, através das bases metodológicas da translação do conhecimento e da aplicação da pedagogia de Paulo Freire, valorizar os saberes dos cidadãos em sofrimento mental, construindo um processo de troca de conhecimentos e experiências entre profissionais, usuários e sociedade. Todas as atividades práticas desenvolvidas durante a realização do projeto foram fruto de decisões tomadas coletivamente a partir da troca de vivências e opiniões entre os participantes. Esse processo participativo passava pela elaboração e crivo coletivo. Agindo assim, as atividades se organizaram visando a incentivar o protagonismo e a autonomia dos participantes.

Em função disso, eles cumpriram a função de “pesquisadores-cidadãos”. Pereira Neto e Paolucci (2020) definiram o “pesquisador-cidadão” como aquele que exerce um papel proeminente no processo de pesquisa, apesar de não ter formalmente as credenciais para exercer esta função. Sua expertise o transforma em protagonista do processo de investigação e de produção do conhecimento.

Tendo como base o método e as abordagens teórica e pedagógica citadas, foram desenvolvidas atividades visando à produção de um blogue. Foram realizadas palestras, rodas de conversa e exercícios práticos e teóricos. O projeto teve como prioridade atividades que proporcionariam maior autonomia, troca de experiência e conhecimento entre os “pesquisadores-cidadãos” e os demais envolvidos.

Além do referencial da ‘Translação do Conhecimento’ e de pedagogia Freiriana, o projeto contou com alguns elementos da chamada ‘Pedagogia baseada em competências’ (SACRISTÁN et al., 2011). Ela propõe que o processo de ensino-aprendizagem se desloque do domínio dos conteúdos, voltando-se para as competências e habilidades a serem desenvolvidas e estimuladas no indivíduo, sobretudo aquelas relacionadas à prática profissional. Assim, a lógica linear do ensino por disciplinas é subvertida, dando espaço a outra lógica de ensino-aprendizagem mais transversal e complexa.

Para Perrenaud (1999), a competência é a capacidade de, frente a determinadas situações, agir de forma eficaz apoiando-se em conhecimento, mas fazendo também uso de outros recursos cognitivos complementares. No projeto “Eu quero entrar na rede”, buscou-se desenvolver as competências relacionadas com uso das NTICs para a produção de conteúdo textual, fotográfico e audiovisual.

As atividades de inclusão digital contaram com a participação de 10 usuários do CAPS Magal e tiveram a duração de 12 meses, de outubro de 2018 a setembro de 2019. Foram realizados 40 encontros semanais no LaISS com a presença da mediadora do projeto, da estagiária do laboratório e o acompanhamento de um profissional do CAPS-Magal. Cada encontro teve a duração de duas horas.

Os “pesquisadores-cidadãos” foram selecionados pela equipe do CAPS Magal a partir da proposta de construção de um blogue. Foram convidados usuários em fase não aguda, com boa adesão ao serviço e que tinham o domínio básico das principais ferramentas digitais. Os 10 usuários selecionados pelos profissionais da CAPS-Magal e que permaneceram durante toda a experiência receberam uma bolsa auxílio mensal de 100 reais. Nove participantes eram do sexo masculino e dois do sexo feminino e tinham entre 20 e 42 anos, como listado na Tabela 2. A única desistência ocorreu na segunda semana. O participante desistente não chegou a receber a bolsa. Outra usuária foi selecionada de uma lista reserva pela equipe do CAPS para ocupar seu lugar.

Tabela 2 - Perfil dos participantes entrevistados

Participante	Sexo	Idade	Bairro / Comunidade	Tempo de permanência
Participante 1	Masculino	20 anos	Manguinhos	2 semanas
Participante 2	Feminino	32 anos	Maré	Total
Participante 3	Masculino	28 anos	Manguinhos	Total
Participante 4	Masculino	35 anos	Manguinhos	Total
Participante 5	Masculino	20 anos	Maré	Total
Participante 6	Masculino	42 anos	Maré	Total
Participante 7	Feminino	22 anos	Manguinhos	Total
Participante 8	Masculino	27 anos	Benfica	Total
Participante 9	Masculino	31 anos	Maré	Total
Participante 10	Masculino	37 anos	Maré	Total
Participante 11	Masculino	20 anos	Manguinhos	Total

Fonte: Elaborado pela autora

Com a finalidade de criar com os “pesquisadores-cidadãos” uma relação de compromisso e responsabilidade foram estabelecidas três regras básicas:

- Pagamento da bolsa: seria realizado na primeira segunda de cada mês e em cada uma delas seria produzido um comprovante em duas vias (do participante e do projeto) assinado pelos usuários e pela mediadora.
- Uso do crachá: todos tinham que usar o crachá disponibilizado pelo LaISS.

- Faltas: os participantes deveriam justificar suas faltas para o seu técnico de referência. O excesso de faltas não justificadas acarretaria o desligamento do usuário das atividades do projeto.

Todo o processo foi estruturado por uma equipe multidisciplinar, que incluiu profissionais da área da saúde e das ciências humanas e sociais, das três instituições parceiras: LaISS, LAPS e CAPS-Magal. A equipe se reuniu mensalmente para planejar e analisar de forma contínua e coletiva as atividades do projeto, que foram divididas em quatro etapas, a saber:

1. Apresentação do espaço da Fiocruz e introdução teórica e crítica – 1 mês (outubro de 2018)
2. Diagnóstico e nivelamento de competências – 2 meses (novembro e dezembro de 2018)
3. Construção do *blogue* – 3 meses (janeiro a março de 2019)
4. Produção de conteúdo – 6 meses (março a setembro de 2019)
5. Lançamento do Blogue – agosto de 2019

Esse relato de experiência foi organizado a partir dessas etapas e finalizada com uma reflexão geral sobre alguns pontos de destaque e comparação com outros projetos de mesma natureza.

8.2 APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO DA FIOCRUZ E INTRODUÇÃO TEÓRICA E CRÍTICA

As atividades do projeto foram iniciadas em 8 de outubro de 2018. A primeira etapa consistiu na apresentação do espaço da Fiocruz e na introdução teórica e crítica.

Para ambientar os “pesquisadores-cidadãos” com o campus da Fiocruz, no primeiro encontro foi realizada uma visita pelos espaços onde, na maior parte do tempo, os usuários passariam a transitar: Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Centro de Saúde Escola Germano Sinval de Faria (CSEGSF) e o Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LaISS). Nos encontros seguintes, essa ambientação foi ampliada para outros locais do campus. Esse primeiro momento teve como finalidade torná-los mais confiantes para transitar pela instituição. Essas atividades favoreceram a construção do sentimento de intimidade dos usuários com o espaço

da Fiocruz. Esse processo, agregado à elaboração de um crachá para uso nos dias de atividade, facilitou a circulação dos usuários no campus e possibilitou que eles transitassem por espaços onde normalmente não se sentiriam confiantes de circular, apesar de serem permitidos ao público geral.

Após a apresentação do espaço e ambientação dos “pesquisadores-cidadãos”, o primeiro mês foi dedicado a debates e rodas de conversa sobre o projeto que eles estavam começando a participar. Nesse momento foram introduzidos temas que atravessariam o trabalho desenvolvido por eles, principalmente a RPB e a comunicação comunitária.

O projeto, desde o início, propôs a criação de um blogue. A escolha da mídia foi tema de debate entre os usuários, como no diálogo abaixo, registrado no relatório do primeiro encontro, que teve a presença de oito “pesquisadores-cidadãos”:

Usuário 1 - eu acho que blogue é antigo.

Usuário 2 - não é.

Usuário 1 - eu não conheço ninguém que usa blog.

Usuário 2 - eu conheço um monte de gente.

Para a introdução do debate acerca da comunicação comunitária, Edilano Cavalcante, coordenador do jornal Fala Manguinhos!¹¹, foi convidado a compartilhar com os usuários sua experiência enquanto comunicador. Edilano falou sobre a história do veículo que coordena e deu dicas sobre como produzir conteúdo. Ele falou sobre como os participantes poderiam agregar ao conteúdo do blogue:

- Cada um deveria aproveitar seu potencial, mas conhecer outras áreas que não domina poderia ser enriquecedor.
- A rede de contatos contribui para que o assunto não se esgote ficando restrita apenas à vivência dos participantes.
- A verdade dos fatos é muito importante.
- O processo de aprendizado é lento, o início é chato, mas quando vira um hábito vem a satisfação de ver os resultados.
- É necessário desenvolver o olhar de comunicador, enxergando os fatos de outra forma. O que pode virar conteúdo?
- É importante pensar o coletivo propondo soluções e alternativas.

¹¹ https://www.facebook.com/falamanguinhos/?locale=pt_BR e <https://www.instagram.com/falamanguinhos/>

Edilano destacou que o conteúdo tem público-alvo inicial, mas poderia chegar a outros lugares e se tornar uma referência, já que estão produzindo conhecimento. “Se você está na rede, está no mundo, o mundo pode te ver”. A fala do comunicador incentivou o debate que trouxe temas como oficinas do CAPS-Magal, o medo de procurar ajuda psicológica, experiências de descoberta do sofrimento mental e o preconceito. A discussão foi finalizada com uma reflexão sobre os benefícios que a divulgação da informação sobre saúde mental que um blogue feito por usuários de CAPS pode proporcionar. Esse debate foi importante para despertar os “pesquisadores-cidadãos” para a comunicação.

Nesse primeiro momento, também foi possível avaliar o uso e apropriação das NTICs pelos “pesquisadores-cidadãos”. A maior parte do grupo relatou alguma intimidade com a internet e as ferramentas digitais: sete dos oito participantes possuía conta de *e-mail*. Todos eles possuíam perfil na rede social, principalmente Facebook. Alguns deles relataram ter como passatempo os videogames. Apenas um dos participantes afirmou ter dificuldade com o uso da NTICs e se interessou em frequentar o LaISS em outro dia para aprender a utilizar as ferramentas. Contudo, eles, no geral, se mostraram interessados na ideia de comunidade e em melhorar suas habilidades para o uso das NTICs através de oficinas.

Após a apresentação do espaço e introdução crítica, as atividades seguintes do projeto foram, sempre que possível, realizadas somente pelos usuários com auxílio da mediadora e da estagiária do LaISS quando necessário. Eles foram incentivados a trabalharem de forma autônoma e, em algumas situações, sozinhos no laboratório.

8.3 DIAGNÓSTICO E NIVELAMENTO DE COMPETÊNCIAS

No primeiro mês do projeto foi constatado que se tratava de um grupo com diferentes níveis de conhecimento acerca das NTICs. Alguns apresentavam um alto domínio das ferramentas digitais, enquanto outros revelaram dificuldades. Desse modo, foi identificada a necessidade de realizar um diagnóstico das habilidades dos “pesquisadores-cidadãos” em relação às NTICs. Em simultâneo foi feito um nivelamento de competências digitais que permitisse que todos participassem de forma ativa da produção de conteúdo para o blogue. Ambos tiveram como base teórica a ‘Pedagogia baseada em competências’. As características e o conteúdo desse nivelamento foram decididos pelos próprios participantes – reiterando assim o processo dialógico característico da Translação do Conhecimento e a abordagem freireana.

As atividades de diagnóstico e nivelamento foram realizadas por meio de exercícios práticos, colaborativos e autocríticos, com auxílio da mediadora.

Considerando o referencial da ‘Pedagogia baseada em competências’, foi construída uma escala de competências e habilidades no domínio das ferramentas associadas às NTICs (Quadro 3). Os níveis de domínio foram descritos da seguinte forma:

Quadro 3 - Escala de competências

Nível das Competências	
1	Nenhum domínio, não consegue executar ação.
2	Tem alguma noção, mas não consegue executar completamente a ação.
3	Tem conhecimento básico, consegue executar a ação com dificuldade e errando alguns comandos.
4	Tem conhecimento mediano, consegue executar a ação sem dificuldade.
5	Total domínio, consegue executar essas e outras ações.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir das habilidades entendidas como necessárias para a construção de um blogue e a produção de conteúdo, foi construída uma ferramenta de avaliação de competências dividida em quatro partes, referentes a quatro processos de diagnóstico e nivelamento: produção de texto, captura de imagem, produção de fotografia e produção de vídeo. Em cada etapa foi produzida e preenchida uma tabela de avaliação com notas parciais e uma média. Ao fim, tínhamos ao todo quatro tabelas, que foram utilizadas para o cálculo do nível médio geral de cada participante. Nas etapas seguintes, de construção do blogue e produção do conteúdo, os resultados obtidos com a escala de competências foram utilizados para potencializar o processo de ensino aprendizagem. Para isso, foram combinadas aptidões e necessidades de aprendizado para a formação de duplas de trabalho.

Os profissionais do CAPS-Magal tiveram como critério de seleção dos usuários participantes o nível básico de conhecimento sobre uso da NTICs, entretanto essas competências não foram previamente avaliadas. Em função disso, o processo de diagnóstico e nivelamento começou com o reforço de informações básicas sobre o computador, como: arquivos, documentos, mesa de trabalho, ícones etc. Para isso, foi utilizada uma linguagem acessível. Optamos por realizar atividades de diagnóstico e nivelamento em simultâneo.

Dessa forma, em cada oficina foram propostas as seguintes atividades e pontos de diagnóstico e nivelamento avaliadas individualmente. Alguns deles se repetiam e, por isso, conforme eram aprendidos, não eram registrados novamente na tabela de competências, por exemplo: ligar o computador.

8.3.1 Produção de texto

Na primeira etapa foi avaliada a habilidade de “produção de texto” dos participantes. Para tanto, foi verificado se o usuário era capaz de realizar as seguintes atividades: ligar o computador; abrir o programa *Microsoft Word*; digitar um texto; criar uma pasta; salvar em um arquivo; fechar e localizar o arquivo; abrir o navegador e, em seguida, o e-mail pessoal; e enviar o arquivo produzido como anexo. Em um primeiro momento, foi feita uma recapitulação de habilidades básicas utilizando comparações com itens comuns ao dia a dia dos participantes: arquivos, documentos, mesa de trabalho, ícones etc. Em seguida, foi feito o passo a passo, método que também foi utilizado nas etapas seguintes. As orientações eram dadas de forma coletiva, mas aqueles que apresentaram alguma dificuldade foram orientados individualmente.

Já nesse momento ficou evidente como o uso das NTICs é atravessado pela apropriação que os sujeitos fazem delas. Apesar de a maioria deles possuir contas de *e-mail* e perfis em redes sociais, tendo, portanto, uma presença virtual, metade dos usuários apresentou dificuldade para realizar as atividades propostas. As limitações no processo de escrita se deram principalmente por conta de entraves de produção textual, criatividade ou dificuldades motoras, para digitação ou manuseio do *mouse*. Essas questões serão mais bem tratadas mais à frente.

Na Tabela 3 temos o resultado dessa etapa de diagnóstico e nivelamento.

Tabela 3 – Tabela de competências: digitar, salvar e enviar texto

Competências/ participantes		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Digitar e Salvar	Ligar o computador	5	5	3	5	2	5	5	5	5	4
	Abrir Word	5	5	3	5	3	3	5	5	2	3
	Digitar um texto	5	5	2	5	2	5	5	5	3	3
	Criar pasta	5	5	3	5	3	3	5	5	3	2
	Salvar em um arquivo	5	5	3	5	5	3	5	5	4	2
	Fechar e encontrar o arquivo	5	5	3	5	5	3	5	5	3	2
Anexar e enviar	Abrir navegador	5	5	3	5	3	4	5	5	2	2
	Abrir e-mail	5	5	2	5	3	5	5	5	2	3
	Anexar arquivo	5	5	3	5	3	3	5	5	3	3
	Enviar arquivo	5	5	3	5	3	3	5	5	3	3
Média		5	5	2,8	5	3,2	3,7	5	5	3	2,7

Fonte: Elaborada pela autora

Para esta atividade, foi proposto que os “pesquisadores-cidadãos” escrevessem um texto sobre seu primeiro contato com a Fiocruz. Eles foram orientados sobre como abrir o programa Word, digitar o texto, criar uma pasta com seu nome e salvar o arquivo de texto nessa pasta. Essas pastas foram utilizadas por eles para salvarem arquivos durante o restante do projeto. Três participantes se destacaram por sua intimidade com as ferramentas digitais, pois levaram menos tempo e tiveram menos dificuldade para realizar as atividades propostas. Eles foram convidados a utilizar o tempo restante para auxiliar os participantes que tinham maior dificuldade. Isso se repetiu nas etapas seguintes do diagnóstico e nivelamento de competências.

Após a finalização desse processo, os textos foram individualmente corrigidos juntamente com cada usuário e foi solicitado que eles o enviassem por *e-mail* para a mediadora. Dos dez participantes, apenas dois precisaram criar uma conta de *e-mail*, entretanto outros tiveram que recuperar suas senhas, pois não usavam a conta com frequência e, portanto, não as haviam memorizado. A maioria deles teve dificuldade para utilizar sua conta de *e-mail*. A partir das limitações apresentadas por eles nesse momento, foram dadas orientações sobre como utilizar a ferramenta: fazer login, escrever uma nova mensagem, acessar os diferentes tipos de mensagem, editar o texto, anexar arquivos, adicionar o assunto e endereço de destino. Também foi discutida a importância que uma conta de *e-mail* pode ter para o acesso a direitos no contexto das sociedades conectadas: participar de seleções de emprego, se inscrever em concursos, fazer cadastro em sites etc.

Os participantes também receberam orientações básicas sobre a segurança da conta: anotarem *e-mail* e senha em um lugar seguro, sempre desfazerem o *login* do *e-mail* após utilizá-

lo em um computador público ou de terceiros etc. Só então os participantes anexaram os textos produzidos e enviaram para o *e-mail* da mediadora, para que pudessem ser arquivados. Esses processos foram repetidos e reforçados nas etapas seguintes do diagnóstico e nivelamento de competências. Seu aprendizado foi importante porque essas ações foram amplamente utilizadas durante a construção do blogue e a produção do conteúdo, como veremos mais à frente.

Durante o processo de produção do texto, foi identificado que a maioria dos participantes teve dificuldade para escrevê-lo. Isso se deu principalmente em função da pouca habilidade técnica e física para a digitação ou da pouca prática de produção textual dos participantes. Isso pode ser explicado pela baixa escolaridade, que é uma característica comum entre usuários de CAPS (OLIVEIRA et.al., 2017; OLIVEIRA et al.,2014; PASSOS DE OLIVEIRA et al., 2017) e dos moradores da Comunidade de Manguinhos (PEREIRA NETO et al., 2019; EGSTRON; PIVETTA; SCHÜTZ, 2012).

Apesar de ter sido explicado que não seriam avaliadas a gramática e sintaxe dos textos, a dificuldade de escrever e articular ideias fez com que a maioria dos usuários solicitasse mais tempo para o processo de escrita. Para atender a essa necessidade, após a finalização da escrita, os textos foram exibidos em uma tela grande, com o suporte de um equipamento projetor, para que todos pudessem ler e comentar coletivamente. Esse procedimento também foi repetido durante a etapa de produção de conteúdo. Para evitar o constrangimento de alguns, que tiveram mais dificuldade na atividade, foi trabalhado principalmente a estrutura do texto e o conteúdo, destacando as qualidades de cada um e o que poderia ser melhorado para que os textos fossem publicados em um blogue.

As avaliações foram construídas através de dicas gerais de escrita e criatividade. Os principais pontos comentados foram: necessidade do título; organização de parágrafos – menores e mais uniformes; frases e parágrafos menores; distribuição do conteúdo ao longo do texto; falta de necessidade de muito cuidado com a revisão durante a escrita, já que isso pode ser feito depois, o foco em dar vazão à criatividade e necessidade de assinatura, caracterizando a autoria.

Sobre o conteúdo, foi tratada a importância da experiência e da personalidade no conteúdo produzido, trazendo para imagens, textos e vídeos uma perspectiva que os consumidores do blogue não encontrarão em outro lugar. A partir disso e dos relatos sobre a Fiocruz, foi explicado que, ao falar de lugares, é importante pensar que os espaços são a experiência que cada um tem deles, suas percepções individuais, que são recortadas pelo que somos. Eles, enquanto usuários do CAPS, têm percepções diferente dos espaços. Eles foram

orientados a, quando estiverem confusos sobre o que produzir, comecem por ideias em tópicos e, a partir daí, desenvolver essas ideias.

A ampliação da oficina de produção de texto com o debate sobre o processo de escrita ocorreu a partir da realidade e das necessidades dos participantes. Essa adequação só foi possível em função da metodologia da Translação do conhecimento e da pedagogia de Paulo Freire.

8.3.2 Captura de Imagem

Dando seguimento ao trabalho, foi avaliado o domínio do participante em relação à “captura de imagem” na Web. Assim, foi avaliado se o participante seria capaz de abrir o navegador; pesquisar e baixar uma imagem; criar uma pasta; salvar o arquivo; e fechar e encontrar arquivo salvo. Também foi examinado se ele conseguiria abrir o navegador e, em seguida, seu e-mail, para anexar e enviar a imagem pesquisada. Os “pesquisadores-cidadãos” apresentaram maior facilidade em realizar as funções básicas do uso do computador e da internet. A etapa resultou na seguinte avaliação de competências (Tabela 4), com médias levemente maiores que na etapa anterior:

Tabela 4 - Tabela de competências: pesquisar, salvar e enviar imagem

Competências/ participantes		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Baixar e Salvar	Abrir navegador	5	5	2	5	3	5	5	5	3	3
	Pesquisar imagem	5	5	3	5	3	5	5	5	4	4
	Baixar imagem	5	5	3	5	2	5	5	5	4	3
	Criar pasta	5	5	3	5	4	5	5	5	4	4
	Salvar arquivo	5	5	3	5	3	5	5	5	4	3
	Fechar e encontrar arquivo	5	5	4	5	3	4	5	5	4	3
Anexar imagem e enviar	Abrir navegador	5	5	3	5	3	5	5	5	4	3
	Abrir e-mail	5	5	2	5	3	5	5	5	5	5
	Anexar imagem	5	5	3	5	2	3	5	5	4	3
	Enviar arquivo com imagem	5	5	3	5	2	3	5	5	5	3
Média		5	5	2,9	5	2,8	4,5	5	5	4,1	3,4

Fonte: Elaborada pela autora

Para dar início à atividade, foram elencados os tipos de mídia que podem ser utilizadas em um blogue: texto, imagem, vídeo, mapas, infográficos etc. Também foi destacado como a imagem é importante para os conteúdos de internet, chamando a atenção dos leitores. Por isso,

a escolha de uma boa imagem é fundamental. Foi proposto que eles buscassem na internet uma fotografia da Fiocruz que complementasse o texto produzido na oficina anterior, salvassem na pasta criada com seu nome e enviassem para o e-mail da mediadora.

Indo para o google imagens, eles foram orientados sobre como escolher a melhor imagem a partir dos seguintes questionamentos: o que melhor ilustra meu texto? Qual imagem tem a qualidade mais adequada?

Partindo da proposta de processos de diagnóstico e nivelamento simultâneos, a busca da imagem ocorreu junto com o debate sobre a sua qualidade e ferramentas e ações que podem potencializar a pesquisa. Foram usados como exemplos a aba de “imagens relacionadas”, que afunila a pesquisa, e, também, a busca de mais de um termo ou termos mais específicos, que produzem uma pesquisa mais selecionada.

Eles rapidamente escolheram as imagens que queriam salvar e o fizeram através do passo a passo de como salvar imagem. Com o arquivo salvo, foi feito o passo a passo para abrir o navegador, o e-mail e fazer o *login*, assim como na semana anterior. A repetição desses processos buscou facilitar o aprendizado deles. O maior domínio dos conhecimentos básicos para o uso do computador, acesso a pasta de documentos, acesso ao navegador e envio de e-mail levaram a uma maior agilidade, isso possibilitou o uso do tempo para um maior aprofundamento do tema específico da oficina.

Nesse momento, foi feita uma discussão acerca de qual seria o melhor meio para a comunicação online entre a equipe e os participantes do projeto. Em comum acordo foi escolhido e criado um grupo de Facebook do projeto. Contudo, em função do baixo acesso à internet dos usuários fora do laboratório, o grupo acabou não sendo utilizado. As trocas de informação ocorreram principalmente por meio da equipe do CAPS-Magal, e-mail ou pelo aplicativo de *WhatsApp*, no caso de alguns usuários.

8.3.3 Produção de fotografia

A terceira competência corresponde à capacidade de “produção de fotografia”. Foi avaliado se os “pesquisadores-cidadãos” conseguiriam executar as seguintes atividades: iniciar a câmera, focalizar e enquadrar uma cena; escolher a iluminação; fotografar; transferir as imagens produzidas para o computador por meio de cabo USB; abrir a pasta na qual a imagem estava armazenada; transferir os arquivos para o computador; anexar as fotografias a um e-mail e enviá-las. A etapa resultou na seguinte avaliação de competências (Tabela 5).

Tabela 5 - Tabela de competências: produzir, salvar e enviar fotografia

Competências/ participantes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Capturar fotografia	Abrir câmera	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	Fazer foco	4	4	3	3	4	3	3	4	4
	Enquadrar	3	4	3	4	2	3	3	4	3
	Escolher luz	4	4	3	2	3	2	3	4	4
	Capturar imagem	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Transferir e enviar imagem	Colocar cabo	5	5	5	5	2	3	4	5	2
	Abrir pasta	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	Transferir imagens	5	5	4	5	2	3	5	5	3
	Anexar imagem	5	5	5	5	2	3	5	5	2
	Enviar arquivo com imagem	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Média	4,6	4,7	4,3	4,4	3,5	3,7	4,3	4,7	3,8	3,9

Fonte: Elaborada pela autora

Para o mapeamento dessa competência, foram realizados três passos de diagnóstico e nivelamento: 1 – captura de fotografia, 2 – transferência para o computador, 3 – avaliação da produção. A oficina foi realizada com a utilização dos aparelhos celulares dos participantes ou de uma máquina fotográfica digital, que foi disponibilizada pela mediadora. Eles foram previamente orientados a levarem celulares com a bateria carregada no primeiro dia da atividade. Nem todos possuíam um aparelho de celular, tendo isso em vista, para a introdução do tema, foi perguntado a eles quem possuía aparelho celular e se costumavam fotografar com o celular.

Dos dez participantes, cinco possuíam celular, quatro em condições para a produção de fotografias. Nenhum dos participantes tinha o costume de fotografar com o celular, mas todos sabiam acessar a câmera do aparelho. Como nem todos possuíam celular, a atividade foi desenvolvida em duplas. Assim, dois participantes poderiam dividir um aparelho, além de dar e receber suporte mútuo. Um dos participantes, que já possuía experiência com fotografia, recebeu uma câmera profissional da mediadora. Outro participante, que estava com o celular com a bateria descarregada, recebeu o celular da mediadora.

Para a primeira atividade da oficina de fotografia, a produção das fotografias, foi realizado um passeio guiado pela Fiocruz. O passeio buscou proporcionar uma maior variedade de cenários para a produção das fotografias e, também, gerar uma maior intimidade dos participantes com o espaço da Fiocruz. Os participantes ficaram livres para fotografar e, a fim de incentivá-los, foi proposta a produção de pelo menos cinco fotografias: uma *selfie*, uma de outra pessoa, uma de natureza e duas de tema livre.

Para isso, os “pesquisadores-cidadãos” receberam algumas dicas e orientações básicas sobre a fotografia com o celular: melhores situações para fotografar na vertical ou horizontal, como usar funções básicas do celular (câmera frontal, câmera traseira, flash e foco). Além disso, eles foram orientados a tirar muitas fotos para depois realizar uma seleção.

Alguns deles aproveitaram o passeio para pedir orientações específicas enquanto produziam as fotografias ou mostrando imagens que fizeram. Nessa atividade, também foram realizados debates acerca do espaço e da história da Fiocruz, também sobre as comunidades que a cercam. A atividade seguiu a proposta de realizar o diagnóstico e nivelamento de competências em simultâneo.

Para a segunda fase da atividade, foi solicitado que os participantes mantivessem nos aparelhos celulares as fotos retiradas e que, se possível, trouxessem os cabos USB para que as fotografias fossem transferidas para o computador. Eles deveriam escolher cinco fotos feitas na semana anterior e transferi-las para o computador utilizando o cabo USB ou por e-mail. Foi solicitado que trabalhassem com a mesma dupla da semana anterior.

Após a transferência e seleção das imagens, a produção dos participantes foi analisada a partir dos quesitos básicos da fotografia que seriam estudados na semana seguinte: iluminação, foco, enquadramento e tamanho. Foi explicado o que é cada um desses quesitos. A inversão dos processos – primeiro, a análise do material para, depois, receberem uma aula sobre tema – buscou instigar os participantes e aproveitar ao máximo o conhecimento que eles já possuíam sobre o tema. Eles foram incentivados a falarem sobre a experiência e, já nesse momento, opinarem e questionarem sobre os resultados. Com as fotografias projetadas em tamanho grande, visível para todos, foi iniciado o debate coletivo acerca da produção.

Conforme as fotografias eram apresentadas, cada autor, em seguida os demais participantes, eram questionados sobre o que eles acreditam serem erros e acertos. Aos poucos, eles passaram a tecer comentários sem a necessidade de incentivo e a identificar pontos positivos ou que poderiam ser melhorados. Durante o processo coletivo de análise, buscou-se valorizar o trabalho realizado, explicando o que poderia ser feito de outra forma, apontando alguns erros nos quesitos básicos discutidos, mas sempre destacando alguma qualidade. A abordagem, pautada na Translação do Conhecimento (CLAVIER et al, 2011) e na perspectiva freirena (FREIRE, 2019), buscou valorizar os conhecimentos prévios sobre o tema e incentivar o senso crítico dos participantes.

Essa etapa foi finalizada com uma aula teórica de fotografia, aprofundando os conceitos anteriormente trabalhados na prática. Eles foram instigados a responderem sobre as fotografias

usadas como exemplo e a ajudarem a construir a trajetória pedagógica. Graças à inversão no processo educativo, os participantes puderam participar de forma mais ativa e crítica, tanto da análise das próprias fotografias, quanto do debate teórico.

Além de desenvolver as habilidades fotográficas dos “pesquisadores-cidadãos”, as atividades realizadas para o diagnóstico e nivelamento da competência de produção fotográfica buscaram valorizar os conhecimentos dos participantes, utilizando o saber dos usuários sobre o tema como ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem. A atividade de fotografia também permitiu que a prática comunicacional fosse utilizada para promover a autonomia dos participantes e aproximá-los dos colegas e do território da Fiocruz. Apesar de terem a mediadora e a estagiária do LaISS como guias, eles puderam sugerir caminhos, parar onde desejassem e interagir livremente com o ambiente.

8.3.4 Produção de vídeo

A quarta e última competência englobou a habilidade de “produção de vídeo”. Para tanto, foi averiguado se os “pesquisadores-cidadãos” tinham aptidão para produzir um texto e apresentá-lo em formato de vídeo, utilizando recursos de enquadramento, iluminação e áudio. Similar à competência referente à produção fotográfica, também foi mapeado se os “pesquisadores-cidadãos” conseguiriam transferir o vídeo produzido para o computador, por meio de um cabo USB, anexá-lo a uma mensagem de e-mail e enviá-lo. O diagnóstico e nivelamento de competências realizado nessa etapa resultou na seguinte avaliação de competências (Tabela 6).

Tabela 6 - Tabela de competências: produzir, salvar e enviar vídeo

Competências/ Participantes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Filmar	Texto	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	Apresentação em vídeo	5	5	4	4	3	5	3	3	4
	Enquadrar	5	5	3	4	3	4	3	5	3
	Iluminação	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	Áudio	4	4	3	4	4	4	3	5	3
Transferir e enviar vídeo	Colocar cabo	5	5	5	5	2	3	4	5	2
	Abrir pasta	5	5	5	5	5	5	5	5	5
	Transferir vídeo	5	5	4	5	2	3	5	5	3
	Anexar vídeo	5	5	5	5	2	3	5	5	2
	Enviar arquivo com vídeo	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Média	4,9	4,9	4,4	4,7	3,6	4,2	4,3	4,8	3,6	4,2

Fonte: Elaborada pela autora

Para a realização dessa atividade, foi proposto que cada um fizesse um vídeo com até um minuto de duração, com o aparelho de celular, se apresentando. Primeiro, foi sugerido que eles fizessem um texto, que seria corrigido e serviria de roteiro. A atividade também teve a finalidade de praticar competências anteriormente trabalhadas, como digitação e envio de e-mail. Foi perceptível a evolução dos participantes com relação a essas habilidades, já que poucos tiveram dificuldade.

Foi proposto que eles escrevessem um texto com o tema “Quem é você?”. Foi explicado que o texto era necessário, pois, para a produção de um vídeo, é fundamental organizar o que será dito e mostrado. Eles foram orientados a pensarem em suas características, qualidades, defeitos, gostos, lembrando-os de que o vídeo poderia servir para apresentá-los a uma pessoa nova que não os conhecesse.

Foi sugerido que eles colocassem, primeiro, as informações sobre si mesmos, seu nome completo, suas características e gostos, colocando sua narrativa pessoal enquanto indivíduo à frente de sua narrativa como paciente. Eles ficaram livres para escolher o que falariam. Alguns optaram por contar uma história, outros falaram dos seus gostos pessoais, já outros optaram por falar de sua experiência no projeto.

Cada texto foi impresso e entregue ao participante correspondente. Eles receberam a orientação de que o texto não deveria necessariamente ser decorado, mas usado como guia. Os participantes puderam, então, corrigir, reescrever e estudar seu texto.

Após a correção dos textos, foi exibido no projetor o vídeo “Dicas para fotografar e filmar com celular – Folha Explica #15”¹². Esse é um vídeo de fácil apreensão e dá dicas básicas para filmar e fotografar com celular. Durante a exibição, o vídeo era pausado e cada ponto explicado com maior detalhe. Houve, também, espaço para o esclarecimento de dúvidas.

Ao fim do vídeo, os participantes se dividiram em duplas para que um pudesse filmar o outro. Eles tiveram liberdade para escolher o ambiente de filmagem, enquadramento, iluminação etc. Todos escolheram filmar no ambiente externo. Para facilitar a transferência dos arquivos, foi solicitado que os participantes filmassem com celular. Também foi disponibilizado o número de *WhatsApp* da mediadora para que eles pudessem enviar os vídeos.

Seguindo a proposta de diagnóstico e nivelamento simultâneo e buscando a autonomia dos participantes, eles deveriam produzir seus vídeos sem a ajuda da mediadora, mas poderiam pedir orientações e esclarecer dúvidas sempre que desejassem. Enquanto os participantes filmavam no ambiente externo, a mediadora permaneceu no laboratório, atendendo-os quando solicitada. Finalizada a produção dos vídeos, eles foram enviados para a mediadora e reproduzidos e projetados para que todos assistissem. Cada vídeo foi analisado em coletivo, com os participantes e a mediadora fazendo sugestões. Nesse momento, foram elencados qualidades e pontos que poderiam ser melhorados.

Apesar de envolver uma maior complexidade técnica, a lógica do passo a passo e a repetição de atividades básicas permitiram que produção de vídeo ocorresse de forma mais dinâmica e sem muitas dificuldades. Os usuários conseguiram se expressar melhor que nas etapas anteriores e tiveram menos dificuldade para trabalhar em dupla e analisar coletivamente as produções. Nessa etapa, o suporte mútuo e a abordagem pedagógica comunicacional colaborativa foram importantes para que os participantes pudessem auxiliar os colegas e lidar melhor com a própria imagem em vídeo.

8.3.5 Média geral

Ao aplicar a ferramenta de avaliação, foi possível identificar o domínio de cada participante em relação às competências pré-definidas, mencionadas acima. Assim, as múltiplas habilidades envolvidas em cada oficina foram individualmente pontuadas por meio de tabelas de nível de competências, em uma escala de 1 a 5, conforme classificado na Tabela 1. As médias de cada etapa foram utilizadas para a produção das médias gerais presentes na Tabela 7.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZOOt3atBAQ>

Tabela 7 - Tabela de competências: média geral

Competências/ participantes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Texto	5	5	2,8	5	3,2	3,7	5	5	3	2,7
Imagem	5	5	2,9	2,8	2,8	4,5	5	5	4,1	3,4
Fotografia	4,6	4,7	4,3	4,4	3,5	3,7	4,3	4,7	3,8	3,9
Vídeo	4,9	4,7	4,4	4,7	3,6	4,2	4,3	4,8	3,6	4,8
Média Geral	4,875	4,85	3,6	4,225	3,275	4,025	4,65	4,875	3,625	3,7

Fonte: Elaborada pela autora

A partir das médias específicas e gerais apresentadas na Tabela 9, é possível fazer algumas inferências. A principal é a de que a evolução da média dos participantes e a diminuição do tempo necessário para a realização das funções básicas em cada atividade são resultado de um aprendizado cumulativo.

Os resultados indicam que no tocante ao domínio de competências para o manuseio das NTICS, a turma se dividiu entre cinco participantes com maior domínio prévio das competências (nota inicial 5) e cinco participantes com menor domínio prévio das competências (nota inicial abaixo de 4). É importante destacar que, mesmo com a quarta etapa, de produção de vídeo, que exigia conhecimentos técnicos específicos mais avançados, os cinco usuários com menores notas iniciais, portanto menos domínio prévio das ferramentas, mostraram evolução e chegaram ao final do processo com uma média acima da nota inicial. No caso dos participantes com maior domínio inicial das competências, houve uma diminuição pequena na média, de até 0,8, em função principalmente das etapas de produção de fotografia e vídeo. Isso pode apontar para um conhecimento prévio geral por parte desses participantes com notas iniciais altas, mas que não necessariamente abarcava as competências específicas necessárias para a produção de conteúdo de um blogue.

Outra questão que emergiu é o engajamento dos “pesquisadores-cidadãos” nas atividades. Durante as quatro fases que compuseram o diagnóstico e nivelamento de competências foi percebido que o nível de domínio prévio das competências não necessariamente esteve relacionado com o interesse e o envolvimento do participante nas atividades. Durante todo o processo foram feitos relatórios gerais e individuais de cada participante. Os relatórios individuais, fruto das percepções da mediadora durante os encontros, somados às médias na avaliação de competências dos participantes, mostram que a dificuldade em utilizar as tecnologias não teve relação direta com o engajamento ou a falta dele. Portanto,

os dados apontam para não causalidade entre o interesse dos usuários e o seu domínio prévio das competências.

A partir desse diagnóstico, o conjunto de “pesquisadores-cidadãos” foi subdividido em duplas cambiáveis, que uniram participantes com competências distintas. Assim, cada um pôde aprender com o outro, reiterando o processo de Translação de Conhecimento (CLAVIER et al, 2011). Além disso, a mediadora pôde compreender as competências de cada participante e quais poderiam ser desenvolvidas através da produção do *blogue*. O uso do diagnóstico e nivelamento de competências para a formação de duplas de trabalho reforçou o papel não meritocrático dessa etapa.

As notas não serviram para beneficiar ou penalizar os “pesquisadores-cidadãos”, mas, sim, para identificar e compreender os conhecimentos e habilidades de cada um e utilizá-los na construção de uma comunidade de aprendizagem mais coesa e empoderadora. Conforme cita Bell Hooks (2020): “Em uma comunidade de aprendizagem assim, não há fracasso. Todas as pessoas participam e compartilhamos recursos necessários a cada momento, para garantir que deixemos a sala de aula sabendo que o pensamento crítico nos empodera” (HOOKS, 2020, p.36).

8.4 CONSTRUÇÃO DO BLOGUE

Após a finalização das quatro fases do diagnóstico e nivelamento de competências, foi iniciada a construção do *blogue*. Essa etapa se dividiu entre: aproximação com o tema da comunicação e saúde mental, análise de sites e blogues comunitários ou independentes, definição de características do blogue, criação de contas de *e-mail* e *Wordpress*¹³ e, por fim, formatação do *layout*¹⁴ do blogue. Também foi levantado um debate crítico acerca da importância da comunicação para a RPB.

A primeira fase do processo de construção do blogue esteve focada em criar intimidade entre os usuários e os veículos de comunicação comunitária produzidos por moradores de favela. Para isso, foram apresentados os seguintes veículos ou projetos de rádio, televisão, impresso, fotografia e site/blogue.

- Agência de comunicação Fala Manguinhos – Criada em 2013, cobre o território da comunidade de Manguinhos¹⁵.

¹³ Sistema que hospedaria o blogue.

¹⁴ Disposição visual dos elementos que compõem o blogue.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/falamanguinhos/>

- Jornal Maré de Notícias – Criado em 2009 pela iniciativa da sociedade civil Redes da Maré, cobre as 16 comunidades do complexo da Maré¹⁶.
- Site Nós Mulheres de Periferia – Coletivo de mulheres formado em 2012 por mulheres moradoras de diferentes favelas de São Paulo¹⁷.
- Site / exposição Favelagrafia – Lançado em 2016 pela empresa NBS SoMa, reúne fotografias produzidas por moradores de nove favelas da cidade do Rio de Janeiro¹⁸.
- Jornal Voz das Comunidades – Criado em 2005 por René Silva, um estudante do Morro do Adeus¹⁹.

Durante o debate sobre essas iniciativas, foi enfatizado o potencial delas para mostrar a realidade das comunidades e produzir uma comunicação direta entre os moradores. Em seguida, foram apresentados projetos de comunicação comunitária ou independente com a temática saúde mental produzidos por pessoas em sofrimento mental. Foi enfatizado o potencial desses projetos não só para o processo terapêutico dos usuários que os produzem, mas como veículo de comunicação entre os usuários e a comunidade. Foram Eles:

- Rádio Revolução²⁰ – Inaugurada em 1995 no centro comunitário Pedro II do Instituto Municipal Nise da Silveira na Cidade do Rio de Janeiro, onde é reproduzida no circuito interno de som (FORTUNA, 2013).
- Rádio Maluco Beleza²¹ – Criado em 2002, projeto do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, localizado na cidade de Campinas, em parceria com a Rádio Educativa de Campinas 101,9 FM, onde é transmitida mensalmente. Desde 2010 fica 24 horas por dia no ar no formato online.
- Rádio Ondas Mentais²² – Parceria entre o Centro de Convivência e Cooperação (Cecco) Tear das Artes e Residência Multiprofissional da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o projeto existe desde 2005. Ficou desativado por um ano e retornou em 2015 no formato online (MARQUES et al., 2016).
- Tv Pinel²³ – Projeto do Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel, no Rio de Janeiro, foi criado em 1996 (ARAÚJO; NABUCO, 2004).

¹⁶ Disponível em: <https://mareonline.com.br/>

¹⁷ Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>

¹⁸ Disponível em: <https://www.favelagrafia.com.br/2019/>

¹⁹ Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br>

²⁰ Disponível em: <https://radiorevolucao.fm.com.br>

²¹ Disponível em: <https://candido.org.br/portal/projetos/radio-maluco-beleza>

²² Disponível em: <http://radioondasmentais.blogspot.com/>

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/tvpinel/> e <https://www.youtube.com/user/tvpinel1>

- Blogue Memórias de um Esquizofrênico²⁴ – Criado em 2012 por Júlio Cezar dos Santos é definido como “Um blog sobre esquizofrenia na visão de um portador”. A página independente é alimentada com relatos pessoais e textos opinativos do autor e teve mais de um milhão de visualizações. É o único projeto apresentado que não é produzido em um dispositivo da RAPS.

A apresentação dos projetos acima foi seguida de um debate sobre a experiência dos “pesquisadores-cidadãos” enquanto usuários de CAPS, sua relação com a comunicação e o blogue como ferramenta de inclusão. O primeiro problema apontado pelos participantes foi o desconhecimento geral sobre o que é um CAPS e o preconceito. Segundo os usuários, as pessoas não sabem o que é o dispositivo e, quando sabem, têm o preconceito ligado ao antigo sistema manicomial. Os participantes assumiram terem vivido e compartilhado esse preconceito. Alguns afirmaram que, antes de chegar ao CAPS, tinham uma total desinformação sobre a RAPS e seus dispositivos. Nesse ponto, a maioria, oito dos dez participantes do projeto, afirmou não ter espaço para falar de sua condição e tratamento fora do círculo familiar. A partir disso, foi debatida a ideia de que uma melhor comunicação diminui o estigma, facilita a busca por tratamento, podendo proporcionar benefícios para a vida de usuários e familiares. Foi enfatizado como o projeto não propõe dar voz a ninguém, já que os participantes já a têm, mas capacitá-los para usá-la e amplificá-la.

Após a etapa de aproximação com o tema da comunicação e saúde mental, foram realizadas atividades que buscaram criar intimidade entre os “pesquisadores-cidadãos” e as mídias virtuais comunitárias, especificamente sites e blogues. A proposta era apresentar aos participantes ambientes virtuais que traduzem impressões, visões e experiências de pessoas residentes em comunidades de baixa renda ou que passam por algum tratamento de saúde, especialmente em sofrimento mental. Foram escolhidas páginas que tem como característica o protagonismo desses atores na comunicação da sua própria experiência.

Para tanto, os “pesquisadores-cidadãos” foram convidados a analisar os sites ‘Voz das comunidades’, ‘Fala Manguinhos’ e ‘Memórias de um esquizofrênico’, que já haviam sido mostrados a eles na etapa anterior. Além desses, eles também deveriam avaliar os sites e blogues ‘Diário câncer de mama’²⁵ e ‘Viver com Depressão’. Eles foram orientados a observar esses blogues e sites para identificar os aspectos visuais, de usabilidade e de compreensão do

²⁴ Disponível em: <https://memoriasdeumesquizofrenico.blogspot.com/>

²⁵ Disponível em: <https://diariocancerdemama.blogspot.com/>

texto que poderiam servir de inspiração para o blogue que iriam construir coletivamente. Essas atividades tiveram, também, o objetivo de despertar nos usuários o senso crítico acerca do papel das mídias digitais no contexto contemporâneo. Os pontos de análise foram sugeridos no formato de perguntas:

- Visual – O Site/blogue é bonito? É legível?
- Temas – Os temas do Site/blogue são interessantes?
- Usabilidade – É fácil navegar pelo Site/blogue?
- Compreensão do texto – Após ler um texto do Site/blogue: você entendeu o que foi dito?

Os links das páginas foram enviados para cada um dos “pesquisadores-cidadãos” em seu *e-mail*, sendo essa a primeira atividade do dia. Eles deveriam analisar cada site e fazer suas anotações em um documento do *Word*, o arquivo deveria ser salvo na pasta do participante no computador. Ao final da análise, as percepções de cada um foram discutidas em coletivo, elencando alternativas para o blogue que seria desenvolvido por eles. Para isso, foi realizada uma roda de conversa sobre as percepções dos participantes a partir das perguntas sugeridas anteriormente. Eles demonstraram que alguns pontos foram confusos para eles, mas o debate permitiu que as apreensões gerais forem expostas e pensadas coletivamente.

Em um primeiro momento, eles foram instigados a falarem da diferença entre sites e blogues. Isso ficou bem claro para eles e, assim, foram definidas três diferenças principais. De modo geral e simplista, as duas ferramentas foram definidas da seguinte forma: o blogue é mais específico, pessoal e com textos mais simples, porém detalhados sobre os temas abordados; os sites são mais gerais, formais e trazem textos mais complexos.

Tendo como base essas definições, além das apreensões e preferências dos próprios “pesquisadores-cidadãos” sobre os blogues analisados, o grupo começou a desenvolver em coletivo a ideia do blogue que gostaria. Com o auxílio da equipe do projeto, eles produziram uma tabela de características que desejavam que o blogue tivesse.

Após a etapa de análise, quando puderam conhecer e examinar algumas iniciativas existentes, os participantes decidiram que todos os conteúdos postados deveriam ser assinados pelo(a/s) autor(a/s). Nesse momento, foi tratada uma questão fundamental do trabalho que seria realizado: a autoria. O blogue seria dos participantes e não da equipe, eles teriam autonomia para tomar decisões e realizar ações, incluindo a continuidade ou não do blogue após o final do projeto. Também foi informado que o trabalho de construção do blogue seria feito através do suporte de forma coletiva.

Um aspecto de destaque é a escolha por um foco ampliado de temas e não restritos a sintomas, doença e formas de tratamento. A ideia central seria a de um blogue que mostrasse formas como esses participantes compreendem a vida e não apenas os processos de sofrimento, dor e adoecimento.

Para Freire (2019), não há humanidade fora da comunicação e aqui encontramos a chave para pensar a humanização em saúde mental no bojo da RPB, que propõe para o sujeito em sofrimento mental um estar no mundo que extrapole o existir unicamente a partir do sofrimento. Isso posto, foi criado junto com os usuários um cronograma de trabalho para as próximas etapas.

Além das questões técnicas, os debates e atividades práticas realizados nessa etapa levaram os participantes constatarem o potencial do *blogue* para mostrar a realidade das comunidades e produzir uma comunicação de moradores para moradores. Além disso, foi ressaltada a importância de um veículo para a comunicação entre usuários de CAPS e a comunidade.

Essas escolhas editoriais foram fundadas no desejo dos “pesquisadores-cidadãos” de pautar sua produção não só pelo que lhes falta e estigmatiza enquanto pessoas em sofrimento mental, mas também pelo que traziam como conhecimento e experiências. Nesse momento a equipe do projeto teve o papel de reconhecer e valorizar esses anseios, seguindo o que é apontado por Oliveira:

Não se trata, também, de apenas identificar carências, mas de valorizar os sujeitos naquilo que tem de melhor, sua história, seu tempo - a sua capacidade de criação. O que nos faz agir no mundo não é só o que nos falta (carência), mas principalmente o que temos disponível (desejo, sonhos, projetos). (2000, p.172)

Tendo isso posto, percebemos que nem todas as atividades técnicas poderiam ser realizadas com cada um utilizando um computador diferente, já que a criação de contas e as postagens só podem ser feitas a partir de uma máquina. Para produzir processos mais transparentes e colaborativos, foi definido que essas atividades técnicas seriam feitas por um usuário voluntário, com a orientação da mediadora, quando necessário, no computador ligado a um projetor para que todo pudessem ver e opinar. A cada semana um “pesquisadores-cidadãos” diferente ocuparia a posição, independentemente de sua média no diagnóstico e nivelamento de competências.

A partir da escolha das características gerais do blogue, cronograma e procedimento técnico padrão, os usuários se reuniram para a escolha do nome. Cada usuário fez as suas sugestões. Elas foram debatidas e votadas sem a interferência da mediadora. O nome

democraticamente escolhido foi: “Libertando a Mente”. Os usuários afirmaram que não gostariam de um nome composto por palavras que originalmente carregam uma conotação negativa sobre o sofrimento mental, como: maluco, doido, pinel, etc. Apesar dessas palavras serem comumente utilizadas em projetos comunicacionais de pessoas em sofrimento mental, para os participantes, elas poderiam perpetuar o estigma e os estereótipos negativos.

Em sequência, os “pesquisadores-cidadãos” produziram os textos coletivos e individuais que comporiam a aba “Quem Somos” do blogue. Na oportunidade, cada participante foi responsável por redigir um texto com no máximo cinco linhas sobre si mesmo informando onde morava, o que gostava de fazer e qual era a expectativa que tinha com o *blogue*. A redação do “Sobre” teve como foco a forma que eles se veem como indivíduos e as características que mais valorizam em si mesmos, fugindo de uma narrativa de adoecimento e sofrimento. Cada um escolheu uma fotografia que passou a constar no seu respectivo perfil.

Tendo definido o nome e os textos de ‘Quem Somos’, foram realizadas as etapas de criação de contas de *e-mail* e *Wordpress* e a definição de características do *layout*. Para que os “pesquisadores-cidadãos” pudessem realizar escolhas conscientes quanto à aparência e às funcionalidades do blogue, eles receberam uma aula prática sobre o *Wordpress* utilizando um outro blogue já pronto. A didática dessa aula foi escolhida pelos “pesquisadores-cidadãos” que optaram por aprender a utilizar a ferramenta e conhecer as opções possíveis antes de construir o seu blogue. Foi apresentada uma breve explicação sobre as funcionalidades do *Wordpress*, quais as opções de *layout* e como elas se encaixam em cada necessidade. As mudanças no blogue de teste eram feitas e desfeitas de forma que os usuários pudessem ver na prática como cada uma funciona. Eles também receberam orientações acerca das métricas de visitas e visualizações do blogue.

Após a exposição, foi criada a conta de *e-mail* e do *Wordpress*, todos os participantes receberam os logins e senha para acessarem as contas sempre que desejarem. Através da criação da conta do *Gmail*, foi automaticamente criada uma conta do *Youtube*, que seria utilizada para a postagem dos vídeos. Foi iniciada então a escolha do *layout* e a formatação do blogue. Cada etapa foi feita em coletivo, com os “pesquisadores-cidadãos” dando suas opiniões, sugestões e, quando necessário, com votações para que as escolhas representassem democraticamente a maioria. As escolhas foram acompanhadas de discussões sobre a usabilidade de cada tipo de *layout* disponível e o significado de cada coisa. Para a escolha das cores do *layout*, foi debatido o que significa cada cor e qual se encaixaria melhor na proposta de trabalho a ser realizada.

Durante a escolha dos *Widgets*²⁶ que comporiam a página principal, um participante sugeriu que fosse fixado na lateral um quadro de ‘Sobre’ com um parágrafo de texto descrevendo o blogue. Esse texto foi redigido em coletivo e, posteriormente, alterado para que trouxesse algumas informações básicas do projeto. O resultado da produção coletiva foi o seguinte texto, que foi revisado pela equipe do projeto:

O BLOG Libertando a Mente é produzido por usuários do “Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Magal” da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, localizado na comunidade de Manginhos. Conta com apoio da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Ele apresenta vivências do cotidiano de pessoas em transtorno psíquico e as atividades que elas realizam no CAPS-MAGAL. (PROJETO LIBERTANDO A MENTE, 2019)

Com a ajuda de um membro do LaISS, outro participante, que teve dificuldade de realizar a atividade anterior junto com os colegas, se prontificou a criar a logomarca que seria utilizada no do blogue e das redes sociais do projeto (Figura 1):

Figura 1 – Logomarca do blogue “Libertando a Mente”.



Fonte: PROJETO LIBERTANDO A MENTE, 2019

Os “pesquisadores-cidadãos” também escolheram a imagem de capa, que ficaria no topo da página principal do blogue. Para isso, foi feito um debate acerca de quais conceitos poderiam ser ilustrados por meio de uma imagem e o que significa liberdade para os participantes, já que a palavra foi escolhida para o nome do blogue. Entre as sugestões, a de maior aceitação entre os participantes foi a de liberdade enquanto portas abertas, o direito de

²⁶ Aplicativos ou ferramentas interativas que ficam expostos na página cumprem diferentes funções.

circular e acessar espaços. A partir da expressão ‘portas abertas’, foi feita uma busca no *Google* Imagens. Assim, foi escolhida uma imagem que apresenta uma porta aberta para um céu azul (Figura 2).

Figura 2 – Imagem de capa do blogue “Libertando a Mente”.



Fonte: <https://www.filosofiaesoterica.com/um-movimento-portas-abertas/>

A escolha do nome por parte dos “pesquisadores-cidadãos” e da imagem de capa do blogue guarda uma relação interessante com a educação para a liberdade (FREIRE; 1967; 1987; 2002; 2019) e o ensino do pensamento crítico (HOOKS; 2020). Bell Hooks (2020) afirma que, para que o pensamento crítico ocorra, é essencial que se mantenha a mente aberta. Em se tratando de sujeitos em sofrimento mental moradores de comunidade, falamos então de uma realidade que inclui cidadãos que sofrem diversas camadas de opressão. Posto isso, a escolha do nome “Libertando a Mente” e da imagem de portas abertas pelos próprios usuários nos aponta a presença dessa mesma ideia de mente aberta do ensino crítico (HOOKS, 2020): enquanto desejo dos usuários e compreensão de sua própria realidade. Isso ocorreu mesmo que o tema da libertação da mente não tenha sido tratado de forma literal e direta nos encontros do projeto.

Indo além das atividades técnicas e criativas desenvolvidas, nesta etapa foi possível realizar debates críticos acerca do trabalho desenvolvido pelos “pesquisadores-cidadãos”. A partir do questionamento acerca de como eles levavam os aprendizados do projeto para sua vida, foi debatida a conexão entre as atividades do projeto e a vida dos participantes fora do

CAPS. Participantes e equipe puderam debater sobre como o dia a dia deles serve para pensar o blogue, temas a serem tratados, experiências a serem contadas etc. Muitos dos temas tratados na etapa de produção de conteúdo foram fruto das vivências dos usuários dentro e fora do CAPS, a partir da forma como eles levaram a experiência do projeto para esses espaços. Alguns desses temas já haviam sido tratados nos encontros anteriores à produção de conteúdo, como a violência e questões de gênero, que apareceram já no primeiro cronograma de postagens.

8.5 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Com as contas de *e-mail* e do *Wordpress* criadas e o *layout* formatado, teve início a produção e postagem dos conteúdos, que foi dividida entre: reunião de pauta, atividades de escrita/ fotografia/ filmagem, apresentação do material preliminar, revisão e postagem. Todas as atividades foram produzidas em coletivo ou duplas, de forma colaborativa. Em um primeiro momento foi criada uma página de *Facebook* visando a divulgação dos conteúdos do blogue nas redes sociais. Como o site não permite a criação de uma página sem uma conta de *e-mail* privada, foi criado um perfil atrelado ao de um dos participantes, que ficaria responsável por replicar os conteúdos.

Nas reuniões de pauta, as duplas de trabalho e os temas a serem tratados nas próximas postagens eram discutidos e definidos coletivamente. Foi estabelecido que as duplas não seriam fixas, portanto, a cada rodada de postagens, eles deveriam trocar de parceiro. As pautas eram debatidas coletivamente, mas cada dupla recebia também orientações em separado sobre o trabalho que seria desenvolvido.

As duplas eram formadas partindo dos níveis de domínio das competências para uso de ferramentas digitais mostrados por cada usuário na etapa de diagnóstico e nivelamento de competências para uso das NTICs. A proposta era unir usuários com maior dificuldade de utilizar as ferramentas com usuários que tinham maior facilidade, buscando promover a troca de conhecimento e o compartilhamento de experiências entre eles. Dessa forma, a translação de conhecimento ocorreria não só entre a equipe do projeto e os participantes, mas entre os próprios participantes. Esse método visava também uma maior interação entre os “pesquisadores-cidadãos”. As reuniões de pauta se constituíram como espaço de fala, diálogo e construção coletiva de conhecimento, já que os usuários eram convidados a sugerir temas e expressar opiniões livremente.

Com os temas definidos, era então criado um cronograma mensal que definia o tempo de produção e as datas de apresentação, revisão e postagem de cada conteúdo. Esse cronograma visava não só garantir que o blogue tivesse uma produção contínua, mas também gerar um sentimento de responsabilidade nos “pesquisadores-cidadãos”. Isso porque cada dupla era responsável pela atualização do *blogue* em um dia específico. Esse processo progressivamente foi adotado como rotina entre o grupo.

Cada dupla tinha um período estabelecido no cronograma para a realização de suas atividades e era responsável pelo conteúdo de uma semana. Para isso, assim como nas etapas anteriores, eles foram instigados a responder as seguintes questões, decidindo juntamente com seu parceiro alguns pontos sobre o conteúdo a ser produzido: Qual será o formato? O que será dito? O que precisa ser feito? Quanto tempo é necessário para a produção desse conteúdo?

As duplas eram orientadas a trabalharem dentro e fora do LaISS. Entretanto, a maioria dos participantes não possuía computador em casa. Em função disso, eles deveriam pensar quais etapas do trabalho poderiam ser feitas com e sem os computadores. As duplas eram orientadas a trabalhar durante a semana fora do laboratório, realizando entrevistas, filmagens e fotografias em outros espaços e, só então, retornar com o material coletado, utilizando o computador para a escrita e a edição dos conteúdos. No começo da etapa de produção, foi explicado para os usuários que, dali para a frente, eles teriam todo o tempo dos encontros exclusivamente para a produção e postagem dos conteúdos. A gestão do tempo seria feita por eles mesmos, que poderiam utilizá-lo da forma como desejassem: para pesquisar, escrever, revisar, editar vídeos etc.

Com o conteúdo preliminar pronto, cada dupla fazia uma apresentação do material para os demais participantes do projeto na sala do LaISS. A dupla apresentava seu conteúdo (vídeo, foto, texto), fazendo comentários sobre seu processo de produção. Depois que a exposição se encerrava, iniciava-se um debate junto aos demais participantes, que opinavam, expondo discordâncias, concordâncias e sugestões. Assim, essas apresentações se tornaram momentos de troca de experiências, já que, por diversas vezes, produziam não só um debate sobre a forma como o conteúdo estava apresentado. Era comum nessa etapa suscitarem discussões também sobre o tema, o que abria espaço para que outros participantes trouxessem suas vivências e experiências. Feita a apresentação e ouvidas as sugestões e críticas, cada dupla voltava a trabalhar no conteúdo previsto, fazendo as correções ou alterações sugeridas. Essa correção e/ou alteração poderia ser feita no mesmo dia ou nas semanas seguintes. Nesse processo de produção de conteúdo, a mediadora procurava interferir o mínimo possível.

Os “pesquisadores-cidadãos” foram orientados a, a cada postagem, selecionarem fotos ou imagens que poderiam ilustrar os materiais produzidos. Em alguns momentos, os autores optaram por produzir imagens para ilustrar suas produções, em outras preferiram buscar imagens na internet com essa finalidade. Também foi sugerido que eles definissem os títulos dos conteúdos.

Na medida em que os conteúdos eram concluídos, iniciava-se o processo de inserção no ambiente virtual. Essa etapa do trabalho também foi protagonizada pelos “pesquisadores-cidadãos”. A cada encontro, um dos participantes era escolhido ou se prontificava para fazer a publicação do conteúdo no blogue. O participante selecionado utilizava o computador principal da sala do LaISS, que ficava ligado ao projetor, para que todos pudessem acompanhar o passo a passo de cada postagem. Essa atividade, portanto, contou com a participação de todos, apesar de ter sido executada por um único participante. O mesmo ocorreu na definição de *tags* e categorias, que servem como agrupadores organizando o conteúdo e facilitando pesquisas, tanto no *Youtube* quanto no *Wordpress*. Os participantes eram encorajados a pensar de que forma aquela postagem se relacionava com outros conteúdos e temas do *blogue* em geral e como os visitantes do blogue poderiam chegar até o conteúdo postado através dessas *tags* e categorias.

Nas primeiras postagens, era difícil conseguir que os “pesquisadores-cidadãos” com menor habilidades digitais quisessem realizar a publicação do conteúdo, mas, conforme uma maior intimidade com a tecnologia foi criada, eles passaram a ter menos medo. A aprendizagem do passo a passo tornou-se também um momento para a troca de conhecimento dentro do grupo. O processo de produção e de publicação acabou se tornando fluido, com maior adesão dos usuários. Com o tempo e a maior intimidade com a tecnologia, outros participantes passaram a realizar a publicação dos conteúdos com menor timidez.

A experiência coletiva de publicar os conteúdos também serviu para que os “pesquisadores-cidadãos” pudessem criar intimidade com o *Wordpress*. Eles tiveram a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimento sobre as estatísticas de visitação do blogue, como encontrar e alterar os conteúdos desejados e como fazer alterações no *layout*.

A etapa de produção do conteúdo envolveu um trabalho técnico de maior dificuldade, que inicialmente pode ser complicado para pessoas com menor domínio de ferramentas digitais. Para reforçar o aprendizado dos processos de publicação, assim como nas etapas anteriores do projeto, foi criado um passo a passo de trabalho, que era feito pelos usuários e repetidos seguidamente em todos os encontros de produção de conteúdo, sob a orientação da mediadora.

O passo a passo reiterado facilitou a aprendizagem das etapas e dos processos de publicação, dando autonomia aos usuários.

Com a produção de conteúdo já iniciada, o blogue ‘Libertando a Mente’ entrou em atividade no dia 1º de julho de 2019. Durante sete meses de produção, de abril a outubro de 2019, foram feitas 19 publicações. Os conteúdos foram produzidos conforme o interesse dos “pesquisadores-cidadãos”, que trouxeram temas que perpassavam suas vivências e que eles compreendiam como importantes para seu estado mental. Alguns exemplos foram: tratamento, violência, ser mulher, esportes, cultura etc. Indo além das pautas definidas em reunião, alguns usuários optaram por produzir conteúdos próprios de forma autônoma, principalmente sobre música, o que gerou várias postagens sobre esse tema. Além desses materiais, foram criadas abas específicas sobre o CAPS e o lançamento do blogue. Essas abas receberam conteúdos produzidos pelos “pesquisadores-cidadãos”, como relatos de experiência e vídeos. Todas as publicações do blogue estão descritas no Quadro 4

Quadro 4 - Publicações do blogue Libertando a Mente

Publicação	Data	Categorias	Tags	Mídia
Relatos da violência e saúde mental na comunidade	12/04/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial) Violência	CAPS Saúde mental Violência	Texto
Mulheres e seus sofrimentos mentais	17/6/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial) Mulheres Relato pessoal Sofrimento mental	CAPS Mulheres Sofrimento Mental Transtorno mental	Texto Fotografia
Um relato de violência	17/06/2019	Relato pessoal Violência	Cidade de Deus Comunidade Favela Manguinhos Violência	Texto
Benefícios das práticas esportivas em geral	24/06/2019	Atividade física Esporte Vídeo	Benefícios da atividade física Caminhada Corpo saudável Futebol Vídeo	Texto Vídeo
Hermeto Pascoal – Santo Antônio na Flauta Doce	27/06/2019	Flauta Doce Músicas Rio de Música Vídeo	Flauta Doce Hermeto Pascoal Santo Antônio Vídeo	Texto Vídeo
Minha vida antes do CAPS	01/07/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial)	CAPS Dedicação	Texto

Publicação	Data	Categorias	Tags	Mídia
		Relato pessoal Sofrimento mental	Esperança Relato pessoal Sofrimento mental superação	
Alimentação saudável	15/07/2019	Alimentação saudável Caps (Centro de atenção psicossocial) Nutrição Vídeo	Alimentação saudável Comida Entrevista Nutrição Saúde Vídeo	Texto Vídeo Fotografi a
Luiz Gonzaga – Que nem Jiló na Flauta	29/07/2019	Alimentação saudável Flauta Doce Músicas Nutrição Rio de Música Vídeo	Canção Flauta Doce Luiz Gonzaga Que nem Jiló Rio de Música Vídeo	Texto Vídeo
Geração de renda com bijuteria	29/07/2019	Bijoux Magal Caps (Centro de atenção psicossocial) Geração de renda	Bijoux CAPS Geração de renda	Texto Fotografi a
Depressão	15/08/2019	Alimentação saudável Caps (Centro de atenção psicossocial) Nutrição Relato pessoal Sofrimento mental	CAPS Depressão Nutrição Relato pessoal Saúde Sofrimento mental	Texto
Grupo dos homens	02/09/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial) Conversa Entrevista Grupo dos homens Homens Relato pessoal Sofrimento mental Vídeo	CAPS Entrevista Homens Relato pessoal Vídeo	Texto Vídeo
Lançamento do blog Libertando A Mente – Nossos relatos	02/09/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial) Entrevista Lançamento Relato pessoal Sofrimento mental	CAPS Entrevista Lançamento Relato pessoal	Texto
O vento dança por meio do ar – Setembro Amarelo	09/09/2019	Músicas Relato pessoal Setembro amarelo Sofrimento mental	Música Setembro amarelo Sofrimento mental	Texto Vídeo

Publicação	Data	Categorias	Tags	Mídia
		Teclado Vídeo	Teclado Vídeo	
Saindo do isolamento – Setembro Amarelo	16/09/2019	Conversa Esporte Relato pessoal Setembro amarelo Sofrimento mental Vídeo	Depressão Prevenção ao suicídio Relato pessoal Setembro amarelo	Texto Vídeo
Lua Branca-Chiquinha Gonzaga na Flauta doce	23/09/2019	Flauta doce Músicas Rio de música Vídeo	Chiquinha Gonzaga Fiocruz Flauta doce Francisca Gonzaga Lua Branca	Texto Vídeo
A discriminação por parte dos médicos	23/09/2019	Caps (Centro de atenção psicossocial) Discriminação Médico Medicação Sofrimento mental Violência	CAPS Discriminação Médicos Sofrimento mental Violência	Texto
Abertura de Pokémon na flauta doce	07/10/2019	Flauta doce Músicas Vídeo	Desenhos animados Flauta doce Pokemon	Texto Vídeo
A força da natureza	14/10/2019	Relato pessoal Vídeo	Borboleta Metamorfose Mudança Natureza Transformação	Texto Vídeo
Conselho comunitário de Manguinhos	21/10/2019	Discriminação Saúde	ACS CAPS Clínica da família Conselho comunitário Manguinhos Saúde	Texto

Fonte: Elaborado pela autora

Balizado pela RPB, o projeto buscou incorporar nas suas atividades as diferentes visões de mundo, experiências e conhecimentos dos “pesquisadores-cidadãos”. Os processos criativos tiveram como ponto central a complexidade dos sujeitos envolvidos, de forma a humanizá-los para além de seu diagnóstico. Ao tratar da segregação racial nos Estados Unidos da América, Bell Hooks (2021) faz a seguinte reflexão, que aqui tomamos para pensar o cenário da saúde mental brasileira antes e durante o processo da RPB: “A segregação simplifica; a integração

exige que aceitemos as múltiplas formas do saber, da interação” (HOOKS, 2021, p.137). Posto isso, compreendemos que incentivar a multiplicidade dos sujeitos participantes no projeto era inerente a proposta do projeto. Essa multiplicidade ficou clara nas pautas escolhidas para produção de conteúdo pelos usuários e, em consequência, nos conteúdos produzidos para o blogue.

8.6 LANÇAMENTO DO BLOGUE

Com o ‘Libertando a Mente’ em funcionamento, a equipe do projeto passou a organizar o evento de lançamento do blogue. O planejamento do evento foi realizado em conjunto com os “pesquisadores-cidadãos” que, em coletivo, decidiram quem falaria em nome dos participantes e quais conteúdos seriam apresentados. Eles receberam auxílio da equipe do LaISS para a produção coletiva de um texto sobre sua experiência no projeto e foram convidados a produzirem um vídeo sobre a história do CAPS-Magal para compor a abertura do evento. Para a gravação do vídeo, os participantes realizaram uma entrevista com a agente territorial, membro da equipe do CAPS e moradora de Manguinhos Darcília Alves. O Material foi editado com a ajuda da mediadora.

No dia 27 de agosto de 2019, foi realizada a sessão de lançamento do blogue no Salão Internacional da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, que fez parte das atividades do Centro de Estudos Miguel Murat de Vasconcellos. O evento foi pensado de forma a valorizar a fala dos “Pesquisadores-cidadãos”, incorporando a exposição de suas experiências e opiniões enquanto promoção da saúde e ciência cidadã. A divulgação do evento foi feita através das redes da Fiocruz, cartaz (Figura 3) e redes sociais.

Figura 3 – Cartaz de divulgação do evento de lançamento do blogue “Libertando a Mente”



CENSP
 Associação de Psicólogos
 Magali Murat de Vasconcelos

Libertando a Mente:
 a experiência de um Blog elaborado
 por usuários do Centro de Atenção
 Psicossocial Carlos Augusto Magal

28 de agosto
14h

Palestrantes
Hugo Fagundes
 Secretária Municipal de Saúde (RJ)

Inesita Araújo
 IUSP/Fiocruz

Paulo Amarante
 ENSP/Fiocruz

Local:
 Salão Internacional
 Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP)
 Rua Leopoldo Bulhões, 1.480, 4º andar – Mangunhins – RJ

Coordenador
André Pereira Neto
 ENSP/Fiocruz

Fonte: Assessoria de comunicação CENSP

A sessão foi dividida em dois momentos. O primeiro foi protagonizado pelos participantes do projeto, que, vestidos com camisetas do projeto (Figura 4), se sentaram em um lugar de destaque reservado para eles. A abertura do evento foi feita com a exibição do vídeo com a entrevista feita por eles.

Figura 4 – Pesquisadores-cidadãos durante o evento de lançamento vestindo camiseta do projeto assistem ao vídeo.



Fonte: Arquivo projeto Eu Quero Entrar na Rede

Dois “pesquisadores-cidadãos”, um homem e uma mulher, leram o texto produzido coletivamente (Figura 5) e eles foram individualmente apresentados.

Figura 3 – Pesquisadores-cidadãos leem no evento de lançamento texto produzido de forma coletiva.



Fonte: Arquivo do projeto Eu quero entrar na rede

Caminhando de encontro à afirmação de Paulo Freire de que a liberdade se conquista em comunhão (FREIRE, 2019), em um determinado momento do texto, eles destacaram a importância do trabalho coletivo e do suporte mútuo:

Todo início é difícil...sem saber o que estaria por vir aceitamos a responsabilidade de realizar esse *blogue*, cada um teve seu momento de dificuldade, uns na escrita, outros nas fotos, alguns nos vídeos ou no conteúdo das postagens. Entretanto, em todos os momentos procuramos nos superar com a ajuda uns dos outros usando o que aprendemos durante esse processo (Discurso de abertura do evento de lançamento).

Em seguida foi formada uma mesa composta pelo professor Paulo Amarante, autoridade nacional sobre saúde mental, a professora Inesita Araújo, especialista em comunicação e saúde, e pelo médico Hugo Fernandes – então superintendente de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Os participantes tiveram a oportunidade de fazer perguntas e comentários sobre as falas dos especialistas convidados e a responderem a perguntas do público presente.

No encontro posterior ao lançamento do blogue “Libertando a Mente”, foi realizada uma atividade com a finalidade de registrar as percepções dos usuários sobre sua participação no evento. A atividade resultou em uma postagem com o relato dos participantes no blogue. Seguem os comentários feitos pelos participantes:

Relato 1:

(...) achei muito boa a experiência de fazer parte de um grupo que alimenta e expõe um BLOG na internet. Sempre procurei um espaço como este onde eu teria voz tanto no momento de escrever quanto no de falar e ser visto em vídeos. A princípio eu sou mais individualista nas minhas postagens colocando mais o que me agrada do que postando temas coletivos, mas se precisam da minha ajuda eu estou sempre pronto para ajudar, ensinar e aprender nesse processo. Foi uma grande honra saber que nós do projeto LIBERTANDO A MENTE éramos os primeiros usuários da saúde mental a fazer uma apresentação no SALÃO INTERNACIONAL DA ENSP. Como disse o coordenador André Pereira Neto, entramos para a história.

Relato 2:

A inauguração do blog foi para mim uma oportunidade de expressar nossas ideias e experiências pelo qual nos motivou a orientação de esforço de pensamento e atenção sobre as coisas que vivemos no dia a dia através de nossas condições mental e uma gratificante experiência de nossas vidas para uma vivência com as outras pessoas.

Relato 3:

O lançamento do grupo blog foi uma ótima experiência pois foi o início de tudo e nos deu uma oportunidade. Para saber que somos capazes de ir um pouco além do que somos e ser apresentados as pessoas importantes do estado e como pessoas da Fiocruz.

Relato 4:

Foi muito gratificante pois fizemos os textos por nós mesmos, eu tenho que agradecer especialmente pelo CAPS, LAISS, LAPS e o espaço que temos hoje na Fiocruz. O que agradeço mais é sobre a oportunidade que nós tivemos por sermos “especiais” e não tendo condição de pagar um curso. Isso foi muito

gratificante porque eu nunca tive uma oportunidade como essa, essa oportunidade foi dada a nós para alguns usuários do CAPs Magal. E fico feliz por ter sido um deles, no dia 28/07 foi dado o lançamento do Blog Libertando a Mente e isso foi o auge da minha vida, estava em depressão, início de esquizofrenia, surtando demais antes de ser convidado para o blog. Então essa experiência foi maravilhosa para mim, me ajudou muito, aumentou minha moral que estava baixa. Fico feliz por todos terem conseguido continuar no curso.

Relato 5:

No dia do lançamento do blog, me senti muito bem. Pensei que estaria nervosa mais tudo ocorreu normalmente. Foi uma grande recompensa depois de um grande trabalho, e agora espero os frutos de tudo. Mas sei que a jornada é longa por que para mim apenas começou.

Relato 6:

Me senti muito orgulhoso do trabalho feito por mim e a equipe. Foi um dia emocionante, compartilhamos juntos neste dia, o melhor do nosso afeto e ver a nosso trabalho feito e amplificado. Não foi como no dia do ensaio. E é claro que não foi. A nossa turma foi muito bem independente do medo ou ansiedade de se pronunciar mediante aos que estavam a frente de nós. De mim só fiquei um pouco ansioso, mas segurei a onda legal.

Além das percepções dos participantes sobre suas participações no evento do lançamento, a atividade também se mostrou como um espaço para que os usuários pudessem expor suas opiniões sobre o processo de construção e produção do blogue. Frases como ‘fizemos os textos por nós mesmos’, ‘Sempre procurei um espaço como este onde eu teria voz tanto no momento de escrever quanto no de falar e ser visto em vídeos’ e ‘A inauguração do blogue foi para mim uma oportunidade de expressar nossas ideias e experiências’ apontam para como o blogue e, complementarmente, o evento de lançamento foram compreendidas pelos usuários como espaços de fala. A valorização do trabalho coletivo também voltou a aparecer em alguns pontos.

8.7 DISCUSSÕES PARCIAIS

Algumas questões, mesmo não estando presentes no planejamento inicial do projeto, ganharam destaque por se tratarem de problemáticas evidentes durante as atividades do projeto como um todo, desde a introdução dos “pesquisadores-cidadãos” ao espaço da Fiocruz, até a produção de conteúdo. Três questões indireta e diretamente relacionadas com a cidadania dos participantes se mostraram especialmente importantes para as discussões e o desenvolvimento do projeto: a resistência de alguns usuários em portar documentos de identificação, a relação

dos participantes com o espaço da Fiocruz e a presença da temática da violência. A inclusão desses debates ocorreu de forma natural. Cada uma delas será mais bem explicada.

8.7.1 Cidadãos Sem Documentos

No primeiro dia de atividades do projeto, a equipe do LaISS esperava pelos participantes no laboratório. Eles seriam acompanhados até lá por um profissional do CAPS. No horário marcado eles não chegaram, dez minutos de atraso foram seguidos de uma ligação do profissional que os acompanhava avisando que eles não poderiam entrar, pois estavam sem seus documentos. A sede da Fiocruz fica localizada na Cidade do Rio de Janeiro, entre as comunidades de Manguinhos, onde fica o CAPS, e da Maré, e possui duas entradas, uma de cada lado, pela Avenida Leopoldo de Bulhões e pela Avenida Brasil. É exigido daqueles que entram a pé no espaço da instituição a apresentação de documento de identificação.

O episódio se repetiu algumas vezes e acabou gerando na equipe questionamentos acerca da questão: por que eles resistiam em portar documentos de identificação? Somada à problemática do portar documentos de uma forma geral, como é aplicável a todos os cidadãos, estava o fato de todos eles estarem constantemente expostos a situações de violência. Essas poderiam ser ocasionadas ou intensificadas por uma não identificação frente a autoridades policiais, produzindo consequências graves.

Após algumas reflexões e conversas com os participantes e profissionais do CAPS, ficou perceptível que o silenciamento e a limitação de acesso a diferentes tipos de espaço acabaram por restringir a compreensão desse “código de convivência” que compõe a vida do cidadão comum de qualquer capital. Eles vinham de uma vivência limitada de cidadania, o que Carvalho (2012) vai chamar de cidadania incompleta e Souza (2003) de subcidadania. Nessa experiência, está refletida a cidadania do doente, citada por Sontag (2007) em sua reflexão acerca da doença como metáfora. Uma cidadania que é diferente para saudáveis e adoecidos. A partir dessa questão, o primeiro passo do projeto foi, juntamente com a formação teórico crítica, instigar nos participantes a reflexão sobre sua própria cidadania, direitos de ir e vir e a importância de portar documentos de identificação.

O começo do projeto envolveu uma roda de conversa dos perigos que significavam moradores de favela, alguns deles negros e especialmente atingidos pela violência urbana a que todos os cidadãos estão expostos, transitarem sem nenhuma forma de identificação. Iniciado o processo de compreensão acerca do tema, cada um ganhou um crachá que os identificou como

alunos do LaISS durante todo o projeto e permitiu a livre circulação deles pelo espaço da Fiocruz. A possibilidade de circular pelo espaço da instituição e a mobilidade proporcionadas pelo crachá foram cruciais para a compreensão deles sobre seu papel no projeto, contribuindo para o empoderamento dos usuários naquele microcosmo.

8.7.2 Território

A maior liberdade dos participantes para circular na Fiocruz acabou por gerar maior intimidade desses sujeitos com o espaço da instituição. Apesar de geograficamente próximo das comunidades da região, a Fiocruz era simbolicamente distante para eles.

Essa relação foi perceptível através da primeira atividade de texto. Foi solicitado que eles fizessem um pequeno relato sobre o que sabiam da Fiocruz e sua relação com a instituição. Mesmo sendo moradores da região e tendo o castelo símbolo da instituição como parte dos seus cenários cotidianos, vários participantes relataram não conhecer a Fiocruz. Até aquele momento, alguns participantes tinham apenas realizado visitas pontuais para irem ao Centro de Saúde da instituição. Um dos participantes havia feito um curso de agente comunitário e outros haviam participado de eventos abertos à comunidade, como campanhas de vacinação. Em um dos relatos, um participante destacou a importância da Fiocruz para a comunidade e descreveu como os eventos de vacinação são também uma fonte de entretenimento para a comunidade, carente de atividades.

“É muito importante pois é lugar de referência mundial pois tem muita importância para em questão de medicina e quando tem campanha de vacinação eles transforma a fundação Oswaldo cruz quase num parque de diversões. e tem várias utilidades para as crianças recém-nascidas com grupos por exemplo de dengue e dentro e outros.”

Os relatos de admiração com a instituição foram acompanhados do distanciamento, de um olhar estrangeiro, como é possível perceber na seguinte fala de um dos “pesquisadores-cidadãos”: “Bem, apesar de nunca ter entrado no núcleo da Fiocruz, sempre tive curiosidade em conhecer o lugar. Sempre passei pela Avenida Brasil e observava o museu que até mesmo à distância é notável.”

Outro participante relatou algo semelhante, de como via a instituição tão próxima, mas sem de fato adentrar:

“A primeira impressão que eu tinha sobre a Fiocruz era que havia apenas um castelo dentro desse lugar, não fazia a mínima ideia do que havia aqui dentro, desde quando eu nasci e passava de ônibus eu via de longe aquele castelo bonito, sempre tive curiosidade de entrar e conhecer o que havia aqui dentro... Depois de muitos anos quando cheguei a ser usuário do CAPS MAGAL, eu tive a primeira oportunidade de entrar aqui e conhecer o que havia nesse lugar tão grande e repleto de pessoas: alunos, professores e civis que vinha para visitar o museu e conhecer o espaço da Fiocruz...”

O trecho acima traz implícita a forma como na relação dos participantes do projeto com o espaço da Fiocruz havia uma delimitação simbólica. Ocupantes de espaços geográficos muito próximos, a instituição e as comunidades constituem territórios simbólicos diferentes.

Gondin e Moken (2009) explicam que a noção de território nasce atrelada à posse da terra e ao medo dos subjulgados que não a possuem. Na saúde, o território decorre das relações sociais que se estabelecem nele. É mais do que o espaço em si. Pouco a pouco, a liberdade de circular pela Fiocruz aproximou os participantes do espaço. Através das atividades do projeto, a diferença se tornou menos presente para os usuários participantes. De usuário do CAPS, eles passaram a ser usuários do LaISS e, portanto, parte daquele universo simbólico. O relato de um dos usuários mostra como a identificação como alunos permitiu a eles uma nova experiência como sujeitos, promovendo a construção de relações mais iguais e um sentimento de pertencimento:

“O Laiss que abriu as portas para nós entramos no mesmo mundo que as pessoas “normais” vivem, no projeto “Eu quero entrar na rede”. Então a primeira visão que eu tive sobre a Fiocruz foi ótima, pessoas bem receptivas, segurança e é um lugar super calmo e respeitoso. Todas as pessoas são educadas conosco, não somos vistos apenas como pessoas especiais e sim como alunos de um novo projeto.”

Na segunda metade do projeto, tornou-se mais comum que os participantes chegassem mais cedo e sozinhos para utilizarem os computadores. Isso só era possível graças a autonomia para circular pelo território que foi conquistada e apropriada por eles ao longo do processo.

8.7.3 Violência

Se por um lado as relações com o território simbólico da ciência e o circular por ele permitiram um outro olhar dos participantes sobre sua própria identidade e cidadania, por outro esses dois pontos continuaram perpassados pela violência. Esse tema mostrou-se tão presente que foi inserido nas temáticas de produção de conteúdo. O projeto buscou desde o início das

atividades ampliar a compreensão da realidade do território pelos participantes moradores. Isso fez com que algumas pautas ganhassem força, a violência foi uma delas. Além de aparecer atrelada à argumentação usada pela equipe do blogue para convencer os participantes a portarem documentos, como uma garantia de segurança, a violência também foi lembrada na primeira escolha de temas para a produção de conteúdo para o blogue. Apesar da escolha do tema, alguns usuários tiveram dificuldade de falar sobre a violência, pois ela era vista com normalidade. Um exemplo disso é o seguinte diálogo:

Mediadora – Como é em dia de operação?

Usuário 1 – Normal, eu passo numa rua, alguém fala “não passa ali que tem polícia”.

Mediadora – Mas vocês acham que alguém faz isso no meu bairro? Ninguém fala que você não pode passar porque tem polícia.

Usuário 2 – Mas é porque você não mora na favela né²⁷!

Mediadora – eExatamente, mas vocês percebem que não é normal?

Usuário 1 – Para a gente é “normal” porque acontece o tempo todo.

Após esse episódio, uma dupla de usuários produziu um texto sobre um tiroteio ocorrido no entorno do CAPS. O conteúdo trouxe relatos de usuários e profissionais do CAPS, que viam suas atividades diárias serem constantemente atravessadas pela violência. Por conta do risco que a publicação poderia trazer para os usuários, foram utilizados nomes fictícios. Também não foram utilizadas fotografias dos autores e dos entrevistados.

O seguinte relato pessoal de um dos participantes fechou o texto trazendo para o blogue o debate, citado acima, acerca da normalidade da violência no território de Manguinhos.

Eu, Robert Willians que recolhi estes relatos estive lá sentado no chão do CAPS com outros muitos pacientes e parentes de pacientes esperando a coisa acalmar, devo confessar que já tenho casos como esse como “normal” pois eu cresci vendo e aceitando à força esse tipo de ações de violência tanto policial quanto criminosa. Os profissionais faziam o possível para guardar nossas vidas em segurança pois algum paciente do serviço mental poderia ser mal interpretado pelas forças atuantes no momento, pois aqui onde moro esse tipo de coisa pode acontecer facilmente, derivando em vítimas fatais sem limites. A guerra que acontece em torno do estado do Rio de Janeiro é realmente alarmante pra quem não vivencia isso na pele, mas a palavra que eu usaria pra descrever tiroteios constantes, abuso de autoridade, uso de força por parte dos criminosos, entre outros é “normal”, aqui isso tudo é “normal”, acontece direto e sem avisos, deixando mães, pais e famílias sem chão. Eu tenho muita sorte em dizer que minha mãe morreu aos 40 anos por motivos de doença e não por conta da violência assim como meu pai. (LIBERTANDO A MENTE, 2021)

²⁷ Naquela ocasião, a mediadora era moradora de um bairro da zona Sul do rio de Janeiro.

Quando apresentado para os colegas, o texto foi base para uma intensa discussão sobre violência e saúde mental. Todos elogiaram o texto e contaram experiências próprias envolvendo a violência no território. Eles refletiram sobre as causas da violência, sobre sua relação com o tráfico de drogas e sobre como são tratados pela polícia. Foram assunto na discussão outros temas, como: distribuição desigual de renda, corrupção na polícia, liberação das drogas etc.

Outro ponto do projeto em que a violência ganhou destaque foi a forma com as atividades eram limitadas pela incidência de episódios violentos. Durante os 12 meses de projeto quatro encontros foram cancelados, um começou com atraso e um foi interrompido em decorrência de tiroteios na comunidade de Manguinhos. Em um dos encontros, um familiar ligou para um dos participantes durante o encontro para avisar de um tiroteio próximo a sua casa, no Complexo da Maré. Em 134 páginas de relatórios, produzidos durante o projeto, a palavra tiroteio aparece dez vezes.

No dia 12 de novembro de 2018 o encontro para a realização das atividades do projeto sofreu atraso em função de um tiroteio ocorrido em Manguinhos naquela manhã. Com o território ainda instável, o deslocamento dos participantes e profissionais do CAPS-Magal a pé até o LaISS, cerca de 1,5 quilômetro, não era seguro. O encontro só foi realizado porque três profissionais do CAPS-Magal disponibilizaram seus veículos particulares para o deslocamento da equipe e dos participantes.

Além das questões práticas, os eventos violentos também afetavam o emocional dos participantes e da equipe. Sobre outro encontro interrompido por um tiroteio, esse realizado no dia 4 de fevereiro de 2019, foi feito o seguinte relato no relatório de atividades:

“Às 14 horas começou um tiroteio na comunidade de Manguinhos e isso de alguma forma influenciou no emocional de uma forma geral. Mantive contato com o coordenador do projeto e os profissionais do CAPS e fomos orientados a permanecermos no LaISS até que a situação se normalizasse.”

Com o fim do tiroteio os participantes foram liberados para retornarem ao CAPS-Magal ou às suas casas. A relação do projeto com a violência será melhor tratada mais a frente, nos fatores limitantes do projeto e volta a aparecer nas entrevistas com os usuários.

Nesse sentido, ficaram claras as implicações dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS) na vida dos usuários. Buss e Pellegrini Filho definem DSS como “fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população” (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 78) e afirmam que hoje há um consenso acerca da importância deles para a saúde dos

indivíduos. Esses determinantes vão se relacionar fortemente com a cidadania plena, incompleta ou inexistente dos indivíduos em sociedade (CARVALHO, 2012). A violência nos territórios de favela é um desses DSS e, durante as atividades do projeto, se mostrou constantemente presente.

8.8 FATORES FACILITADORES OU LIMITADORES

A partir das informações aqui apresentadas foi possível identificar fatores que facilitaram a realização do projeto e contribuem com sua replicabilidade em outros contextos. Foram identificados seis fatores facilitadores.

A nosso ver, o principal deles foi a utilização da metodologia da translação do conhecimento. Através das trocas de conhecimento e vivências proporcionadas pelo método, os encontros realizados no LaISS constituíram espaços confiáveis para o exercício de fala. Os usuários puderam se expressar livremente, tendo oportunidade de aprender e ensinar uns aos outros e construir coletivamente o *blogue* trocando experiências. Somada à pedagogia de Paulo Freire, a translação do conhecimento possibilitou a valorização do conhecimento dos participantes, favorecendo processos de ensino-aprendizagem mais fluidos que se davam a partir da leitura do ambiente e dos participantes, equipe e usuários.

Nesse sentido, o trabalho em duplas, a partir do diagnóstico e nivelamento de competências, criou possibilidades para a troca de conhecimento e estreitamento de laços entre os participantes. A junção de participantes com maior e menor média na avaliação de competências permitiu que os processos de ensino e aprendizagem ocorressem também entre os usuários e valorizassem os diferentes saberes. Isso permitiu que os participantes convivessem de forma mais próxima uns com os outros. Assim, eles puderam aperfeiçoar a convivência social.

Um segundo fator facilitador está relacionado com o fato de a atividade ter sido realizada fora do espaço do CAPS. A necessidade de transitar por um novo espaço ajudou na promoção da autonomia dos “pesquisadores-cidadãos” e serviu como um incentivo à integração do grupo, já que muitas vezes eles se deslocavam em conjunto. A circulação dos usuários se mostrou como um facilitador na emancipação desses cidadãos.

Um terceiro fator facilitador foi a realização das atividades do projeto nas dependências do LaISS: uma sala equipada com 10 computadores, ligados à internet, projetor e ar-condicionado. Assim não foi necessário nenhum investimento em infraestrutura tecnológica

para a realização das atividades. Além disso, esse projeto havia sido aprovado em um edital de Divulgação Científica da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz. Essa aprovação permitiu que os usuários recebessem uma bolsa que contribuiu para o aumento da autoestima e favoreceu a adesão dos “pesquisadores-cidadãos”.

O quarto fator facilitador identificado foi o perfil dos participantes. Como já foi exposto, os usuários selecionados para a participação no projeto eram em sua maioria jovens adultos com conhecimento básico necessário para utilização da NTICs. Esse perfil fez com que não fossem necessários muitos encontros e atividades voltadas para a formação técnica dos participantes, tornando o trabalho mais rápido e produtivo. Somado a isso, a lógica de passo a passo impulsionou o aprendizado daqueles que tinham maior dificuldade. Em função disso, foi possível iniciar a etapa de produção de conteúdo em menos tempo do que seria possível com um grupo com pessoas com menor domínio das tecnologias.

O quinto fator facilitador identificado foi a atuação da equipe multidisciplinar formada por profissionais do campo da saúde e das ciências sociais do LaISS, LAPS e CAPS-Magal. Através da combinação de ferramentas e abordagens de cada campo, foi possível estabelecer o planejamento e a consequente atuação interdisciplinar. Em função disso foi possível empreender a produção do blogue a partir da promoção da saúde, do cuidado e da ciência cidadã.

Por fim, compreendemos que a escolha do blogue como ferramenta comunicacional digital foi um sexto facilitador. Diferente de outros formatos de comunicação social, o blogue é de fácil construção, manutenção e baixo custo. Existem hoje inúmeros servidores que permitem a hospedagem de blogues de forma gratuita. A presença integral dos conteúdos produzidos na internet também permite a divulgação fácil e sem custo através de redes sociais.

Consideramos que dois fatores dificultaram a realização do projeto.

O primeiro fator foi a violência que domina o território de Manguinhos, onde ocorrem constantes conflitos armados. Como foi anteriormente citado, eles foram motivo de constante vigilância e colocaram participantes e equipe em risco, impedindo o deslocamento de todos até o LaISS. Algumas vezes, esses conflitos armados foram noticiados na imprensa, como a que podemos ver na imagem X, retirada do site do jornal O Dia, de 11 de fevereiro de 2019:

Figura 4 – Notícia sobre tiroteio em Manguinhos.

ODIA

Tiroteio em Manguinhos paralisa circulação de trem na Central

RIO DE JANEIRO

Tiroteio em Manguinhos paralisa circulação de trem na Central

Devido a uma operação policial, SuperVia suspendeu temporariamente o serviço, que já está normalizado

WhatsApp Facebook Twitter YouTube Instagram Google+ Siga O Dia no Google News



SuperVia
Gereel Castelo Branco / Arquivo / Agência O Dia

Por O Dia
Publicado 11/02/2019 11:54 | Atualizado 11/02/2019 12:32

Rio - Um intenso tiroteio paralisou a circulação de trens na estação Central, no Centro do Rio, na manhã desta segunda-feira. De acordo com a UPP de Manguinhos, policiais militares do 3º EPM (Méier) entraram em confronto com criminosos que tinham roubado um caminhão na Avenida Leopoldo Bulhões, que liga o bairro de Bonsucesso a Benfica, perto da comunidade.

+LIDAR

1

O P n oi

2

Fonte: Tiroteio em Manguinhos Paralisa circulação de trem na Central. Jornal O Dia.
Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/02/5619033-tiroteio-em-manguinhos-paralisa-circulacao-de-trem-na-central.html>.

O segundo fator que dificultou a plena realização das atividades foram os efeitos colaterais dos medicamentos psicotrópicos consumidos pelos usuários. Era comum que os participantes chegassem para os encontros do projeto no LaISS sob o efeito das medicações tomadas. Alguns deles apresentavam sonolência ou dificuldade de concentração nas atividades propostas. Isso implicou na necessidade de pensar didáticas diferenciadas que proporcionassem um maior envolvimento. A principal delas foi a opção por mais atividades práticas ou rodas de conversa curtas, já que alguns participantes mostraram dificuldade em se manterem acordados e focados em atividades estritamente teóricas com o uso do projetor.

Em função da aprovação do projeto no edital de Divulgação Científica da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, a questão financeira não foi necessariamente um fator que dificultou a realização do projeto, mas, com o fim das bolsas,

tornou-se um problema para a continuação do projeto. Apesar do crescimento da internet no mundo, a sustentabilidade financeira de um blogue ainda é incerta. Nesse ponto, o projeto para a produção de um blogue, ou qualquer outro veículo de comunicação, difere de oficinas de outras naturezas, comuns em dispositivos da RAPS, que tem como resultado produtos que são vendidos e geram renda para o grupo. A sustentabilidade do *blogue* se mostrou como um desafio de natureza prática. Apesar de estudar a possibilidade de financiamento coletivo, o projeto não encontrou uma solução para tornar sua produção rentável.

Alguns fatores merecem ser analisados se houver interesse em replicar esta experiência em outros ambientes.

Em primeiro lugar, constatamos que houve um engajamento desigual dos usuários. Aproximadamente a metade dos usuários foi proativa, se envolvendo e tomando frente de ações. A outra metade se envolveu pouco e não mostrou interesse nas atividades. Esse segundo grupo se mostrou interessado, sobretudo, em receber a bolsa. No contexto de vulnerabilidade da população-alvo, a valorização da participação por incentivo financeiro não necessariamente é negativa. Entretanto, ele precisa ser acompanhado de uma ressignificação do processo como agregador de ferramentas de protagonismo e emancipação.

Também sobre esse tema, é importante refletir sobre como diferentes níveis e formas de engajamento e participação são naturais em abordagens pedagógicas libertárias e democráticas. Como afirma Sacristán, “a primeira condição da educação democrática é a de reconhecer que pode ser entendida por meio de diferentes discursos, com validade desigual entre eles mesmo com pesos distintos” (2011, p.16). Os “pesquisadores-cidadãos” não são uma massa indistinta, tratá-los como múltiplos implica em ter diferentes processos e resultados. Em projetos dessa natureza, parte da riqueza do método consiste em compreender as diferenças e buscar caminhos para contornar as dificuldades e resistências de cada um. O diálogo honesto nesse sentido pode ser mais efetivo no aproveitamento das potencialidades e interesses individuais e coletivos.

Outro desafio está relacionado com a construção de narrativas que não sejam centradas apenas na dor e no sofrimento e que abarquem os anseios e preferências dos participantes. O empoderamento dos usuários foi pensado a partir da perspectiva sociocultural da RPB. Nesse sentido, buscamos encorajar os participantes a se afastarem da condição unicamente de pessoa em sofrimento mental. Sugerimos que essa não fosse a principal temática e/ou única. Incentivamos os participantes a valorizarem a criatividade e as afinidades existentes entre eles. Assim foram surgindo temas relacionados a arte, esporte e alimentação.

Percebemos nesse processo de despertar os interesses e afinidades dos participantes. Bell Hooks (2021) pontua esse processo como desafio para pessoas em situação de opressão e vulnerabilidade. “Devemos nos tornar tão articulados ao nomear nossas alegrias quanto somos ao nomear nosso sofrimento” (HOOKS, 2021, p.274).

Percebemos que, no começo do processo, é necessário incentivar e dar sugestões aos participantes para que o debate ocorra. Contudo, para que o processo siga valorizando o empoderamento e a autonomia dos participantes, é importante que a equipe esteja aberta e preparada para compreender a mudança de comportamento dos usuários, incentivando a fala dos participantes e aderindo às temáticas sugeridas por eles. Trabalhar com a autonomia, buscando o empoderamento dos participantes, pode se mostrar especialmente desafiador. Nesse ponto, a etapa inicial de formação crítica e a mediação dialogal foram importantes para ampliar a visão dos participantes e preparar a equipe para a adesão do conhecimento dos usuários participantes.

Por fim, é desafiador pensar a viabilidade tecnológica de ações desta natureza em outros espaços. O projeto se tornou possível através de uma estrutura técnica que não é a realidade da maioria dos dispositivos da RAPS. Isso pode ser um fator limitador, impedindo que projetos semelhantes ocorram. Parcerias entre dispositivos de saúde mental e instituições de outras naturezas, principalmente de ensino, e o investimento em laboratórios ou equipamentos de informática são alternativas que podem contribuir para o enfrentamento deste problema.

Indo além da replicabilidade desse projeto, a criação de laboratórios de informática em dispositivos da RAPS pode contribuir diretamente com a inclusão digital e social dos usuários da Rede.

8.9 RELATO DE MEDIAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA

Este relato de mediação em primeira pessoa surgiu da certeza de que o mediador de projetos de Educação Popular traz consigo percepções e vivências que muitas vezes extrapolam questões acadêmicas e profissionais. Nesse sentido, seguimos as ideias de Freire (2002) que, ao se apoiar em Garcia e Valla (1996) para se assumir como um observador imparcial, que traz como ponto de vista o dos ‘condenados da Terra’, admite que:

Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (FREIRE, 2002, p.9)

A função de mediadora no projeto “Eu quero entrar na rede” poderia ter sido exercida por outras pessoas com o mesmo ou outro perfil, incluindo profissionais com uma maior experiência no campo da saúde mental. A equipe estruturou o projeto a partir de ações de comunicação e produção de conteúdo. Após a escrita do projeto e sua aprovação no Edital de Divulgação científica da VPEIC, a escolha de uma pessoa com o meu perfil como mediadora teve como objetivo características que facilitassem a produção de um blogue. Cumprir minha função de mediadora como uma comunicadora com experiência em docência superior atuando no campo da saúde.

Fui orientada a escrever relatórios das atividades, registrando semanalmente o que ocorria nos encontros. Como já citado, esses relatórios são parte dos documentos que guiam esse relato.

Não era intenção da equipe que eu atuasse como uma terapeuta ou qualquer outro profissional da saúde. Sou uma profissional da comunicação e, como tal, desenvolvi meu trabalho. Essa atividade incluiu promover a troca de conhecimentos entre os participantes, facilitar seu relacionamento e comunicação e criar pontes entre o grupo e a equipe do projeto. Processos que, por sua vez, são naturalmente terapêuticos, mas não eram apenas isso. Primeiramente, fiquei insegura com relação a como minha atuação como mediadora seria recebida pelos participantes, já que eles estavam acostumados a lidar com a equipe do CAPS, composta por profissionais de saúde mental.

Para minha surpresa, eles não tiveram nenhuma dificuldade com essa questão, compreendendo perfeitamente o papel do mediador, os objetivos do projeto e o papel que teriam como participantes. A ideia de um projeto de inclusão social utilizando as NTICs com a produção de um blogue foi, desde o início, muito bem entendida e aceita por eles. Isso gerou outra questão: alguns participantes ficaram ansiosos e revelaram sua disposição em pular etapas teóricas de debate e de desenvolvimento crítico. Alguns deles queriam avançar para a prática de construção do blogue e produção de conteúdo assim que as atividades foram iniciadas.

Essas etapas iniciais, contudo, eram fundamentais para o trabalho que seria desenvolvido mais à frente. Assim, nos orientamos pelas ideias de Freire (2002) quando afirma que é fundamental despertar no educando a consciência crítica frente a sua realidade. “O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem, é ajudá-lo a ajudar-se. (E aos povos também) É fazê-lo agente de sua própria recuperação” (FREIRE, 2002, p.56). Seguir esse postulado implicou um posicionamento ativo de minha parte como mediadora visando ao aprofundamento crítico

dos educandos. Ele não significou, contudo, tomá-los como tábula rasa, incapazes de realizar as atividades de forma autônoma.

Até o começo das atividades, eu conhecia apenas superficialmente a translação do conhecimento e a pedagogia de Paulo Freire. A educação libertadora é um tema amplamente conhecido e estudado no campo da educação. Entretanto, para mim, uma profissional com experiência em docência no ensino superior, mas sem formação pedagógica e acostumada em ter o controle, o contato com essa abordagem pedagógica era novo. Minha aproximação com a educação libertadora se deu na prática pedagógica comunicacional junto com os participantes do projeto. Ela não foi automática, exigiu reflexão teórica e atenção sobre o fazer e as trocas que surgem dele.

Como mencionamos anteriormente, a equipe composta por pesquisadores do LAPS, LaISS e CAPS se reunia mensalmente para acompanhar o andamento do projeto. Nesses encontros, construímos um processo de aprendizado mútuo para que eu e a equipe do projeto compreendêssemos o tempo, os interesses, as limitações e as potencialidades de cada participante. Aprendemos juntos. Nas reuniões, eu tentava traduzir para a equipe o que ocorria durante os encontros, para assim alinharmos nossas expectativas.

Não foram necessários muitos encontros para percebermos que os “pesquisadores-cidadãos” do projeto estavam muito além do que nós esperávamos. A superação dessa expectativa talvez esteja associada ao nosso preconceito ou à insegurança no lidar com cidadãos em sofrimento mental. Constatamos que eles tiveram menos dificuldade do que o esperado no uso das NTICs e necessitaram de menor tempo do que o planejado para realizar as atividades propostas. Apesar dessa demonstração, alguns pontos foram desafiadores para a mediação. Entre eles, destaco a fuga do conteudismo e a promoção da autonomia dos participantes. Em relação ao primeiro ponto cabem alguns comentários.

Apesar de existirem saberes e habilidades que deveriam estar minimamente consolidados, o projeto propôs desde seu início fugir de um quadro engessado de conteúdos. Mais do que conteúdos fixos pré-estabelecidos, buscamos o diálogo com os participantes, de forma a trazer para o processo as suas experiências e conhecimentos, promovendo a autonomia e empoderamento. Com isso, a organização das atividades e a promoção da troca de conhecimentos necessários para a produção do blogue se desenvolveu de forma livre, participativa e fluida. Para mim, que guiava as atividades em laboratório, isso trouxe certas dificuldades e a necessidade da minha reinvenção. Em alguns momentos foi necessário equilibrar o tempo disponível para a realização das atividades do projeto com a liberdade e o

diálogo. Percebemos que, para cumprir os princípios democráticos e inclusivos propostos, precisaríamos realizar as atividades seguindo o fluxo dos debates e as necessidades dos participantes. Assim foi feito. Para tanto, o planejamento e o cronograma foram adaptados quando necessário.

Em relação ao segundo ponto cabem alguns comentários. Me pareceu desafiador colocar em prática a premissa central de promoção da autonomia dos educandos. Com a ajuda da equipe do projeto, precisei desenvolver um novo olhar para, então, perceber em minha mediação atitudes protecionistas. A pedagogia da liberdade foi confrontada por minha própria dificuldade de deixá-los livres e compreender seu modo de fazer como expressão do conhecimento deles.

Garcia e Valla (1996) tratam da questão e expõem a dificuldade de aceitar outras formas de conhecimento. Para esses autores, a nova postura é uma problemática comum entre profissionais e grupos que trabalham com populações subalternizadas. Isso ocorre pois é frequente entre esses profissionais a absolutização do saber do educador e da ignorância do educando (GARCIA; VALLA, 1996). Esses profissionais:

Lidam frequentemente com as classes subalternas (adultos, jovens ou crianças) como quem já dispõe de todo um instrumental de análise da realidade e como quem está diante da mais absoluta ignorância, nada tendo, pois a aprendem com a população que pretendem ajudar (GARCIA, VALLA, 1996, p.9).

Os autores destacam que, em geral, se desenrola a imposição de conhecimento que acaba por subalternizar e impedir a manifestação do conhecimento popular.

Buscando fugir dessa limitação, foi sugerido pelo professor André Pereira Neto, coordenador do projeto, que eu saísse do laboratório deixando que os “pesquisadores-cidadãos” trabalhassem sozinhos. Essa sugestão foi à primeira vista aterrorizadora. Baseada em meus preconceitos e minhas experiências anteriores como docente, imersa nos princípios da Educação Bancária, eu acreditava que se os deixasse sozinhos o trabalho proposto não seria realizado. No meu modo de pensar, eles ficariam desorientados e, conseqüentemente, perderíamos tempo. Eu estava enganada. Esse também foi, para mim, um processo de aprendizado. Em todas essas oportunidades que utilizamos esse método, os participantes, a seu tempo e com seus próprios meios, se organizaram e desenvolveram as atividades propostas. Algumas vezes, eles foram além do proposto e, em outras vezes, desviaram a rota, mas encontraram novos caminhos e pontos de chegada.

Além da quebra do meu preconceito do que eles podiam ou não realizar sem o meu auxílio, também houve uma renovação do padrão do que seria ou não aceitável. Compreendi que, nem sempre, o que estava previsto e proposto era recebido pelos “pesquisadores-cidadãos” como a melhor alternativa. Nesses momentos, a autonomia dos “pesquisadores-cidadãos” era garantida.

Apesar disso, devo admitir que, em alguns momentos, minha forma de enxergá-los estava impregnada do estigma da incapacidade que acompanha a loucura, mesmo estando balizada pelo processo de RPB. A partir dessas vivências, podemos estabelecer um diálogo com a seguinte afirmação de Foucault (1996):

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade (FOUCAULT, 1996, p. 71)

Ao realizarem as atividades e produzirem conteúdo sem supervisão e orientação, os “pesquisadores-cidadãos” se mostraram portadores de conhecimento e habilidades. Foram capazes utilizar as NTICS e produzir conteúdo para o blogue. Eles estavam aptos a serem agentes de seu cuidado e foram, também, agentes do meu aprendizado.

Aos poucos, fui percebendo que a dificuldade que tive em deixar que os educandos fossem protagonistas do processo de aprendizagem estava relacionada com aquilo que Kinoshita (1996) nomeia como “problema de produção de valor” (p.55). Segundo o autor, esse problema consiste em um sistema de valoração social no qual cada indivíduo tem previamente um valor atribuído para si, ou poder contratual. É ele que vai servir para as relações de troca. Essas relações se dão em três dimensões, que são afetadas pela desvalorização proporcionada pela loucura: bens, mensagens e afetos. Negativado enquanto indivíduo, a pessoa em sofrimento mental tem como positiva, apenas, sua dimensão de doente. Seus valores são anulados impossibilitando suas trocas sociais. Kinoshita (1996) acredita que a relação com os profissionais vai determinar uma primeira contratualidade do usuário.

Essa limitação também estava atrelada com o que Basaglia (1985) denomina como “duplo da doença”, que seria o “conjunto de concepções, preconceitos (estigmas, valores, juízos) relacionados com a doença mental” (AMARANTE, 2007, p.67). Nesse sentido é

fundamental questionar as relações de opressão reproduzidas pelos profissionais que lidam com populações subalternizadas, especialmente aquelas em sofrimento mental.

Estava claro para mim, como mediadora, o potencial dos “pesquisadores-cidadãos” de contar suas próprias histórias. Aos poucos, ao longo do processo pedagógico comunicacional, e com o apoio da equipe do projeto, conseguimos aparar as arestas acerca dos momentos em que minha interferência seria necessária. Um dos exemplos nesse sentido pode ser percebido através da obediência ou não às regras da língua culta.

Em consonância com a abordagem linguística pragmática (BAGNO, 2011) e visando valorizar o modo de fazer dos usuários participantes e sua linguagem, escolhi preservar sua escrita, inclusive mantendo erros gramaticais, maneirismos linguísticos, gírias etc. Os textos eram corrigidos o suficiente para que fossem compreensíveis. Nas primeiras oportunidades de produção de conteúdo dos participantes, percebi que o preciosismo nas correções diminuía a confiança deles, que se sentiam menos capazes e instigados a continuar produzindo. A correção minuciosa passou a significar, para mim, uma intromissão no texto, que não era meu e não pretendia ser. Percebemos que, com menos correções, a produção fluía melhor. Passamos a corrigir os materiais apenas para que fossem compreensíveis, interferindo o mínimo possível.

Essa foi uma escolha minha, não de todo objetiva, como mediadora. Acredito que a forma como usamos a língua também compõe os nossos saberes e experiências, de forma que comunica quem somos. Isso se deu, pois tendo a concordar com Bell Hooks quando afirma que: “Ainda que reconheça o valor do idioma padrão, o educador democrático também valoriza a diversidade da linguagem” (HOOKS, 2021, p.94).

Como afirma Sacristán (2011), a linguagem tem funções claras, dentre elas a de articular os pensamentos, dando-lhe coerência na forma e fluência. Entretanto, a escolha da linguagem está relacionada com a sociedade na qual é utilizada e não é arbitrária.

Os conceitos, argumentos e discursos são ferramentas que refletem os conteúdos do nosso pensamento, assim como a linguagem que utilizamos – pela carga semântica que contém, a ordem gramatical e a coerência sintática – condiciona a forma de pensar e os objetivos que resume, seja em argumentações escritas, exposições, etc. Os termos que utilizamos não são lentes neutras indiferentes na forma de perceber, argumentar e se situar diante do mundo e seus problemas, assim como tampouco o são a hora de ressaltar as opções para solucioná-los. (SACRISTÁN, 2011, p.15)

Além do respeito à linguagem dos “pesquisadores-cidadãos”, a escolha pela mínima interferência no conteúdo visou maior confiança, engajamento e empoderamento dos

participantes. Aceitar e compreender, em sua própria forma, o conteúdo que era produzido por eles era, também, reafirmar que o que eles tinham para contribuir era suficiente e bom.

Como afirmei anteriormente, entrei nesse projeto cheia de dúvidas e incertezas e carregada de uma formação e prática pedagógica bancária. Isso resultou em tentativas autoritárias de impor meu tempo e modo de fazer. Todo o processo foi de trocas e eu, como mediadora, aprendi e aperfeiçoei minha atuação na relação com a equipe e os participantes. Nesse sentido, termino esse relato compartilhando a principal certeza de Paulo Freire: a vocação humana do ser mais. A partir da experiência com os participantes, vivenciei como o diálogo pode potencializar a troca de conhecimentos, promover a autonomia e valorizar a capacidade dos sujeitos de aprender e ensinar.

8.9.1 Análise da Mediação: Criticização, Diálogo e Confiança

As reflexões apresentadas sobre as atividades comunicacionais e o processo pedagógico desenvolvido no projeto “Eu quero entrar na rede” nos levam a crer que a desconstrução de preceitos da educação bancária e o fortalecimento de uma atuação pedagógica dialogal e libertadora envolve processos que devem ser compartilhados. Nossas experiências nos mostraram que o aprendizado só é efetivo se for coletivo. Essa percepção é reforçada com a fala, anteriormente citada, dos participantes do projeto durante o lançamento do blogue. Eles destacam a importância do trabalho coletivo e do suporte mútuo para eles. Ambas vão ao encontro do argumento Freireano de que a liberdade se conquista em comunhão (FREIRE, 2019).

Tendo como exemplo esse relato, entendemos que a mediação baseada na Translação do Conhecimento e na perspectiva freireana contribuiu com a valorização dos saberes dos sujeitos envolvidos: da coordenação, do mediador e dos participantes. O ambiente democrático de troca de conhecimento entre equipe e mediador resultou em processos de trabalho fluidos e dialogais. O trabalho coletivo também garantiu que mais perspectivas estivessem presentes e, conseqüentemente, produziu processos plurais em transformação contínua, que possibilitaram o protagonismo e a autonomia dos “pesquisadores-cidadãos”.

Como afirma Oliveira (2000), na medida em que admitimos como legítimas as ideias do outro, temos o nosso olhar ampliado. Isso redireciona nossos questionamentos. “Vamos aumentando nossa capacidade de comparar/relacionar informações para a compreensão do problema a partir de distintas perspectivas” (OLIVEIRA, 2000, p.166). O fortalecimento do

espaço de fala dos “pesquisadores-cidadãos” correspondeu com a ampliação de sua participação na solução de questões levantadas e no direcionamento de novos problemas.

A partir dessa experiência, apresentamos três pontos que fundamentaram o papel da mediação do projeto “Eu quero entrar na rede” a partir da práxis freireana. Eles se mostraram significativos para os resultados alcançados: o espírito crítico, o diálogo e a confiança.

Freire (1987) defende que todo processo de ensino-aprendizagem deve estar associado à conscientização do educando acerca de sua realidade de vida. Seguindo essa abordagem, o projeto “Eu quero entrar na rede” foi iniciado com atividades que visavam o despertar crítico dos participantes. Como já discutido, esses debates incentivaram que os participantes tivessem um maior domínio dos temas tratados e deram base para as atividades de produção de conteúdo de forma consciente.

Com relação ao diálogo, Freire (2019) considera que ele seja central na educação libertadora. A seu ver: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1987, p.46). Durante o projeto, o diálogo foi responsável por estabelecer pontes que promoveram trocas de conhecimento entre os sujeitos envolvidos. Também foi através do diálogo que os estereótipos e preconceitos que poderiam ser prejudiciais aos processos de trabalho, como descrito no relato de mediação, foram debatidos e trabalhados.

Com o espírito crítico e o diálogo, o projeto conseguiu construir um ambiente de trabalho composto pelo sentimento de confiança que permitiu que as atividades fossem realizadas visando ao protagonismo e à autonomia dos “pesquisadores-cidadãos”. Freire (2019) esclarece que a confiança é o resultado do diálogo. Corroborando com Paulo Freire, Bell Hooks (2020) também aplica à ideia de confiança a noção de cuidado. Para a autora, quando se pretende alcançar a “troca dialética e divergência positiva” deve-se cultivar a confiança. “Confiar significa acreditar na própria habilidade e na de outra pessoa para cuidar, para se estar atento ao bem-estar um do outro.” (HOOKS, 2020, p.140).

A confiança e a crença na ideia freireana de humanização e do “ser mais” (FREIRE, 2019) foram de grande importância para a promoção da autonomia dos participantes. Através dela que instrumentalizamos a esperança enquanto “otimismo crítico” (FREIRE, 1987, p.53).

A partir do relato de mediação e da análise aqui empreendida, compreendemos que, em se tratando de projetos que envolvam as NTICs buscando a inclusão digital e social de populações menos favorecidas, é possível ter algumas inferências sobre a mediação. A partir da Translação do Conhecimento e dos preceitos da educação libertadora de Paulo Freire, a

mediação pode potencializar os processos de democratização da informação que ganharam força na Cibercultura (LEMOS, 2015). Percebemos entre os “pesquisadores-cidadãos” uma maior facilidade e interesse cumulativos em utilizar as NTICs. Além dos resultados já expostos, a produção de conteúdo também promoveu uma maior consciência dos participantes acerca de sua realidade, de forma que eles passaram a sugerir pautas que envolviam as injustiças, o dia a dia e as possíveis melhorias que envolviam a comunidade do CAPS-Magal.

A experiência de mediação nos mostrou que, através da educação libertadora, há caminhos para o empoderamento de sujeitos subalternizados. Isso pode se dar atuando na interface entre Educação Popular em Saúde, a RPB e as NTICS, no campo da Comunicação e Saúde. Buscando uma melhor compreensão do processo e de seus resultados, os achados pedagógicos comunicacionais aqui expostos foram também investigados nas entrevistas.

9 RELATOS EM HISTÓRIA ORAL

9.1 EU ENTREVISTADORA – MÉTODO E SUBJETIVIDADE NA HISTÓRIA ORAL

Um primeiro passo desta etapa foi a definição da ordem das entrevistas. A fim de não contaminar o meu olhar com as informações disponibilizadas pelos profissionais de saúde mental, eu e meus orientadores optamos por iniciar as entrevistas da tese pelos usuários participantes, os principais entrevistados, que exerceram a função de “pesquisadores-cidadãos”.

Outra preocupação foi fazer um melhor aproveitamento do tempo. Isso se explica na medida em que vivíamos em 2022 um cenário de pandemia de Covid-19. Haviam-se passado dois anos de isolamento social, com três picos de mortalidade. “A evolução da pandemia de Covid-19 caracterizou-se por três picos de óbitos: na 30ª semana epidemiológica de 2020, na 14ª de 2021 e na sexta de 2022” (MOURA et al., 2022, p.1). Corríamos o risco de viver um novo pico de contaminações. Esse fato impediria que eu realizasse as entrevistas mais importantes do meu trabalho.

Posto isso, o início da coleta de dados se deu com a aproximação com a gestão do CAPS-Magal. Em uma reunião realizada com os gestores da instituição, eu e meu orientador explicamos como seria feito o trabalho. Conversando com os profissionais, chegamos juntos a uma definição da melhor forma de realizar as entrevistas. Os dirigentes e alguns profissionais da instituição prontamente se colocaram à disposição para ajudar e nos disponibilizaram uma lista com os telefones de todos os usuários. Entretanto, essa lista se mostrou menos efetiva do que esperávamos, a maioria dos números estava incorreto, o que indica que esta não é a forma de contato habitual do CAPS com os usuários. Após inúmeras ligações, conseguimos contato com apenas uma pessoa dessa lista. Percebi, então, que para o contato inicial com os usuários participantes seriam necessárias diferentes formas de contato. Primeiramente fiz contato por *WhatsApp* com aqueles de que eu já dispunha do telefone celular, desde a sua participação no projeto, e tentei então o contato com outros usuários via redes sociais.

Nesse momento, percebi que alguns deles não utilizavam ativamente o celular e as redes sociais, esta questão seria investigada durante as entrevistas. Assim, a principal forma de conseguir contato seria via profissionais do CAPS-Magal. Em posse da lista de usuários, profissionais da instituição abordaram alguns sujeitos da pesquisa quando estes foram até o CAPS para outras atividades (principalmente oficinas) e marcaram um dia para que eu pudesse conversar com eles. Passei então a encontrar estes usuários pessoalmente na instituição. Nessas ocasiões, eu expliquei o que seria feito, perguntei se havia interesse em participar. Todos

concordaram e assim eu consegui marcar as entrevistas. Para os casos de alguns participantes abordados via *WhatsApp*, esse primeiro encontro não foi necessário. Com esse recurso, conseguimos marcar as entrevistas.

Por meio de diferentes abordagens, conseguimos falar com sete dos dez pesquisadores-cidadãos participantes do projeto. Os outros três participantes ou não responderam ou não conseguimos contato, mesmo tentando de variadas formas, até mesmo por carta entregue diretamente pelos “agentes de cuidado territoriais” do CAPS. Esses profissionais atuam junto à equipe do CAPS realizando acolhimento dentro da Unidade de Saúde e acompanhamento domiciliar. Dentre suas atribuições está a realização de ações no território²⁸. Mesmo tendo as falas dos profissionais do CAPS-Magal sobre esses usuários, optamos por não citá-los na tese, em respeito à sua privacidade e ao direito de não querer participar.

Uma das participantes do projeto não respondeu a nenhuma abordagem, mesmo lendo as mensagens. Essa reação pode ser sinal de seu desinteresse. Outro participante hoje é atendido por outra instituição e, por esta razão, não conseguimos contato com ele. Por fim, o caso mais delicado envolveu um usuário participante que, segundo os profissionais do CAPS-Magal, estava em crise²⁹, afastado da instituição. Em função dessas particularidades, optei por dar seguimento com as entrevistas dos usuários contatados e, ao final das entrevistas já marcadas, tentar abordar novamente os três usuários que faltavam. Agi assim pois temia levar muito tempo para isso. Além disso, corria o risco de perder o contato com aqueles que já havia abordado.

É importante frisar que esse primeiro momento de contato e abordagem dos entrevistados com os usuários e a escolha da data e do local da entrevista revelou algumas particularidades dos principais sujeitos da pesquisa. Algumas das dificuldades que tive nessa etapa me acompanharam durante toda a etapa de entrevistas.

Um primeiro desafio foi marcar o local para a realização das entrevistas. Em alguns casos, os gestores do CAPS disponibilizaram o espaço da instituição para sua realização. Em outros, o acompanhamento de um profissional do CAPS até o local escolhido pelos entrevistados. Entretanto, o acompanhamento do profissional do CAPS-Magal acabou não sendo necessário pois cinco dos sete usuários preferiram ser entrevistados na própria instituição. Duas razões parecem justificar esta opção: O entrevistado já estaria no CAPS no dia escolhido para a entrevista ou ele acreditava que sua casa não era o ambiente ideal para uma conversa

²⁸ Disponível em: <https://prefeitura.rio/wp-content/uploads/2021/06/Edital-108-2021-Agente-de-Cuidado-territorial-CAPS-30h-e-40h.pdf>

²⁹ Condição de saúde mental considerada aguda ou grave.

daquela natureza. Algumas das justificativas dadas para esse segundo caso foram o excesso de barulho ou a falta de estrutura, como uma cadeira para nos sentarmos. Os dois usuários que optaram por serem entrevistados em suas residências me levaram pessoalmente até o local. Esses dois casos serão detalhados no texto introdutório dessas entrevistas.

Em relação à duração da entrevista, dos sete usuários participantes, dois preferiram fazer a entrevista inteira em um encontro mais longo. Os demais foram entrevistados em dois ou mais encontros com duração de trinta minutos a uma hora. O tempo variou conforme o ritmo da conversa e o envolvimento dos usuários.

As entrevistas com os familiares foram realizadas em sua maioria em suas casas, apenas uma foi feita no CAPS-Magal. Para os familiares, que não têm o hábito de ir até o CAPS, a entrevista no seu local de moradia acabou se mostrando mais prática e confortável. Todas as entrevistas com familiares/amigos e profissionais de saúde mental foram feitas em apenas um encontro.

As entrevistas com os profissionais necessitaram de uma maior adequação à disponibilidade de horário e local possível para eles, de forma que elas foram em sua maioria realizadas no CAPS-Magal ou online, por meio da plataforma Google Meet. Somente uma foi feita no local de trabalho da entrevistada. Posto isso, as entrevistas realizadas nas casas dos usuários participantes e de seus familiares/amigos se mostraram importantes para a observação da realidade social desses sujeitos. Nesse processo, foram visitadas cinco casas: duas em Manguinhos, duas na Maré e uma no centro. Esses cenários são brevemente descritos no texto introdutório dessas entrevistas.

De qualquer forma, seja no CAPS-Magal ou no local de moradia dos entrevistados, o espaço de realização das entrevistas, o deslocamento até eles, as conversas informais antes e depois das entrevistas, todos se mostraram muito úteis para ampliar minha visão sobre essas pessoas e a realidade em que vivem.

Para marcar e realizar as entrevistas, precisei ir ao CAPS-Magal com frequência. Minha presença nesse ambiente acabou se mostrando importante para ampliar também minha visão sobre esta instituição e conhecer de perto seu cotidiano. Nas minhas constantes idas ao CAPS, pude conhecer melhor as dinâmicas da instituição, seus profissionais e outros usuários. Alguns dias fui até lá e não obtive êxito em meus intentos. Nessas oportunidades, acabei por unicamente conversar com outros usuários da instituição, ouvi suas histórias e conversei sobre seu cotidiano. Essa foi uma oportunidade para que eu aprendesse ainda mais a realidade dos usuários do CAPS que não participaram do projeto que deu origem a esta tese.

Como mencionei anteriormente, em alguns casos fui até a residência de entrevistados em Manguinhos ou na Maré. Esse aspecto foi marcante para mim enquanto pesquisadora. Nessas oportunidades, pude conhecer melhor as duas comunidades, o entorno do CAPS-Magal e das casas dos entrevistados, as dinâmicas que operavam nesses territórios naquele momento. No entanto, o deslocamento por territórios de favela implicou em uma maior exposição à violência armada, fator que, conforme já dito, durante a realização do projeto esteve bastante presente e, em algumas oportunidades, impediu o deslocamento dos usuários até o LaISS.

Durante minha pesquisa, fiz repetidamente o caminho feito por eles durante o projeto: uma caminhada de cerca de um quilômetro, primeiramente pela avenida Leopoldo de Bulhões, em paralelo à linha do Trem, depois entrando em Manguinhos. Na avenida, fica localizada a estação de trem de Manguinhos. É uma via movimentada que liga os bairros de Benfica e Bonsucesso e, por isso, é bastante utilizada por veículos diversos, inclusive de agentes de segurança pública. Por conta dos constantes conflitos armados, a avenida foi apelidada de Faixa de Gaza. O nome faz referência à região da Palestina que há décadas é território de guerra.

Antes de me deslocar para Manguinhos e Maré, eu ficava atenta às notícias de jornais, que pudessem mostrar conflitos na região. Segui os alertas do aplicativo “Onde Tem Tiroteio³⁰”, que é atualizado por cidadãos usuários, em tempo real, com informações sobre a segurança em seu entorno. Cada usuário contribui para a dinâmica das informações sobre violência *online* e *on time*. Assim, esse aplicativo mostra a ocorrência dos incidentes violentos no exato momento em que ocorrem em toda a Cidade do Rio de Janeiro.

Enquanto uma pessoa de fora dessas comunidades, com pouco conhecimento sobre o território e sem uma rede de contatos lá dentro, era necessário ficar atenta às dinâmicas sociais que poderiam culminar em um conflito armado ou me expor a algum evento violento. Tinha também que prestar atenção para a ação de agentes de facções criminosas portando armas de fogo e a presença de agentes de segurança pública e a entrada desavisada de “caveirões³¹”, indicando a possibilidade de um confronto com consequências totalmente imprevistas.

Um exemplo dessas dinâmicas sociais ocorreu em uma das entrevistas realizadas na Maré. Fui ao território acompanhada pelo entrevistado, que me guiava até sua casa. Enquanto caminhávamos até o local da entrevista, fui orientada a não usar o celular na rua e evitar passar por ali. Estávamos passando por um ponto de venda de drogas e o entrevistado não residia

³⁰ Disponível em: <https://www.ondetemtiroteio.com.br/>

³¹ Nome dado pelos moradores de Favelas aos veículos blindados utilizados pela Polícia Militar para entrar nas comunidades do Rio de Janeiro.

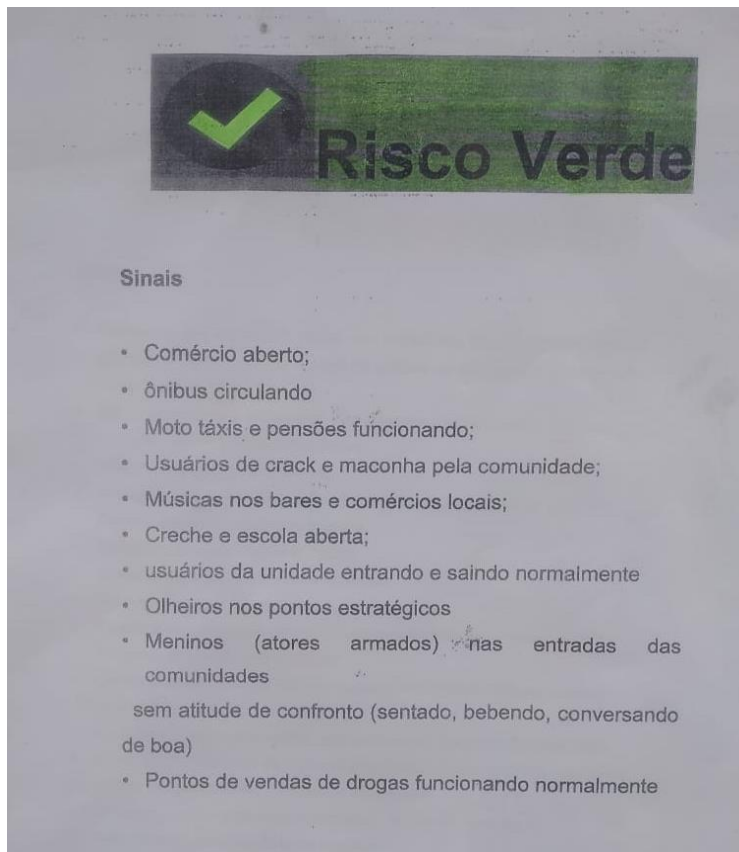
naquele local específico. Em seguida, passamos por um indivíduo que portava um fuzil e um aparelho radiocomunicador. Posteriormente o entrevistado me disse que, se eu tivesse passado ali sem a sua companhia, aquele sujeito teria me identificado como um elemento externo e comunicado aos demais agentes do tráfico. Todos passariam a observar minha movimentação. Nesse mesmo dia, houve um tiroteio em Manguinhos que exigiu atenção redobrada nas idas ao território seguintes.

Um dia, ao ir a Manguinhos, um outro exemplo da importância da atenção às dinâmicas do território, percebi que havia uma outra dinâmica ocorrendo. Observei que agentes do tráfico estavam circulando armados pela Avenida Leopoldo de Bulhões. Essa não era uma cena habitual durante minhas idas ao território. Ao chegar ao CAPS-Magal, fui informada por um funcionário que havia tido um tiroteio naquela manhã e que ele, inclusive, pensou em me avisar para que eu não fosse até lá, mas acabou se esquecendo e a situação se normalizou.

Apesar da triste realidade de constantes eventos de violência armada nas duas comunidades, em três meses de trabalho apenas em uma situação eu, de fato, fui exposta a um evento violento. Foi durante a realização de minha última entrevista em Manguinhos. Quando cheguei ao CAPS, o clima era normal. A comunidade não apresentava nenhuma tensão perceptível. Eu me sentei na recepção, conversei com alguns funcionários e um funcionário me disse que chamaria a pessoa que eu iria entrevistar. Pouco depois começou um tiroteio. Todos os presentes foram orientados a irem para a área interna no prédio. Ficamos todos agachados no corredor. Pouco depois, com a diminuição dos tiros, os usuários e eu fomos direcionados para a sala de oficinas. Este é o espaço usado pelos profissionais do CAPS para proteger os usuários em casos de tiroteio. Chegando lá, me sentei e esperei. Alguns usuários conversavam, um tocava violão, com normalidade. Pouco depois, com o CAPS ainda em contingência de crise, uma série de ações que visam minimizar os riscos de eventos violentos como tiroteios, fui chamada para fazer a entrevista. Quando nos direcionamos para a sala de atendimento, onde conversaríamos, os profissionais da instituição continuavam agachados no corredor do prédio. Meu entrevistado, um dos profissionais do CAPS, alegou que, se não conversássemos naquele momento, ele não teria tempo depois.

Em função dos constantes conflitos armados no território, o CAPS-Magal mantém em uma de suas paredes um quadro com orientações para a percepção de risco na comunidade de Manguinhos. Essas orientações envolvem pontos de atenção no cotidiano da comunidade, como os presentes no risco de alerta verde presente na Figura 7.

Figura 7 - Alerta de Risco verde em Manguinhos.



Fonte: Equipe do CAPS-Magal

Tendo em vista todas essas questões, o “Caderno de Campo” se mostrou fundamental. Ele foi construído para registrar o máximo de informações que poderiam, de alguma forma, contribuir com a posterior análise das entrevistas e construção da tese. Por essa razão, minhas percepções e os acontecimentos que ocorreram durante o processo de realização das entrevistas foram continuamente registrados no “Caderno de Campo”.

Concordo com Alberti (2013) quando ele defende a ideia de que a escrita desse documento é uma prática de reflexão sobre o próprio trabalho.

A escrita do “Caderno de Campo” permitiu que eu refletisse sobre meu objeto de estudo e efetuasse uma avaliação contínua do meu trabalho durante as entrevistas. Na sua produção, já surgiram algumas percepções e questões que, mais à frente, foram investigadas e se mostraram uteis para nossa reflexão e a construção de nossas ideias.

9.2 FAZER CIENTÍFICO E EMOÇÃO – PARA ALÉM DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Esclarecido o cenário dentro do qual a pesquisa que, se transformou nesta tese, foi realizada gostaria de destacar algumas questões e momentos cruciais vividos durante a realização de entrevistas utilizando o método da história oral.

Mesmo com toda a preparação e apoio do meu orientador, que possui vasta experiência com o método, e de minha coorientadora, altamente qualificada na área da saúde mental, eu estava insegura, já que a realização de entrevistas dessa natureza era uma novidade para mim. Mas, como nem sempre a ciência se faz de certezas, eu fui com medo mesmo, afinal, é como afirma Alberti (2013), entre erros e acertos, “... é fazendo entrevistas que se aprende a fazê-las” (p.212). Fui inicialmente acompanhada pelo fantasma da objetividade científica que ressoava em meus ouvidos. A qualquer sombra de subjetividade, eu me enchia de medo e me questionava acerca da validade do meu trabalho e da informação coletada. Percebia como negativa a minha possível influência nas falas dos entrevistados.

Não demorou muito para que eu percebesse que as entrevistas envolveriam um desgaste mental e emocional maior do que eu esperava. Mentalmente e intelectualmente, as entrevistas exigiam uma preparação de minha parte e um nível alto de concentração em todos os detalhes. Conforme afirma Alberti (2013), a entrevista é um momento que exige atenção total do pesquisador que a realiza:

Digamos que fazer uma entrevista é praticar no limite máximo nosso poder de concentração em mais de uma coisa ao mesmo tempo: utilizamos nossos olhos, ouvidos, a fala, as mãos – para escrever e manusear o equipamento de gravação – e, essencialmente, a cabeça. E tudo deve funcionar harmonicamente, de modo que o entrevistado não fique ansioso ou de alguma forma ofuscado pela perturbação do entrevistador. (ALBERTI, 2013, p.207)

Além do cansaço mental, inerente a um trabalho que exige tamanha atenção, as entrevistas que realizei promoveram em mim um desgaste emocional. Estabeleci uma relação entre minhas experiências pessoais de vida com difíceis situações vividas pelos pesquisadores-cidadãos. Os pesquisadores-cidadãos são moradores de Manguinhos ou Maré, à exceção de um participante, e estão ou passaram por processos de sofrimento mental. A vida da maioria deles foi marcada por inúmeras violências. Entrevistá-los ia além de me sentar, ligar o gravador, fazer perguntas, desligar o gravador e voltar para casa. Entrevistá-los envolvia um processo de doação e afetação mútuos. Eu precisava introduzir assuntos desagradáveis, encontrar a melhor forma de acessar memórias que poderiam ser doloridas para eles, ouvir suas histórias com

empatia e respeito, lidar com as lembranças e reações que seus relatos proporcionavam a eles e a mim.

Nesse sentido, a ritualística que compôs as entrevistas não foi simples, principalmente por envolverem a minha entrega ao outro e meu esforço por compreender suas individualidades. Como afirma Alberti (2013), isso exige um tratamento delicado por parte do pesquisador, que, por sua vez, envolve o respeito pelos sujeitos da pesquisa:

O trabalho com a história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a história de seu grupo social sua geração, seu país e da humanidade como um todo se considerarmos que há universais nas diferenças. (ALBERTI, 2013, p.33)

Posto isso, é importante destacar que eu e os pesquisadores-cidadãos já nos conhecíamos. Tínhamos intimidade gerada por um ano de atividades do projeto. Assim essas entrevistas foram carregadas dessa singularidade. Alberti (2013) fez um interessante comentário a esse respeito. Segundo ela, apesar de não prejudicar as entrevistas via história oral, o conhecimento prévio entre entrevistador e entrevistado pode interferir nos depoimentos. Este aspecto deve ser considerado, já que é um elemento significativo.

Uma entrevista será sempre produto de uma situação singular, a relação entre entrevistado e entrevistador, estabelecida de acordo com a imagem que se fazem de si mesmo e do outro, sendo o conhecimento prévio entre ambos – se houver - mais um dentre os muitos dados sobre os quais cada um constrói estas imagens (ALBERTI, 2013, p. 169).

Entendo que a intimidade prévia entre mim e os entrevistados encurtou alguns caminhos. Entretanto, ainda assim, não foi menos desafiador encontrar a melhor forma de realizar as entrevistas. Nesses momentos, nos aprofundamos em temas que haviam sido tratados apenas superficialmente durante as atividades do projeto e nas produções para o blogue. Temas que não tinham sido abordados pelos pesquisadores-cidadãos naquelas oportunidades. Isso exigiu muito de mim e deles.

Logo no início dessa etapa, ficou claro que eu teria que ouvir relatos, principalmente dos “pesquisadores-cidadãos” e seus familiares. Depoimentos carregados de trajetórias de dor, sofrimento e, em alguns casos, de superação. Também percebi que era impossível falar de todas

aquelas histórias de vida e trajetórias terapêuticas sem falar de maternidade: tema que, conforme relato na introdução desta tese, me atravessa de forma dolorosa.

Nas minhas conversas com os pesquisadores-cidadãos, ouvi muitas narrativas sobre mães: a que sofreu violência doméstica e faleceu de uma doença autoimune sem poder parar de trabalhar; a que perdeu um filho recém-nascido e em decorrência da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) faleceu deixando um filho ainda pequeno; a que apoiou seu filho que ouvia vozes e lutou para que ele recebesse tratamento; a costureira que, em função de um problema do coração, faleceu quando os filhos ainda eram crianças. Todas elas falavam através deles, conversavam comigo, tomavam a forma da minha mãe que um ano antes havia sido levada pela Covid-19. Ouvir esses relatos foi muito doloroso, mas, com a capa de pesquisadora, tentei me proteger e evitar me expor para meus entrevistados.

Foram muitas as vezes que deixei de dizer “eu sei como é isso” ou “eu também passei por isso” ou até mesmo “eu entendo sua dor”. Eu não queria me expor nem abrir uma porta de traumas. Um entrevistador em história oral deve procurar entender as narrativas e obter o máximo delas. Temia que, se me expusesse, transformaria a entrevista em uma enxurrada de lamúrias. Dessa forma fui me blindando, tentando ser o mais objetiva e trazer menos de mim mesma para os entrevistados. Alguns participantes sabiam que eu havia perdido minha mãe durante a pandemia. Eu sentia que se eles não soubessem ou se eu não falasse sobre minha perda, conseguiria agir como uma entrevistadora de história oral e meu fazer científico não seria afetado.

Essa carapaça foi transpassada em uma entrevista muito delicada, em que o falecimento da mãe do entrevistado foi um dos temas principais. Ele falou de se manter positivo apesar de tudo de ruim que acontece na vida. Eu comentei que, nos últimos anos, graças a pandemia, a situação ficou mais difícil. Ele delicadamente pediu perdão e comentou que viu através do Facebook que minha mãe havia morrido. Foi como se, num toque de mágica, ele retirasse minha carapaça de pesquisadora. Eu não soube como reagir, acordei de um personagem e comecei a chorar. É como se naquele momento, em que eu tentava me esconder, ele tivesse me visto. Essa curiosa coincidência ocorreu depois de anos sem nos vermos graças às informações que ele obteve na internet.

Naquele exato momento, ele desligou o microfone e começou a falar sobre sua experiência de luto de forma aberta. Descreveu a perda de sua mãe como não havia feito antes. Ouvir a minha fragilidade era o que ele precisava para se abrir também. Meu choro desarmou meu entrevistado. Foi assim que ele falou com sinceridade desse e de outros momentos

doloridos de sua vida. Conversamos por algum tempo sem o gravador ligado e quando eu senti que havia chegado o momento de retomar a entrevista, liguei novamente o aparelho e continuamos a entrevista.

Ao fim da entrevista, eu sentia que havia falhado. Não conseguia conviver com as inúmeras histórias de dor que foram escoando dos meus entrevistados e se misturando às minhas. Mesmo com o diálogo franco e visceral que aquele episódio de emotividade havia me proporcionado, sentia que deveria ter sido mais firme. Eu não devia ter deixado transparecer o quanto as experiências vividas pelos meus entrevistados se misturavam às minhas.

Naquela noite, carregada de culpa e profundamente abalada pelo encontro daquela tarde, conversei com o meu orientador. Eu queria ser honesta com ele. Contar o que havia ocorrido e como as entrevistas até então feitas estavam me afetando. Eu contei o que ocorreu. Chorei e ele me ouviu. Quando terminei de falar, ele disse que estava tudo bem. Segundo ele, a História Oral funciona assim mesmo. Ao realizar as entrevistas, iria tocar nas minhas feridas abertas. Quando eu me acalmei, falamos sobre algumas leituras. Ele me orientou a ir mais devagar e a fazer as entrevistas com mais calma.

O tempo da academia era diferente do meu naquele momento. Respeitá-lo fazia parte de me respeitar enquanto pessoa e pesquisadora, de aceitar o ritmo de meu fazer científico. Esse episódio me fez refletir bastante sobre o meu trabalho como pesquisadora e me fez pensar sobre como nós, pesquisadores, nos preparamos metodológica, teórica e eticamente para ir a campo, mas, muitas vezes, nos esquecemos de nos preparar emocionalmente ou psicologicamente para isso. Que lugar melhor para pensar sobre isso do que uma tese sobre saúde mental? Afinal, foi dessa forma que senti a fundo que meu tema também estava em mim.

Depois daquela conversa eu senti que sai de um transe em que eu mesma me coloquei. Um transe de objetividade e distanciamento que não me cabia e que me causava sofrimento. Esse episódio me proporcionou um aprendizado profundo sobre o método que eu estava utilizando. Só então passei a me questionar: como falar sobre a história de vida do outro sem se abrir também? Marinho (2021) defende que nem mesmo a neutralidade e o distanciamento são capazes de produzir isenção total do pesquisador na relação com o objeto de estudo.

Como se comunicar sem se afetar? De certa forma, é como nos disse Paulo Freire: “O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo há uma estreita relação entre comunhão e busca” (1979, p.14). ou seja: se comunicação é afeto, não havia como não me afetar.

Entendi naquele momento que não trazer para o meu texto as experiências que vivi na aplicação do método durante a realização das entrevistas seria corroborar com a ideia de uma

ciência neutra, perspectiva que não acredito. Por isso apresento este relato. Ele é, antes de tudo, um manifesto em favor de uma ciência humanizada, seja para pesquisadores ou para os pesquisadores-cidadãos: sujeitos de pesquisa. Em se tratando do método da história oral, tendo a concordar com Alberti (2013) quando afirma que o entrevistador é um “coagente de criação”. Esse papel, segundo ela, não elimina a objetividade científica que acaba por ser condicionada pela competência, sensibilidade e honestidade do pesquisador e por sua capacidade de assumir e compreender suas intervenções.

Há pessoas que nos perguntam se a atuação do entrevistador ao conduzir uma entrevista não compromete a imparcialidade do depoimento, uma vez que se leva o entrevistado por caminhos traçados pela pesquisa, ao invés de deixá-lo falar espontaneamente. É evidente que isso acontece, e sabemos que não há como fugir disso em trabalhos com a história oral e em pesquisas históricas em geral. Se admitirmos a interferência de nossa própria visão do objeto de estudo na forma de conduzir a pesquisa, teremos andado meio caminho em direção à “objetividade científica” nas ciências sociais. (ALBERTI, 2013, p.212)

Marinho (2021) afirma que História Oral não tem como finalidade a comprovação de fatos, mas a afirmação da existência de múltiplas verdades. Porém, mesmo sem a presença de verdades absolutas, o método requer a realização de processos com planejamento e rigor ético. Como afirma o mesmo autor: “Além disso, a busca pela espontaneidade no momento narrativo não abstém o pesquisador e sua pesquisa de intencionalidade: a entrevista só ocorre porque há um projeto com um tema que dá sentido à sua ocorrência.” (MARINHO, 2021, p.136).

Foram reflexões dessa natureza que garantiram a integridade científica na realização das entrevistas desta pesquisa.

Hoje, tendo finalizado as entrevistas, penso que poderíamos ter optado por um método de alguma forma mais objetivo, que nos levaria direto à questão da tecnologia e o empoderamento, mas essa não era nossa intenção. Acredito que nossos resultados não seriam nem de longe os mesmos e não teriam a mesma profundidade. Tínhamos em mãos um objeto tão delicado e profundo, constituído também pela exclusão e pelo silenciamento. Nesse caso, um método quantitativo, ou até mesmo um qualitativo de desenho mais fechado, incorreria no risco de deixar escapar detalhes e pormenores que poderiam dar a falsa ideia de que estávamos tratando de um objeto de pesquisa simples. Conversar com tantas pessoas, ouvir suas histórias, trocar conhecimento, converter suas expressões de oralidade em texto e analisar aquilo que

encontrei a partir da minha pergunta de pesquisa foi um processo complexo de desembaraçar um novelo de existências e resistências.

Marinho (2021) explica que, na História Oral, o entrevistado não deve ser tratado como “sujeito passivo”, mas sim como “colaborador”. Seguindo seus passos, podemos admitir que o método escolhido se mostrou o mais adequado para mergulhar na riqueza de histórias e vivências que nossos objetivos exigiam. Assim, respeitamos os sujeitos de pesquisa: os pesquisadores-cidadãos.

Para investigar as consequências do projeto “Eu quero entrar na rede” para os pesquisadores-cidadãos, precisávamos entender seu lugar no mundo. Para isso, suas trajetórias de vida e terapêuticas eram imprescindíveis. Quem são essas pessoas? Que trajetórias fizeram delas o que são hoje? Neste sentido, Paulo Freire (1979) afirma:

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos que saber o que fomos e o que fomos para sabermos o que seremos. (FREIRE, 1979, p.18)

O sujeito é a sua história e ela é também um fragmento da história do mundo. Para Alberti (2013), a palavra *história* no singular é na verdade uma generalização para histórias, no plural, vivenciadas e concebidas por sujeitos em contato com o todo. Essa visão influenciou também a etapa seguinte de textualização e transcrição das entrevistas.

9.3 TEXTUALIZAÇÃO E TRANSCRIÇÃO – ARTESANIA CRIATIVA

A etapa de “textualização e transcrição” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021) consistiu em um processo de organização temática e cronológica das narrativas presentes nos depoimentos, consequentemente, nas transcrições de suas falas. Meihy e Seawright (2021) utilizam a expressão “textualização”. Ela é caracterizada por um reordenamento de ideias, independentemente de como e em que ponto da entrevista foram apresentadas. Ela pode ser definida como “dar padrão textual à transcrição do produto gravado. Tornar o texto compreensível para os leitores interessados é um exercício mediador em que se pretende transitar nas paisagens distintas da pesquisa” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.136).

Para Meihy e Seawright (2021), a transcrição é um processo que propõe olhar para dentro da narrativa oral, buscando uma reprodução literal do que foi dito. Já a “textualização e

transcrição” são processos que envolvem um olhar para fora, transformando o dito em escrito de forma clara e compreensível ao leitor. Por isso, é importante refletir sobre a ética na construção do texto e no que se utiliza para que isso ocorra. “No circuito de procedimentos colaborativos, coloca-se em questão o direito de ‘interferir no texto’ com ética, rigor e busca de comunicação com o público receptor” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.133).

Posto isso, apresento alguns posicionamentos e procedimentos que utilizei nesses processos.

Primeiramente, entendo que a “textualização” foi um processo artesanal e, também, criativo de leitura, releitura, pesquisa, conexão e costura de histórias e ideias para que horas de entrevista se transformassem em um texto único, com sentido e fluidez. O foco central dessa etapa do trabalho não foi resumir o que foi dito pelos sujeitos, mas de desconstruir as transcrições para reconstruir os relatos textualmente. Nossa proposta com a “textualização e transcrição” não era retirar da história de vida e trajetória terapêutica dos usuários aquilo que nos interessa tematicamente, mas procurar construir um texto completo que respeite as histórias de cada um de forma integral. Um texto que nos permita analisar questões específicas relacionadas com os objetivos desta pesquisa. Essa postura se reproduziu na “textualização e transcrição” dos demais entrevistados.

Os pesquisadores-cidadãos são os principais entrevistados. Posto isso, advirto desde já que as demais entrevistas foram complementares. Por isso, as falas dos pesquisadores-cidadão se transformaram na espinha dorsal do trabalho de “textualização e transcrição”. Elas foram complementadas com a de familiares ou pessoas próximas e a de seus psiquiatras e “profissionais de referência”. Levando em conta o ponto de vista proporcionado pela proximidade e intimidade, optamos por colocar as falas dos familiares e amigos junto a dos usuários. Essas pessoas trazem um complemento àquilo que os usuários contam de sua história de vida e trajetória terapêutica.

Já as falas dos profissionais de saúde foram colocadas em separado, principalmente por constituírem narrativas centradas na saúde e no cuidado, portanto, no sofrimento mental e tratamento dos participantes do projeto. Entendemos que esses aspectos são parte fundamental da vida dos sujeitos, mas não são o todo e nem podem ser o principal. Por isso, a escolha de contar as histórias dos usuários através de sua própria narrativa e a de seus entes próximos. Só então poderíamos trazer o ponto de vista dos profissionais de saúde que estiveram em contato com eles durante a realização do projeto “Eu quero entrar na Rede”.

Enquanto jornalista, não me senti confortável para adaptar seus relatos para um texto em primeira pessoa. Busquei organizar cronologicamente as narrativas, encontrar pontas soltas, aproximar temas e esclarecer informações para que o texto tivesse fluidez. Entretanto, as histórias, originalmente, pertencem aos entrevistados. Por isso, optamos por construir o texto em terceira pessoa, para deixar claro que a narrativa sofreu intromissões sendo escrita por outra pessoa que não aquela que a conta. Esse posicionamento parte do entendimento de que é importante deixar explícito que, por mais que eu tente preservar a fala dos sujeitos, os textos são uma leitura estrangeira dos eventos que eles viveram. Para mim, essa é uma forma de respeitar suas narrativas enquanto descrições de vivências do outro. Eu não posso falar pelo outro. Além disso, sigo as orientações de Meihy e Seawright (2021) que admitem que “textualização e transcrição” são uma derivação da entrevista e não a transcrição da entrevista de forma literal.

A escolha por manter trechos longos das falas dos entrevistados é uma tentativa de ser fiel à fala dos entrevistados. As citações diretas e longas das falas dos entrevistados foram a melhor forma que encontrei para fazer isso. Por isso, o texto intercala parágrafos descritivos e narrativos em terceira pessoa, que são conectores e condutores da narrativa, com trechos de falas dos entrevistados. Eles são os contadores das histórias. Eu sou a escritora. Acho importante ter isso em vista. Entretanto, me preocupei em respeitar ao máximo o texto de suas falas mantendo-as como elas foram ditas, sempre que possível.

Meihy e Seawright (2021) também nos apresentam a ideia de “textualização e transcrição” enquanto uma forma de “teatralização da entrevista”. Entretanto, optamos por fazê-la o mínimo possível. Nesse sentido, a “textualização e transcrição” consistiram apenas em incluir nessas descrições e narrações, quando possível, alguns detalhes da entrevista, como risos, pausas, tentativas de lembrar do que aconteceu. Também foi necessário unir diferentes citações que falavam de um mesmo tema.

O texto sobre cada usuário recebeu também uma introdução. É nela que ficou a maior parte da ambientação, ou da teatralização, da entrevista. Essas introduções visam explicitar questões que considero importantes sobre o processo de entrevista e fazer uma apresentação geral do texto que se segue. A esse trecho também coube relacionar o que foi dito nessas ocasiões com percepções minhas que foram registradas nos relatórios de encontros do projeto, criando uma ponte entre as atividades do projeto e o que o usuário apresenta na sua narrativa. As introduções sobre cada usuário participante entrevistado são concluídas com frases-chave retiradas do texto, que Meihy e Seawright (2021) chamam de “tom vital”.

Entende-se o tom vital como eixo narrativo, sintetizado em uma frase que serve para a entrevista como uma coluna vertebral. É o tom vital que serve de guia para a transcrição textual. Para as entrevistas o tom vital equivale ao título do projeto. A formulação do tom vital caracteriza-se pela escolha de uma frase concisa, explicativa, potente, habilitada para dar sentido às mensagens emitidas pelos colaboradores individualmente (MEIHY; SEAWRIGHT, 2021, p.137).

O “tom vital” resume cada texto e direciona o processo de “textualização e transcrição” de todas as falas dos participantes, sejam eles os pesquisadores-cidadãos, seus familiares e/ou os profissionais do CAPS.

O texto sobre cada usuário segue a mesma cronologia adotada nos roteiros de entrevista: antes e durante o CAPS, durante e após o projeto, sua relação com a tecnologia, sua vida hoje em dia e, por fim, uma análise dos profissionais do CAPS sobre a trajetória de cada usuário participante.

Porém, antes de chegar aos usuários e sua participação no projeto “Eu quero entrar na rede”, existem outras histórias que fundamentam essa trajetória: a criação do CAPS-Magal, sua implantação e a criação do projeto. Esses textos nos apresentam um pouco da comunidade de Manguinhos e da história de lutas que levou à criação do CAPS, local onde foi possível a realização do projeto “Eu quero entrar na rede”.

Nesse sentido, os textos em história oral seguem na seguinte ordem: história do CAPS-Magal, criação do projeto “Eu quero entrar na rede”, história de cada usuário e análise geral dos profissionais sobre o projeto.

Para garantir a anonimidade dos entrevistados, seus nomes foram trocados por pseudônimos. Alguns desses nomes foram escolhidos para homenagear personagens que foram importantes na trajetória de produção desta tese ou do campo da saúde mental no Brasil. Nesses casos, o homenageado é indicado em nota de rodapé.

10 CAPS-MAGAL: UM GRITO ENTRE SILENCIAMENTOS, UMA LUTA DE MUITAS MÃOS

Antes de nos aprofundarmos nas histórias do blogue e seus participantes, precisamos conhecer um pouco mais sobre o CAPS-Magal.

A história da instituição está intimamente ligada à da luta pelo direito à saúde em Manguinhos. No centro dessa narrativa estão os moradores, mobilizadores e mobilizados, e Conselheiros de Saúde, dentre eles Ivone, que hoje é agente territorial do CAPS e que participou diretamente da criação do CAPS-Magal. Como ela explica, sua incursão pela saúde mental, chegando até CAPS-Magal, que é o seu atual posto de trabalho, não se deu através da formação acadêmica, mas dos movimentos sociais e se sua relação com o território.

“Eu nunca fiz curso nenhum não. Meu curso é de vida. Vivendo, vendo pessoas com problemas, histórias de vida mesmo [...] na verdade eu estou no CAPS devido a uma participação social, né?”

Ao longo de sua vida, ela teve inúmeros empregos. Foi empregada doméstica, trabalhou em fábrica, gráfica, creche, escola e em Unidade Básica de Saúde. Ela une o conhecimento, fruto de suas vivências e lutas no campo social e político em Manguinhos, com o conhecimento técnico adquirido ao longo de sua carreira, principalmente no trabalho no CAPS-Magal. As experiências pessoais de Ivone estão relacionadas com sua construção enquanto líder comunitária e profissional. Ela nasceu (1958) e cresceu em Manguinhos. A internação psiquiátrica de sua mãe, ainda na sua infância, foi seu primeiro contato com saúde mental e Ivone fala disso com calma.

“Minha mãe diz que eu nasci em Laranjeiras, mas eu me identifico aqui em Manguinhos. Minha história de vida começa aqui em Manguinhos. Minha família: sou filha de uma mãe solo, teve oito filhos e morava na comunidade CHP2³². Minha mãe, um bom tempo da vida dela, ela teve sérios problemas de saúde. Minha mãe foi pra sede psiquiátrica³³, antes da Reforma [RPB]). O que eu sei é contado por outros, né? Eu, enquanto criança, também tenho algumas lembranças dela internada, dela muito doente. Minha mãe foi uma paciente psiquiátrica quando nós éramos muito pequenos. Ela chegou a ficar internada, durante seis anos direto, no [Hospital do] Engenho de Dentro³⁴, antes da Reforma [RPB].”

³² Centro Habitacional Provisório 2, uma das comunidades do Complexo de Manguinhos.

³³ Hospital psiquiátrico

³⁴ Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II. Desde 2001 passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS) (MAGALDI, 2019). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/BJkYhRrZRjXKKgJLDZzTtCz/?format=html&lang=pt>.

Quando descreve sua vida, Ivone evoca, com seu habitual tom de voz enérgico, memórias sobre o Manguinhos, seus moradores, o CAPS e seus usuários, os movimentos sociais e de eventos marcantes do Rio de Janeiro dos últimos anos. Seu conhecimento é reconhecido na sua comunidade. Segundo ela: “O pessoal diz que eu sou um museu”. Em suas narrativas de resgate, surgem lembranças sobre assuntos diversos, como: as remoções das comunidades [da Praia] do Pinto, do Esqueleto e da Catacumba, a reformulação do Estado da Guanabara e a ditadura militar. Todas essas lembranças servem de base para que ela pense nas mudanças em Manguinhos. Ela lembra que as enchentes, que existem há décadas, atingem o local, assim como as desocupações e o crescimento habitacional desordenado no território.

“A comunidade foi se degradando, muita mudança...essas coisas, sabe? mal feitas do governo. Aí a comunidade foi mudando, mudando, mudando, mudando e com o tal do governo, a criminalidade começa a crescer dentro da comunidade. Esse é o caos que a gente vive hoje”.

Ela acredita que a venda de crack dentro do território também foi um dos motivos da degradação de Manguinhos.

“Até um bom tempo aqui na unidade de Manguinhos não se vendia um crack. Quando eles começaram a vender o crack, o território se acabou. Todo o território. Aqui tem um tráfico. Fica tudo muito degenerado. Aí, acabou acontecendo cracolândias, né?”.

Em somatória, Ivone analisa e critica a atuação governamental, ou a falta dela, no território de Manguinhos. “Eu acho o Governo responsável de tudo negativo que acontece com o povo”. Um exemplo neste sentido é seu posicionamento acerca das obras do “Programa de Aceleração do Crescimento” (PAC) em Manguinhos, anunciadas em 2007. Ela reconhece os benefícios do PAC em Manguinhos.

“Eu acho essa praça aqui é maravilhosa, apesar de ela ser tão mal tratada pelo poder público. Eu também acho que a população não contribui. então assim, pra mim [o PAC] foi de uma utilidade imensa porque nada disso aqui existia. Nós não tínhamos acesso a isso aqui, tem o PAC. Tem o CAPS. Tem a CRJ³⁵. Nada disso a gente tinha. Isso tudo é objeto de obra do programa do Lula, né? entendeu? Então pra mim [o PAC] foi muito importante”.

³⁵ Centro de Referência das Juventude.

Ivone destaca, porém, a forma pouco humanizada com que o poder público, através do PAC, agiu no território de Manguinhos e trata seus moradores. “O governo, ele chega e diz que vai te dar dignidade, que vai restituir a cidadania, mas ele não investe na figura humana, ele faz uma construção e aí ele não investe em cultura, não investe em nada”.

É nesse cenário e diretamente ligada às propostas do PAC, com a participação de Ivone, que a proposta de criação de um CAPS em Manguinhos passou a ser reconhecida como uma necessidade e torna-se desejo e luta dos moradores da região. Ivone conta que a ideia de ter um CAPS em Manguinhos veio de sua experiência pessoal lidando com familiares que necessitavam de cuidados em saúde mental e de sua atuação no Conselho Gestor Intersetorial (CGI) de Manguinhos³⁶. Ela conta que foi no CGI que começou sua atuação na participação social.

“Na verdade, eu não participava do movimento social. Eu comecei a participar através do CGI. Na época eu estudava na Rede CCAP³⁷ ensino médio. Aí eles convidavam muitos alunos pra participar de reuniões lá na Fiocruz, né? Eles tinham também um método de ensino que tenta te transformar em cidadão. Eu acho que eu sou uma questionadora desde que nasci. Lá eu aprendi muito mais, né? Eles começaram a anunciar que iam montar um Conselho Gestor do Centro de Saúde. Eu comecei a participar das reuniões. Mas eu, nem por um segundo, eu pensei em me tornar uma conselheira [...] mas eu comecei nesse conselho.”

Foi com o incentivo de uma colega que Ivone se candidatou ao cargo de conselheira de saúde.

“Eu estava participando das reuniões, mas eu não estava pensando em me candidatar, e aí uma aluna colega minha falou assim, ‘você não vai se candidatar não? Se candidata que eu voto em você’. Eu achei tão interessante ela dizer que ia votar em mim que eu resolvi me candidatar.”

Ivone foi eleita e atuou no CGI de Manguinhos por cinco anos. No CGI, Ivone passou a compreender melhor a saúde pública, o SUS e o seu funcionamento dentro das comunidades.

³⁶ “O Conselho Gestor Intersetorial abrange todo o território de Manguinhos e é paritário na participação do poder público e da comunidade, incluindo além da representação do setor da Saúde, o setor da Educação e da Assistência Social. O CGI tem a função de acompanhar, pactuar e fiscalizar as ações de saúde na Atenção Primária, realizadas em Manguinhos” (TEIAS, 2022). Disponível em: <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/gestao-participativa>.

³⁷ Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, Democrático e Sustentável (Rede CCAP) é uma Organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) que desenvolve projetos sociais no Complexo de Manguinhos, dentre eles o Programa de Educação para Jovens e Adultos (Peja). Disponível em: <http://redeccap.org.br/>.

“Quando participei do conselho, fiz questão de entender um pouco essa saúde em que a gente vive porque eu acho que, pra cobrar, você precisa entender” explica ela.

Foi nesse período que ganhou força a ideia de criação de um CAPS em Manguinhos. Ivone explica que a criação de um CAPS estava no plano original do PAC de Manguinhos, no entanto a obra não se efetivou. Ela foi ainda mais instigada a pensar na questão da saúde mental por causa do contato com uma vizinha, Viviane, que vivia em situação de vulnerabilidade e precisava de tratamento psiquiátrico, mas isso não era oferecido no território.

“A questão do CAPS é porque o CAPS já estava no projeto do PAC, que não aconteceu, e eu comecei a fazer um questionamento que ultimamente ela está indo muito ao CAPS. Eu era vizinha da Viviane, Viviane ela era uma vizinha minha, e hoje ela é paciente do CAPS... Nas reuniões do CGI que eu ia eu falava muito da Viviane e de outros casos na comunidade. Eu via o questionamento do povo na comunidade, ‘por que que não interna?’, aquela coisa toda. Foi quando eu também me torno conselheira e começo a entender a saúde. Eu comecei a questionar por que o Consultório na Rua³⁸ não atendia a Viviane, e aí me foi informado que eles não atendiam a Viviane porque a Viviane tinha residência.”

Ela explica que os dispositivos de saúde de que o território dispunha naquele momento, clínica da família, o Consultório na Rua e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)³⁹, não conseguiam suprir a demanda de atendimentos em saúde mental dos moradores de Manguinhos.

“...foi onde a gente começou a perceber a necessidade de um CAPS Manguinhos, porque o NASF não dava conta. O Consultório na Rua só atende morando em situação de rua, e os nossos pacientes psiquiátricos com os familiares sem entender muito, sem entender nada dessa saúde que a gente vive, ficavam desesperados, né? Apesar de que a ansiedade do familiar é por internar, ele também não entende muito essa reforma de que não se interna mais, e aí foi onde, pelo menos fui eu, enquanto conselheira dentro do conselho, eu fui pra esse lado: um CAPS para atender a população, e aí tinham outros conselheiros que tinham outras intenções. Mas a luta objetiva era ter um CAPS aqui pra estar atendendo essa população que a clínica da família não dá conta.”

³⁸ Instituído em 2011 pela Política Nacional de Atenção Básica, o consultório da rua é uma estratégia de atenção integral à saúde composta por equipes multiprofissionais que prestam atendimento à população em situação de rua dentro dos territórios. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/consultorio-na-rua/>.

³⁹ Os Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) foram instituídos em 2008 e contam com equipes multiprofissionais atuando junto às equipes de saúde da família dentro dos territórios. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf.

Segundo Ivone, a insuficiência dos dispositivos de saúde de que Manguinhos dispunha naquele momento era ampliada pela violência, que era um fator determinante para muitos processos de sofrimento mental no território.

“[...] enquanto moradora e participante do Conselho [CGI], a gente via a dificuldade de as clínicas darem conta dos nossos pacientes esquizofrênicos. A gente mora num território que tem um histórico de violência de muitos anos, e muito violento, né? E aí a gente tem casos: eu, por exemplo, vivenciei muitas mães que perderam os filhos todos, algumas enlouqueceram [...]. E não tinha, não tinha, não tinha um local para essas pessoas, a clínica não dava conta. Esse foi o motivo da busca da população por um CAPS. É onde o conselho se reuniu e foi como eu te disse, né? Foi uma coisa que foi abraçada também pelo pessoal da saúde. As pessoas participavam da busca.”

Apesar de ter convertido a criação de uma instituição de saúde mental territorial em uma prioridade na sua atuação como Conselheira de Saúde, Ivone conta que não sabia o que era um CAPS ou como essas instituições funcionavam. Ainda assim, ela se envolveu na luta e na articulação política para que a abertura do CAPS de Manguinhos se tornasse uma realidade. “Eu não era nada, só era conselheira e moradora, eu na verdade participei da luta pelo CAPS sem saber o que era o CAPS e como funcionava um CAPS. A luta foi longa né, porque a gente começou a batalhar por um CAPS, a gente começou a ir pra conferências”.

Ivone conta que a luta pelo CAPS envolveu articulação política e promessas não cumpridas do PAC. Especificamente sobre o então Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Daniel Soranz, e o Coordenador da Coordenadoria Geral de Atenção Primária (CAP 3.1), Leonardo Graever, ela explica:

“Ele [Daniel Soranz] se prontificou em fazer o CAPS, mas ficou enrolando, até que um belo dia a gente convida o coordenador da CAP [3.1] para ir à reunião do conselho [CGI]. Aí ele nos diz em pleno conselho que não tinha na agenda do CAP 3.1 o CAPS para Manguinhos. [Perguntou] Por que que a gente não lutava pela clínica, que também foi uma das promessas feitas no CAP 3.1, no PAC, que o Eduardo Paes⁴⁰ não cumpriu. Porque na verdade tinha uma proposta do PAC ter duas clínicas em Manguinhos, isso é uma questão que está rolando até hoje, né?”

Ivone conta que em outra ocasião, uma pré-conferência de saúde realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), os Conselheiros de Saúde de Manguinhos

⁴⁰ Prefeito da cidade do Rio de Janeiro de 2009 a 2017.

voltaram a cobrar os então Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro e o Coordenador da CAP 3.1.

“Eu me lembro que depois disso teve uma pré-conferência na UERJ que eu fui, várias pessoas, muita gente do Conselho e isso ficou gravado. Nós chegamos na conferência, Daniel Soranz compunha a mesa, e aí uma professora que estava na plateia questionou sobre a questão da política de pacificação, que já havia acontecido em Manguinhos, né? E aí ela fez uma crítica, e o Daniel Soranz relata que ele foi médico residente aqui na Fiocruz e que ele sabia do que o povo vivia aqui, em questão de violência. Eu ouvindo aquilo, eu e uma amiga minha, disse ‘nossa ele sabe de todo o sofrimento que a gente vive em Manguinhos, ele está relutando tanto para acontecer o CAPS’. Aí nós fomos para primeira cadeira, e esse Leonardo [Graever] também estava lá, e aí a gente fez um cartaz, nós paramos na frente do Leonardo, do Daniel assim, ‘e aí Daniel, vai acontecer o CAPS de Manguinhos?’. Aí ele olhou para o Leonardo e disse ‘vai acontecer o CAPS de Manguinhos’. Porque o coordenador disse que não tinha na agenda da CAP [Coordenadoria Geral da Atenção Primária], mas aí o Daniel disse ‘vai acontecer o CAPS de Manguinhos’. Depois houve várias, várias [...]. E aí houve outras reuniões, outras buscas, até que ele resolveu.”

O enfrentamento dos conselheiros durante o evento da UERJ foi seguido de uma longa discussão sobre o assunto, que exigiu outros enfrentamentos. Ivone ri e se diverte ao contar uma situação em que, em meio a debates teóricos sobre a RPB, ela precisou se impor e mostrar que trazia o conhecimento advindo de suas experiências de vida e que os moradores precisavam de uma solução na prática.

“Quando estava pra acontecer o CAPS, fizeram diversas reuniões, chamaram uma série de experts no assunto sobre a Reforma [RPB] e foi muito, era muita ansiedade, então um dia eles ficaram por conta comigo porque na verdade pra gente, eu vivi no passado, além da questão da minha mãe, que contava muita coisa, minha mãe conta horrores, e eu me lembro de quando eu era criança você não tem noção, a gente viver muito dentro de portaria de hospital...eu sabia o que era a loucura...eu sempre fui muito ligada em ler, em ver noticiário... um belo dia, entre mil reuniões, os experts lá na Fiocruz a falar sobre a Reforma [RPB], eu perdi a paciência, ‘gente, olha só, eu estou cansada de ouvir vocês falarem na Reforma [RPB], eu sei muito bem o que que é a saúde mental, eu sofri na pele, eu quero saber é se esse CAPS vai acontecer’. É na prática, porque, olha, teoricamente é demais da conta.” Fala entre risos.

A luta dos Conselheiros de Saúde e moradores de Manguinhos resultou na concordância da Secretaria Municipal de Saúde em criar o CAPS-Magal, porém, foi então que se iniciou as disputas pelo espaço físico para a implantação da instituição. Os Conselheiros receberam dos representantes públicos a incumbência de lutar pelo espaço onde hoje é o CAPS-Magal.

“Só que ele [Daniel Soranz] concordou em ter o CAPS, mas ele queria nessa região aqui e ele pediu que nós lutássemos. Na época, o governador era o Pezão⁴¹, aqui o espaço onde hoje funciona o CAPS era um espaço do estado que funcionava a Emop, Empresa de Obras Públicas que tratava do social aqui em Manguinhos, mas o espaço estava, a metade estava deteriorado, e aí o presidente, o superintendente, o Hugo [Fagundes]⁴² veio até o CAPS, pediu que a gente lutasse pelo espaço e a gente lutou. Na época nós tínhamos o vereador Eduardão⁴³, e a gente conseguiu lutando muito que o Eduardo Paes cedesse aquele espaço para o CAPS. Aí o pessoal do Emop saiu, e aí a Fiotec [Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde]⁴⁴ se comprometeu a fazer a obra e foi onde aconteceu o CAPS.”

A agente territorial não sabe ao certo quantos anos durou a luta para a criação do CAPS, acredita que tenha sido de três a cinco anos, mas se recorda de que as obras foram rápidas e logo o espaço estava pronto. No entanto, os moradores não se deram por satisfeitos, eles também queriam escolher o nome da instituição.

“A questão do nome, também pelo que me informaram, é superintendência sempre que escolhe. Eu me lembro que eu queria colocar o mesmo nome do teatro aqui, Coutinho⁴⁵, e aí a gente pediu que tivesse o direito de dar o nome, e aí ele acabou deixando a comunidade escolher o nome.”

Novamente, Ivone teve um papel central no processo decisório. Foi ela que sugeriu o nome de Carlos Augusto Silva, conhecido em Manguinhos como Magal. Ela explica que ele era uma pessoa em sofrimento mental ou com deficiência mental, ela não sabe precisar, moradora de Manguinhos. Magal não recebeu tratamento adequado e por estar frequentemente nas ruas foi assassinado por agentes do tráfico. Ivone resume de forma emocionada a história de Magal e a forma como sua morte revoltou a comunidade e a inspirou a sugerir o seu nome para o CAPS do território.

“Vários nomes foram sugeridos em votação e na hora me veio a lembrança do Magal. Por que a lembrança do Magal? Porque eu não concordei com os nomes que foram dados, foram sugeridos, e aí me veio na cabeça o Magal pelo seguinte: eu conhecia a família do Magal, me lembro deles pequenos, me

⁴¹ Antônio Fernando Pezão, foi Governador do Estado do Rio de Janeiro de 2014 a 2018.

⁴² Hugo Fagundes, psiquiatra, foi Superintendente de Saúde Mental da cidade do Rio de Janeiro.

⁴³ Eduardo Anderson Santos do Nascimento, foi vereador da cidade do Rio de Janeiro de 2013 a 2013.

⁴⁴ Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec). “...fundação privada sem fins lucrativos com o objetivo de prestar apoio às funções de ensino, pesquisa, desenvolvimento institucional, científico e tecnológico, produção de insumos e serviços, informação e gestão implementadas pela Fiocruz” (FIOTEC, 2022). Disponível em: <https://www.fiotec.fiocruz.br/institucional/perfil-institucional>.

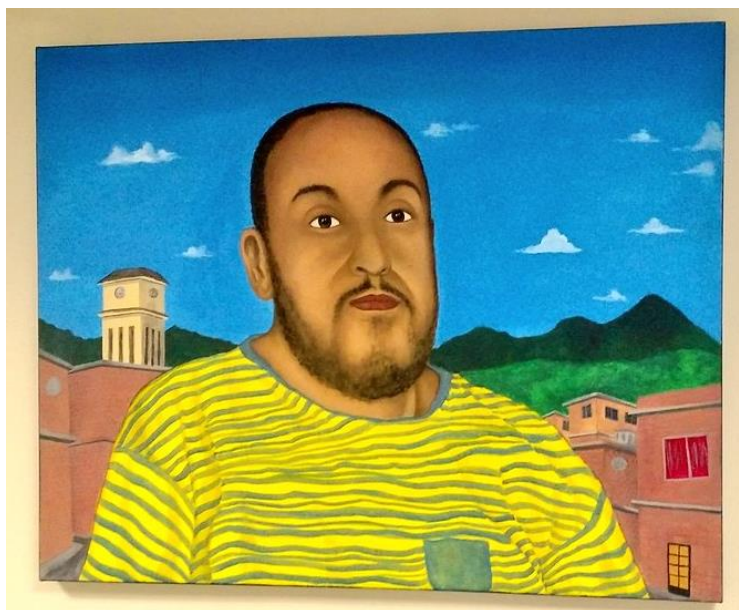
⁴⁵ Cine Teatro Eduardo Coutinho.

lembro do que ele passou [...]. Magal e o Eriseu [irmão do Magal]⁴⁶, eles cresceram dentro da comunidade, todo mundo sabia que eles eram doentes, o apelido de Magal era porque ele gostava de imitar o Sidney Magal, e aí durante as obras do PAC eu consegui um emprego na UPA [Unidade de Pronto atendimento], trabalhava de plantonista na UPA e numa quinta-feira eu entro dentro da sala amarela eu enxerguei o Magal todo arreventado, todo quebrado, gritava muito de dor, e a mãe dele, sabe, franzina, muito carente, chorando muito, e eu fiquei apavorada com a situação. Quando eu cheguei na comunidade, eu soube da maldade que fizeram com ele, ele jogou pedra no carro de um bandido e os bandidos deram uma surra só de pau nele. Aí no sábado ele veio a óbito. Mas, a gente que mora em comunidade, quando acontece essas atrocidades você não pode dizer que pena, você não pode dizer coitado, você tem que engolir, você não pode comentar, e eu vi uma comunidade revoltada, sabe, as pessoas muito revoltadas, muito indignadas com a violência que esse menino sofreu, sabe, porque você pegar um doente mental e você matar a paulada, sabe? O povo estava assim, e na hora me veio na mente: porque ele era um doente mental que ele precisava de tratamento. Se ele não tivesse na rua, talvez ele tivesse aí, sabe? E aí eu dei o nome do Magal e aí as pessoas votaram e ficou Magal, entendeu? Tudo era coletivo, eu sugeri, tiveram vários nomes, e aí eu tinha o nome e tinha uma história, um doente mental vivendo nesse território violento, que foi vítima da criminalidade por não ter um espaço pra se cuidar, né? Se encaixou.”

O CAPS-Magal foi inaugurado em 2016. Hoje, além de dar nome ao CAPS-Magal, Carlos Augusto Silva também é lembrando com um quadro que decora a área comum da instituição (Figura 8).

⁴⁶ Em nossa primeira visita ao CAPS-Magal para iniciar as entrevistas dessa tese fomos informados de que Eriseu havia acabado de falecer de causas naturais.

Figura 8 - Quadro com imagem de Carlos Augusto Silva que decora a área comum do CAPS-Magal



Fonte: Equipe CAPS-Magal

Depois de lutar por sua implantação, Ivone participou da seleção para trabalhar na instituição e foi aprovada. “Desde o começo trabalho, comecei como copeira, mas como copeira eu já agia, eu já levava paciente, eu já fazia, já acontecia, e aí eles resolveram me promover a agente territorial”. Foi atuando no CAPS-Magal que ela aprendeu sobre aquele tipo de instituição.

“Eu muito questionadora, procurando entender o que era um CAPS, porque eu não sabia o que era um CAPS ...~]. Aí começo a questionar – porque eu pergunto muito, né? – toda a minha experiência de vida é perguntando, porque eu acho que você aprende perguntando, e eu questiono, eu quero saber daquilo, eu pergunto.”

Hoje, enquanto agente territorial, Ivone avalia que houve um aumento significativo da violência na região das obras do PAC de Manguinhos, onde o CAPS-Magal está localizado. Entretanto, a profissional acredita que, apesar de nem tudo sair e seguir como os moradores inicialmente planejaram, a criação do CAPS-Magal reforça a importância da participação social.

“O CAPS ter acontecido é uma comprovação de que vale a participação social, entendeu? Agora, é válido a participação social, a gente só fica muito triste quando você percebe que você participa de uma luta, você vê o objetivo acontecer, mas muita coisa foge do seu alcance. O CAPS seria gerenciado pela superintendência, pela CAP, e muita coisa foge, mas vale a pena, vale a pena

“você participar, o CAPS é uma comprovação de que vale a pena, entendeu? Não foi um trabalho em vão não.”

10.1 CAPS-MAGAL DE PORTAS ABERTAS

David, psicólogo que compôs a equipe de implantação do CAPS-Magal e hoje é Coordenador Técnico da instituição, conta que os primeiros anos da instituição foram desafiadores.

“Então, como todo o campo da saúde mental, o CAPS já era uma designação por lei para ser um serviço substituto ao modelo asilar. Então já, o CAPS-Magal, ele não é um dos mais novos da rede, da integração, já vem numa caminhada assim dentro do campo da saúde mental já bastante organizada, vamos dizer assim, a RAPS mais organizada e os CAPS como modelos substitutos das internações. A implantação para mim foi um desafio, porque embora eu já tivesse na minha estrada no campo da saúde mental, eu ouvi durante a nossa concentração de implantação conceitos e desafios muito interessantes, por exemplo, se falava de um projeto terapêutico singular baseado num conceito FIB, a felicidade interna bruta.”

A FIB consiste na Felicidade Interna Bruta. Kinoshita et al. (2016) explicam que o conceito de FIB surge no Butão como uma alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB) e foi apresentado às Nações Unidas e aprovado em 2011. No Brasil, o conceito foi relacionado com o cuidado em saúde mental e a atenção psicossocial pela primeira vez em 2013 em uma fala do então Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, Paul Singer, no Encontro Nacional da Rede de Atenção Psicossocial (Enraps) (KINOSHITA et al., 2016). Sobre essa relação, Kinoshita et al (2016) afirmam:

Ainda que a experiência do Butão seja passível de questionamentos como política global, ou como política pública, apresenta uma proposta organizativa interessante para se pensar estratégias de cuidado que consideram o sujeito em sua complexidade e de modo indissociável à dinâmica social e territorial (KINOSHITA et al., 2016, p.15)

Kinoshita et al. (2020) explicam que a implantação do CAPS-Magal e de seu Projeto Terapêutico Singular (PTS) foi pautada nas dimensões da FIB através do diálogo entre a equipe e da construção coletiva.

Não se trata somente da experiência de implementação de um PTS em um CAPS que estava sendo implantado, mas, antes, tratou-se de orientar a institucionalização de um modelo de cuidado ao mesmo tempo que um ‘protocolo’ de cuidado foi construído, por parceria, entre gestores e profissionais de saúde (KINOSHITA et al, 2020, p.321).

O PTS é definido pelo Ministério da Saúde como “[...] um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, para um sujeito individual ou coletivo, resultado da discussão coletiva de uma equipe interdisciplinar, com apoio matricial se necessário. Geralmente é dedicado a situações mais complexas.” (BRASIL, 2007b, p.40).

Posto isso, David explica que a ideia de utilizar as dimensões da FIB na implantação do CAPS-Magal foi sugerida por Alexandre Trino. Para David, essa articulação trouxe três desafios.

“É bem desafiador, porque quando você pensa o tempo todo no cuidado do sofrimento e muitas vezes pelo sofrimento, e a gente começa a pensar na perspectiva de trabalhar pela felicidade, pela felicidade daquele usuário, e pela felicidade também de você enquanto organizador de cuidado, esse é o primeiro desafio. O segundo desafio é que o CAPS vem com uma proposta de ser um instrumento de trabalho no território muito forte. Eu já tinha essa ideia, no CAPS anterior eu já trabalhava muito com a questão dos matriciamentos⁴⁷ no sentido de aproximação do CAPS com a Atenção Básica, e o CAPS-Magal vem já com a proposta inicial de ser um grande influenciador de território, de marcar uma presença grande no território. Então esse é o segundo desafio. O terceiro desafio é que se falava, a gente estava começando a falar algo sobre a questão da participação no CAPS como um serviço de atenção psicossocial na questão de álcool e droga, um território que perpassa pela grande concorrência do uso de álcool e outras drogas e de outras influências como o tráfico etc. Eu pensei que seria um novo desafio.”

Mesmo com os desafios que envolveram a implantação do CAPS-Magal, David afirma que se orgulha de ter participado desse primeiro momento e que a participação popular foi para ele um ponto marcante.

“Outro elemento que me chamou bastante atenção e que eu fiquei muito encantado era a participação coletiva. Assim, a participação de pessoas que pensavam na existência de um CAPS como um instrumento ou como uma ferramenta de apoio à saúde mental para os casos de, enfim, de sofrimento que o território enfrentava. Eu nunca tinha participado assim, com todo esse tempo de experiência participando de coletivos, enfim, nunca tinha visto uma população tão envolvida através do conselho gestor, através de todas as ferramentas que acaba se produzindo dentro dessa construção de diálogo do coletivo popular, então isso me chamou muito a atenção também, e eu confesso pra você que me senti muito privilegiado por participar assim de uma implantação de um CAPS que trazia essas propostas como bandeira inicial, como objetivo inicial de existência.”

⁴⁷ Matriciamento consiste em um modelo de cuidado em que processos de construção compartilhada de saúde são feitos por duas ou mais equipes (GONÇALVES, 2011). GONÇALVES, D. A. et al. Guia prático de matriciamento em saúde mental. Brasília: Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

David conta que, enquanto profissional do CAPS, ele pôde participar de algumas ações coletivas de Manguinhos e que isso lhe permitiu ampliar seu olhar sobre a organização popular.

“Então, a gente sempre tinha a oportunidade de estar participando do diálogo coletivo que sempre foi muito presente ali, principalmente quando se fala da questão da educação, da saúde, esse território, o Teias [Territórios Integrados de Atenção à Saúde]⁴⁸ em si, sempre foi algo muito linkado a participação, a opinião, a sugestão dos usuários e viventes do território. Então, tinha participações mensais que eu costumava frequentar, eu sempre estava pedindo a minha gestão ‘posso ir, posso ir?’ Porque o movimento coletivo sempre me encantou muito, e aquele ali especialmente me encanta muito, eu acho uma potência danada. Então nessas participações do conselho gestor [CGI], enfim, enquanto audiência obviamente, eu acho que eu aprendi a admirar mais ainda o poder de uma organização, sabe? De um coletivo, de quando as pessoas se reúnem para um objetivo comum, o quanto que é potencial e realizador, eu acho que isso foi o principal aquecimento de mim nessa trajetória aí, desses seis anos.”

O psiquiatra Rodrigo começou a trabalhar no CAPS-Magal em 2017, pouco depois da abertura da instituição. Ele ri ao contar sobre como o CAPS se organizava naquele momento: uma equipe animada, mas com dificuldade em articular atividades no território.

“Encontrei a gestão muito animada [risos] tiveram muitos planos, uma organização de um funcionamento, que o tempo todo as pessoas se desculpavam muito de achar que estava muito engessado, mas que achavam que precisavam disso até pros profissionais conseguirem entrar num ritmo de trabalho, e numa lógica que respondesse ao planejamento que estava sendo feito ali pro CAPS. Os profissionais bem heterogêneos, tinha bastante gente mais antiga, e é difícil também às vezes em CAPS. E aí isso tem coisas boas e ruins, porque eu acho que traz a experiência, mas também traz muitos dos vícios da prática de estranhar. E uma supervisão bem frágil na época, acho que era uma supervisão que tinha uma pegada mais prática, mas com uma clínica muito frágil, eu sentia falta de um suporte mais clínico, eu acho que isso também pode ir repassando para equipe um jeito de funcionar que ficava muito preso naquela amarração dos processos de trabalho que foi pensado, mas sem você amolecer isso com a clínica. Eu acho que a equipe ficou um pouco endurecida em relação a isso.” Ele finaliza com uma pausa.

⁴⁸ O plano de Territórios Integrados de Atenção à Saúde (Teias) pode ser definido como: “...iniciativa de cogestão dos equipamentos e dispositivos setoriais, estabelecida por intermédio de um Contrato de Gestão, celebrado entre a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS RJ) e Organizações Sociais de Saúde, a partir de dezembro de 2009, no âmbito de cada uma das dez Áreas Programáticas do município”. Disponível em: <https://atencaoasaueelaboratorios.ensp.fiocruz.br/teias-manguinhos>.

Rodrigo acredita que, apesar da forte relação do CAPS-Magal com os movimentos populares, que foram peça-chave para a abertura da instituição, em seus primeiros anos o CAPS ainda possuía uma relação de pouca proximidade com o território, realizando poucas atividades no território.

“A gente já tinha uma divisão ali do território... mas acho que o CAPS tinha bastante atividades coletivas, de oficinas, mas muito voltadas pra dentro do CAPS, a gente não tinha já uma rotina, uma tradição de fazer um movimento mais extramuros, eu acho que isso se intensificou depois, mais na região da Maré com a entrada de um profissional que tinha um perfil mais nesse sentido, e aí ela fez muita relação com as ONGs na Maré, com o que estava acontecendo ali, mas em Manguinhos a gente sentia isso mais fragilizado, esse contato ali com o território.”

Em contraponto, Doralice, que ocupou o cargo de coordenadora técnica do CAPS-Magal desde 2016, diverge ao afirmar que a implantação da instituição e suas atividades foram alinhadas com a política da RPB e, em seus primeiros anos, tiveram como foco no trabalho territorial.

“[...] a gente tentou fazer um CAPS ser CAPS realmente, sempre tentando assim, a diretriz era sempre essa, tentando não transformar num grande ambulatório que é um risco que se corre dos CAPS se transformarem em ambulatórios sem esse trabalho de reabilitação psicossocial. A ajuda da supervisão foi fundamental para gente entender qual era nossa função enquanto CAPS, então acho que a gente tentou, para mim estava muito claro da diretriz, tentando fomentar nos profissionais esse tipo de visão, a maioria já era bem alinhada com isso, mas sempre tem gente nova que precisa estar se alinhando, trabalho territorial, o CAPS-Magal desde o início, pelo menos no início a diretriz foi bem de trabalho territorial.”

Em 2018, teve início o Projeto “Eu quero entrar na rede”.

10.2 “EU QUERO ENTRAR NA REDE”: UMA HISTÓRIA DE MUITAS VOZES

Juntamente com Ivone e o professor e pesquisador, coordenador do LaISS, André Pereira Neto, David esteve desde o início das movimentações e discussões para criação e estruturação do projeto “Eu quero entrar na rede”. Ele conta que, assim como o próprio CAPS-Magal, o projeto do blogue teve origem em espaços de coletivos de organização popular de Manguinhos. Ele fala com bom humor e ri ao recordar como a ideia do projeto foi criada por parte de André.

“O blogue começa numa participação minha junto com Ivone, que é uma pessoa bastante conhecedora dos movimentos sociais, participativa, inclusive da participação da construção do próprio CAPS, e eu vou no encontro coletivo. Lá eu conheço o André, e o André vai me falando então um pouquinho, aí pergunta mais sobre a proposta do CAPS, o André tem uma curiosidade nata que é fantástica (risos) e daí surgiu a ideia de a gente pensar num projeto de inclusão digital dos usuários do CAPS. O projeto foi se desenhando e se tornando o que se tornou, muito mais pela perspectiva do André que inclusive começa a buscar todos os recursos, a aproximar o Paulo Amarante, os três organismos ali, CAPS, LaISS, e LAPS. Surge aquele edital que proporciona a possibilidade de se convencionar numa bolsa para os participantes, enfim, aí o CAPS vai surgindo dessa natureza.”

David destaca a contribuição do professor e pesquisador André Pereira Neto, e a forma como a ideia se relacionou com o momento que o CAPS-Magal vivia, de entrada no projeto Teias, resultando no desenho do projeto.

“Eu acho que isso se deu muito pela generosidade do próprio André, pela sensibilidade e generosidade do próprio André, e de um momento em que o CAPS estava chegando num projeto Teias que já vinha de uma formatação bem distante, já vinha de uma trajetória bem distante. Era a chegada do CAPS no Teias, então eu acho que isso abriu espaço para a gente desenvolver e mostrar potências, e ao mesmo tempo poder mostrar toda a estrutura ali, o trabalho de atuação do campo da saúde mental in loco, do sofrimento que as pessoas trazem.”

Para David, a participação de Ivone também foi fundamental para que o projeto ganhasse os contornos de experiência no território. “Eu acho que um dos grandes elementos favorecedores disso é a própria Ivone, que vai também alinhavando os conhecimentos que ela traz de território para se alinhar à proposta inicial de um projeto conjunto”, explica o profissional.

Nise⁴⁹, que era então Gestora da instituição, explica que dentro do CAPS-Magal a ideia de projetos envolvendo às NTICs, como o do blogue e o grupo mídias, surgiu atrelada a um aumento de usuários jovens e a demanda deles por atividades dessa natureza.

“Quando a clientela jovem começa a adentrar com muita força no Magal, a gente começa a trabalhar muito com a questão das mídias, aí a gente começa a fazer um trabalho voltado pra essa frente, tinha fanzine, tinha discussão de temas que envolvia a internet, teve o blogue, trazendo essas mídias pra dentro

⁴⁹ Nome escolhido em homenagem à Nise da Silveira. Nascida em 1905 no estado de Alagoas, a Psiquiatra tem sua obra reconhecida no mundo inteiro. Seu trabalho, desenvolvido no Centro Psiquiátrico Pedro II, atual Instituto Municipal Nise da Silveira, explorou a arte como instrumento de cuidado e forma de expressão do inconsciente. Em 1952, Nise criou o Museu Imagens do Inconsciente (<http://www.ccms.saude.gov.br/museuvivo/mii.php>). Frases suas estão estampadas nas paredes internas do CAPS-Magal.

da proposta de cuidado do CAPS, propostas que geravam interesse dos jovens. Adentrou um grupo muito grande de jovens no CAPS ao longo dessa trajetória dos primeiros três anos [...]. Era uma demanda deles. A gente percebeu a partir da demanda deles. Eles pediam para ver vídeos, para estar nas salas e a gente usava aqueles computadores para fazer o relato no prontuário eletrônico, e a gente conseguiu dois computadores para que eles pudessem ir para as redes sociais, ouvir música, fazer contato com pessoas, foi uma coisa que a gente saca a partir de uma demanda que eles começam a ter com os computadores da equipe e a gente percebe que precisava ter para eles.”

Doralice, também gestora do CAPS, corrobora afirmando que os maiores interessados nas NTICs eram os usuários jovens, o que acabou por dialogar com os PTS dessa clientela. “Em termos do projeto terapêutico, se fazia sentido para o usuário, fazia sentido estar no projeto terapêutico, então muitos jovens”.

Nise explica que esse contorno, trazendo para os CAPS atividades envolvendo as NTICs, não era uma orientação na RAPS, mas sim parte da tomada de decisão dentro do próprio CAPS: “Foi uma pegada muito do CAPS-Magal, acho que foi uma interpretação nossa dessa necessidade, não acho que esteja difundido em toda a Rede [RAPS] não, não faz parte das convivências de todos os CAPS”.

Mesmo com essa demanda específica vinda dos jovens, Rodrigo afirma que, naquele momento, a equipe do CAPS-Magal tinha dificuldade de dialogar para ofertar atividades que atendessem esses interesses.

“Eu acho que a gente estava com dificuldade de ter uma proatividade na equipe de coisas novas, de oficinas novas, de movimentos novos ali. A gente tinha um público super jovem, diferente de um perfil normalmente de outros CAPS que eu já passei, a gente tinha um perfil muito jovem, e eu acho que a gente tinha ofertas que estavam muito restritas de oficinas, de atividades extraconsultório, eu acho que a equipe tinha dificuldade de pensar nessas iniciativas, pensar nesses projetos [...] e tinha uma questão interna da equipe também, tinha uma dificuldade de conversar, tinha picuinha pessoal também, tinha umas rachas dentro da equipe que acabava prejudicando também o trabalho.”

Com a escrita de um projeto por André Pereira Neto, o avanço das negociações entre as três instituições parceiras e o apoio financeiro da VPEIC, a iniciativa foi ganhando forma. A Ex-diretora do CAPS-Magal, Nise, explica que a materialização do projeto também se deu através de uma aproximação entre o CAPS-Magal e o LaISS, o que foi resultado principalmente do trabalho de David e André.

“Acho que é uma proposta que chega do LaISS para nós e a gente topa, tem uma conversa entre um técnico do CAPS, que era o David, que agora é coordenador técnico, com o André. A gente começou a fazer uns momentos que a gente passava filmes, e a gente se aproxima do LaISS ali, nesse processo, e o André fala ‘cara, vamos fazer um trabalho de incorporação dos usuários da saúde mental pra execução de um blogue?’ Aí surge a ideia, né? Aí o André submete o projeto, o projeto recebe um recurso bem pequenininho, mas recebe né, e a gente toca a proposta.”

Para ser colocado em prática, o projeto exigia um trabalho interno no CAPS, da gestão com os profissionais de saúde mental. Rodrigo fala sobre como o projeto foi apresentado para a equipe e como os profissionais receberam a ideia.

“O projeto chegou pra gente, eu não sei se teve alguma conversa mais direta, mas eu lembro do projeto chegando pra gente muito a partir da coordenação, eu não sei se teve algum encontro em que eu não estava, o pessoal do laboratório ter ido lá, mas eu lembro muito das informações chegando pela coordenação. Eu lembro que a gente ficou muito animado, porque chegou muito como uma questão do curso de informática, isso foi o que chegou primeiro na verdade, eu fiz muita propaganda, fiz muitos convites.”

O médico explica que, até então, a realidade do CAPS-Magal envolvia a dificuldade de alguns profissionais de entenderem as tecnologias como possíveis ferramentas de cuidado, o que fazia com que houvesse uma resistência por parte da equipe em permitir o acesso dos usuários ao computador.

“Eu fiz muita propaganda, né? Eu convidei muita gente, foi uma iniciativa que a gente achou bem legal, até porque, apesar de a gente ter computador e internet no CAPS, era uma dificuldade para a equipe entender – e se mobilizar – que os pacientes podiam também estar nesse espaço, podiam usar o computador, que aquilo podia ser uma ferramenta. A gente demorou até alguns outros profissionais novos darem uma circulada no CAPS para ele começar a ser usado dessa forma. Inclusive tinha um pessoal que reagia muito, principalmente os enfermeiros, reagem muito com isso de deixar o paciente no computador, de como fazer isso, ficar preocupado de o paciente estar sozinho. Alguns pacientes se masturbavam no computador, na internet, então tinha uma preocupação com esse uso, acabava que durante muito tempo foi um impeditivo para ser usado como uma ferramenta por nós. Eu acho que o curso foi uma proposta interessante porque a gente tinha essa ferramenta também que era subutilizada por nós... Tinha uma resistência em dar acesso ao paciente.”

Dentro desse tema, Doralice concorda que as NTICs estavam presentes no CAPS-Magal, mas seu uso por parte dos usuários era um ponto de discordância entre os profissionais da instituição.

“Eu considero que era um CAPS que tinha acesso sim, à internet, a computadores, a prontuário eletrônico, a gente tinha projetor, tinha até oficina de cinema que a gente projetava filmes e fazia uma discussão depois. A questão do uso da internet era algo que a gente estava sempre tentando trabalhar e manejar, porque tinham profissionais que achavam que não era função do CAPS, que eles usassem os computadores, e outros achavam que se as pessoas deveriam ter acesso e usar os computadores, e outros falavam, ‘não, tudo bem, mas vamos organizar, deixa só esse aqui’.”

Ela explica que, apesar do incentivo da gestão para o uso da NTICs pelos usuários junto aos profissionais do CAPS, isso não acontecia de forma sistemática.

“A gente fomentava que os profissionais pudessem levar os usuários, por exemplo, pra biblioteca⁵⁰ porque tinha computadores, era uma coisa que a gente fomentava muito, se fazia ou não fazia assim, eu acho que não faziam muito, de fomentar essas coisas, e também eventualmente no atendimento individual, ou até mesmo em conjunto eles poderiam acessar o computador. A gente olhava junto, acho que ficava muito, mas não como uma coisa sistemática assim, sistemática era só assim, a gente pedia muito que os profissionais sempre ofertassem ou levassem os usuários para biblioteca, porque lá tinha acesso a computador, livros, vídeos, de certo modo eles iam, de certo modo iam.”

Para Doralice, isso incorria principalmente por uma ideia enraizada entre os profissionais de saúde mental: as atividades terapêuticas devem ser artesanais e o uso das NTICs não se encaixa nesse formato.

“Eu acho que a população assim, os profissionais, um pouco da saúde mental, alguns têm um pouco de dificuldade de compreender esses processos de tecnologia como um avanço, eles gostam de uma coisa bem artesanal, eu acho que tem que ser sempre artesanal, você ter tecnologia como um dispositivo assim, pra te ajudar no cuidado das pessoas com transtornos mentais, não necessariamente deixa de ser artesanal, sabe, agora é um desafio também.”

Foi nesse contexto desafiador, em que as NTICs dividiam opiniões e seu uso junto aos usuários encontrava resistência para se firmar no CAPS-Magal, que o projeto “Eu quero entrar na rede” teve início.

Rodrigo conta que, em um primeiro momento, a equipe entendeu o projeto como um curso de informática e foi aos poucos se inteirando sobre a natureza das atividades que seriam realizadas e como elas se relacionariam com o trabalho desenvolvido por eles no CAPS-Magal.

⁵⁰ Biblioteca Parque de Manguinhos (BPM), ou Biblioteca Marielle Franco, é uma biblioteca pública e espaço de convivência inaugurado em 2010 que fica ao lado do CAPS-Magal.

“Chegou muito a partir da coordenação pra gente como uma coisa inicial do curso de informática, depois a gente foi tendo noção da questão do blogue, que era uma coisa com uma proposta muito maior até em relação à questão da discussão do lugar dele, a questão do acompanhamento instrumental do CAPS.”

Havendo um maior entendimento do que seria feito, o passo seguinte foi a indicação dos usuários por parte dos profissionais e a definição do grupo que participaria do projeto. “[...] Quando as coisas começam a se ajustar e o projeto começa a tomar forma, e a gente começa então a busca das indicações” explica David.

Doralice e Camilo concordam ao afirmar que os usuários participantes foram escolhidos de forma coletiva pela equipe do CAPS-Magal. Camilo completa que foram avaliados os PTS de cada usuário e como ele respondia ao tratamento naquele momento.

“É claro que foi escolhido a dedo pro blogue, tinha uma lista, e ali cada referência ia falando e a gente foi pensando juntos, ‘pra fulano de tal nesse momento vai ser melhor, talvez no outro momento pra outro’, tanto que a gente fez uma lista, mas tinha uma lista sobressalente lá, tinha uma lista embaixo dos que já estavam lá.”

Doralice explica ainda que foram considerados também os diferentes benefícios que o projeto poderia trazer para cada usuário a partir de seu perfil e quais poderiam se interessar pelo projeto. Augusto complementa que as indicações de seus usuários de referência estavam ligadas não só a um PTS, mas também às perspectivas de vida desses sujeitos. “Eu indiquei justamente pela capacidade deles [...] foi pensando no futuro, no projeto de vida deles”.

Nise, por sua vez, conta que a seleção dos usuários envolveu uma série de questionamentos que visavam garantir que os usuários indicados tivessem condições clínicas de participar do projeto e perfil adequado para as atividades propostas.

“Nosso trabalho foi toda a seleção dos usuários que a gente achava que tinha perfil, as indicações clínicas, porque não era simples assim né, ‘ah, tem perfil’, mas clinicamente vai ser bacana? Essa indicação tem sentido? Vai ser bom pra ele? É muita pressão? Ele vai suportar? Sabe, então a gente fez todo aquele trabalho das indicações e foi alterando também porque muitos não ficavam, a gente trazia outros e a gente foi fazendo aquele movimento ali de seleção e indicação desses usuários. A maioria era jovem.”

Esses questionamentos também tiveram como base uma análise do envolvimento e habilidades dos usuários indicados com as NTICs, já que o projeto não se tratava de uma alfabetização digital. Nise explica que foi uma preocupação da equipe que o pouco

conhecimento e habilidades para o manuseio das NTICs pudesse gerar sofrimento nos usuários participantes.

“...a gente cuidou também para que não fosse algo que fosse da ordem do impossível para aquele sujeito, aquela aproximação digital. Paciente que não tivesse nenhum tipo de capacidade de gerir isso para não gerar frustração. Então, a gente foi buscando gente que já tinha algum grau de habilidade, não era grande habilidade, mas basicamente pudesse estar e não gerar sofrimento, uma indicação que não gerasse sofrimento.”

David explica que a seleção dos usuários envolvia ainda outra questão: a institucionalidade do projeto, já que ele foi uma primeira experiência de parceria do CAPS-Magal com outra instituição. Isso incluiu entre os critérios de seleção somente a indicação de usuários dos quais a equipe tivesse mais conhecimento. Ele fala do tema com cuidado, fazendo uma pausa para escolher a melhor palavra.

“A gente tinha um critério que era: a gente precisava direcionar alguns pacientes que a gente já tivesse segurança pra estar na atividade. A gente enviar um que a gente não tinha muito conhecimento era meio que (pausa) criar uma potência desnecessária ao trabalho que a gente estava tentando desenvolver. Era o primeiro trabalho em parceria com outro seguimento e a gente estava com todo esse cuidado.”

Conforme relata Nise, o projeto também foi apresentado para os usuários em assembleia e gerou grande interesse. Isso se deu principalmente por ser uma atividade inovadora, que daria bolsa e formaria um grupo. Ela ri ao contar como foi a recepção do projeto por parte dos usuários, principalmente com relação à bolsa que seria dada aos participantes.

“[...] não foi simples a escolha e não foi simples a apresentação, porque todos queriam, muita gente queria, a escolha foi um elemento difícil [...]. Eles queriam porque era diferente, porque ganhava (risos). É, tinha a bolsa, tinha o fato de ser diferente, tinha própria concepção do grupo, esse grupo acabou se integrando.

Tendo em vista os critérios elencados pelos profissionais, o grupo de usuários participantes foi definido e as atividades do blogue tiveram início. David destaca que, dentro do CAPS-Magal, outros personagens também tiveram grande importância para a realização do projeto, principalmente as coordenadoras Nise e Doralice. “Porque aí também entra a questão de negociações da gestão, das situações, que na época eram a Nise e a Doralice as gestoras, que davam pra gente todo apoio para condução”. Ele explica que houve uma organização coletiva

dentro do CAPS, até mesmo para a acompanhamento dos usuários até o LaISS nas segundas-feiras à tarde.

“...inclusive a gente poder tratar em equipe coletiva o acompanhamento, eu acho que era todas as segundas, que é um dia bastante extenuante ao CAPS, porque vem de um final de semana que está fechado e as demandas chegam em maior número, mas que assim, a colaboração coletiva da gente manteve o projeto vivo.”

Essa colaboração se expandiu também para a relação entre os profissionais envolvidos no projeto, de dentro e fora do CAPS-Magal, com diálogo contínuo acerca dos usuários participantes, conforme afirma Doralice. A profissional acredita que houve uma ponte entre profissionais na intenção de comunicar acerca de situações específicas que deveriam receber atenção especial, avaliar processos etc.

“Olha, eu acho que existia uma comunicação entre o profissional de referência e as pessoas envolvidas no projeto, tanto que havia uma sinalização de quando estavam em crise ou não, para ter um pouco mais de paciência, um pouco de delicadeza em alguns momentos mais difíceis e tudo. Acredito que tinha esse tipo de comunicação.”

Nise explica que dentro do CAPS, entre seus profissionais e os instrumentos que eles dispunham, também houve uma articulação para que o uso das NTICs fosse além das atividades realizadas no LaISS. A disponibilização de um computador para o uso dos usuários foi uma delas. “O CAPS-Magal era bem equipado, com computadores, num dado momento em que a gente inicia o blogue a gente entende que eles precisam de um computador, eles se interessavam em usar o computador e a gente consegue um computador doado, que fica ali na convivência pros usuários e tal”.

Tendo em vista que nem todos os profissionais eram abertos à introdução das NTICs junto aos usuários, Nise explica que, direcionados pela gestão, alguns profissionais acabaram por se aproximar mais dos projetos envolvendo tecnologias e mídias, inclusive o do blogue.

“Eram os profissionais que tinham uma pegada com jovem. A gente tinha uma oficinaira, tinha uma psicóloga que se aproximou muito do trabalho com jovens, tinha uma assistente social também que tinha uma pegada importante, tinham uns três ou quatro profissionais que tinham essa pegada bem próxima dos jovens.”

Posto isso, Nise explica que, durante o projeto, os usuários continuaram a receber o acompanhamento multiprofissional no CAPS. “Todos os pacientes de CAPS têm o profissional de referência, têm projeto terapêutico, têm projeto terapêutico que fala de um trabalho mais pra fora, têm a rotina de trabalho dentro do CAPS, enfim, todos estavam com plano terapêutico instituído”.

Tendo em vista essa trajetória de desenvolvimento da ideia, criação do projeto e adaptação por parte da equipe do CAPS, apresentaremos o relato em História Oral de cada usuário participante. Nesta tese, eles se apresentam como pesquisadores-cidadãos.

11 OS “PESQUISADORES-CIDADÃOS”

11.1 FERNANDO – O ORGULHO DE SER QUEM SE É

Fernando⁵¹ é um jovem branco de 24 anos morador do complexo de favelas da Maré. É prestativo e interessado. Gosta de Futebol, é um vascaíno fanático, e de jogos de *Massively Multiplayer Online Role-Playing Game* (MMORPG)⁵², online e motocicletas. Tem o ensino médio incompleto e estuda na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), cursando ensino médio técnico em gerência em saúde. Perdas, rebeldia, guinadas drásticas e o apoio de uma avó dedicada marcam sua trajetória. Um processo de sofrimento/adoecimento mental que não se sabe bem quando começou, mas que sabemos que culminou na crise que mudou sua vida para sempre e o levou até o projeto “Eu quero entrar na rede”.

A minha aproximação com Fernando para a realização dessa pesquisa foi marcada por seu apoio e disposição em contribuir. Sua gratidão ao projeto transparece na forma como me trata, ajuda e orienta no território da Maré. Via *WhatsApp*, faço o convite para que ele participasse da pesquisa e ele prontamente aceita. No dia da nossa entrevista, eu o encontro em frente à EPSJV, ao final de sua aula e, juntos, seguimos para a Maré. Foi sua sugestão que fizéssemos dessa forma, para que eu não precisasse transitar pela Maré sozinha, já que não a conheço muito bem. De ônibus e a pé, ele me guia por sua comunidade e me apresenta seu mundo. O bairro, a rua, a casa onde mora, a laje cheia de plantas, onde foram feitas as entrevistas com ele e sua avó, Ângela, e de onde se vê a Ilha do Fundão, onde fica um dos principais Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conta a história do local e detalhes da formação e funcionamento da região. Sua receptividade vai além, ele me convida pra almoçar em sua casa. Eu aceito, afinal essa era também uma forma de conhecer melhor sua casa e família, já que sua mãe fez o convite. Comemos os três juntos e, ao final, ela me dá bolo para levar pra casa.

Mais do que a história de sua vida, seu tratamento e sua participação no projeto “Eu quero entrar na rede”, as duas entrevistas com Fernando carregam minha imersão no seu lugar,

⁵¹ Pseudônimo em homenagem a Fernando Ferreira Pinto de Freitas, que foi psicólogo, professor e pesquisador do LAPS. Atuante na luta antimanicomial, Fernando foi crítico da patologização da vida e da medicalização, suas principais bandeiras. Ele contribuiu com o “Eu quero entrar na rede” e esteve conosco durante algumas atividades do projeto. Fernando faleceu em janeiro de 2023, poucos meses antes da conclusão deste trabalho.

⁵² Jogos online que tem muitos jogadores interpretando personagens em simultâneo em tempo real.

que compõe a realidade dele. Foi um convite para conhecer a Maré, o que também foi importante parece compreender a realidade de Maura e Juliano, ambos da Maré. Nas visitas que fiz à sua casa, testemunhei a constante mudança autônoma da comunidade, vi o entorno se transformar através da construção de uma rampa pela associação de moradores e a pintura de um muro por um artista local para uma ação da instituição da sociedade civil Redes da Maré⁵³. Reformas urgentes que não poderiam esperar pelo poder público, que os moradores não sabem se os atenderia.

Vi também o que permanece inalterado: os trabalhadores do tráfico de drogas a postos no meio do caminho até a casa de Fernando. “Não usa o celular, vamos passar pelos caras...Se você tivesse passado aqui sozinha eles iam passar o rádio pros outros, porque você de fora, mas você está com um morador”, me avisa Fernando enquanto caminhamos. Ali, mais do que um entrevistado, ele é a pessoa experiente que domina o território e compartilha comigo seu conhecimento e proteção, naquele momento muito valiosos para mim. Essa é uma característica que, durante um ano de encontros do projeto, percebi nele e pude confirmar durante minha pesquisa: seu gosto por compartilhar e ajudar aqueles que estão próximos.

“Perdi a vergonha de mostrar quem eu sou de verdade.”

“Não é maluco, é sofrimento mental.”

Fernando é nascido e criado no complexo da Maré. Como costumam dizer os moradores de favela: é cria da Maré. O complexo da Maré é o maior conjunto de favelas da Cidade do Rio de Janeiro, é composto por 16 favelas. Sua população, 140 mil pessoas (REDES DA MARÉ, 2019), é composta de uma maioria de nordestinos e pessoas negras (SILVA et al, 2021). Apesar de sua magnitude territorial e populacional, em 2010 a Maré ocupou a 137ª posição do Índice de Desenvolvimento Social entre os 160 bairros cariocas (INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS, 2010). Assim como em Manguinhos, sua população está altamente exposta à violência armada.

Os 140 mil moradores da Maré enfrentam uma série de fatores estressantes: ausência do Estado e da previdência, acesso limitado a serviços básicos e instituições culturais, exclusão socioeconômica, entre outros, além de serem

⁵³ Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/>

amplamente controlados por traficantes armados e milícias locais (PEOPLE'S PALACE PROJECTS, 2023, *online*, tradução nossa).⁵⁴

É nesse contexto que ele escreve sua história. Aos seis anos ele já havia passado pela morte do pai, em um acidente de moto, da mãe, em função de complicações causadas pelo vírus HIV, e de seu único irmão biológico, por causas naturais. Ele foi criado pelos seus avós maternos: uma costureira e dona de casa e um profissional autônomo, dono de um estabelecimento comercial, a quem hoje ele chama de pai e mãe. Ambos, imigrantes da região Nordeste do Brasil. Seu núcleo familiar é composto pelos avós e três tios, que ele considera como irmãos. “Como ele são da mesma idade que eu, a gente acabou se considerando como irmão e irmã, a gente se criou junto, teve uma criação boa.”. Todos dividem uma casa de três andares. O primeiro andar é ocupado por um inquilino, os dois últimos por sua família.

Sua avó conta que ele saiu da maternidade direto para sua casa, onde foi criado. Apesar de ter passado em uma prova e conseguido uma vaga em um colégio particular, Ângela explica que primeira infância de Fernando foi um período difícil. Ela foi marcada pela perda da mãe, o que ela acredita ter gerado a revolta que foi estopim para anos depois ele abandonar os estudos.

“Depois a mãe dele ficou internada e faleceu. Teve um dia que eu levei ele para ver ela. Chegando lá, ela estava com uma bolsa de sangue e depois daquilo ali ele ficou muito nervoso. Ela estava tomando sangue, num domingo, já na terça à noite ela faleceu. Ele viu aquilo tudo, viu ela morta também, depois disso ele ficou nervoso, ficou revoltado, passou um tempo ele não estava tendo rendimento na escola, mas sempre tirava nota boa, se ficasse em recuperação era sempre numa matéria só, ele sempre foi bom nos estudos, o tempo foi passando e depois ele não quis mais estudar.”

Fernando considera que, apesar da “boa criação” que recebeu de seus avós, ele foi rebelde durante sua infância e adolescência. Sua avó, compreendendo as dificuldades que Fernando enfrentou desde pequeno com a perda de sua família, buscou para ele atendimento psicológico na Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizada na Ilha do Fundão, próximo à sua casa. Fernando recebeu apoio psicológico profissional desde sua infância, mas ele explica que não era aberto e receptivo a isso.

“Eu odiava a psicóloga, eu fazia de tudo para não ir na psicóloga. Eu achava que eu não precisava, porque estava em um momento de entender que meus

⁵⁴ Original: “Maré’s 140 thousand residents face a host of stress factors: absence of the state and welfare, limited access to basic services and cultural institutions, socio-economic exclusion, among others, as well as being largely controlled by armed drug gangs and local militias”.

pais faleceram e eu achei que eu precisava ter um tempo para mim em vez de conversar isso com alguém. Foi até os 12 anos de idade. Minha mãe tentava me levar, mas eu sempre rejeitava a conversa, a consulta. Eu ia, fazia uma birra para não ser atendido e aí minha mãe chegava até a chorar em casa e tal porque eu não aceitava esse tipo de ajuda, e depois abandonei o tratamento, essa consulta acabei não tendo mais a chance que hoje que eu saí, eu percebo que eu perdi, mas se eu pudesse ter uma chance de voltar no passado com essa mente que eu tenho hoje, eu aceitaria super o tratamento. Depois disso só foi a rebeldia da adolescência, ir para jogo de futebol para arrumar confusão, sair com gangue de rua para fazer coisa errada.”

A recusa em receber tratamento psicológico se intensificou a partir da pré-adolescência. Sua avó confirma que ele se negava a receber acompanhamento psicológico adequado e que muitas vezes ele não queria conversar com o profissional de saúde ou até mesmo entrar na sala. Por fim, ele acabou por abandonar o tratamento e não retornou mais, já que o acompanhamento psicológico ao qual ele tinha acesso era dedicado a crianças de até 12 e 13 anos, ele não se enquadrava mais.

Ele explica que, nesse mesmo período, não chegou a ter empregos, mas que aprendeu a trabalhar com o seu pai, o avô, que o criou.

“Eu aprendi a trabalhar com meu pai, ele me ensinava como dirigir um estabelecimento, que é o estabelecimento dele e uma coisa que sempre foi claro, ele e minha mãe, no dia que eu cheguei com cheiro de cigarro em casa ele falou: ‘você quer fumar?’, eu falei ‘quero’, ela disse ‘então está bom, a partir de amanhã 6 horas da manhã estou te acordando pra abrir o estabelecimento’, aí começa meu primeiro emprego, foi por conta dos vícios, com 11 anos.”

Nesse mesmo momento, ocorreu sua entrada em um grupo extremista, o que ocasionou sua primeira fuga de casa: “Eu faltava aula para encontrar as pessoas, matava aula, que é mais conhecido, e saía para curtir a vida, desde viajar com torcida organizada até sair com grupos extremistas para arrumar confusão”.

Sua aproximação com essa “gangue” ou “grupo extremista” se deu através da internet:

“Todo final de semana tinha um encontro no shopping chamado orkontro, que era um encontro pelo *Orkut*. Na época, meus pais, que são meus avós, não deixaram ir, me davam nem o dinheiro da passagem, até que um dia que eu me rebelei, botei roupa de roqueiro. Assim, com roupa de roqueiro, eu fui andando por mais de 3 horas até chegar no Norte shopping, daqui até o shopping a pé e sem saber o caminho. Aí quando eu cheguei lá foi quando eu comecei a ter contato com o cigarro, bebidas alcoólicas e acabei entrando em uma gangue de rua por conta disso.”

Fernando conta que passou cerca de onze anos nesse grupo, dos seus 11 até os 22 anos de idade. Ele fala abertamente sobre sua participação nele, mas não expõe qual grupo é. Quando perguntando, ele pede para não falar desse assunto e abaixa o tom de voz para que não seja ouvido por seus familiares. Seu comportamento transparece que o tema ainda é delicado dentro de sua casa. Ele define o momento que entrou no grupo extremista como “um ano muito bagunçado” de sua vida.

Aquilo que ele chama de rebeldia e seu envolvimento com o grupo extremista o afastaram do apoio psicológico adequado e prejudicaram suas relações sociais e sua vida escolar.

“Quando entrei na adolescência eu comecei a rebeldia de adolescente, comum de adolescente, e comecei a fazer coisas erradas como: tinha que marcar um psicólogo ao invés de eu comparecer, eu mentia e saía para usar drogas, cigarro, bebida, desde cedo. Isso dificultou muito minha vida escolar, minha vida até para ter amigos. Eu me considerava antissocial na época.”

Ele conta que, com 16 anos, se casou, mas “sem pensar muito como seria o futuro”. Ele se separou aos 18 anos. Fernando não é exato sobre as trajetórias que marcaram esse período de sua vida, mas afirma que foi nesse período, em uma viagem à região Centro-oeste do Brasil para assistir um jogo de futebol, que conheceu aquela que viria a ser sua esposa. Ela foi o motivo que o levou a se mudar do Rio de Janeiro. Ele conta que, em função dessa relação, ele decidiu se mudar para a capital do estado dela, mas não é muito preciso sobre o momento em que se separaram.

Durante o tempo que passou fora do Rio de Janeiro, ele alternou períodos de desemprego, com alguns empregos, a sua maioria informais: atendente de bar, vendedor de brigadeiros autônomo, panfleteiro. Foi nessa cidade que Fernando teve sua única experiência profissional com carteira assinada: ele trabalhou como atendente de uma rede de lanchonetes *fast food*.

Após vários empregos, ele decidiu servir ao Exército Brasileiro, aos 19 anos. Por não ser da cidade e não ter família no local, ele passou a morar no quartel, o que, segundo ele, é chamado pelos militares de “laranjeiras”. Fernando conta com alegria e empolgação que no exército ele fez amigos, era convidado para visitar suas casas e deles recebeu o apelido de carioca. Apesar de todo o afeto recebido, ele relata que as propagandas de alistamento do exército não mentem sobre as aventuras vividas pelos recrutas, mas omitem o sofrimento ao

qual eles são expostos. Mesmo superado o período inicial de adaptação, que ele acredita ter sido o mais difícil, foi na etapa seguinte que Fernando começou a ter dificuldades.

“Era um sofrimento mesmo e nos três primeiros meses, que é o período básico para conhecer o exército, eu não tive crise nenhuma e era o momento que eu tive mais pressão na minha vida. Ah, vai se jogar no meio do mar e ficar ali um tempo. Organização, comecei a ter organização, tempo para fazer as coisas. As pessoas acham até engraçado que no pior período eu aceitei e depois, quando eu fui para sentar num escritório, eu já não estava mais bem para sentar para trabalhar parado. Fiz ao contrário de outras pessoas, muitas queriam ficar no escritório que eu estava e eu queria fazer alguma coisa para trabalhar mesmo.”

Pouco a pouco Fernando foi entrando em sofrimento mental. No quartel, começou sua trajetória pela Rede de atenção psicossocial enquanto adulto. Ele teve dificuldades para se adaptar, o que ocasionou o seu primeiro surto. Ele entende a dificuldade de se adaptar ao trabalho como sua maior fonte de sofrimento naquele momento.

“Eu não achava um local pra trabalhar dentro do Exército em que eu me encaixasse, eu fui mudando, desde pelotão de obra, rancho e eu não fui muito bem aceito nesses locais, eu não tinha pra onde ir... eu não sabia fazer nada, a única coisa que eu sabia era administrar o estabelecimento do meu pai e lá não existe esse estabelecimento pra administrar, é um tipo de administração, então acabei que fiquei meio voando, sem fazer nada, com a pressão na minha cabeça eu acabei... ah, eu acabei tendo esse surto que desde então eu não me lembro o que aconteceu nesses quatro meses depois que eu fui internado.”

Como dito por ele, desse período ele tem poucas lembranças. Sua fala fica confusa quando ele aborda questões relativas a esse período, como: quanto tempo estava na instituição quando foi internado (quatro ou seis meses), o episódio de surto e os meses de internação que se seguiram. Sobre o surto que o levou a ser internado em um hospital psiquiátrico pela primeira vez, ele afirma que só tem as informações que foram contadas a ele por outras pessoas:

“Eu não me lembro, porque quando eu acordei já estava no hospital, então foi uma coisa que as pessoas que estavam em volta no momento que me contaram o que tinha acontecido, mesmo eu não sabendo se era verdade ou não. Mas como eu acordei no hospital eu já imaginei que seria própria verdade mesmo de um surto... aí que ocasionou o início das medicações, comecei a ser acompanhado e depois de muito tempo que eu tive que voltar para o Rio de Janeiro para o tratamento.”

Os meses que seguiram o primeiro surto foram constituídos de sua internação, de sua tentativa de continuar no Exército e, por fim, do retorno ao Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, ele ficou internado por dois meses e duas semanas. Ele então retornou ao quartel. Por conta do tratamento psiquiátrico ao qual era submetido, ele não conseguiu cumprir suas funções, precisou ser internado novamente. “Aí eu voltei pro quartel, tentaram fazer eu trabalhar em escritório, mas como eu tinha tomado muito remédio, ocasionado uma ansiedade por causa de remédio, eu tive que voltar pro hospital e ficar mais dois meses internado e foi uma volta meio que piorou.”

Após esse episódio, Fernando foi desligado do Exército.

“Quando eu cheguei ao hospital depois de uma semana quando voltei a ficar sóbrio de remédio, eu consegui entrar em contato com minha mãe aqui no Rio de Janeiro e avisar para ela o que tinha acontecido, onde eu estava, porque eu não dava mais notícia, porque é proibido celular no hospital psiquiátrico, e ela pegou e foi me visitar, fez minha primeira visita, mas só que ainda estava no começo, não podiam me dar alta. Aí depois disso, quando eu voltei para internação, passou uns... um mês e alguns dias, eu peguei e liguei para minha mãe para ela ir lá me buscar, aí o exército e a assistência social do hospital entraram em contato com a minha mãe e obrigaram minha mãe a ir lá me buscar, me tirar do hospital, pra ser desligado do Exército.”

Sua avó, a quem ele chama de mãe em seu relato, foi a responsável por retirá-lo do hospital e levar de volta ao Rio de Janeiro para dar início ao seu tratamento psicossocial. Para ela, a experiência vivida por Fernando no Exército também foi pouco esclarecida. Assim como ele, toda as informações que ela tem sobre o episódio foram dadas pelo Exército. Dentre essas informações, estava uma tentativa de suicídio de Fernando. Em meio a dúvidas e incertezas, foi ela que buscou ajuda para o neto na Casa das Mulheres⁵⁵, na Maré. Lá ela foi informada sobre o CAPS-Magal.

“Eu não sei explicar direito o que aconteceu lá porque eu só sei o que ele e o pessoal do Exército falou, que ele tentou se matar, ele não podia mais ficar no Exército porque não podia pegar em arma de fogo e nem em faca, era perigoso pra ele. O problema dele não atingia a ninguém, só a ele. Eu vim embora e ele ficou internado, um mês depois me ligaram para buscar ele, não podia ficar mais não, para ele não ia servir mais, foi isso que ele falou. Eu fui, peguei toda documentação e trouxe ele para cá. Tem aqui a Casa das Mulheres, eu fui pedir ajuda, procurar um lugar pra ele ir, foi aí que me indicaram o CAPS, foi uma bênção.”

⁵⁵ Espaço de acolhimento feminino da Redes da Maré. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/36/casa-das-mulheres-da-mare>.

Nesse processo, a assistente social do hospital onde ele ficou internado, por mais de quatro meses, o encaminhou diretamente para o CAPS- Magal.

Assim como Fernando fala que seus 11 anos idade foram conturbados, seus 19 anos também: o casamento, a mudança para outro estado, a entrada no Exército, o início de seu afastamento do grupo extremista, o primeiro surto, duas internações, a volta pra casa, a chegada ao CAPS. Ele afirma que tudo ocorreu em um mesmo ano.

11.1.1 A chegada ao CAPS-Magal

Na sua segunda semana de volta ao Rio de Janeiro, teve início o segundo capítulo da história de Fernando com a RAPS. É nesse momento que sua trajetória se cruzou com a do projeto “Eu quero entrar na rede”. No CAPS-Magal, Fernando conseguiu finalmente entender o que estava passando com ele:

“Eu estava com crise de existência, perseguição, que onde eu comecei a tomar os remédios antipsicóticos. Aí eu comecei a ter o meu PTS de passar o dia lá em convivência, almoçar, conhecer as pessoas que trabalham lá e os pacientes também. Não é mais paciente, é usuário hoje em dia, aí eu aprendi na convivência mesmo. Eu comecei a entender o que eu estava passando, o que tinha acontecido comigo.”

Fernando tem uma visão positiva do CAPS e da relação com seus profissionais e usuários. O CAPS-Magal foi para ele um local de acolhimento e significou uma guinada em seu tratamento, na superação do medo e na compreensão de sua própria situação de vida. Ele fala da instituição com carinho e voz tranquila.

“Eu sentia medo, medo de ser internado de novo, medo de alguma coisa ruim acontecer, mas sendo que nunca aconteceu nada ruim comigo. Assim que eu entrei no CAPS só aconteceu coisa boa. Fiz boas amizades lá, fui bem tratado, fui bem recebido, desde a época que eu fui transferido.”

Ele não se recorda de ter recebido um diagnóstico fechado quando chegou ao CAPS-Magal, mas se recorda apenas de terem falado para ele sobre esquizofrenia, ansiedade e bipolaridade. “Foi o que falaram pra mim, eu acho que eu nunca fiz teste, nunca fui a fundo desse tratamento pra saber se realmente o que eu tinha ou deve ter acontecido e eu não sei e não lembro que aconteceu”. Mais do que a informação de possuir uma ou outra psicopatologia, o

que ele considera mais marcante nos seus primeiros meses de tratamento no CAPS-Magal foi a participação nos jogos de futebol do CAPS, que ocorriam todas as terças-feiras. Fernando é muito interessado em futebol, torcedor fanático do Vasco. Ele enxerga o futebol com os profissionais e usuários do CAPS, naquele momento específico de sua vida, como uma terapia.

“Foi onde eu conheci o senhor Roberto⁵⁶ e ele via que eu gostava de futebol, que andava só de [camisa do] Vasco pra cima e pra baixo e ele acabou me convidando e foi assim que eu tive uma relação mais pessoal com os trabalhadores. ‘Poxa, bora lá no futebol’, quando eu estava triste eles tiravam uma roda de conversa para conversar sozinho comigo, entender o que eu estava sentindo no momento e depois ia para o futebol, independente do que eu estava sentindo.”

Mesmo com sua boa recepção e adaptação no CAPS, esse ainda foi um período difícil. Fernando teve dificuldade em se adaptar às medicações, levando cerca de oito meses para superar o excesso de fome e sono, que foram os efeitos colaterais mais fortes e prejudiciais para ele.

“Eu dormia muito, mais de 24 horas, a cada três dias eu acordava, eu tinha um sono muito profundo, mesmo não estando cansado, eu ficava sonolento. Eu lembro até quando eu recebia visitas, as visitas ficaram no meu quarto me esperando, tentando me acordar pra conversar comigo, eu, no máximo, abria o olho falava algumas palavras e voltava a dormir [...]. Dá fome também, no almoço quando eu acordava e comida três, quatro pratos de comida.”

Além do difícil processo de adaptação com a nova medicação, após sua entrada no CAPS, ele também enfrentou a incerteza sobre o rumo que sua vida tomaria. Ele havia voltado para o Rio de Janeiro, novamente morava com sua família, no complexo da Maré, mas não tinha nenhuma ocupação ou perspectiva naquele momento, já que estava desempregado e não estudava. “Depois que eu entrei no CAPS, minha vida ainda estava meio perturbada, não tinha um caminho direto pra eu seguir, não sabia se voltava a estudar, se ia trabalhar com meu pai, ou algo do tipo, não sabia qual caminho poderia seguir adiante.”

No começo do tratamento no CAPS, a relação com sua família estava fragilizada e ele não encontrava em casa uma abertura para falar de seu sofrimento. Ele explica que sua família refletia um comportamento estigmatizante que as pessoas em geral têm com relação à depressão. “É o de sempre, quando fala depressão é a mesma frase usada por todas as pessoas

⁵⁶ Técnico de referência do CAPS-Magal que era responsável pelo futebol dos usuários e profissionais da instituição.

que não entendem, que é: frescura”. Ele completa que, apesar de sua situação incerta e do sono que o fazia dormir por dias inteiros, aos poucos o tratamento no CAPS melhorou a relação com seus familiares. “Eu preferia conversar com meus técnicos de referência do que com minha própria família. O pessoal da minha família não aceitava, por causa da minha rebeldia, agora que aceitam um pouco, entendem melhor o porquê que eu tomo medicação”.

Aos poucos, ele conseguiu melhorar a relação familiar que ele acredita ter sido prejudicada por seus anos de adolescência e rebeldia. Ele pôde se reaproximar de sua família, que passou a compreender melhor sua trajetória de vida e passou a ter uma relação mais afetuosa com ele.

“Eu tive um afeto muito melhor depois que entrei no CAPS do que antes. Na minha adolescência eu era tão rebelde, que não olhava na cara nem da minha mãe, nem do meu pai, a gente não tinha relação nenhuma um com o outro [...]. Eles acabaram entendendo o que eu passei, tinha acabado de passar, e acabou ficando muito afetivo, um relacionamento muito afetivo entre nós.”

Para a avó, o tratamento no CAPS-Magal foi, desde o início, muito bom para o seu neto: “Ele começou a tomar medicamento, tinha psicólogo, tinha médico, sempre foi uma boa ajuda”.

Em simultâneo, ele seguiu procurando emprego, sozinho e com a ajuda dos profissionais do CAPS. Ele também tentou se inserir e engajar em projetos da instituição. Foi assim que ele se tornou um participante do projeto “Eu quero entrar na rede”.

11.1.2 Entrada no Projeto

Foi através de um profissional do CAPS, que não era seu técnico de referência, que ele foi informado sobre o projeto. Ele explica que seu interesse pelo projeto se deu principalmente pois ele via uma atividade junto à Fiocruz como oportunidade para um futuro melhor. Ele acreditava que poderia conseguir de forma mais fácil um emprego em qualquer área, mesmo sem certificado. “Eu visava mais futuro no emprego, como se eu conseguisse uma forma mais fácil de arrumar emprego, independente da área”. Para ele, essa era uma expectativa dos participantes em geral: conseguir um emprego na área do projeto: “As pessoas estavam muito animadas visando um futuro mesmo, não era só eu, todo mundo que estava ali visava um futuro pra si próprio, como crescer na vida, como se diz hoje em dia”.

Fernando conta que outro fator que o incentivou a participar do projeto foi a bolsa de 100 reais, já que, naquele momento, ele estava desempregado e apenas ajudava seu avô no

estabelecimento comercial da família. Entretanto, ele conta que a sua continuidade no projeto foi incentivada não só pela bolsa, mas pelas relações de afetividade que foram construídas entre a equipe do projeto e os participantes. Isso ocorreu tanto em momentos de descontração, como a alimentação compartilhada durante os encontros do projeto no LaISS, quanto em situações de suporte mútuo, que resultaram na amizade que se formou entre os participantes.

“Foi uma relação muito afetiva, a gente foi bem recebido com bolo de Copacabana do doutor André⁵⁷. [...] Quando cheguei no projeto foi o dinheiro que recebia, não vou mentir, que eu estava desempregado e estava procurando emprego, mas depois conheci as pessoas que iam conviver comigo por um certo tempo e acabei fortalecendo amizade mais ainda. Um estava aprendendo a mexer [nas NTICs], outras já entendiam mais e era um ensinando o outro, um tentando ajudar o outro da maneira que podia.”

Mesmo com o clima ameno e de aprendizado compartilhado, ele assume que algumas questões foram desafiadoras. Para Fernando, a maior dificuldade envolveu atividades envolvendo fotografia, já que, como relata, ele tem bastante ‘tremedeira nas mãos’, o que dificulta a captação de imagens com qualidade. Nesse sentido, ele afirma que as aulas de fotografia contribuíram, já que ali ele aprendeu como estabilizar melhor a câmera sem a necessidade de um equipamento. “A parte da fotografia eu achei muito difícil porque eu tomo um remédio até pra tremedeira na mão e eu não consigo. Aprender a apoiar nos dois cotovelos pra tirar foto foi muito importante, me ajudou muito”. Por outro lado, para ele o uso de medicação não foi uma dificuldade, já que ele não sente que, de alguma forma, os efeitos delas interferiram em sua participação.

Ao tratar dos pontos positivos do projeto, Fernando enxerga a união e cooperação entre os usuários como a parte mais útil para a realização das atividades: “Quando faltava uma coisa, a outra pessoa já tinha ideia na mente e acabava reforçando a ideia do outro, foi o espírito de corpo de cada um, todo mundo se uniu pra ter um mesmo propósito”.

Outro ponto positivo para ele foi a liberdade e espontaneidade que podia expressar durante as atividades.

“Para mim era muito bom porque não era aquela coisa ‘você vai entrar aqui fazer isso, aquilo’, todos vocês que estavam lá, também tinham, eles esperavam nosso tempo para que a gente pudesse fazer as coisas, não era tudo automatizado. Era uma coisa tipo por livre e espontânea vontade...”

⁵⁷ Nome carinhoso que os pesquisadores-cidadãos deram ao bolo que o coordenador do projeto, André Pereira Neto, comprava no bairro de Copacabana e levava para que todos compartilhassem durante as atividades do projeto.

Para ele, a liberdade, maleabilidade e respeito ao tempo dos participantes fez diferença, resultando da participação de todos até o final do processo. O principal fruto disso é o blogue.

“Fez muita diferença, porque se fosse uma coisa mais rígida, eu certamente não iria conseguir concluir o que era para ser concluído. Demorou? Demorou, mas todos nós acabamos conseguindo abrir o blogue, que era o que a gente mais queria. Organizar, colocar foto, o ‘sobre’ de cada pessoa.”

Dentre as expectativas de Fernando também estava a de conhecer a Fiocruz inteira, algo que ele entende que realizou. Com orgulho e a voz animada, ele destaca um dos passeios realizados com os participantes pelo Campus da Fiocruz.

“O que eu mais gostei foi a visita no Castelo da Fiocruz [Castelo Mourisco] que a gente subiu no carrinho com emoção. ‘Com emoção ou sem emoção?’ [ele fala em tom de piada, se recordando da brincadeira feita por eles no trenzinho que levou os participantes até o Castelo Mourisco] [...] Foi maravilhosa, porque era uma coisa que eu não imaginava como era por dentro dos muros da Fiocruz eu achava que era só entrar, foi no castelo e foi embora, eu não sabia que ali existia uma rede hospitalar e tudo mais.”

Em função de enxergar a proximidade da Fiocruz como uma oportunidade profissional, ele também tinha expectativa de conhecer os trabalhadores da instituição, algo que ele lamenta não ter ocorrido. Ele se orgulha de ter aprendido muitas coisas no projeto, como montar o blogue, e afirma que em nenhum momento pensou em se desligar do projeto, já que via na experiência uma oportunidade profissional e financeira. “Não pensei em desistir porque era uma coisa que eu achava que iria me ajudar, não só financeiramente, mas assim uma carreira profissional mesmo.”

Para sua avó, sua felicidade e empolgação e participar dos eventos do projeto foram o ponto mais marcante. “Quando tinha algum evento ele ficava muito feliz, pra mim era muito bom, eu sentia que ele se sentia feliz com aquilo”. Isso também fica evidente na fala de Fernando. Quando perguntado sobre o que menos gostou no projeto, ele prontamente responde de forma sucinta e objetiva “Quando acabou”. Fernando, então, discorre animado sobre o evento de lançamento do blogue, uma das últimas e mais importantes atividades do projeto. Com calma, ele remonta o evento através de suas lembranças, dá detalhes sobre aquele dia, analisa seus comportamentos, como se sentiu, quem estava lá. Ele demonstra que sua participação no lançamento do blogue ficou viva em sua memória enquanto uma conquista.

“Eu lembro da apresentação até hoje, que você chorou depois de terminar de falar, foi muito lindo aquele dia e eu raciocinava tão mal que quando colocaram o microfone na minha mão, e perguntaram ‘como que lida com esse preconceito?’ e eu sem pensar respondi ‘tem que dar porrada mesmo’, foi o que veio na minha cabeça, eu ainda tinha a mentalidade da minha adolescência [...]. Minha mãe participou, minha mãe e a mãe de outros usuários foram também, família e foi uma coisa inexplicável porque onde eu sempre me imaginei que queria estar eu consegui alcançar.”

Para ele, foi de grande significado estar em um espaço onde outras pessoas importantes estiveram podendo dar seu relato, ensinando e aprendendo sobre saúde mental. A experiência foi além do que ele acreditava ser possível para si.

“Mas eu lembro que no salão internacional⁵⁸, onde foi a apresentação mesmo, foi muito emocionante. Eu estava com aquele cabelão na época. Eu nunca imaginei que eu chegaria a um lugar onde pessoas muito importantes pisaram pra falar, pra não só falar, pra aprender e falar.”

11.1.3 Resultados do Projeto

Além das questões suscitadas, Fernando afirma que o reconhecimento que recebeu por participar de uma atividade da Fiocruz foi importante para que ele se orgulhasse do projeto, sendo esse um dos pontos mais marcantes para ele. “O reconhecimento, que as pessoas sempre perguntam ‘pô, onde você está indo?’ eu respondo ‘pô, pra Fiocruz’ ‘fazer o que lá?’ ‘fazer um blogue no laboratório LaISS’ eu sempre falei, exaltava em falar que eu ia pro laboratório lá”.

Fernando acredita que o sofrimento mental levou a uma baixa expectativa das pessoas com relação a ele. Nesse sentido, a sua participação no projeto foi uma forma de mudar essa visão dos outros sobre ele e dele sobre si mesmo.

“Eu sempre notei o que as pessoas falavam de mim e por ter esse sofrimento mental que eu tenho, por eu tomar esses remédios, as pessoas pensam que eu nunca pude chegar a lugar nenhum, a fazer nada... Mudou bastante. Eu sentia que eu era capaz de chegar em algum lugar, não um lugar no topo, mas um lugar que era reconhecido mesmo. ‘Ah, você já fez curso de alguma coisa?’ ‘Não, mas eu cheguei a aprender a fazer um blogue’. Se eu chegasse a procurar uma vaga na área da informática, [Diria] ‘ah já fiz um blogue’! Então já impacta mais a pessoa como se eu tivesse estudando com certificado.”

⁵⁸ Auditório da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), local onde foi realizado o evento de lançamento do blogue *Libertando a Mente*.

Além da mudança na forma como outras pessoas, e ele mesmo, o viam, ele destaca a mudança na sua rotina e sua maior capacidade de circular pelo território como benefício. Pouco a pouco, ele diminuiu sua frequência no CAPS e passou a circular mais pelo território.

“Eu ia pro CAPS, passava o dia todo no CAPS todos os dias da semana, de segunda a sexta, e ficava ansioso o momento que iam lá buscar a gente, iam lá levar a gente. Foi depois de um tempo que a gente começou a ir sozinho, e foi muito bom porque até novos caminhos eu aprendi, lugares novos.”

Ele e a avó divergem sobre o seu uso de medicação durante o projeto. Para ele, não houve redução na medicação, já que durante a participação no projeto ele continuou tomando a mesma. Já ela não sabe dizer se houve redução, mas afirma que houve mudanças, posto que todas as vezes que uma medicação não estava dando certo, ela foi trocada. Entretanto, ambos são categóricos em afirmar que Fernando não passou por nenhuma crise ou surto durante o projeto e também não passou por internações nesse período. Para a avó, uma mudança significativa foi que a participação no projeto deixou Fernando mais tranquilo. Ele, por sua vez, acredita que essa evolução aconteceu porque o projeto contribuiu com a melhora de sua saúde mental. “Porque eu estava me sentindo bem participando do blogue, foi uma coisa que melhorou até na minha saúde mental em si, deu um ânimo a mais pra continuar vivendo”.

11.1.4 Após o Blogue

Fernando afirma que a participação no projeto “Eu quero entrar na rede” alimentou suas esperanças de que outras coisas boas aconteceriam em sua vida. “Eu acordava esperançoso que algum outro projeto ia aparecer”. Entretanto, o mercado de trabalho se mostrou o contrário do que ele esperava, e foi difícil conseguir um emprego. Mesmo com um mercado de trabalho pouco favorável a um sujeito em sofrimento mental, ele acredita que o sentimento de compartilhamento vivenciado no projeto influenciou nas oportunidades que recebeu após a finalização do projeto. “Depois disso, foi quando começou a abrir portas para projetos pra mim”.

Ele acredita que a experiência do blogue foi a oportunidade necessária para que ele fosse chamado para participar do projeto de Qualificação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS)⁵⁹, Agentes de Equidade ou o Agente E+. A experiência foi desenvolvida pela Secretaria de Estado

⁵⁹ Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/noticias/2020/09/agente-e-a-equidade-no-coracao-da-saude>

de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ), através da Superintendência de Atenção Psicossocial e Populações em situação de Vulnerabilidade (SAPV), em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ela teve como objetivo transformar representantes das populações em situação de vulnerabilidade em Agentes de Equidade do SUS. Dentre eles, estava Fernando, pessoa em sofrimento mental representante dos usuários da RAPS.

Nesta experiência, ele atuou por um ano e dois meses recebendo bolsa. Fernando conta com orgulho e de forma didática que, enquanto Agente de Equidade, pôde conhecer muitas pessoas diferentes: refugiados, pessoas trans, não binárias etc. Ele explica que isso contribuiu para que ele abrisse sua mente. Através desse projeto, ele teve aumento significativo de sua renda, conhecimento e compreensão acerca da diversidade, o que ele considera muito bom. “Eu conheci muitas pessoas diversificadas porque a equidade visa não é só no povo branco, o povo amarelo. Vai em congolês, francês, brasileiro também, mães, pessoas trans, então foi muito maneiro”.

Fernando também voltou a estudar, primeiramente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), junto com sua avó em uma escola na Maré. O apoio dela foi fundamental nesse momento. A avó conta que voltou a estudar junto com ele, para que Fernando conseguisse continuar em sala de aula. “Eu tive que voltar a estudar junto com ele, aqui no Brizolão [Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs)]⁶⁰, porque ele não se sentia à vontade de ficar na sala”. Para ela, esse período foi bom para ele, pois os estudos mantiveram sua mente ocupada. Em seguida, mais precisamente após dois anos, ele ingressou como aluno na EPSJV, onde passou a cursar o ensino médio técnico.

Para ele, a participação no “Eu quero entrar na rede” de alguma forma foi o fio condutor para novas realizações. A maior conquista para ele foi a de voltar a estudar e, principalmente, de fazer isso na Fiocruz, o que superou suas expectativas.

“Muito, até mais, porque dali do projeto eu fui chamado para outro projeto que foi Agentes de Equidade na Secretaria da Saúde, e da Secretaria da Saúde foi onde eu tive o pontapé inicial de entrar na escola... aí eu tive algum conhecido lá do CAPS que falou para eu me inscrever para estudar lá, e ia ser sorteio. Foi um sonho, quando eu botei o primeiro pé ali na escola meu olho brilhou com tudo, parecia que eu não via uma escola dessas há muitos e muitos

⁶⁰ Brizolão é o nome popular dado aos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS). Os CIEPS são escolas propostas por Darcy ribeiro que foram implantadas no Rio de Janeiro durante a reforma do sistema escolar empreendidas durante o mandato de Leonel Brizola como governador do Estado do Rio de Janeiro, de 1983 a 1987. Disponível em: <https://www.pdt.org.br/wp-content/uploads/2021/01/O-Livro-dos-CIEPs-por-Darcy-Ribeiro.pdf>.

anos... poxa, o ensino do Brasil é muito fraco, estadual e municipal, e quando eu entrei na federal eu já vi que era outro nível mesmo, era sensacional.”

11.1.5 Sua relação com as NTICs

Fernando é um nativo digital, nasceu sob a égide das NTICs, usa a internet desde a infância, porém seu uso e apropriação foram recortados por questões socioeconômicas (PEREIRA NETO et al, 2019). Ele lembra de que sua família tinha um computador que foi doado pelo vizinho e a internet era discada⁶¹. “O deu meia noite, liga a internet” se recorda.

Seu interesse pelas NTICs também foi levado para sua formação profissional. Fernando fez quase dois anos de um curso de montagem e manutenção de *hardware*. Para ele, o curso teve influência na sua relação com as tecnologias, já que ele se tornou mais capacitado tecnicamente para cuidar e melhorar os equipamentos que dispõe.

“Eu aprendi a consertar, a manusear o computador de uma forma que eu não estrague ele, com que eu melhorasse ele mais do que estragasse. Meus irmãos, cada um tem seu computador. Deu um problema em tal lugar, eu posso mexer porque eu estudei sobre isso, então me ajudou bastante.”

Apesar de usar bastante a internet e o computador, ele conta que não gostava muito de celular e comprou o seu primeiro somente aos 18 anos, quando teve seu único emprego com carteira assinada. Para ele, sua opinião sobre o celular antes desse período acabou por influenciar na forma como ele se comporta durante suas crises, se isolando, porém hoje a tecnologia se transformou em uma forma de seus amigos quebrarem o seu isolamento e darem apoio a ele.

“Eu não gostava de manter contato com ninguém. Eu gostava de viver isolado e isso acabou virando um costume quando estou em crise, eu pego e me isolo. Muitos me mandam mensagens hoje via rede móvel, que é o celular, e quando eu sumo por um tempo, quando eu quero me isolar, eles sempre perguntam se eu estou bem, mesmo estando distante, eles perguntam.”

Apesar de enxergar as redes sociais e o celular como uma forma de quebrar o isolamento durante suas crises, ele afirma que nunca gostou muito de redes sociais. Ainda assim, logo que começou a utilizar a internet ele fez pesquisas sobre algumas redes: *Orkut*, *Skype*, *MSN* e *Twitter*. No caso deste último, ele justifica que sua falta de interesse se deu principalmente

⁶¹ Forma de acesso a rede mundial de computadores utilizada nos anos de 1990, que necessitava de uma linha telefônica para a estabelecer a conexão.

porque na época que chegou ao Brasil o site era em inglês, não era traduzido para o português, e necessitava de uma conta de Gmail, que naquele momento era pago serviços pagos. Essas características o impediam de ter um perfil na plataforma.

Ele afirma que a guinada para que ele usasse mais intensamente as redes sociais foi a participação no projeto “Eu quero entrar na rede”. Durante aquele período, ele considera que melhorou muito, alterando para mais seu uso das NTICs para acessar redes sociais, indo além dos jogos.

“Eu usava muito menos do que uso hoje em dia. Eu comecei a abrir redes sociais minhas, coisas que eu não usava, eu já tinha há um tempo e não chegava a usar com tanta frequência que eu uso hoje em dia. Comecei a conviver com pessoas do mundo virtual. Acessava aqui em casa mesmo ou, quando não tinha internet, na *Lan House* em frente ao estabelecimento da família. Hoje ela não existe mais.”

Seu principal uso das NTICs é para jogos online. Ele conta que aos oito ou nove anos começou a jogar *World of Warcraft* e *Ragnarok*, jogos on-line do gênero RPG. Seu maior interesse com a tecnologia era e ainda são os jogos. Apesar de continuar jogando apenas esses dois jogos, ele afirma que a forma como o faz hoje é bem diferente da que ele tinha durante a adolescência. “Antigamente eu passava muito tempo jogando, mas sozinho. Antigamente até minha vida na internet era solitária. Hoje em dia eu tenho milhares de amigos espalhados pelo brasil e até alguns pelo mundo que eu conheci nesses jogos. Em anos e anos de jogos”. Ele se orgulha de ter os jogos como espaço para conhecer novas pessoas e fazer amizades. Ele conta de possibilidades inesperadas que teve de conhecer pessoalmente pessoas com quem jogou on-line e só conhecia pela internet. “Conheci muitas pessoas na vida real, muitos amigos”

Hoje, ele afirma utilizar muito mais a tecnologia, através de outros dispositivos, e para outras finalidades. Dentre eles, o principal é o celular, “não desgrudo”. As NTICs, que inicialmente era tratadas como um subterfugio para que ele se isolasse, mesmo ele tendo diversos amigos virtuais, hoje são entendidas como instrumentos para criar pontes e adquirir conhecimento, através do estudo.

“Eu utilizo a internet muito mais agora, depois do projeto, porque antigamente nem *WhatsApp* eu usava, era um celular antigo que não dava nem para mexer direito. Atualmente eu sou muito ligado em rede social, porque é onde eu faço muitas amizades, acabo jogando um pouco e também uso para estudar. Na escola a gente recebeu um *tablet* para estudar e ajudou muito. Meu computador é muito antigo e certas coisas não abrem, mas no *tablet* abre,

então dá pra eu estudar muito mais usando a tecnologia do que com livro mesmo. Eu uso muito para jogar e estudar.”

11.1.6 Hoje em dia

Para ele, após a experiência do projeto “Eu quero entrar na rede”, houve uma clara mudança na sua forma de pensar. “No blogue eu não tinha a mentalidade de mostrar quem eu era, eu tinha muita vergonha”. Hoje ele acredita que o blogue o ajudou a melhorar e ganhar autoestima, “perdi a vergonha de mostrar quem eu sou de verdade”.

Hoje ele se sente mais confortável para falar abertamente sobre seu sofrimento mental e a forma como ele gere o próprio cuidado, inclusive com seus amigos.

“Tem um afeto com minhas amigadas que sabem o que eu passo de vez em quando, sabem esse sofrimento mental que eu tenho. Esquizofrenia, ansiedade, bipolaridade. Então os amigos que eu tenho ainda mais hoje em dia já entendem o meu processo de cuidado, de gestão do cuidado.”

Fernando conta que, após sua participação no blogue, teve aumentos e diminuições na medicação, mas nos últimos anos ele passou principalmente por processos de redução das medicações. “Depois do projeto, quando eu me aceitei por ser eu mesmo, até na escola, foi diminuindo bastante o nível de medicação que eu tomava. Às vezes eu tenho meus surtos e tudo mais, mas na maioria das vezes sempre tenho ajuda e tenho apoio”. Já sua avó, que apesar de não conhecer por nomes as medicações do neto, mas sim por cores, explica que ele recentemente teve o aumento de um medicamento para dormir. Independente de comprimidos a mais ou a menos, Fernando conta que ele demorou para aceitar a necessidade de utilizar medicação psiquiátrica de forma contínua e, ainda hoje, além de algumas crises, ele tem episódios de abandono autônomo da medicação. Contudo, após uma trajetória de mudanças em seu tratamento medicamentoso, ele conseguiu compreender a importância dele em sua vida. “Os medicamentos acabaram fazendo parte da minha vida porque me acalmaram. Momento de estresse, de crise eles realmente são funcionais pra acalmar a pessoa”.

Além das mudanças positivas na sua autoestima e no tratamento, um ponto importante de sua vida após a finalização do projeto foi o ingresso na EPSJV, algo que, de alguma forma, ele almejava desde sua participação no projeto “Eu quero entrar na rede”. Ele conta, com satisfação, que se tornar um aluno da Fiocruz foi para ele e sua família uma grande alegria.

“Na época [do projeto] e toda vez que eu saía para fumar um cigarro de sempre, eu olhava a Joaquim Venâncio [EPSJV] e sempre me imaginei estudando nesse local. Quando saiu meu nome no sorteio eu falei... eu escrevi meu sobrenome errado, identidade errada, eu estava tão nervoso que não consegui fazer nada certo. Aí foi uma festa aqui inexplicável, foi muita alegria.”

Mesmo hoje sendo parte da instituição, com uma relação mais formal enquanto estudante, ele continua lembrando de seu ano no projeto com carinho e nostalgia sobre os momentos vividos com a equipe e os outros participantes e os benefícios que trouxe para ele naquele momento.

“Todo dia que eu saio no almoço pra ir naquela banca [de revistas, localizada próximo aos LaISS e a EPSJV] que vende tudo, eu olho ali o Laboratório LaISS escrito ali na janela da porta... sinto vontade de entrar lá e ver todo mundo lá de novo. Era divertido, as pessoas se animavam. Tinha dia que um ia meio triste e chegava lá, animava.”

Fernando e sua avó afirmam que, mesmo após o final do projeto, ele não teve mais internações ou surtos e tem poucas crises, algumas delas aconteceram na EPSJV, que deu amplo apoio para que ele recebesse atendimento.

Fernando continua fazendo seu tratamento no CAPS-Magal, entretanto tem uma relação diferente daquela que tinha com a instituição durante o desenvolvimento do projeto. De acordo com seu novo PTS, ele vai ao CAPS uma vez por semana, utiliza a mesma medicação, entretanto afirma que não faz acompanhamento com psicólogo e psiquiatra há dois anos. Ele reclama que, após o primeiro ano de pandemia, o CAPS piorou. Hoje ele vai ao CAPS apenas para pegar sua medicação. Esse foi mais um incentivo para que ele pedisse transferência para a clínica de família.

Por sua vez, sua avó, mesmo com ressalvas a atuação do CAPS-Magal durante a pandemia, que ela soube que ficou sem médico, prefere que ele continue lá. Ela acredita que no CAPS-Magal Fernando irá receber um atendimento melhor do que na Clínica de Família da Maré. De forma pensativa, fazendo pausas e escolhendo as melhores palavras para explicar sua opinião, ela expõe suas ressalvas com a Clínica da Família da Maré.

“Ele disse que iam marcar médico para ele agora, eles querem encaminhar ele de lá pra cá, pra clínica da família, mas estou pedindo a Deus que não mandem, porque nessa clínica aqui é muito... [pausa e deixa em aberto] eu vejo muita gente que veio de lá pra cá reclamando do atendimento... Porque foi lá que ele

começou, ele tem os amigos dele, o pessoal lá gosta dele, ninguém conhece ele aqui.”

Ele também acredita que a experiência do blogue alterou para melhor sua relação com profissionais do CAPS e colegas do projeto. Alguns deles se tornaram amigos, como Fernando e Juliano. Dessa forma, ele entende a sua participação no projeto como um incentivo para se aproximar mais da comunidade do CAPS.

“Eu me aproximei muito dos usuários. Eu ficava meio que solitário lá no CAPS, não fazia amizade com ninguém, eu não sou antissocial, mas eu tinha vergonha de fazer amizade, e depois desse projeto eu fiz amizade tanto com os usuários como com os profissionais, foi muito bom para mim.”

Quando questionado sobre sua autonomia, Fernando conta que, além das mudanças no campo profissional, Ele também reconquistou algo que gosta muito: voltou a ir aos estádios assistir jogos de futebol sozinho. Para a sua avó a vida dele depois do projeto tem sido melhor. “Foi muito bom porque a cabeça dele melhorou, quando tem alguma coisa pra ocupar, quando ele tem os estudos, quando tem trabalho pra fazer, quando ele tem dúvida ele pede ajuda também”.

Hoje, anos depois de sua participação no projeto e sua posterior participação no Agentes de Equidade, Fernando se entende como parte da luta antimanicomial.

“...atualmente estamos na luta antimanicomial, não atualmente, faz um tempo já. Tem muitas pessoas que ainda não entendem como é essa luta, mas os que entendem super apoiam, pensam que as pessoas não devem ficar presas ou ‘enjauladas’ num local, sem ter convivência com outras pessoas que se dizem normais. Infelizmente, ficar preso num hospital é muito ruim mesmo. Todo apoio que a gente tem, independente se é na escola ou não. A Fiocruz dá um apoio para a gente, quando tem projeto do CAPS, eles estão sempre presentes, são muito bons, refresca na nossa mente que as pessoas conseguem nos aceitar em sociedade, como nós somos.”

O tema é tão presente em sua vida que ele inclusive o levou para suas aulas na EPSJV, apresentando um trabalho sobre sua experiência “senti medo e vergonha do que iam pensar, mas fui muito bem recebido por todos, as pessoas vieram conversar comigo depois”. Para ele, a entrada na escola aos poucos resultou na perda do medo de falar sobre suas vivências com o sofrimento mental, o que o permitiu transmitir conhecimento a outras pessoas sendo mais bem aceito por elas.

“Na inscrição foi informado em papel, mas eu tinha medo de falar para as outras pessoas que eu era usuário do CAPS. Passando um tempo foi a apresentação de cada aluno na sua própria turma, e eu consegui falar abertamente o que eu passava, como era minha rotina tomando medicações e as pessoas aceitaram, um gesto muito lindo, o pessoal falou ‘você tá com a gente, um vai apoiar o outro aqui também’. Disseram que iam colaborar para minha ajuda. Foi muito bom demonstrar que eu era usuário do CAPS, mesmo com medo eu acabei sendo aceito, não só pela minha turma, por todas as turmas que me conhecem, eles entendem como funciona isso.”

Em função de suas vivências e de se sentir confortável para falar sobre sofrimento mental, ele conta que também pôde ajudar um vizinho que o procurou pedindo auxílio para tratar sua filha. “Eu me senti útil, nunca imaginei alguém me procurar pra pedir ajuda e eu poder ajudar, falar”. Outra oportunidade para falar abertamente de sua experiência com a saúde mental ocorreu em uma viagem ao Rio Grande do Sul para visitar seus pais de consideração. Ele conta que o pai utilizava a mesma medicação que ele e eles puderam conversar abertamente sobre isso. Para ele uma coisa ficou clara: “Não é maluco, é sofrimento mental”.

Ele acredita que o projeto, juntamente com sua participação no Agentes de Equidade, o ajudou também a ter mais empatia com as pessoas. “Antes eu me estressava muito, tinha coração de gelo”, hoje ele afirma ser mais aberto, mais sensível às pessoas e às diferenças. Um outro ponto de melhora para ele foi com relação ao sentimento de confiança em si mesmo: “Me tirou aquela a angústia de não conseguir”.

Por fim, Fernando resume sua experiência no projeto através das coisas boas que ele acredita que a experiência proporcionou a ele. Ele destaca a forma como ela se relacionou com sua própria história e abriu caminhos para que ele pudesse traçar novas trajetórias de vida.

“Então, o projeto foi bom pra mim porque foi bem na época que eu tinha recém voltado aqui pro Rio de Janeiro. Estava precisando até de uma ajuda financeira e tal. Como eu já tratava no CAPS, foi uma porta maravilhosa que abriu pra mim, que fez eu conhecer a Fiocruz, que é onde eu estudo atualmente, na EPSJV, então, foi uma porta que abriu outras mais e me fez ter mais chance de estar ali onde eu estou agora, aprendendo coisas novas e me ajudou também no meio da tecnologia, teve coisas que eu nunca ia imaginar que eu ia saber e acabei aprendendo muito. Na época, eu não estava convivendo muito com as pessoas e acabei me enturmando com o pessoal do projeto, alguns falam comigo até hoje, isso é muito bom e foi bom pra mim.”

Para a avó, foi evidente a forma como a participação do neto no projeto “Eu quero entrar na rede” contribuiu com suas relações sociais. “Melhorou bastante, tanto aqui em casa quanto

com as pessoas também, no começo ele era muito fechado”. Ele hoje acredita que o projeto o ajudou a se aproximar de pessoas que o entendem.

Para ele, é difícil resumir a experiência do projeto e da criação do blogue, mas ele finaliza com a certeza do encontro e da união dos usuários.

“Eu não sei se eu consigo resumir, primeiro que haja mais projetos como esse do blogue, não só para mim, mas que dê oportunidade para outras pessoas. Isso é muito importante! Fora eu, que também tinha vergonha de conviver, até de ajudar, tinha dificuldade, hoje em dia todo mundo se fala e se abraça como se a gente se conhecesse há muitos anos. A gente se reuniu nesse blogue, foi muito maravilhoso o que aconteceu, a união dos próprios usuários do CAPS.”

Sua avó vai além e fecha pensando naquilo que o neto deseja e ainda pode realizar. “O que ele quer agora é trabalhar, ele quer muito trabalhar”.

11.1.7 Fernando pelo Olhar dos Profissionais do CAPS

Camilo acompanha Fernando desde sua chegada no CAPS-Magal, por volta de 2018. O profissional consegue, de certa forma, elucidar um pouco mais o que levou o usuário a ter seu primeiro surto e chegar até o CAPS-Magal, tema que não é claro para Fernando e sua mãe.

“O Fernando chega com um pedido encaminhado pela clínica da família, chega com a mãe. Parece que o Fernando estava no quartel, ele servia ao quartel, e o Fernando abre uma crise no quartel por conta de uma pressão, aquelas pressões de quartel, de [pausa] ‘ah, não sei o que, mariquinha, não sei o que lá’, aquelas coisas de quartel que todos já conhecem, não sei se hoje ainda continua. Aí parece que o Fernando, dentro do próprio quartel, ele com um fuzil na mão, o cara ficava ameaçando ele, chamando ele de mariquinha, aquela coisa toda, e parece que passou pela cabeça dele de fuzilar o cara e todo mundo, só que ele grita, parece que ele larga a arma e grita, aí abre uma crise. No quartel ele é acolhido numa observação, um negócio assim, e aí chega para gente dessa forma, e aí na entrevista ele fala disso, que passou na cabeça dele matar todo mundo ali, ele ainda fala, ‘é por isso que tem militar que pega arma e sai matando todo mundo’, ele fala muito disso na época, ‘eu não aguentei a pressão, eles ficavam me xingando, me chamando de mulherzinha, de mariquinha, eu não aguentei e surtei’.

Já no CAPS-Magal, Fernando passou a ter um PTS intensivo, indo à instituição de segunda à sexta-feira. Camilo explica que isso visava um melhor acompanhamento do caso e que o usuário pudesse se abrir mais. “...acho que isso ainda tava muito na cabeça dele, essa

coisa, ele não falava o que ele ia fazer, mas do que ele poderia fazer naquele momento com a arma na mão, o fuzil, mas que, graças a Deus, ele não fez”.

Mesmo Fernando tendo chegado ao CAPS numa situação delicada, precisando de atenção intensiva, Camilo explica que Fernando teve uma melhora rápida e que sempre desejou e fez o possível para que pudesse se projetar para fora do serviço.

“Ele é um cara também assim, que organizou rápido com as medicações, é um cara inteligente, que sempre pensou em estudar, em trabalhar, nunca teve o CAPS como... suporte de vida; Fernando tem o CAPS como suporte, mas não quer, ele sempre busca coisas diferentes para vida dele. ‘Eu preciso estudar, eu quero retomar minha vida no trabalho’. Fernando quer, deseja e vai... Desde quando o Fernando consegue se organizar, ele busca coisa melhor para vida dele.”

Camilo conta que, logo que Fernando teve uma melhora, eles passaram a incentivá-lo a ir para fora do CAPS, fazer atividades na Maré. É nesse movimento que ele consegue um emprego, mas continua recebendo apoio do CAPS-Magal.

“...o Fernando depois de um tempo aqui a gente começa a ver que ele está melhor no projeto dele, a gente começa a diminuir e começa a pensar em coisas para o Fernando fora daqui, na comunidade, principalmente na Maré. Cursos, ele gostava de informática, era curso de informática, era curso de eletricista, se eu não me engano, hidráulica, elétrica, negócio assim, então ele sempre buscava coisa para o Fernando entendendo que ele tinha possibilidade de estar fora do CAPS. E aí com o tempo o Fernando chega aqui dizendo que arrumou um emprego de entregador, conseguiu uma bicicleta e começou a trabalhar de entregador, e aí começou, ele mesmo se lançar para fora do serviço, mas sempre com o cuidado nosso. A gente entendia que o Fernando, mesmo se lançando, ele precisava de escuta, ele precisava de esvaziar um pouco essas coisas que tinham dentro dele.”

É levando em considerações os movimentos do próprio Fernando para sua melhora e para se projetar para fora do CAPS, que Camilo decide indicá-lo para o projeto “Eu quero entrar na rede” e a equipe do CAPS-Magal opta por incluí-lo. A decisão foi baseada nos benefícios que o projeto poderia trazer para a vida de Fernando e nas contribuições que ele, através de suas habilidades, poderia dar nessa atividade. Camilo explica que a participação do usuário no blogue tinha a intensão de dar continuidade ao fluxo de estabilidade que ele vivia naquele momento.

“Então é isso, diante dessa avaliação, diante dessa busca dele, e do acesso com internet, com telefone, à inteligência, a gente achou que o Fernando era um

cara que ia ser útil nesse blogue, não só para o projeto, mas também para vida dele. Eu acho que ele estava num momento bom e estava buscando coisas boas para ele, e o projeto que ele tinha ali, que ele ia ser valorizado, que ele ia ter uma condição de poder ajudar era importante para o Fernando. Por isso também que na época nós pensamos nele e eu indiquei o Fernando por conta disso. Eu acho que era um cara que estava num momento bom e o blogue surgiu num momento que ele precisava muito desse trabalho.”

Rodrigo também relaciona a indicação de Fernando para o projeto com seu desejo de retornar ao mercado de trabalho e suas habilidades para uso das NTICs e avalia que os resultados para o usuário foram além do que a equipe esperava.

“Eu acho que também esse esvaziamento todo na vida que ele tinha, ele estava sempre procurando, falando de conseguir um trabalho, de procurar um trabalho, mas com toda essa dificuldade de se mobilizar. Eu acho que tanto em termos da instrumentalização ali pela informática, quanto em termos de mobilização também enquanto oficina, eu acho que as nossas intenções primeiras foram por aí, eu acho até que acabou muito maior do que as nossas intenções.”

Camilo avalia que o projeto trouxe resultados positivos para Fernando pois o ajudou a se integrar e encontrar uma nova forma de agir junto de outras pessoas, algo que ele vinha desenvolvendo no CAPS, mas estava no começo e precisava ser melhorado.

“Mudou para melhor, eu acho que ele conseguiu criar. Ele tinha uma coisa, quando o Fernando chega, ele chega muito só, ele não conseguia interagir, não conseguia ficar no meio das pessoas por conta dessa agonia que ele tinha. Então ele chegava, era atendido, fazia o tratamento dele, quando a gente colocava ele em algum grupo ou mesmo na convivência para poder estar acompanhando, ele ficava muito só, muito caladão, na dele e aos poucos foi se soltando. O blogue ajudou ele, essa coisa de poder estar interagindo com outras pessoas, ele já estava começando a dar indício disso aqui no CAPS, já conseguia falar com várias pessoas, mas acho que o blogue deu lugar para ele na vida, de uma pessoa importante, de que ele conseguia ajudar outras pessoas a fazer.”

Camilo afirma que Fernando é hoje um dos usuários participantes do projeto e que ainda faz tratamento na instituição, mas está melhor encaminhando para fora do CAPS.

“O Fernando que hoje está de volta estudando na Fiocruz, fora praticamente do CAPS... Ele tem vindo buscar só as medicações dele, a gente ainda tá cuidando, por mais que ele esteja bem, a gente não quer encaminhar eles de qualquer maneira, a gente quer encaminhar de forma cuidadosa, a gente só vai dar alta pro Fernando daqui, porque eu acho que ele está em condições de alta, depois que ele conseguir chegar de fato lá na clínica, então o Fernando, entre

os outros que eu estou falando, o Fernando é o que tá mais encaminhado. Vai aparecer alguma dificuldade? Vai, mas a clínica consegue cuidar disso, o Fernando é só um processo da gente conseguir de fato, lá na clínica, falar assim, ‘Fernando, seu dia é tal, você vai chegar lá tal dia tal hora’, pra poder dar continuidade. E aí é isso, aí ele fala ‘ah, vou passar aqui pra ver vocês’, e eu falo ‘então pode passar pra dar tchau’. Mas é isso, sabe? Eu acho que a gente tem que fazer isso mesmo, é apostar. O nosso trabalho é aposta, então, o cara que ficar aqui dentro, vai enlouquecer. Então, vamos que vamos! O Fernando é o que tá mais encaminhado aí.”

Rodrigo, por sua vez, avalia que Fernando foi o usuário participante que teve melhor aproveitamento do curso e resultados positivos após a finalização das atividades, tanto para sua retomada de vida, quanto para o quadro clínico. Para o psiquiatra, Fernando usufruiu tanto das discussões proporcionadas pelo projeto, inclusive dando devolutivas aos profissionais do CAPS-Magal sobre elas, como dos processos práticos desenvolvidos no projeto, trazendo isso para sua vida.

“O Fernando eu acho que foi o que mais aproveitou mesmo do curso, eu acho que foi o único que dava um retorno para a gente, das discussões que se fazia sobre direitos, sobre a questão do diagnóstico e estar na vida. Eu acho que ele foi quem conseguiu mais aproveitar esse foco do projeto que nos outros eu não via isso ressoando muito não, ele inclusive foi o que teve mais ganho depois, porque ele se inseriu num projeto na prefeitura que reorganizou a vida dele. Em termos de trabalho, passou a receber uma bolsa para fazer um trabalho para a prefeitura, regular. Isso mudou a posição até clínica mesmo dele, porque era um cara que estava com uma vida super... um rapaz psicótico, que ficava muito deprimido, com a circulação muito esvaziada, com uma vida muito empobrecida e esse trabalho deu um lugar diferenciado para ele depois do projeto, depois que ele chega nesse projeto. Então, ele foi quem me chamou mais a atenção de ter sido muito prático assim [pausa] e com aproveitamento também das discussões.”

Para Rodrigo, “o próprio projeto e os desencadeamentos depois fizeram toda diferença na história dele e nesse ter um lugar no mundo”. O profissional não se recorda com precisão, mas acredita que Fernando tenha tido uma diminuição nas medicações, principalmente sedativos.

11.2 AUSTRY – UMA CÂMARA DE EDIÇÃO, UMA ILHA DE ECOS

Chego ao CAPS e sou informada que Austrý⁶² está no grupo dos homens⁶³. O espero, e ao fim da reunião e nos reencontramos. Essa foi a única forma que consegui para contatá-lo. Ele prontamente aceita participar da pesquisa. Sua entrevista foi feita em duas conversas. No dia marcado para a primeira, eu e Austrý nos sentamos de frente um para o outro em volta de uma mesa comprida em uma sala reservada no CAPS-Magal. Ele tira a jaqueta, que chama de jaleco, e coloca a mochila em cima da mesa. Tira da mochila dois livros que está lendo: uma antologia de poesias e “Elogio à Loucura”, de Erasmo. Tira também uma prancheta com caneta, mas não faz anotações ao longo da hora que se segue.

Pergunto se ele prefere ler o TCLE sozinho ou junto, ele prefere que o façamos juntos. Eu leio e explico cada ponto. Ele acompanha a leitura do TCLE com atenção, pede para reformular algo que não entendeu, sublinha partes que julga importantes. Nos momentos anteriores ao início de nossa entrevista, ele afirma que três semanas antes teria sido o momento ideal para termos tido aquela conversa. Quando falo “que pena, espero que consigamos hoje também”, ele fala para “irmos fazendo”. Austrý tem uma preocupação perceptível com o conhecimento que irá passar e a imagem que irá construir de si mesmo durante sua fala. Isso fica evidente quando, antes de iniciarmos nossa conversa, ele pede desculpas caso não seja inteligente como preciso. Eu afirmo que não tem isso, que será uma conversa sobre sua vida.

Quando peço que fale da sua história de vida antes do CAPS-Magal, ele me responde declamando um trecho da música “Intro 5”, do álbum “O Silêncio Q Precede o Esporro”, de 2003, da banda O Rappa⁶⁴:

“A vida é uma câmara de edição. A vida é uma ilha de ecos. Nasci sob um teto sossegado. O meu sonho era um pequenino sonho meu. Na ciência dos cuidados fui treinado. Agora, entre meu ser e o ser alheio a linha de fronteira se rompeu. A linha de fronteira se rompeu”.

⁶² Por seu amor pela escrita e leitura, o pseudônimo homenageia o escritor e militante da Luta Antimanicomial Austregésilo Carrano Bueno, o Austrý. Nascido em Curitiba em 15 de maio de 1957, escreveu o livro autobiográfico “Canto dos Malditos”, que foi base para o filme “Bicho de sete cabeças”, dirigido pela cineasta Lais Bodanzky. No livro, Austrý, como era conhecido, conta suas experiências de internação a partir dos 17 anos, ainda na década de 1970, quando foi internado pela primeira vez. Faleceu em 2018. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2008/austregesilo_carrano.htm

⁶³ Grupo de suporte mútuo para os usuários do CAPS no qual os homens em tratamento na instituição podem discutir temas variados. Em sua entrevista, o técnico de referência David explica: “surgiu logo na implantação do CAPS e esse grupo era onde o tema é livre, se fala do universo masculino de todas as formas que se pode falar ali naquela instância”.

⁶⁴ Disponível em: <https://youtu.be/8yWPZ7uXyZo>

Na música em questão, o texto musicado é declamado por seu autor, o poeta brasileiro Waly Salomão⁶⁵, e originalmente diz “a memória é uma câmara de edição...Câmara de ecos”. Na sua leitura, Austrý edita, de forma consciente ou inconsciente, a poesia de Waly Salomão.

Elogio e pergunto de que forma aquele trecho se relacionava com sua vida. E assim começamos. Ele, aos poucos, vai entrando mais em suas vivências, mas sem deixar de fugir para o literário e o científico, de carregar um tom formal e o uso de palavras difíceis, que nem sempre fazem sentido em nossas trocas. É uma conversa longa, que alterna intimidades, relatos em tom pomposo, devaneios, poesias e todos os artifícios aos quais Austrý recorre para contar de si e do mundo. Em alguns pontos, ele foge para a poesia e fala largamente sobre seus escritores favoritos, me pergunta dos meus. Sabendo que sou do interior e que gosto de Manoel de Barros⁶⁶, lê para mim uma breve biografia do autor e depois a poesia “Mundo Pequeno”, da obra “O Livro das Ignoranças” (DE BARROS, 2010).

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras, não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu preceptor, esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
_ Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o padre me disse.
Ele fez um limpamento nos meus receios.
O padre falou ainda: Manoel isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por.
E se riu.
Você não é de Bugre? - ele continuou
Que sim, eu respondi.
Veja que bugres só pega por desvios, não anda em estradas, pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.
Há que apenas que saber errar bem o seu idioma.
Esse padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática. (DE BARROS, 2010, p.319-320)

E assim, falamos de ariticuns e pupunha. Em outros momentos, falamos de nossos jornalistas favoritos. Como os ‘Bugres’, citados por Manoel de Barros, andamos pelos desvios, erramos bem o idioma para encontrar caminhos para a subjetividade de Austrý. Ao longo de nossa entrevista, ele se contradiz, responde alguma questão com outra informação que não a levantada, foge da realidade objetiva e constrói a sua própria.

⁶⁵ Nascido em Jequié, na Bahia, Waly Salomão foi poeta, produtor cultural, diretor de arte e compositor. Sua obra se destaca em função de “...uma estética do excesso e da ruptura, num constante exercício de liberdade artística” (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2021). Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa55/waly-salomao>.

⁶⁶ Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, Mato grosso. O poeta escrevia sobre o cotidiano de forma inovadora e simples. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/busca?q=Manoel+de+barros>.

Após 40 minutos, na primeira parte da entrevista, ele conta que tomou o remédio e já está meio alterado. Ao longo da entrevista, ele abre a antologia várias vezes, o livro é nossa terceira pessoa da conversa. Austrý lê trechos, fala sobre os autores. Em alguns pontos, é difícil filtrar a realidade, mas seguimos, pois, no fim, a realidade dele está ali todo o tempo, real ou não. No jaleco que o faz médico ou na crise que o levou ao hospital psiquiátrico. Nossos dois encontros para as entrevistas dessa tese refletiram sua participação projeto: às vezes confusa, cheia de idas e vindas. Ele foge dos assuntos, fala de outros temas e eu vou com ele.

De qualquer forma, as conversas com Austrý são tranquilas. Ele não se altera ao longo do processo, não se emociona durante as falas. Entretanto, evita falar em temas delicados, principalmente envolvendo suas relações familiares e internações; em um momento deixa isso claro, expressando de forma assertiva “não posso falar sobre isso”. Eu, então, esclareço que ele está livre para não falar do que achar incômodo. Ele é seguro e decisivo sobre o que quer ou não expor de si, da imagem que quer construir.

Ao fim da segunda entrevista, ele me pergunta onde poderá “ver os resultados”, eu explico que ele poderá ver na minha tese quando for publicada. Austrý é inteligente e interessado, gosta muito de ler, escrever e ouvir música, e é através de seus gostos que fui abrindo caminhos para sua história.

Ele não tem celular, mas usa o computador e é também afeito ao analógico. Faz pesquisas no virtual, anda com uma mochila cheia de livros e papéis, imprime textos e poesias para guardar e dar para as pessoas. Dentre eles, carrega a impressão de uma página com comentários positivos que algumas pessoas fizeram no blogue. Ele me mostra e destaca o tempo em que estive fora do CAPS-Magal. Afirma que ele continuou se interessando por blogues. Temos, então, a seguinte conversa, que acaba em risos:

Bruna: Onde que foi isso daqui?

Austrý: O Doutor Rodrigo me passou enquanto você estava esquecida de nós.

Bruna: Eu não estava esquecida [risos]. Eu não esqueci de ninguém.

Sua vida é marcada pela inconstância de relações familiares conturbadas, mudanças bruscas e o gosto pela cultura e o aprender. Seu corpo é um capítulo à parte e reflete a instabilidade de sua trajetória: cicatrizes, dentes quebrados e uma parte do corpo rasgada. Como em sua leitura do poeta Waly Salomão, sua vida é mesmo uma câmara de edição, uma ilha de ecos, onde a linha de fronteira se rompeu. Entretanto ele é uma pessoa comum. Um homem branco de 31 anos, que gosta de ler, escrever e ver jornal. Está sempre querendo aprender e

ensinar, mas também gosta da simplicidade de comer doces enquanto vê novela com a mãe e fumar tomando café papeando com os amigos.

“Convivência...Me dava tempo. Sabe quando a gente pensa que dar tempo ao tempo é bom?
Me dava tempo.”

É pela literatura que Austry começa a falar de sua trajetória de vida, ele vai passeando por suas memórias literárias para resgatar histórias pessoais. Quando questionado sobre como foi sua infância, ele abre um livro de antologia poética e lê um trecho do poema “Vaca Negra Sobre Fundo Rosa”, de Carlito Azevedo⁶⁷ (2006), publicado no livro *Sublunar*.

Até os cinco anos de idade jamais havia visto um trem de carga;
e até os oito jamais um meteorologista.
A garota com sombrinha chinesa
foi um dia a minha garota com sombrinha chinesa, e a este
que brinca na areia da praia chamamos nosso filho, pois
é o que é, como a bola azul em suas mãos é a bola azul
em suas mãos e o verão é outra bola azul em suas mãos.
As coisas são o que são e sei que antes de precisar
outra vez barbear-me já terão voltado para o frio
de seu novo país. E talvez em meus sonhos
voltem a fazer falta as três dimensões
desse mundo espesso, sublunar, como
uma vaca negra sobre fundo rosa.
(AZEVEDO, 2006, p.11)

Partindo do poema, ele explica que gosta do movimento modernista, mas também do pós-moderno e lista com facilidade outros escritores que o interessam: Cecília Meireles, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Olavo Bilac, Afonso Guimarães, Geraldo Carneiro, Chacal, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e Ferreira Gullar. E assim, entre autores, ele vai escrevendo e contando sua história.

A narrativa de sua infância não é linear, é um emaranhado de pequenas lembranças, uma colcha de retalhos que ele vai costurando da forma como emergem da memória, sem ordem pré-estabelecida. Ele explica que nasceu no Bairro do Peixoto, em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro, mas passou maior parte de sua vida no bairro de Botafogo. Dois bairros onde moram pessoas de maior poder econômico. Foi lá que, segundo ele, morou com seus avós,

⁶⁷ Poeta, editor e tradutor carioca. Ganador do prêmio Jabuti em 1991. Disponível em: <https://7letras.com.br/Autor/carlito-azevedo/>.

irmãos, padrasto e mãe. Nessa época, sua progenitora teve síndrome do pânico. Conta que veio de uma família muito rica e lista algumas de suas experiências para se definir. “Olha, eu fiz polo aquático com nove anos, dos nove aos quinze, não lembro. E fiz *Muay Thai*, eu namorei, não tenho filhos.”

Criado pelos avós, que moravam em Botafogo, ele carrega o forte sentimento de ter sido feliz quando pequeno. Dentre suas memórias mais satisfatórias, está uma aos cinco ou seis anos, quando ele e as crianças da vizinhança fizeram uma dança da chuva. Ele ri e conta com satisfação e empolgação essa lembrança.

“Eu lembro que a felicidade reinava ali, a gente não tinha muito que fazer não. Teve uma experiência, cara, que era tipo uma coisa assim, todos os novinhos do prédio deram as mãos na garagem e uma roda gigante, do tamanho desse parque aqui, a gente era pequenininho, aí começou com ‘chove chuva, chove chuva’. A chuva caiu! Foi legal, eu falei “Vó! Vó! Coisas dos índios! Olha! Funcionou!”

Austry estava sempre brincando com as crianças do condomínio, mas além das brincadeiras no *playground*, ele gostava de mesmo era de estudar. Tirava notas boas, entretanto não gostava dos professores, pois achava que eles se intrometiam em sua vida. Mas foi assim que ele seguiu lendo.

Fernando Sabino⁶⁸ foi a porta de entrada para a poesia em sua vida e o começo de uma paixão que ele carrega até hoje e que mistura com suas próprias histórias. Foi na escola, cursando a oitava série do ensino fundamental, hoje nono ano, que ele leu Sabino pela primeira vez: o livro “O Encontro Marcado”, indicado por uma professora. A obra o tocou profundamente por mostrar um mundo de boemia que ele desconhecia. Ele conta pontuando suas emoções repetindo palavras.

“Eu chorava lendo aquela novela. A sociedade paulistana naquele tempo... Chorava, chorava, chorava, chorava e lia, lia, lia e chorava, chorava. Porque era uma coisa muito boêmia e eu era muito recatado. A minha avó era uma pedagoga, então eu vivia ali, enclausurado, um nada, sabe? Tanto que a herança que eu tenho dela é só o fumo. O Fumo é presente na minha vida até hoje, inclusive por ela”.

Personagem importante em sua vida, segundo ele, sua avó veio da Itália para trabalhar no Brasil, era também faxineira e cuidava de uma pessoa com deficiência. Por sua influência,

⁶⁸ Jornalista, escritor e Editor mineiro, de Belo Horizonte. Foi ganhador do Prêmio Jabuti e do Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_sabino/.

ele começou a fumar aos 19 anos. Já a adolescência, em Botafogo, ele afirma que foi “fervorosa, à flor da pele”. Ele continuou tirando boas notas, até terminar o ensino médio. Foi nesse momento que ele conseguiu seu primeiro emprego, um estágio na Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI).

Ele relata sua adolescência fazendo pausas para resgatar as memórias e palavras e, assim, construir sua narrativa da forma que deseja. “Eu namorei três anos [pausa] e, com dinheiro da Finep, a gente saía pra ver filmes”. Ele tinha muitos amigos e lembra que gostava de ficar na praça: “A gente ficava lá [pausa] que nem o velho e bom Fernando Sabino. A praça era do lado da minha escola”. Seus gostos musicais iam da música eletrônica a Gilberto Gil, músico baiano da tropicália, estilos que ele misturava e nos quais se aprofundava estudando. Apesar de ser claro e detalhista sobre suas referências culturais, as relações familiares são o seu assunto limite. “Ah, era mais pegado né? Era mais delicado [pausa] se você quiser uma coisa substancial eu não posso te falar, mas...”. Esclarece ele, interrompendo sua fala sem finalizá-la.

Por fim, são os profissionais do CAPS-Magal, técnicos de referências e psiquiatras, que expõem as contradições de seu núcleo familiar. Uma série de relações delicadas permeadas por brigas, violência e os gatilhos que a mãe, o pai, o padrasto acionam em Austrý. Algumas discussões terminam em embate físico. O tema é delicado e, por isso, dificilmente é tratado por ele. A literatura é seu refúgio.

Ainda assim, ele explica que sua personalidade é o resultado de um misto de religiosidades por parte de sua família: judaísmo, protestantismo e catolicismo, este último da sua mãe. “Cada um botou um certo *chip* na minha cabeça, aquela coisa, entendeu? Então, tem um *mix* de pessoas né. Aí eu tive que parcelar esse *mix* em suaves prestações, estudar muito, pra saber do lugar de onde eu vim. Eu sei que é da Itália, de Portugal e mais nada. Roterdã! Obrigado.”

Ele conta fez cursinho pré-vestibular e chegou a cursar faculdade de contabilidade, mas não concluiu. Ele não gostava do curso, mas diz que decidiu por ele porque queria ajudar sua família financeiramente para poder uni-la.

Em algum ponto de sua trajetória, que Austrý não sabe precisar, ele morou no centro da cidade. Também sem muita precisão, ele relata que chegou a procurar atendimento psicológico antes da crise que mudou sua vida. “Já procurei [um psicólogo] em Copacabana, um psicólogo de merda, mandou eu correr na praia que passava, eu falei, ‘passa, passa, cê vai ver quando teu filho crescer’”. Depois, ele afirma que o pai o levou a um médico que o encaminhou para um

psiquiatra, cujo nome ele repete algumas vezes. Ao falar dessa aproximação com a saúde mental, ele utiliza termos técnicos.

“Aí meu pai me levou nesse Cícero e ele fez as ressonâncias, as perguntas, a anamnese, laudo psico clínico, me encaminhou pro psiquiatra. Aí eu fui lá pro Cícero Monteiro. Ele me passava uns remédios muito doidos. Ele falava uma coisa assim, ‘Austry, para de ler Rampa, porque você vai numa viagem que você não vai voltar’.”

Ele se refere ao escritor Lobsang Rampa⁶⁹. Se por um lado, ele lembra bem do nome do profissional que o atendeu e do escritor que estava lendo naquele momento, por outro, ele é impreciso sobre quando isso ocorreu. Quando perguntado sobre o período de seus primeiros tratamentos psiquiátricos, ele não mede o período em meses, mas em experiências médicas. “Foi nesse meio termo aí, de ressonâncias magnéticas e psiquiatras”.

As misturas que o compõem estão na sua fala através da cultura, religiosidade e dos lugares em que viveu. Após sua infância e adolescência em Botafogo, ele foi morar em Maricá com avós, município da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Ele permaneceu em Maricá por quatro anos. Lá, ele afirma que era surfista e viajava muito para surfar. Foi na cidade do interior que começou sua trajetória com o sofrimento mental, no entanto sua primeira internação viria depois. “Lá eu não fui internado. Eu nem sabia do CAPS, tinha um ao lado do hospital. Eu tratava pelo outro médico, chamava-se Rômulo, tinha que pegar o remédio uma vez por mês” ele explica, de forma confusa. Apesar das dificuldades para se lembrar, ele conta que nesse período conseguiu estudar bastante. “Eu também misturo, não consigo me lembrar direito. Só sei que nesse período aí eu fiz muita coisa doente, não fiz pouca coisa não. Não fiquei parado não”.

Sobre esse período, seu relato é confuso e é difícil compreendê-lo. Também é difícil separar seus delírios de sua narrativa de vida, eles a compõem. Eles se misturam e complementam:

“Bruna: O que você fazia em Maricá além de surfar?

Austry: Eu dormia. Já estava esquizofrênico, psicótico.

Bruna: Começou lá em Maricá?

Austry: Começou. Tomei uma pancada na cabeça e dormi seis meses. Acordei com a terra rodando e rodando e rodando, aí eu voltei a Roterdã. Voltei ao Amsterdã eu acho. Voltei gripado. Foi assim [para de falar].

Bruna: Entendi.

Austry: Entendeu mesmo?

⁶⁹ Escritor esotérico inglês que é cercado de polêmicas.

Bruna: Entendi mais ou menos. Você se lembra com que idade você teve esse primeiro, será que a gente pode chamar de surto?

Austry: Não, não é surto não. Eu sei o nome disso. [para de falar e deixa em aberto]”

Ele não define o que teve naquele momento e que o levou à sua primeira internação, mas se recorda de ter acontecido por volta de seus 24 anos de idade e comenta que estava trabalhando para uma pessoa famosa. Esse famoso só aparece nesse ponto de sua narrativa. Apesar dessas imprecisões acerca dos detalhes de sua vida pessoal e trajetória de cuidado, ele fala com precisão dos diagnósticos pelos quais passou. “Síndrome do Pânico. Atacou primeiro a depressão, em seguida a síndrome do pânico [...] e esquizofrenia paranoide. Pela ONU chama-se transtorno delirante. Foi um médico francês que descobriu isso em mil oitocentos e pouco” e explica com domínio das palavras. Ele costura as memórias sobre sua trajetória de tratamento com o entendimento de que é um profissional de saúde.

“Olha, eu passei pelo neurologista, pelo psicólogo e pelo psiquiatra. O psiquiatra foi aqui com o Dr. Rodrigo [ex-psiquiatra do CAPS-Magal, Austry fala dele com frequência]. A gente fazia muitos estudos juntos de antropologia, ele me ajudou muito com a antropologia, com o existencialismo, que nem o David fala, né? A gente foi brincando aqui assim, como irmãos, o cara era um irmão mesmo”.

Ele se desculpa por não guardar detalhes do tratamento, da mesma forma que guarda de suas leituras. “Me desculpa, mas eu não lembro. Pra guardar nomes eu não sou bom não, agora pra livro...” e deixa subentendido. Entretanto, ele se lembra com facilidade sua primeira internação: não ocorreu em Maricá, apesar da crise ter sido lá, mas sim na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi atendido pelos bombeiros, ficou contido em um hospital geral e depois passou 28 dias no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS), popularmente chama de Nise. “Não teve internação. Internação só foi depois que eu cheguei aqui, em São Cristóvão. A não ser que tenham apagado da minha cabeça. Lembro que minha vó chamou o bombeiro pra me dar uma injeção pra eu ficar mais calmo, isso aí eu lembro”. O episódio marcou sua mudança de volta de Maricá para o Rio de Janeiro. Ele passou a morar no bairro de Benfica, na zona norte da cidade, com a mãe, que é aposentada.

Sobre essa primeira experiência em uma instituição psiquiátrica, ele não é certo. Austry tenta costurar seus sentimentos contraditórios com argumentos breves. “Renovador. Não foi bom. Foi bom. Não foi bom, mas renovador[...] porque eu dei valor a alma”. Ao mesmo

tempo que enxerga sua internação como uma oportunidade de renovação, ele se lembra com dor dos dois momentos em que foi contido, o que voltou a acontecer no Nise.

“Bruna: Você lembra de experiências marcantes desse processo?
 Austrý: Já foi contida?
 Bruna: Não.
 Austrý: Graças a Deus, nunca será.”

A contenção física e mecânica consiste no procedimento técnico de amarrar usuários em crise. Como definem Paes et al. (2009): “a técnica de contenção física envolve o uso de dispositivos mecânicos ou manuais para limitar as ações do paciente, quando esse oferece perigo para si e para terceiros” (p.480). É um recurso que só deve ser utilizado quando se esgotarem os demais (PAES et al., 2009).

Após sua saída do Nise, Austrý conta que foi encaminhado para internação no CAPS Ad III Miram Makeba, localizado no bairro de Ramos. Sobre esse episódio, ele alterna em dizer que foram 18 ou 28 dias, mas é claro ao expressar a revolta que sentiu por novamente ser contido.

“Fiquei revoltado porque eu não fiz nada pra estar naquela posição ali, contido, dois meses contido, sabe? O Rodrigo [ex-psiquiatra do CAPS-Magal] falou assim, aplicar injeção em você é perigoso. Eu falei assim, perigoso? Achei que esse caso tinha sido esclarecido antes, como assim perigoso, sabe?”

Após essa experiência, Austrý finalmente chegou ao CAPS-Magal. Ele não sabe em que ano isso aconteceu, acredita que seja cerca de cinco ou seis anos atrás, mas começa ali sua história com a instituição.

11.2.1 A Chegada ao CAPS-Magal

Austrý descreve o CAPS-Magal como a melhor instituição pela qual ele passou. “O tratamento é de qualidade. Cinco estrelas”. Mesmo com alguns diagnósticos anteriores, ele conta que no Magal teve informações mais precisas sobre seu quadro. “Aqui foi revelador, já foi de cara”. Austrý ri ao contar uma conversa com o psiquiatra da instituição que o marcou. “O Rodrigo [ex-psiquiatra do CAPS-Magal] na porta do CAPS, fumando um cigarro, eu fumando, ele não. Aí ele falou assim ‘acho que você tem esquizofrenia’, falei ‘bom, é comum’, aí ele falou ‘um em cem’, aí eu falei ‘bom, eu sou especial, né?’, ganhei um cartão [risos] dois cartões.”

Ele relata que, nesse momento, começou o uso de medicação, que faz até hoje e muda continuamente, porém o processo de adaptação a ela não foi fácil. “Eu vomitava, tinha convulsão, até me acostumar.”

No CAPS-Magal, ele participava do grupo dos homens. Além disso, ele afirma que também participou da oficina de música, além de continuar estudando e escrevendo. “Eu escrevia bastante. Escrevia e estudava”. Nesse período, ele fez um curso de agente comunitário, que ele entende ser de Clínico Geral, na Fiocruz.

Apesar de afirmar que sua família apoia o seu tratamento, é difícil compreender de que forma essas relações se dão, já que, ao tratar do assunto, ele alterna entre comentários positivos e negativos que dificultam o entendimento.

11.2.2 Entrada e participação no Projeto

“Eu quero entrar na rede! Montar meu website! Caiu na rede é peixe!”, é assim, citando a música “Pela Internet” do álbum “Quanta”, de Gilberto Gil⁷⁰, lançado em 1997, que Austrý começa a falar de sua participação no projeto. A música foi inspiração para o nome do projeto. Austrý afirma que ficou sabendo da atividade através de um de seus técnicos de referência e a primeira coisa que pensou foi “‘estou num blogue, isso vai dar trabalho’ depois eu fui lendo alguma coisa, fiquei focado”. Nas suas contas, ele estava no CAPS-Magal há dois anos.

Ele explica que se dedicava principalmente a mexer no blogue, mas gostava de usar o tempo no laboratório também para ouvir música e pesquisar temas de seu interesse, como antropologia. “É por isso que às vezes eu saía do ar um pouco, botava o fone, porque, assim, vamos supor, era um momento de diversão também. Se você permitisse né? é claro”. Ele conta que, ouvindo músicas durante as atividades, ele aprendeu italiano.

Austrý explica que a bolsa serviu principalmente para comprar cigarro, que ele não conseguiu juntar dinheiro. “Estava numa fissura de cigarro, aí eu gastava cinquenta reais de cigarro, fumava que nem o Fernando e, minha filha, é tanta coisa. Os outros cinquenta eu guardava por mês pra fazer alguma coisa. Nunca juntei não”. Apesar disso, ele reforça que os 100 reais mensais foram importantes para ele. “Foi super útil, sempre, toda a ajuda é bem-vinda”.

Austrý explica que, quando ingressou no projeto, seus amigos no CAPS eram unicamente os companheiros do Grupo dos Homens. Seu maior incentivo para entrar no projeto

⁷⁰ Disponível em: https://youtu.be/C1aYfINzA_s.

acabou sendo as pessoas. “A multidão indo comigo. Os amigos. A galera. Vou pra galera!”, ele ri ao falar.

Mesmo com a empolgação em conhecer e conviver com novas pessoas, ele tinha medo de atravessar Manguinhos para chegar até o LaiSS. “Olha, eu fiquei com medo. Tinha que passar por Manguinhos. A gente tinha que andar muito [...] Uma vez a polícia me parou ali com essa mochila gigantesca, me deu uma cara de fuzil, nossa [...] Sempre me assustou”.

Para ele, conhecer, conviver e aprender com as pessoas era o que mais gostava de fazer no LaISS. “Eu gostava de ver você falando, tomar um café, de conversar, descobrir coisas novas nas pessoas”. Ele também gostava de ouvir o professor André Pereira Neto, coordenador do projeto, falar. “Eu gostava de quando a Dr. André falava [...]. Era um poder maior que ele tinha de persuasão, de chá, de café, de bolo. Meio peculiar né?” e ri entre suas frases.

Ele se lembra de pequenos detalhes do cotidiano do projeto. Os lanches, “Bolinhas de Copacabana. Lembra disso?”, as fotografias mostradas em uma das oficinas, o espelho do laboratório, “eu gostava muito sabe de quê? Do espelho que tinha lá no LaISS... Porque me fazia ficar bonito” ele diz entre risadas.

O café, os momentos de descontração e o campus da Fiocruz são temas recorrentes em suas memórias boas envolvendo o projeto e suas idas ao LaISS. “Tomava um café, fumava um cigarrinho com o Fernando, nossa, era uma coisa, era aquele verde, aquelas trilhas ali por dentro, aquela coisa toda, aquele ambiente, podia servir pra mais coisas”. Ele inclusive sugere que o espaço da Fiocruz poderia ser usado para gravar filmes.

Ainda assim, ele se esquece de detalhes maiores, inclusive que o marcaram, como os passeios feitos em grupo. “Bom, eu gostei muito quando a gente foi lá no borboletário [da Fiocruz]. A gente viu as leis das supercordas, lembra disso? Então, quando a gente foi ao castelo [Mourisco]. Eu estava presente?”. Os passeios eram para ele uma forma de liberdade. “A gente podia andar, tinha passeio com a gente, você mostrava as coisas” e depois completa “Você é uma boa guia turística” e ri.

Ele define a convivência como o principal motivo de ter permanecido no projeto. “Convivência [...]. Me dava tempo. Sabe quando a gente pensa que dar tempo ao tempo é bom? Me dava tempo.”

Entretanto, ele também teve suas dificuldades. “Achei um pouco difícil. Estava fácil não”. A maior delas ele acredita que foi postar no blogue, pois ele acha que não era bom para isso e não conseguia concorrer com os outros.

Austry é preocupado com seu desempenho no blogue e acredita que uma dificuldade motora que possuía naquele período o prejudicou, fazendo com que as pessoas não gostassem do que ele produziu. Ele explica que esse efeito colateral motor foi resultado de uma de suas interações.

“Eu estava com um problema que era assim, vamos supor, eu tinha acabado de ser internado e estava com problemas motores, então eu herdei alguma coisa, eu fiquei contido, eu herdei um, eu não posso sentar desse jeito assim, deixa eu te explicar. [pausa] Assim, dói o nervo. Então eu tive uma péssima, um retardo mental, puxava pra trás, pra frente, uma coisa completamente séria. Naquele momento que eu fui postar, eu postei, postei, postei, escrevi, escrevi, escrevi o máximo que eu podia e coloquei, ficou lá, ninguém gostou”.

Ele acredita que sua participação não foi boa e chega a sugerir que eu iria perguntar sobre isso:

“Austry: Eu já sei o que você vai perguntar. A minha participação não foi boa.
Bruna: Por que você acha que não foi boa?
Austry: Porque eu não falei no dia que tinha que falar e postei só sobre depressão, que é porque eu fiquei deprimido um ano atrás. Um ano atrás daquele lá”.

Juntamente com essas questões, ele cita uma pesquisa sobre uso de psicotrópicos aplicada pelo LAPS com os usuários do projeto. Além da dificuldade em entender a linguagem, ele acabou por relacionar as questões levantadas pela pesquisa com seus devaneios de que é um profissional de saúde mental.

“Eu tive que escrever, sinceramente, que eu usava psicotrópico, só que como eu sabia que na República Escandinávia o psicotrópico era proibido. Então, bom, eu apliquei betametazona na esquerda [fala algo que não foi possível decifrar]. Ele voltou a andar depois de cinco anos. Eu estava tentando encontrar a metadona, só que a metadona aqui é proibido. Pela OMS eles não param pra perceber que a gente precisa de remédios que funcionem, como o da Covid. Se em um certo lugar não é permitido, tudo bem, mas que pelo menos no local aqui onde a gente vive e precisa, eles podiam doar. Estava passando na JPNews hoje, que empresas privadas iriam mandar remédios pro SUS sem necessidade, porque o SUS é gigantesamente melhor do que qualquer clínica, cara. Só [fala algo que não foi possível decifrar], que é mais ou menorzinho que é complicado.

Como exemplo de momento que não gostou, ele cita o evento de lançamento do blogue. “Eu não gostei daquilo não, cara. Eu falei, ‘quem são esses caras, esses figurões todos?’”. A

convivência que ele queria era outra, a dos seus iguais. Em outro momento, ele levanta mais um motivo para não ter gostado do evento. “Porque eu não conhecia ninguém, não conhecia nada, não sabia o que falar, e o Tadeu falando aquelas coisas todas de bobeira”.

Austry se lembra de, naquele momento, ter tido mudanças na medicação, não se recorda necessariamente quais, mas não acredita que elas o atrapalharam. “Só tenho pra dizer o seguinte: era forte e necessário”. Ele não passou por internações durante a realização do projeto. Austry não consegue se lembrar de como era sua rotina no CAPS, apenas que, ao longo de seu tratamento no CAPS, passou por mudanças no PTS. Ele participava do grupo dos homens, da musicoterapia e do futebol. “Cara, na época do blogue era tão bom que eu jogava até futebol.”

11.2.3 Resultados do projeto

Ele relata que as descobertas que ele fez no projeto trouxeram novos aprendizados não com relação às NTICs, mas nas relações sociais. “Eu me virei sozinho depois que acabou o blogue. Aprendi alguma coisa [...]. Nada de computador, nada de projeto. Aprendi um pouco sobre a situação das pessoas”. Ele chama os colegas de projeto de amigos. Com curiosidade e orgulho, ele se diverte e ri ao listar o que aprendeu sobre os colegas de projeto “O Fernando fala alemão, você sabia disso? Que o Rafael não tem medo de bomba [risos], que o Tadeu é um grande mentecapto”. Mesmo acreditando que não aprendeu muito de tecnologia, ele afirma que tudo no processo foi útil.

“Olha, não teve nada fútil. Apesar de tudo, não teve nada disso não [...] qualquer experiência é válida também. Mesmo que o blogue não continuou com o dinheiro, a gente teve uma obrigação. Como diz um colega da repartição aqui: se preocupar com alguma coisa é sempre bom”.

Para ele, entretanto, o maior aprendizado foi outro. “Aprendi a lembrar, sabia? Mas sem empolgar, aprendi a lembrar”. Essa lição estava novamente ligada à convivência e à relação com os outros usuários e ele se alegra em contar.

“Aprendi a lembrar das coisas mínimas que a gente fazia um com o outro. Você lembra que eu fiz um vídeo do Tadeu tocando flauta? Que cortou a cabeça dele [risos] ... Eu fui subindo, subindo, subindo, subindo. Eu não entendo de câmeras. Você entende de câmeras. Eu não entendo de câmeras”.

Com relação aos profissionais do CAPS-Magal, Austry conta que tirou aprendizados da entrevista que ele e os colegas fizeram com Ivone, para o evento de lançamento do blogue. “Aprendi como as coisas são possíveis se a gente quiser”.

Ele acredita que a relação com sua família melhorou durante o projeto. Apesar de suas dificuldades ao longo de todo o processo, e alguns desagrados, ele é orgulhoso em contar a opinião de sua mãe sobre a participação no projeto: “Minha mãe fala, com toda a sabedoria que ela tem, nas palavras dela, que a melhor fase que eu tive no CAPS foi a da Fiocruz”. Ele define o momento em que participou do projeto como diferente. “A gente andava, né? A gente brincava. Como eu te disse, as relações vieram depois. É isso. Foi só coisa boa.”

Ele conta que, se tivesse a oportunidade de retomar o blogue, ele adotaria outro comportamento. “Foi uma experiência que se eu retomasse hoje eu ia mudar, já resolvido pessoalmente, não estou falando de sexo, estou falando de resolver a personalidade. Eu faria outro tipo de abordagem, falaria em outro tipo de língua, estudava um pouco mais o que falar” explica.

Para Austry, uma segunda chance seria interessante, pois ele poderia produzir conteúdo sobre tudo que aprendeu em sua trajetória após o blogue. Assim, elencando o que faria diferente, ele expõe seu desejo de voltar ao projeto.

“É porque eu sou uma pessoa que aprende por osmose. Então, assim, eu preciso de mais uma chance sempre. Então, assim, se naquela vez eu só fiz uma postagem, hoje eu faria umas três, quatro, cinco, seis, cada semana que faria uma. Depois daquilo ali, ao que me veio, composições, trabalhos, leitura, bagagem, cultura [pausa] então acho que uma segunda chance seria legal, mesmo se não fosse remunerado, seria legal ... Porque agora eu tenho aparatos. Eu fui colocando coisas em mim. Aprendi diversas outras coisas. Tenho até um... Se acontecer, se voltar, eu falo um pouco da cifa. Você sabe o que é cifa?”.

Ele então discorre sobre o que ele chama de Cifa, divaga sobre células e ovos. Não foi possível compreender do que ele trata. A partir disso, falamos sobre pautas para o blogue. Mais no final, ele pega novamente aquela mesma folha de comentários e fala sobre seus anseios com o blogue.

“Austry: Eu gostaria de ter mais disso aqui pra gente [mostra uma folha de papel onde foi impressa uma página de comentários de um blogue].

Bruna: Isso aqui são o que?

Austry: Isso aqui são elogios... Aqui, quer ver uma coisa? Olha, em caixa alta. ‘Muito bom’. Ela falou em 27/09/2022. ‘Muito bom o trabalho, estou fazendo

um projeto de leitura itinerante e as ideias são ótimas, obrigado’. Queria compartilhar isso com os amigos, mas eles não vêm mais, nem o Tadeu aparece por aqui.”

Os elogios, ou a falta deles, é um tema que em mais de uma situação aparece nas narrativas de Austrý. Esse é um tema sensível e importante para ele, como fica claro quando ele justifica porque acha que ninguém gostou de sua postagem.

“Bruna: Como você sabe que ninguém gostou?

Austrý: Uai, porque não veio elogio aqui.

Bruna: Ah, mas as pessoas elogiavam fora.

Austrý: É de repente a crítica elogia né? Falem bem ou falem mal, alguém tem que ler.”

Ele conta que, após o fim do projeto, chegou a ir ao LaISS. “Eu fui lá tentar bater no LaISS, lá na portinha de vocês pra ver se estava rolando alguma coisa, assim, de espião 007, e não estava rolando nada. Estava tudo escuro”. Austrý é enfático em dizer que gostaria que o projeto voltasse, mesmo sem bolsa, pois gostaria de aprender mais, principalmente sobre temas livres. “O André [Pereira Neto] gosta muito de estudar né? Então ele podia fazer uma coisa por nós, indicar um livro, passar a história de um filme, de um documentário. Documentário agora nem precisa, mas seria muito egoísmo não passar pros meus amigos né?”

A partir dessa ideia, ele argumenta e tenta me convencer a retomarmos as atividades do projeto. Em outros momentos da entrevista, ele levantou pautas e temas sobre os quais gostaria de produzir conteúdo:

“Ah, Bruna, mas eu quero tanto que o blogue volte. Chegar um pouco mais tarde em casa, tirar um dinheirinho. Se não tiver dinheiro, tudo bem, a gente vai só pra praticar. Se o seu senso de dureza fosse igual o meu, que eu sei que não é, você recebia, vamos supor, o triplo do que a gente recebia. Se a gente receber, você vai receber o triplo do que a gente recebe. Então vai ser bom pra você também.”

Entretanto, em um movimento de nostalgia, e repelindo possíveis mudanças, ele quer o projeto como era, com seus colegas de volta, para fazer tudo como faziam, sem pessoas novas.

“Porque até entrar, é gente querendo saber demais, saber como é que foi aqui. A gente vai tentar recomeçar, tanto eu quanto os outros, a continuar a fazer o que a gente fazia. Não ensinar de novo aqueles que estão vindo, pra poder fazer coisas, porque aí eles iam fazer uma coisa do jeito deles, mas uma coisa

no nosso padrão. Entendeu? Pelo menos dentro do padrão, entre aspas, aqui que estou fazendo, que se diga, a gente está habituado.”

11.2.4 Sua relação com a internet

Austry conta que desde a adolescência utiliza constantemente as NTICs, principalmente computador. “Olha, eu nunca fui um *hacker*. Mas eu entendo muito bem”. Isso fica claro quando ele explica que usava com muita frequência e passava madrugadas no computador. Austry o utilizava principalmente para trocar mensagens pelo MSN. Isso sobrecarregava a máquina, que acabava necessitando de reparos. “Minha memória ficava lotada, tinha que fracionar o computador, rever o *cooler*, trocar de *cooler*, tudo por causa do MSN”. Ele também utilizava o *Facebook*.

Ele explica que não costumava usar o computador para estudar, mas utilizava para trabalhar, quando estagiou. “Meu trabalho na Finep era no computador. Fazendo fomentação, fazendo mala direta, mala indireta, essas outras coisas burocráticas, né?”. Em função disso ele fez alguns cursos na área, como: *Outlook*, *Excel*, *Word* etc.

Se, por um lado, ele utilizava o computador ativamente, por outro o celular nunca foi seu favorito. Austry explica que nunca gostou de celular, até teve um aparelho durante o projeto, mas acabou se desfazendo dele. Ele utilizava apenas para escutar música e conversar por *WhatsApp* com alguns familiares que moram em outro estado. Sem o aparelho, ele acabou utilizando a internet principalmente no LaISS durante as atividades

Apesar de já ter utilizado, hoje ele prefere não ter redes sociais. Ele justifica seu distanciamento das redes utilizando o exemplo o fato de eu o ter encontrado mesmo sem o uso da internet.

“Bruna: Você nem tem né [redes sociais]?”

Austry: Graças a Deus não.

Bruna: Por que você não quer saber?

Austry: Ah, porque, cara, eu acho que fofoca não gera muita coisa não. Se a gente tem que saber de alguma coisa a gente vai lá.

Bruna: Vai chegar pra você a informação né?

Austry: Ah, chega.

Bruna: Não deixa de ser verdade.

Austry: Quando tem que ser importante [para de falar e deixa em aberto]

Bruna: Quando tem que ser importante o que?

Austry: É importante. Tanto que você veio.”

Austry conta que era ativo nas redes sociais, mas que, após iniciar seu tratamento, ele deixou de usar, principalmente para a escrita, que ele faz questão de que ocorra de forma analógica. “Eu escrevo em um papel mesmo, papel branco, não gosto de caderno. Tem que ser papel branco”. Ele explica que, quando ingressou no “Eu quero entrar na rede”, ele estava de certa forma distante das NTICs. Isso acabou diminuindo algumas habilidades que tinha, como a digitação. “Estava um pouquinho distante sim, a minha digitação até mudou um pouco, eu editava sem olhar pro teclado, e hoje em dia eu sou mais fraco. Quando eu trabalhava com a contabilidade, eu passava a nota fiscal por números, então tinha que ser aquilo, rapidão”.

Contudo, apesar do desinteresse pelas NTICs, que ele foi desenvolvendo ao longo do tempo, Austry conta que hoje está tentando voltar a utilizar. “Olha, estou retomando isso. Comprei uma televisão agora que ela não tem nem botão. É tudo pelo computador. Netflix”. Ele conta que sua casa hoje é muito mais conectada. “Agora não tem mais jeito. Lá em casa tem Alexa, tem J7000⁷¹, *iPhone*, que não é meu, um é da minha irmã e um da minha mãe. A gente tem lá uma televisão que, é um computador na verdade, é fininho, só vê filme, e a gente assiste BBC”. Ele ainda utiliza mais a televisão, principalmente para se informar, inclusive sobre a violência em Manguinhos. “Porque daqui bate lá, é perto. Aí quando o território tá ruim a gente precisa saber antes de sair de casa”.

Mesmo com a tecnologia entrando em sua casa, ele diz que está “abstêmio” de NTICs e quando perguntado se hoje possui um celular, Austry reforça a falta de necessidade de ter um aparelho, mas reflete sobre o aparelho como instrumento de comunicação.

“Bruna: Celular?”

Austry: Não. É necessário um celular? Fala pra mim.

Bruna: Pra mim é, porque eu trabalho com ele.

Austry: É, comunicação [para de falar]”

E assim ele começa um debate sobre os jornalistas que gostamos. É como ele deixa em aberto: é comunicação. Fora do projeto, ele continuou o a ler os jornais que gosta muito e pesquisar sobre os temas que o interessam e ler.

⁷¹ Lavadora de Alta Pressão

11.2.5 Hoje em dia

Sobre o período após o final do blogue, ele destaca principalmente o que ocorreu no CAPS durante a pandemia de Covid-19. “Teve a covid. Eu passei a pegar meus medicamentos no posto de saúde. Trazer pra cá. Fui até lá no posto de saúde porque tem remédio pra entregar aqui. É, mas, é, o Rodrigo saiu, a Cris saiu, a Lidiane saiu, muitos dos nossos morreram”. Ele lista profissionais de deixaram o CAPS-Magal nesse período e explica que sua rotina mudou. “Eu passei a vir andando pro CAPS porque não tinha ninguém, não tinha médico, não tinha serviços. Eu vinha andando lá de Benfica”. Ele acredita que esse momento o afetou de alguma forma, embora não tenha afetado sua saúde “Dois anos de atraso, com certeza”.

Ele conta que continua morando em Benfica com seu pai, mãe, irmã e cachorro. O seu técnico de referência, entretanto, explica que, na verdade, ele mora com o padrasto, em uma convivência não muito pacífica. O pai também é um ponto sensível, outra relação conturbada.

Em uma comparação com o início de seu tratamento, em Maricá, ele afirma que atualmente parou de estudar em função do desgaste de sua saúde. “Parado eu estou agora, que eu estou muito doente [...] porque sem o meu remédio eu não consigo nem dormir”. Entretanto, ao quando questionado se está pior hoje do que estava durante a participação no projeto “Eu quero entrar na rede” ele é categórico em responder. “Não. Absolutamente.”

Austry continua seu tratamento no CAPS-Magal, ainda participa do grupo dos homens e da musicoterapia. Ele afirma que está recuperado da dificuldade motora que o prejudicou durante o projeto. “Hoje não mais porque eu já fiz exercício. Hoje estou completamente recuperado”. Com relação às medicações, ele explica que continua tomando as mesmas que tomava durante a sua participação no projeto, porém em menor dosagem. “Eram os mesmos, só que inteiros, hoje eu tomo reduzido”, o que para ele é muito bom.

Mesmo com muitas tentativas de sua parte, a situação profissional de Austry não mudou. Ele fala do assunto em tom de tristeza e dando destaque ao fato de que ele tentou encontrar um emprego. “Eu procurei sessenta lugares pra emprego. Sessenta currículos. E outras indicações. Não foram sessenta não, foram menos. Umas quarenta mais ou menos. Não fui chamado pra nenhum [pausa] estou procurando [para de falar]”. Ele explica que essa é uma questão que também interessa a sua mãe, que o pressiona para que consiga um emprego. Entretanto, mesmo desempregado, ele afirma que continua ocupando sua mente com aquilo que gosta de fazer.

“Eu disse que estava falando com a minha mãe assim. Ela estava me reclamando ‘Mulher não gosta de homem que não tem dinheiro não, hein!’

Austry, você pode até ser filhinho de papai, mas mulher não gosta de homem sem dinheiro’. Aí eu falei pra ela, ‘mãe, como que eu trabalho se eu estou doente?’ Ela falou, ‘então faz outra coisa, meu filho, vai fazer qualquer outra coisa que te distraia’. Eu falei, ‘bom, eu me distraio lendo, fazendo, compondo [deixa em aberto].’

Apesar das dificuldades, dos pontos que não lhe agradaram e da insegurança de ter feito ou não um bom trabalho, Austry define sua experiência no CAPS-Magal, ao longo do tempo, e no projeto “Eu quero entrar na rede” como algo positivo na sua trajetória de vida, carregado de aprendizados. “Dar a volta por cima. Sair da vida ótima que eu tinha pra encarar essa vida séria que eu estou tendo hoje. O playboy acabou e agora é só aprender a ser gente séria” teoriza ele.

Austry fecha sua fala com uma frase que, segundo ele, é do Livro dos conselhos “não encontrarás a verdade se não consertá-la, nem consertará para achá-la, entretanto não te resignes”⁷². Quando perguntando sobre qual é o sentido dessa, ele responde “É o sentido que não faz sentido nenhum, mas não te resignes” e ri.

11.2.6 Austry pelo Olhar dos Profissionais do CAPS

David explica que Austry está no CAPS praticamente desde sua abertura. Augusto é técnico de referência de Austry há cerca de quatro anos e conta que o usuário chegou ao CAPS-Magal após um episódio violento que resultou em sua internação. Augusto adiciona detalhes à narrativa que Austry tem dificuldade de contar.

“Austry chega após uma internação, ele chega no CAPS, a gente recebe a notícia de uma internação de um usuário que é dentro da nossa área. Acontece que ele tem um conflito com o pai, e desse conflito, não sei se você lembra, o Austry não tem um pedaço da [retirado para garantir a anonimidade do usuário], e nessa briga o pai morde e aí ele é internado e dessa internação ele vem pra cá, muito embotado, assim, demonstra uma fome muito grande todo o tempo e ao longo do tempo não, ele foi se mostrando diferente.”

Augusto explica como Austry foi se organizando e destaca a contradição entre características que ele mostra no dia a dia e a trajetória e relações familiares conturbadas que ele teve e ainda tem.

⁷² Não foi encontrada a autoria da frase e nem confirmada que ela é de uma obra chamada “O livro dos conselhos”

“O Austrý é um menino muito inteligente, mas de uma família muito difícil. Ele tem uma capacidade incrível de ultrapassar esse momento que ele está agora, porque ele é capaz de trabalhar, de estudar, ele já fez até um curso na Fiocruz, mas ele tem um conflito familiar muito grande que não deixa.”

Augusto conta que, quando o projeto surgiu, já havia algum tempo que a equipe do CAPS-Magal tentava encontrar para Austrý alternativas externas à instituição, buscando reestabelecer sua vida social.

“A gente já ficava tentando colocar o Austrý pra fazer coisas fora [...]. Ele estava muito preservado, ele tem uma cognição muito preservada apesar da ideação delirante toda, e eu acho que a equipe ficava vendo muito potencial nele e querendo tentar botar ele pra vida ...]. Tudo que aparecia a gente tentava ver se isso dava alguma cola.”

Diferentes motivos levaram a equipe do CAPS-Magal a selecionarem Austrý para o projeto “Eu quero entrar na rede”. Augusto conta que Austrý foi indicado para participar do projeto justamente em função de suas habilidades para utilizar as NTICs e escrever. Isso poderia ser para ele a porta de entrada para uma oportunidade de emprego após a experiência.

“Justamente por conta disso, pela capacidade dele, a gente bota ele aqui no computador, ele desenvolve bem, ele escreve muito bem, ele faz textos. Então assim, foi apostando nesse projeto, pensando pra frente o que ele poderia, depois dele ter feito esse projeto, feito o blogue, tido mais contato com computador, dele conseguir alguma coisa, porque ele busca muito. Ele toda hora pede pra eu inscrever ele em curso, em trabalho, entrevistas, e aí eu boto ele pra montar um currículo, boto ele pra fazer os e-mails, pra dar mais independência pra ele, pela capacidade mesmo dele.”

Rodrigo complementa que também foi um critério o potencial criativo de Austrý, que poderia contribuir com a produção do conteúdo.

“O Austrý também, eu acho que a gente pensou muito também na parte da construção do conteúdo pro blogue, são pessoas que a gente achou que podiam ter, acrescentar mesmo, em termos de criatividade, de produção e também um movimento diferente pra ele fazer, porque a gente já não tinha o que fazer com ele no CAPS além de atendimento.”

Além de considerar as competências de Austrý para o uso das NTICs, David adiciona que sua indicação para o projeto também teve como ponto central uma tentativa de conectar o usuário mais intensamente com a realidade. A equipe entendida que essa conexão poderia diminuir seu sofrimento.

“A gente pensou o seguinte, uma atividade que pudesse colocá-lo, vamos dizer assim, em estímulos de realidade mais organizada pudesse estar ajudando ele a se afastar desse sofrimento, dessa produção intensa que ele sempre teve. Esse era o principal foco com o Austrý. O Austrý é inteligente, ele é uma pessoa mais inteligente, ele por exemplo, já tinha uma familiaridade em digitalizar, em digitar, conhecer algumas coisas da internet, e a gente achou que seria um exercício interessante de provocar nele, assim, não afastamento, dele não se perder no sofrimento.”

Entretanto, David explica que a participação de Austrý no projeto não foi fácil e em geral refletiu sua trajetória por questões práticas da vida. A equipe precisou ficar atenta e aberta ao diálogo para que ele continuasse a participar.

“Então, como toda a trajetória do Austrý, na ala das concretizações, ele foi uma das pessoas que deu mais trabalho, né? Porque sustentar num lugar de fazer e ao mesmo tempo de uma reprodução micro, né, de uma relação de integração com o trabalho. Ele teve uma certa resistência que, aliás, a gente teve que estar sempre conversando com ele a respeito do papel dele e do lugar dele, mas que consegue fazer, consegue chegar, enfim, com a dificuldade que o Austrý apresenta mesmo nos ensaios da vida.”

Para Augusto, apesar da falta de dedicação de Austrý que, diferente de outros usuários, nem sempre estava disposto a participar das atividades do projeto, a experiência trouxe bons resultados para Austrý. “Eu acho que foi bom, não tão bom quanto outros, porque tinha dia que ele não queria ir, não vinha, assim, ele é um pouco preguiçoso [...] achei que desenvolveu bem [...]. o Austrý tem esse entrave, mas eu garanto que pra ele foi muito bom”. Entretanto, Augusto explica que a pouca dedicação de Austrý não é uma especificidade ligada ao projeto, já que ele em geral apresentava e ainda apresenta pouca aderência às atividades propostas. “Ele não fazia nenhuma, o Austrý não adere a muitas coisas”. O profissional afirma que hoje o usuário participa apenas do grupo dos homens e, ainda assim, suas faltas são frequentes.

Porém, mesmo com algumas faltas e menos empenho para realizar as atividades, Austrý participou de todo o projeto. Para Augusto, o que tornou isso possível foi a união dos participantes e a relação formada entre eles. “Eu acho que foi o grupo, o grupo segurou um pouco ele, porque o grupo incentivava, ‘vamos, vamos’. Às vezes, ele não queria ir, queria ir embora, estava meio mole, e o Fernando e a Michele faziam incentivo pra ele ir, eu acho que o grupo segurou um pouco ele”.

Augusto também acredita que a união dos usuários estava relacionada com a maior estabilidade de Austrý durante o período de realização do projeto.

“Ele esteve melhor, ele teve algumas crises, mas não foi por conta do blogue, e por conta disso às vezes ele não queria ir, mas esse momento do blogue foi bom porque teve a união dessas pessoas. Eles fizeram uma amizade muito grande, mesmo que não estivessem dentro de atividades, eles estavam juntos aqui. Foi uma época que teve bastante passeio no CAPS, e essa turma estava sempre incluída nos passeios, então assim, formou um grupo muito bom.”

Rodrigo acredita que dois pontos foram os principais destaque da participação de Austrý no Projeto. “O Austrý eu acho que marca mais a participação dele por conta dessas discussões em relação a direitos e essa inserção aí no mundo”.

Para David, a participação do projeto na íntegra foi por si só um ponto positivo. As ideias de continuidade e insistência foram muito trabalhadas com Austrý durante o projeto, de forma que, após a sua finalização, Austrý também conseguiu participar de um curso completo na Fiocruz.

“Eu acho que a conclusão de um projeto, início, meio e fim, já foi um passo importante, com toda a dificuldade que foi. Foi daí que ele vai para o grupo de agentes de vigilância sanitária voltado pra comunidade. Não é a nível profissional, mas é a nível de comunicação, que tem uma proposta de ser multiplicador...o blogue acho que deu a ele uma certa possibilidade de insistência. Porque no curso ele apresentou uma certa dificuldade, mas na conversa entre o início e meio de curso, que nós fizemos, foi decisivo e ele optou por continuar o curso até o final... Então eu acho que pra mim já foi uma diferença que o blogue, dentro daquela sistematização, dentro daquele tempo marcado que ajudou ele a, de alguma forma, construir. Talvez seja por isso mesmo que tenha que persistir, apesar de [...]”.

David esclarece que Austrý tem crises com frequência, inclusive durante a participação do projeto, mas que naquele período ele não passou por internações. Outro ponto de destaque para David foram as oportunidades em que Austrý falou de si mesmo, de sua trajetória, mesmo que tenham sido poucas. Nesses episódios, ele pôde mostrar sua sensibilidade. Para o profissional, isso é de grande valor.

“Mas por exemplo, ele conseguiu gravar uma entrevista falando do adoecimento dele, do sofrimento dele, eu acho que, inclusive, no próprio blogue tem registro dele contando essa história dele, e é uma pessoa extremamente sensível. O Austrý eu acho, nossa, como eu acho ele sensível, né? É um dos casos que sempre que eu estou presente no sentido da avaliação, da construção, sempre me toca muito. Porque é isso, na maioria dos momentos a gente acaba testemunha ocular da biografia, é a vida do outro, é o sofrimento do outro.”

Augusto acredita que mesmo com uma série de dificuldades que o impedem de ter uma vida produtiva, a participação no blogue contribuiu para que Austrý pudesse se sentir mais motivado.

“Acho que teve mudanças. Quando ele faz alguma coisa, algum curso, ele fica mais motivado pra continuar. Assim, depois do blogue aumentou muito isso nele, de procurar uma atividade, dele se sentir capaz, só que ele tem um bloqueio. A gente faz tudo, “a entrevista é hoje”, ele não consegue ir, eu consegui pra ele num supermercado, arrumei ele todinho, ele foi, chegou lá ele não entrou.”

Augusto conta que a questão financeira é muito importante para Austrý. Ele já passou por períodos de maior estabilidade financeira e sente falta disso, porém mesmo com a família pedindo que ele solicite o Benefício de Prestação Continuada (BPC), isso dificilmente seria atendido. O BPC é previsto na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e consiste em um salário-mínimo destinado a idosos, com mais de 65 anos, ou pessoas com deficiência de qualquer idade que tenham renda inferior a um quarto do salário mínimo por pessoa da família. Seu recebimento é livre de contribuição prévia ao INSS⁷³. Entretanto, nem todos conseguem recebê-lo.

“E a mãe pede muito pra gente tentar o benefício [BPC] pra ele, só que a gente não consegue. A gente tem paciente aí muito ruim, mas é negado, e ele tem uma cara de novo, uma aparência boa, sabe, é complicado”. Sobre a questão financeira, David explica que a equipe já pensou em solicitar algumas vezes, mas mesmo essa decisão é um desafio.

“...a gente já pensou diversas vezes e a gente acha que precisa tentar um BPC pra ele, pra que ele pudesse ter um rendimento que talvez ajudasse ele, mas a gente ao mesmo tempo acha que isso vai virar pra outro lado. Essa certa megalomania que tem na construção dele, e a gente vai tentando né, é isso, a gente vai acompanhando o Austrý pelo o que ele nos permite também”.

Augusto e David explicam que Austrý tem delírios de grandeza e de que ele é um profissional de saúde, inclusive, em alguns momentos, oferecendo tratamento a outros usuários do CAPS. Ele se alterna entre ciclos de estabilidade e de maior instabilidade. Outro ponto problemático é sua relação com a medicação, que envolve muitos abusos.

⁷³ Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/beneficios-assistenciais/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc>

“Tem delírios de grandeza, de riqueza, de ter milhões, ele se acha médico, se acha parte da equipe, tem época que ele senta ali e quer conversar com os pacientes, e quem não conhece ele acha que ele faz parte da equipe...ele fala muito bem, ele trocou receita, trocou medicação dos outros, assim, ao mesmo tempo que ele, ‘pô, você não tem cinco reais ai pra mim não, pra mim ir embora’, aí ele fala de milhões que ele tem na conta. O Austrý é isso, altos e baixos, quando ele tá nesse movimento de atender, de ser funcionário é a crise dele, é uma crise diferente, ele não é agressivo, mas, é assim, ele oscila muito.”

Os profissionais destacam ainda que um desafio no tratamento de Austrý são suas relações familiares conturbadas. Nesta tese optamos por não nos aprofundar nessas questões por serem muito delicadas, não estarem diretamente relacionadas com o tema de pesquisa e terem sido pouco tratadas pelo próprio usuário. Já algumas questões relacionadas com seus delírios emergiram durante o projeto e ficaram mais evidentes durante as entrevistas para esta tese, porém optamos por limitá-las ao que adicionaria à narrativa.

Enfim, a partir da relação construída com Austrý desde sua chegada ao CAPS-Magal, Augusto fala de suas expectativas quanto ao usuário. “Eu falei pra ele: ‘Austrý, eu vejo você aqui como uma pista de decolagem, a gente vai, quando tá perto de você decolar você retrocede, eu falei, você é meu projeto de vida aqui, eu vou embora e você vai ficar estacionado’”. O profissional explica que Austrý teve um aumento na medicação, mas que hoje a equipe avalia a diminuição de um deles.

11.3 MAURA – O DESFAZER DO SILÊNCIO

Faço contato com Maura⁷⁴ por celular e a convido para ir ao CAPS-Magal para podermos conversar. No dia combinado, ela chega com sua irmã, Mariana. Explico para as duas sobre a pesquisa e pergunto se elas gostariam de participar. O foco é Maura, mas logo entendo que ganhar a confiança dela passa por sua irmã. Maura ouve com cuidado e pede para pensar. Uma semana depois entro em contato com ela novamente para saber sua resposta, ela aceita. Todos os contatos ao longo do processo foram feitos diretamente com ela.

No dia escolhido para iniciar a entrevista, nos encontramos no CAPS-Magal. Elas se atrasam e explicam que na região onde moram, na Maré, o transporte público é ruim e os ônibus

⁷⁴ Pseudônimo em homenagem à escritora Maura Lopes Caçado. Nascida em São Gonçalo do Abaeté, no Alto São Francisco, Minas Gerais, em 1929, foi internada em um hospital psiquiátrico pela primeira vez aos 19 anos. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos 22 anos, onde continuou sua história de internações. Maura tornou-se escritora através da escrita autobiográfica sobre a temática da loucura e em sua obra tratou de sua condição de hospiciada. Suas principais obras literárias são *Hospício é deus – diário I*, de 1965, e *O sofredor do ver*, de 1968. Ela faleceu em 1993 (CUSTÓDIO; JARDIM, 2019).

demoram a passar. Peço a sua irmã para falar com Maura a sós. Vou com elas até a sala disponibilizada pelos profissionais do CAPS-Magal e mostro para sua irmã a sala na qual estaríamos e explico que, caso fosse necessário, ela poderia nos interromper sem problemas. O ar-condicionado está ligado e a irmã fala para ela vestir a blusa de frio caso sinta frio. Sei que ela é cuidadosa com Maura, então faço questão de deixá-la confortável e segura do que faremos, mas deixando Maura no centro. Busco falar da forma mais clara e reconfortante o possível.

Ela e sua irmã vivem uma relação de quase simbiose. Com a morte precoce dos pais de ambas, a responsabilidade do cuidado por parte de Mariana se somou à união das irmãs. Pedagoga, cuidadora superprotetora, Mariana tem uma constante preocupação com Maura. Isso já havia ficado claro durante a realização do projeto. Nos primeiros meses de atividades, Maura só ia ao LaISS diretamente de sua casa e acompanhada de Mariana ou um amigo, que ficava na sala durante as atividades. Então, através de uma profissional do CAPS, foi solicitado que o acompanhante não participasse das atividades. Isso não foi de todo bem-vindo por sua irmã, que informou que aquilo poderia impedir a participação de Maura. Aos poucos, a situação foi se transformando. Primeiro, ela passou a ir acompanhada de uma pessoa que ficava do lado de fora esperando por ela, mas logo eles descobriram novos eixos e, no fim, Maura ia para o LaISS na companhia dos colegas. Fomos vendo e vivenciando uma outra Maura emergir. Na entrevista, precisávamos entender e achar caminhos para essas dinâmicas que já conhecíamos.

O segundo dia em que entrevistei Maura foi também o dia em que entrevistaria Mariana. O CAPS-Magal estava agitado, pois a festa junina da instituição havia acabado de acontecer. Vamos para a sala cedida pelos profissionais do CAPS e Mariana entra junto. Tendo em vista que a maior parte da entrevista já havia sido feita e buscando que a irmã tivesse mais confiança com relação ao que vinha sendo feito com Maura, preferi não pedir que ela se retirasse, já que vi nisso uma forma de fazer com que a irmã se abrisse. Nesse dia, a entrevista de Maura foi feita com a irmã ao lado. Essa foi uma escolha prática e consciente do processo de entrevista, que pretendia uma melhor compreensão das dinâmicas que envolvem a vida de Maura, sua trajetória terapêutica e participação no projeto a partir das relações de poder que a circundam e de como seus silêncios se formam ou esvaem. Como esperado, Mariana respondeu algumas perguntas e as narrativas de uma irmã fluíram para as da outra irmã. Foi uma oportunidade interessante para entendê-las, indo além do que falam e mergulhando no que deixam de dizer.

Maura é uma mulher preta de 36 anos, pouco aparentes, que está sempre de cabelo preso. “O pessoal nem acredita muito que eu tenho essa idade toda” ela comenta, orgulhosa de sua juventude aparente. Ela fala pouco e é objetiva, porém precisa em suas palavras. É segura de

seus posicionamentos políticos e ideológicos e de suas opiniões. Logo no início, quando questionada sobre sua cor, ela destaca importância de se afirmar enquanto uma pessoa racializada. “Nesses tempos aí não dá pra negar. Pode botar preta” ela fala com confiança.

Quando fala, Maura é sucinta, tem uma memória impecável e se lembra de detalhes, datas, locais e nomes com bastante precisão. Em algumas ocasiões, engaja em relatos mais longos, com bastante detalhes, mas, na maior parte do tempo, é extremamente objetiva.

Quando conta sua trajetória de vida, o período escolar recebe uma atenção especial para ela, que lembra de muitos detalhes. Em alguns pontos fez pausas longas para pensar o que responder. Tem uma percepção clara de questões específicas de sua história de vida e terapêutica como um todo.

A forma como guarda cada detalhe de seu período escolar, nomes, datas, idades e locais, se relaciona diretamente com a realidade de uma criança com deficiência. O bullying, a violência e o preconceito foram tão constantes que fizeram morada em sua memória. Maura esperou 31 anos por seu diagnóstico de autismo, mas muitas pessoas que ela encontrou pelo caminho foram categóricas em taxá-la de louca, excluí-la e agredi-la, verbal e fisicamente. Para eles, Maura era a menina que não falava e que, em algumas ocasiões, respondia ao bullying com agressões. Relatar esses episódios é também revivê-los em sua memória.

Em nossa segunda entrevista, ela conta que falou sobre nossa primeira conversa com um amigo, principalmente sobre o que viveu no período escolar. “A gente foi passear esses dias, comentamos com nosso colega sobre a nossa conversa, começando pelo que aconteceu comigo na escola”.

Sua história é um recorte da trajetória de muitas outras crianças com deficiência crescendo em situações de vulnerabilização socioeconômica: o preconceito, a desinformação, o diagnóstico tardio, a dificuldade de tratamento etc. Entretanto, suas narrativas são também uma janela para olhar e refletir sobre a realidade dessas mesmas crianças quando se tornam adultos: a dificuldade em entrar no mercado de trabalho, a fragilidade financeira da família, a sobrecarga dos cuidadores, o difícil acesso ao atendimento, a busca por autonomia, os efeitos nocivos do ambiente, a luta por direitos etc.

Enquanto moradora de uma favela, a violência é especialmente nociva para ela. O único momento em que altera sua forma de falar é quando trata da violência na região em que mora. Mesmo em uma sala reservada do CAPS-Magal, ela abaixa a voz para que não seja ouvida. Em sua voz baixa está o medo. No relato de sua irmã, surge outro fator vulnerabilizante: o empobrecimento.

É de silêncios e da árdua conquista das palavras que se faz a história de Maura.

“O ser humano não é de ficar sem conversar. A gente tem que se entrosar, se distrair”
 “Eu me expressei bem ... Foi maravilhoso [bocejo] [risos] ... Comecei a falar mais, porque eu não falava quando eu era pequena.”

Nascida e criada no Bairro de Bonsucesso, no complexo da Maré, na Zona Norte do Rio de Janeiro, Maura é filha de mãe paraibana e pai carioca. Uma costureira e um pintor de carros. Era cuidada por sua avó e, após a morte dela, passou a ser cuidada pela irmã, cinco anos mais velha. É essa irmã que complementa com detalhes os relatos objetivos de Maura.

Mariana conta que Maura teve uma primeira infância normal, até que sua mãe percebeu que havia algo de diferente em sua irmã.

“Quando ela era criança, minha mãe percebeu que ela tinha esse problema com a fala, quando ela tinha três aninhos, aí foi quando ela foi ao médico e a pediatra deu encaminhamento pra UERJ, para eles estudarem ela melhor. Só que nem lá eles conseguiram fechar um diagnóstico, não existia o termo autista naquela época, parecia um tabu, eles não sabiam lidar mesmo. A minha mãe inclusive nunca chegou a descobrir de fato.”

A partir dali a infância de Maura foi marcada por episódios de exclusão, desde sua primeira experiência em uma creche, onde, ela explica, não teria recebido um tratamento adequado.

“Meus pais iam trabalhar, a minha irmã ou os meus avós ficavam comigo, até que um dia minha mãe me colocou numa creche, a coordenadora lá não me aceitou, fez de tudo para me tirar de lá. Aí minha mãe me colocou naquela moça lá, onde eu fiquei por mais de dez anos, a Dona Alice [cuidadora de crianças].”

Como seus pais precisavam trabalhar, situações como essa resultaram em alguns períodos em pequenas creches. Ela tem muito clara em sua mente a motivação para sua não aceitação nos ambientes educativos, para ela era uma só: preconceito. Apesar de ser tratada como diferente, Maura, assim como qualquer outra criança, gostava de desenhar e em alguns pontos ia além: quando entrou na escola já sabia ler. Em 1994, ao ser matriculada na escola, ela pulou a primeira série, já que havia sido alfabetizada por sua mãe em casa, como conta sua irmã. Aquela foi a forma que a mãe encontrou de incentivar a fala de Maura.

“Minha mãe começou a notar que ela ficava brincando com as letrinhas, nos livros nas revistas, ela ficava pegando a mão da gente, o dedo e apontava, pra gente falar pra ela que letra era aquela, o que era aquilo. Aí foi quando ela começou a desenvolver mais a fala, juntando os sons das letras. Depois pegava as sílabas e pedia pra gente falar o que era, foi quando minha mãe teve a ideia de alfabetizar ela assim mesmo, ela até aprendeu rápido e desenvolveu mais a fala.”

Apesar disso, Maura explica que sua experiência na escola não foi muito fácil. Ela conta que chegou a repetir a primeira série, mas que tirava notas boas. Segundo sua irmã, os problemas na escola começaram quando ela já estava no segundo ano, antiga segunda série, quando ela tinha sete ou oito anos. “Foi quando as crianças começaram a rejeitá-la, começaram a praticar bullying com ela, chamavam ela de maluca, falavam que ela não devia estar ali”. Mariana fala que a professora tentou contornar a situação, porém não conseguiu.

Além dos professores rigorosos e da dificuldade em matemática, Maura lembra que teve que lidar com o preconceito dos colegas. “Me chamavam de maluca, me batiam também”. Entretanto, sua opinião é diferente da de sua irmã. Para Maura, somada à violência por parte dos colegas, estava a displicência dos professores que, mesmo cientes da situação, não interviam.

Com ou sem a tentativa de ajuda dos professores, o fato é que alguns episódios de bullying resultaram em agressões também por parte de Maura, que tentava se defender. Como conta Mariana.

“Em algumas dessas vezes a Maura reagia mal e acabava batendo nas crianças. Era quando minha mãe era chamada na escola porque a Maura tinha agredido. Aí minha mãe falava que ela agredia porque tinha sido agredida primeiro, dizia que as crianças não estavam respeitando o espaço dela.”

Maura intercala seus relatos sobre os preconceitos vividos no ambiente escolar, com detalhes comuns desse período: as professoras que gostava ou não, como elas eram, a melhora em matemática, a colega que era sua amiga. Simone, Dona Alice, Sônia, Mônica, Ivone. São muitos os nomes que ela resgata para contar sobre seus tempos de escola. De algumas experiências, ela ri, se lembra de momentos engraçados, como quando a mãe a mandou fazer bagunça na escola, pois não gostava da professora. Porém, às suas lembranças comuns, ela costura as experiências traumáticas de uma criança “diferente” em um ambiente que não estava preparado para recebê-la. Até então ela não havia sido diagnosticada e não fazia nenhum

tratamento. Maura não recebia muitas explicações sobre porque era tratada com violência. “Naquela época não falavam muita coisa não”.

Sua irmã conta, que até então, a comunicação de Maura era limitada, ela falava pouco e principalmente com a família.

“Por ser família, a gente dava um jeito de se comunicar com ela, brincando com as letrinhas, através das letrinhas era a brecha que a gente conseguia encontrar pra falar com ela. Aí ela foi desenvolvendo, era um jeito dela falar com a gente também, através dos brinquedos que ela tinha também, e assim foi indo, mas pessoas de fora ela já tinha dificuldade, ela não se abria muito.”

Maura conta que só em 1995, um ano após sua entrada na escola, ela passou a receber acompanhamento com fonoaudiólogo e psicólogo, na Legião Brasileira de Assistência (LBA)⁷⁵. Ela ainda se lembra das atividades que realizava com esses profissionais. “Na fono [fonoaudióloga] eu fazia mais desenho, escrevia, na sala do psicólogo tinha vários brinquedos, tinha aquele negócio de passar giz, saía desenho de lá, diretamente da folha”.

Ela acredita que o tratamento que recebeu nesse período acabou fazendo uma grande diferença em sua vida, já que foi nesse período que ela conseguiu desenvolver melhor a fala. “Eu aprendi a conversar... Eu não sabia conversar, eu só fazia perguntas”. Ela tinha então nove anos de idade. Entretanto, o tratamento foi interrompido pouco depois com o fechamento da instituição. Ela só voltaria a ter atendimento mais de duas décadas depois, no CAPS-Magal.

Em 1996, além do fim do tratamento, outra mudança significativa foi uma mudança de escola. As mudanças pelas quais passou no ensino fundamental envolveram a forma como ela foi tratada no ambiente escolar e o medo de que experiências negativas se repetissem, como conta Maura.

“Aí no ano seguinte, minha mãe me trocou de escola, saí da Escola Bahia⁷⁶ e fui lá pra Clotilde⁷⁷, junto com a Mariana. A Mariana queria sair da escola Bahia porque lá não tinha professor de matemática. Mariana brigou muito com a minha mãe, implorando para ela não me tirar da Escola Bahia porque eu já estava acostumada, os professores me tratavam muito bem.”

Ela conta que, nessa nova escola, que ficava no bairro de Ramos, a experiência foi pior que na escola anterior. “Lá não tinha muita informação... As pessoas não tinham conhecimento

⁷⁵ Órgão de assistência social público fundado em 1942 e extinto em 1995.

⁷⁶ Escola Municipal Bahia, localizada em Bonsucesso.

⁷⁷ Escola Municipal Clotilde Guimarães, localizada em Ramos.

sobre determinados assuntos”. Apesar de Maura acreditar que tinha uma boa professora, Mariana julga que a mestra na verdade era omissa. Novamente, ela sofreu violência por parte dos colegas:

“Eu não fui muito bem recebida pelos alunos, só que na sala da terceira série, cada cadeira era colada em formato de quadrado, uma menina ficava me chutando, ela sentava do lado de outro garoto que me chutava também, outro menino também me chutava. Eu levava uma garrafinha de água para beber e a menina jogava no chão.”

A situação se tornou ainda pior no ano seguinte, quando ela mudou de turma e ficou à mercê de uma professora menos receptiva que a anterior e uma diretoria que também não sabia lidar com a situação. “A professora do ano seguinte não me aceitou muito bem, na quarta série. Coitada da minha irmã, a diretora mandava chamar ela várias vezes pra poder dar queixa minha lá... Mandavam bilhetinho. Atrapalhava a Mariana de estudar, na época ela estava na oitava série.” Nesse momento, a irmã se tornou um apoio fundamental para ela. “A gente vivia sempre juntas, a gente ia embora juntas pra casa. No ano seguinte, ela foi estudar de manhã.”

Como explica Mariana, ela sempre foi a principal companhia de Maura, que não teve muitos amigos.

“Tinha umas crianças vizinhas nossas que brincavam com ela quando ela era mais novinha, depois as crianças cresceram, foram para escola, foram trabalhar e então ela ficava muito mais dentro de casa com a gente, só saía comigo, quando eu saía, eu levava, então era quando ela interagia. Ela ia ao cinema comigo, ia ao shopping, ia fazer lanche, ia para praia, essas coisas...na adolescência foi assim também.”

Maura continuou passando por situações difíceis com seus colegas. Além disso, era comum que ela fosse deixada de fora das brincadeiras com outras crianças. Ela faz questão de detalhar o que sofreu nesse período. “Só um detalhe, as meninas brincavam nessa época lá no Clotilde, elas não me incluíam nas brincadeiras, tipo elástico”.

Maura conta que, nesse período, algumas pessoas acreditaram que uma internação psiquiátrica seria o tratamento adequado para ela. “O pessoal da escola que eu estudava defendia isso, que eu fosse internada”. Mariana reforça e explica que as ofensas eram comuns. “Falavam de uma forma bem depreciativa, falavam que ela tinha que ir pro hospício, que lugar de doido era no hospício e que ela não devia estar ali com eles, é uma coisa que ela fala direto hoje também”. Entretanto, Maura nunca passou por internações.

São muitas as lembranças de Maura ligadas a esses eventos. Mariana explica que os episódios de violência e exclusão vividos por sua irmã ficaram registrados em sua memória. Ainda hoje Maura fala sobre eles com muita vivacidade. Para Mariana, ajudar Maura a superar o trauma do bullying é um desafio constante.

“Eu procuro dizer para ela que essas coisas que fizeram mal para ela e fizeram ela sofrer tem que evitar porque pode fazer mal. Ela às vezes dá um tempo, mas depois ela começa a lembrar de novo. Eu percebi que isso mexe com ela, mesmo tendo passado tanto tempo, tem mais de vinte anos, marcou muito ela. Quando a gente sofre bullying a gente não esquece, fica na nossa memória por muito tempo e isso acaba atrapalhando o nosso dia a dia. Quando você vai trabalhar, você acha que aquilo também vai acontecer no seu ambiente de trabalho, em muitas das vezes não acontece, mas é porque não foi muito bem trabalhado naquela época, os profissionais não tinham preparo, os professores não sabiam lidar com isso. Hoje já é um pouco melhor, ainda acontece, mas a gente sai da graduação com um preparo para lidar com esse tipo de situação, você pode ter um aluno que tenha um tipo de deficiência, naquela época não acontecia isso, em muitos lares o deficiente ficava escondido dentro de casa, as pessoas não sabiam lidar com isso, era o que acontecia.”

Mariana também conta que esses episódios causaram muito sofrimento para sua família. “Foram coisas que marcaram muito a vida dela, a minha mãe também sofreu muito, nós lá em casa, com tudo que aconteceu com ela”.

Mariana conta que a solução encontrada pela mãe foi Maura retornar para a escola anterior. Lá, apesar dos episódios negativos já vividos, ela era mais bem atendida.

“Ela conseguiu terminar o fundamental I e o fundamental II, ela só saiu de lá pra ir pro ensino médio. Depois que ela voltou para essa escola antiga, ela não teve mais problemas, porque a direção já conhecia os problemas dela, os professores já sabiam lidar com ela.”

Durante sua adolescência, o quadro mudou um pouco, entretanto, mesmo a irmã afirmando que não houve mais problemas, Maura conta, quase sem perceber, que as agressões verbais não cessaram totalmente. “Na adolescência eu passei pro ginásio. Eram poucos alunos que me insultavam”. Ainda assim, ela começou a ter alguns amigos.

Com a irmã estudando em outra instituição, Maura começou a ir para a escola sozinha, o que, para ela, era tranquilo, exceto por alguns episódios. “Às vezes quando estava perigoso, minha mãe me buscava”. Nessa época, elas moravam próximo a uma região de Favela.

Em 2001, com 14 anos, Maura participou por sete meses de um projeto da Petrobrás em sua escola. Ela conta que fazia oficinas de teatro, música, artes plásticas etc. O teatro era a que

ela mais gostava. Nesse projeto, ela passou a ter contato com uma psicóloga, mas ela não estava fazendo nenhum tratamento no momento. “Só quando a moça ia lá, toda terça-feira por volta de meio-dia, aí conversava comigo, a gente conversava”. Entretanto, Maura lembra, com detalhes, que logo parou de receber esse acompanhamento psicológico, pois a profissional ficou com a agenda muito cheia. Maura, então, passou a participar das atividades de um CIEP. “Tinha psicólogo também, tinha brincadeiras, jogava queimada.”

Em 2004, Maura passou por sua primeira grande perda: o falecimento da mãe, por causas que ela não sabe precisar, mas acredita que tenha sido de enfarto. Maura estava no ensino médio. Ela é breve em comentar o episódio. “Primeiro é aquela tristeza, mas depois vai melhorando”. Em seu relato, é perceptível como a mãe era incentivadora de sua autonomia: foi ela que alfabetizou Maura antes de sua entrada na escola, era sua professora de reforço de matemática e a ensinou a andar de ônibus. “No segundo grau, eu fui muito bem recebida, passei a andar de ônibus sozinha, minha mãe me ensinou [pausa]... Ela só me ensinou a pegar ônibus pra ir pra escola, assim que eu passei pro segundo grau”.

Sua irmã conta que, apesar da perda, Maura conseguiu se formar no ensino médio. “Quando ela foi pro ensino médio, foi quando nossa mãe faleceu, eu achei que isso fosse prejudicar ela, mas ela conseguiu ir bem e terminar o ensino médio”. Mariana, afirma que foi nesse período, após a morte da mãe, que Maura teve seu primeiro diagnóstico.

“...como eu fui estudando e conversando com os professores, eles me falaram que ela poderia ser autista, aí pediram para procurar um neurologista ou um psiquiatra. Eu procurei primeiro o neurologista, e o neurologista fechou o diagnóstico de autismo, só que por ela saber ler e saber interagir em algumas coisas, ela foi classificada com um autismo moderado.”

Maura conta que o fim da escola foi um período tranquilo para ela. De 2008 a 2010, anos antes de entrar em seu primeiro emprego, Maura fez um curso técnico em administração. Ela estudou em casa, fez o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e conseguiu uma bolsa do Programa Universidade para Todos (Prouni)⁷⁸ de 100% para ingressar em uma instituição privada.

Maura conta que em 2015 ingressou em um curso superior de administração. “A gente tem que arrumar alguma coisa para fazer, pra não ficar parado”. Nessa faculdade ela ficou um

⁷⁸ “O Programa Universidade Para Todos (Prouni) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas”. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/prouni>.

ano. Em 2016 transferiu o curso para outra faculdade. Ela é crítica à primeira faculdade em que estudou. “Na Veiga [de Almeida] eu fiquei até 2015 mesmo porque eles não gostam de bolsistas do Prouni, a faculdade é meio elitista”. Mesmo com a mudança para uma faculdade que ela acreditava ser menos elitista, Maura não chegou a terminar o curso superior de administração. Seus estudos foram interrompidos no quarto período, pois ela precisou passar por uma cirurgia, o que a deixou muito agitada, como conta sua irmã. “Ela ficou quase um mês ou mais um pouquinho para poder fazer. Nesse período que ela ficou internada ela ficou agitada porque não saía a cirurgia, ela continuava internada, ela ficava nervosa”.

Por falta de recursos, ela só conseguiu retornar à faculdade em 2020, durante a pandemia. “Fiquei me recuperando. Por falta de dinheiro não pude voltar, nem em 2018, nem em 2019, só voltei no início de 2020, aí estourou a pandemia, tive que estudar online. Só que online não é a mesma coisa, melhor presencial mesmo”. O ensino online e a violência da região onde mora foram grandes limitadores, que acabaram por fazê-la desistir da faculdade, o que a deixou triste. “No online você não aprende nada, era tudo improvisado. Aí estourou uma guerra lá em casa, por conta disso, como eu estava estudando online eu tive que trancar”. Ela conta que em 2020, durante a vigência da proibição de operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro⁷⁹, ocorrida durante a pandemia, os tiroteios se tornaram mais frequentes perto de Bonsucesso. “Proibiram as operações, teve tiroteio durante o dia, parecia que ia entrar dentro da minha casa”.

Sua trajetória no mercado de trabalho foi curta. Em 2011, aos 25 anos, Maura teve seu primeiro emprego: como balconista de laticínios em um supermercado próximo a sua casa. “Só que era muito puxado, eram treze horas diárias, só no domingo que não era porque as lojas fecham mais cedo”. Depois, em 2013, ela trabalhou como atendente de telemarketing e depois como telespesquisa em uma escola de cursos profissionalizantes, onde ela ficou quatro meses. Maura ri ao contar que, nesse período, sua irmã era a responsável por discipliná-la. “Primeiramente a Mariana [falava] ‘Maura vai dormir que você tem que trabalhar’ [risos] Ela afirmava que quem está trabalhando tem que ter responsabilidade”. Após essa experiência, Maura passou a trabalhar em uma unidade da mesma empresa em outro bairro, mas lá ela não foi bem recebida. “Depois eu fui pra [nome da empresa] no Méier, só que a moça lá, depois que ela passou pra supervisora, o nome dela era Fernanda, ela era divulgadora e passaram ela pra supervisora, ela falou pra mim numa reunião “em você eu não acredito muito não”.

⁷⁹ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=448994>

Essa não seria a única experiência negativa que Maura teve no mercado de trabalho. Em 2017, ela estagiou por três meses no Tribunal de Justiça. Lá ela conta que não foi bem aceita por seu chefe. Quando perguntada como foi a não aceitação nesse caso, ela responde de forma breve: “Eles olham. Eles percebem”. Entretanto, ela não acredita que isso mudou a forma como seu chefe a tratava. “Ele falou pra mim quando eu saí de lá que eles queriam pessoas com perfil diferente de mim”. Após essa experiência, ela procurou emprego, mas não conseguiu mais retornar ao mercado de trabalho. “Tá difícil também... Depois que eu saí de lá eu fiquei procurando até que eu fiquei com problema na vesícula, esse negócio de trancar a faculdade por conta da cirurgia”.

Apesar de alguns eventos negativos que marcaram a trajetória profissional de Maura, sua irmã conta que trabalhar fazia bem a ela e uma série de fatores pessoais e sociais resultaram na sua situação de desemprego:

“Ela gostava muito e ela sente muita falta, a Maura gosta de se sentir útil, ela gosta que você veja que ela é capaz de fazer alguma coisa. Eu falei que logo aparece alguma coisa, um estágio, disse que ia pesquisar direitinho um projeto bacana para ela, mas de lá para cá aconteceram muitas coisas, tudo foi na época que meu pai acabou adoecendo e a gente teve que dar prioridade para ele. Aí veio o falecimento, foi tudo de uma vez, veio a mudança de governo, depois veio a pandemia, veio tudo e a gente está aqui.”

Em abril de 2017, o pai se casou novamente e ela e a irmã passaram a morar em uma casa embaixo da dele. Por volta desse período, Mariana conta que Maura passou a ser acompanhada por um neurologista pelo SUS. O tratamento durou poucos meses, pois a unidade de saúde foi fechada. Foi a segunda vez que seu tratamento foi interrompido pela descontinuação de serviços públicos.

Em 2018, o pai faleceu em função da diabetes. Sua família passou a ser formada por ela e a irmã. Foi após a morte do pai que Maura começou seu tratamento no CAPS-Magal. “A gente não tinha muita informação daqui não. A Mariana foi no médico arrumar alguma coisa pra mim e indicaram”, explica Maura.

Mariana conta que a morte do pai deixou a irmã muito abalada, então ela procurou ajuda na Clínica de Família e foi encaminhada para o CAPS-Magal, mas elas sequer sabiam o que era um CAPS. Isso foi esclarecido pela profissional de Saúde que as atendeu.

“Ela explicou que era um lugar que se tratava de pessoas que tinham problemas mentais, mas ela tomou cuidado de falar como eram os problemas mentais, porque ficou um termo muito marginalizado. Quando você ouve falar

em problemas mentais, você já imagina que a pessoa tem um tipo de perturbação e ela disse que não era assim, porque senão podia pensar que ela estava chamando minha irmã de louca e não era o caso. Ela explicou direitinho o que era, eu entendi e foi quando nós viemos para cá.”

11.3.1 A Chegada ao CAPS-Magal

Maura iniciou seu tratamento no CAPS-Magal em maio de 2018, pouco depois da morte do pai. Para ela, sua chegada no CAPS foi tranquila, já que ela se identificou com as atividades oferecidas, principalmente a Oficina do Mosaico, da qual ela participou até o início da pandemia. “Achei bem tranquilo. Gostei das atividades também, do mosaico”. Essa atividade era seu principal momento de interação com usuários e profissionais do CAPS-Magal.

Ela ia ao CAPS uma vez por semana e se consultava com o psiquiatra uma vez ao mês. Ali ela se sentia bem. Apesar de sua irmã contar que houve um diagnóstico anterior, para Maura, foi no CAPS, aos 31 anos, que ela recebeu um diagnóstico definitivo e pôde entender melhor sua situação: ela é autista. Ela vê com bons olhos a descoberta da sua condição. “Foi uma vitória”.

Mariana diz que, no CAPS-Magal, elas foram acolhidas e receberam uma explicação cuidadosa sobre o que é o autismo. Ela pôde então entender questões que, durante toda a vida de Maura a família, tinha dificuldade, como sua necessidade de isolamento.

“Como ele explicou direitinho, eu até recebi bem. Aí ele disse para quando ela não quiser falar com ninguém, tem que respeitar, é o momento deles, eles têm muito disso. Aí eu comecei a puxar na minha memória que ela tinha esse momento, às vezes ela não queria papo com ninguém, queria ficar sozinha brincando com os brinquedos dela, mas ela não queria ser incomodada de maneira nenhuma. A minha mãe se incomodava muito com isso, ‘porque essa menina não quer falar com ninguém, só quer ficar isolada’. Era falta de a gente saber o que ela tinha, era isso... agora eu já sei o que é. Eu imagino que se a minha mãe tivesse viva hoje seria mais fácil para ela também, ela saberia o que ela tinha.”

Mariana acredita que o diagnóstico tardio acabou por limitar a o acesso de Maura a um tratamento adequado.

“Ela perdeu muita coisa da infância dela até a vida adulta, porque ninguém sabia dar um nome pro problema que ela tinha, e acredito que muita coisa foi tratada de forma errada, porque não se sabia o que era. Eu acho que isso foi algo da própria medicina, não se sabia lidar com isso, foi descoberto mesmo por agora, dos anos 2000 pra cá.”

Mariana explica que, no início, Maura teve um certo estranhamento com relação ao CAPS, mas aos poucos isso foi desaparecendo.

“No início, ela estranhou um pouquinho, mas aí ela acabou acostumando. Porque ela nunca tinha feito de fato mesmo uma terapia, que já fosse um norte, porque antes ninguém sabia dizer o que ela tinha então não era bem tratada direito, aqui que ela passou a ser tratada de fato, com o problema que ela tinha.”

Maura conta que, antes de sua ida ao CAPS-Magal, chegou a tomar medicação de forma pontual para controlar algumas crises, mas foi no CAPS que passou a ser medicada continuamente de forma adequada. Os remédios significaram uma melhora para ela, já que a ajudaram a controlar a ansiedade. “Eu estava com crises de ansiedade com medo de voltar pra faculdade, depois eu fui melhorando”. Ainda assim a medicação causava sono, um efeito colateral incômodo. “Eu comecei a tomar clonazepam, é muito forte...Eu sentia sono”.

Também foi no CAPS-Magal que elas tiveram orientação para fazer um Vale Social do Riocard Mais⁸⁰, já que, conforme afirma Mariana, foi aconselhado que Maura não circulasse sozinha por alguns ambientes. Através da Lei nº 4.510 de 13 de janeiro de 2005⁸¹, do Estado do Rio de Janeiro, o benefício garante a pessoas com deficiência em tratamento pelo SUS o acesso gratuito a transportes intermunicipais e/ou intramunicipais.

Segundo Mariana, o diagnóstico melhorou a relação de Maura com seus familiares e amigos, que passaram a entendê-la melhor:

“Ela está um pouco melhor, como deram um norte aqui pra ela, então ela tá um pouco melhor, a gente já respeita o espaço dela quando ela quer ficar sozinha, quando ela quer alguma coisa a gente já sabe lidar, porque antes a gente não sabia, facilitou bastante o relacionamento da gente com ela e dela com a gente.”

Para Maura, as transformações proporcionadas pelo CAPS-Magal foram além dos já citados. Ela conta que o tratamento mudou muito sua vida, principalmente suas habilidades comunicacionais. “Mudou tudo. Mudou minha forma de ser. Eu desenvolvi bastante também... Minha maneira de falar”. Esse processo de desenvolvimento da comunicação passou também pelo projeto “Eu quero entrar na rede”.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.cartaoriocard.com.br/rcc/gratuidade/produto/Vale+Social>

⁸¹ Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=157565>

11.3.2 Entrada no Projeto

Maura foi informada da existência do projeto “Eu quero entrar na rede” por seu técnico de referência. Ela ficou sabendo que haveria uma bolsa de 100 reais. Apesar de comentar sobre a bolsa, para ela, o maior incentivo para participar do projeto era ter uma ocupação. “Como a gente não gosta de ficar trancada dentro de casa...”, ela esperava que o projeto ajudasse em seu tratamento. Ela começou a participar do projeto cinco meses depois de iniciar seu tratamento no CAPS-Magal.

Ela conta que o começo das atividades foi tranquilo. “Eu me senti muito bem”. Para Maura, não houve grandes dificuldades ao longo do processo, somente com o horário de realização das atividades no LaISS, que a atrapalhava um pouco, já que ela vinha do Complexo da Maré. Ela foi pouco pontual. “Minha dificuldade era mais por causa do horário, às vezes eu chegava atrasada, só teve um dia que eu cheguei mais cedo”. Ela é objetiva em dizer que gostou de tudo no projeto. “Não teve decepção nenhuma”.

Para ela, o mais útil de todo o processo foi a relação com as pessoas envolvidas no projeto, ou como ela define “O entrosamento com o pessoal”. Ela conta que já tinha amigos no CAPS-Magal, pois começou a conhecer pessoas na oficina de mosaico, entretanto, ela não conhecia a maioria dos participantes do projeto, somente aqueles que também participavam da oficina. Ela explica que a convivência a ajudou porque a comunicação é natural dos seres humanos. “Foi bom. O ser humano não é de ficar sem conversar. A gente tem que se entrosar, se distrair” e ela entende que conseguiu fazer isso no projeto.

Uma mudança significativa nos processos que envolviam a participação de Maura no projeto foi, após alguns meses, sua ida para o LaISS sem o acompanhamento de sua irmã. Maura conta que isso fez diferença para ela. “Ela [Mariana] começou a ficar cansada, tinha outras coisas pra fazer e eu passei a ir sozinha pro blogue... Foi tranquilo. Era uma forma de ser independente”. Entretanto ela acredita que essa mudança não mudou sua participação nos encontros, já que ela foi desde cedo incentivada a ser independente para transitar e gosta de fazer isso, principalmente de ônibus. “Eu ando sozinha há anos, comecei quando estudava lá na [Escola Municipal] Clotilde [Guimarães] em 1997. Ninguém vai viver com pai e mãe pra sempre, um dia a gente vai ter que andar sozinha”.

Para sua irmã, essa mudança foi inicialmente muito preocupante, mas, aos poucos, se mostrou benéfica para ambas. Maura ganhou mais independência e Mariana aprendeu a dar mais autonomia à irmã e a lidar com sua superproteção e o medo.

“Eu tinha medo dela andar sozinha, ela nunca foi de sair, eu fiquei um pouco nervosa, mas passou. Me ajudou também. Como meus pais partiram cedo eu fiquei com essa responsabilidade de tomar conta dela, então o que eu posso fazer para proteger, eu faço. Até um tio meu conversou comigo, disse que eu tenho que soltar um pouco ela, que eu não posso ficar presa desse jeito, mas a gente fica com medo. Mas aí eu deixei, foi bom.”

Maura afirma que o maior incentivo para sua participação até o final das atividades do projeto foi a remuneração. A bolsa para ela “era sempre uma ajuda”. Durante as atividades, ela a ao CAPS três vezes por semana e continuou na oficina de Mosaico. Ela não estava estudando ou trabalhando, mas, nos dias em que não estava no CAPS, ela ajudava a irmã a fazer sacolés e vender no Campus da UFRJ da Ilha do fundão. Maura também ajudava sua irmã com os afazeres domésticos em casa.

Para Maura, a experiência mais marcante do projeto foi o passeio pela Fiocruz, que ela se lembra com precisão ter sido realizado no final de 2018. “Eu fui conhecendo um pouco mais da Fiocruz que eu não conhecia”. Quando perguntada sobre a produção de vídeo, etapa em que ela mostrou grande habilidade, Maura conta que a atividade contribuiu com a evolução de suas habilidades de comunicação. “Eu me expressei bem... Foi maravilhoso [bocejo] [risos]... Comecei a falar mais, porque eu não falava quando eu era pequena”.

Ela afirma que não tomou medicação durante a participação no projeto. Para sua irmã, o tratamento de Maura não mudou durante o projeto, mas sua participação na produção do blogue somou ao tratamento que ela já recebia. “Ficou basicamente a mesma coisa, vamos dizer que o blogue era um complemento a mais do que ela vivenciava aqui no CAPS”.

11.3.3 Resultados do projeto

Maura acredita que a participação no projeto correspondeu à sua expectativa inicial de que as atividades contribuíssem com seu tratamento, principalmente no campo da comunicação. “Contribuiu pra minha evolução... Maneiras de falar, se expressar”. Ela acredita que aprendeu um pouco mais e que foi ótimo, já que trouxe benefícios para ela. Ela reafirma que sua participação contribuiu com a melhora de suas habilidades comunicacionais e de relacionamento. “Me ajudou a desenvolver um pouco mais... O jeito de conversar com as pessoas”. Sua irmã concorda, para ela, foi perceptível a evolução na capacidade de comunicação de Maura.

Maura acredita que sua participação no projeto repercutiu em sua vida profissional e que pode lhe trazer benefícios no futuro. “Eu acredito que sim. Vai me ajudar bastante no futuro”. Ela também afirma que o projeto ajudou em sua vida pessoal, mas quando é perguntada em que pontos, ela não responde e fica em silêncio.

Sobre sua relação com os usuários e profissionais do CAPS-Magal, ela conta que não houve grandes mudanças. “A relação é a mesma de sempre, o pessoal aqui é muito atencioso”. Já entre os usuários participantes do blogue, eles continuam se falando, pois criaram um laço de amizade.

Sua irmã acredita que a participação no projeto repercutiu positivamente na vida social de Maura. “Ela não ficava muito próxima das pessoas, e lá ela tinha que ficar próxima, ela já quebrou um pouquinho essa barreira”.

Para sua irmã, a participação de Maura no projeto juntamente com o tratamento no CAPS, de forma geral, foi de acordo com suas expectativas e ampliou o apoio que ela, enquanto família, dá.

“Eu imaginei que fosse ser bom, que ela fosse desenvolver mais e foi o que aconteceu. Eu sou irmã, mas por mais que eu tenha um conhecimento amplo, eu não tenho o conhecimento profissional da coisa. Eu queria ajudar mais, bem mais, então eu faço o que eu posso fazer, procuro deixar ela sempre bem. O CAPS, o projeto, foram os complementos que eu precisava para ela poder melhorar mais.”

Mariana acredita, também, que a participação no projeto contribuiu com uma maior capacidade crítica de Maura para lidar com as redes sociais, que ela já utilizava e continua utilizando com frequência, porém agora com maior cuidado.

“Ela desenvolveu bastante, aprendeu mais, ela já mexia um pouco com rede social, mas eu percebi que ela passou a ter um pouco mais de cuidado. Eu sempre falava pra ela ‘cuidado com rede social’, do mesmo jeito que você interage e se diverte, tem as armadilhas. Então, tem que tomar cuidado! Ela já sabia mais ou menos, mas o blog também ensinou, porque lá vocês também mexiam um pouco com rede social. Então, ela passou a ter mais cuidado.”

11.3.4 Após o Blogue

Em 2020, após a finalização das atividades do blogue, teve início a Pandemia de Covid-19. O que fez com que Maura passasse a maior parte do tempo em casa, em isolamento social.

“Eu fiquei em casa ajudando minha irmã com as coisas lá em casa, aí estourou a pandemia ano passado, a gente só ficou trancada dentro de casa, só saímos depois”. Ela seguiu desempregada e morando com sua irmã.

Ela havia retornado para a faculdade de administração, entretanto, pouco tempo depois, ela precisou trancar o curso novamente. Em ensino remoto, estudando de casa através do computador, seu desafio foi a violência na região em que mora. Embora dados indiquem que, durante a proibição de operações policiais na Pandemia, houve uma queda de mortes e feridos por causas violentas na Maré (KREZINGER, 2021), Mariana afirma que com os tiroteios entre facções se rivais se tornaram mais frequentes.

“Durou pouco, voltou em fevereiro e quando deu março, veio a pandemia. Ainda ficou a discussão acadêmica se ia vir remoto. Mas porque estava tudo muito incerto. No final de março que o conselho acadêmico decidiu que ia fazer remoto, no caso ela estava até fazendo, temos computador em casa. Com o agravamento da pandemia, a violência aumentou muito, ficou inviável de continuar fazendo as aulas remotas, porque não tem como se concentrar com a violência rolando do lado de fora. Aí a gente teve que, infelizmente, trancar a matrícula dela... Teve um episódio que tivemos que ficar na cozinha deitadas no chão, porque eram muito intensos os tiroteios, muito mesmo.”

Maura é enfática, e se nega a voltar a estudar enquanto estiver morando na Maré. “A gente sonha estudar em paz, estudar tranquila”. Maura é parte dos 33,5% dos moradores da Maré que afirmam terem sofrido algum prejuízo no trabalho ou estudos em função da violência na localidade (KREZINGER, 2021).

Durante a pandemia, ela e sua irmã perderam sua renda, que vinha exclusivamente da venda de sacolés no Campus da UFRJ na Ilha do fundão. Sua irmã relata que, nesse período, elas passaram a se manter com o auxílio emergencial e doações.

“...como fechou tudo a gente ficou sem poder fazer, a gente estava vivendo mesmo de doações, teve muita doação de cesta básica, aí depois entrou o auxílio emergencial, que foi o que deu uma ajuda boa para gente. O BPC dela entrou só no final, em novembro de 2020 que começou a receber mesmo, até lá a gente estava se mantendo com doações de cestas básicas pelas ONGs [Organizações Não Governamentais] lá e até os próprios vizinhos se ajudando e com o auxílio emergencial, porque depois saiu.”

Sua irmã conta que, no final de 2020, Maura passou a receber o BPC. Mariana ficou sabendo do benefício através de um professor. O BPC foi solicitado em 2018, após a morte do pai.

“Um professor meu da faculdade que falou, eu comentei com ele, já estava no final, estava fazendo prática de ensino e o professor de psicologia veio e disse ‘sua irmã tem direito a um BPC’, e eu perguntei ‘o que é um BPC?’, ele explicou... quem poderia fazer isso era meu pai, só que também na época meu pai adoeceu, aí ele não podia sair muito... Aí eu só pude fazer isso depois, infelizmente ele veio a falecer, aí foi quando eu peguei ela e levei ela na agência. Lá na agência, eles me explicaram mais especificamente do que se tratava e a gente fez o pedido.”

Em vários casos, o BPC é negado e o único caminho possível é o da judicialização. A irmã de Maura conta que isso foi o que ocorreu com ela, fazendo com ela demorasse mais ainda para receber o seu direito.

“Saiu durante a pandemia. A gente deu entrada pelo administrativo, só que o administrativo negou, a gente teve que entrar pela justiça. Enquanto o processo estava rolando, veio a pandemia, no começo de 2020, aí eu já fiquei assim: meu Deus, acho que agora vai dar uma atrasada, mas mesmo durante a pandemia, começou funcionando de forma remota, mas demorou a ser liberado. Só foi liberado mesmo no final de 2020.”

Como explica sua irmã, nessa época também houve mudanças significativas no CAPS-Magal, que acabaram por interferir no tratamento de Maura.

“Depois da pandemia, o doutor Rodrigo [ex-psiquiatra do CAPS-Magal] marcava algumas vezes pra poder pegar medicamento, porque não podia aglomerar. Depois que deu uma acalmada a situação da pandemia foi quando trocou a empresa aqui, a OS [Organização Social]⁸² e aí ele não continuou, alguns atendimentos ficaram meio parados, o médico só atende quando está em crise. Mas aí a gente tem que ficar vindo aqui para pegar receita, porque a clínica da família não ajuda muito.”

Mariana conta que a irmã teve algumas crises durante a Pandemia. “Só durante a pandemia, com o isolamento prolongado e a violência lá, ela ficou muito agitada, não tinha nem como trazer ela pra cá porque não podia sair”. Após esse período, ela não teve mais episódios de crise.

⁸² Organização Social “É uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que obteve a qualificação de organização social por meio de decreto presidencial, para realizar atividades de interesse público”. O CAPS-Magal é gerido por uma OS. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/gestao/organizacoes-sociais#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20uma%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,realizar%20atividades%20de%20interesse%20p%C3%ABlico>.

11.3.5 Sua relação com as NTICs

Na adolescência, Maura usava o computador da escola. “Eu gostava de estudar, ir pra sala de leitura, tinha uma sala de computador também, mas lá não tinha internet, eu ficava só digitando quando não tinha aula”.

Em 2008, ela ganhou seu primeiro celular, um aparelho “flip” sem acesso à internet. Em 2009, ela passou a ter acesso à internet em casa. Maura utilizava a internet com inúmeras finalidades: ver vídeos no Youtube, acessar conta de e-mail e redes sociais, estudar, mas a principal era para procurar emprego. “Eu usava mais pra procurar emprego, enviar currículo. Foi aí que eu consegui o meu emprego na empresa de cursos profissionalizantes, de carteira assinada”.

Seu conhecimento acerca das NTICS veio tanto de aulas como da prática. De 2006 a 2007, ela fez alguns cursos de informática na Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) próximo à sua casa, esses cursos foram incluídos em seu currículo. O conhecimento sobre de internet, no entanto, veio com a prática. “Eu só aprendi a mexer no *Excel* e *Power Point*. Internet eu aprendi a mexer sozinha”. Ela conta que tinha facilidade para utilizar as NTICS.

Durante a participação no projeto “Eu quero entrar na rede”, Maura continuou utilizando o computador e o celular. Ela acredita que a tecnologia é importante, mas não acha houve nenhuma mudança significativa no seu uso de NTICS após o projeto, apenas o maior tempo dedicado a elas. “É, faz parte do nosso dia a dia. Era da mesma forma. Eu tenho usado mais, quando fico parada dentro de casa sem fazer nada a gente fica usando mais a internet”. Ela continua utilizando internet em casa para diferentes finalidades. “Pra fazer pesquisa. Pra poder entreter, a internet também tem seus momentos de entretenimento. Tem o *Youtube*, às vezes eu mexo pra olhar e-mail porque pode vir coisa de renovação de bolsa da faculdade, pra poder ficar atenta.”. Ela também continua utilizando redes sociais.

Maura ainda tem seus momentos de isolamento e silêncio, em que o abandono das tecnologias e da convivência são um sinal da sua necessidade de ficar sozinha, mas hoje com um diagnóstico preciso e um tratamento adequado, isso é respeitado por sua irmã, como ela afirma.

“Tem hora que ela não quer falar com ninguém, tem hora que ela não quer ver televisão, tem hora que ela não quer nem mexer no celular. Ela mexe muito, quando eu vejo ela deixando o celular de lado e não quer papo com ninguém, se cobre toda embaixo da cama, eu já penso ‘ela não quer ficar comigo hoje, quer ficar sozinha.’”

11.3.6 Hoje em dia

Atualmente, Maura mora com sua irmã na comunidade da Nova Holanda, no Complexo da Maré. Maura é cristã evangélica, mas conta que ela e a irmã deixaram de ir à igreja em função do atual cenário político do Brasil e de como isso reverberou nas igrejas evangélicas. “Atualmente a gente não tá indo não, por causa dessa loucura de Bolsonaro⁸³, porque a maioria dos evangélicos hoje tudo apoiam ele. Antes era por causa da pandemia, mas agora é por causa dessa loucura”.

Maura não está trabalhando e continua recebendo o BPC. Com a irmã também desempregada, o benefício é hoje a única renda de sua família. Mesmo com o benefício recebido por Maura e o fim da pandemia, a situação financeira das duas é delicada. Como relata sua irmã, nem sempre o que recebem é o suficiente para mantê-las.

“Com a inflação muito alta, a gente está fazendo malabarismo. Às vezes fechamos no vermelho, no negativo, porque não dá, às vezes é uma feira, uma feirinha que deixa de fazer, é um mantimento que deixa de comprar, as contas da casa, a conta de luz, de celular, a gente acaba dando um malabarismo para conseguir pagar, e às vezes até a conta de luz eu deixo de pagar, porque não dá. Se é para escolher entre comer e pagar a conta de luz, eu prefiro comer. Nem a cesta básica agora está vindo tanto, que as pessoas não estão podendo doar, porque os alimentos estão realmente muito caros. Muito muito caros mesmo, não sei onde as coisas vão parar se continuar desse jeito.”

Em casa, Maura ajuda a irmã nas tarefas domésticas. “Lavar louça, fazer comida. Durante o dia a gente está na casa nova, eu fico arrumando a casa, a casa é pequena e dá pra uma só pessoa arrumar”. Ela continua fazendo seu tratamento no CAPS-Magal, mas vai à instituição apenas para trocar a receita das medicações. Ela acredita que teve uma evolução significativa após ter iniciado seu tratamento na instituição. “Depois que eu entrei pro CAPS eu melhorei bastante”.

A irmã afirma que Maura continua tomando a mesma medicação de quando participava do projeto, necessitando de outra somente quando tem crises. Para sua irmã, Maura hoje está melhor e o tratamento também beneficiou o relacionamento entre elas, já que hoje Mariana se sente mais preparada para lidar com a irmã.

⁸³ Jair Messias Bolsonaro foi presidente do Brasil de 2019 a 2022. Durante seu mandato ele recebeu amplo apoio dos evangélicos.

“Ela está um pouco melhor, como deram um norte aqui para ela, então ela está um pouco melhor, a gente já respeita o espaço dela quando ela quer ficar sozinha, quando ela quer alguma coisa a gente já sabe lidar, porque antes a gente não sabia, facilitou bastante o relacionamento da gente com ela e dela com a gente.”

Hoje as perspectivas de futuro de Maura incluem o desejo de trabalhar na área da saúde. “Eu tenho planos de trabalhar na área da saúde. Estou na dúvida ainda entre psicologia e enfermagem”. Sua principal motivação vem das experiências vividas durante pandemia de Covid-19. “A pandemia me fez ver outras coisas”. Ela fala sobre ter mudado sua percepção sobre o curso de administração, que cursava antes. “Eu achava que eu tinha me identificado com a área, mas, depois com a pandemia, eu comecei a ver o trabalho dos médicos...”.

Entretanto, os planos de Maura de voltar a estudar e fazer outro curso superior passam pelo desejo de se mudar da Maré. “Daí a pouco eu decidi que eu só volto pra faculdade depois que a gente sair da Maré”. Conforme conta sua irmã, os tiroteios não só impedem que Maura estude, mas fazem com que ela fique nervosa e violenta também.

“Quando ela fica nervosa, ela quer agredir você, quando alguma coisa mexe muito com ela, ela quer agredir. Lá onde a gente mora é um lugar muito violento, quando os conflitos estão muito intensos, para ela descarregar a raiva dela de alguma forma, ela precisa agredir alguém que está perto dela, que sou eu, aí ela me morde, quer me bater, porque ela tá nervosa com o que está acontecendo lá fora, mas ela quer descarregar a raiva dela por aquilo estar acontecendo. Então ela vai descarregar em alguém que está perto dela.”

Outra consequência da violência armada na região em que Maura mora é que isso impede que ela circule pelo território sozinha, limitando sua independência. O medo das irmãs não é infundado, uma vez que 44% dos moradores da Maré declaram que no último ano passaram pela experiência de ficar no meio de um tiroteio pelo menos uma vez (KREZINGER, 2021). Em função disso, mais de 62% da população da maré sentem medo da exposição à violência armada constantemente. Ela e sua irmã são parte dessa população e sonham em se mudar da Maré para fugir da Violência.

11.3.7 Maura pelo Olhar dos Profissionais da CAPS

Camilo conta que Maura chegou ao CAPS-Magal encaminhada pela Clínica da família da Maré. Ela tinha uma vida funcional, inclusive fazia faculdade, mas a perda da mãe (Maura e Mariana relatam ser o pai, já que a perda da mãe foi anos antes), ela acabou se isolando, abandonando a faculdade e ficando mais agressiva.

No CAPS-Magal, Maura foi aos poucos se abrindo e Camilo conta que ela se encontrou no grupo de mosaico. Ela ficou conhecida pelos colegas como “a Maura do mosaico”. O grupo foi o único a que ela havia aderido até então.

“Estranhei porque a Maura chegou aqui e ela não falava muito, andava de cabeça baixa, não olhava pra mim, não conseguia levantar a cabeça pra olhar pra mim... Como eu fazia o grupo de mosaico, eu achei que era interessante ela estar nesse grupo, era um grupo fechado com dez usuários, tinha muito essa característica de estar no silêncio, de estar muito só, e aí eu convidei ela... E aí a Maura, diante do grupo de mosaico, ela começou a interagir com os outros usuários que estavam ali no mosaico... Até música ela pedia, no meu grupo de mosaico botava música... e a Maura começou a falar, voltou a estudar depois que ela passa a vir para o CAPS e eu achava que era importante ela estar nesse blogue.”

O Mosaico foi a porta de entrada para que ela chegasse ao projeto do blogue. No mosaico ela teve a evolução necessária para que Camilo entendesse que a produção de um blogue poderia contribuir com seu tratamento.

“Por conta disso, pela evolução da chegada dela aqui no CAPS, por ser uma menina que estudava, tinha trancado uma faculdade, era inteligente, a partir do momento que ela começa a falar, começa a criar coragem de estar com as pessoas, de estar ali próximo conversando, eu percebi, ela para o blogue ajudaria muito, sabia mexer no celular, mesmo com diagnóstico de autismo, porque ela chegou aqui com diagnóstico de autista, mas eu achava também que era possível o blogue ajudar a Maura, e ajudou muito.”

Maura ficou em uma lista de espera e entrou no projeto na vaga do único usuário que desistiu, na segunda semana de projeto. Camilo conta que a participação de Maura no projeto envolveu algumas limitações, mas também a superação de barreiras para ela, como a dificuldade de se comunicar, inclusive em um evento público, como o do lançamento do blogue. Ele afirma que, por isso, a participação de Maura no projeto o surpreendeu.

“Ela não conseguia, lá na frente no dia da apresentação, falar nada né? Mas ela conseguia estar no blogue, ter o compromisso de estar todos os dias no blogue, de estar na oficina de mosaico, de poder estar na apresentação, coisa que eu achava que ela não ia conseguir. Então, às vezes a gente se surpreende com a Maura. Eu achava que ela não ia conseguir estar na apresentação lá na Fiocruz, lá na frente, em pé, aquela coisa toda, e ela conseguiu, pra mim também foi um avanço muito grande.”

Para Camilo, a participação de Maura no projeto foi um desafio, inclusive em função da violência no território em que ela mora, mas teve resultados claros na sua capacidade de comunicação e relacionamento com outras pessoas e de retomada de sua vida através dos estudos.

“Eu acho que o blogue pra ela foi um desafio, depois da chegada dela aqui, foi um desafio nosso, do blogue, da equipe, de vocês, um desafio enorme para ela estar se expondo, eu acho que da forma que ela chegou aqui, e da forma que ela interagiu no blogue, se apresentar, pra mim foi surpreendente. Ela não olhava para ninguém, as pessoas davam bom dia e ela continuava de cabeça baixa, entrava de cabeça baixa e saía de cabeça baixa. Então o mosaico e o blogue pra ela... Tanto que depois ela voltou a estudar, se eu não me engano... O blogue parece que deu uma [força], sabe, ela pensou ‘não, eu posso, eu consigo’.”

Outro diferencial citado por Camilo foi uma maior autonomia de Maura com a relação à irmã, o que ficou evidente a partir do momento em que ela passou a transitar sem a irmã.

“Ela só conseguiu fazer esse traslado, essas saídas, através do blogue, porque até então a irmã trazia ela no mosaico, ela fazia o mosaico, a irmã ficava aqui e daqui ia embora. A partir do momento que sai o blogue, sai equipe, sai profissionais da equipe, para acompanhar a equipe, ela passa a ir sozinha sem a irmã. Ali ela começou a desgrudar um pouco dessa irmã, de criar coragem de poder ir com outras pessoas, acho que foi o blogue mesmo, sem dúvida, conseguiu fazer isso com a Maura.”

Camilo destaca que a autonomia de Maura para transitar sozinha pelo território era limitada pela violência, mas, ainda assim, o blogue contribuiu nesse ponto.

“E no final, a irmã vinha não era porque não acreditava que a Maura fosse voltar pra casa não, tinha coisa do território, era o medo do tráfico, medo de confronto, de tiroteio, tanto lá quanto aqui, porque eu acho que no final, a irmã, por ela acho que ela deixava a Maura vir sozinha. Porque ela já estava conseguindo fazer isso, mas por conta do território a irmã ficava preocupada, porque parece lá no território a Maura botava a mão no ouvido, deitava debaixo da cama e ficava desesperada por conta dos tiros, então o medo da irmã era acontecer uma coisa nesse momento e ela estar sozinha...o blogue ajudou muito.”

Camilo entende que o diagnóstico de autismo não impediu que Maura conseguisse se projetar na vida e se colocar para fora do CAPS-Magal. “A Maura já é mais específico, tem diagnóstico de autismo, mas consegue estar na vida também, é isso né, estar na vida”.

Atualmente Maura está no processo de encaminhamento para a Clínica da Família da Maré novamente, porém mantendo relação com o grupo o mosaico do CAPS-Magal.

“Hoje ela vem aqui me procurando, tá no processo de encaminhamento, ela vem a princípio com a irmã, para dar continuidade de tomar os remédios dela, mas está nesse processo de encaminhamento pra clínica da família, que é mais próximo da família dela, e me pediu pra continuar no mosaico. Então, talvez o projeto da Maura, mesmo ela sendo encaminhada, vou tentar junto à direção manter ela no mosaico até eles conseguirem alguma coisa para ela no território onde ela mora; porque eu acho que o mosaico para ela, ela é super dedicada no mosaico, ela é uma das melhores do grupo de mosaico.”

11.4 RAFAEL – NÃO TENHO MEDO, EU SOU FILHO DO DONO, MAIOR RESPOSTA DE SUJEITO HOMEM

Rafael nasceu no bairro do Jacaré⁸⁴ e mudou-se para Manguinhos aos nove anos. Ele é um homem alto, forte e silencioso, parte em função de sua timidez, que, muitas vezes, ele demonstra rindo e dando respostas curtas e objetivas. Apesar disso, ele tem muitos amigos e seus gostos se assemelham ao de muitos meninos ‘crias’ de favela: joga futebol, namora, vai a bailes, se encontra com os amigos, conversa, ouve música e sai para beber. Ele se considera branco e tem 24 anos. Assim como a história de outros participantes, a dele é atravessada por episódios de violência. Ainda muito jovem, aos 16 anos, teve início seu processo de sofrimento mental, que, mesmo sem nenhuma internação, o fez viver na pele o medo, o preconceito e a solidão. Isso transformou completamente sua trajetória de vida e o levou ao CAPS-Magal e ao projeto “Eu quero entrar na rede”.

O pouco envolvimento de Rafael ao longo do projeto me fez acreditar que ele não aceitaria participar da pesquisa. Os relatórios individuais nos mostram que ele, em geral, se envolvia pouco nas atividades, dava muita importância para a bolsa, a ponto de isso se tornar uma piada entre os colegas, entretanto, ele quase não faltava. Mesmo sem muito envolvimento, ele participou de todas as atividades, inclusive o lançamento do blogue. Sua participação no projeto era uma incógnita para a equipe. Por fim, eu descobri que estava enganada sobre seu interesse pela pesquisa. Desde a primeira abordagem, ele se mostrou disposto a dar entrevista.

Abordei Rafael pelo telefone, um dos poucos corretos na lista de contatos disponibilizada pela equipe do CAPS-Magal, e combinamos de conversar no CAPS para que eu explicasse o que seria feito. No dia marcado, nós conversamos, eu expliquei o que faríamos,

⁸⁴ Bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro que faz divisa com o complexo de Manguinhos.

ele aceitou e optou por ser entrevistado na instituição, mesmo não sendo mais um usuário do CAPS. Ele alegou que sua casa é barulhenta. No dia da entrevista, nos reunimos em uma sala disponibilizada pela equipe. Logo no começo, Rafael se admirou com a quantidade de perguntas. “É isso tudo aí?...São duas? Caralho, é duas páginas”, falou arregalando os olhos. Falo para ele que faríamos em partes e, entre risos, ele aceita. Apesar de sua disposição, Rafael questiona a possibilidade de fazermos a entrevista sem o gravador e pergunta quem ouviria o áudio. Explico que, sem o gravador, é possível, mas seria mais difícil para mim e que apenas eu ouviria os áudios, que seriam transcritos. Apesar da vergonha, ele autoriza e começamos a entrevista.

A conversa é tranquila e ele é muito bem-humorado, ri de coisas que fala, não se altera ao longo do processo, não se emociona durante as falas. Ele é extremamente objetivo, em geral fala com frases curtas ou até mesmo uma única palavra, tem dificuldade de se expressar verbalmente, inclusive chegando a falar “eu não gosto de falar sobre mim mesmo”. Em vários pontos, preciso instigá-lo para falar e, ainda assim, ele é sucinto e de respostas curtas. Apesar disso, ele não mostra resistência para falar de nenhum tema.

Ele tem dificuldade de pensar a influência benéfica ou maléfica de variados fatores sobre seu tratamento, o blogue se inclui entre esses fatores. Percebo que ele também tem dificuldade de interpretar alguns assuntos, mas quando instigado, algumas temáticas importantes, como o preconceito, religião e família, estão presentes na sua fala. Durante sua participação no projeto, ele se furtou de falar das próprias vivências, então, apesar dos poucos detalhes, a entrevista foi uma oportunidade de finalmente conhecê-lo, de ouvir as histórias que ele guardou para si.

“Foi legal, gostei, quando chegava assim ‘aí, pronto pra você, pode ler’ [risos]... Eu ficava feliz, conseguir fazer um negócio difícil assim dá uma alegria né?”.

Rafael Nasceu no bairro do Jacaré, porém, aos nove anos, a separação dos pais dividiu a família: o pai continuou ali, ele, a mãe e irmão se mudaram para o Complexo de Manguinhos:

“Na minha infância eu morava com meu pai e com a minha mãe, aí com nove anos eu fui para o Manguinhos, fiquei morando com meu pai e minha mãe ainda, mas logo eles se separaram. Eu morava com meu irmão também, mas eles se separaram, meu pai foi morar no Jacaré e eu fiquei morando com a minha mãe e meu irmão.”

Mesmo fazendo divisa com Manguinhos, após sua mudança, Rafael conta que ficou anos sem voltar ao Jacaré e ver seu pai. Ele explica que acabou gostando mesmo de

Manguinhos. “Sei que eu era pequeno ainda, fiquei uns três, quatro anos sem ver meu pai, meu pai morava no Jacaré... fiquei três quatro anos sem ir no Jacaré pra nada, nem pra comprar uma bala... Pra nada. Eu gostei mais do Manguinhos”.

Em Manguinhos, ele constituiu seus grupos de amizade e circulava pelas comunidades do Complexo. “Coisa de criança né?”. Apesar das brincadeiras na rua, ele conta que era uma criança caseira, que saía mais aos fins de semana.

“...eu fiquei mais lá no Manguinhos, nasci [cresci] no Manguinhos, jogava bola com meus colegas, brincava, é isso. Jogava bola, brincava com eles, mal saía quando eu saía, minha mãe deixava eu sair só sábado e domingo, não saía muito, era da escola para casa, da casa para escola.”

Ele conta que gostava de estudar, mas também era bem bagunceiro. Sua diversão não estava nas telas, mas sim nas ruas da comunidade, por onde brincava com seus amigos do bairro. “Ah, eu brincava, brincava de pique-esconde, de pique-pega, sabe, guerra de saquinho de água, jogava bola com eles lá no campo. Lá no Manguinhos tem três campos, eu ficava lá no society⁸⁵ jogando bola. Aí nós ficávamos lá brincando”.

Além do futebol e das brincadeiras de rua, Rafael gostava dos bares e bailes do Complexo de Manguinhos, que ele começou a frequentar cedo. “Eu comecei a ir pra bar eu tinha doze, treze anos [pausa] aí eu ficava por aqui mesmo, não ia pra lugar muito longe não, ia pro Mandela, Arará⁸⁶, curtir os bailes de lá, Manguinhos”.

Aos 14 anos, no primeiro ano do ensino médio, ele parou de estudar para procurar um emprego.

“Eu parei de estudar quando tinha uns quatorze anos. Eu estudava lá no Guanabara⁸⁷, eu fazia projeto no Guanabara, de dois anos em um, eu fiz quatro anos em dois anos, aí do Guanabara, quando acabou eu fui fiquei estudando lá no Clóvis⁸⁸... Ah, achei melhor, não estava me sentindo bem estudando não, preferia trabalhar do que estudar.”

Mesmo com muitas brincadeiras e amigos, frequentando a escola, brincando nas ruas, andando de bicicleta, indo a bares e bailes, enquanto um menino morador de favela, Rafael não ficou imune à violência. Na rua ou dentro de casa, ela acabou chegando até ele, que lista

⁸⁵ É como **Rafael** chama o campo de futebol de Manguinhos.

⁸⁶ Favelas do Complexo de Manguinhos.

⁸⁷ Escola Municipal Estado da Guanabara, localizada no bairro de Higienópolis.

⁸⁸ Colégio Estadual Professor Clovis Monteiro, localizado no bairro de Higienópolis.

algumas dessas experiências violentas. Na primeira delas, quando Rafael ainda era criança, seu irmão foi preso por um roubo em shopping. Com cerca de dez anos de idade, ele passou pela experiência de ter a casa invadida durante uma operação policial enquanto estava sozinho em casa. “Às vezes, tinha operação no Manguinhos, uma vez os canas [policiais] quebrou tudo lá embaixo da minha casa, eu sozinho, acordei muito assustado, não tinha minha mãe, não tinha ninguém ali, eu sozinho dentro de casa, eu ficava com medo, criança né?”.

Ele relata ainda que, em outra operação em Manguinhos, os policiais depredaram sua casa e usaram o espaço para agredir suspeitos. “Teve uma vez que eles quebraram o vidro da janela de baixo, porque era assim, tinha uma casa em cima e uma casa em baixo, tinha duas casas lá, eles quebraram tudo, os vidros na porta, aí eles levavam até uns caras lá pra dentro pra ficar batendo neles”.

Seu último relato é sobre um episódio em que ele foi abordado por policiais dentro de casa e o espaço foi revistado.

“Teve uma vez que eu botei a cara assim, aí eles falaram ‘desce aqui’, aí eu descí, morava dois caras lá também, mas eles não estavam lá não, aí ele ‘mora alguém aqui?’, eu falei ‘mora dois caras aí, não sei se é bandido, se é trabalhador, não sei de nada não’, aí eles falaram ‘então pode subir que a gente vai vasculhar aqui e vai embora’, aí eu subi e depois eles foram embora.”

Rafael finaliza seus relatos explicando que, para moradores de favela, a presença da polícia e o desrespeito por parte de seus agentes são frequentes. “Na favela, sempre era comum, eles entram sem respeitar ninguém”, explica ele.

Apesar desses episódios, Rafael, como milhares de outros meninos crescendo em uma favela, seguiu com sua rotina e hábitos de criança e adolescente. Porém, aos 16 anos, quando teve início seu processo de sofrimento mental, sua vida passou por mudanças bruscas. A família já havia passado por situação semelhante antes, já que seu irmão também passou por um processo de sofrimento mental. Seu irmão chegou a ser internado em uma instituição psiquiátrica. “Meu irmão ele foi pro hospício porque ele ficou meio maluco, né, na minha família já tinha isso já”.

Ele conta que, em torno dos 16 anos, ele começou a ouvir vozes e sentir um enrijecimento do corpo. “Eu acho que foi com 16 anos, comecei, já fiquei ouvindo vozes. Daí eu comecei a ir pra igreja, fiquei com meu corpo travado, não conseguia mover meu corpo, não sei por que, não sei se era bagulho de macumba, aí eu conheci o pessoal daqui do CAPS”. Essa

ida para o CAPS demorou cerca de um ano. “Fiquei um ano aí na [Pausa para pensar] sem saber o que fazer”.

Rafael conta que as vozes que ecoavam em sua cabeça faziam principalmente ameaças “fala que eu vou morrer, fala que os caras vai me pegar”. Antes de contar para sua mãe o que estava sentindo, ele procurou ajuda em outras pessoas, incluindo em uma igreja evangélica. Antes de encontrar apoio, ele encontrou julgamentos e foi chamado de maluco. “Eu tentei procurar ajuda, antes de eu falar pra minha mãe, fui na igreja como eu já falei né, ou perguntava os outros o que estava acontecendo comigo, falavam que eu estava ficando maluco, estava ouvindo vozes”.

Na igreja foi onde ele teve um primeiro acolhimento, inclusive em suas visitas ao local ele ganhou da pastora uma Bíblia.

“Eu procurei ajuda, eu não sabia o que fazer, eu procurei alguma forma, só falei com a minha mãe isso depois, depois. Minha mãe sabe contar bem, mas eu só falei isso depois com ela, aí eu fui para igreja, lá no Jacaré, aí a pastora me orou... pela minha cara, ela viu que eu estava cansado já, tudo que eu fazia não valia a pena, pela minha cara, ela percebeu que eu estava cansado, aí ela orou, eu falei meus problemas para ela, eu ficava com minha cabeça balançando para lá e pra cá, bagulho sinistro mesmo.”

Mesmo buscado ajuda profissional algum tempo depois, ele acredita que, naquele momento, a igreja o deu apoio. “Ajudou sim, a igreja sempre ajuda a quem precisa”.

Apesar de ter parado os estudos para entrar no mercado de trabalho, ele nunca conseguiu um emprego formal com carteira assinada. No momento de seus primeiros sintomas, Rafael trabalhava como lavador de carros. “Trabalhar eu nunca trabalhei não, mas eu queria trabalhar. Teve uma época que eu estava mal, trabalhei ali perto da Varginha⁸⁹, na entrada, de limpar carro, trabalhei ali... foi quando começou a minha crise, mas eu trabalhei”.

Ele conta que, em função de sua piora, ele precisou abandonar o trabalho. “Eu parei. Eu não sabia como agir, precisava de ajuda, minha mãe foi a única que me ajudou”. De um jovem sociável, que ia a bailes e encontrava os amigos com frequência, ele foi se transformando em um adolescente isolado e caseiro. Ele também parou de jogar futebol. “Minha adolescência era o mesmo pique de criança, na minha adolescência ficava com os moleques, pegava, na adolescência eu ficava mais tranquilo. Aí eu parei de jogar bola por causa desses problemas aí”.

⁸⁹ Comunidade da Varginha é uma das favelas que compõem o Complexo de Manguinhos. Fica localizada ao longo da Avenida Leopoldo de Bulhões, onde ficam localizados vários lava-jatos improvisados.

Rafael conta que seus relacionamentos amorosos também foram prejudicados, já que, nesse período, ele passou de dois a três anos sem se relacionar com mulheres.

Essas mudanças de comportamento foram os sinais de alerta que levaram sua mãe a perceber que algo estranho estava acontecendo com ele.

“Minha mãe falou que, quando eu comecei a ficar mais dentro de casa, ela perguntava para mim ‘vai sair não?’ eu falava ‘não, vou ficar dentro de casa mesmo’. Foi daí que ela percebeu mesmo que eu estava com problema. Eu sou um moleque divertido, eu saía, ia para baile, chamava meus amigos para beber, daí quando ela percebeu isso, ela viu que eu estava com problema mesmo.”

Apesar dessas mudanças, ele afirma que sua relação com a mãe continuou igual. Rafael conta que, em todo seu processo de sofrimento, a mãe foi quem mais o apoiou e ajudou a procurar tratamento. “Ela me ajudou muito... Me incentivou muito. Às vezes, eu queria ajuda, mas eu não queria ajuda, aí ela falava ‘eu estou tentando te ajudar, mas você não quer ajuda’, aí depois eu ‘não, eu quero ajuda sim’, eu falei, ‘quero ajuda’”.

Rafael ainda procura explicações para o que passou. “Até hoje eu não entendo como isso aconteceu, até hoje eu não entendo. Foi do nada, do nada mesmo. Até hoje eu não entendo”. Ele conta que, por conta de seu irmão já ter sido internado, ele tinha medo de que o mesmo ocorresse com ele. “Eu fiquei com medo de ser internado, minha mãe querendo me internar na minha crise que eu ficava, porque meu irmão já foi internado, aí eu fiquei com medo de ser internado também, a qualquer momento podia ser”.

Rafael nunca passou por internações ou atendimentos em hospitais psiquiátricos. Para ele, o principal sinal de que precisava de ajuda foi o enrijecimento de seu corpo e perda de memória. “Quando eu não conseguia mover meu corpo, o bagulho estava acontecendo... Eu ficava esquecendo das coisas também, eu esquecia das coisas”. Foi assim que ele procurou tratamento no CAPS-Magal.

11.4.1 A chegada ao CAPS-Magal

Rafael chegou ao CAPS-Magal logo após sua abertura, em 2016. Com bom humor, ele ri ao contar que, ainda muito jovem, foi um dos primeiros usuários da instituição.

“Bom, minha mãe me levou lá perto do complexo, aí do complexo falou que ia começar aqui no Manguinhos, eu fui o primeiro garoto aqui no CAPS... Eu fui o primeiro, eu que inaugurei [risos], aí minha mãe ‘mas lá no

Manguinhos?’, aí eu ‘lá no CAPS’. Aí nós chegamos aqui, a faxineira estava limpando aqui, daí tudo começou.”

Antes de sua chegada ao CAPS-Magal, Rafael não havia passado por nenhum tratamento, recebido atendimento e nem sido medicado. Seu irmão, que já havia recebido tratamento mental, não havia passado pelo CAPS-Magal, já que a instituição era recém-inaugurada. O desconhecimento de Rafael sobre o CAPS e suas experiências anteriores com o sofrimento do irmão geraram nele o medo de que estivesse indo para ser internado.

“Eu pensava que aqui que eu ia ser internado no CAPS, aí depois foram explicando que o CAPS não era isso, era bagulho de tratamento, aí eu fui entendendo, eu não sabia como era o CAPS... Fiquei com medo de ser internado. Depois que os médicos foram me explicando, aí eu fui entendendo, ‘não é isso, o CAPS é um lugar de tratamento, aqui nós vamos te ajudar, vamos fazer isso e isso’”.

Ele conta que sua primeira impressão do CAPS-Magal foi positiva e, apesar de não se lembrar de nomes, ele ainda recorda da profissional que o recebeu.

“Ah, foi boa, me receberam muito bem, era até uma moreninha baixinha, não sei o nome dela, ela me recebeu, me mostrou o CAPS como era. Hoje em dia ela nem tá aí mais, era uma médica, era mulher, aí ela falou, me explicou, disse pra eu tomar remédio que ia me fazer bem.”

Foi assim, com informação e acolhimento, que ele se tranquilizou.

Mesmo com uma recepção boa, em um primeiro momento, Rafael foi resistente a tomar medicação. Ele não achava de todo ruim, mas afirma que não gostava. “Antes eu não queria tomar remédio não, não queria tomar, minha mãe falava ‘toma remédio que vai melhorar’, mas eu não gostava não”. Apesar de sua resistência, Rafael começou a tomar medicação e sentiu que ela estava levando a uma melhora com a diminuição das vozes que ele ouvia. “Eu fui melhorando, eu tomava remédio e via que estava melhorando, diminuía as vozes, aí eu comecei a tomar”.

Nesse momento, Rafael havia se reaproximado do pai, entretanto, não encontrou apoio nele, que não aceitava o tratamento medicamentoso do filho. Sua mãe, que o apoiou durante todo o processo, optou por esconder o tratamento de seu ex-marido.

“Minha mãe não gostava de falar isso com meu pai não, ele sabia, no começo ele não gostava que eu tomava remédio, ele falava que eu ficava meio lerdo,

aí minha mãe resolveu não falar pra ele mais que eu estava fazendo tratamento, que eu estava tomando remédio, meu pai não gostava não.”

Indo além da medicação, Rafael passou a participar de diversas atividades oferecidas pelo CAPS-Magal naquele momento, entre elas a oficina de culinária. “Eu acho que eu vinha uma ou duas vezes aqui, eu acho. Eu fazia atividade aqui, pintava, jogava dama, dominó. Eu fazia também comida, empadinha, depois eu parei, eles tiraram”.

Apesar da boa relação com os demais usuários do CAPS-Magal, ele explica que não chegou a fazer amizades na instituição. “Fui falando normal assim, no dia a dia, só bom dia, tudo bem, tranquilo, sim ou não... Não fiz amizades muito não, de vez em quando alguém falava comigo, ‘valeu, é nós’, ‘valeu, também é nós’, mas amizade, amizade mesmo, eu nunca fiz mesmo não”.

Fora do CAPS, em um momento inicial, Rafael contou para os seus amigos que frequentava o CAPS-Magal e tomava medicação, mas com as piadas que vieram disso, ele optou por esconder o seu tratamento dos amigos.

“No começo sim, mas depois eu falei que eu tinha saído, que não estava tomando mais remédio, porque eu não gosto, bagulho é zuação... Aí eu falei que parei de tomar remédio, que não vou mais em nada. O tratamento eles não sabiam que eu fazia não, mas sabiam que eu tomava remédio... É, eu escondi, porque depois, é, o bagulho é jovem, né? Sempre tem uma zuação. Aí eu preferi falar isso mesmo, que eu não estava tomando mais remédio.”

Os comentários jocosos por parte dos amigos acabaram por produzir em Rafael um sentimento de solidão. “Eu sentia que estava ficando sozinho no mundo, estava ficando sozinho, ninguém me apoiando, ninguém queria saber não”.

Foi nesse momento de sua vida que Rafael começou a participar do projeto “Eu quero entrar na rede”.

11.4.2 Entrada no Projeto

Rafael relembra que entrou para o projeto “Eu quero entrar na rede” dois anos depois de chegar no CAPS-Magal. Ele foi convidado a participar do projeto por Camilo. Ele assume entre risos que inicialmente se interessou unicamente pela bolsa. “Eu não tinha me interessado, mas depois que ele falou dos cem reais eu me interessei [risos]”. Ele conta que sua expectativa era de que as atividades seriam muito chatas. “Ah, sei lá, ter que ficar escrevendo, ficar lendo, eu não gosto de ficar escrevendo e lendo muito não. Gosto de ler, mas muito não”. Ele explica

que gosta de ler unicamente publicações que recebe em seu celular, postagens em redes sociais, que tratam de coisas do dia a dia.

Rafael relembra que, após as primeiras atividades, ele começou a gostar do projeto, mas, ainda assim, ri ao contar que seu foco continuou sendo a bolsa. “Depois eu gostei, fui gostando, fui gostando depois... O que me chamou atenção foi o dinheiro mesmo [risos]”. Ele conta que o dinheiro era usado para comprar coisas que ele desejava e não era a sua forma de sustento.

“Comprava uns bagulhos para mim, meus negócios, às vezes quando acabava meu perfume, eu comprava um perfume, um perfume barato, porque com cem reais não dá pra comprar perfume caro [risos], um perfume barato, comprava um lanche, uma pizza, um hambúrguer.”

Além da bolsa, para ele, foi bom o momento inicial de conhecer novas pessoas, já que mesmo fazendo tratamento na mesma instituição, ele só conhecia um dos participantes do projeto. “Ah, legal, gostei. Conheci meus colegas, foi maneiro”. Ele define como positiva a experiência de conviver e conversar com os colegas de projeto. “Foi legal, não sei dizer, mas eu gostei, gostei, gostei mesmo. Nós conversava, trocava uns papos, foi bom”.

Apesar da satisfação em trocar ideias com os colegas, para ele, não houve nada fácil durante o projeto. “Acho que não teve não. Achei tudo difícil”. Ele destaca que sua maior dificuldade foi ter que falar de si mesmo. “Ah, falar de mim é sempre difícil. Eu não gosto de ficar falando muito de mim não... eu acho difícil, não gosto não” explica ele.

Ao longo do projeto, a bolsa continuou sendo o seu incentivo para continuar. “O dinheiro, o incentivo foi o dinheiro pra continuar ganhando todo mês cem reais, agora se começar agora o blogue podia ser duzentos reais, quero uma nota de duzentos reais, juro [risos]” se diverte ele. Entretanto, ele é evasivo ao falar dos demais assuntos relativos ao projeto.

Apesar das dificuldades, ele afirma que o melhor dia no LaISS foi o encontro no qual os participantes assistiram ao filme “Nise – O coração da loucura”. Em casa, ele costumava ver filmes e assistir televisão, então o audiovisual, principalmente o cinema, era algo ao qual ele estava habituado. “Foi no dia da pipoca, agora que eu estou lembrando, da pipoca, do filme, lembra que a gente assistiu um filme?... É, da Glória Pires. Foi maneiro esse dia... Nos distraiu, vimos filme, comemos uma pipoquinha, nos distraiu, pra mim foi o melhor dia esse dia aí”. Rafael explica que, apesar das cenas que se passavam em um hospital psiquiátrico, ele gostou muito e se identificou com a história, que, sem o CAPS, poderia ter sido a sua. Mesmo sobre esse tema mais delicado, ele fala rindo.

“Ah, foi muito forte o filme, eu vi o cara todo cagado [risos]... A mulher vinha limpando ele, bagulho maior nojo... Gostei... Gosto mais de ver filme de ação, aquele filme não era de ação, mas eu gostei. Falava muito da realidade, né? Dos malucos... Um pouco eu me identifiquei mesmo, um pouco porque eu quase fiquei assim, podia ter sido internado também, né? Podia ter sido internado.”

Aos poucos, ele se recorda de outras experiências que o marcaram: um passeio pela Fiocruz em que os usuários visitaram a exposição temporária Cidade Acessível, do Museu da Vida, da Fiocruz. “Teve o dia do passeio lá na Fiocruz que nós levamos um biscoitinho, teve esse dia ainda, estou me lembrando aos poucos... foi legal, nós conhecemos aquele bagulho dos deficientes né? É, esse bagulho aí. Nós conhecemos como é ser deficiente, como é difícil ser deficiente né, é muito difícil”. A partir dessas lembranças, ele entende que o que mais gostou foi conhecer coisas novas.

Naquele período, Rafael morava com sua mãe e, não se recorda com certeza, mas acredita que naquele período ele ia ao CAPS-Magal de duas a três vezes por semana para fazer atividades de pintura, desenho e culinária. Essa era sua principal atividade durante a semana, porém, aos fins de semana, saía para beber e encontrar os colegas nos bailes e bares.

Ele ainda estava em processo de recuperação de sua crise e acha que o fato de não estar totalmente bem quando participou do projeto pode ter afetado seu desempenho nas atividades. “Minha vida estava meio mexida ainda, eu estava me recuperando, minha memória não estava boa ainda, estava meio apagada das coisas, lembrava muito com dificuldade ainda, mas estava melhorando”.

Durante o projeto, Rafael continuava fazendo uso de medicação. Ele explica que, durante a realização do projeto, a medicação começou a ter efeitos positivos. “No começo [do tratamento] não fazia muito efeito não, não sei se porque estava começando ainda, mas depois, com o tempo, foi melhorando”. Ele sente que ela não o atrapalhava na realização das atividades propostas. “Quando eu tomava remédio eu me sentia bem, muito bem, minha barriga diminuía, meu corpo ficava melhor”.

Durante o projeto, ele continuou a se exercitar jogando futebol uma vez por semana com o grupo dos profissionais e usuários do CAPS-Magal. “Jogava, eu era mais magrinho, não era tão gordo” e ri de si mesmo.

11.4.3 Resultados do Projeto

Rafael sente que, mesmo não tendo contato com os colegas após o fim do projeto, as experiências que viveram juntos de alguma forma os aproximaram e ele lembra de um dos colegas. “Acho que sim, o Juliano, ele era tranquilão ele, nunca mais vi ele... Dentre os nove ali, eu gostei mais dele”.

Mesmo tendo conseguido superar algumas dificuldades, ele não acredita que sua participação no projeto trouxe mudanças para sua vida. “Não teve diferença nenhuma não. Foi um pouco difícil, mas, na minha vida, não teve muita diferença não, foi difícil, mas eu consegui”. Para ele, o projeto “Não atrapalhou nem ajudou” e ficou tudo a mesma coisa. Apesar disso, ele se recorda da alegria que sentia nos momentos em que conseguia superar alguma dificuldade. “Foi legal, gostei, quando chegava assim ‘aí pronto pra você, pode ler’ (risos)... Eu ficava feliz, conseguir fazer um negócio difícil assim dá uma alegria né?”.

Mesmo afirmando que ele aumentou suas habilidades para manuseio das NTICs naquele momento, Rafael acha que a participação no projeto não teve repercussão em sua vida pessoal e profissional. “Aprendi a mexer mais no computador. Aprendi, mas agora já esqueci tudo de novo [risos]”. Ele tem o mesmo entendimento sobre seu tratamento. Para ele, continuou tudo a mesma coisa, inclusive a relação com outros usuários e profissionais do CAPS-Magal. “Tudo normal”, afirma ele.

Rafael conta que, após o blogue, a pandemia mudou sua rotina. Ele precisou novamente abandonar o futebol. “Eu parei de jogar bola, começou a pandemia, aqui parou tudo, parei de jogar bola”. Outra mudança foi que, algum tempo depois, cerca de um ano e meio a dois anos atrás, ele deixou de ser usuário do CAPS-Magal e seu tratamento passou a ser feito na Clínica da Família Victor Valla⁹⁰, localizada a poucos metros do CAPS-Magal.

11.4.4 Sua relação com as NTICs

Foi em um cursinho de informática em Bonsucesso, ainda quando criança, que Rafael aprendeu informática, mas ele não se recorda de muitos detalhes sobre essa experiência, como o período de duração ou o que aprendeu lá. “Eu já fiz [curso de informática], mas há muito tempo, eu era criança, muito tempo mesmo. Informática”.

⁹⁰ Disponível em: <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/clinica-da-familia-victor-valla>.

Rafael conta que, durante sua participação no projeto, ele tinha um aparelho de celular que ele utilizava principalmente para acessar redes sociais. “Ah, pra ficar conversando com as mulheres [ri envergonhado] no zap [*WhatsApp*], face [*Facebook*]”. Ele explica que chegou a ter um computador, que ele usava para ouvir música, mas a máquina estava ruim e logo estragou. Ele já tinha internet em casa, de um modem. “Antes que tinha computador, mas eu usava mais o celular, eu usava o computador mais pra ficar ouvindo música mesmo. Pra ficar mexendo no face [*Facebook*], esses bagulho, eu usava mais o celular mesmo”.

Hoje sua casa tem internet *wifi*, ele tem um aparelho de celular e, por esse dispositivo, ele acessa redes sociais e ouve música. “Eu uso celular direto lá em casa, o que eu fico mais é mexendo no celular, *Twitter*... Eu só não tenho *Instagram*, mas eu tenho face [*Facebook*], tenho zap [*WhatsApp*], tenho *Twitter*... Eu vejo mais os conteúdos que passam, no *Twitter*, tem muita mulher [risos]”, ele se diverte ao contar. Rafael afirma que, nessas redes, além de conversar com pessoas que já conhecia, ele também conhece pessoas novas. Para ele, cada rede tem uma funcionalidade diferente. “No *Twitter*, eu vejo mais as fotos, agora no face [*Facebook*] e no zap [*WhatsApp*] eu converso mais”.

Rafael explica que gosta de ouvir as músicas do momento, principalmente funks e pagodes. Ele escuta músicas na rua e usa a internet para procurá-las e escutá-las. “Às vezes, eu escuto na rua aí eu pergunto ‘quem é que canta essa música?’, procuro lá e escuto”. Ele lista artistas que gosta de ouvir, como Oruam, Mc Cabelinho e Iluminados, artista de RAP, em sua maioria de favelas do Rio de Janeiro. Ele me pergunta se conheço esses artistas. Ele então canta um trecho da música “Filho do dono”, dos Rappers Oruam e Mc Cabelinho⁹¹. “Não conhece? ‘Não tenho medo, eu sou filho do dono, maior responsa de sujeito homem’”. Quando respondo que não, ele faz piada de mim “está desinformada então... É a música do momento” e ri.

11.4.5 Hoje em dia

Rafael acredita que não houve mudanças significativas em sua vida desde o fim do projeto. “Mudou nada não. É tudo a mesma coisa”. Ele continua morando com sua mãe, segue sem trabalhar, vai a bailes e sai com seus amigos. “O baile do momento por aqui é choperia, aí a gente vai pra choperia, compra whisky, cerva, nós dividimos, eu e meus colegas” explica sobre as dinâmicas das noites de Manguinhos. Apesar da relação próxima com os amigos, eles continuam a não saber que ele faz um tratamento mental. “Até hoje eles pensam que eu já parei

⁹¹ Disponível em: <https://youtu.be/dUC7TBmzrL4>.

de tomar remédio... Eles não sabem”. Rafael explica que, hoje, os amigos não caçoam mais de sua saúde mental. “Agora eles não zoam mais tanto não, só por causa do meu peso, estou gordo, tenho que emagrecer”, afirma.

Mesmo acreditando que não houve mudanças, Rafael observa que houve alterações em sua rotina, tratamento e relações sociais. Um exemplo é a relação com sua família. Ele relata que hoje recebe mais suporte de seus familiares e não se sente mais sozinho.

“Agora não, tenho a minha mãe, tenho meu pai, tenho minha família, agora eles me apoiam, minha mãe sempre me apoiou, mas agora que eles viram que eu estou melhorando, estão me apoiando mais... tem que ter um apoio ali, sem ajuda, ninguém vai a lugar nenhum.”

Nas suas relações amorosas, também houve mudanças. Apesar de não ter tido relacionamentos longos, Rafael superou o medo e voltou a se relacionar com mulheres. “Fiquei com uma mulher aí, no mês passado eu fiquei com outra mulher... Eu não sou muito de ficar pegando mulher não, eu fico com umas ali, outras aqui, sou pegador não”. Isso era algo que ele não conseguia fazer no momento mais crítico de seu sofrimento mental. Rafael ri ao explicar por que evitou se relacionar afetivamente durante sua crise. “Voltei. Antigamente eu tinha medo de ficar com mulher, com meus problemas, meu corpo travado, eu ficava ouvindo vozes. Não é a mesma coisa tu ficar com a mulher entre quatro paredes e ficar ouvindo vozes, entendeu, não tem como. [risos]”

Rafael conta que chegou a frequentar a igreja, mas hoje não vai mais com frequência. Entretanto, ele ainda guarda a Bíblia que ganhou da pastora que o ajudou no momento de sua primeira crise. “A mulher até deu uma Bíblia pra mim, pra eu ficar trazendo, aquela Bíblia está lá em casa até hoje. Eu vou na igreja pra receber uma oração, mas tem tempo que eu não vou pra igreja já, mas eu ia. Firme, firme eu nunca fiquei na igreja, mas eu ia”, explica.

Depois da pandemia, Rafael voltou a jogar futebol duas vezes por semana. “É, eu estou doído pra jogar uma bolinha... Eu me esforço também, não sou craque não, mas eu me esforço, eu me viro bem”. Ele também incluiu em sua rotina de exercícios e aulas de hidroginástica. “Amanhã eu faço hidro também, sabe o que é hidro né? Massagem, dentro da água. Eu faço de manhã e jogo bola de noite” explica. Bem-humorado, ele conta que até perdeu peso. “Agora eu perdi uns quilos mais, estou com cento e vinte e cinco, estava com cento e trinta [risos]”. Para Rafael, exercitar-se é uma forma de manter a cabeça ocupada, o que o ajuda muito em sua vida no geral, já que sua rotina em casa é mais ociosa. Entretanto, ele não acredita que isso repercuta em seu tratamento.

“Pro tratamento, não. Praticamente, o meu tratamento já acabou, eu estou tomando remédio dentro de casa, não venho mais para cá, minha mãe que vem aqui para pegar a receita e para pegar o remédio. Para minha vida, eu acho bom para ocupar minha mente, não fico parado o tempo todo. Lá em casa eu fico mais deitado vendo televisão, no meu quarto tem televisão, tem videogame, *Playstation* quatro.”

Ele também gosta de ver filmes, mas explica que suas idas ao cinema ficam condicionadas à sua condição financeira. “Às vezes, quando eu estou com dinheiro eu vou pro cinema, no shopping, vejo um filme, como pipoca, um guaraná”.

Rafael continua tendo o acompanhamento na Clínica da Família Victor Valla. “Agora eu estou indo mais na clínica da família, dia 30 agora, mês que vem, vai ter atendimento ali pra mim... tá marcado pra eu ir lá. Aí eles falam o que eu tenho, se estou precisando tomar mais remédio”. Ele explica que, em função dos profissionais do CAPS-Magal terem muito conhecimento sobre seu caso, ainda hoje os médicos da clínica da família mantêm contato com o CAPS-Magal e recorrem a eles para pedirem informações, formando uma rede de troca e suporte. “Os médicos daqui já sabem tudo que eu tinha, eles vêm pra cá pra se informar, se informam tudo aqui, aí os médicos daqui informam os médicos dali, já estão todos ligados em mim [risos], já sabem tudo”.

Rafael continua a receber medicação na mesma dosagem. “A mesma coisa”. Ele conta que, segundo seu médico, em um futuro próximo pode haver uma diminuição. “O médico falou que, de repente, eu tomo só de noite, mas agora não, de repente eu posso tomar só de noite, só de tarde... mas agora não”.

Rafael se sente muito melhor e sua relação com a medicação também é mais tranquila do que quando começou a tomá-la. “Melhorou muito, não tem mais peso no corpo, consigo mover meu corpo direito. As vezes eu ouço, só às vezes, mas muito pouco, muito pouco mesmo”. Ele conta que, nas poucas vezes em que ouve vozes, não se amedronta mais. “Elas falam que eu vou morrer, mas todo mundo vai morrer um dia” e ri de seu próprio comentário.

11.4.6 Rafael pelos Olhos dos Profissionais do CAPS

Rodrigo conta que acompanhou Rafael no CAPS-Magal, mesmo sendo o médico psiquiatra responsável pelos usuários moradores da Maré. O usuário chegou à instituição em 2016 e o psiquiatra deu continuidade ao tratamento de Rafael a partir de 2017.

“O Rafael eu me sinto tendo uma participação importante na chegada dele... Rafael tinha uma particularidade, porque todos os pacientes de Manguinhos, quando chegou o outro médico, eu passei os pacientes de Manguinhos todos por conta dessa divisão de área que a gente tinha, mas principalmente a mãe do Rafael não se adaptou [risos] e acabou que ele continuou sendo acompanhado por mim, mas ele era acompanhado por mim com a referência também da equipe de Manguinhos.”

O psiquiatra afirma que, quando encontrou Rafael no CAPS-Magal, o usuário já havia se estabilizado, entretanto o maior desafio com relação a Rafael era fazer com que ele se movimentasse, já que ele era mais “paradão”.

“Ele nunca se desorganizou, tinha uma relação com a mãe que era muito norteadora pra ele, mas também muito castradora. Mas ele era muito difícil até por conta de ser muito travado... eu nunca vi ele desorganizado, sempre naquela, a dificuldade era botar ele para fazer algum movimento.”

Rodrigo explica que a indicação de Rafael para o projeto se deu principalmente em função do esgotamento de alternativas dentro do CAPS-Magal, posto sua dificuldade em se ver como usuário do CAPS e aceitar participar de outras atividades. “O Rafael foi um investimento muito grande que eu fiz pra ele estar lá”. Outro ponto que influenciou a sua indicação foi a necessidade de melhorar sua socialização. Em menor grau, as NTICs também influenciaram essa escolha.

“Acho que ele tinha muita resistência em estar no espaço do CAPS com uma questão da estigmatização, eu acho que era difícil para ele se aceitar enquanto usuário da saúde mental, e esse espaço externo foi uma, eu achava importante que ele tivesse uma participação em algum espaço grupal, em alguma socialização. A vida dele estava muito restrita, isso foi uma oportunidade boa, a questão da informática, o computador foi um chamariz que ajudou essa chegada, mas eu acho que a seleção dele foi muito como um movimento diferente numa clínica que estava emperrada ali.”

Rodrigo conta que acompanhou, da forma como era possível, a participação de Rafael no projeto, entretanto, o usuário falava pouco sobre a experiência e o profissional acredita que ele tenha tido pouco envolvimento.

“...durante o projeto acho que eu ia tendo notícias, mas ele trazia muito pouco, acho até que ele gostou da participação, mas eu tentei ir provocando outras coisas a partir daí, mas eu não sinto que ele tenha levado muito pra frente.”

No entanto, Rodrigo acredita que o projeto ajudou a contornar algumas limitações que o tratamento de Rafael tinha naquele momento. “Acho que por dificuldades nossas, da equipe também, de conversar, de pensar em outros projetos aí, o tratamento dele estava muito esvaziado e eu acho esse projeto ajudou a dar uma mobilizada.”

No campo social, Rodrigo entende que o projeto possibilitou a Rafael uma maior abertura para se comunicar, já que conviver em espaços coletivos é, para o profissional, uma provocação nesse sentido.

“Eu acho que essa participação teve um impacto importante nisso nele, isso eu acho que foi uma mudança que eu percebi sim, não para pior não, em termos de sociabilidade, de falar um pouquinho mais do que ele falava antes. Eu acho que teve algum impacto positivo nesse sentido sim, muito pela questão da socialização mesmo, por mais que não apareça muito, estar num ambiente com os outros já provoca a gente de alguma maneira.”

Apesar de enxergar que a participação de Rafael no projeto teve pontos positivos, como a oportunidade para que ele pudesse ter uma experiência coletiva, o profissional acredita que o projeto não tenha reverberado de forma significativa na vida de Rafael após a finalização do projeto. “Eu acho que durante ali foi bom, foi importante essa participação, ele estar nesse grupo, eu acho que era pouca chance que ele tinha de estar em grupo também, mas eu não vi muito impacto não, no pós, dele conseguir fazer uma coisa com isso depois”.

11.5 TADEU – O CUIDADO QUE EMANA DA COMUNIDADE

Quando perguntado qual cor ou raça se considera, Tadeu, morador de Manguinhos de 32 anos, começa a refletir e rir sobre o assunto. “Ai, meu Deus. Eu não me considero. Sei lá, acho que é pardo, eu acho. Eu não sou preto, eu não sou branco, não sou amarelo, não sou verde, não sou azul”. É assim, entre piadas, que ele se define e conta sua história.

Tadeu tem riso solto, fala fluida e facilidade para aprender. Encontrar-se com ele é em geral sinônimo de boa conversa e risadas, seja fruto de suas piadas bobas, dos comentários engraçados ou das risadas que ele dá de si mesmo. Ele é um piadista. Quando está bem, o riso, a descontração e a música são sua forma de lidar com o mundo. Tadeu aprendeu a tocar flauta em um projeto social na Maré e traz isso para sua vida até hoje. Ele também gosta de desenhos japoneses, os *animes*, e jogos virtuais, fala deles constantemente. Além de seus gostos e piadas, ele também tem como marca uma certa impaciência. Ele faz as coisas com rapidez. Mal chegou e já quer ir.

Essas características deram o tom de sua participação no projeto e, também, às suas entrevistas para esta tese. Foram ao todo três encontros de em média meia hora, já que, apesar do muito riso, ele logo ficava impaciente e pedia para continuarmos outro dia. Cada uma foi feita em um espaço diferente: a primeira sala da equipe do CAPS-Magal, a segunda na sala de acolhimento do CAPS e a última delas num banco em frente à instituição.

Outro ponto que marcou nossas conversas foi sua condição socioeconômica. Naquele momento, Tadeu estava desempregado. Ele vivia da ajuda de amigos, vizinhos e familiares, além das refeições que fazia gratuitamente no CAPS-Magal ou na Casa do Trabalhador de Manguinhos⁹². Em mais de uma oportunidade, ele me pediu alguma ajuda pequena. As dinâmicas envolvendo os pedidos de cigarro, chinelo e barrinhas de cereal foram reveladoras da situação econômica de Tadeu naquele momento. Essas últimas se tornaram uma piada corrente, ele dizia que era o “pedágio”. Nos nossos encontros, barrinhas de cereal ao final viraram mais uma forma de conexão, assim como os bolos e o café haviam sido durante as atividades do projeto. Conhecer sua casa foi também uma forma de ampliar a compreensão sobre sua realidade.

Quando fui entrevistar sua amiga Fabiana, ele estava presente e me perguntou se eu gostaria de conhecer sua casa e eu prontamente aceitei. Ele me guiou por Manguinhos. Sua casa fica em um beco. Ela é um imóvel pequeno de dois andares e três cômodos, que ele divide com três cachorros. O banheiro não tem porta nem descarga, o chuveiro pinga em um balde e a porta é uma cortina. A cozinha consiste em um pequeno espaço com uma geladeira. Ele conta que perdeu o fogão em uma enchente. O segundo andar é formado por dois cômodos. Uma sala sem móveis e seu quarto, que conta com um colchão no chão e uma mesa. Falo que a casa é fresca, ele conta que é a única forma possível, pois, as janelas não fecham. Uma frase religiosa escrita na parede fala sobre Jesus e morte.

O *tablet*, cedido pela EPSJV, onde ele cursa o supletivo no horário noturno, é sua única distração, mas, para que a bateria seja carregada, ele precisa ir à casa de Fabiana. É nesse aparelho que ele usa o aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por onde passamos a nos comunicar. No aparelho, ele também ouve música, estuda e assiste vídeos.

Sua casa se mostrou como uma antítese do Tadeu que conhecemos e vimos se desenvolver durante o “Eu quero entrar na rede”. No projeto, ele se tornou uma referência para os colegas e para a equipe. Com habilidades avançadas no uso das NTICs, Tadeu participava

⁹² Dispositivo do Governo do Rio de Janeiro que dá suporte aos trabalhadores e oferece cursos. Em Manguinhos a casa do trabalhador fica localizada próximo ao CAPS-Magal e oferece almoço pra os moradores que necessitam.

ativamente das atividades, terminava com antecedência os exercícios propostos, orientava os colegas, produzia conteúdos extras e, mais de uma vez, foi acionado para solucionar problemas que os demais não sabiam como. Ao final do projeto, surgiu a ideia de uma segunda turma, que acabou não acontecendo, mas, naquele momento, Tadeu foi sugerido como representante dos usuários nas reuniões da equipe. Sua participação no projeto nos mostrou um potencial imenso. Anos depois, me deparar com sua situação de extrema pobreza, trouxe reflexões sobre as realidades precárias e que a desigualdade e a falta de oportunidade podem construir.

Além de sua trajetória de vida e terapêutica, a entrevista com Tadeu permite leituras sobre como diferentes vulnerabilizações podem construir e perpetuar situações de pobreza. Entretanto, a história de Tadeu conta também sobre dinâmicas de organização social na favela, espaço em que, frente ao descaso público, muitas vezes é o coletivo se auto-organiza e é nele que se encontra apoio. Com laços familiares frágeis, Tadeu foi, por vezes, acolhido pelos vizinhos e amigos, por outras abandonado. Sua narrativa também nos permite um outro olhar sobre as NTICs. Em uma casa de janelas emperradas que permitem ver a comunidade e entrar o vento, a chuva e o sol, as redes sociais se estabeleceram como válvula de escape para suas crises e o *tablet* se tornou sua janela para o mundo. Por ele, Tadeu ouve música, joga, fala com as pessoas, estuda inglês. Ele se diverte ao falar com sotaque carregado “*Yes, today I speak english*”, “Sim, hoje eu falo inglês”.

O depoimento de Tadeu nos faz questionar: quais seriam as ferramentas para criar “antidestinos”⁹³ para pessoas vulnerabilizadas socialmente destinadas à miséria, como ele?

“O Blogue foi a terceira vez que eu mexi com computador, negócio de curso, já estava familiarizado. Não é ‘Eu quero entrar na rede não’, já estou dentro da rede... Estava na rede quando encontrei vocês por lá”

“A gente fazia uma coisa diferente do que ficar no CAPS (...) Primeiro que tem acesso à internet, que é o mundo, né? No CAPS era fechado.”

Tadeu nasceu no Rio de Janeiro no bairro da Gamboa, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, ele cresceu em Manguinhos e suas adjacências, em casas humildes. Ele

⁹³ Expressão utilizada por Daiana Ferreira, fundadora do projeto social Ballet de Manguinhos, para definir a importância da arte na vida de crianças vivendo em situação de vulnerabilidade. “Fortalecer através da arte e leitura as trajetórias dessas crianças, adolescentes e jovens como escolha forte para a vida. A dança como elemento de socialização, ampliação dos sentidos, liberdade e cidadania. A arte como antidestino e agente propulsor de novas oportunidades para a vida”. Daiana faleceu em 2021 em consequência da Covid-19. Disponível em: <http://www.balletmanguinhos.com.br/quem-somos/>

fala sobre isso em tom de piada, modulando a voz como se lesse um livro infantil. “Bom, eu nasci, infelizmente, não em berço de ouro, mas em berço humilde, numa manjedoura que não foi, nasci no Hospital Pro Matre no Rio de Janeiro com minha mãe e meu papai, quatro aninhos depois nasceram meu irmão”. Seu pai era catador de latinhas e sua mãe costureira. Em função de dificuldades financeiras, o pai também negociava barracos e casas, o que fez com que a família mudasse de endereço algumas vezes. Por isso, durante a infância, Tadeu morou em várias comunidades do complexo de Mangueiras: Mandela três, onde ficava seu primeiro barraco, Mangueiras, Mandela dois, Mandela um. “Meu pai fazia um barraco, aí trocava o barraco por outra casa mais barata e aí pegava um dinheiro, aí fazia outra casa em outro lugar, trocava e fazia dinheiro”.

Apesar das dificuldades financeiras, Tadeu considera que teve uma boa infância. Seus dias se dividiam entre a escola e o *videogame*, o que já mostrava sua intimidade com as tecnologias. Ele lista os jogos que costumava jogar.

“Eu gostava de ir na casa do meu amiguinho vizinho jogar videogame, eu ia para lá para comer e jogar videogame. Eu ia para escola e jogava videogame, nunca fui de ir para rua para jogar bola, correr, pique-pega, pique-esconde, nunca fui essa criança não, sempre fui uma criança mais caseira... Eu roubava cinquenta centavos da minha mãe todo dia pra ir no fliperama jogar, além de jogar na casa do meu amiguinho, eu jogava no fliperama também... Eu gostava de jogar *Castlevania*, *Metal Slug*, *Chrono Trigger*, e entre outros, *Super Mário World*... Nunca tive videogame, o máximo que eu tive foi aquele de noventa e nove jogos, o *minigame*... Tinha o jogo do carrinho, da cobrinha, do montamonta.”

Tadeu conta que algumas das surras que levou nessa época foram em função de roubar moedas da mãe para ir ao fliperama. Dentre suas memórias mais felizes, está uma ida ao circo, da qual ele recorda de vários detalhes. “Foi legal, eu vi o Beto Carreiro se teletransportando lá pra trás, e os mágicos, os palhaços, os trapezistas, ganhei uma bala Valda... Fui com esse coleguinha do *videogame*, a mãe dele e a minha mãe”. Tadeu relata que suas relações familiares eram ótimas. O que ele não sabia é que logo sua vida iria mudar.

Quando Tadeu estava com dez anos, sua mãe faleceu precocemente, em função de algo fatal no coração ou pulmão, ele não sabe precisar. “Foi doloroso, eu chorei muito, normal”, conta ele de forma breve. Esse evento significou uma guinada em sua infância, que até então ele entendia como feliz.

“Foi até que boa. Meu pai trabalhava catando latinha para sustentar a gente, muito sofrido, mas sempre trazia muita comida para dentro de casa, nunca faltou, importante, muito bom. E minha mãe costurava. Só que aí, quando eu tinha dez anos de idade, minha mãe veio a falecer e eu fiquei só com meu pai e meu irmão.”

Com a morte da mãe, ele passou a ter mais responsabilidades, já que tanto ele quanto o irmão eram duas crianças, mas o irmão era ainda mais novo, tinha apenas seis anos. A família, então, passou a ter ainda mais dificuldades financeiras, já que sem a mãe, o dinheiro que o pai ganhava com a reciclagem passou a ser toda a renda da casa. Nesse momento ele não recebeu nenhum tratamento ou acompanhamento psicológico e considera que a relação com seu pai e irmão continuou boa.

Sua adolescência, por sua vez, foi totalmente diferente de sua infância. Ele conta que, de criança caseira, ele se transformou em um adolescente que gostava de estar na rua e em eventos públicos. Ainda assim, o *videogame* se manteve como uma de suas formas de entretenimento. Ele fala desse momento com saudade e bom humor, rindo dos seus exageros.

“Foi muito ao contrário da infância, fui muito ‘saideiro’, adorava uma balada, uma boate, os *gogo boys* dançando, as *gogo girls* dançando, todo mundo dançando tirando a roupa [risos], uma orgia, uma loucura, meu Deus. Eu era muito danado na minha adolescência, muito mesmo, tenho muita saudade... Gostava de dançar, gostava de cantar, gostava de um montão de coisa, ainda sim gostava de jogar *videogame*, gostava muito ainda, nos fliperamas então, nossa, a gente juntava os colegas e fazia uma roda, a gente ficava na fila, quem perdia saía e a gente ficava jogando *The King of Fighters*.”

Tanto na infância, quanto da adolescência, Tadeu se manteve estudando e frequentou diferentes escolas, no final da adolescência ele começou também a trabalhar. Aos 16 anos, ele conseguiu seu primeiro emprego, em uma rede de comidas *fast food*, onde ele ficou por dois anos e sete meses, quando ele foi trabalhar em outra rede de *fast food*. Ele se mudou para o centro da cidade, foi morar com uma amiga, que chegou a ser sua namorada por um tempo. Ele fala com humor e autodepreciação sobre essa relação.

“Fui morar um pouco lá no centro da cidade, na casa de uma amiga muito querida minha, a gente até chegou a namorar por um tempo, mas infelizmente não deu certo porque ela era muito linda e eu era muito feio, muito gordo, muito obeso, aí não deu certo, mas ela gostava de gordinho.”

Porém, a vida guardava mais uma mudança drástica e dura. Aos 18 anos, ele precisou abandonar a escola para, com o apoio de mulheres próximas a ele, cuidar de seu pai que estava

doente. Ele precisou aprender uma nova rotina, que até então não conhecia e que exigia dele ser cuidadoso.

“Porque eu estava trabalhando e meu pai estava doente, de AIDS, ele já não estava conseguindo fazer as coisas dele, então eu parei de estudar pra poder ter tempo de cuidar do meu pai... Em casa, com ajuda das minhas tias, das vizinhas. Ele tinha umas feridas na pele que tinha que limpar sempre, e era perigoso, né? Era AIDS, né? Sangue, esses negócios assim podiam dar alguma coisa pra mim ou quem tivesse limpando.”

Ele explica que esse processo de adoecimento e as mudanças que ele trouxe para sua vida foram difíceis, principalmente porque teve que abandonar os estudos. Ele precisou abraçar responsabilidades que não tinha antes, já que sua mãe já havia falecido e seu irmão era muito jovem.

“Foi duro porque eu não queria ter que parar de estudar, mas ele estava muito necessitado, meu irmão era menor ainda, não sabia muito das coisas, era meio babacão. Hoje em dia ele está mais sagaz, mas antes ele era um babacão... ele não fazia nada, só vivia na rua brincando, era uma criança ainda.”

Mesmo sendo responsável pelos cuidados com o pai, Tadeu continuou a trabalhar, pois, com o pai sem condições de catar latinhas, passou a vir dele o sustento da casa. Mesmo sobre esse momento difícil de sua vida, ele faz piada ao contar. “Eu continuei a trabalhar, porque senão não ia ter dinheiro pra sustentar a casa, né? Minha filha, e era só eu, e só eu gastava mais de cinquenta reais só de pizza, na época não tinha o pix⁹⁴, era a ‘pixa’”, ele ri de sua analogia e neologismo. Também em tom de humor, ele conta como sua rotina era dura, mas ele fazia questão de tentar garantir um dos prazeres de seu pai: o cigarro. Anos depois, esse se tornaria também seu vício, já que hoje Tadeu é fumante. “Era puxado, tinha que dar comida, ele fumava, tinha que comprar o cigarrinho dele com certeza, o pobre já estava sofrendo, não pode fumar um cigarrinho?”, brinca ele.

Nesse período, Tadeu continuou a morar no Centro da cidade, o que exigia que ele se deslocasse todos os dias para Manguinhos, isso tornava sua rotina ainda mais difícil. “Eu trabalhava de manhã, umas oito da manhã, aí de tarde, umas duas, três da tarde eu saía do

⁹⁴ Pagamento Instantâneo Brasileiro (PIX) é uma forma de pagamento oferecida pelo Banco Central (BC) a partir de 2020. Nesse sistema, a transferência de recursos entre contas é feita instantaneamente através dos aplicativos de instituições bancárias. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/pix>.

trabalho, ia pro centro e almoçava e depois ia lá pra casa e ficava até de noite, aí de noite eu voltava pro centro e dormia lá... Gastava muito dinheiro de passagem.”

Pouco tempo depois, quando Tadeu estava com 20 anos, seu pai faleceu em função de complicações decorrentes da AIDS. Foi nesse momento que ele saiu de seu emprego e voltou para Manguinhos. “Eu fiquei tão triste que eu não tive motivação pra continuar trabalhando porque minha razão de trabalhar era meu pai, porque eu odeio trabalhar”. Ele conta que tentou encontrar um novo emprego, mas ficou cerca de dois anos desempregado, período em que contou com a ajuda de familiares e vizinhos. “Só Deus, filha. [risos] era muita doação de comida de vizinho. Muito vizinho matando minha fome”.

Sua amiga Fabiana, que conheceu Tadeu quando ele foi até sua casa colocar crédito de celular anos antes, trabalha com prestação de serviços de digitais, foi uma das pessoas que o apoiaram “Ai eu falava pra ele, ‘pô Tadeu, vem cá, vem almoçar’, quando ele não estava trabalhando mais, estava desempregado. Eu chamava ele ‘vai almoça lá em casa’. Tinha essa coisa”.

Antes de falecer, o pai trocou alguns barracos no Mandela 3, bairro que, segundo ele, hoje não existe mais e deu lugar aos ‘predinhos’, por uma casa de alvenaria, onde Tadeu passou a morar. Com isso, apesar da dificuldade para se manter financeiramente, ele tinha um lugar próprio para morar. Ir parar na rua não era uma preocupação.

Foi então que seu tio lhe ofereceu um emprego e ele trabalhou um ano como repositor de buffet em um restaurante. Ele conta que a sua rotina era cansativa e o salário pouco. “Muita correria, acordava cedo pra ir pro trabalho, chegava tarde, às vezes dobrava, pegava um dia de manhã e ia até de noite pra ganhar cinquenta reais, e era isso”. Após essa experiência, Tadeu passou outro longo período desempregado. Ele, então, conseguiu um emprego como frentista no Maracanã. Durante nove meses, ele recebeu o que define como “o melhor salário de sua vida”. “Muito bom porque eu ganhava muita gorjeta de limpar os vidros dos carros, tinha um bom salário que era de mil e duzentos, nunca tinha ganhado acima de mil até então”. Ele conta que, nessa época, tinha poucos amigos, mas visitava muito sua família.

Aos 25 anos, cinco após a perda do pai, teve início o processo de sofrimento mental de Tadeu. Fabiana acompanhou a primeira crise de Tadeu e conta que foi totalmente inesperado para ela.

“Nem sabia desse negócio, desse surto dele, o Tadeu super normal. Garoto super inteligente, inteligente até demais, muito esforçado, uma pessoa normal, muito educado, aprende as coisas com facilidade. Quando aconteceu o surto,

eu nem acreditei, sinceramente fiquei assustada. O surto em si foi algo que me marcou muito. Você ver uma pessoa completamente normal, lúcida, andar no meio da rua correndo sem ter noção de quem é, não lembrar de nada.”

Como Tadeu mesmo conta, em um misto de depressão e delírios religiosos, ele passou a vagar pelas ruas de Manguinhos pregando para os transeuntes a volta de Cristo.

“Bem, começou com a depressão, muito profunda né, que meu pai tinha falecido e eu estava desempregado. Aí evoluiu mais para outras coisas que estavam dando na minha cabeça. Eu já estava começando a achar que Cristo estava voltando e queria salvar o máximo de ‘hermanos’ possível, comecei a pregar a palavra por aí, de madrugada, para qualquer pessoa, de qualquer jeito, sem roupa, sem blusa, descalço.”

Nesse período, seu irmão estava preso por roubo, uma das penas desta natureza que ele cumpriu em cárcere. Por isso, Tadeu morava sozinho na casa deixada pelo pai. Ele recorda algumas situações pelas quais passou durante suas crises, em que estava sem tratamento, e que o colocaram em risco. Com um humor ácido, ele mistura risadas com detalhes sobre o que viveu durante suas crises mais severas.

“Nesse momento, eu estava só, jogado à míngua, eu estava sem lugar pra me tratar, eu também não sabia que eu estava doente, era a coisa mais normal do mundo achar que Deus estava voltando, hoje em dia eu ainda acho, mas não com tanto desespero que nem eu estava, como se fosse pra já. Ele já voltou, acabei de voltar e eu estou aqui reunindo, porque algumas pessoas esqueceram que ele ia voltar hoje [risos] com a prioridade assim que eu queria salvar almas, eu queria porque, para mim, era uma coisa muito importante. Passei por umas poucas e boas, dormi na rua, comi frutas de despacho e estava uma delícia, de super qualidade, as que eu encontrei na rua estavam melhores do que o café da manhã que eu tomei no CAPS [risos]... Arranquei a porta de casa, arranquei janela, vendi tudo que era de metal, porque eu achava que o metal e o ferro me machucavam, não podia pisar em metal que eu já fazia uma simulação de que eu estava caindo, perdendo minhas forças. Eu sentia mesmo como se eu tivesse perdendo as minhas forças, doía em mim de um jeito inexplicável. Comia algodão, guimba de cigarro, comia vidro e era uma delícia. É engraçado lembrar isso, eu comia algodão porque as pessoas falavam que eu era fofinho então eu tinha que ser fofinho igual um algodão, então eu tinha que comer algodão, o vidro era porque eu já escutei que a gente tem queixo de vidro, então eu pensei deve ser bom para fortalecer o queixo [risos].

Quando questionado como é se lembrar desse período, Tadeu explica que, apesar de ter sido um momento difícil de sua vida, hoje ele ri, inclusive de sua primeira internação. Ele ficou

30 dias no Instituto Municipal Nise da Silveira. “Hoje é engraçado, na época era muito triste lembrar, muitas coisas.”

Ele não se recorda como ocorreu essa primeira internação, mas reflete que, até aquele momento, ele não recebia nenhuma ajuda. “Ninguém [pausa] só Deus mesmo, mais ninguém”. Frente à situação de miséria e abandono em que ele vivia, ele vê essa experiência no hospital psiquiátrico como positiva. “Eu não lembro como eu fui, só sei que pra mim era o paraíso, tinha comida direto, café da manhã, almoço, janta e uma cama pra eu dormir, tudo que eu estava precisando. Estava cansadíssimo andando pela madrugada.”

Tempos depois, ele passou por sua segunda internação: um mês no Instituto Philippe Pinel, no bairro de Botafogo. Novamente, por causa da alimentação e do conforto, ele entende essa experiência em instituição psiquiátrica como positiva. “Foi boa, tinha comida direto, tudo que eu precisava”.

Apesar de, encontrar uma boa alimentação dentro dos hospitais, algo que não tinha em sua casa, ali ele também encontrou a violência da contenção, da qual ele não tem boas lembranças. Ele se recorda de ter sido contido em todas suas internações.

“Essa daí é uma das coisas que eu não gostei, não precisava de corda pra me amarrar, ou precisava e eu não sabia, mas para mim, no meu ver não precisava, principalmente quando eu queria ir ao banheiro... Ficar amarrado é horrível, teve uma vez que eu fiz xixi nas calças porque eles não me soltaram ‘me solta, eu quero ir ao banheiro, me solta, me solta’, aí eu fui obrigado a fazer xixi nas calças porque eu não aguentava mais... Era horrível, a pior possível. Você está querendo se soltar e não tem como se soltar porque a corda está amarrada apertando cada vez mais, quanto mais força você faz, mais a corda aperta, e mais você quer se soltar e mais você aperta e daqui a pouco a sua mão cai e não solta.”

As lembranças marcantes de suas internações transitam entre as boas e as ruins, de coisas que ele vivenciou ou que viu outros usuários vivenciarem. Ele conta de forma teatral duas dessas situações.

“Eu lembro uma vez que eu estava internado que eu vi uma menina bonita, aí ela riu para mim, eu ri para ela, aí os dois riram um para o outro, aí a boca foi chegando perto, foi se aproximando, se tocando, se beijando, foi muito boa essa experiência. [risos] E eu estava numa crise existencial sobre sexualidade, eu estava me contestando, ‘o que eu sou, eu gosto de homem, eu gosto de mulher, eu gosto de travesti, sapatão, gosto de todo mundo, sou panssexual, gosto é de tudo’ [risos] aí também eu vi uma moça lá que estava em crise, que ela saía correndo no corredor e se tacava na parede, se levantava ia pro outro corredor e pá [faz um estalo com a boca e movimentando as mãos] na parede, eu jurava que ela ia atravessar a parede que nem eu via nos desenhos, mas não, a parede a conteve várias e várias vezes até ela ser contida.”

Tadeu conta que, quando saía das internações, interrompia o tratamento. Ele calcula que, entre idas e vindas, dentro das instituições de saúde mental e nas peregrinações pregando nas ruas de Manguinhos, foram cerca de cinco anos.

Após sua segunda internação, ele foi levado de ambulância por Camilo até o CAPS-Magal, amarrado em uma maca. Apesar dos eventos conturbados, Tadeu define, de forma sarcástica, sua vida antes do CAPS como maravilhosa. “Depois foi decadência, meu amor [risos] fiquei pobre”.

11.5.1 A chegada ao CAPS-Magal

Tadeu se lembra de ter ido ao CAPS-Magal antes de sua segunda internação, entretanto, foi só após sua internação no Philippe Pinel, que ele voltou à instituição para receber tratamento.

Nesse momento, ele teve o apoio de Fabiana e de seu marido. Ela conta que, mesmo sem nenhum laço de consanguinidade, optou por ajudá-lo porque gostava muito dele e eles já eram próximos desde antes.

“A gente sempre gostou muito do Tadeu, muito mesmo, se pessoas que a gente não conhece, não tem o convívio, se a pessoa precisar de alguma coisa a gente ajuda, por que a gente não ia ajudar o Tadeu? Vez em quando ele já dormia lá em casa quando ele estava bem, que a gente não sabia desse negócio ainda, ele dormia lá em casa as vezes, porque ele gostava muito de computador. Então a gente ia dormir, deixava ele lá, jogando, jogava pra caramba, um tal de Dragon City, sei lá, no *Facebook*, jogava a noite toda, eu deixava e ele já ficava por lá mesmo... Aí, num momento muito difícil da vida dele, a gente ia largar ele por aí? Não, sem pai, sem mãe, entendeu? O irmão também não estava por aí.”

A amiga relembra que, com o tratamento em andamento no CAPS-Magal, ele encontrava apoio na casa dela.

“Ele até ia a nossa casa porque era lá que ele ficava com a gente. Ele não lembrava totalmente da gente, mas ele lembrava dali não sei como, como se ali fosse o cantinho dele... Ele ia no CAPS e a gente cuidava dele em casa... Ele dormia lá em casa, a gente botava ele para dormir lá em casa porque a gente tinha medo dele dormir na casa dele sozinho.”

Apesar de sua boa relação com os demais usuários do CAPS-Magal, Tadeu conta que, inicialmente, a instituição lhe causou estranheza. Ele não se sentia como parte do lugar.

“Foi muito esclarecedor pra mim, descobri muitas coisas sobre mim mesmo, sobre como funcionava o CAPS, não gostei muito do CAPS a princípio não. Não gostava de tomar os remédios, por isso eu tive muita recaída, eu não gostava de tomar os remédios... Eu falava ‘eu não sou maluco, pra que eu preciso de CAPS?’.”

Sua resistência em aceitar o tratamento fez com que ele tivesse uma recaída. Foi assim que acabou sendo internado pela terceira vez: dois meses no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB), também em Botafogo. Para ele, foi um processo difícil de adaptação no CAPS-Magal. Na instituição, ele tinha sua liberdade de volta, mas não tinha o conforto de uma cama limpa e comida e tomava muitas medicações. “Eu comecei a tomar remédio, não foi muito bom não, tomava onze remédios por dia, era muito ruim, almoçava remédio, jantava remédio. Aqui não foi muito bom não, eles não me deram comida, não me deram lugar pra dormir”. Ele ainda precisava conviver com os efeitos colaterais das medicações que tomava. “Me deixava travado igual um robô, babando.”

Fabiana conta que, fora do CAPS-Magal, o passatempo de Tadeu era principalmente ler a Bíblia, já que os efeitos colaterais dos remédios eram muito fortes.

“Na maioria das vezes, ele ficava quietinho no cantinho dele, aí lia a Bíblia, porque ele ficava muito dopado por causa dos remédios. Ele não saía, não tinha nem ânimo pra sair. Ele ia no CAPS e voltava, mesmo assim a gente ainda ficava preocupado dele ir no CAPS de manhã cedo.”

A amiga explica que esse foi um período em que tudo foi muito complicado, entretanto, apesar da resistência de Tadeu em aceitar a medicação, ele acabou aderindo ao tratamento. “Foi difícil, foi tudo muito difícil em uma parte, mas tranquilo em outra porque ele ficava lá em casa, tomava o remédio direitinho, porque tem umas pessoas que não obedecem, não quer ficar, quer sair por aí, foi tranquilo”. Ele, então, parou de ir vagar pela rua pregando.

Tadeu passou a frequentar o CAPS-Magal três vezes por semana e a participar de diferentes atividades. “Eu vinha três vezes na semana, eu fazia o grupo do corpo que era pra gente se mexer um pouquinho, alongar os músculos, tirar a tensão dos remédios, a bijuteria na quinta-feira, a música, a assembleia, acho que só”.

A amiga explica que o tratamento promoveu a melhora e a transformação da situação de Tadeu. Gradualmente, houve uma diminuição de suas medicações. Ela acredita que muito dessa contribuição veio graças às atividades realizadas por ele na instituição.

“Mudou, graças a deus mudou, também ele foi fazendo algumas coisas, algumas atividades, ocupando a mente dele. Ele sempre chegava com alguma ‘novidadezinha’ diferente de alguma coisa que ele aprendeu e fazia lá, foi muito bom para ele esse tempo que ele ficou se tratando lá, muito bom mesmo, ajudou muito.”

Quando Tadeu finalmente ficou bem, um profissional do CAPS-Magal orientou Fabiana e seu marido a não cuidarem mais dele, para que, então, ele ganhasse autonomia, voltasse a trabalhar e ter uma vida normal. Foi em algum momento desse processo que Tadeu começou a participar do projeto “Eu quero entrar a rede”.

11.5.2 Entrada no Projeto

Tadeu conta que soube do projeto através de Camilo. “Acho que foi o Camilo, ele falou ‘tem um projeto aí pra ganhar um dinheirinho, pra ensinar entrar no computador, você entende desse negócio de computador’”. Sua disposição e empenho para participar do projeto foram resultado da união entre suas habilidades com a informática e a necessidade da bolsa. “Eu gostava de computador, por que não? Juntava o útil com o agradável. Você via que eu mexia lá no face direto. Eu chegava antes e saía depois”.

Naquele momento, no meio de 2018, ele estava desempregado e não tinha renda. Suas relações sociais eram limitadas. “Eu não estava fazendo nada, estava morando sozinho, meu irmão estava preso, ele passou bastante tempo preso, dos cinco anos que eu passei, três ele estava preso”. Entretanto, ele continuou tendo o apoio de Fabiana e seu marido.

Ele explica que não tinha grandes expectativas com relação ao projeto. Apesar de sua experiência anterior com redes sociais, não sabia o que esperar. “Eu não fazia ideia do que ia ser, foi uma surpresa. Eu nunca tinha feito um blogue”. Com bom humor, ele conta que suas primeiras impressões foram boas e lista as coisas que o trouxeram conforto. “Legal, salinha gostosa, confortável, com biscoitinho, comida, uma cadeirinha pra sentar, um computador pra mexer, tudo que eu precisava”.

Com relação aos encontros, ele afirma que esperava que fosse algo “tipo uma aula chata”. No entanto, os encontros foram diferentes daquilo que ele acreditava que seriam. “foram aulas divertidas e legais. Os passeios fora da sala de aula, eu gostei muito também”. Dentre os passeios, ele destaca as saídas para atividades de fotografia.

Tadeu conta que não teve grandes dificuldades ao longo do projeto e brinca que sua dificuldade foi apenas aceitar a cor do blogue, já que ele não concordou com a cor escolhida por todos, mas respeitou o processo democrático. “A cor era verde, eu queria que fosse azul”.

Para ele, a participação no projeto foi uma experiência boa e, dentre seus motivos para continuar, estavam a bolsa e as relações e ritos sociais que se estabeleciam nos encontros. Ele faz piada sobre essas coisas. “Meu incentivo era ver as pessoas, pegar um dinheirinho, olhar a Bruna falar ‘porrrta’ [imita o sotaque de Goiás da mediadora e pesquisadora], comer um bolinho de Copacabana, um cafezinho, um biscoitinho”. Ele foi um dos defensores da continuidade do projeto e fez postagens no blogue mesmo após o final das atividades. Fabiana se recorda de que ele se dedicou muito ao projeto e, por vezes, ia até sua casa para utilizar o computador. “Esse negócio de blogue aí foi muito bom pra ele”. Para Tadeu, a produção do blogue em si foi o mais agregador da experiência: escrever, produzir vídeos, postar.

“O que eu menos gostei foi que acabou o blogue, e o que eu mais gostei foi que começou... Porque podia ficar mexendo no computador... O mais útil foi aprender a fazer o blogue, a mexer no blogue, a fazer as postagens, eu falei que se dependesse de mim, o blogue não ia morrer. O blogue já tem um tempão né?”

Um momento marcante para ele foi a sua primeira postagem: um relato anônimo sobre violência e saúde mental na comunidade escrito e postado juntamente com Rafael. Além disso, os vídeos eram um interesse particular de Tadeu. Ele aproveitava o espaço do blogue para gravar, editar e postar vídeos seus tocando flauta, instrumento que ele aprendeu no projeto social Rio de Música⁹⁵.

Ao longo de sua participação no projeto, Tadeu continuou frequentando o CAPS-Magal três vezes por semana para participar das mesmas atividades que vinha frequentando antes. Ele também continuou tomando medicações, mas não se recorda sobre a quantidade. Ele acredita que elas prejudicavam sua vida. “Atrapalhava, eu sempre senti que a medicação atrapalhava... Eu não gostava de tomar remédio, nunca gostei... Na musculatura, no mexer, no pensar, no falar, falar me atrapalhava”. Tadeu também sente que os efeitos colaterais das medicações o prejudicavam seu desempenho nas atividades do blogue. “Travava um pouco”.

⁹⁵ Disponível em: http://riodemusica.org.br/?fbclid=IwAR2Z43PY_BKqB4W82FS6t7RAZfsE_gz7mA3-us69kbFzg_bnp3mVZw_35O8.

Sobre qual uso dava ao dinheiro da bolsa, ele é objetivo: comprava comida. Apesar disso, Tadeu fala com humor de sua relação com o dinheiro recebido no projeto, mas fecha afirmando que aquele foi um momento bom para ele. “Era uma relação de amizade, de amor, carinho, fidelidade, cumplicidade, uma relação de paixão, uma relação de pura ostentação, era uma época muito boa, se eu pudesse trocar a minha época que eu passei no CAPS pela época da bolsa eu trocava de boa”.

11.5.3 Resultados do projeto

Tadeu não passou por crises ou interações durante a realização do projeto, teve apenas uma experiência em que passou mal e precisou faltar às atividades do projeto. “Passei mal uma vez, mas não foi crise, só não estava bem naquele dia. Aí eu não fui em um dia pro blogue, não sei se você lembra”. Ele acredita que sua participação no projeto contribuiu com seu tratamento, pois propôs algo diferente daquilo que era oferecido no CAPS-Magal. “Acho que sim porque a gente fazia uma coisa diferente do que ficar no CAPS... Primeiro, que tem acesso à internet, que é o mundo né, no CAPS era fechado, tinha umas oficinazinhas mixuruca. Anota isso. [risos] Era muito mais legal né? É isso que eu acho”. Ele pede para anotar, dando a entender que é importante que essa fala seja registrada.

Em função de sua baixa expectativa, Tadeu acredita que os resultados do projeto o surpreenderam, inclusive a participação de todo o grupo até o final. “Como eu não tinha expectativa nenhuma, até que se desenvolveu muito bem o projeto, foi melhor do eu esperava, todos participaram, eu não esperava que todos iriam participar, eu esperava que alguém fosse desistir no meio do caminho por ser difícil”. Contudo, para ele sua participação no projeto foi fácil. O que ele mais gostava de fazer era mexer no computador, mas as relações que se estabeleceram com os demais usuários participantes também foram agregadoras. “Eu ajudava quem precisava, eu procurava as fontes na internet, procurava uns negócios assim, sempre procurei conversar muito, não foi muito difícil não, foi legal”.

Mesmo tendo uma boa relação com os colegas, ele não gostava muito de ajudá-los, tinha pouca tolerância, porém entendia que era bom nisso.

“Bruna: Você disse que ajudava os outros. Como era isso? Você gostava?

Tadeu: Não, que povo lesado vem pra cá, sabe nem mexer num computador! ‘Quem vocês estão pensando que são e ainda querem ganhar dinheiro?’ Eu ficava assim era com o Rafael [risos].

Bruna: Você sentia que você conseguia ajudar as outras pessoas?

Tadeu: Sim, eu não gostava não, mas eu sentia que eu conseguia, eu sou capaz.”

Ele entende a experiência com os usuários como uma parceria que foi fundamental para chegarem aos resultados alcançados. “Foi boa, gostei da relação que a gente construiu de amizade, de parceria, de um ajudar o outro, eu gostei... Com certeza fez plena diferença... Porque se um não ajudasse o outro, o bagulho ia ficar uma merda, ia dar ruim”.

Para Tadeu, o projeto “trouxe muita coisa boa, muitos aprendizados”, sendo os principais deles relacionados com a comunicação. Algumas das lições aprendidas, como as sobre produção de fotografia e vídeos, ele afirma ter utilizado em sua vida após o fim do projeto, listando em tom de piada o que aprendeu.

“Como divulgar alguma coisa, que eu aprendi, um pouquinho de marketing, digamos assim. Você sabe que a propaganda é a raiz do negócio... Esse de divulgação, como fazer um vídeo, qual a melhor posição para tirar fotos, como a foto tem que sair, com brilho, sem brilho, com luz e sem luz, no claro, no escuro, periquito, papagaio.”

Em concordância com Tadeu, Fabiana acredita que o projeto melhorou a comunicação de seu amigo. “A diferença é que ele passou a falar mais, tudo ele falava... foi super legal, ele gostava muito”.

Em sua vida pessoal, a repercussão do projeto se deu através da visibilidade que sua participação trouxe para Tadeu nos seus círculos de convivência, principalmente no CAPS-Magal, onde profissionais e usuários perguntavam sobre sua participação no blogue. “As pessoas ficaram sabendo ‘ah, você tá no blogue, você tá no blogue’... Estava famosinho... Descobriram quem era Tadeu”, se diverte ao comentar. Apesar disso, ele não crê que a experiência mudou sua relação com os profissionais e usuários do CAPS-Magal. “Eu sempre fui a mesma pessoa... continuo chegando suave, fino, na maciota”.

Na vida profissional, ele acredita que a participação no projeto contribuiu lhe possibilitando o benefício de mais uma forma de trabalho que pode lhe render oportunidades. “Eu ganho dinheiro limpando computador, fazendo backups se eu quiser. Posso ganhar dinheiro fazendo blogue pra outras pessoas”.

Tadeu resume sua experiência no blogue como um período curto. “Um período muito curto. Passou muito rápido tudo, tanto antes, quanto durante e depois. Eu me acho uma pessoa super acelerada, *flash*”.

Para Fabiana, tanto o CAPS, quanto o blogue especificamente foram bons para Tadeu. O blogue teve como diferencial ocupar sua mente, o que foi benéfico.

“Ele sempre foi um menino que gostou de ler, de aprender, então isso aí foi uma coisa que ocupou a mente dele. Porque a pessoa desempregada, morando aqui nesse lugar, não tendo pai, mãe, nem família, o irmão acho que não estava, apareceu depois... enfim, não é legal. Ele sempre procurou ocupar a mente dele com essas coisas e esse negócio do blogue ocupou muito a mente dele. Foi muito bom para ele.”

Ela acredita que experiências dessa natureza sempre acrescentam e não atrapalham o tratamento e a vida dos sujeitos.

11.5.4 Após o Blogue

Tadeu relata ter tido poucas mudanças após o final das atividades do projeto “Eu quero entrar na rede”. Ele passou a frequentar o CAPS-Magal menos dias na semana e teve uma diminuição das medicações. Em sua vida pessoal, ele voltou não ter nenhuma atividade e renda, a bolsa fez muita falta, pois seguiu desempregado. “Sim, fez, principalmente por causa do dinheirinho que a gente ganhava, querendo ou não era um pouquinho, mas era um pouquinho grande, era um pouco”. Sem sua única renda, ele voltou à condição que vivia antes de sua entrada no projeto: sendo mantido pela comunidade. “Como eu sempre me mantive, com a ajuda de vizinhos”.

Ele não se recorda quando exatamente foi sua terceira internação, porém acredita que ela tenha ocorrido antes de sua participação no projeto do blogue, já que nesse período ele não estava em crise. “Não sei, não lembro, eu acho que foi antes porque, do blogue pra frente, estava bom. Acho que foi antes”. Apesar de sua afirmação, uma postagem feita no blogue em 2021 indica que sua internação no IPUB foi na verdade dois anos após o fim do projeto. No texto dessa publicação consta: “Eaê galera e olá pessoal, aqui quem vos escreve é um paciente que está internado no IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade do Rio de Janeiro)”⁹⁶. Tadeu era o único que possuía a senha do blogue. Isso é confirmado por ele quando conta que postava no blogue quando estava internado no IPUB. “Tinha um laboratório, uma salinha cheia de computadores. Aí eu ficava escutando flauta de bambu chinesa enquanto fazia a postagem lá pro blogue”.

⁹⁶ Disponível em: <https://projetoibertandoamente.wordpress.com/2021/11/18/plantas-e-suas-familias/>

Fabiana confirma que a terceira e última internação de Tadeu ocorreu após sua participação no projeto e se recorda de ter acontecido em um momento em que Tadeu estava bem. “Ele já estava super bem, não sei nem como é que aconteceu isso, essa última, entendeu? Ele pra lá e pra cá. Normal, normal, aí do nada tivermos a notícia de que o Tadeu estava internado”.

No mesmo ano, em 2021, Tadeu voltou a estudar. Sua principal motivação é a reinserção no mercado de trabalho, que ele acredita ser mais fácil com uma melhor formação escolar. “Pra poder ter mais chances de arrumar um emprego... quem tem estudo sai na frente”.

11.5.5 Sua relação com as NTICs

Para Tadeu, o uso da NTICs, mesmo antes de sua participação no projeto, já era rotina. Ele define seu uso de internet como “sempre atento”, já que ele utilizava com frequência e tinha bastante conhecimento sobre o assunto. Anteriormente, ele havia estudado informática formalmente. Ele conta que, antes de sua participação no projeto “Eu quero entrar na rede”, ele já havia feito cursos voltados para informática duas vezes, a primeira de pacote *Office* na Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec)⁹⁷; na segunda, um curso de um ano de informática básica em outra instituição. “O blogue foi a terceira vez que eu mexi com computador, negócio de curso, já estava familiarizado... Não é ‘Eu quero entrar na rede’ não, já estou dentro da rede... Estava na rede quando encontrei vocês por lá”.

Apesar de seu intenso uso de computador e *videogames*, ele conta que nunca usou muito celular, já que o único aparelho que ele possuiu foi levado por agentes públicos de segurança durante em uma operação policial em Manginhos, após sua terceira internação. Ele é enfático ao falar sobre isso, destacando que essa informação precisa estar na tese.

“Nunca tive celular, Bruna, o único que eu tive a polícia me levou falando que era roubado, era novo... Essa parte eu faço questão que saia, que a polícia me roubou, essa é quente... Invadiram minha casa, levaram minha televisão, pode anotar, levaram meu celular, só não levaram a porcaria do fazedor de sanduíche, porque estava velho... estou sem televisão ainda lá em casa.”

Ele explica que, durante suas crises, seu uso de internet ficava ainda mais intenso, já que nesses momentos ele gravava vídeos para postar na rede social Facebook. Ele também fez uso

⁹⁷ Instituição pública de educação do estado do Rio de Janeiro que oferece ensino médio, técnico profissionalizante e superior. Disponível em: <http://www.faetec.rj.gov.br/>.

da internet durante a sua última internação, no IPUB, já que a instituição contava com um laboratório de informática. Apesar do laboratório, ele não se recorda de serem oferecidas aulas ou oficinas no espaço. Seu uso de internet era independente.

Ele usava diferentes aparelhos para acessar à internet. “Qualquer aparelho eu estava usando, qualquer lugar. Na biblioteca tinha, na casa dos amigos, na casa dos meus primos, na casa da minha tia, usava no celular, no computador, no *notebook*”. Era na casa de Fabiana que muitas vezes Tadeu utilizava o computador. “Muitas das vezes quando não podia fazer lá em casa, não podia mexer, ele ia lá pra biblioteca do PAC [Biblioteca Parque de Manguinhos Marielle Franco], ele usava o computador lá também”, ela conta.

Ele conta que chegou a ter um computador em casa, mas o aparelho estragou. Ele possuía acesso a uma internet rápida, que utilizava para diferentes atividades, inclusive aprender inglês.

“Eu via vídeo, gravava. Pesquisava muito letras de música, como eu ainda pesquiso hoje em dia, o meu inglês, meu curso de inglês foi patrocinado especialmente pelos jogos, *Super Nintendo, Playstation* etc. e as músicas, as letras de músicas que eu lia na internet, meu curso de inglês foi isso, minha filha.”

Durante o projeto, ele estava sem computador e internet em casa e passou a usar no LaISS durante as atividades do projeto e em qualquer lugar onde conseguisse acesso. “Onde tinha buraco eu usava. Eu fazia um buraco no chão e usava. Eu sentia pelo cabelo, o cabelo levantava ‘opa, aqui tem *wi-fi*”, ele brinca. Seus usos se limitavam a: “*Facebook*, jogos, músicas, vídeos, mas principalmente o *face*”.

Ele acredita que, durante as atividades do projeto, sua relação com as NTICs mudou, mas que isso se deu sem explicação óbvia ou relação com as atividades realizadas. “Sim, aumentou muito mais a minha relação de responsabilidade na hora de postar alguma coisa, agora eu vou no *Facebook* e não posto qualquer coisa, posto só coisa que é importante pra mim... Mudei por mudar [risos]”.

Já Fabiana, que por várias vezes cedeu seu computador para que Tadeu acessasse a internet, acredita que sua participação no projeto foi exitosa por tratar de algo que Tadeu já gostava: as NTICs, “O negócio do blogue se relacionava com o que ele gostava de fazer sim, com certeza...faz diferença, até porque quando a gente faz algo que a gente gosta de fazer, independente do que seja a pessoa tem a tendência a crescer, a evoluir, e ele gosta dessas coisas sim”.

Tadeu afirma que hoje tem um uso intenso de internet, semelhante ao que tinha antes do projeto. “Continua a mesma coisa. Continuo usando, continuo acessando, e, se não tiver, eu fico maluco, eu fico doido, eu piro, surto”. Hoje ele acessa a internet utilizando clandestinamente a rede do vizinho e, principalmente, através do *Tablet* que recebeu da EPSJV. É por esse dispositivo que ele utiliza o *WhatsApp*, mas com pouca frequência “Uso, só não sei o número, mas eu uso mais pra falar com o pessoal do joguinho”. Além das redes sociais, ele acessa a internet por motivações variadas. “Ah, pra ver vídeos, pra jogar muitos jogos, muitos jogos – *Dragon City, Lords Mobile, Pokémon, Super Mário*, eu jogo tudo, escutar música, ver tradução de música na internet, ver vídeo, ficar cantando no karaokê, eu sou doido pelo *karaokê*, adoro”.

Quando questionado se o *tablet* fez diferença em sua vida, ele brinca “Olha só, minha cara de felicidade só de falar, eu fico emocionado... Porque fez, ele é muito bom, ele é muito gostoso de mexer, ele é bom comigo, ele sabe o que eu procuro, eu falo assim pro meu tablet ‘Alexa! Alexa me conta uma piada’” e ele então ri de seu próprio comentário. Ele também brinca quando a questão é se já utilizou o *tablet* para trabalhar. “Estou querendo baixar um tal de Pix aí, o povo só tá passando Pix, eu vou sair por aí pedindo Pix”. Mas, em seguida, ele descobre que o Pix é feito através de empresas bancárias. Ele não tem conta no banco.

Ao falar sobre o conhecimento de Tadeu acerca das NTICs, Fabiana aproveita para instigá-lo. “Ele tinha que usar essa inteligência com computador pra ganhar dinheiro com computador, pelo menos, né? Podia ganhar dinheiro com jogo também”. E ele responde “vou fazer um blogue de jogo... vou postar lá no blogue os jogos que eu jogo”.

11.5.6 Hoje em dia

Hoje, Tadeu cursa o terceiro ano do ensino médio no supletivo da EPSJV. Continua tocando flauta doce, ainda participa do projeto Rio de Música, mas de forma menos ativa. Ainda gosta de desenhos e jogos. A internet continua sendo sua maior forma de distração. Ele frequenta o CAPS-Magal uma vez por semana. Ele acredita que tem uma vida parecida com a que teve ao final do projeto, sem grandes mudanças.

Ele não sabe ao certo há quanto tempo está desempregado, cerca de cinco ou seis anos. Apesar de fazer piada sobre o assunto, conta que sua situação influencia negativamente na relação com o irmão. “Ele tinha maior orgulho de mim, hoje em dia ele só me esculacha... Porque ele fica zoando de mim ‘você não trabalha, você não quer trabalhar!’, querer realmente

eu não quero, mas precisa jogar essa verdade na cara dos outros? Não precisa”. Ele ainda mora na mesma casa de alvenaria que seu pai, antes de falecer, trocou por barracos. Três cachorros são a sua companhia, um seu e dois de seu irmão. Sem uma renda fixa, ele continua contando com a ajuda de amigos e vizinhos para se manter.

Fabiana conta que, em função da melhora de Tadeu, eles hoje têm menos contato. “Ele está vivendo outras coisas, outros lados, aí de vez em quando ele aparece aqui”. Em uma das visitas recentes, ela o ajudou a fazer currículos para entregar e mandar por e-mail. Inclusive, é número de celular de Fabiana que consta nesses currículos, já que Tadeu não tem telefone, apenas a conta de *WhatsApp* que utiliza no *tablet*. “Mas agora ele está bem, graças a Deus, psicologicamente ele está bem”, comemora ela.

As medicações que toma desde que entrou no CAPS-Magal foram mudadas várias vezes. Assim como quando iniciou seu tratamento no CAPS, ele continua tendo uma relação conflituosa com a medicação e não gosta de estar medicado. Ele sente que a medicação o afeta negativamente e isso é perceptível para as outras pessoas. “Minha relação com remédio é muito ruim... Eu fico parecendo que estou maluco mesmo, aí, quando eu não tomo, as pessoas falam ‘como você tá bem, como você melhorou’ entendeu? As próprias pessoas falam”.

A narrativa de Fabiana sobre os efeitos da medicação e as mudanças causadas pela diminuição das medicações de Tadeu corroboram com a compreensão dele de que outras pessoas percebiam os efeitos colaterais dos remédios e isso causava um efeito de ‘anormalidade’.

“Aí ele foi voltando ao normal. Ele precisava da medicação, ficava dopado, mas era necessário ficar dessa maneira, acontecia isso, mas, conforme ele ia melhorando, ia diminuindo a quantidade de remédio e conforme diminuía a quantidade de remédio, ele ia ficando melhor. Já não ficava tão dopado, lesado, já não dormia tanto quanto antes.”

Sua trajetória terapêutica inclui alguns abandonos autônomos de medicação, inclusive todas as vezes que ele deixou de tomar medicação foi de forma de forma autônoma, e algumas delas resultaram em crises e internações, o que ele vê de forma positiva. “Sem o remédio é uma relação muito boa, dá bom, eu vou internado, vou pra um lugar que eu gosto, tá bom, sempre dá bom”.

No momento de nossa conversa, ele afirma que havia diminuído a quantidade de medicações de onze para cinco. Hoje ele considera que sua saúde mental é estável. Ele só tem internações em seus sonhos. “No sonho conta? Eu sonho toda vez que eu estava maluco... É

muito doido sonhar que está maluco, você não sabe o que fazer, fica desesperado, acorda ofegante. Sonha que tá maluca pra tu ver, todo mundo querendo de pegar, te prender, correndo de todo mundo”, conta ele apreensivo. De alguma forma, mesmo com a satisfação de um lugar seguro, apesar das contenções e alimentação garantida, as internações deixaram marcas em Tadeu e, vez ou outra, ocupam seus sonhos⁹⁸.

11.5.7 Tadeu pelo Olhar dos Profissionais do CAPS

Camilo acompanha Tadeu desde sua chegada no CAPS-Magal, após uma internação. Ele dá detalhes sobre esse processo.

“Eu estou com o Tadeu aqui desde 2017, se eu não me engano. Tadeu chega através de um pedido da clínica da família. O Tadeu, na verdade, ele desorganiza na rua, uma desorganização muito pelo lado religioso. Ele ficava, a notícia que eu tinha do Tadeu, logo quando ele estava chegando aqui no CAPS, era de que ele estava evangelizando o tráfico, evangelizando as pessoas na rua e que em alguns momentos ele tirava a roupa, ficava pelado pela rua evangelizando, dizendo que não precisava de roupa, que Deus não olhava pra roupa das pessoas e sim pela alma, pelo espírito, aquela coisa toda, e o Tadeu chega aí pra uma internação, depois chega aqui no CAPS e eu passo a acompanhar o Tadeu.”

Apesar de Tadeu afirmar que passou por mais de uma internação, Camilo discorda e diz que ele passou por apenas uma, já que um dos episódios de crise foi contido e ele ficou apenas em observação. O profissional também explica que, por conta de preconceitos e crenças religiosas, Tadeu teve dificuldade de aceitar o tratamento.

“No início, o Tadeu não conseguia aderir bem ao projeto terapêutico, porque ele achava que ele tinha, vamos dizer assim, que ele não era para estar aqui todo tempo com um montão de gente doida, porque, para ele, foi uma desorganização e que aquilo ali não era maluquice, que a princípio aquilo era alguma coisa de macumba, aquilo era alguma macumba que fizeram para ele e por isso ele estava desse jeito. Quando o Tadeu começa a entender que de fato o CAPS ajudava na vida dele, ele passou a ser funcional nas atividades que foram montadas pra ele no projeto terapêutico.”

Camilo conta que, depois de sua chegada ao CAPS-Magal, ele nunca mais teve episódios de crise, não voltando mais a ir pra rua evangelizar. Desde então, Tadeu toma

⁹⁸ Após essa entrevista, Tadeu foi contratado para um estágio no LaISS, onde participou do projeto “Eu quero entrar na rede”. Ele tem a função de ensinar e orientar os alunos do laboratório e sua presença ali ficou condicionada a sua matrícula na EPSJV.

medicação e é incentivado a fazer a gestão autônoma delas. Porém, por diversas razões, ele teve alguns episódios de abandoná-las sem orientação profissional. Apesar disso, Camilo explica que Tadeu é um usuário que, por suas habilidades em identificar e compreender as atividades, isso permitiu que, ao longo do tempo, seu projeto terapêutico fosse construído com diálogo com ele mesmo.

“Isso é um projeto pensado com ele também, e ele foi dizendo ‘ah, eu gosto disso, eu prefiro fazer isso, eu não gosto disso, isso pra mim é um saco’, então, o Tadeu sempre, a gente pode montar esse projeto com ele porque o cara é inteligente, né? Um cara sábio, não é um usuário que tenha dificuldade de identificar uma atividade. O Tadeu não, ele sabia o que falava, então ele falava ‘essa aqui eu gostaria de ficar, essa não, porque não é para mim’, e aí é isso, coisas que ele gosta, coisas que ele sabe, ele tirava de letra.”

Para Camilo, Tadeu tem uma grande capacidade e passou por uma clara melhora em seu quadro, mas sua maior dificuldade são seus poucos e conturbados laços familiares, principalmente com o irmão.

“Desde dois mil e dezessete, e ele vem melhorando muito, é um cara inteligente, um cara que tem recurso, um potencial enorme, mas que tem um fator que, pra mim, o que mais pesa na vida do Tadeu é essa solidão.”

Nesse sentido, o profissional entende que um grande avanço no tratamento e na retomada de vida de Tadeu foi sua reaproximação com a família. Um próximo avanço seria o retorno para o mercado de trabalho.

“O Tadeu que está nesse processo, um cara super inteligente, um cara que a gente tá tentando de todas as formas colocar ele na vida novamente, com toda a dificuldade que ele tem, muito sozinho na vida, mas eu consegui. O Tadeu tem uma coisa muito importante, que eu acho que consegui, que foi resgatar a família dele... Eu consegui fazer contato com a tia dele e o Tadeu passou a ir para casa da tia aos finais de semana. Eu acho que, para mim, foi um ganho na vida do Tadeu, e aí estou na busca pra ver se ele consegue um emprego, tentar botar ele no mercado, tá estudando, essas coisas todas, né? Vamos ver.”

Camilo acredita que Tadeu é uma pessoa resolutiva, mas que precisa de incentivo para seguir retomando sua vida. Um exemplo disso foi, com o apoio do CAPS, ter voltado a estudar.

“É um cara que a gente sabe que tem muito recurso, eu aposto o tempo todo, desde 2018 que eu estou falando ‘Tadeu, vamos lá, cara’...Quando ele chega, ele chega de fato e consegue dar conta. Foi a mesma coisa com a escola, ele estava sem estudar, não querendo mais e aí eu vou até a escola com ele, lá em Benfica, pegar os documentos dele, e hoje ele está estudando na Fiocruz...A

família já retornou, o irmão, essas tias, agora está faltando o trabalho pra que ele possa ter a renda dele e viver.”

Para Camilo, o principal ponto do PTS de Tadeu hoje é levá-lo para fora do CAPS e fazer com que ele retorne para o mercado de trabalho. Ao comentar a possibilidade de Tadeu atuar como monitor do projeto, Camilo defende que isso deveria estar atrelado a projeção de Tadeu para fora do CAPS-Magal.

“Se for monitor fora, para fora, beleza, eu acho que faz parte, eu acho que o blogue deu aí um gás para ele em relação a essas coisas, mas nunca ser um monitor aqui para dentro do serviço. Isso não vai ajudar ele, porque o projeto dele agora é para vida mesmo”

Camilo explica que, apesar das limitações de Tadeu para se distanciar do CAPS-Magal, foram sua inteligência e habilidades tecnológicas e digitais que fizeram com que a equipe o escolhesse para o projeto.

“Pela inteligência dele, né? Inteligência, habilidade, essa coisa de manusear bem um computador, de acessar internet, é um cara comunicativo, é um cara que, assim, quando ele tá bem, ele não tem vergonha de se expor, de falar, de transmitir. Isso foi um dos fatores que eu pensei ele no blogue, e ele ajudaria outros com dificuldade. Isso que você fala, né? No final ele estava até como monitor, porque eu sabia que o Tadeu, com a habilidade que ele tinha, ele poderia ajudar outros usuários que estava ali e tinha um pouco de dificuldade. Então, essa foi a ideia de colocar o Tadeu no blogue.”

Rodrigo relaciona a indicação de Tadeu para o projeto com sua trajetória clínica complicada. “A gente pensou um pouco na indicação dele por uma outra mobilização porque estava muito difícil clinicamente o manejo com as ferramentas que a gente tinha”.

Para Camilo, a participação no projeto teve resultados positivos para Tadeu, já que contribuiu para que ele pudesse compreender seu próprio potencial, se sentir útil e ajudar outras pessoas.

“Teve resultado, ele falava muito disso, de como ele estava gostando, de como aquilo estava sendo importante pra ele, ele me dava retorno disso, e que ele pretendia continuar... Eu, como referência do Tadeu, achei que esse blogue deu um gás para vida dele para que ele pudesse acreditar mais nele também, tinha momentos em que ele falava ‘não sei se consigo fazer isso não, mesmo todo mundo me falando que eu tenho esse potencial, eu não acredito muito no meu potencial’. Eu acho que o blogue deu um plus um pouquinho na vida dele, dele se sentir útil, de poder ajudar outras pessoas, eu acho que isso é importante para ele.”

Augusto concorda e explica que Tadeu estava em um bom momento. “O Tadeu estava também numa época muito boa, ele estava fora da crise dele, estava bem participativo, ele também é muito inteligente”.

Segundo Camilo, Tadeu não teve crises durante sua participação no projeto e continuou tomando a mesma medicação. Seu projeto no CAPS-Magal diminuiu, já que, mesmo queixoso, hoje Tadeu frequenta o CAPS apenas um dia semana. “O projeto diminuiu aqui no CAPS, e ele continua da mesma forma, queixoso né, porque eu tirei ele, ele ficava aqui três vezes e hoje ele só vem uma”.

Em contrapartida, Rodrigo não tem lembranças claras de quais foram os períodos de maior instabilidade de Tadeu e da participação de Tadeu no projeto, mas se recorda do impacto que as discussões do blogue tiveram para o usuário, que ele acredita que ele teve uma piora na reta final e após o projeto.

“Engraçado porque eu acho que dele eu também lembro mais de um impacto em termos dessas discussões, em relação aos direitos, eu acho que isso ainda teve alguma, ressoou um pouco ali com ele, e aí eu já não sei se esse viés é meu, né? [risos] Mas, em termos da informática e do blogue, eu não lembro tanto da participação dele... Ele atravessou um período muito muito difícil nesse tempo que eu tive... É, o Tadeu talvez tenha piorado um pouco pro final e depois disso.”

Camilo explica que hoje a ida de Tadeu ao CAPS-Magal uma vez por semana está mais ligada à necessidade de supervisionar sua condição e incentivá-lo a procurar emprego.

“Só vem às terças-feiras, participa de atividades, mas uma atividade assim, não é atividade que o Tadeu gosta muito, mas é um dia que eu escolhi, assim, vamos dizer assim, especificamente para poder olhar ele, como que ele está, poder cuidar dele, da saída dele aqui do CAPS. É o dia que a gente vê currículo, é o dia que quando pinta vaga de emprego em algum lugar, eu chamo ele, falo ‘Tadeu, olha, entra no computador que tem uma inscrição para tal lugar’. É um dia que eu escolhi especificamente para poder cuidar da saída dele aqui para vida, para o trabalho, para essas coisas, para não deixar ele solto sem tratamento, sem ajuda.”

Também para seu PTS, a situação econômica de Tadeu é um ponto de atenção, mas para Camilo, hoje o trabalho com Tadeu é para lançá-lo para fora do CAPS-Magal. “Retomada de vida, o projeto dele é para retomada.”.

11.6 ANTÔNIO – UM LONGO CAMINHO DE VOLTA PRA CASA

Antônio não tem celular, computador ou internet em casa. Meu contato com ele é através dos profissionais do CAPS-Magal. Fui informada que, todas as segundas-feiras, ele participa do grupo dos homens. Eu, então, vou para o CAPS numa segunda-feira, o abordo pessoalmente e ele prontamente aceita dar entrevista. Sua rotina se organiza a partir das voltas e idas aos CAPS, já que, como me explica com alegria, ele conseguiu se aposentar.

Ele é um homem pardo de 46 anos e altura mediana, sua fala é um pouco arrastada e olhar é, por vezes, perdido. Nasceu no Méier, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mas ainda criança se mudou para a comunidade do Jacarezinho, também na Zona Norte. Depois. Já adolescente, mudou-se para Bonsucesso. Gostava de jogar de futebol e andar de bicicleta, mas abandonou esses hábitos.

Ele é o participante mais velho do projeto e, também, um dos que tinha maior dificuldade com as NTICs. Entretanto, o interesse de Antônio nas atividades do projeto superava sua dificuldade com as tecnologias digitais. Nem mesmo isso pôde pará-lo. Ele participou ativamente de todas as atividades e foi o primeiro participante a mostrar interesse em contar a sua história no blogue, o que ele fez escrevendo um texto à mão. Esse relato foi lido por ele no evento de lançamento do blogue.

Não é só a diferença de idade que o separa de seus colegas, também sua trajetória de adoecimento e cuidado: Antônio foi o único a cumprir medida detentiva em um hospital de custódia, onde ele passou três anos de sua vida. Isso faz dele também o único a ter passado por uma internação de longo prazo. Ele compreende o quanto sua trajetória foi dura e expressa isso ao perguntar “minha entrevista é a pior né? Fui preso”. Mas sua história não é só sobre isso, é sobre um homem e seu longo caminho de volta para casa e para si mesmo.

A trajetória de vida de Antônio foi do “asfalto” para a favela, do trabalho para o hospital de custódia. Ele tinha um emprego, constituiu família, mas teve a biografia interrompida por um processo de sofrimento mental abrupto que mudou sua história para sempre. Na busca por melhorar seu salário e a condição de vida de sua família, Antônio entrou no emprego do qual não sairia igual, ele nunca mais foi o mesmo.

Sua história nos possibilita pensar sobre as relações entre mercado de trabalho e saúde mental, sobre sofrimento e cuidado em um contexto econômico que exige e premia os esforços nocivos à saúde, mas condena e abandona o sujeito adoecido. Os empregadores de Antônio, diga-se de passagem, profissionais de saúde, queriam que ele voltasse para o posto de trabalho

que prejudicou sua saúde mental e o demitiram quando ele se recusou a fazer isso. Desempregado, ele entrou em surto e doou tudo que carregava consigo para pessoas em situação de rua. Vagou pela cidade e acabou por passar três anos em medida detentiva em um hospital de custódia, por causa do roubo de um aparelho celular. Antônio é um retrato extremo da relação entre mercado de trabalho, consumo e saúde mental. No emprego que prometia uma melhor condição de vida, ele iniciou sua trajetória de sofrimento mental que continuou na rua e depois em diferentes instituições psiquiátricas da RAPS.

Sua maior inquietação é a de contar sobre si mesmo, de ser visto e lembrar sua história. Em nossa conversa, Antônio quer atenção total e, quando faço anotações, ele para de falar. Assim, percebo que o melhor seria ouvi-lo sem anotar nada, confiar apenas no gravador e em sua fala. Ele seleciona cuidadosamente os seus relatos, conta que gostaria de mostrar fotos. Tem urgência em pular para os acontecimentos que o levaram até o CAPS-Magal. Desde sua participação no projeto, ele deixou clara a importância que vê em narrar sua história e ser percebido pelos outros. Em nossa entrevista não foi diferente, isso é repetidamente pontuado por ele.

A memória também é uma questão importante. Em nossas conversas, ele mostra uma constante preocupação com aquilo que se esqueceu de falar. Diz que, se for falar tudo, vamos ficar muito tempo. Eu digo que ele pode falar tudo que quiser. Em um determinado ponto, quando questiono sobre continuar ou não a entrevista, ele opta por continuar e alega que poderia não lembrar. Ao final da primeira conversa, ele diz que gostaria de falar mais coisas, respondo que ele pode fazer isso sem problema e pergunto sobre o que, ele diz que é sobre o que já falou. “Quero falar mais das minhas experiências de vida, mas eu já falei quase tudo”. Ele comenta sobre sua dificuldade de lembrar e a necessidade de falar sobre alguns eventos depois.

Sua entrevista é um jogo com a memória: o que ele quer e precisa lembrar para contar e fazer existir sua história, o que lhe foge e se perde porque ele ao longo do tempo foi se esquecendo. Entre o “eu não guardo muitos detalhes” e o “eu lembro” ele vai nos guiando por suas lembranças e reconstruindo com palavras uma narrativa que, por muito tempo, foi encarcerada e tomada dele. As palavras de Antônio são uma apropriação de sua história por ele mesmo. Para o outro, aquele que o ouve e o lê, como tive oportunidade de fazer, elas são o guia para acompanhar e compreender a retomada do protagonismo de sua própria vida. A sua volta pra casa.

“Pra mim, o incentivo era o blogue, eu nunca tinha feito um blogue e eu queria ser apresentado às pessoas”

“Eu gostava de contar as histórias, as experiências que eu tive, foi o que eu mais gostei... Era como estar desabafando...”

“O contato meu com as pessoas fazia eu voltar pra vida, quando eu cheguei no CAPS eu não estava na vida ainda, eu estava fora de área, igual telefone [risos]. Aí quando eu comecei a falar com as pessoas, quando eu estava voltando a me comunicar, estava voltando a fazer tudo...”

Antônio nasceu no Méier, bairro histórico de classe média e classe média alta localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Ele morava com sua mãe, dona de casa, o pai, cabista de uma empresa de telefonia, e alguns de seus irmãos. Ele tem cinco irmãos, alguns deles mais velhos, por parte de pai.

Ele conta que, no Méier, teve uma infância feliz, brincando na rua e longe da tecnologia, que até então não era tão acessível. “Foi bom, foi ótimo, minha vida era ótima... Criança né? Eu jogava bola, soltava pipa... Jogava com pião, brincava com os brinquedos que eu tinha, andava de bicicleta. Minha vida era tranquila nessa época, depois que eu fui pro Jacarezinho que começou isso tudo”.

Quando ele tinha sete anos de idade, a situação econômica de sua família piorou. Ele e seus pais tiveram que se mudar para a favela do Jacarezinho. Antônio explica que, naquele momento, a situação de sua família refletia a de muitos brasileiros, já que, na década de 1980, o Brasil passou por uma severa crise econômica. Ometto, Furtuoso e Silva (1995) explicam que, durante a década de 1980, o Brasil enfrentou a sua crise econômica mais severa, com a estagnação do Produto Interno Bruto (PIB), aumento da inflação e das desigualdades sociais. Antônio fala um pouco sobre esse período o como ele repercutiu diretamente em sua vida.

“Teve uma época que o Brasil estava numa situação ruim e todo mundo ficou na mesma situação, todo mundo teve que deixar seus lugares. A gente morava de aluguel numa casa no Méier, a gente morava bem, só que depois tivemos que sair porque não dava mais pra pagar o aluguel, fomos parar no Jacarezinho. No Jacarezinho começou os problemas.”

Para Antônio e sua família, a ida para a comunidade foi uma grande mudança em sua vida, já que até então ele não havia vivenciado episódios de violência, que passaram a ser comuns em seu dia a dia.

“[Eu era] Pequeno ainda. Lá eu vi muitas coisas ruins. Eu morava na rua, passei a morar na favela. Na favela, vi muita gente morrer. Tinha um rio, jogavam as pessoas mortas dentro do rio, via essas coisas todinhas, crianças mortas, essas coisas. Isso foi me trazendo o mal cada dia na minha vida.”

No Jacarezinho, ele estudou e teve namoradas, mas, para Antônio, esse período foi marcado pela violência.

“O que me marcava eram as coisas ruins que aconteciam, e as coisas boas que aconteciam. As coisas boas era a namorada, era o namoro, aí eu lembro da minha primeira namorada... As coisas ruins eram os tiroteios, as mortes que tinham lá... Era muito comum.”

Ele explica que suas relações familiares eram boas e, em função da violência na comunidade do Jacarezinho, ele passou a ficar principalmente dentro de casa. “Era tranquila, a gente ficava mais preso do que na rua. Era perigoso, aí não ia pra rua. Quando ia, acontecia alguma coisa”. Ainda assim, ele explica que não chegou a sofrer algum ato de violência direto. “Violência não, mas já tive que deitar no chão, e o trem passando, e o tiroteio comendo, a violência era essa”.

Ao contrário de sua primeira infância no Méier, que ele lembra com muita alegria, brincando na rua, o restante de sua infância e adolescência no Jacarezinho são lembrados por ele com um sentimento negativo. “Foi ruim, muita confusão, muita briga, favela, muita confusão, muita briga. Eu saía na rua e o pessoal começava a roubar o dinheiro do pão. Muito tiroteio, às vezes estava indo na padaria e estava um tiroteio danado, tinha que deitar no chão”.

Antônio acredita que, por causa da atuação da polícia, no período em que morou no Jacarezinho o bairro era mais violento que atualmente.

“Acho que na época que eu morava lá era muito pior, matava muito mais gente. O que acontece, era o tráfico agindo, hoje é a polícia agindo. A polícia tá agindo e matando um monte de vagabundo, antigamente era o tráfico agindo e matando um bocado de pessoas inocentes.”

Quando Antônio estava com 16 anos, sua família foi beneficiada por um programa assistencial de habitação e ele se mudou com seus pais e irmãos para Bonsucesso. “Tinha um

programa do governo de dar casas pra pessoas que moravam na beira do rio. Eles deram a casa pra gente e viemos morar em Bonsucesso”. No bairro, ele fez amigos, continuou a estudar e começou a trabalhar. Seu primeiro emprego foi como entregador. “Foi boa, eu gostei. Trabalhei numa farmácia de entregador. Eu ia na casa das pessoas, conhecia as pessoas, era bom”.

Em seguida, ele passou a trabalhar como cobrador em uma cerâmica. Ele tem boas lembranças dessas experiências, principalmente porque, em função do trabalho, ele tinha a oportunidade de conhecer a cidade, andando de ônibus, e novas pessoas.

“Depois desse trabalho, tive outro numa cerâmica e, também no setor de cobranças, eu ia pra tudo quanto é lugar cobrar o pessoal, viajava o Rio de Janeiro todo. Ia em casa de materiais de construção todas... Eu ia pra todos os lugares, conheci o Rio de Janeiro todinho, a baixada inteira. Naquela época, a gente podia andar com dinheiro, hoje não pode... Naquela época eu andava com bolos de dinheiro e de talão de cheque, ninguém me roubava.”

Após suas experiências como cobrador e entregador, ele teve vários empregos: operador de caixa e repositor em três redes diferentes de lojas, auxiliar de cozinha em um hospital, agente de portaria e vigilante.

Antônio queria aumentar o seu salário e foi assim que se tornou vigilante de um hospital. Ele explica que foi a partir dessa experiência profissional que sua vida mudou drasticamente. Ele estava em seu terceiro casamento, uma relação de nove anos. Antes ele havia tido dois casamentos, que duraram quatro anos cada. No segundo, ele teve dois filhos. Antônio conta que, antes de sua primeira crise psiquiátrica, ele nunca tinha enfrentado nenhum problema relacionado com sua saúde mental, jamais precisou de tratamento. Ele relata que tinha uma vida normal: trabalhava, tinha filhos e esposa, jogava futebol sempre que possível. “Eu jogava futebol, trabalhava, o que eu mais gostava era jogar futebol, onde tivesse futebol eu estava jogando”.

Porém, foi durante o emprego como vigilante de um hospital que teve início seu processo de sofrimento mental “Todos esses eram mais tranquilos do que de vigilante... Era o pior”. Trabalhando na emergência ele viveu situações violentas e desagradáveis que ele afirma que o traumatizaram.

“Eu queria ganhar um pouco a mais e fiz um curso, tirei a ata, tirei a licença e fui vigilante. Quando eu fui vigilante, os setores que eu trabalhava eram os piores que tinham. Perigoso, lugar perigoso, tinha gente que ameaçava os outros, toda hora tinha ameaça, que queriam me matar, que iam me matar já falaram não sei quantas vezes, polícia já falou isso pra mim no hospital.

Porque eles queriam estacionar o carro no lugar errado, no lugar da diretoria, aí eu não deixava, apontavam arma pra mim, eu também estava armado e apontava pra eles. E minha gente morrendo, chegando baleado, eu tinha que atender. A primeira pessoa que estava na emergência era eu, aí eu tinha que chamar os médicos, tudo isso acontecia, coisas tristes, isso foi abalando meu psicológico, foi me abalando, ver gente morta, entendeu? Eu fiquei perturbado durante um tempo. Quando eu saí desse emprego eu saí perturbado.”

Ele acredita que a experiência profissional conturbada foi o principal motivo de sua primeira crise.

“Isso foi me acarretando problemas, tudo que era problema, aconteciam muitas coisas ruins, eu tinha que resolver todos os problemas do hospital onde eu trabalhava. Aí o que acontece, vinha gente armado, vinha gente baleado, vinha gente morrendo, todo tipo de gente eu atendia. Essas coisas foram me trazendo perturbação.”

Ele conta que ficou um ano e meio nesse emprego. Sua demissão aconteceu, pois, já fora da emergência, onde passou pelas piores situações, ele se recusou a voltar para o antigo posto de trabalho, afinal ele sabia que o ambiente havia prejudicado sua saúde mental. “Eu saí porque queriam que eu voltasse pra emergência, eu já estava na frente do hospital, era menos problema. Queriam me voltar pra emergência, quando me voltou pra emergência eu falei que não ia voltar não, era horrível, aí me mandaram embora por causa disso”. Após ser demitido, Antônio não conseguiu um novo emprego e acabou entrando em sofrimento mental. Ele acredita que as múltiplas violências, físicas e psicológicas, sofridas trabalhando como vigilante e, depois, a dificuldade de voltar ao mercado de trabalho foram o estopim para uma série de crises. “Começou através desse problema que eu tive como vigilante, aí perdi o emprego e começou a perturbação, e eu não estava conseguindo arrumar mais emprego em lugar nenhum”.

Nesse primeiro episódio de crise, ele doou para pessoas em situação de rua tudo que carregava: dinheiro, cartões e celular. Ele acabou sendo preso e depois internado em uma instituição psiquiátrica.

“Depois disso eu tive um surto psicológico e fui parar no centro da cidade, peguei meu dinheiro do salário todinho e dei para as pessoas no meio da rua, os mendigos tudo atrás de mim pedindo dinheiro... Era pouco, mixaria, um salário... Mas era tudo. Aí peguei um taxi e fui andando sem rumo, pra qualquer lugar, parei, peguei ônibus, dei meu celular, dei meus cartões de crédito para as pessoas. Eu estava como se fosse morrer aquele dia, era o último dia da minha vida. Eu estava dando tudinho, dando dinheiro, eu estava tão perturbado que achava que as pessoas que me perseguiram a vida toda no negócio de vigilante estavam me perseguindo. Eu fui parar no centro da

cidade, fui na embaixada dos EUA, e queria embarcar pros EUA, lá eu fui preso.

Em função desse episódio, Antônio passou 15 dias internado no Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro (CPRJ), localizado no bairro da Gamboa. Ele fala com cuidado sobre ter sido contido. “Fui parar numa clínica dessas de pessoas perturbadas, me amarraram [pausa], me amarraram e depois a minha família veio e me tirou de lá, tirou, mas eu fiquei perturbado pra lá”, ele conta fazendo pausas para lembrar.

Ele explica que essa foi a primeira de várias internações que vieram em seguida. De funcionário de hospital, ele tornou-se paciente recorrente de instituições psiquiátricas. Ele lista os bairros em que ficou internado. “Fui internado no Del Castilho uma vez, uma vez na Gamboa, uma vez na Ilha do Governador”. Apesar disso, não se lembra quantas vezes isso ocorreu. “Eu não guardo muitos detalhes, é muita coisa pra se falar, muita coisa”. Entretanto, Antônio recorda com precisão das violências que sofreu nas instituições em que esteve. Ele relata que as internações foram aos poucos se tornando mais agressivas e isso acabou por se fixar em sua memória.

“O que me marcava eram as internações que eram cada vez mais brutais, era amarrando, dando remédio, dopando a pessoa, isso que me marcava. Eu ficava lá dopado, ficava dormindo, não estava no meu estado normal, essas coisas que me marcavam, eu sabia que eu estava numa situação terrível.”

Mesmo afirmando que ficou um longo período em crise e esqueceu de detalhes, Antônio defende que se lembra com clareza o que viveu.

“Eu lembro. Na hora parece que tá sob efeito de alguma coisa, mesmo que a gente esteja fazendo algo que a gente não concorda, a gente tá sob efeito, a gente sabe o que tá acontecendo, mas... Eu fiquei várias vezes em surto, ia para o meio da rua falando sozinho, uma conversa que não acabava mais. Eu conversava com alguma coisa que não parava de conversar comigo, parecia que era bom porque a pessoa entendia tudo que eu falava, parecia que estava entendendo nesse surto.”

Ele explica que compreendeu que estava em surto quando percebeu que passava a maior parte do tempo na rua, não mais em casa. “Aí alguém me avisava alguma coisa. Eu corria do nada, alguém me avisava que alguma coisa ia acontecer, no surto, era uma coisa horrível”.

No momento de sua primeira crise, Antônio tinha 33 anos, dois filhos, do segundo casamento, e estava em seu terceiro casamento. Ele explica que não tinha muitos amigos, que

foram se distanciando conforme ele passou a ter uma rotina de trabalho e casamento. “Eu tive amigos na época que eu comecei a morar lá em Bonsucesso, na primeira época, aí eu tinha um bocado de amigos, aí depois eu comecei a trabalhar, depois que eu arrumei esposa eu não tinha mais amizade, quase ninguém”.

Sua companheira, que estava com ele há nove anos, era a pessoa mais próxima dele e tentou ajudá-lo, mas sua relação não sobreviveu aos seus episódios de crise. “Ela passou esse sufoco todinho de ter que me procurar no meio da rua, tinha que ir no lugar onde eu estava internado pra me visitar, até que um dia eu briguei com ela e joguei tudo dela fora, num surto, mandei ela embora”.

Após a separação, ele ficou sozinho e passou três anos tendo crises, ouvindo vozes e vagando pelas ruas enquanto conversava com elas. Hoje ele se impressiona ao pensar como sobreviveu a esse período, já que passava a maior parte de seu tempo na rua e transitava por territórios de favela, se expondo a muitos riscos, inclusive de vida.

“Eu estava em casa, já tinha perdido a minha mulher, já tinha separado da minha esposa, estava em casa sozinho. Eu ia para o meio da rua e ficava falando sozinho, andando, eu andava pra tudo quanto era lado, estava indo pra tudo quanto é lugar, eu ia do Bonsucesso ao Méier a pé, do Méier ao centro da cidade e não sentia cansaço, correndo o risco de alguém me fazer o mal, eu estava entrando em favela, não sei como não me mataram.”

Mesmo nesse período mais crítico, o trabalho continuou a ser uma questão importante para ele. Antônio afirma que chegou a conseguir uma aposentadoria em função dos trabalhos que já havia realizado, mas, durante uma crise, ele cancelou o benefício. Isso aconteceu pois, mesmo sem ter condições psicológicas e emocionais, ele queria voltar a trabalhar.

“Eu consegui me aposentar por tempo de trabalho quando eu ainda estava surtado, eu fui lá pra Gamboa e consegui lá. O que aconteceu que eu consegui cancelar tudinho, fui cancelar e cancelei minha aposentadoria normal, estava recebendo bem mais do que agora, fui cancelar, eu estava surtado, falei ‘eu tenho que trabalhar, eu tenho que trabalhar, eu tenho que trabalhar’ resolvi que tinha que trabalhar, mas como que uma pessoa surtada vai conseguir trabalhar?”

Em 2015, ele foi levado para cumprir pena no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Henrique Roxo, em Niterói. Os hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico (HCTP) são dispositivos que substituem os antigos manicômios judiciais. Essas instituições são geridas pela Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP), portanto, compõem o

sistema prisional e possuem uma infraestrutura que mistura as lógicas prisionais e asilares (FERREIRA, 2021). Nos HCTP, cumprem pena cidadãos que tenham cometido crimes ou infrações e sobre os quais haja “dúvida sobre a sanidade do acusado e sua capacidade de compreender o caráter ilícito do ato praticado” (FERREIRA, 2021, p.56-57). Ou seja: sobre esse sujeito, chamado de Louco Infrator ou Pessoa em Transtorno Mental em Conflito com a Lei, incide a inimputabilidade ou semi-imputabilidade (FERREIRA, 2021).

Antônio ainda hoje defende com indignação que o crime que o levou a cumprir pena de três anos em HCTP foi armado pelos policiais que o prenderam. Para Antônio, os agentes de segurança aproveitaram que ele estava em crise para o culparem de um crime que ele não cometeu.

“Eu fui preso. A polícia armou pra mim, eu estava no meio da rua surtado, achando que as pessoas estavam me perseguindo, eu cisme com uma mulher no meio da rua, eu entrei na frente dela pra falar, não sei o que eu ia falar com ela, aí nisso, eu entrei na frente dela e saí e fui embora, do outro lado tinha uma patrulha, me viu no meio da rua e veio me interrogar, eu estava tão assustado que eu não falei nada, deixei eles me prenderem sem falar nada. Depois que me prenderam e me jogaram numa delegacia que eles falaram pra mim que eu estava sendo preso porque tinha roubado um celular, eu nunca tinha roubado ninguém, eles aproveitaram da minha situação, da minha condição de surto, não tinha explicação pra nada, estava sem reação, aí aproveitaram isso pra jogar isso em cima de mim... Eles armaram isso pra mim e me jogaram na cadeia. Eu fiquei três anos na cadeia, três anos sem ter feito nada.”

Antônio relata que, no HCTP Henrique Roxo, foi medicado contra sua vontade, já que ele acreditava que não precisava de medicação. Pelo contrário, para Antônio, o importante naquele local e momento era estar alerta, para caso fosse necessário se defender. A fala expõe sua desconfiança com relação aos seus colegas, demais sujeitos cumprindo pena naquele momento.

“No Henrique Roxo [HCTP], eu tomava [medicação], era contra minha vontade, eu não pedia nada a eles e eles me davam remédio... Não precisava... Porque eu estava no meio do, cadeia é a pior coisa pra pessoa, era o pior tipo de pessoa que tinha lá perto de mim, as piores pessoas do mundo estavam lá. Então o que acontece, eles botavam remédio pra me deixar grogue, eu lá com aquele pessoal perturbado, eu tinha que estar alerta. Eles eram perturbados, eles eram capazes de matar uma pessoa brincando. Eles me davam remédio lá e eu ficava pior ainda, eu ficava grogue e não tinha reação... lá eles davam medicação pra arriar a pessoa.”

Apesar disso, para ele o mais marcante dos três anos que passou no Hospital Henrique roxo foram os suicídios de colegas que ocorreram na instituição nesse período. Vivenciar a

perda abrupta e violenta de pessoas próximas, que ele conhecia e com quem convivia, prejudicou ainda mais sua saúde mental.

“Duas pessoas se suicidaram... Enquanto eu estava lá... Eram pessoas que eu conhecia, parecia que estava normal, não tinha acontecido nada com a pessoa e do nada... Acho que eu, pelo tanto de tempo que ficou lá, muito tempo, aí fez isso... marcou mano, ver uma pessoa do lado viva, e daqui a pouco ela se suicidando de repente, tirando a própria vida, eu fiquei muito triste, saí abalado de lá.”

As crises, as várias internações e a sequente permanência em um HCTP resultaram no afastamento de Antônio da família. Ele se separou e perdeu o contato com os filhos. “Nos momentos mais difíceis, eu parei [a relação com eles], dei uma parada. Eu não tive mais contatos com eles, eu separei da mulher e ela levou eles pra longe, então eu me afastei”, explica ele.

Ao longo de sua trajetória de sofrimento mental, Antônio recebeu dois diagnósticos diferentes: bipolaridade e, depois, esquizofrenia. Entretanto, ele discorda deste último.

“Primeiro, eles achavam que eu era bipolar, lá na Gamboa eles acharam que eu era bipolar, depois eles falaram que eu tinha esquizofrenia. Eu não acho que eu tenha esquizofrenia não, acho que eu sou bipolar mesmo... Quando eu fui preso, tive o diagnóstico de esquizofrenia, no primeiro surto meu eu tive diagnóstico de bipolaridade. Eu achava que era bipolar porque realmente eu vivia duas coisas ao mesmo tempo, eu era a consciência de duas pessoas ao mesmo tempo, uma hora eu estava bem, não tinha nada, e em outra hora eu não estava bem, falando coisa, isso dava a entender que eram duas coisas ao mesmo tempo.”

Antônio explica que, no final de 2018, foi encaminhado pelo HCTP Henrique Roxo para o CAPS-Magal, já que a continuação do tratamento em uma instituição psiquiátrica era requisito para sua saída do HCTP. “Pra gente sair da cadeia, a gente tem que participar do CAPS. Tem que ir durante um ano pra garantir que tá tudo ok”. Foi assim que ele ganhou liberdade.

11.6.1 A Chegada ao CAPS-Magal

Antônio explica que, quando chegou ao CAPS-Magal, em 2018, não estava bem, mas que gostava de conversar com as pessoas e isso ajudou em sua recuperação. “Eu cheguei perturbado, mesmo assim eu conversei com as pessoas, a pessoa que é perturbada fala mais do

que a pessoa que é normal. As pessoas que fui me dando bem foram as pessoas que tinham algum problema. Isso me fazia bem”.

Mesmo passando por tratamento por três anos, durante sua permanência em HCTP, Antônio afirma que a chegada ao CAPS-Magal foi finalmente o início de sua melhora.

“Quando eu entrei no CAPS, foi a melhora de tudo. Eu estava surtado no CAPS, mas eu não estava igual anteriormente. Quando eu entrei no CAPS, eu parei de andar no meio da rua, eu comecei a explicar as coisas que eu não explicava, comecei a entender que eu estava isolado das pessoas, aqui eu conversava com as pessoas, aqui eu melhorava.”

Antônio relata que, com o início do tratamento no CAPS-Magal, parou de ouvir vozes. Para ele, o principal motivo para que isso tenha ocorrido foi a interação com outras pessoas. “Eu comecei a conversar com os outros, comecei a abrir, a expandir. Eu não estava conversando com ninguém, quando aconteciam essas coisas, eu não estava interagindo com ninguém... Fez diferença”.

No CAPS-Magal, ele também passou a ter uma outra relação com a medicação, diferente daquela que tinha no HCTP, e a não ser mais resistente a tomá-las. “A medicação aqui era pra eu dormir, porque eu não dormia, quando a pessoa não dorme, não tem sossego, fica vinte e quatro horas na ansiedade. Aqui foi diferente”.

Nesse período, ele estava morando sozinho e recebia algumas visitas do pai, que não foi presente, o que Antônio lamenta, já que ele acredita que o apoio que precisava era diferente do que recebeu. “Meu pai de vez em quando ia me ver. Quer dizer, ele deixou muita coisa ruim acontecer comigo, de vez em quando uma pessoa que tá perturbada precisa de uma pessoa a bastante tempo junto”. Sua mãe já havia falecido, no ano de 2010.

Ele passou a frequentar o CAPS-Magal três vezes por semana e a participar das oficinas de bijuteria e artesanato e o futebol dos usuários e funcionários. Antônio acredita que as atividades contribuíram significativamente com sua melhora. “Muito melhor do que eu estava... As atividades que teve aqui, bijuteria, artesanato, futebol, isso começou a me integrar, melhorar minhas coisas”. Para ele, a maior mudança que teve em seu tratamento depois do CAPS-Magal foi a melhora na sua comunicação. “Eu não me comunicava, eu me isolava das pessoas, não tinha comunicação boa... Mudou, eu conversei com muitas pessoas, me abri, minha comunicação ficou melhor”.

Mesmo com uma maior aceitação da medicação e uma melhora significativa na comunicação, Antônio ainda passou por alguns poucos episódios de crise. Como ele afirma,

“teve algumas confusões ainda”. Ele tenta se lembrar e descrever uma delas, quando ele voltou a ficar exposto à violência de um grupo do narcotráfico da região em que mora, em Bonsucesso.

“Deixa eu lembrar... eu tive surto com um vagabundo que ficava na minha porta. Eles [traficantes de drogas] botavam um vagabundo numa cadeira pra tomar conta de tudo lá, eu ia lá na cadeira do cara e ele jogava a cadeira fora, maior risco de morrer. Jogava a cadeira, não queria que a gente ficasse ali de jeito nenhum, eu não gosto de vagabundo, tem gente que fala ‘é menino’, o menino mata todo mundo faz um monte de maldade com o pessoal, e esse pessoal chama ele de menino... Era o pessoal do tráfico. Eles cismaram que tinham que ficar na minha porta, e eu cismeí que eles estavam tomando conta de mim.”

No CAPS-Magal, Antônio teve a confirmação dos diagnósticos que recebeu anteriormente: bipolaridade e esquizofrenia. Hoje ele confia no CAPS-Magal e no atendimento recebido, reconhecendo a importância da instituição para o seu tratamento, “foi um ganho, foi uma melhora. Foi uma melhora pra mim”. Entretanto, Antônio continua desconfiando do diagnóstico recebido.

“Mas aí eu não acredito muito no negócio de polícia, eles falam qualquer coisa, é tudo de qualquer maneira, não tem análise, não tem nada. Me davam remédio por me dar, se tivesse me fazendo mal continuava tomando remédio, era assim mesmo. Quando eu vim pro CAPS, que eu tive uma noção do que era... Eles continuaram a mesma coisa, mas o que eu acho que eu tinha era bipolaridade.”

11.6.2 Entrada no Projeto

Antônio foi avisado por Camilo que haveria um projeto envolvendo internet. Mesmo sem saber que envolvia a produção de um blogue, ele quis participar, pois acreditou que teria muita informação. “Pra mim não era um blogue, pra mim era igual eu fiz, como se fosse um treinamento básico de internet, aí eu me interessei pra aprender mais, aprimorar mais”. O mais próximo da experiência de produção de um blogue que ele já havia tido era um curso de computação básica que fez anos antes. “Só cursos mesmo, cursos de informática”.

Ele conta que, quando soube que o projeto envolvia a produção de um blogue, ele teve expectativas altas, pois acreditava que o blogue daria visibilidade para os participantes. “Quando eu vi que era blogue mesmo? Eu esperava que desse mais mídia, mais [pausa] que fosse lançar a gente pra...”, ele fala tentando se lembrar das palavras. Além de sua expectativa alta com relação à visibilidade que o projeto traria para os participantes, Antônio também

acreditava que o blogue poderia ser economicamente rentável e ter uma maior duração. “Eu achava que ia ter mais participação efetiva deles [os participantes]. Em tudo. Na participação pra ganhar verba e levar mais à frente... Durado mais”.

Para Antônio, a maior dificuldade que ele enfrentou durante o projeto foi, de fato, o uso das NTICs, já que ele tinha poucas habilidades no uso de computadores e celulares.

“Eu tive dificuldade porque eu não aprendi o curso básico de computador, eu não sabia muita coisa, inclusive você [pesquisadora e mediadora] me ajudava em tudo, a minha dificuldade foi essa... Todo mundo que estava lá tinha uma noção com celular, sabia desenvolver e eu não. Eu tinha celular, mas eu não desenvolvia nada em celular... Só ligava.”

Mesmo com as expectativas não alcançadas e a dificuldade em utilizar as NTICs, Antônio ainda afirma que o acesso do blogue pelo público foi seu maior incentivo. Ele explica que, em nenhum momento, ele pensou em desistir, pois gostava de saber que outras pessoas estavam vendo o blogue.

“As conquistas né, a quantidade de pessoas que viam nosso blogue, isso me incentivava a ficar... Não pensei em desistir não, fiquei até triste né porque o pessoal parou e não tinha como entrar em contato com eles, eu queria que tivesse continuado aqui no CAPS... Porque estava dando certo, de alguma forma estava dando certo.”

A maior importância e significado do projeto para Antônio estava na oportunidade de fazer algo novo e no status que o blogue e seus resultados poderiam proporcionar a ele, talvez até abrindo algumas portas. “Significava, era uma coisa que eu nunca tinha feito e que ia me trazer status, trazer ao público, ia me levar a conhecer outras coisas”.

Para Antônio, dentre as atividades desenvolvidas durante o projeto, as mais marcantes foram aquelas que o possibilitaram contar sua história.

“Eu gostava de contar as histórias, as experiências que eu tive, foi o que eu mais gostei... Era como estar desabafando... Contar as histórias era bom. Tirava uma coisa que eu estava pensando e deixava sob análise de outras pessoas... Era bom, era um aprendizado... Eu aprendi.”

A mais importante delas foi a escrita de um texto sobre sua vida e a importância do CAPS-Magal na sua trajetória. Ele conta que escolheu escrever esse texto, que depois foi lido no evento de lançamento do blogue, para se envolver mais com a produção da mídia. “Foi boa,

eu gostava de contar”. Ele explica que gosta de falar sobre o que viveu e estava acontecendo com ele e que conseguiu fazer isso no blogue.

Ele também fala com empolgação das atividades que envolviam fotografia, pois ele gostava de tirar fotos. “Aprendi um bocado de coisa, aprendi a tirar foto, o ângulo da foto”. Para ele, trabalhar a combinação entre texto e imagens era uma forma de mostrar o conhecimento adquirido sobre a produção de um blogue. “Aí tinha que agilizar o texto de acordo com as fotos, era a melhor parte... É que expunha nosso entendimento sobre blogue... Era bom”.

Quando perguntado sobre o que menos gostou no projeto, ele é conciso em responder que não houve nada que não tenha gostado “Teve nada não, gostei de tudo”. Para ele, o mais útil dentro das atividades relacionadas com o blogue foi a computação, já que ele não utilizava o computador há anos e teve a oportunidade de reaprender coisas que havia esquecido. “Útil? A computação, eu estava aprendendo de novo. Me ajudou a lembrar das coisas... Tinha bastante tempo, uns dois anos. Minha filha jogou água no meu computador, destruiu tudo... Estragou”.

Antônio afirma que, durante sua participação no projeto, não teve crises. Ele estava tomando medicação, mas isso não o atrapalhou. “Eu uso mais pra dormir, então na hora que eu estava no computador, eu não estava dormindo, estava acordado, então não me atrapalhava, não interferia”. Ele ia ao CAPS-Magal três dias por semana e, embora seu tratamento tenha mudado algumas vezes, ele continuou a participar das mesmas atividades que participava quando entrou no CAPS-Magal. “Eu vinha quinta, terça e segunda. Três vezes por semana... fazia as mesmas atividades, era bijuteria, lá tinha renda também, o bazar e o futebol. O que eu mais gosto é o futebol, mas não está tendo mais não”.

Enquanto participava do projeto, Antônio manteve a rotina de jogar futebol aos sábados. Ele explica que queria ter participado do grupo de mídias, mas acabou não conseguindo. “Eu estava só na do blogue, mas eu queria participar, acabou que eu não consegui... Era tipo uma continuação da do blogue”.

Seus laços sociais estavam enfraquecidos, ele estava distante de amigos e família. “Eu quase não tinha contato, meu pai foi embora da minha casa, ele se juntou com outra esposa depois que minha mãe morreu, então ele ficava longe, o relacionamento com a minha família era distante... Eu quase não tinha amigos... Eu não saia muito não”.

Ele morava sozinho e se mantinha com o aluguel de um imóvel que possui em outra cidade, ainda assim a bolsa contribuiu com sua renda. “Eu gostava, servia pra ajudar nas minhas coisas em casa... A bolsa me ajudou quando eu estava numa situação ruim, aí me ajudou...”

Comprava comida.”. Apesar disso, ele explica que a bolsa não era seu maior incentivo para continuar no projeto, mas, sim, a valorização de seu trabalho pelo público, já que ele gostava da ideia de as pessoas verem o que ele produzia. “Pra mim, o incentivo era o blogue, eu nunca tinha feito um blogue e eu queria ser apresentado às pessoas, porque isso aí aumenta nosso [deixa em aberto] né?”

Nesse sentido, o que mais o marcou foi a evidência e possibilidade de falar de si que o blogue proporcionou. “O blogue em si, a evidência, meu nome no blogue, a história que eu contei que foi vista por uma boa quantidade de pessoas, isso foi bom... Foi porque eu pude falar o que estava sentindo”.

Ele cita apenas um malefício possível na produção do blogue, que, na verdade, acabou não se tornando realidade. “Só quando a gente dava a identidade, e acontece de alguma pessoa usar isso de outra forma, não aconteceu”.

Antônio gostaria que o projeto tivesse continuado e fala que faltou o dinheiro. Para ele, a rentabilidade do blogue poderia ter sido mais bem trabalhada. “Gostaria, mas hoje em dia é tudo na base do dinheiro, por isso que eu falei que faltou pra gente desenvolver esse negócio do ganhar, de lucrar pra poder a gente conseguir levar mais à frente”.

11.6.3 Resultados do Projeto

Tendo em vista sua alta expectativa quando o projeto foi iniciado, Antônio afirma que o projeto ficou abaixo do esperado.

“Pensei que a gente ia evoluir cada vez mais, que a gente ia conseguir fazer os projetos e conseguir até ter lucro com isso... Minha expectativa estava acima do que a gente conseguiu, eu esperava mais, ficar mais tempo do que a gente ficou, tivesse mais projetos, que a gente conseguisse chamar atenção de um público... Esperava mais.”

Mesmo não tendo alcançado suas expectativas, ele acredita que o projeto teve resultados positivos. Antônio ri ao contar que sua participação na produção do blogue o ajudou a voltar a se comunicar e conectar com outras pessoas, voltando para a vida.

“Ali eu estava bem melhor. Porque eu passei a conversar com as pessoas, passei a conversar com as psicólogas, passei a ter atividades, tudo isso me fazia melhor... O contato meu com as pessoas fazia eu voltar pra vida, quando eu cheguei no CAPS, eu não estava na vida ainda, eu estava fora de área, igual telefone [risos] aí quando eu comecei a falar com as pessoas, quando eu estava voltando a me comunicar, estava voltando a fazer tudo... Tudo estava favorecendo.”

Dentre essas pessoas, estavam os seus colegas de projeto. Ele avalia como positiva sua relação com os demais participantes do projeto e acredita que acabou por promover sua integração social. “Era boa, foi melhor ainda, integrou mais ainda as pessoas... Me integrou mais ainda”. Para ele, os momentos de descontração e trabalho conjunto com os demais participantes foram importantes, já que era algo que ele não tinha há muitos anos. “Momento marcante era a gente brincando, se divertindo... Há muito tempo não tinha uma galera assim brincando, fazendo negócio, realizando projetos... Me sentia ótimo”. Os colegas acabaram por ser também fonte de valiosos aprendizados para Antônio. “Aprendi a espontaneidade, de falar o que pensava”.

Ele acredita que o trabalho junto com outras pessoas, como a organização em duplas, o ajudou. “Deu mais referência, mais dinâmica”. Ver o empenho dos colegas também foi positivo para ele. “Só de ver as pessoas se empenhando, eu gostei do empenho de cada um... Foi uma experiência boa”.

Apesar disso, Antônio não sente que evoluiu muito suas habilidades com as NTICs porque faltou a união do grupo para apoiar e ensinar uns aos outros fora do LaISS.

“Não evolui não... Faltou mais contato dos integrantes, um ir na casa do outro, um ajudar o outro. Eu tentei chamar o, esqueci o nome do moleque, eu tentei juntar todo mundo, pra um ir ajudando o outro que não sabia, essas coisas, eu tentei, mas não consegui... Faltou isso, entre os colegas eu não consegui fazer.”

Mesmo com alguns pontos negativos, Antônio avalia como boa sua experiência no projeto. “Teve muita informação, foi positivo”. Dentre os benefícios, estava o conhecimento sobre blogue e como fazer um, algo a que ele não tinha tido acesso antes da experiência do projeto. “Benefícios... No entendimento das coisas que a gente fazia, o blogue, como era um blogue... Não sabia nem o que era um blogue”.

Antônio acredita que a experiência do projeto repercutiu em sua vida pessoal e tratamento ajudando em seu tratamento. “Ajudou. Estava lento demais nas coisas, resolvi minha vida, ajudou eu a desenvolver mais as coisas... No pessoal, no tratamento... A minha comunicação com as pessoas melhorou”. Ele passou a ter uma relação melhor com usuários e funcionários do CAPS-Magal. “Eles faziam mídia aqui, aí todo mundo queria participar de alguma coisa, foi bom”.

Quando questionado sobre como resumiria sua participação no projeto, ele é objetivo. “Oportunidade... Foi uma boa oportunidade de aprender”.

11.6.4 Após o Blogue

Após a participação no projeto, Antônio não passou mais por interações. “Consegui ficar estável. Senti falta do blogue, mas fiquei estável”. Para ele, a interação com os colegas foi o que mais fez falta, já que ela foi importante para o tratamento tanto dele, quanto dos outros. “[Senti falta] Da interação da gente no blogue... Foi [importante pro tratamento], pro meu só não, foi pro deles também... Fez diferença pra todo mundo.”

Com dificuldade, Antônio se recorda que, com a ajuda de um dos colegas do projeto, ele conseguiu um emprego em uma mecânica, no qual ficou três meses. “Foi bom, estava um tempo sem trabalhar”. Depois dessa experiência, ele não trabalhou mais e continuou a viver do aluguel de um imóvel que possui em outra cidade.

Antônio Continuou a morar sozinho em Bonsucesso, não voltou a se casar, “Não casei mais, parei”, e deu entrada em sua aposentadora. Aos poucos ele foi retomando a relação com a família.

11.6.5 Sua Relação com as NTICs

O primeiro contato de Antônio com as NTICs foi em 2007, quando fez um curso básico de informática. Nessa ocasião, ele aprendeu a fazer planilhas, que passaram a ser o seu principal motivo para usar o computador. Antônio nunca foi muito afeito às NTICs, e o uso que fazia delas era principalmente por motivos práticos.

Antes de sua chegada ao CAPS-Magal, o uso que Antônio fazia de NTICs, principalmente o computador, era restrito ao seu planejamento financeiro. “Antes eu fazia, qual o nome, é... negócio de gastos... Planilha de gastos, fazia tudo que eu tinha recebido, tudo que eu tinha gastado, desde que eu trabalhei... Fazia no computador... Tinha computador, internet, celular... mas eu só usava pra fazer planilha mesmo”. Ele também possuía celular, mas ele utilizava o dispositivo apenas para realizar ligações. Na sua casa, quem utilizava a internet era seu filho.

Ele conta que chegou a usar o computador e a internet para trabalhar em um de seus empregos. “Usei quando eu trabalhava de caixa nas lojas americanas, era o sistema que usava lá”.

Em sua primeira crise, Antônio doou seu celular para uma pessoa em situação de rua e só voltou a ter um novo aparelho em 2018, quando foi para o CAPS-Magal. Tendo isso em vista, os momentos mais críticos do processo de sofrimento mental vivido por Antônio foram também o período de distanciamento entre ele e as tecnologias, isso acabou por refletir no uso de internet que ele tinha quando ele participou do projeto “Eu quero entrar na rede”. Naquele momento, Antônio tinha um aparelho de celular, que continuava sendo utilizado principalmente para ligações, e estava sem computador.

Antônio conta que, após a participação no projeto, ele parou totalmente de utilizar a internet. “Não uso, nem as planilhas... Não uso internet no celular, não uso *Facebook*, tenho que aprender”. Ele ainda se lembra como fazer planilhas e voltar a fazê-las é o seu maior desejo. “Tenho vontade de usar computador pra fazer a planilha, aí eu melhorava outras coisas que eu ia aprender”.

Ele também demonstra o desejo de aprender a utilizar a internet para outras finalidades, já que ele acredita que a falta de domínio das NTICs o isola do mundo. Contudo, ele tem dificuldade de aprender fora de ambientes de ensino. “Faz falta e muito. Negócio de banco, aprender as coisas, faz muita falta, eu estou completamente alienado, era pra estar mais, meu irmão sabe tudo de celular... ele me ensina, mas ele não tem paciência pra ensinar, ensina daquele jeito rápido dele e eu não aprendo nada”.

Apesar de não gostar muito, ele sente que pode ser que uma hora ele aprenda e volte a usar computador e celular, como foi com o blogue. Afinal, ele gosta de aprender.

“Eu não gosto, não ligo muito. Uma hora de repente a gente vai acabar aprendendo, tendo que aprender de qualquer jeito. As coisas acontecem assim, quando a gente não gosta, a gente não quer, vem as coisas pra gente, de um jeito que a gente nem entende e a gente fica sabendo tudo... O blogue eu não sabia de nada, aí veio e eu comecei a saber de tudo. O próprio celular quando veio pra mim, quando veio o computador também a primeira vez, também eu não sabia de tudo e, de repente, eu estava sabendo um bocado de coisa.”

Ele segue sem celular, computador e internet em casa. Apesar disso, ele conhece que fez diferença ter esses dispositivos e acesso à internet em casa e sente falta. “Muda a interação com as pessoas, a comunicação”.

11.6.6 Hoje em Dia

Hoje a rotina de Antônio se organiza em função de ir ao CAPS-Magal uma vez por semana e sair nos fins de semana para se distrair com sua família. “Meu dia a dia é vir pra cá, pro CAPS, na segunda-feira tem reunião, no sábado e no domingo eu vou pra Quinta da Boa Vista passear... Eu vou às vezes com minha cunhada e com meu irmão”.

Antônio continua a morar sozinho, mas hoje voltou a ter contato com os filhos, que têm 23 e 18 anos. Aos poucos, eles entenderam o que levou seu pai a se afastar deles.

“Agora que eu vim voltar a ver eles... Tem uns dois anos... Foi bom. No começo eles ficaram com raiva de eu ter largado eles, mas depois eles reagiram bem... eu disse que fiquei perturbado, agora que eles estão entendendo, que estão adolescentes, agora eles estão entendendo o que eu passei, eles não entendiam.”

Antônio ainda toma medicação. “Estou tomando muito porque não consigo dormir. Esse mal foi tão grande que eu não consigo dormir sem remédio, estou dependente do remédio, se eu não tomar o remédio, eu não durmo, fico a noite toda acordado”.

Ele não joga mais futebol, atividade que gostava de fazer, mas a desistência foi por causa do corpo, e não da mente. Ele ri ao contar que já não tem mais idade para isso.

“Não, estou cansado, estou velho [risos]. Se machucar não recupera mais não... Futebol deixa o corpo todo doendo... Eu chegava era morto, colocava a esposa e as crianças pra ficar pisando em cima de mim pra poder fazer massagem. Agora é mais difícil, não tem mais ninguém.”

Ele também parou de andar de bicicleta. “Antigamente eu andava de bicicleta, agora não estou andando mais... Não sei, estou achando tudo muito perigoso”. Ele diz que, diferente dos momentos em que estava em crise e andava por toda a cidade, hoje ele medo e prefere ficar em casa assistindo televisão.

Ele acredita que o tratamento no CAPS-Magal foi fundamental para que ele tivesse autonomia para cuidar de sua própria vida financeira, o que hoje ele consegue fazer. Isso acabou por melhorar sua qualidade de vida.

“Tanto melhorou que eu consegui receber os dinheiros que eu não conseguia, minha aposentadoria, hoje eu tenho aposentadoria, consegui receber auxílio emergencial do governo. Eu consigo fazer essas coisas que eu não conseguia fazer pra mim, a meu favor, eu não conseguia fazer nada a meu favor, não

conseguia receber nada... Por ter mais tranquilidade agora, a cabeça no lugar, eu consegui fazer.”

Ele continuou seu tratamento no CAPS-Magal mesmo durante a pandemia e reclama que hoje a instituição não oferece mais tantas atividades como havia antes. “Não tem nada pra fazer aqui. Antigamente tinha muita coisa pra fazer, hoje não tem nada”. Ele teve um aumento da medicação pois estava com problemas para dormir. “Continua a mesma coisa, ficou mais forte porque eu estava dormindo pouco... estou tomando mais... Tomava menos... Aumentou agora”.

Antônio não ouve mais vozes e continua acreditando que seu diagnóstico é errado. “Na época que eu cheguei aqui falaram que era esquizofrenia. Se eu for alguma coisa é bipolar, não tem condições de ser esquizofrênico”.

A renda de Antônio hoje não é mais o aluguel da casa que possui em outra cidade, já que sua ex-esposa mora nesse imóvel. Ele está feliz que conseguiu se “aposentar” e completa contando que em breve irá receber o BPC.

11.6.7 Antônio pelo Olhar dos Profissionais do CAPS

David confirma que Antônio se tornou usuário do CAPS-Magal após um período de institucionalização no HCTP Henrique Roxo, em Niterói. Antônio se tornou um interno do HCTP após ser transferido de uma delegacia em função de uma acusação de roubo. Conforme explica o técnico de referência, ele “caiu” no sistema carcerário e de tratamento psiquiátrico por já ter passado por outros episódios de agitações e tratamento. O profissional explica que a ida do usuário para o CAPS refletiu uma movimentação de desinstitucionalização, conhecida na área da saúde mental como “desins”, balizada pela RPB.

“Eu conheço ele nesse processo de soltura, porque como a lei [da reforma], também a extinção dos presídios, entrou na mesma forma das desconstruções dos hospícios, dos espaços asilares. Então começa uma nova trajetória também dentro dessa, vamos dizer, dessa sequência aí, e o CAPS também se torna responsável pelo acompanhamento e processos de desins. Então ele vem com retorno familiar, tem um pai já idoso, mas que tinha uma relação bastante fragilizada de família, mas que a gente de alguma forma vai resgatando e esse pai então oferece o aval pra que ele possa, enfim, estar responsável pela saída do Antônio junto com o CAPS.”

Augusto relembra como foi a chegada de Antônio ao CAPS. “Eu lembro dele vir aqui esporadicamente, tipo uma ambientação, ele vinha, ficava. Ele sempre foi tranquilo, ele vinha

de lá, passava aqui amanhã, almoçava e voltava, até que ele veio de vez, mas foi tranquilo”. Augusto explica que Antônio é uma pessoa retraída, mas que, desde sua chegada, não teve grandes problemas.

David explica que o perfil retraído e silencioso de Antônio incentivou a equipe a selecioná-lo para projeto. Os profissionais queriam incentivá-lo a se abrir mais.

“Ele chega nessa situação, ele começa os atendimentos individuais e coletivos pra gente entender e conhecer um pouco mais do Antônio. A gente, então, no momento em que o blogue surge, a gente percebe que ele seria um candidato favorável a esse fazer fora do CAPS, a um fazer também mais direcionado pela potência, pela tomada de consciência.”

Tendo em vista essa proposta, David avalia que a participação de Antônio no projeto permitiu que a equipe pudesse conhecê-lo e enxergar as potências que até então estavam ocultas.

“[...] a gente vai percebendo, aliás, o blogue nos deu a possibilidade de conhecer o Antônio que a gente não conseguia conhecer por ele ser sempre muito embutido, difícil de dar fala. Todo o material que a gente conseguia era muito mais produção de oficinas do que pela fala individualizada, né? A gente foi conhecendo um pouquinho mais das potências do Antônio, a gente foi percebendo a potência do Antônio junto com o blogue. Ele passa toda essa trajetória, acho que é um dos que mantém assim, a sistematização, consegue estar lá todo dia no horário, sabe, sem dar muito trabalho, mas, ao mesmo tempo, mostrando a gente um proveito daquilo que estava acontecendo.”

David confirma que Antônio não teve crises ou passou por internações durante sua participação no projeto, tendo apenas “algumas mudanças perfeitamente equilibradas”. David acredita que o projeto ampliou a capacidade de comunicação de Antônio.

“Eu achei que ele criou um aumento de capacidade de falar no sentido de, nem que seja fazer queixa, né? A queixa do seu pai, a queixa da família, a queixa da vizinhança, ele tentou inclusive um retorno a alguns trabalhos que ele conseguia como bico [pausa] eu acho que foi assim. Esse desembotamento, né? Aquela pessoa muito embotada, ele conseguiu diminuir esse embotamento e vir um pouquinho mais pra fora. Ele hoje, por exemplo, consegue chegar e se comunicar, ‘olha, eu tô precisando disso, preciso renovar meu Riocard’, que eram coisas que ele não conseguia manifestar.”

Tendo em vista essas questões, Augusto acredita que o projeto “Eu quero entrar na rede” trouxe benefícios mesmo para os usuários mais retraídos, como Antônio, que conseguiu participar junto com os colegas. “Ele conseguiu interagir, ele estava diferente, tinha a oficina

de futebol e ele participava, foi difícil ele participar”. O profissional explica que a participação no blogue foi um incentivo para que Antônio se integrasse mais ao CAPS, o que resultou em sua participação em outras atividades. Entretanto, ele teve um retrocesso nas suas relações sociais, porém sem voltar a ter crises.

“Antônio é muito fechadão, ele conseguiu estar mais aberto no período do blogue e por conta do blogue ele se inseriu no futebol, que ele nunca quis participar, ele virou assíduo do futebol, e no futebol ele conseguia trocar mais. Chegava aqui depois do futebol, porque eles vinham lanchar, e aí eles ficavam na cozinha trocando o que aconteceu, zuando, foi um Antônio diferente. Agora o Antônio está apagadinho de novo, mas tá bem, nunca mais entrou em crise, consegue falar, mas assim, voltou a ser aquele Antônio fechado.

Augusto destaca que, naquele momento, o projeto ajudou Antônio na reconstrução de suas redes de sociabilidade.

“Ele conseguiu fazer essa rede, melhor aqui com essas pessoas, ele era muito calado, só entrava aqui e falava, ‘meu remédio, almoço’. Você ia no futebol e era outra pessoa, quando ele voltava com as pessoas aqui, via ele falando, falando do jogo, e aí ele participava das outras coisas aqui, virou outra pessoa, outro paciente, mas a pandemia afastou todo mundo.”

O profissional afirma ainda que Antônio teve uma evolução após o projeto, que em geral foi um incentivo aos usuários participantes. Contudo, Augusto afirma que a pandemia acabou por interromper esse ciclo.

“Teve uma época, depois do blogue, porque o blogue acho que deu uma levantada em todo mundo, ele retorna ao trabalho, não como vigilante, mas retorna ao trabalho. Sabe uma coisa que aconteceu que deu uma quebrada? Foi a pandemia, a pandemia afastou muita gente daqui e o Antônio ficou afastado também... por conta desse afastamento, o Antônio, pra você ter uma ideia, ele está voltando agora, ele tá vindo semanalmente, mas ele ficou afastado muito tempo.”

Augusto avalia que hoje Antônio teve um retrocesso em comparação ao período em que participou do projeto. “O Antônio voltou àquela estaca caladão, vem uma vez por semana, não participa, não interage”.

David concorda com avaliação de Augusto. “Infelizmente, a pandemia trouxe muito prejuízo mesmo no sentido da socialização, ele hoje também não tem uma coisa tão intensa no

CAPS, acho que ele tá indo quinzenalmente, agora que eu conversei com ele porque o grupo dos homens tá com um retorno mais sistematizado”.

Sem entrar em muitos detalhes, Rodrigo, que não se lembra se atendeu Antônio durante o período de realização do projeto, não acredita que o projeto tenha produzido resultados para Antônio após sua finalização.

“Antônio, eu tinha algum contato, não tenho certeza se eu estava atendendo ele nessa época, mas o Antônio tinha uma questão muito grande de estar procurando trabalho, essa coisa da inserção dele na vida, até porque ele tinha tido uma passagem pelo sistema prisional também... mas não vou saber falar mais especificamente dele em relação ao projeto não. Mas eu acho que não teve nenhuma consequência nos pós pra ele também não.”

Sobre o uso de medicação, David explica que, em função do processo de desinstitucionalização, Antônio chega ao CAPS com um uso intenso delas. Isso vai ao longo do tempo sendo reavaliado pela equipe, que buscou encontrar um ponto de equilíbrio entre o controle dos sofrimentos dele e as medicações que tomava.

“Ele vem com um esquema mais pesado da ‘desins’, a gente consegue em um momento ir reduzindo pra tentar perceber o que surgia do próprio Antônio, e teve um momento que a gente percebeu que a diminuição da medicação trouxe à tona o sofrimento dele com mais rigidez. A gente precisou reinvestir, um retorno a uma medicação que pudesse ser mais responsiva e pudesse estar aliviando ele do sofrimento, porque ele tinha delírios assim de perseguição. A gente começou a perceber que, pra ele todo mundo estava tomando conta da vida dele, tomando conta dos passos dele, num sentido de um prejuízo de tentar trazer pra ele um prejuízo. Essas coisas todas foram trabalhadas na medida e a gente entendeu então que ele precisaria dessa medicação pra não ficar à mercê desse sofrimento, embora fosse menor do que anterior ainda era necessário um bom suporte medicamentoso.”

O profissional explica que hoje Antônio teve uma diminuição da medicação, mas ela ainda é necessária.

11.7 JULIANO – O MUNDO AQUI É MAIS BONITO

O contato com Juliano foi feito por *WhatsApp*. Eu não tinha contato com ele desde o projeto, mas logo descobri que ele utilizava o mesmo número daquela época. Ele me responde de pronto e eu explico o que seria feito. Ele, então, aceita participar da pesquisa.

A entrevista foi feita em sua casa, na região central da cidade. Na nossa primeira conversa, ele se dispôs a me buscar em uma praça próxima. Ainda na praça, ele pergunta sobre o que será a entrevista. Eu explico. Ele afirma que alguns temas ele não poderá falar, pois sua sogra está em casa e ela não sabe o que ele passou. Ele se casou em 2020 e mora com a esposa e a sogra. Foi escolha de sua esposa morar ali, mas ele gosta do bairro. Trabalha em uma padaria na Zona Sul da cidade e tem folga às terças, por isso nossa conversa foi nesse dia.

Durante a realização do projeto “Eu quero entrar na rede”, Juliano morava no complexo da Maré, sua irmã ainda mora lá. Ele foi o único dos participantes entrevistados que se mudou da comunidade após o final do projeto. Ele me guia até seu endereço e fala como é diferente sair da comunidade. Conta um pouco como é a região em que mora, como as ruas ficam cheias a noite e como é fácil pegar ônibus. A narrativa sobre sua nova casa e como foi sair da Maré é um novo capítulo de sua história e carrega uma reflexão de Juliano sobre como o nosso lugar nos compõe, nas dores e alegrias, nas pessoas que amamos. No que somos, deixamos de ser e, também, nos tornamos.

Da sua casa, o térreo de um sobrado em uma ladeira/escadaria, é possível ver a rua e um jardim, que fica abaixo de sua área externa. Na porta de entrada, tem uma placa escrito “Aqui mora uma família feliz”. A casa é limpa e organizada, logo na entrada se vê um computador e uma televisão. O imóvel tem uma área externa na altura da copa das árvores do Jardim, a entrevista foi feita nesse espaço, mas ele fechou a porta que dá para a sala para que sua sogra não nos ouvisse.

Na área externa, ouvimos os barulhos da rua, principalmente motos e transeuntes, mas também dos cachorros e dos vizinhos. Poucas vezes, esses sons incomodaram, era possível nos entender bem. Paramos para observar um gato andava pelo muro. Sentamo-nos em cadeiras de plástico e ele me dá um banco para usar como mesa. Em um determinado momento, ele interrompe a conversa para mostrar um mico que se pendurava na copa das árvores acima da nós. Nós então paramos e falamos sobre plantas. Após a entrevista, Juliano diz que gosta muito daquela área externa. Eu também gostei.

Apesar da presença de sua sogra, Juliano não deixa de falar de nenhum assunto, apenas fala baixo quando acha necessário. Em alguns momentos da conversa, ele fica em silêncio para pensar nas respostas e precisa ser instigado a continuar. Ele, em geral, é mais objetivo e conta sua história de forma sucinta, com narrativas mais curtas. Ele fala tranquilamente de todas as questões, não se emociona durante as falas e não se mostra incomodado quando é instigado a trazer mais informações sobre algo delicado. Diz que tem a memória muito ruim e não se lembra

direito. Algumas memórias são trazidas em momentos posteriores, quando um comentário faz com que ele, através de uma conexão, se lembre. A conversa não é linear, pois é guiada pelo que ele se lembra e vai resgatando as memórias ao longo de sua fala, mas, ainda assim, ele tem uma visão muito clara do projeto, de sua trajetória, de seu papel com os outros e de como se esforçou para se recuperar. É nas reflexões sobre o que viveu que ele se alonga.

Juliano foi o primeiro entrevistado da pesquisa e conversar com ele foi um aprendizado sobre como fazer uma entrevista. Foi também como encontrar e redescobrir um velho amigo, aprendendo sobre ele o que eu não sabia e que ele nem sempre gosta de se lembrar. No geral, ele foi muito atencioso e cuidadoso, tanto com suas dores, quanto com as minhas. Durante todo o processo, ele foi gentil, como eu me recordava que fosse, já que nas atividades do projeto ele nunca se esquivou de ajudar os colegas que tinham maior dificuldade que ele.

Juliano é um homem pardo de 35 anos, magro e de altura mediana nascido e criado no complexo da Maré. Seu sorriso é tímido e ele é moderado. Ele gosta de esportes, principalmente corrida e futebol, inclusive tem tatuado em sua pele seu amor pelos esportes. É botafoguense e cresceu indo aos estádios com os amigos para assistir jogos de futebol. Viveu de perto a violência doméstica, perdeu os pais, perdeu o rumo e, quando precisou, encontrou apoio nos irmãos.

A trajetória de vida de Juliano nos conta sobre como cuidar, do outro e de si mesmo, seja abraçando as lições que recebe ou ensinando parte do que sabe. Ele lutou contra os seus demônios e ainda luta, tentando tirar de tudo um aprendizado. Em suas palavras e reflexões, ele nos apresenta mais do que somente sua história. Sua trajetória de vida está amarrada à sua forma de encarar a vida e se enxergar enquanto sujeito, se perdoar, fortalecer e seguir em frente, embora sempre alerta. Mesmo fazendo reflexões profundas sobre o que viveu e o que hoje acredita, ele ainda é inseguro ao falar. “Eu falo alguma coisa enrolada? [risos] Eu acho que eu falo às vezes. Às vezes eu acho que eu me embanano nas coisas” ele questiona e se critica entre risos.

Apesar da insegurança, sua fala carrega lições que ele sente que não pode deixar para depois, pois aprendeu a duras penas e agora precisa praticar e ensinar. Pensamentos que carregam sua filosofia de vida e, no falar, ecoam como poesia.

“Eu tenho orgulho de pensar que eu fiz parte de um projeto desse, não tem aquela coisa de ter vergonha, não, eu fiz um curso onde, das pessoas, eu estar ali por causa daquilo, eu nunca tive esse pensamento, pelo contrário, é sério, pelo contrário”

Cria da Maré, Juliano nasceu no Parque União, uma das 16 favelas que compõem o Complexo da Maré, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, e foi na comunidade que ele passou maior parte de sua infância. Ali, ele vivia com o pai, a mãe e os dois irmãos. Seu pai era encarregado de aeroporto da extinta empresa aérea Varig e a mãe teve vários empregos. “Olha, minha mãe já foi costureira, já foi corretora, já trabalhou também em um bingo, Treze de Maio, aqui no centro, de faxina, faxineira, foi isso... Empregos assim, bem humildes. Nada além disso”.

Ele passou maior parte de sua vida em diferentes locais do Complexo da Maré, principalmente no Parque União, já que, em função da falta de recursos financeiros, sua família se mudou de casa várias vezes. Juliano conta que também precisou morar cerca de um ano com seus padrinhos. Ele estava então com cinco ou seis anos.

“Era igual cigano, cara. Mudava muito. Assim, no Parque União foram várias casas, aí teve a Vila do Pinheiro⁹⁹. A gente teve que sair de lá porque não conseguiu comprar. Fomos expulsos praticamente, aí fomos para o Pinheiro. Nesse período que eu tive que ir para Sepetiba¹⁰⁰, Austin¹⁰¹, que foi meus padrinhos que me levaram... Eu já era criança, uns cinco ou seis anos eu acho, daí me levaram pra lá, eu passei um tempinho também. Parte da vida eu passei com eles.”

Até os oito anos, ele e os irmãos viveram intensamente e sentiram na pele a violência doméstica. Ele conta que o pai era alcoolista e isso fazia com que agredisse a esposa e os filhos. Juliano chegou a presenciar uma tentativa de homicídio: a pai tentou matar sua a mãe com uma faca na frente dele e dos irmãos. Em uma dessas situações, Juliano, então com cinco anos, tentou defender a mãe, ficando entre ela e o pai, e foi agredido por ele com um soco. “Eu voei com a pancada, mas não me lembro porque era muito pequeno, meus irmãos me contaram”. Em função das repetidas violências praticadas pelo pai, seus pais se separaram. Juliano e os irmãos passaram alguns períodos vivendo de favor separados na casa de outras pessoas, amigos de seus pais.

“Assim, eu lembro que depois que eles se separaram, a gente teve que morar na casa de uma amiga da minha mãe, tivemos que levar as coisas para lá... Praticamente morávamos de favor. Porque depois que eles se separaram, eu

⁹⁹ Uma das favelas do Complexo da Maré.

¹⁰⁰ Bairro da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰¹ Bairro da cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro.

fiquei um tempinho também na casa de um amigo do meu pai, com meu pai, meu irmão. Minha irmã e minha mãe foram para outro lugar.”

Ele então passou maior parte do restante de sua infância e adolescência morando com sua mãe e irmãos. Eles continuaram a morar de aluguel na Maré. Vinha de sua mãe o principal sustento da família.

Mesmo com as “coisas ruins”, Juliano conta que teve uma infância feliz. “Tinha meus amigos, mas alguns se perderam”. Desde cedo ele tinha o futebol como grande paixão, era fanático pelo Botafogo. Aos 12 anos ele começou a ir a estádios desacompanhado.

“Continuava jogando futebol, eu comecei a sair para estádio de futebol... Com doze anos, doze não, acho que estou indo um pouco além, um pouquinho antes eu já começava a ir. A gente tinha uma questão de chegar e perguntar para um adulto se a gente poderia entrar com ele para dizer que era filho dele, e imediatamente a gente conseguia. Eu tinha acesso por causa disso. Então, foi nesse período que eu comecei a frequentar estádio de futebol, a ver jogos, vi a facilidade da coisa, né? Eu ia em muitos jogos... Entrava, pô. Estava lembrando um dia desses, Botafogo e Juventude, Maracanã lotado, Botafogo perdeu, aí tem gente que não acredita, perguntam ‘você estava lá?’, eu falei ‘eu estava lá, pô, eu fui’, ‘e como você entrou?’, desse modo. A gente ia.”

Ele explica que, para chegar aos estádios, ele pegava ônibus com seus amigos. “A gente pegava um ônibus, entrava por trás aquela garotagem toda e ia”.

Aos 14 anos, Juliano teve seu primeiro emprego, em um mercadinho no Parque União. Depois disso, ele continuou trabalhando em outros lugares. “Trabalhei na época que estava em ascensão com questão de transporte, trabalhei numa Kombi¹⁰² com meu cunhado. Trabalhei fazendo entregas de mercadorias”.

Juliano conta que, na adolescência, teve um momento de rebeldia, que ele define como confuso. “Não queria nada com nada”. Aos 17 anos, Juliano abandonou os estudos e, também, parou de trabalhar. “Depois, eu praticamente abandonei tudo, não queria nada com nada, foi quando eu também abandonei o colégio, praticamente fiquei rebelde e não fiz mais nada”. Ele afirma que não gostava muito de estudar, e expressa arrependimento quanto a isso.

Nesse período, até por volta de 2018, sem trabalhar e estudar, ele utilizava um passe livre de ônibus para andar pela cidade. “Dava uns passeios, dava umas voltas. Ia pra praia... Acho que só isso mesmo. Usava mais pra isso. Também tinha a questão de ir pro cinema... Uma vez ou outra”. Ele também ia jogos de futebol.

¹⁰² Modelo de veículo comercial da Volkswagen, foi muito utilizado para serviços de entregas e transporte alternativo de passageiros.

Ele conta que, nesse momento, chegou a se aproximar do que ele chama de “coisas erradas”, mas, felizmente, acabou não se envolvendo a fundo com nada errado.

“Olha, por a gente morar em comunidade, eu cheguei quase a me envolver com coisas erradas, né? Só que aí não sei, acho que não chegou a me levar porque eu tive consciência das coisas, eu tive amigos que eram envolvidos, frequentavam eventos de lá, essas coisas de baile, essas coisas. Minha adolescência foi nesse modo, na rebeldia, mas nunca tive envolvimento a fundo na coisa.”

Ele conta que, naquele momento, a relação com sua mãe era difícil. Hoje ele sente culpa e remorso pelo seu comportamento durante a adolescência. “Eu fui egoísta com ela, não ajudava”. Sua mãe tinha a saúde frágil por conta do Lúpus¹⁰³. Mesmo com as dificuldades e uma relação mais complicada com a mãe, ele se lembra desse momento de forma positiva, pois foi ali também que ele começou a sonhar com algumas coisas que tem hoje.

“Ah, eu gosto de lembrar, nesse tempo também, que a gente teve uma prima que viajou pra Londres, está morando em Londres agora. A gente frequentava muito a casa dela... A gente não fazia muita coisa, então a gente ficava lá, a gente conversava. Às vezes, eu gosto de lembrar dessa época, porque muita coisa que a gente queria que acontecesse nesse período aconteceu, tanto na vida dela quanto na minha... Mas isso é uma das coisas que eu lembro, que me marcou um pouco.”

Ele conta que saía e conversava principalmente com seus primos. Juliano se sentia solitário e excluído.

“Eu não tinha muitos amigos. Não muitos. Teve uma época que eu andava muito com um primo meu, a gente saía para casas de espetáculos tipo *Bar Music*, Olimpo, que nem existe mais, assim, descobrindo coisas que eu não conhecia ainda. Mas, assim, eu fui muito excluído, não tive muita coisa com muita gente. Eu sempre fui mais reservado.”

Já nesse momento ele começou a ter os primeiros sinais de sofrimento mental.

“Assim, te falar, às vezes eu me isolava muito, nesse período de adolescência, nessa transição de coisa, acho que também, ainda lembro que eu tinha uns problemas que me afetava em relação a me socializar com as pessoas. Acho

¹⁰³ Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES), doença inflamatória autoimune que afeta diversos órgãos do corpo. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/lupus#:~:text=L%C3%BApus%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a%20inflat%C3%B3ria,Eritematoso%20Sist%C3%AAmico%20\(LES\)%22](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/lupus#:~:text=L%C3%BApus%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a%20inflat%C3%B3ria,Eritematoso%20Sist%C3%AAmico%20(LES)%22).

que eu já estava começando a ter indícios, uma coisa que eu não sabia do que se tratava.”

Sua irmã, EdiFabiana, conta que desde pequeno a família percebia alguns comportamentos diferentes de Juliano.

“Assim, a gente só sabia que ele era como se fosse uma criança hiperativa, ele gostava de desmontar e montar as coisas, ele queria as coisas, mas, ao mesmo tempo, ele tinha medo de sair, ir para rua, ter contato com as outras pessoas e a gente não sabe exatamente o porquê. Eu lembro vagamente de uma história dele na época que ele ainda era criança. Ele abandonou tudo e voltou correndo da escola, mas não quis contar o que aconteceu, depois ele precisou ir na rua comprar pão e, quando voltou, ele falou que tinha alguém perseguindo ele, acho que um homem cismou com ele e começou a correr atrás dele e ele voltou pra casa e se trancou, ele ficava olhando pela janela atrás da cortina pra ver se o homem estava do lado de fora. Na cabeça dele, existia realmente esse homem e ele estava ali perto, sabia que ele tinha entrado em casa. Então, a partir dali, ele se trancou e não saía mais. Eu sabia dessa história porque eu perguntei, fiquei insistindo e perguntei para ele e ele me falou, mas eu não sei se ele contava isso para minha mãe ou para outras pessoas, eu acredito que não, ele tinha muito receio de ficar parecendo louco, enfim, aí foi crescendo dessa forma.”

A Irmã explica ainda que, na adolescência, a necessidade que Juliano tinha de se isolar foi o primeiro sinal que a família percebeu de que havia algo de diferente com Juliano. A mãe buscou ajuda psicológica para ele, mas Juliano era resistente a isso. Ele tinha medo de ser visto como “maluco”.

“O Juliano era um menino muito inteligente, mas ele passou a adolescência dele muito recluso... Minha mãe tentava levar ele no psicólogo e ele sempre fugia, chegava na porta do psicólogo, ele não concluía as sessões, as terapias e acabava arrumando um jeito de voltar pra casa. Passou boa parte da juventude dele trancado dentro de casa, só tendo contato com televisão, naquela época não tinha todas essas coisas, internet, coisas que temos hoje, então, só assistindo televisão, filme, livros, algumas coisas que ele tinha de livros e os poucos contatos que iam em casa, de visita, conversava ali.”

Mesmo com as tentativas da mãe de procurar ajuda profissional para Juliano, a família passou muitos anos sem explicações sobre aquilo que ele vivia. EdiFabiana conta que, naquele momento, não havia muitas informações sobre saúde mental.

“Era muito difícil fechar alguma coisa, alguém falar assim ‘olha, ele tá com isso’. Essas questões de problemas de saúde, de doenças assim, começaram a se falar um pouco mais de uns tempos pra cá. Pelo menos assim, que eu lembre

de ter ouvido, síndrome do pânico, depressão, ansiedade, essas coisas eu não ouvia falar isso na minha juventude.”

Em 2010, a mãe de Juliano faleceu em decorrência do Lúpus. Ele relata que a perda da mãe foi muito difícil para ele, que vivenciou de perto o agravamento de sua doença. Suas narrativas sobre esse período são as que ele leva mais tempo para expor. Pouco a pouco, ele vai se abrindo e resgatando memórias. “Eu me lembro dela descendo a escada chorando porque tinha que ir trabalhar”. Sua irmã conta que, na época, havia pouca informação sobre a doença e a família não entendia gravidade do quadro de saúde de sua mãe.

“Ela lutou durante um tempo, a gente não entendia, não tinha conhecimento nenhum dessa doença na época. Ela fazia tratamento aqui no fundão [Ilha do Fundão], mas a gente, enfim, não sabia como lidar, como tratar, a gente pensava, as doenças mais graves eram câncer e AIDS, que a gente tinha conhecimento, o Lúpus a gente não imaginava que fosse igual, sei lá, tuberculose, alguma coisa assim, alguma coisa que pudesse tratar, embora ela falasse assim ‘eles dizem que não tem cura, eles dizem que não tem cura’, mas a gente não ouvia ninguém falando que alguém morreu de Lúpus, complicações do Lúpus, não era, então a gente tentava tratar como se fosse normal, aí ela teve essas complicações da doença e acabou partindo.”

EdiFabiana explica que, por ser o irmão mais novo, Juliano passava mais tempo em casa e tinha muito contato com a mãe, o que fez com que sua morte fosse bastante sentida por ele.

“Minha mãe faleceu ainda jovem, com cinquenta e poucos anos, por ele ser o caçula ele vivia muito em casa... o Juliano era só ali, eu, minha mãe, meu pai, opa, eu, minha mãe e o Juliano em casa, mas aí de vez em quando eu precisava sair, minha mãe também saía para trabalhar e tudo mais. Quando ela chegava, o Juliano sempre estava em casa, então, ele teve muito esse contato, mais esse contato com ela. Quando ela faleceu, eu acho que, pronto, aí já meio que perdeu o chão, porque com nosso pai, ele não tinha muito esse contato, aí ele ficou meio perdido, acho que todo mundo ficou um pouco, mas aí ele pode ter piorado um pouco isso.”

Juliano passou a morar com os irmãos e, após algum tempo, eles levaram o pai para morar com eles, mas ainda era forte o rancor deixado pela violência doméstica. Entretanto, ele conta que, em função da perda da mãe, decidiu perdoar o pai, que já estava idoso.

“Eu pensei assim, ‘eu vou perder meu pai também e não vou me desculpar com ele, não vou me refazer com ele? Olha o remorso que isso vai me trazer para minha vida inteira, já basta o outro aprendizado que eu tive, que eu não tive oportunidade de ter falado com ela’. Porque a última coisa que eu lembro que a minha mãe falou, sabe o que foi? ‘Eu vou te pagar aqueles vinte reais que eu te devo’. O que que minha mãe me deve, cara? Minha mãe não me

deve nada. Então, assim, são coisas que a gente não espera no último momento da pessoa, mas a pessoa lembra de você.”

Seu pai faleceu sete anos após a morte de sua mãe, no final de 2017. Até esse ano, ele teve alguns empregos: recepcionista, estagiário do Ministério Público, atendente de *Lan House*. Mas, em 2017, ele ficou desempregado e terminou um relacionamento que ele afirma ter sido conturbado. Naquele momento, a morte do pai e esses dois fatos o abalaram muito.

EdiFabiana acredita a condição psicológica de seu irmão foi se agravando em função de uma sequência de perdas, que o levaram a se apegar aos seus relacionamentos amorosos e a sofrer bastante com o fim deles.

“Com o tempo, ele foi tentando se apegar a alguns relacionamentos. Conforme os relacionamentos não iam dando certo, acho que ele sempre ia sentindo que as pessoas iam partindo, indo embora, não sei, e foi, sei lá, indo nessa *vibe* aí também, fica mais para baixo, aquilo foi somatizando, acho que é isso.”

Pouco antes, ele havia terminado os estudos com o Enceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos)¹⁰⁴, completado o Ensino Médio. “Foi uma grande vitória pra mim”. Tentou fazer curso preparatório para o vestibular, mas, nesse momento, se agravou o seu processo de sofrimento mental.

Antes de buscar tratamento no CAPS-Magal, ele tentou ter alguma melhora fazendo uma viagem para a cidade de sua mãe, no interior de um estado do Nordeste do Brasil. Ele conta que queria ficar perto de sua família, uma das tias eram muito parecidas com sua mãe e ele, de alguma forma, tinha uma identificação; entretanto, eles não tinham proximidade e ele afirma que isso foi um grande erro. “Cidade pequena, pessoas preconceituosas, não entendiam direito... eu falo que foi como Jesus no deserto, porque eu fiquei 44 dias lá”. Sua irmã também fala sobre esse período de Juliano no Nordeste. “Ele não se deu bem lá, tentou, né, algumas vezes, contra a própria vida e tal, aí eu fui e falei ‘não, agora ele tem que voltar, lá não tem como tratar’”.

Nesse momento, seus irmãos e o cunhado pediram que ele voltasse para buscar apoio profissional. EdiFabiana conta que ficou sabendo do CAPS-Magal através de uma psicóloga com a qual ela buscou ajuda. Sua irmã tentava ajudar Juliano, que naquele momento já havia tentado suicídio.

¹⁰⁴ Prova periódica aplicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para conceder certificado de conclusão do Ensino Fundamental e Médio para pessoas que não concluíram os estudos de forma regulamentar. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enceja>

“Ele começou uma depressão muito forte e eu não sabia o que fazer, na época eu comecei a fazer acompanhamento psicológico pra tentar ajudar ele, na minha cabeça eu ia conversar com a psicóloga, já que ele não conseguia chegar na psicóloga, eu conversava com a psicóloga trazendo questões dele, coisas que eu achava que fossem relacionadas ao comportamento dele pra tentar direcionar ele, e ela que me orientou, ela me falou ‘vê se consegue levar seu irmão numa unidade de saúde e tal’. A gente não tinha conhecimento nenhum, aí através dessa psicóloga, ela orientou a gente, a gente levou.”

Juliano estima que sua trajetória de sofrimento se iniciou seis meses antes de sua chegada ao CAPS-Magal. Ele acredita que seu sofrimento mental foi fruto de um quadro que misturava experiências traumáticas na infância, a morte da mãe em 2010 e do pai em 2017, o desemprego e o fim de um relacionamento amoroso conturbado.

Ele afirma que não passou por internações ou por qualquer tratamento em outras instituições. Antes de iniciar seu tratamento no CAPS-Magal, fez uso de medicamento fitoterápico, mas não chegou a ter nenhum tipo de atendimento profissional. O CAPS-Magal foi seu primeiro contato com a RAPS.

Ele explica que, naquele momento, tinha pensamentos suicidas e não tem problema em nomear os seus sentimentos dessa forma. Ele reconheceu que precisava de tratamento e aceitou a ajuda vinda de sua família. “Procurei tratamento porque eu queria ficar vivo... Eu não achava que tinha outro jeito... era a única coisa que podia me ajudar”.

11.7.1 A chegada ao CAPS-Magal

Juliano estima que iniciou seu tratamento no CAPS-Magal em julho de 2018. Ele conta que, no início, teve medo de ser internado, principalmente quando conheceu outros usuários do CAPS que já haviam passado por internações. Ele se lembra com clareza e, também, carinho, de alguns deles.

“Tive [medo], porque eu vi lá, no CAPS mesmo eu perguntei, porque teve alguns pacientes lá, tipo a [nome da usuária] ... Ela passou por internação, ela ficava aérea assim, horrível ver ela daquele jeito. Mas a gente tinha um carinho com o pessoal lá e tudo. Aí teve outros lá, o próprio Austry acho que foi internado... eu ficava naquele pensamento assim ‘eu não quero ficar assim’.”

No início, ele teve preconceito e uma certa resistência em permanecer no CAPS-Magal e receber seu tratamento ali. Porém, ele conta que uma frase que ouviu do psiquiatra da

instituição na sua primeira visita o incentivou a ficar: “Ele me disse ‘esse furacão vai passar’ e eu acreditei, fiquei esperançoso”.

Juliano começou seu tratamento indo ao CAPS-Magal três vezes na semana para participar das oficinas de pintura, música e do grupo dos homens. Ele não se lembra de qual diagnóstico recebeu, então não trata seu sofrimento por nenhum nome de psicopatologia. Inicialmente foi medicado com Fluoxetina e outro medicamento do qual não se recorda. Sua irmã explica que a medicação foi principalmente para acalmá-lo e regular seu sono. “O psiquiatra recomendou tomar algumas coisas lá pra ele conseguir voltar a dormir, porque ele não conseguia dormir, ficar mais calmo, enfim, uns medicamentos lá”. Os medicamentos tinham como efeitos o sono e a fome.

Apesar de sua esperança de melhora, Juliano precisou de tempo para aceitar o tratamento. Ele explica que, aos poucos, entendeu melhor a sua situação, viu que os outros não eram tão graves e foi aceitando as outras pessoas. Assim esse sentimento de diferença foi diminuindo.

“Eu não achava que eu precisava daquilo, que eu não era maluco... Com aceitação, foi diminuindo. Aceitar o problema, ver que precisava e aos pouquinhos ter essa consciência de que era necessário estar fazendo aquilo ali. E aos pouquinhos, eu fui abrindo a visão e vendo que eu precisava mesmo estar ali pra eu poder me tratar.”

Sem nenhum contato anterior com a RAPS, seu entendimento de sujeitos em sofrimento mental era ligado a uma lógica manicomial e aos estereótipos e preconceitos mais comuns sobre essas pessoas. Rindo, ele explica como esperava que fossem pessoas em sofrimento mental. “Pô, cara, bater a cabeça na parede sabe? [risos] ficar preso naquelas camisas lá doidas de força. Nesse nível [risos]”.

Sua irmã concorda que o começo do tratamento foi complicado porque Juliano tinha preconceito com a saúde mental. EdiFabiana diz que isso se somava à vergonha de talvez ser lido como louco por outras pessoas que soubessem que ele estava se tratando no CAPS-Magal.

“Depois que ele entrou no CAPS foi um pouco difícil por conta dessa aceitação, de você se aceitar, meio que de alguma forma é doente, e doente que a gente entende como se fosse, tivesse louco, a doença a gente acha que era um tipo de loucura e que todo mundo ia ver ele como se fosse uma pessoa debilitada, e que não ia poder refazer a vida dele. Acho que, no final, ele podia pensar assim, não sei se era uma certa vergonha.”

Amanda explica que, por conta disso, houve um esforço da família para convencê-lo a ficar na instituição, afinal eles não tinham alternativa.

“Ele, a princípio, não gostou, lá tinha pessoas medicadas, essa coisa toda e ele falava “eu não estou doído, eu não estou louco”, mas a gente queria saber como fazia para sair daquela situação de dor profunda. A gente não tinha outro médico que pudesse orientar a gente...Aí a gente foi tentando meio que convencer ele de que ali era o lugar que poderiam explicar o porquê ele estava daquela forma. Aí ele foi aos poucos, não vou dizer que ele foi aceitando, assim, meio que foi aceitando, mas ele não aceitava muito. Ele relutava sim, mas, ao mesmo tempo, ele via nosso esforço, que era para o bem dele, que era para ele melhorar, então, ele foi fazendo esse movimento também.”

À medida que foi tendo resultados positivos, Juliano passou a se dedicar mais ao tratamento. Sua irmã relata que ele começou a seguir todas as orientações dos profissionais no CAPS-Magal e a fazer atividades que poderiam contribuir com sua recuperação. Aos poucos, ele se aproximou dos demais usuários do CAPS-Magal com o intuito de ajudar quem ele conseguisse.

“Conforme ele via que estava lúcido, estava aceitando, começando a se sentir melhor com alguns medicamentos, ele ficava falando ‘não vou precisar tomar isso durante, o que eu preciso fazer? Tomar banho de sol?’, aí ele ia pro sol, ‘é caminhar?’, ele fazia caminhada. Então, ele procurava seguir um pouco das orientações daquilo que ele podia fazer naturalmente, para que ele um dia não precisasse mais tomar medicamento. Ali ele foi tendo esse suporte, no CAPS, de ir no psicólogo, conversando com ele, embora ele não se abrisse totalmente. O Juliano não é muito de se abrir, não sei se é com todo mundo, mas, pelo que eu vejo, ele é, ele fala até uma certa parte. Então, mas dali ele foi fazendo esse movimento, dele melhorar, dele fazer esse esforço. Acho que ali no CAPS ele foi tendo essa melhora, de acompanhamento médico, orientação, e de poder de alguma forma evoluir. Com o contato que tinha, ele criou algumas amizades ali, e ele achava sempre ‘estou me sentindo melhor, acho que vou ajudar fulano’, daí ele começou a se entrelaçar assim ali no CAPS.”

Ele afirma que a família foi muito importante, seja para que ele chegasse ao CAPS-Magal ou mesmo durante seu tratamento. Ele conta que, em seus momentos de maior dificuldade, no início do tratamento, a irmã e o cunhado deixaram sua casa e foram morar com ele, para apoiá-lo. Juliano explica que, além do apoio da família, foi fundamental nesse momento a sua própria dedicação para se sentir melhor. Além de seu tratamento no CAPS, ele também se apoiou na religião e nos esportes, principalmente a corrida.

“No esporte, a questão física, dizem que, para sua melhora, a metade é o físico e a outra metade é o... eu esqueci. Acho que a questão de se alimentar, tem uma coisa a ver com outra, que faz o balanço ali para você não cair de novo nessa situação. Então, cuidar do seu físico, cuidar do seu preparo, eu estou cuidando de mim, estou cuidando do meu corpo. E a questão da religião é fé, né? Acreditar. Coisa que você não vê, que você não sabe o que vai acontecer depois. Porque é assim que funciona, né? A gente nunca sabe o que vai acontecer, né? Mas se a gente tiver o pensamento bom, e a gente seguir a nossa vida de maneira correta, entendeu? Não ficar tendo remorso de alguma coisa, devendo, sabe? Sempre coisa boa. É plantar e colher. Isso é o certo.”

No CAPS-Magal, ele ouviu sobre como os exercícios físicos poderiam ajudá-lo. Ele, que já gostava de esportes, incluiu a caminhada e a corrida, em seu cotidiano. Sempre que possível saía para se exercitar pela manhã. Para ele o esporte era um incentivo à autoestima.

Além da família, Juliano afirma ter recebido muito acolhimento na Igreja. Através de um amigo, ele passou a frequentar uma congregação evangélica. Nesse espaço, ele fez amigos e conheceu outras pessoas que passavam por situações semelhantes à dele, já que de acordo com ele a igreja tinha espaços de acolhimentos para pessoas que sofriam.

Três meses após sua chegada ao CAPS-Magal, Juliano ingressou no projeto “Eu quero entrar na rede”, por isso sua trajetória terapêutica se confunde com a trajetória no blogue. Ele passou maior parte de sua experiência no CAPS-Magal também no projeto.

11.7.2 Entrada no Projeto

Juliano soube do projeto através de seu técnico de referência, Camilo. Inicialmente, Juliano se interessou principalmente pela bolsa e pela oportunidade de ajudar outras pessoas, além de buscar sua própria melhora “eu queria tentar crescer em algo”. Ele viu no projeto uma oportunidade de encaminhamento profissional. “Quando vi que era na Fiocruz pensei que seria bem sério”.

Para ele, um ponto positivo era oportunidade para usar a imaginação e a criatividade. “Tínhamos liberdade de dar ideias”. Isso era algo que ele não fazia em outros lugares. Outro diferencial era ter resultados rápidos.

“Eu lembro do dia da entrevista, que a gente tinha que fazer uma entrevista com a gente mesmo, e a gente criou tipo um estúdio ao ar livre, botamos lá para poder entrevistar a Ivone... Depois que a gente viu ali o resultado, a gente achou maneiro, foram essas coisas, essas construções, porque, ao mesmo tempo que a gente fazia, imediatamente já via como ficava. Foram muito rápido as coisas, fazendo, tendo visita, a gente naquele passeio... O resultado era rápido, a gente via na hora como ficava.”

Uma experiência que se destacou para Juliano foram as atividades que envolviam fotografia, posto que, mesmo antes do projeto, ele já se interessava por fotografia e isso fez com que ele gostasse de poder praticá-la no blogue. Ele conta que ainda guarda os registros feitos no projeto. “Esses dias eu vi aqui as fotos que fiz lá”.

Para Juliano não houve dificuldades e, em momento nenhum, ele pensou em desistir. Ao longo do projeto, seus maiores incentivos continuaram sendo a bolsa, sua única fonte de renda naquele momento, o anseio por ajudar outras pessoas e sua vontade de melhorar. Ele recorda que sentia falta quando não tinha os encontros e pensava que poderiam ocorrer em uma frequência maior, em mais dias da semana. “Queria que tivesse mais”.

Juliano conecta a relação que estabeleceu com os outros participantes com o seu desejo de ajudar as outras pessoas. Para ele, a vontade de ajudar os colegas eram uma resposta por ter sido o que ele chama de “egoísta” com a sua mãe, o que resultou em um olhar mais empático com os outros participantes. Ele sente que, ajudando os outros, ele também se ajudava, por isso se esforçava para ver o potencial de todos.

“Acho que, por eu ser sensível com pessoas, eu tentava ver as pessoas fora daquilo ali, o que elas são... Vi em cada um uma qualidade, o curso fez com que a gente pudesse desenvolver coisas que já tínhamos em nós e não tínhamos como desenvolver. O Austray era muito bom em digitar.”

Sua irmã afirma que Juliano sempre teve vontade de ajudar os outros usuários e fazia isso com frequência no CAPS-Magal.

“No CAPS, em geral, ele sempre fazia dessa forma, tentava ajudar, tentava orientar ou convidar os meninos para sair já que estavam muito tristes ali, oprimidos, deprimidos ou fazer caminhada, ele sempre tenta fazer esse movimento de melhoria, não só para ele, mas para outras pessoas que estiverem próximas a ele.”

Ele explica que a convivência mudou a relação com os colegas de projeto, permitindo ter uma visão mais aprofundada sobre eles e o que conseguiriam fazer. “Porque a gente conhecia mais elas, né? O convívio também. Ajudou a conhecê-los. A ver como eles eram capazes de fazer as coisas”. Dentre os laços que se formaram com os colegas ao longo do projeto ele se recorda da amizade com Fernando. Os dois moravam próximos, na Maré, e já se conheciam de fora do CAPS-Magal. Nas atividades do projeto, eles puderam se aproximar, isso gerou uma

amizade para além do LaISS e do CAPS. “A gente saía, eu ia na casa dele, a mãe dele gostava de mim”. Porém, Juliano não percebeu mudanças na relação com outros usuários e profissionais do CAPS-Magal. “Não, porque eu acho que a gente nem teve muito contato”.

Juliano afirma que não teve crises durante sua participação no projeto, ele nem mesmo lembrava dos pensamentos suicidas. Ele passou a ir ao CAPS-Magal duas vezes por semana e ficou somente no grupo de homens. Ele se recorda de ter tomado as medicações durante sua participação no projeto, mas, mesmo com o sono e fome provocados por elas, ainda assim ele não sentiu que elas o atrapalharam durante as atividades.

Ao longo do projeto, Juliano teve uma melhora e voltou a morar sozinho. Para isso, ele recebeu apoio financeiro da família, já que nesse momento não tinha renda. A esse apoio se somava a bolsa do projeto, que o permitia depender menos da família. Porém, ele conta que seus gastos eram muito poucos, já que ele praticamente não saía.

Juliano conta que, ao longo do projeto, sua rotina se resumia principalmente a jogar futebol, ir à igreja e ao CAPS-Magal. “Não estava trabalhando, continuei jogando meu futebol, ia na célula da igreja às sextas-feiras, porque eu já não tinha esse gosto de sair, pra gastar, pra beber, nada disso, eu já era mais na minha”. Em casa, ele gostava de fazer pinturas.

Já na reta final do projeto, Juliano conseguiu um emprego, através de um amigo da igreja, como vistoriador de uma imobiliária. Ele passou a frequentar menos os encontros, entretanto continuou produzindo conteúdo e participou do evento de lançamento do blogue.

Juliano entende o evento de lançamento do blogue como importante por ter permitido que ele e seus colegas afetassem outras pessoas com o que tinham para dizer e haviam feito ao longo do projeto. “Naquela reunião, percebi que atingimos as pessoas”. Ele destaca que lá eles também estavam esperançosos quanto a continuação do projeto e um possível retorno financeiro da produção do blogue.

“Eu lembro que antes a gente estava bem empolgado, todo mundo estava, como se diz, todo mundo estava na esperança ali da divulgação, de como seria a expansão do nosso trabalho, não querendo ser, como se diz, querendo ser sincero, a gente também pensou no retorno financeiro, porque a gente viu que poderia ser bem mais além do que a gente imaginava. Eu praticamente fui pensando nisso, nessa expansão. Não sei falar o que foi legal, eu gostei.”

Sua irmã tem uma opinião semelhante sobre o evento de lançamento, que também foi memorável para ela. “Aquilo me marcou, essa chavinha, essa sensação de que eles tinham importância, de que estavam fazendo alguma coisa importante”.

Para Juliano, sua participação no blogue só trouxe benefícios, por isso ele lamenta que não tenha tido continuidade, já que assim outras pessoas também poderiam acessar e conhecer o blogue.

“Malefício não teve nenhum. Cara, foi bom pra caramba, fez falta não ter dado continuidade, porque a gente esperava que fosse continuar, tanto que no dia do encerramento lá a gente não queria que tivesse só aquele dia, queria que fosse mais, que tivesse tido mais, que tivesse crescido um pouco mais... outras pessoas também tivessem oportunidade de conhecer, de ver como funcionava.”

Ele acredita que o projeto repercutiu positivamente em sua vida pessoal e em seu tratamento. “Pelas coisas que a gente já tinha capacidade de fazer e poderia ter ajudado lá no projeto. Incentivou, foi um incentivo”. Além disso, para ele o projeto também contribuiu com sua vida profissional de forma indireta. “Acho que pra poder retomar, pra poder fazer”.

11.7.3 Resultados do Projeto

Juliano acredita que a participação no projeto produziu nele um ganho de confiança que contribuiu com as mudanças que ele viveu depois da finalização das atividades e da sua saída do CAPS-Magal.

“Mudou porque foi uma coisa que eu não conhecia ainda, não tive acesso, nunca parei pra poder ter essa coisa de informática, acrescentar. Tanto que eu vejo que hoje faz falta, qualquer lugar que você vai, pedem um curso de informática, alguma coisa do nível, e a experiência, para você estar podendo acrescentar no currículo, para você mesmo. Acho que mudou, porque eu tenho orgulho de pensar que eu fiz parte de um projeto desse, não tem aquela coisa de ter vergonha, não, eu fiz um curso onde, das pessoas, eu estar ali por causa daquilo, eu nunca tive esse pensamento, pelo contrário, é sério, pelo contrário.”

Amanda complementa que a participação em uma atividade como o projeto “Eu quero entrar na rede” tem como vantagem devolver ao sujeito em sofrimento mental que se encontra sem ocupação, estudo ou trabalho, o sentimento de que ele é capaz. Ela afirma ainda que, para Juliano, somou-se o diferencial de contribuir para que ele se sentisse novamente ‘normal’ e parte da sociedade.

“Então, durante o período do CAPS, ele não trabalhava, não estudava, e eu acho que isso é um fator importante. Fica um pouco difícil, ainda mais ele que queria estudar, embora ele não soubesse exatamente o que ele queria estudar,

a gente não tem muito, né, essa questão de ser útil de alguma forma dentro da sociedade, achar algum curso, alguma coisa que você possa, que você tá aprendendo algo importante ou fazendo alguma coisa importante. Quando você fica debilitado com aquilo, eu acho que foi o caso dele, ali no CAPS eles meio que, tem um período que você não faz nada, você meio que fica sem trabalhar nem nada, foi um pouco difícil isso, de colocar isso na cabeça dele, acaba meio que atestando que você é incapaz. Na questão do curso [projeto “Eu quero entrar na rede”], quando surgiram essas oportunidades de fazer um curso, de fazer alguma coisa assim, então, para ele foi muito importante, porque ele se via nesse movimento de que estava voltando pra sociedade, voltando a ficar ‘normal’, entre aspas.”

Para sua irmã, a experiência foi o ponto de partida para que Juliano conseguisse enxergar seu próprio potencial e vislumbrar novas possibilidades para sua vida.

“Olha, eu acho que foi bem significativo, por conta disso, era uma possibilidade, ‘caraca, acho que vou poder trabalhar, vou poder aprender alguma coisa, vai ser legal, começar a girar, criar ideias’, eu via essa empolgação nele de se sentir curado de certa forma, eu acho que foi uma porta, foi uma brecha para ele ver que tinha uma saída dentro daquilo que ele vivia como problema... Você não tá fazendo nada, você meio que se sente inútil, aí de repente aproxima alguém que você conhece, que você não vê há um certo tempo, você meio que se sente importante. Então, acho que ele começou a voltar a se ver um pouco importante e capaz, acho que foi isso.”

Mesmo não tendo realizado trabalhos semelhantes ao desenvolvido no blogue, sua irmã acredita que o projeto trouxe vantagens para Juliano no campo profissional. Ela acredita que a participação no projeto plantou no irmão o sentimento de que ele poderia continuar sua vida e voltar a trabalhar e estudar, pois ele era capaz.

“Em sequência, eu acho que foi importante por isso, por ele criar uma certa confiança nele mesmo e poder começar a correr atrás. Eu acho que ele tinha uma esperança de continuar de alguma forma com o projeto, fazendo algum tipo de trabalho voltado para aquilo, porque ele via que dava resultado, como ele viu para ele, de sentir que tirou aquela pessoa de dentro de um buraco, da lama. Aí logo em sequência, ele ficou com esperança de fazer, de trabalhar, de voltar a estudar. Eu acho que foi um movimento importante que o projeto trouxe para ele, ele conseguir se ver fazendo outras coisas.”

Amanda afirma ainda que o projeto contribuiu com as relações sociais de Juliano, que, como ele mesmo afirmou, estavam enfraquecidas. “Ele ficou mais aberto pra conversar, ele queria sair mais, coisa que ele não era de sair, ele queria ter contato com as pessoas pra poder ouvir, pra poder falar, pra ele ter o que passar para as pessoas”, explica ela.

Outro ponto importante foi a evolução no tratamento que Juliano teve ao longo do projeto. Como explica Amanda, nesse período ele teve uma melhora e, conseqüentemente, a diminuição da medicação, que era o que ele mais desejava.

“Eu acho que ali ele ainda tomava medicamentos, então, o que ele mais queria era se libertar dos remédios. Na medida que ele foi se sentindo melhor, ele começou a pedir, a conversar mais com o médico dele, para poder ir liberando ele dos remédios e foram dando essa abertura para ele, até ele conseguir deixar isso em aberto para ele, pareou o tratamento com o curso, os tratamentos de forma geral.”

11.7.4 Após o Blogue

Pouco após o fim das atividades do projeto “Eu quero entrar na rede”, o tratamento de Juliano no CAPS-Magal foi finalizado. Ele conta que seu tratamento durou até o final 2019 ou início de 2020, ele não sabe precisar. Ele acredita que foi medicado por um ano, então, quando terminou seu tratamento, também parou de tomar medicação.

Ele conta que o ritmo de vida e recuperação que ele vinha tendo graças ao tratamento no CAPS-Magal e ao projeto o incentivaram a continuar numa crescente, rumo àquilo que ele desejava para sua vida.

“Então, foi aquilo que eu tinha comentado, a questão do impulso. Surgiu como uma oportunidade de você olhar mais além, olhar diferente, e ver sua capacidade para alguma coisa. Às vezes, as pessoas não olham mais além porque não conseguem enxergar sua própria capacidade. Então, assim, a questão do incentivo também, né? De ver que você poderia estar acrescentando alguma coisa, que você poderia ser capaz de alguma coisa, e ver que você é muito mais do que aquilo, do que aquele problema e poder dar seguimento às coisas da vida. Ver exemplos de pessoas, eu vejo você como exemplo, estar saindo da sua casa para ir lá dar aulas para gente e ao mesmo tempo está construindo suas coisas, eu via essas coisas... É, uma junção de tudo. Como eu falei, o CAPS me impulsionou para uma coisa, e uma coisa me impulsionou para outra, uma coisa foi levando à outra.”

Depois que ele saiu do CAPS-Magal, sua irmã entrou em um processo de sofrimento mental e também foi tratada na instituição. Ele acredita que ela ter lidado com o adoecimento dele pode ter sido um dos motivos para que ela também precisasse de ajuda. “Vou te falar uma coisa, a pessoa absorve, ela absorveu muito meu problema e afetou ela. Ela entrou tanto, sabe, se aprofundou tanto, irmão, mano, sabe, aquela coisa de família. Ela se jogou tanto que ela acabou trazendo com ela”.

Juliano conta que, em função de tudo que já havia vivido e de sua experiência com seu tratamento, ele pôde ajudar sua irmã, que nesse momento vivia um processo de sofrimento mental mais grave que o dele. “O dela foi pior que o meu, ela chegou a não me reconhecer”. Juliano explica que, naquele momento, ajudar sua irmã contribuiu para que ele esquecesse seus pensamentos negativos.

“Foi nesse pensamento de ter passado por isso e ter oportunidade de ajudar alguém. Nada melhor do que ajudar minha irmã, mais próxima a mim. Me motivou muito, ajudou a poder esquecer um pouco de mim estar ajudando ela. E eu esqueci mesmo. Fiquei pensando ‘porra, tem nem por quê. Qual problema maior, o meu ou o dela?’. O dela estava sinistro...?”

Para ele a experiência de ter vivido algo semelhante foi fundamental para que ele conseguisse enfrentar a situação de sua irmã com maior tranquilidade. Amanda explica como Juliano a ajudou e enfatiza que o apoio dele foi muito importante para que ela conseguisse melhorar.

“Eu lembro que o Juliano me ajudou muito, de algumas coisas que eu consigo lembrar, ele fazia coisas que eu acho que funcionava pra ele, tipo de acordar cedo, aí ele me levava pra caminhar, ele que trazia meu café da manhã, quando eu ficava meio vagando na minha cabeça, ele tentava conversar comigo, embora eu não lembre quase nada do que ele falava, ele me ajudou bastante também, foi um período bem difícil, não sei quanto tempo durou, minha família deve saber exatamente quanto durou, precisei ir também pro CAPS, voltar pro CAPS, mas no caso já não era mais ele, era eu.”

Juliano vê com satisfação ter conseguido superar essas dificuldades e, junto com sua família, aprender com elas. “A gente lembra dessas coisas um dia, com o maior, não orgulho, nada disso, mas a gente olha pra essas coisas que aconteceram com a gente, maior exemplo pra passar, pra falar pros outros, pra gente mesmo”.

Ele comenta sobre como questões de saúde mental se tornaram mais comuns depois que ele precisou de ajuda e passou por tratamento, tendo dois outros casos em sua família. “Olha como generalizou isso, depois de mim veio minha irmã, teve o surto dela, a situação dela, e através dela o meu cunhado teve algumas coisinhas parecidas. Só que ele procurou psicólogo, ela também, e através do psicólogo dele foi quando ele me indicou”.

Após o fim de seu tratamento, ele não passou por internações ou crises mais graves, mas precisou de apoio psicológico em algumas situações e chegou a fazer algumas sessões de psicoterapia com uma psicóloga particular da Maré, que também atendia seu cunhado.

“Internado não, pelo amor de deus, tive algumas coisinhas só”, ele comemora. Ele continuou trabalhando em uma imobiliária, o que também contribuiu com a dedicação para colocar em prática seus planos de vida.

“Olha, eu continuei o trabalho lá na vistoria. Nesse período, eu praticamente não tive nada, não tive nada de crise ou alguma coisa do tipo, só pensei na crescente mesmo, só em dar seguimento. E mudou também por causa disso, né, o caso do embalo, pensando em outras coisas, pensando em mudar de vida, em querer sair de lá, foi uma construção. E a coisa que eu falei sobre os sonhos, os pensamentos e tentar realizar, né?”

Sua irmã acredita que essa oportunidade de trabalho foi muito importante para a retomada de vida de Juliano. “Na medida que você vai fazendo, vai trabalhando, você se sente importante”.

Foi também nesse período, através do seu trabalho, que ele conheceu sua atual esposa. Ele conta que os dois se aproximaram porque ele quis ajudá-la. “Então, eu conheci ela fazendo vistoria [em um imóvel]”.

Em 2020 Juliano se mudou da Maré e foi morar no centro da cidade. A ideia de sair da comunidade surgiu quando ele e sua então namorada, hoje esposa, decidiram morar juntos. Juliano sentiu que não podia deixar essa oportunidade passar. “Eu falei “não, não vou perder essa oportunidade, a princípio eu queria que ela fosse pra lá, porque a casa já era praticamente minha, então acabou que foi ao contrário. Eu achei a melhor ideia ter vindo pra cá”.

11.7.5 Sua relação com as NTICs

Juliano acredita que teve contato com a internet pela primeira vez em 2007. A irmã levou para casa o computador de seu namorado que havia morrido. Juliano usava esse computador para acessar internet discada. Ele se lembra do barulho que fazia para conectar. Após esse momento ele passou um grande período sem internet em casa. Somente em 2009 ele passou a trabalhar em uma *Lan House*. Lá ele acessava a internet. O local o marcou por ter sido ali que recebeu a notícia da morte de sua mãe, foi quando ele saiu do trabalho.

Ele afirma que, durante sua participação no projeto “Eu quero entrar na rede”, ele utilizava internet principalmente no LaISS durante a realização das atividades do projeto. A internet que ele tinha acesso em casa era “roubada” de seu irmão, mas ele não usava tanto. Ele conta que, fora do LaISS, ele utilizava pouco a internet e unicamente para acessar redes sociais,

porém tentou usar mais na *Lan House* e no celular para divulgar seu trabalho e, principalmente, sua prática de esportes, visando incentivar outras pessoas.

“Olha, eu lembro que depois que eu consegui o celular, eu gostava muito de divulgar como eu estava, de tentar ser um exemplo de superação pelas coisas que eu passei, eu estava mostrando um pouco disso. O blogue também mostrou essa questão de você mostrar você como exemplo, também teve essa coisa dar esse impulso para poder, lembra que você falou que tinha de fazer um negócio para poder divulgar um vídeo? Eu até divulguei um vídeo que eu fiz.”

Ele conta que não tinha o costume de produzir conteúdo, mas que, durante o projeto, isso acabou vindo de forma natural e tranquila: “Eu também nunca gostei de ficar fazendo vídeos essas coisas, nunca fui disso... Foi bem natural, né, estava ali correndo, passou alguém, eu falei. Eu vi que ficou legal o vídeo, eu vi que ficou legal. Aí eu fiquei pensando de fazer outros”.

No final do projeto, quando começou a trabalhar como vistoriador de uma imobiliária, Juliano passou a utilizar o celular também no serviço. “O trabalho era o seguinte, a gente chegava, recebia uma coisa no aplicativo de onde era a vistoria, ia até lá, obviamente. Levava o celular pra poder tirar fotos da parede, do teto, do estado do piso, pra depois jogar o arquivo pra imobiliária avaliar e mandar pro inquilino pra ele ver como estava o estado”, ele explica.

Juliano usava principalmente *Instagram* e, um pouco menos pois já estava parando de utilizar, o *Facebook*. Hoje ele não utiliza mais redes sociais “O mundo fora das redes sociais é mais bonito”, observa ele. Entretanto, ele continua utilizando o computador para outras finalidades. “Então eu não tenho usado, eu não uso rede social. Eu estou usando mais internet pra ver notícias, G1, essas coisas. Às vezes, pra comprar alguma coisa”. O celular ele usa principalmente para enviar e receber mensagens. “Uso, mas uso mais mensagem, *WhatsApp*, essas coisas, e pra trabalho né, tem que usar... vez ou outra o pessoal quer me achar”.

Ele não tem utilizado o computador para estudo ou trabalho, mas voltar a utilizá-lo com essa finalidade está em seus planos.

“Não tenho usado para estudar, mas tem dois *notebooks* ali e um computador, mas eu não estou usando para estudar. Esse trabalho me deixa tão concentrado nele, até demais, que eu acabei não dando oportunidade para essas coisas, porque eu quero fazer, eu quero continuar, fazer uma faculdade, tem essas oportunidades, tentar abrir uma empresa para gente, fazer alguma coisa de venda.”

11.7.6 Hoje em dia

Hoje Juliano não faz mais tratamento psiquiátrico e não toma nenhuma medicação. Entretanto, ele sente falta de receber acompanhamento profissional. “Eu acho que ainda faz falta... Acho que eu não deveria ter parado”. Com a relação a isso, ele de certa forma se questiona.

“Mas eu acho, acho não, tenho certeza, eu não devia ter parado. Eu acho que eu estou sendo um pouco contraditório, não? Porque tipo assim, eu estou dizendo para você que, de repente, eu passei por tudo isso, mas eu não estou bem, não é nada disso, eu precisei continuar o acompanhamento, só que eu não continuei... É porque, cara, te falar, a nossa mente sabota a gente, pelo menos pra mim.”

Ele assume que recentemente procurou tratamento em uma clínica próxima a sua casa, mas está resistente em voltar a tomar medicação. “Eu não gosto disso... Eu vou confessar outra coisa aqui, eu estava procurando, ontem, um psicólogo, um tratamento pra poder fazer. Foi receitado ali o medicamento de novo, a Fluoxetina, mas... Olha, eu não queria não, Bruna, mas se for preciso [deixa em aberto]”.

Sua irmã reforça que Juliano ainda tem dificuldade em aceitar um tratamento mental.

“Ele ainda tem um pouco desse receio ou preconceito, se você fala com psicólogo é porque ainda está com problema, e ele é meio que difícil de aceitar, ele sabe que volta e meia acontece dele ficar chateado e não conseguir lidar com aquilo, mas ao mesmo tempo ele não quer recorrer ao psicólogo.”

Entretanto, Juliano conta que gostaria de voltar a ter acompanhamento profissional, inclusive, em sua recente ida a um dispositivo da RAPS próximo a sua casa, foi aconselhado a voltar a fazer tratamento. “Contei o histórico do que tinha acontecido e ela imediatamente ‘não, então tem que voltar, tem que fazer’ achou que precisava de novo. Entretanto, ele explica que no SUS a espera por uma consulta ainda é longa. “Tanto é que é tão ruim, cara, negócio de SUS, dessas coisas, que acabou que a gente foi lá agora, antes de você chegar, e médico só a partir da segunda semana de junho, pra atender, olha a demora, a espera”.

Ele afirma que ainda é difícil ficar bem e sem crises, mas que se apoia na religiosidade e nas suas crenças pessoais para seguir tentando construir para si mesmo uma família e uma história diferente da que teve.

“Eu estava tendo problemas com crises, sabe? Continuei tendo, mas por causa da falta do meu acompanhamento, porque eu preciso estar continuando com isso, justamente porque essa é a história toda que eu contei da minha vida, isso vai me acompanhar comigo até onde eu não querer mais. Não estou dizendo que vai continuar ainda, mas isso faz com que você não consiga construir coisas boas de novo. A sua própria família é uma família de uma forma diferente da que você viveu, da que você teve, entendeu? Então é assim, uma coisa inexplicável, mas Deus faz as coisas direitinho, porque se eu cheguei até esse momento da minha vida para ter essa oportunidade, é para não falhar. Se eu tive esse sonho, eu quero construir a minha família, mas para eu ter esse pensamento hoje e construir a minha família de uma forma melhor, eu passei por tudo isso antes, eu estou tentando fazer diferente, é difícil para mim, porque lembrar dessas coisas, às vezes tenho uma crise outra, então, não está fácil também.”

Ele explica que hoje, mesmo tendo crises semelhantes a que teve no passado, ele tem maior controle de sua situação. “É um pouquinho parecida, não chega a ser tanto porque eu tenho uma consciência ainda do que eu estou fazendo.” Juliano acredita que, mesmo com suas dificuldades, ele vive hoje um momento melhor. Para ele, a decisão de se mudar do Complexo da Maré, em 2020, foi o pontapé inicial da guinada para o momento bom que ele vive hoje.

“Acho que quando eu saí de lá, que eu tomei essa decisão de sair de lá, de um lugar onde eu frequentava, onde eu vivi praticamente tudo. Tanto que é até estranho, eu comentei com você, eu chego lá e estranho, não me vejo mais naquele lugar, é daqui para outro mais além.”

Juliano viveu maior parte de sua vida na Maré, pois se mudou há somente um ano. Entretanto, ele sente que tanto ele quanto a comunidade mudaram nesse pouco. Juliano não sente falta de muita coisa que tinha ali. Para ele, esse processo de mudança foi natural.

“Só do futebol mesmo, alguns amigos, uns ou outros. Só isso. Mudou muita coisa lá, parece que está diferente... Eu tenho a impressão de que quando você chega lá, as pessoas falam ‘nossa tá diferente, tá metido, tá assim assado’. Não, a gente tem que mudar também... Eu sinto que eu mudei, dá pra ter essa percepção.”

Para sua irmã, faz falta tê-lo por perto, mas ela entende que a mudança dele para outro bairro mais seguro foi importante para que ele pudesse seguir com sua vida com mais saúde. Ela se refere aos episódios de conflitos armados frequentes no Complexo da Maré.

“Foi melhor, pra mim não, eu queria ele perto, fiz de tudo pra ele ficar perto, mas eu vi que era pro progresso dele, e o fato dele se desvincular e começar a querer andar com as próprias pernas, ter um pouco mais de domínio sobre ele,

poxa, foi mil grau. Acho ainda, o ambiente que ele mora é totalmente diferente da comunidade... Lá ele tem essa tranquilidade, que eu acho que é muito necessária pra gente manter a cabeça mais saudável, viver num ambiente mais tranquilo, harmonia, isso é saúde, foi pro progresso dele, foi pro crescimento dele.”

Mesmo em um estágio de vida diferente, Juliano conta que ainda carrega e tenta aplicar em sua vida muitas das lições que aprendeu no CAPS-Magal.

“Tem coisas que a gente seguia lá que eu ainda guardo comigo, que é isso. Hoje mesmo eu estava conversando com a minha irmã sobre não ter paciência. Hoje é o momento de eu aprender a ter paciência, sabe? Alguma coisa boa tem que estar acontecendo, não é só desgraça, a gente só pega no lado ruim, por isso que as pessoas às vezes ficam doentes, só pegam o lado negativo das coisas, mas tem uma coisa boa, atrás disso tem uma coisa boa. É isso que me faz pensar que, calma, paciência, deixa rolar que isso vai passar e depois acaba. Alguma coisa boa a gente tira disso.”

Para Juliano, muito do que viveu foi aprendido e ele enfatiza isso.

“É, entendeu cara, assim, aprendizado, né? Às vezes não é aprendizado de coisas pequenas, é uma coisa dura, uma coisa pesada, entendeu? Então, viver é isso, aprender na pior situação da tua vida. Mas isso te faz um ser humano melhor, você aprende com a situação e passa isso adiante. Porque a gente é exemplo de vida para todo mundo. Tem gente aí que nunca sofreu uma situação parecida, mas só vai saber quando ouvir, ou quando passar, ou quando ouvir ou quando passar, depende dela.”

Mesmo com grandes mudanças em sua vida, Juliano mantém alguns de seus velhos gostos, como o futebol e a corrida, que ele tem tatuados no corpo. Ele continua fanático pelo Botafogo, mas hoje, mesmo ainda tendo passe livre, quase não vai aos estádios e não pratica esporte, apenas nas suas folgas e férias. “Eu ainda tenho, mas eu não sei se ainda está válido. Sem tempo também não estou podendo ir”. Sua vida é dedicada principalmente ao trabalho. Ao falar de seu emprego em uma padaria, onde está há mais de um ano e meio, ele reflete sobre como ele mudou ao longo do tempo e hoje consegue ter o respeito das pessoas e ser visto de uma forma que durante muito tempo não conseguiu.

“A questão de ter convívio com as pessoas, no meu trabalho hoje em dia, cara, olha só, eu não sei, eu me tornei uma pessoa tão diferente, eu gosto de olhar para mim às vezes quando eu falo nesse ponto, porque às vezes eu olho para as pessoas e elas me veem de uma forma... É aquela coisa de você não enxergar o que você não consegue em você mesmo. Eu estou conseguindo ter isso.”

Para seguir seus planos de continuar crescendo, ele já vislumbra sair da padaria para trabalhar em outro lugar e acredita que seus contatos o ajudam nisso.

“Então, está sendo legal até o momento, mas eu já estou procurando outra coisa. Vou só respirar agora... Mas também eu estou com uns contatos aí, por isso que é bom você conversar, se comunicar, nesse tempo que eu estou trabalhando lá, eu estou falando com um monte de gente, pedindo oportunidade, o pessoal já gosta de mim, já falam bem, falam comigo à beça, então, assim, através dessa amizade assim vai criando oportunidades.”

Ele conta que hoje também conquistou o respeito dentro da sua família. Ele comenta ao assunto ao lembrar da primeira coisa que ouviu no CAPS-Magal. “Eles sentem orgulho de mim porque eu estou aqui. Mas vou sair praticamente desse furacão que o Dr. Rodrigo [ex-psiquiatra do CAPS-Magal], lembra dele não né? Doutor Rodrigo, gente boa à beça, diz que minha irmã tá orgulhosa de mim, meu irmão também”. Juliano conta que, quando não tem recaídas, ele também sente orgulho de si mesmo. “Ah, eu estou né? Eu estou quando eu não tenho essas coisas também, né?”

Hoje ele acredita que realizou muito do que imaginou e planejou nas suas tardes livres com seus primos. “Casar, ter minha casa, minha família, construir minhas coisas”. Ele ainda tem dificuldade de acreditar que está realizando algo que desejou durante muito tempo de sua vida:

“Estou realizando. Para mim, ainda é difícil acreditar, sabia? Às vezes, eu vinha para cá... Eu acho que ainda eu tenho um pouquinho de resquício de que eu não acredito que essas coisas estão acontecendo, é estranho. Cara, a tua vida marca tanto, tantas coisas ruins e negativas que quando você vive uma coisa diferente você nunca imagina, você imaginou o que você sonhou na verdade, e tá acontecendo, é difícil às vezes acreditar. Marca tanto as situações ruins, ficam tantas coisas ali, que para mudar é complicado. É ruim ter essa sensação às vezes, mas depois que você começa a abrir os olhos de verdade e vê que a realidade é outra, daí tu vê o que está acontecendo mesmo.”

11.7.7 Juliano pelo Olhar dos Profissionais do CAPS

David acompanhou Juliano desde a chegada do usuário ao CAPS-Magal. O profissional conta que foi responsável pelo acolhimento de Juliano na instituição, que, naquele momento, estava em grande sofrimento em função de questões afetivas que o afetavam: o fim de um relacionamento conturbado, que gerava nele uma forma obsessão, e a perda da mãe. David

conta que, na metade do tratamento, pouco antes de começar no blogue, Juliano chegou a tentar suicídio e isso foi muito marcante. “Nesse momento, para mim, foi muito impactante por ser um rapaz muito jovem, e todo jovem tem uma potência danada para tudo né, inclusive para se arriscar no desejo da morte, foi um momento bastante intenso de trabalho que me preocupou bastante”.

No CAPS-Magal, ele foi aos poucos melhorando.

“Ele chegou a fazer uso de medições sim, inclusive antipsicóticos, e atendimento semanal de duas a três vezes por semana, esses atendimentos mais individualizados e, aos poucos, podendo, direcionado para um grupo mais coletivo. Então, ele começa a participar de um grupo que a gente fala ‘o grupo dos homens’. Ele começa a frequentar, era uma pessoa muito tímida, mas começa a esboçar algumas reações, a medicação vai ajudando a estabilizar junto com o processo terapêutico.”

Nesse momento, se iniciava o processo para a escolha dos usuários que participariam do projeto “Eu quero entrar na rede”. David conta que indicou Juliano em função de seu perfil: um homem jovem que havia deixado de trabalhar por causa de seu processo de sofrimento mental.

“...aí eu penso no Juliano, que seria uma das pessoas, por ser jovem, por ter passado por uma experiência assim muito forte e de grande sofrimento poderia se beneficiar dessa trajetória. O Juliano, por exemplo, ele conseguia manter trabalho fixo antes e teve um momento desse sofrimento em que ele não conseguia mais se manter.”

Apesar de Juliano acreditar, sem muita confiança em sua memória, que entrou no CAPS-Magal três meses antes do início das atividades do projeto, David afirma que o usuário chegou à instituição dois anos antes. “Não, não foi assim rápido não” explica ele.

David acredita que o projeto foi uma oportunidade de Juliano retomar e reorganizar sua vida, tirando do foco questões afetivas que o afetavam. “A participação no blogue, acho que deu um amparo muito especial a ele no sentido de retomar, uma reorganização de vida que, onde essa questão desse sofrimento, dessa obsessão pudesse ficar em segundo ou terceiro plano”.

Para o profissional, foi um caminho para que Juliano olhasse para fora do CAPS-Magal e, aos poucos, retornasse com hábitos saudáveis que contribuíssem com seu reestabelecimento mental. Nesse momento, ele vinha em um processo de diminuição da medicação.

“Então, eu acho que, a partir da introdução do projeto, ele já vai amadurecendo mais esse olhar para fora, sabe, e é quando ele de alguma forma vai furando os atendimentos individuais, vai furando a participação dos grupos, o que não é ruim, que indica uma certa descoberta de que tem algo a mais, algo além da estrutura interna do CAPS, que pode me assegurar meu bem-estar. Eu via sempre por aí e ele foi desenvolvendo nisso, ele começa a retornar as atividades físicas dele, ele começa a falar de comida saudável, de exercícios, e ao mesmo tempo praticar isso.”

Nesse sentido, David destaca que a produção para o blogue se articulou com um receio natural que Juliano tinha do cuidado em saúde mental, fazendo com que, aos poucos, ele se projetasse para fora do CAPS-Magal.

“Eu acredito que o projeto ajudou muito ele a olhar pra esse lado de fora, extra CAPS, sabe? Eu acho que é daí que ele começa a ter interesse em retornar a trabalhar, a buscar uma ocupação, ele se relaciona, volta a se relacionar com outra pessoa, e num estágio mais brando né, eu acho que o blogue foi a partida inicial para ele poder olhar para fora. Até que chega o momento em que a gente percebe que está o suficiente para gente trabalhar com a alta, o conceito da alta, a alta pelo bem-estar, para produzir. Vai ter dificuldades? Vai, vai precisar aprender a enfrentar, se for preciso, vai retornar para se conversar, para se, enfim, eu acho que foi por aí.”

Esse movimento acabou culminando em sua ida para a clínica da família e, depois, a alta, pouco depois da finalização do projeto. A saída do CAPS-Magal foi concomitante à volta de Juliano para o mercado de trabalho e retomada da vida social.

“Então, esse processo é logo depois que acaba o projeto em si, o blogue em si. Ele se estabelece primeiro para uma partida da clínica da família para ser cuidado diretamente pela clínica da família. Tinha uma medicação, ele já estava fazendo uso intercorrente, ou seja, à medida que fosse necessário e a gente poder visualizar quando estava bem, faz-se a retirada dessa medicação e a passagem para clínica da família com a indicação de que, se houvesse alguma alteração no quadro, retornar ao CAPS como de costume.”

Camilo afirma não tinha tanto contato com Juliano, mas ainda assim avalia os efeitos positivos do projeto para o usuário.

“O Juliano eu não tinha muita aproximação, mas teve uma evolução legal, voltou para vida, voltou para o trabalho, era um cara que fazia exercício físico na época, se eu não estou enganado, e aí tinha abandonado tudo, mas depois do blogue eu acho que as coisas foram retomando para ele, a vida, de uma forma em que ele se sentisse útil para vida, útil para voltar a fazer as coisas. Eu acho que o Juliano foi um cara que voltou depois desse blogue, eu acho que ajudou muito.”

Por sua vez, David conta que, desde então, Juliano precisou de alguns atendimentos durante a pandemia, mas que logo ele consegue ferramentas para neutralizar problemas e conseguir lidar com as questões que o afligiam.

12 Resultados Gerais do Projeto “Eu quero entrar na rede” segundo a Equipe

Ao longo de suas entrevistas, os profissionais do CAPS-Magal, as gestoras, os técnicos de referência e territorial e o psiquiatra, expuseram suas opiniões e analisaram diferentes questões envolvendo o projeto “Eu quero entrar na rede”. Dentre esses pontos, está aquilo que eles acreditam terem sido os resultados do projeto para a vida social e para o tratamento dos usuários participantes.

Camilo defende que a experiência de produção do blogue foi além de uma terapia, em outro sentido, e de alguma forma se diferenciou de outras intervenções terapêuticas desenvolvidas no CAPS-Magal, como a oficina de mosaico, coordenada por ele. O profissional explicou que o projeto do blogue era entendido como uma “atividade” dos usuários.

“...pensar num blogue que lança mídia, internet, e que eles possam, de uma forma mais suave, financeiramente ter uma representação como monitor, como ajudante, como auxiliar seja lá o que for, ou como participante do blogue, isso pra eles é muito mais gratificante, do que o mosaico que vai ter custo alto. Então, o mosaico... por exemplo, muitos falam que é terapia, pra mim não é terapia, é atividade ‘ah estou fazendo minha terapia, estou conseguindo conviver com outras pessoas, estou conseguindo conversar, mas uma coisa que está me fazendo bem naquele momento, e eu vou continuar’. Outra coisa é o blogue, que eles se articulavam e tinham prazer. Não é que eles não tinham prazer no mosaico, mas é um prazer de poder ser articulado pra estar junto no blogue.”

Doralice destacou a forma como o projeto se situou na realidade dos usuários e trouxe isso através dos temas trabalhados por eles no conteúdo do blogue *Libertando a Mente*, aproximando os usuários das NTICs.

“O que me marcou foram os temas que eles escolheram quando começaram a fazer o blogue. Eles conseguiram trazer temas que tinham a ver com a realidade que eles viviam e tudo. Eu achei muito legal, muito legal dar voz a essas pessoas, de onde elas vêm, do lugar que elas percebem as coisas e vivenciam as coisas. Achei um projeto situado na realidade, por isso que fazia tanto sentido talvez pra eles... Tecnologia parece uma coisa tão distante deles, mas como a tecnologia, na verdade, foi usada pra fazer algo, construir algo que tinha totalmente a ver com a realidade deles, eu acho que esse é o boom talvez, da tecnologia.”

Segundo Camilo, essa conexão com a realidade dos usuários pode ser percebida também no entendimento deles acerca do projeto. Apesar da relação direta do projeto com o PTS de cada usuário, Camilo afirma que a compreensão do projeto como uma atividade para além do PTS foi um dos motivos para o engajamento dos participantes. O profissional acredita que os usuários entendiam o projeto como uma oportunidade para serem lançados para a vida fora do CAPS-Magal, isso fez com que eles gostassem e acreditassem no trabalho que desenvolviam.

“O blogue não era uma atividade forçada, sabe? ‘Ah, vou fazer porque minha referência me colocou e eu preciso fazer’. Não, o blogue, para eles, era uma atividade que eles gostavam mesmo de fazer, tanto que se articulavam, parecia ser uma coisa fora do projeto terapêutico. O blogue, para eles, parecia ser uma atividade, uma coisa na vida que ia lançar eles pra alguma coisa. De fato, lança mesmo, né? É isso... é um projeto que de fato eles acreditavam.”

Doralice acredita que a bolsa também contribuiu para o engajamento dos usuários, já que, de alguma forma, simbolizava uma valorização dos usuários participantes. “Isso [a bolsa] é uma coisa fundamental pro tratamento, eles terem um reconhecimento, ter uma importância, enfim, de um trabalho. Muito bacana”. Além da clara importância financeira para os usuários, Doralice afirma que a bolsa também teve um papel terapêutico.

Segundo os profissionais entrevistados, os laços construídos pelos usuários e a circulação fora do CAPS-Magal também foram pontos positivos da experiência. Doralice acredita que a realização das atividades do projeto em outro espaço, o LaISS, dialoga com as diretrizes territoriais das instituições de cuidado em saúde mental propostas pela RPB. Ela afirma que ir para o território era uma forma de fazer com que os usuários tivessem contato com outras pessoas e a sociedade tivesse contato com eles fora de instituições psiquiátricas.

“...o ideal é que se faça muito pouco dentro da instituição e que, na verdade, o tratamento transcorra em liberdade com o que há de potência no território, e o laboratório era uma das potências do território. Então, assim, na medida em que eles estavam indo pra outro espaço, eles estavam tendo contato com outras pessoas e, melhor do que isso, outras pessoas tendo contato com a loucura, em espaços que não são espaços de exclusão. Porque às vezes o espaço de cuidado é um espaço de exclusão, entre aspas o cuidado, e como, na verdade, o cuidado em saúde mental deve ser realizado na vida. Então, nesse sentido, sair do CAPS e ir pra atividade fora era precioso.”

Camilo observa a questão, lançando o seu olhar sobre como esses deslocamentos no território aproximaram e proporcionaram outras dinâmicas de convivência aos usuários. Especialmente os que eram moradores do Complexo da Maré.

“...eles já combinavam de ir juntos, vinham em grupo e iam embora em grupo, acho que isso também é legal. Eles criaram ali um elo bacana entre eles do blogue, acho que isso foi fundamental, eles não tinham isso, cada um era pra si. Eles moravam na Maré, ia todo mundo pro mesmo lugar praticamente, mas ia um pra cada lado, com o tempo o blogue foi juntando e daqui a pouco você vê: ‘ah, vamos embora junto, passa no meu cartão, vamos juntos, vamos a pé, não sei o que, vamos andando’, então eles conseguiram se articular e fizeram um grupo de amizade ali legal.”

As ex-gestoras do CAPS-Magal concordam acerca do projeto enquanto espaço de produção de coletividade, autonomia e protagonismo. Ambas entendem que isso influenciou as demais atividades dos usuários participantes no CAPS-Magal.

Nesse sentido, Doralice acredita o projeto proporcionou a eles a formação de um grupo coeso e com sua própria identidade, permitindo a eles se reconhecerem como tal. Dentro do CAPS-Magal, eles eram “o grupo do blogue” e isso gerava pertencimento e protagonismo.

“Eles eram reconhecidos como ‘o pessoal do blogue’, ‘o pessoal do projeto’, tinham uma identidade, eles conseguiram construir uma identidade do grupo, eles tiveram o lugar deles, o espaço deles, o pessoal do blogue. Tinha sempre que ter alguém pra acompanhar, foi um projeto que ganhou o espaço, eles se reconheciam como um grupo, isso é bem interessante também, o protagonismo, o reconhecimento enquanto pares, isso eu percebia... e construir essa identidade grupal assim é fundamental, se reconhecer pertencente a algo.”

Também ficou evidente para Nise que as dinâmicas grupais proporcionadas pelas atividades do projeto promoveram a formação de uma coletividade a partir do diálogo.

“Eu acho que incorporou o grupo, fez grupalidade, esse foi o grande elemento. Porque esses jovens que estavam no blogue, eles constituíram um grupo. Isso é extremamente potencializador da vida, isso a gente vive buscando quando a gente faz convivência, só que lá aquele grupo criou afinidades, criou diálogo.”

Conforme afirma a ex-diretora, isso resultou em ações de suporte mútuo por parte dos usuários. Vasconcelos (2003) classifica as ações de suporte mútuo como um dos conceitos-chave para abordagens de empoderamento dentro do campo da saúde mental. Para Nise, essas ações fizeram com que o grupo mantivesse suas conexões mesmo após a finalização do projeto.

“Ali virou um grupo, ‘o grupo do blogue’ virou um grupo e não acabou com a saída do projeto do blogue, esse grupo se manteve ali por muito tempo no CAPS, seja pra música, seja pra sair, seja pra suporte mútuo. Eles faziam muito suporte mútuo, um ia na casa do outro, um trazia informação do outro. ‘Tô preocupado, fulano não chegou, não veio ontem, não veio hoje, dá pra ligar? Dá pra saber?’. Sabe? Então assim, eu acho que essa constituição de grupos que é um suporte mútuo, que é eles dando suporte uns aos outros, porque a gente não vai estar lá o tempo todo, é super importante, cara. Esse grupo de jovens do Magal, eles saiam no final de semana, eles se encontravam sabe, teve uma gestão de grupalidade esse projeto, não com todos, mas com uma parte.”

Doralice complementa que essas dinâmicas grupais e identitárias acabaram por refletir também nas demais atividades dos usuários participantes dentro do CAPS-Magal. “Eu acho que eles se colocavam nas outras atividades como atravessamentos da experiência do blogue sim... Eles acabaram, a partir da experiência do blogue, das oficinas e tudo, se colocando de outra forma diante das outras atividades que existiam no CAPS também”. Nise tem uma opinião semelhante e destaca que, agindo em coletivo, os usuários passaram a levar para as demais atividades do CAPS-Magal o protagonismo e autonomia aprendidos no projeto.

“Conjecturando com outras coisas então, eu me lembro que teve um paciente que ele filmava o pessoal cozinhando, escrevia receita. Era o pessoal do fanzine, que era o pessoal jovem, que fazia um trabalho dentro de outra oficina, entendeu, conjecturando espaços... trazendo muito essa coisa deles protagonizarem as festas, deles fazerem os cartazes, deles fazerem os enfeites, deles comunicarem a comunidade sobre uma festa, sobre um sarau. A gente botou muito a comunicação na mão deles, especialmente desse grupo. Faz um folder, faz um papel, faz uma filipeta, divulga, volta... Pede financiamento, pede não sei o que, consegue um patrocinador, entendeu? Eles fizeram tudo isso, foi uma coisa que fazia com que eles movimentassem o espaço social, solicitando coisas, comunicando.”

Por sua vez, David entende que o projeto foi de grande importância, principalmente em função de quatro pontos de atenção: a entrada do CAPS no Teias, o uso terapêutico de processos laborais, a saída dos usuários do espaço do CAPS para a realização de atividades no LaISS e o uso das NTICs como ferramenta de fala para os usuários participantes. Ele se admira ao contar.

“Nossa, pra mim eu considerava a máxima importância, primeiro por essa chegada no Teias de um dispositivo que pudesse estar, enfim, em comunhão com um projeto maior. Eu sempre tive interesse de entender que o trabalho, ou qualquer ação laborativa que tenha essa junção com o trabalho ajuda muito no processo de reestabelecimento... Na saúde mental, eu tenho o olhar de que o trabalho na grande maioria das vezes proporciona a cura, ou equilíbrio e bem

estar... Essa ideia de aproximação da informação digital me dava um entendimento de que seria também um caminho, um instrumento extremamente importante, uma ferramenta extremamente importante na homeostase desses usuários. Por exemplo, a mudança de um ambiente, que não seja um ambiente de cuidado da saúde, do tratamento, seja lá o que for, só a mudança do ambiente pra mim já era uma potencialização de cuidado bastante interessante de investigar e acompanhar. Eu acho que essas coisas vieram pra fortalecer o meu interesse. E na construção do blogue, e era algo mesmo, o blogue na época era algo que estava mais em moda né? Hoje, embora o Instagram já tenha desvalorizado o blogue, ele estava no auge, e era uma ferramenta de comunicação de ampliação que eu achava super potente pra se falar um pouquinho, um pouco a mais desse sofrimento. Não no sentido da incapacidade, mas da potencialidade que o sofrimento pode trazer.”

A potencialidade das narrativas pessoais de pessoas em sofrimento mental também é enumerada por Vasconcelos (2003) como um dos conceitos-chave de abordagens de empoderamento do usuário na saúde mental. Elas se adequam ao que o autor chama de “narrativas pessoais de vida” (VASCONCELOS, 2003).

Retomando, David percebe a construção do blogue pelos usuários do CAPS-Magal como uma experiência de produção de vida e história. “...É mais uma experiência que a gente pode gerar vida no sentido da história construída, que não se fale mais somente de aniquilação de despotencialização, de incapacidade, mas que a gente fale do sofrimento que possibilita e capacita também”. Nesse sentido, o profissional evoca a experiência de criação do blogue como uma ferramenta de enfrentamento ao poder des-historificante e objetificante das instituições psiquiátricas, que vão além de seus muros, e age sobre pessoas em sofrimento mental (BASAGLIA, 1985).

Doralice acredita que o projeto foi realizado em consonância com as diretrizes da RPB que guiavam a gestão e as atividades realizadas no CAPS-Magal. Entretanto, a profissional reflete com pesar que, apesar dos bons resultados, o projeto foi uma exceção no campo das parcerias formadas pela instituição, já que a equipe do CAPS teve dificuldade para firmar outras parcerias, com projetos de naturezas distintas.

“...acho que o projeto “Eu quero entrar na rede” dialogou muito com essas diretrizes, de um trabalho ampliado, territorial, e alinhado com o que havia de potencial ali no local. E eu acho que a gente ainda fez pouco na época. Acho que a gente poderia ter se alinhado, se articulado com vários outros projetos que existiam ali, e que ficou assim só ensaiando uma aproximação que nunca foi pra frente. Talvez esse que foi o mais assim, mais fomentado e que de fato caminhou, foi bem bacana nesse sentido... Acho que esse projeto foi muito fortalecido.”

Para Doralice, dois diferenciais tornaram possível a realização do “Eu quero entrar na rede”: a composição da equipe, que, segundo ela, era de profissionais dedicados e alinhados com as diretrizes propostas, e o caráter inovador do projeto. Ela fala de forma carinhosa sobre esses profissionais.

“...A qualidade das pessoas, a dedicação dos profissionais que estavam envolvidos no projeto. E assim, aí eu destaco o David e destaco muito seu trabalho [sobre a pesquisadora]. Eu via muito como, eu preciso falar isso, assim, mas eu via que você era muito dedicada, muito alinhada, você entrou de fato aqui na lógica da questão, e sempre trocando com a referência do CAPS assim, sobre o que estava acontecendo, acho que o diferencial foi isso. Pessoas estratégicas, os profissionais do CAPS, o profissional do projeto, que compraram a ideia e que construíram e conseguiram fazer uma parceria, construíram ali um trabalho em conjunto e fez sentido pros usuários, entendeu? Com aquele trabalho ali próximo. Acho que o que fez dar certo foi isso: o trabalho e a dedicação dos profissionais envolvidos, uma delicadeza, uma troca entre os profissionais envolvidos pra dar conta do que estava acontecendo. Essa questão inovadora eu acho muito bacana, eu gosto muito de projetos inovadores e que a gente vai alinhando durante o caminhar, acho que foi isso que fez dar certo.”

De forma calma, ela relembra alguns profissionais que, para ela, tiveram um papel central na realização do projeto e como isso gerou tranquilidade para ela, enquanto gestora, e também resultados positivos. “Eu fiquei bem tranquila com esse projeto, eu sabia que o melhor estava sendo feito, então eu nem tenho muito o que falar. Eu estava tão confiante de que o melhor estava sendo feito que, assim, eu fiquei muito feliz com o que aconteceu”.

Com relação à inovação, Doralice acredita que a realização do projeto foi um encontro entre o reconhecimento da gestão com a criatividade e a dedicação dos profissionais envolvidos.

“Na gestão, você tem que ser muito criativo, muito inventivo. Eu não sei se eu posso dizer que eu fiz muito isso, mas eu sei reconhecer bem as oportunidades de trabalho criativo e tudo, pra dali alguma coisa surgir. Ideias eu tenho bastante, acho que uma coisa legal foi isso, houve uma ideia muito legal. Acho que o professor [André Pereira Neto] teve uma ideia. Você e tudo, criativa, e a coisa foi caminhando porque tinha gente dedicada pra ela... Nessa questão da inovação, é algo bem interessante, você vai trabalhando com o que você tem, às vezes o usuário. O que ele te oferta de material de trabalho, que se você não tiver muito atento passa despercebido. Acho que foi uma oportunidade, um trabalho que vocês conseguiram capturar e tocar pra frente.”

Para a Doralice, o projeto “Eu quero entrar na rede” foi um exemplo de experiência bem-sucedida dentro do CAPS-Magal.

“Eu acho que a experiência do blogue foi exitosa, com certeza, pra mim, foi um exemplo de atividade forte e exitosa. Na época tiveram muitas atividades que não, como vou te explicar, não conseguiram fazer sentido, se fortalecer, se solidificar, trazer esse tipo de impacto, de mudança, que a gente espera. E eu acho que o blogue acabou sendo um exemplo pro CAPS, na minha opinião. Por mais que, muitas vezes, tem muito profissional que não vai compreender aquilo, a fortaleza daquilo, mas, como gestora, eu vi como um projeto consistente, vamos dizer assim, sabe? E, às vezes, na saúde mental, a gente precisa dessa consistência nos projetos. Não são só questões efêmeras e leves, pode ser isso também, mas uma consistência que causa impacto, mudança e tudo. Eu acho que o blogue teve bastante esse perfil.”

Para Nise, o projeto teve resultados positivos e os profissionais do CAPS-Magal reconhecem isso. Em se tratando da compreensão dos trabalhadores acerca do projeto, ela acredita que isso se deu, principalmente, pelo caráter territorial e empoderador do trabalho realizado.

“Acho que as pessoas se orgulharam desse trabalho, acho que é um trabalho que... [ela pensa] é isso, que deu frutos. A gente tinha feito nos usuários, a gente se emocionou muito com a produção deles, eu acho que é uma coisa que sai do bojo do CAPS, saía de dentro das salas, não deixou de ser um projeto territorial, não era uma coisa ali dentro, era fora, na Fiocruz. Acho que empoderou muitos elementos ali naqueles usuários, fortaleceu muitas coisas bacanas... O protagonismo em contar suas histórias ou escrever, o acesso digital, muitas coisas ali. Eles tinham uma bolsa, essa bolsa, também, eles planejavam com ela, era bem pouquinho mas eles planejavam. Então isso tudo foi muito... Foi uma experiência muito boa.”

Para a ex-diretora, o resultado mais concreto do projeto é próprio blogue, que, ao longo da experiência, se constituiu enquanto um espaço de fala, dando vazão midiática para a voz dos usuários participantes. Nesse sentido, terminou se constituindo como uma ferramenta de enfrentamento ao silenciamento.

“Eu acho que tem o resultado tangível que é a própria construção do blogue. Eu acho que aquilo é um resultado que os faz se sentir orgulhosos, porque ali tem voz, tem a fala deles dentro de uma mídia que é social, que as pessoas podiam acessar. Então, eu acho que esse foi um elemento tangível, o produto né, não vamos negar o produto, ele foi um produto importante, é um produto importante.”

12.1 BENEFÍCIOS DA COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NO CAPS

Até aqui, partimos do olhar único de cada profissional entrevistado sobre o projeto “Eu quero entrar na rede”, formando narrativas e análises múltiplas acerca da experiência. Também consideramos importante registrar as opiniões desses sujeitos sobre aquilo que eles acreditam

serem benefícios e desafios de atividades envolvendo a comunicação e as NTICs com usuários de CAPS.

Primeiramente, a partir da demanda da clientela jovem do CAPS-Magal, observada por diferentes profissionais entrevistados, Nise enfatiza que a criação do blogue foi, para a equipe, uma comprovação da necessidade de atualizar as atividades oferecidas pela instituição. Isso tem como finalidade aproximar e atender a esse público. Posto isso, ela se exalta ao falar sobre o tema.

“Eu acho que ele foi um grande disparador pra que a gente entendesse que, se o blogue terminasse, a gente precisava trabalhar com mídias, isso ficou muito claro pra gente. O efeito desse trabalho caiu várias fichas pra nós, assim, do tanto que determinadas atividades estavam ultrapassadas pro público jovem. Assim, isso voltou pra gente.”

Nesse sentido, além de atender aos usuários jovens, segundo Doralice, projetos como o do blogue têm potencial para promover a visibilidade social de pessoas em sofrimento mental, o acesso às NTICs e desconstrução de estigmas dos quais esses sujeitos são vítimas.

“...Acho que a tecnologia entra como estratégia de dar visibilidade, de dar voz pra esse público... Eu acho que ajuda muito no sentido de dar visibilidade, levar esse debate, levar esse trabalho, e de acesso mesmo, deles terem acesso ao que está acontecendo na vida. Eu acho que a questão das rádios, de música, de TV, de bloco de carnaval, tudo ligado assim, que a saúde mental fomentou muito, a tecnologia entra também nisso, no sentido de levar a pauta da saúde mental, quebrar estigmas. Eu acho que é uma via muito importante, que facilita não só que a gente pautar a questão da saúde mental pro público em geral, mas que eles possam acessar também para além da questão da saúde mental ou não, se precisar, não acho que precisa sempre estar falando de saúde mental. Eles podiam também estar simplesmente falando, porque existe invisibilização, eles são invisíveis de certo modo, essa população marginalizada, então acho que ajuda muito nisso.”

Conectados com os processos de promoção da visibilidade social estão o reconhecimento e o protagonismo dos sujeitos em sofrimento mental. Para Doralice, esses dois pontos foram marcantes no projeto “Eu quero entrar na rede”.

“O que eu acho interessante é o reconhecimento. Assim, o projeto foi muito bem reconhecido, teve eventos e tudo. Com relação ao projeto, eles ficaram bem felizes e orgulhosos, né? Acho que a questão do protagonismo também deles nesse projeto foi uma coisa bem forte... Porque eles escolhiam os temas, tinham alguns brilhantes, que sabiam escrever, falar muito bem, comunicar muito bem. Então, eu acho que existiu só um manejo, mas o protagonismo era

deles, não existia aquela coisa ‘Ah, você faz isso, vai ser desse jeito’, não era diretivo, era só uma condução assim, mas a criação foi deles, o desejo, sobre o que escrever. Existia uma facilitação, mas o protagonismo era deles.”

Nise corrobora com Doralice e destaca o projeto como gerador de autonomia, autoestima e protagonismo. Por sua vez, as NTICs, através do blogue, funcionaram como ferramentas de desconstrução do silenciamento.

“...Eu acho que é um gerador de autonomia, eu acho que gera autoestima, que conseguiu trabalhar a capacidade de comunicar. O blogue falou de questões deles, então, isso é elaboração, então, é isso, a ferramenta digital dando voz, protagonizando. Então, eu acho que foi assim, esses, eles estavam muito orgulhosos no dia do lançamento do blogue, muito felizes, honrados, ali sentados, sabe? Eu acho que tudo isso construiu potencialidades no cuidado e na capacidade de gerir vida, de construir coisas que deu voz. Eu acho que esse foi o elemento, como todos os projetos de mídia têm esse objetivo, dar voz, protagonizar, fazer com o que está dentro saia e comunique.”

A partir de um olhar terapêutico, Rodrigo defende que experiências envolvendo a comunicação no campo da saúde mental têm um grande potencial clínico e social para os sujeitos participantes.

“Eu acho que é muito potente né, de ter um certo espaço um pouco protegido de uma incubadora ali, pra um público que fica muito marginalizado de ter acesso a esses espaços, se não tiverem alguma proteção. E costuma fazer toda diferença pra imagem que o sujeito tem de si, pra imagem que ele tem do lugar que ele ocupa no mundo. Eu acho que é importantíssimo, eu acho que a gente ainda fica muito carente desses espaços. Embora ainda existam alguns, eu acho que ainda é de pouco acesso, mas eu acho que é um diferencial importante, com consequências clínicas, com consequências sociais mesmo.”

Doralice acredita que as relações sociais e o sentimento de coletividade estabelecidos através do projeto foram fundamentais para o tratamento psicossocial dos usuários participantes. A profissional destaca que, durante o projeto, a promoção da cidadania, aprendizagem, autoestima e o acesso às NTICs tiveram como pilar as relações humanas e os afetos produzidos por elas, que são de grande valor para os sujeitos em sofrimento mental.

“É saber que existia um lugar pra eles, pra eles funcionarem, pra eles viverem, pra eles se colocarem, foi dada importância pro projeto e eles eram o projeto. O tratamento é questão de autoestima, questão de cidadania, que também é um dos objetivos de acesso às políticas públicas e aí acesso às tecnologias, inclusão digital. Não sei muito bem quais são os termos que se usa nisso, mas acabava sendo uma relação afetiva no sentido de ter afeto entre os participantes e você [pesquisadora mediadora], e os facilitadores. Então, para

além da importância da tecnologia, da aprendizagem, do acesso e tudo, existia uma relação humana, entre eles, e entre eles e os facilitadores, de confiança, de parceria. Então isso é fundamental no tratamento, talvez mais importante do que uma escuta psicológica, muitas vezes é você se sentir participando de algo, ainda mais esse público que é marginalizado.”

Tendo em vista a relação dos sujeitos em sofrimento mental com a sociedade, Doralice acredita que projetos como o que analisamos aqui estão relacionados com o papel da saúde mental de manter ou recuperar o contato dos sujeitos com o mundo e o que existe nele. Nesse sentido, atividades que os aproximem das NTCIs são também facilitadoras e acesso a direitos histórica e socialmente negados a esses sujeitos.

“Assim, o trabalho na saúde mental é sempre esse, de você fazer com que as pessoas tenham contato, os usuários, ter o contato com o mundo e o que tem no mundo. Se a gente sabe que o que há no mundo hoje em dia, de um certo tempo pra cá, é a questão da tecnologia, a comunicação e tecnologia, é algo que é importante, os usuários da saúde mental também devem acessar, porque é algo que está no mundo. Na minha opinião, e dentro dessa perspectiva, eles precisam ter acesso às coisas que existem no mundo, a tecnologia é uma delas. Eles já são privados de ter acesso a várias coisas, inclusive a tecnologia. Vamos dizer assim, não só pela questão do transtorno, também pela questão do transtorno, mas, muitas vezes, também por uma questão social, de privação mesmo. A importância pra mim, falar dessa importância é uma coisa muito simples, existe tecnologia e eles têm direito a ter acesso, usufruir.”

Por sua vez, Camilo também defende que projetos como o “Eu quero entrar na rede”, que envolvam novos projetos de vida e a socialização dos usuários participantes, são extremamente importantes. Ele explica que atividades com essas características estão em diálogo com o trabalho desenvolvido pelo CAPS e por seus profissionais e são pensadas a partir dos projetos terapêuticos de cada usuário.

“... Se o nosso trabalho é socializar, é colocar pra vida, colocar pro trabalho, como já falei aqui várias vezes, qualquer projeto que seja pra vida, pra eles, é super hiper importante, porque acho que valoriza eles também. Tem uma valorização na vida de cada um deles, claro que diferente pra cada um... Qualquer projeto que se pense pra vida é ótimo, pra qualquer um deles, qualquer projeto que tenha, que a gente possa incluir nesses projetos, assim, pra gente é super importante. Porque o blogue também cabia no projeto terapêutico aqui do CAPS, todos eles que estavam lá, pro projeto terapêutico que a gente faz com eles aqui no CAPS, inclui justamente isso também: projetos, cursos, trabalho, escola. Então tem uma importância fundamental na vida deles, principalmente pra gente que trabalha com saúde mental, sabe? Acho que cabe qualquer projeto, qualquer curso.”

Nesse sentido, Nise defende que as atividades no território e a bolsa foram pontos importantes. Para ela, a capacidade de produção de autonomia e integração social do projeto foi fortalecida pela bolsa.

“A gente faz muito trabalho de território, o blogue não foi o primeiro projeto em que a rua e a cidade foram incorporadas à vida, mas, é isso, cada vez mais o desafio dos CAPS hoje é conseguir fazer com que eles ocupem a cidade, eles manejem estar em sociedade... Então eu acho que, quanto mais as coisas têm espaço territoriais, onde eles circulam, onde eles têm que se comunicar, onde eles têm que falar na portaria da Fiocruz pra onde vão, apresentar identidade, gerar autonomia, isso é muito bacana. Enfim, eu acho que é isso, gera sempre essa capacidade, e a coisa de ter o dinheiro é muito legal, porque é isso, a gente, alguns com benefícios, outros sem benefícios, família gerindo. Então aquele dinheiro do blogue era um dinheiro que eles mobilizavam, eles decidiam o que fazer, e aí o profissional, técnico de referência auxiliava, pensava junto. Eu acho que isso é gerir cuidado no território, fazer com que eles circulem, que eles ganhem autonomia, o recurso financeiro potencializa tudo isso, mesmo sendo pouquinho.”

Doralice avalia o projeto a partir do que ela entende como resultados para a subjetividade dos usuários, principalmente no que tange o enfrentamento ao silenciamento, à promoção da autonomia e autoestima. Também, a preparação para o mercado de trabalho.

“Eu acho que esse projeto, como ele teve uma continuidade e teve um investimento das pessoas em cima dele, investimento aí eu falo de várias, eu acho que teve uma mudança fundamental, sim, na questão subjetiva dos participantes. Talvez, pela primeira vez, eles foram escutados de forma genuína e construíram algo importante, que as pessoas deram certa importância. Eu via que os usuários eram diferenciados nesse sentido, eu vi processo de melhora, de orgulho por estar desenvolvendo aquilo, de estar recebendo investimento com relação aquilo, e eu acho que isso, eu acredito que vá marcá-los pra sempre mesmo, essa experiência que eles desenvolveram. Em termos de profissão, não sei, eu vi muitas potências em alguns, mas aí eu não sei como a coisa vai desenrolar, se isso vai ajudar de alguma forma pra algum deles, em termo de trabalho, profissão e tudo, mas, assim, já é uma coisa que, se em algum momento surgir uma oportunidade, eles vão ter ali pontos a favor deles. Eles aprenderam muita coisa, eles criaram, mas eles aprenderam muita coisa, pra criar eles precisaram aprender também algumas coisas.”

12.2 DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NO CAPS

Apesar da visão positiva dos entrevistados acerca de projetos que envolvem comunicação e tecnologia junto a usuários de CAPS, é importante ter em vista que alguns

pontos são passíveis de avaliação. Eles se mostraram como desafios, seja por sua possível influência negativa nos resultados ou por seu potencial para dar contornos diferentes às atividades realizadas.

O primeiro deles é o envolvimento dos profissionais de saúde mental com os projetos dessa natureza. Doralice explica que, no CAPS-Magal, o interesse pelo projeto se deu de forma desigual por parte dos profissionais.

“Eu percebi que alguns profissionais compraram a ideia entendendo a importância da ideia. Eu faço um pouco essa diferenciação entre aqueles profissionais que iam pra cumprir com agenda de certa forma, tem que ir acompanhar e tudo, e os profissionais que entendiam a importância disso pra questão da reabilitação psicossocial. Então, quando um projeto é apresentado, você vê que tem profissionais que não conseguem ver assim, e tem outros que brilham os olhos, que sabem que isso aí é que é trabalho de saúde mental. Trabalho de saúde mental é fomentar esse tipo de parceria na minha opinião.”

Nise faz uma avaliação semelhante e afirma que eles tiveram dificuldade em manter uma equipe fixa para acompanhar as atividades do LaISS. Ela explica que a escolha dos profissionais que estariam presentes nos encontros do projeto se deu mais através de disponibilidade e interesse dos profissionais no momento das atividades, do que por uma estratégia de formar um grupo contínuo para o acompanhamento. Para ela, esse foi um ponto fraco do projeto e impediu um maior envolvimento dos profissionais que acompanhavam as atividades do projeto.

“Eu acho que essa escolha dos profissionais não foi bacana, assim, foi uma das partes que eu não gostei. Era muito assim, ‘quem está disponível para ir?’ Eu acho que, se a gente tivesse conseguido pessoas mais investidas pra acompanhar, teria sido melhor. Usavam os profissionais que estavam acompanhando a partir das demandas de reunião, ‘E aí, quem é que vai? Quem vai hoje?’ E a gente fazia reunião ‘Quem vai hoje acompanhar os usuários pro LaISS?’ ‘Ah eu vou, fulano, eu vou’. Então não foi uma coisa que a gente tenha dito assim, ‘Ah, vamos pegar um grupo que vai fazer uma continuidade do início ao fim’ entendeu, não foi, foi muito voluntariamente.”

Para a ex-diretora, o acompanhamento contínuo foi limitado pela rotina atribulada do CAPS, o que pode ter prejudicado o aproveitamento e o envolvimento da equipe. Entretanto, ainda assim, eles conseguiram fazer avaliações e revisões ao longo do projeto.

“É, isso foi uma coisa que a gente tenha conseguido incorporar profissionais de formas sensíveis, que foram acompanhando, a gente pedia, ‘E aí, como

vocês estão avaliando?’ A gente fazia essa análise a cada mês, ‘E aí, como é que foi? O que vocês estão achando? Alguma coisa relevante?’ Preocupações, né? Acho que a gente tem que trocar indicação, a gente fez várias revisões ao longo do processo, agora o acompanhamento, tendo em vista a rotina de um CAPS, era quem estava disponível, isso não é legal.”

Outra questão foi levantada por Nise como passível de análise. Ela afirma que, mesmo o PTS tendo sido considerado para a seleção dos participantes, as atividades realizadas não necessariamente estavam conectadas com o projeto terapêutico de cada usuário participante, isso acabou por ser uma escolha da equipe. “A gente, inclusive, em algum momento pensou que algumas pessoas não estavam legais, que não podiam estar, não estavam bem, entraram em crise no meio do processo, mas não necessariamente, a gente joga em muitas frentes em termos de PTS”.

Pensando diretamente as NTICs, Camilo avalia que atividades que envolvam comunicação e tecnologias são muito importantes, mas que seus resultados para a vida dos usuários estão relacionados com o acesso que esses sujeitos têm às NTICs. Ele acredita que, para os usuários que tinham maior intimidade com as tecnologias, o projeto foi uma possibilidade para se sentirem úteis, já que podiam ajudar os colegas. “Em relação ao blogue, pro Fernando acho que teve, quase o mesmo que o Tadeu, por eles terem habilidade, saberem mais acessar a internet, computadores, de saber mexer, eles estavam se sentindo útil para outros que estavam com dificuldade ali”.

Por outro lado, Camilo analisa a relação anterior dos usuários com as NTICs e a influência da exclusão digital nos resultados do projeto para a vida dos usuários fora do CAPS.

Acho que contribui demais pra quem tem acesso. Por exemplo, o quanto foi importante pro Tadeu, e quanto é, porque ele tem habilidade, mas é um cara que não tem muito acesso pelas condições dele. Se tivesse eu tinha certeza que esse blogue ia ser um projeto de vida pra ele, porque é um cara que sabe mexer com isso, um cara inteligente... Hoje o Tadeu não tem um celular, como é que ele vai acessar? Como que ele vai estar acessando a mídia ou até o próprio trabalho dele se hoje ele não tem uma rede? Não tem minimamente um celular pra poder estar interagindo. Ele tem um tablet da escola, ele consegue acessar, mas ele não tem internet em casa. A importância é grande, é enorme, esse blogue, essa mídia, essas coisas pra eles, com certeza, quem tem condições. A Maura, com diagnóstico de autismo, ela consegue acessar pelo celular dela, porque ela tem internet em casa e tem celular... Manda mensagem, pergunta se eu estou aqui, pergunta se ela pode vir, como está o território. Então ela consegue, através do celular, se comunicar, coisa que ela não fazia nunca, antes dela chegar aqui, no início quando ela chegou aqui na verdade, hoje ela já consegue, se perguntar, ‘E aí Maura, está acessando o blogue?’ Tenho quase certeza que ela vai falar, ‘Sim, eu acesso, eu entro ou vou entrar’ que ela vai

conseguir, entendeu? Então é importante pra eles sim, eu até sugiro que se pudessem dar continuidade.”

Assim como Nise e Doralice, Augusto afirma que atividades envolvendo as NTICS são uma demanda dos usuários mais jovens e podem ser muito produtivas para esse público específico. Entretanto, atualmente a equipe ainda esbarra na pouca estrutura do CAPS para isso.

“Eu acho excelente, assim, eu acho que falta isso porque a gente tem pacientes muito jovens, que buscam por isso e às vezes não têm oportunidade lá fora. A gente teve uma época aqui que, nesse corredor, tinha um computador disponível pra eles aqui, eu acho que foi na mesma época do blogue, e isso trazia eles pra cá, eles ficavam acessando o blogue, pesquisando coisas pra inserir no blogue, isso é um incentivo. É diferente do cara sentar ali fora e não fazer nada, ele não ter acesso. Aqui, o paciente pede pra escutar clipe, pra pesquisar e a gente hoje não tem um computador disponível, a gente não tinha uma sala pra sentar... Hoje, pouco tem uma sala pra todo mundo atender, isso pro paciente jovem é muito importante, é uma alavanca pra frente, pro futuro.”

Nise explica que o blogue foi decisivo para movimentos que aconteceram no CAPS-Magal naquele momento, entretanto, ela explica que esses fluxos foram interrompidos pela pandemia de Covid-19. A Emergência sanitária teve início pouco depois da finalização do projeto e interferiu direta e indiretamente nos serviços oferecidos pela instituição.

“Eu acho que [o projeto] deu dinâmica pra várias coisas nossas já, mas a pandemia detonou tudo. Quando a pandemia veio, a gente acabou os trabalhos grupais, ficou muito esquelético, fazendo atendimentos mais individuais, convivências muito pequenas. Eles sentiam muita falta uns dos outros, foi muito difícil, e eu não sei agora como que está, eu estava lutando antes de sair para que o Magal reerguesse as atividades grupais, mas não estava sendo simples.”

Para Augusto, a pandemia de Covid-19 impôs aos CAPS-Magal e sua equipe uma nova dinâmica que os fez reavaliar seu trabalho, mas trouxe grandes prejuízos.

“Pro serviço, a gente conseguiu se reformular e fazer uma análise, o que a gente fazia, o jeito que a gente atendia, que a gente lidava aqui dentro com eles, era muito negativo assim, era muito cheio, era desordenado. A pandemia fez com que a gente arrumasse a casa, mas, em contrapartida, a gente perdeu muitos pacientes, a gente voltou da pandemia com o Pinel lotado e a gente vem com muita internação ainda. Agora que a gente tá conseguindo se reorganizar e, de novo, voltar pro território porque na rua é que a gente consegue evitar.”

Ivone, que em função de sua idade, foi afastada do CAPS-Magal durante a pandemia, afirma que a instituição que ela encontrou após o seu retorno era muito diferente daquela de 2020. Ela conta com pesar sobre o cenário que encontrou ao retornar e que a equipe ainda tenta reverter.

“Eu costumo dizer muito pra eles que antes da pandemia eu saí de um CAPS... fiquei um ano fora por causa da pandemia, quando eu volto pro CAPS, parece que eu estou em outro CAPS, tá ruim de ver o CAPS... nós tínhamos pacientes de diária que estavam todos os dias no CAPS, tinham mais atividades, né? E eles ficavam até quatro horas no CAPS. Por conta da pandemia, os pacientes com PTS e com diária, a maioria foram afastados, hoje eu vejo eles estão tentando voltar de novo, mas tá difícil né? Voltar as atividades normais, hoje o CAPS ele se resume mais em consultas.

Posta a realidade que envolveu os usuários e a instituição após a finalização do projeto, Rodrigo avalia que a experiência acabou por ficar limitada ao período de sua realização, já o blogue não teve continuidade.

“Eu acho que, uma análise muito grosseira que eu faço, mas eu tenho a impressão do projeto ter ficado, pra maioria das pessoas, de alguma maneira muito limitado na duração do projeto. Eu tenho a impressão que quem teve mais consequências foi por fora. Não sei se o blogue teve atualização por exemplo, acho que nunca mais teve, mas a impressão que ficou pra mim é de que, eu não sei se a equipe conseguiu se inteirar pouco também desse processo né, eu acho que isso talvez fosse um legado que a gente tivesse que trazer pra gente, no pós [projeto], mas, isso, eu não tive percepção de ter acontecido.”

Os desafios elencados pelos profissionais, formam um quadro geral de fatores limitantes, que se somam aos percebidos no relato de caso.

Finalizada esta etapa, analisaremos as falas dos depoentes e o relato de experiência buscando destacar as convergências e divergências encontradas.

13 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS: ENTRE CONEXÕES E CONTRADIÇÕES

Diversos temas emergiram no relato de experiência e nas narrativas dos depoentes. Optamos por apresentar as trajetórias dos pesquisadores-cidadãos em textos que conservassem suas narrativas em uma lógica de início, meio e fim. Optamos por realizar poucas adições e desvios de cunho teórico para que as histórias contadas fossem o ponto de destaque. Entretanto, juntos, esses textos nos permitiram apreender conexões e contradições que possibilitaram inferências sobre algumas questões que orientam esta tese. Algumas delas são centrais, e sua análise é inerente à tentativa de responder às questões de pesquisa: Os processos comunicacionais utilizando as NTICs para a produção de um blogue contribuíram com a construção do protagonismo da própria vida destes cidadãos em sofrimento mental? Em que medida a participação desses cidadãos em sofrimento mental e socialmente vulnerabilizados pode ser considerada uma alternativa ao tratamento biomédico e farmacológico dominante? Outras são periféricas, mas, ainda assim, trazem visões e versões preciosas sobre nossa pesquisa e reflexões importantes sobre a realidade abordada.

Caminhando para a conclusão desta tese, iremos nos debruçar sobre os pontos em que foram identificadas convergências e divergências nas opiniões e versões da experiência vivida. A partir dos principais temas tratados nos resultados desta pesquisa, buscamos encontrar respostas às nossas questões, cumprir alguns de nossos objetivos e levantar novos questionamentos ou apontamentos. Estes últimos podem fomentar novas pesquisas sobre o assunto. Afinal, tanto o cenário da apropriação das NTICs quanto o da RPB são processos e não pontos finais.

Nossa discussão final está organizada a partir dos principais tópicos de análise. Esses agrupam os temas e, conseqüentemente, as inferências possíveis sobre eles, que emergiram ao longo da pesquisa.

Em um primeiro tópico tratamos das especificidades do projeto a partir do CAPS-Magal. Entraram discussões sobre o Projeto Terapêutico Singular (PTS), a organização da Equipe do CAPS, sua organização interna para a realização do projeto “Eu quero entrar na rede” e o lugar das NTICs no cuidado em saúde mental. Neste caso, buscamos compreender quais os critérios para a seleção desses usuários específicos do CAPS para participar do projeto.

No segundo, discutiremos as questões trazidas à tona pela temática das metodologias dialogais utilizadas no projeto. Nesse sentido, trataremos da articulação teórica e metodológica

discutindo a questão da promoção da autonomia, do empoderamento e da inserção social dos pesquisadores-cidadãos.

Em seguida, trazemos reflexões sobre a relação do projeto com a promoção do protagonismo da própria vida, ou não, dos usuários participantes. Partiremos, então, para reflexões sobre as NTICs como instrumentos de inclusão social. Iremos discutir se sua apropriação facilitou que eles se incluíssem socialmente.

Em seguida, serão analisados temas mais específicos. São eles: a evolução no tratamento, a percepção do significado da bolsa, a vida no território, o reconhecimento e a confiança decorrentes desta experiência, as relações sociais que se estabeleceram entre eles, o preconceito e estigma que sofrem e as possibilidades de empoderamento.

Ao final, traremos algumas leituras de temas que foram observados durante a realização da pesquisa que a nosso ver precisam ser pontuados, mas que não estão, necessariamente, ligados diretamente ao problema que orienta esta tese.

13.1 RELAÇÃO COM O PTS E A EQUIPE DO CAPS-MAGAL

Os relatos dos profissionais do CAPS-Magal trazem com frequência a relação do PTS de cada usuário com a participação destes sujeitos no projeto “Eu quero entrar na rede”. Ao tratar dos critérios de seleção dos usuários participantes, os profissionais citam que houve uma preocupação em relacionar as potencialidades, as limitações, o projeto de vida e de tratamento de cada usuário com as atividades que seriam desenvolvidas no projeto.

Três explicações ganharam destaque nas falas dos profissionais do CAPS a esse respeito: as relações sociais, as competências e a territorialização de cada cidadão selecionado.

Alguns profissionais afirmam que, no processo de escolha, foram consideradas competências técnicas que eles consideravam necessárias para a produção do blogue. Além disso, foi levado em consideração o potencial de cada candidato em realizar atividades fora dos limites espaciais do CAPS-Magal. Nesse sentido, há uma convergência de falas para uma narrativa sobre a seleção do grupo que participou do projeto ter sido pautada na ideia contribuição em duas vias: a contribuição do usuário para o projeto e do projeto para o PTS do usuário.

A escolha de dois pesquisadores-cidadãos é digna de atenção. No primeiro caso, o médico psiquiatra afirmou que a seleção de um dos participantes foi uma decisão da equipe frente ao “esvaziamento de alternativas terapêuticas” que este usuário recebia dentro do CAPS-

Magal. “Eu acho que pela falta de outros recursos clínicos mesmo, que ele aceitasse dentro do CAPS”. Já em outro caso, um técnico de referência afirmou que a escolha desse participante esteve voltada, em suas palavras, para uma “conectá-lo com a realidade”.

Tendo em vista as questões apontadas, entendemos que os profissionais conseguiram relacionar as singularidades dos participantes, suas características, sua adesão aos processos e o PTS de cada sujeito, com os resultados esperados: ser uma alternativa terapêutica e uma forma de, nas palavras de alguns profissionais e gestores, “conectar os participantes com o mundo”. Por sua vez, o relato de experiência aponta para uma tentativa de combinar as singularidades dos sujeitos na realização das atividades do projeto.

As duas coordenadoras do CAPS pontuaram a importância de relacionar o PTS com diferentes frentes de atuação e atividades variadas visando inserir os participantes nas obrigações e regras da vida em sociedade. Outro técnico de referência admitiu que “é muito importante qualquer projeto que seja pra eles e pra vida deles”. Ele acredita que a compreensão dos usuários de que a produção do blogue era uma atividade para além do PTS foi um dos motivos de adesão do grupo, mesmo com diferentes níveis de envolvimento. Esse aspecto pode ser percebido nas falas dos usuários participantes através das narrativas de trabalho. Alguns deles viam no projeto mais do que uma alternativa de tratamento. Para alguns deles, a participação poderia ser uma oportunidade de voltar ao mercado de trabalho, já que nenhum deles trabalhava ou estudava naquele momento.

A relação entre a participação do usuário no projeto com o seu PTS durante a sua realização é um ponto de divergência entre dois profissionais. Um técnico de referência acredita que existiu, de forma contínua, uma relação entre a participação no projeto e o PTS. Uma das coordenadoras admite que essa relação não necessariamente ocorreu. Ela cita que alguns usuários tiveram uma piora em seu quadro durante o projeto. Eles foram mantidos no projeto por motivos diversos. Por essa razão, iremos analisar a seguir a atuação da equipe do CAPS-Magal durante a realização do projeto.

Um cruzamento entre as entrevistas com os pesquisadores-cidadãos e os profissionais do CAPS apontam o papel fundamental que alguns profissionais do CAPS tiveram na indicação dos usuários participantes e na continuação deles no projeto. Suas ações, que muitas vezes eram paralelas àquelas desenvolvidas no LaISS, beneficiaram a inserção e a preservação desses participantes no projeto.

A organização da equipe, desde as coordenadoras do CAPS-Magal até os técnicos de referência, se mostrou muito importante para que as atividades do LaISS se desenvolvessem

alinhadas com o que era desenvolvido no CAPS. Os diálogos internos entre a equipe do CAPS-Magal e a organização desenvolvida por ela para dar suporte aos usuários participantes permitiram que os usuários estivessem presentes nas atividades e recebessem cuidado direcionado, quando necessário.

Entretanto, as entrevistas das coordenadoras e do psiquiatra nos mostram que algumas questões poderiam ser beneficiadas com um melhor planejamento e organização. Um exemplo é o acompanhamento dos usuários até o LaISS. Como mencionamos anteriormente, ele foi realizado por diferentes profissionais ao longo do projeto. Para uma das gestoras, o ideal seria que um mesmo profissional, com um perfil adequado, tivesse acompanhado todas as atividades. Porém, as limitações entre a própria equipe, como a falta de pessoal, que resultava em uma sobrecarga de trabalho, fizeram com que o acompanhamento ficasse a cargo do profissional que estivesse disponível naquele dia e horário. Nem sempre o profissional era o mais adequado para o tipo de atividade realizada no projeto.

Essa questão aponta também o desaparecimento dos dispositivos da RAPS, que resulta na sobrecarga dos profissionais, e o sucateamento das unidades. Esse sucateamento também fica evidente nas narrativas acerca da perda do aparato de tecnologias de informação e comunicação que era utilizado pelos usuários do CAPS, antes do início do projeto. Aparelho este que já era fruto de doação. Como comentou Marco Antônio, no momento que foi realizada sua entrevista, o CAPS não possuía mais tecnologias digitais acessíveis ao público.

Além disso, alguns profissionais do CAPS não aceitavam a ideia de que o uso das NTICs poderia beneficiar a saúde dos usuários. Por essa razão, foi identificado um envolvimento desigual dos profissionais com a atividade do projeto. Com isso, tivemos condições de perceber que o entendimento das potencialidades das NTICs para o cuidado em saúde mental ainda é desigual entre profissionais de saúde mental. Essas questões podem limitar o desenvolvimento de atividades envolvendo as NTICs e de sua inclusão nos PTS.

Identificamos, entretanto depoimentos em que o uso de NTICs foi valorizado, sobretudo quando envolve usuários jovens. Segundo uma das gestoras afirmou, o que estava sendo oferecido ao público jovem era inadequado. Ela afirma: “Gente, fazer mosaico com jovem? Pelo amor de Deus! Ficar pintando mandala com jovem? Não dá! A gente chegou a essa conclusão a partir do blogue, primeiro porque geriu uma capacidade neles incrível”.

Essa percepção dialoga com a afirmação de um usuário que afirma que o projeto foi diferente das demais atividades do CAPS. Uma amiga desse participante acredita que o bom resultado do projeto para ele se deu, em parte, porque o uso das NTICs era algo que ele gostava

de fazer e para o qual tinha habilidades. Isso reforça o posicionamento de Vasconcelos e La Cerda (2021) da necessidade de ampliação da defesa da inclusão digital e do aparelhamento tecnológico dos dispositivos da RAPS dentro da RPB, analisado no capítulo sobre saúde mental e comunicação.

Analisaremos, a seguir, se os métodos dialogais promoveram a autonomia dos usuários.

13.1.1 Metodologias Dialogais e Promoção da Autonomia

Para analisar a relação entre os métodos utilizados e a possível promoção da autonomia dos usuários, propomos comparar o projeto “Eu quero entrar na rede” com outras experiências semelhantes. Para isso, iremos verificar/avaliar como ocorreu a aplicação dos métodos, o papel desempenhado pela medicação e os resultados alcançados através da Educação Popular em Saúde.

Rickes e Maraschin, (2011) analisam a atuação do mediador e a aplicação de métodos dialogais a partir da experiência do “Oficinando em Redes”. O projeto realizou oficinas com as NTICs no Hospital Psiquiátrico São Pedro, localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (MARASCHIN; FRANCISCO; DIEHL, 2011). Segundo elas, foram utilizadas diferentes tecnologias, dentre elas o blogue. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, o projeto teve início com a formação dos profissionais envolvidos nas atividades. A equipe estabeleceu princípios norteadores para a prática. Esses princípios orientaram diferentes oficinas que tinham os participantes como sujeitos autores de saberes sobre si e o mundo. As autoras concluíram que esse procedimento levou a processos horizontalizados, que se contrapõem a relações institucionais tradicionalmente engessadas e binaristas (RICKES; MARASCHIN, 2011).

No projeto “Eu quero entrar na rede”, os procedimentos foram semelhantes. Nesse caso, os princípios norteadores fundamentados nos métodos da “Translação do Conhecimento” e dos pressupostos de Paulo Freire foram utilizados. Eles permitiram repensar a atuação do mediador e o binarismo educador-educando. A partir do relato de experiência, compreendemos que a mediação dialogal se deu graças, primeiramente, a um projeto interdisciplinar, objetivo e crítico, que tinha de forma explícita esses marcos norteadores. Assim como na experiência de Rickes e Maraschin (2011), no projeto “Eu quero entrar na rede”, esses marcos guiaram a preparação e a orientação da mediadora. Eles foram sendo construídos tendo como ponto de partida o contexto de trabalho e a realidade dos usuários participantes.

A experiência descrita por Malaggi e Miyashiro (2020) também merece destaque, apesar de não ter sido realizada no campo da saúde e ter se restringido à experiência de inclusão digital de jovens e adultos. Mesmo assim, ela guarda uma série de semelhanças com o projeto aqui descrito e analisado. Os autores descrevem e analisam a experiência dos “Círculos de Cultura Digital” desenvolvidos na Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha, da Central Única dos Trabalhadores (ETHCI/CUT), em Florianópolis, Santa Catarina. Ela atendeu 25 pessoas por semestre durante os anos de 2017 e 2018/1. Foram realizados três encontros semanais de três horas, por um período de quatro meses (MALAGGI; MIYASHIRO, 2020). Segundo os autores, os “Círculos de Cultura Digital” foram pensados a partir da perspectiva freirena e se organizaram em três momentos: 1 – sensibilização, 2 – apropriação e aprofundamento coletivo de novos conhecimentos, 3 – síntese/sistematização dos processos educativos vivenciados (MALAGGI; MIYASHIRO, 2020).

Apesar de nomenclaturas diferentes, esses processos foram bastante semelhantes às fases adotadas no projeto “Eu quero entrar na rede” (PEREIRA NETO et al., 2020). Nas atividades da experiência realizadas, a sensibilização se deu através da apresentação do espaço da Fiocruz e introdução teórica e crítica. O processo inicial do projeto, de formação crítica, foi perpassado pela ideia de que não há inclusão sem consciência de si, do ser mais inerente à natureza humana (FREIRE, 2019). A apropriação e a aprofundamento coletivo de novos conhecimentos ocorreu, por exemplo, através do diagnóstico e nivelamento de competências, sendo ampliado e se materializado com a construção do blogue. Por fim, a síntese/sistematização dos processos educativos vivenciados ocorreu através da produção de conteúdo para o blogue. Essas semelhanças revelam como a adoção dos pressupostos teóricos de Paulo Freire direcionou os projetos para uma abordagem dialogal e crítica. Em ambos os casos, na experiência descrita por Malaggi e Miyashiro (2020) e no projeto “Eu quero entrar na rede”, a adoção desses pressupostos exigiu reflexões contínuas acerca dos processos desenvolvidos e dos anseios dos sujeitos participantes.

Compreendemos que a articulação teórica e prática das equipes educadoras se mostrou fundamental para os resultados alcançados. Assim como foi registrado no relato da mediadora do projeto aqui descrito, a “mediação de intencionalidades e interesses” se fez necessária na atuação nos ‘Círculos de Cultura Digitais’ descrito por Malaggi e Miyashiro (2020). Os autores apontam que a experiência foi analisada através de reuniões quinzenais de equipe com a finalidade de planejar e avaliar estratégias didático-metodológicas. “Nesses momentos, também

surgem algumas ideias que podem apontar caminhos futuros para a práxis de inclusão digital emancipatória desejada com os Círculos” (MALAGGI; MIYASHIRO, 2020, p.216).

No projeto “Eu quero entrar na rede”, a relação contínua da equipe multidisciplinar reunindo representantes do LAPS, LaISS e CAPS, concretizada através de reuniões mensais de acompanhamento das atividades, se mostrou importante para projetar ações, alinhar objetivos, resolver problemas e promover maior fidelidade das ações práticas com os princípios norteadores. A autoanálise através do diálogo se mostrou como um caminho para o aperfeiçoamento da atuação de forma contínua. Mais do que analisar os educandos, procurando explicações para altas ou baixas performances, apontando erros e acertos, houve uma preocupação no sentido de ponderar a atuação da equipe e os possíveis trânsitos e trocas de conhecimento, assumindo erros e buscando novas possibilidades de mediação para a liberdade.

Esses processos dialogaram com os apontamentos de Hooks (2020) sobre o pensamento crítico nos processos de aprendizagem.

Quando aceitamos que todo mundo tem habilidade para usar o poder da mente e integrar pensamento e prática, reconhecemos que o pensamento crítico é uma forma totalmente democrática de saber. Ao nos convidar para examinar criticamente nosso mundo, nossa vida, a sabedoria prática nos mostra que todo aprendizado genuíno exige de nós uma abertura constante, uma disposição de se engajar na invenção e na reinvenção, de forma que possamos descobrir esses espaços de transparência onde o conhecimento pode empoderar. (HOOKS, 2020, p.280)

Os relatos de alguns pesquisadores-cidadãos revelam como o método da Translação do Conhecimento e os pressupostos de Paulo Freire, além da “Pedagogia baseada em competências”, incentivaram a criatividade e o compartilhamento de conhecimento entre eles. Três participantes revelaram que a liberdade criativa foi um fator determinante dentro do projeto. Eles afirmaram que a possibilidade de expressar ideias e o desenvolver atividades sem limitações ou restrições de formato, tema e tempo foram benéficas para todos. Um deles destacou que a “falta de automatização dos processos” deu aos usuários “maior liberdade criativa”. No mesmo sentido, outro participante afirmou que os métodos usados deram “dinâmica às atividades do projeto”. Um terceiro admitiu que as aulas eram “diferentes do que ele esperava, pois eram divertidas”.

A nosso ver, fomentar a criatividade é um ponto importante em experiências que pretendam adotar abordagens empoderadoras, críticas e libertárias. Nesse sentido, nossas reflexões se aproximam daquelas apresentadas por Hooks (2020), quando afirma que a

criatividade, enquanto ferramenta de articulação da imaginação, é instrumento de resistência. A seu ver: “A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que as pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir sobrevivência” (HOOKS, 2020, p.105).

As duas gestoras do CAPS-Magal acreditam que a apropriação dos processos criativos e dialogais por parte dos usuários promoveu autonomia, autoestima e protagonismo desses sujeitos. Uma delas acredita que os resultados dessa apropriação foram além das atividades relativas ao blogue. A profissional destacou como as ideias de autonomia e protagonismo preconizadas dentro do projeto resultaram em comportamentos semelhantes dos usuários participantes nas demais atividades que realizavam simultaneamente dentro do CAPS-Magal.

Alguns pesquisadores-cidadãos destacaram o ganho de autonomia em outros campos de suas vidas. Um deles comemorou ter voltado a frequentar estádios para assistir a jogos de futebol. Outro destacou o fato de ter passado a fazer exercícios físicos. Um terceiro mencionou que voltou a jogar futebol, algo que ele gostava muito de fazer e havia interrompido. Essas ações variadas, compõe a retomada de vida, que será mais bem descrita e analisada a seguir.

13.1.1.1 Protagonismo da Própria Vida

Em alguns relatos dos pesquisadores-cidadãos, tivemos condição de observar uma relação entre as atividades realizadas durante do projeto “Eu quero entrar na rede” e a produção do blogue com o protagonismo da própria vida dos usuários e seus desdobramentos fora do CAPS-Magal.

Nas narrativas de alguns profissionais do CAPS-Magal, esteve presente a ideia de que as NTICs podem ser instrumentos para projeção dos usuários participantes para o mundo. Elas têm o potencial de retirá-los do ambiente institucionalizado do CAPS em que se encontram e projetá-los para a sociedade. Essa visão está atrelada à compreensão de que a participação no projeto poderia ser instrumento para a retomada de vida.

Essa possibilidade estava presente nas expectativas que usuários, profissionais e familiares tinham acerca do projeto assim que ele se iniciou. Ela acabou, de alguma forma, se concretizando na vida dos participantes, mesmo que não exatamente como esperado. Para alguns participantes, o projeto era visto como uma possibilidade real de reentrada no mercado de trabalho ou de retomada de uma atividade de geração de renda dentro do próprio CAPS.

Entretanto, essa expectativa acabou não sendo alcançada. Alguns depoimentos indicam que a promoção do protagonismo se deu de diferentes formas e níveis para cada pesquisador-cidadão.

As narrativas de alguns usuários, familiares e profissionais dialogam apontando os caminhos da retomada do protagonismo da própria vida pelos participantes do projeto. Para alguns, o protagonismo na vida foi mais evidente, já que eles voltaram a estudar ou trabalhar logo após a finalização do projeto. Para outros, mesmo que não tenha havido uma mudança drástica na trajetória profissional, houve um redirecionamento de vida e de relações sociais para fora do CAPS. Nesses dois casos, foi percebida uma maior estabilidade do quadro psíquico, com a diminuição do projeto terapêutico, a não ocorrência de crises e o fim do tratamento ou o encaminhamento para uma Clínica de família.

Com relação à trajetória de um outro participante, há uma incerteza sobre a reincidência de crises. O depoimento desse usuário não coincide com o do profissional. Apesar disso, tivemos condições de perceber que houve um redirecionamento de vida desse participante, com retomada dos estudos e, posteriormente, a inserção no mercado de trabalho.

Há um caso específico que é um pouco mais delicado. Ele não conseguiu se inserir no mercado nem no mundo fora do CAPS-Magal. Ainda assim, os profissionais do CAPS-Magal destacam os benefícios que a participação promoveu em sua vida. Eles acreditam que os resultados poderiam ter sido diferentes se CAPS-Magal ampliasse suas redes sociais e houvesse um engajamento contínuo em uma atividade semelhante a essa: um ano de atividade não surtiu o mesmo efeito em todos os participantes.

Diante dos resultados obtidos, é possível compreender o projeto enquanto uma experiência de *recovery*. Inspirando-nos em Vasconcelos (2021b), podemos admitir que o projeto não teve foco na cura, mas na reorganização da vida dos sujeitos em diferentes planos.

Além disso, a indicação desses programas [de *recovery*] não depende da conquista pelos usuários de um melhor funcionamento pessoal e social; pelo contrário, esses programas [de *recovery*] são considerados como organizadores mentais e sociais, estimulando concretamente o usuário a buscar ativamente aproveitar a oportunidade e atingir novos patamares de recuperação para dar conta das novas tarefas e responsabilidades (VASCOCELOS, 2021b, p.179).

Para alguns dos pesquisadores-cidadãos entrevistados, o projeto serviu para que eles se organizassem e fossem capazes de aproveitar as oportunidades de estudo e trabalho que surgissem. Um deles voltou a estudar e se tornou aluno da Escola Politécnica da Fiocruz. Ele admite que “Depois dali só foi sucesso, foi porta para muitos caminhos que teve na minha vida”.

O mesmo entendimento do projeto foi revelado pela irmã de outro participante. Ela define a experiência como a “porta” ou a “fresta” que permitiu que seu irmão “olhasse para fora” do sofrimento mental. Após o projeto, esse usuário voltou a trabalhar, se casou e se mudou, deixando de morar em uma comunidade de baixa renda.

Identificamos uma visão que associa a participação no projeto a uma “porta”, ou passagem, para outras oportunidades de vida. A “porta”, enquanto metáfora, também pode ser percebida no nome e na imagem de capa do blogue. Para os pesquisadores-cidadãos, a liberdade se pressupõe enquanto “portas abertas”. Parece-nos evidente que essa visão levou os participantes a escolherem a imagem de capa do blogue: uma porta aberta para um céu azul, como pode ser visto no relato de experiência.

Essas analogias ou metáforas estão inseridas em narrativas sobre o sofrimento mental e a exclusão social vivida por sujeitos em sofrimento mental que participaram desse projeto. Em função disso, nesta tese, nos parece especialmente interessante pensar o papel das NTICs na promoção do protagonismo de vida e no estabelecimento de conexões entre os sujeitos em sofrimento mental e o mundo externo ao CAPS.

13.1.1.2 As NTICs e o Protagonismo da Própria Vida

Para alguns depoentes, de fato o blogue se estabeleceu como espaço de fala, instrumento de expressão e promoção do protagonismo da própria vida. Uma das gestoras considerou o blogue como um produto tangível do projeto. Para os profissionais, há, em menor grau, uma compreensão da visibilidade possível através das NTICs. Entretanto, a principal observação dos entrevistados está relacionada com a forma pela qual foram utilizadas as NTICs. Eles estavam interessados em que as NTICs pudessem beneficiar usuários melhorando sua capacidade de comunicação e de relacionamento. Nas narrativas dos usuários, a ideia de melhora na comunicação surge atrelada às memórias sobre a compreensão de si mesmo a partir de reflexões, processos de produção para o blogue e relação com os colegas.

Conforme mencionado pelo médico psiquiatra, as atividades dessa natureza podem, de forma concreta, produzir consequências clínicas e sociais para os participantes em sofrimento mental. Entretanto, a nosso ver, esses resultados estão inscritos no contexto dos DSS que limitam ou potencializam o acesso que os usuários têm às NTICs. Como observado por um técnico de referência, a exclusão digital, ainda presente na realidade de alguns desses usuários participantes, permaneceu como fator limitador para que os usuários fizessem uma maior

apropriação das NTICs. Segundo ele, após a finalização do projeto, os usos que os usuários participantes fizeram das NTICs foram delimitados pelo seu acesso a elas. Acesso este que foi demarcado por questões socioeconômicas.

Nesse sentido, como mencionamos anteriormente, a ideia de “Tecnologia Mundana” (NEMER, 2021) lança luz aos processos vividos por esses usuários. As NTICs podem ser fonte de opressão, mas também podem se transformar em instrumento de enfrentamento e facilitação do cotidiano.

Depois de ter participado da pesquisa, a maioria dos participantes encontrou formas próprias de continuar a se apropriar e utilizar as NTICs. Um deles usa internet na casa de uma amiga. Ele também vai até a casa dela para carregar o *tablet* que recebeu de sua escola. É através desse aparelho, inicialmente exclusivo para os estudos, que ele faz diversas atividades online: conversa em aplicativos de mensagens, usa redes sociais, joga etc. Um outro participante, por sua vez, construiu, através dos jogos virtuais, uma rede de sociabilidade online. Finalmente, obtivemos o depoimento de um participante que, depois de viver a experiência do projeto, continua a utilizar o celular para ouvir música, acessar redes sociais e aplicativos de mensagem.

Uma participante, que revelou durante a realização do trabalho muita dificuldade em manipular os dispositivos tecnológicos, com a conclusão do projeto passou a utilizar o celular e o computador para se comunicar, estudar e se entreter. Para ela, o aparelho celular se tornou uma forma de contato com o mundo. Por isso, esse aparelho é a primeira coisa que ela deixa de lado quando não está bem e quer se afastar das pessoas. Ela admite que agora utiliza mais a internet, sobretudo por ter mais tempo livre.

Outro participante usa as NTICs para escrever seus textos, fazer pesquisas, procurar poemas, estudar e ouvir música. Ele já sabe acessar conteúdos no digital e convertê-los para o analógico. Sua mochila tem sempre folhas impressas com suas ideias ou de outros que o agradam.

Contrariando essa tendência, pode ser identificado um depoimento de um participante que abriu mão de utilizar as redes sociais e acredita que o mundo não digital é melhor. Entretanto, ele continua conectado e enxergando nas NTICs possibilidades de trabalho e comunicação. O computador é a primeira coisa que se vê ao entrar em sua casa.

Identificamos apenas um participante que não faz uso das NTICs. Ele é o usuário participante mais velho, com maior tempo de internação. Ele chegou ao projeto com poucas habilidades para manuseio dos dispositivos das NTICs. Em seu depoimento, afirmou que seu principal uso das NTICs era para fazer planilhas de gastos. Ele disse sentir “falta delas”. Para

ele, não ter acesso à internet é uma forma de se isolar. Ele pretende “um dia aprender novamente”. Para ele, o projeto foi um incentivo para que pudesse se expressar, falar de sua história e do que pensava e melhorar sua comunicação com as pessoas.

Esses depoimentos dialogam com a visão de uma das gestoras do CAPS, de que é papel da instituição trazer para seus usuários aquilo que “está no mundo”, e isso inclui as novas tecnologias de informação e comunicação. Esse posicionamento também pode ser encontrado nos depoimentos de alguns pesquisadores-cidadãos. Um deles afirmou: “Primeiro que [no projeto] tem acesso à internet, que é o mundo, né? No CAPS era fechado”. Nesse sentido, para ele, as NTICs são parte do ‘mundo’ e, também, ponto de contato que ele tem com este “mundo” e ferramenta para sua inserção social neste ‘mundo’. Essa possibilidade existia no CAPS de forma limitada.

A partir desses relatos, é possível localizar possibilidades de promoção do protagonismo da própria vida via NTICs a partir do empoderamento dos sujeitos, a “Tecnologia Mundana” (NEMER, 2021) e as disputas de poder que envolvem o uso e apropriação das tecnologias por sujeitos vulnerabilizados. Essas questões também podem compor o debate sobre um novo lugar social para as pessoas em sofrimento mental. As habilidades para uso das NTICs é outro ponto importante.

É interessante destacar que, conforme relatado por uma das gestoras, o domínio das competências básicas para manusear as NTICs foi um critério de seleção para o ingresso no projeto. Além disso, a participação no projeto não deveria gerar sofrimento a esses sujeitos. A dificuldade em utilizar as NTICs poderia ser fonte de frustração, prejudicando seu tratamento psicossocial.

A partir dessas competências mínimas, a análise da escala de avaliação de competências, feita para o relato de experiência, nos indica um aumento gradativo e cumulativo das habilidades dos usuários para o uso das NTICs. Essa questão dialoga com os resultados encontrados por Bittencourt e Francisco (2013), que concluíram que a autoria de blogue proporcionou o reconhecimento do protagonismo e aprendizagem das ferramentas digitais.

Entretanto, cabe destacar que a evolução das habilidades não necessariamente foi percebida pelos usuários participantes. A evolução nas habilidades para manuseio das NTICs é um tema pouco abordado por eles.

Em consonância com os trabalhos de Velasco et al. (2015) e Bittencourt e Francisco (2013), no projeto “Eu quero entrar na rede”, foi percebido, a partir dos depoimentos prestados, que o protagonismo dos participantes foi ampliado de três sentidos: no manuseio das NTICs,

na produção de conteúdo e nas relações sociais com o mundo externo à comunidade de Manguinhos e à rotina do CAPS. Na primeira delas, percebemos que os participantes tiveram um desenvolvimento significativo em suas competências e habilidades para manuseio das NTICs. O domínio dessa competência resultou na ampliação da produção de conteúdo, de forma autônoma, mais do que o previsto no cronograma de atividades. Essa produção permitiu que muitos desses participantes passassem a se comunicar e interagir com o mundo, através do blogue.

Posto isso, precisamos compreender o que significou para os pesquisadores-cidadãos a bolsa que receberam para a realização das atividades.

13.1.1.3 A Bolsa: Valorização do Sujeito ou Moeda de Troca?

Como mencionamos anteriormente, todos os pesquisadores-cidadãos receberam uma bolsa de cem reais por mês para participar do projeto “Eu quero entrar na Rede”. Esse montante foi deduzido do valor mensal recebido pela mediadora do projeto. Essa opção se justificou pois os pesquisadores-cidadãos não eram estudantes de graduação e não poderiam, portanto, receber, por exemplo, uma bolsa de iniciação científica. Essas bolsas foram fruto do apoio que o projeto recebeu da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC) da Fiocruz.

Que avaliação os pesquisadores-cidadãos fizeram dessa bolsa? Essa pergunta poderia ser respondida de duas formas: valorização do sujeito ou moeda de troca?

Todos os participantes apontaram a bolsa como um ponto importante para a participação do projeto, principalmente em seus momentos iniciais. Para a maioria deles, ela era a única forma de renda, para outros, ela deu maior liberdade e conforto financeiro. A nosso ver, a bolsa foi importante para que o projeto se tornasse possível e que os usuários permanecessem engajados, pois conseguiam ajudar na manutenção da casa e/ou possibilitava uma maior inserção social através do consumo. Para alguns participantes, esse não foi o único motivo, embora tenha sido fundamental. Como reforçou uma das gestoras do CAPS, a “gestão do dinheiro, mais do que o próprio dinheiro, foi fonte de potencialidade para os usuários participantes”.

O significado da bolsa para esses sujeitos pode ser compreendido a partir do “poder contratual” que ela representa. “Poder contratual” é uma expressão criada por Basaglia (1985). Segundo ele, esses sujeitos estão perdidos em função de inúmeras opressões, dentre as quais destacam-se aquelas que promovem o processo de sofrimento mental. Conforme afirma

Basaglia (1985): “Antes de ser um doente mental – é um homem sem poder social, econômico, contratual” (p.168).

Essas questões também aparecem nas narrativas dos pesquisadores-cidadãos, de forma correlata, mencionando o “Benefício de Prestação Continuada” (BPC). Para aqueles que o recebem ou tinham perspectivas de receber, o benefício era símbolo de melhoria de vida. Para os que não conseguiriam o BPC e estão desempregados, a falta de dinheiro e, em paralelo, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho são fonte angústia.

Vasconcelos (2021c) afirma que as atividades laborativas e de geração de renda têm um papel estratégico nas políticas da RPB e no empoderamento dos usuários, seja em abordagens de *recovery* ou em outras. Isso nos leva a crer na importância de projetos de geração de renda para a produção da cidadania. Entretanto, no projeto “Eu quero entrar na rede”, essa questão recaí sobre dois pontos que exigem uma maior atenção: a bolsa enquanto algo além de moeda de troca e a monetização de trabalhos de produção de conteúdo comunicacional.

O primeiro deles é a necessidade de construir uma relação entre usuários e a bolsa em que ela não representasse o único incentivo à participação. Dois participantes admitem que a bolsa foi uma das principais motivações para a permanência no projeto. Um deles destaca que a criação de laços e a potencialização da comunicação também foram importantes. Para o outro, esses aspectos não são tão claros. A extrema importância que ele dava à bolsa foi, inclusive, motivo de piada entre os colegas durante a realização do projeto. A nosso ver, a bolsa era uma moeda de troca.

Para outro participante que vive uma situação de extrema vulnerabilidade, a bolsa era fundamental como fonte de renda. A perda da bolsa é citada por ele como um ponto central na sua “melhora” durante o projeto ou “piora” de vida após a sua finalização do projeto. Para ele, a bolsa era fundamental, entretanto seu engajamento superava o proposto, indo além do que a própria bolsa previa.

Essas observações devem ser colocadas em perspectiva. Não podemos esquecer que cidadãos em sofrimento mental participantes do projeto eram moradores de favela e viviam uma situação de vulnerabilidade. Dessa forma, é possível compreender que a bolsa foi, de certa forma, um incentivo à autonomia dos sujeitos.

Os usuários apontaram diferentes usos para a bolsa, desde ajudar no sustento da sua família até o consumo de bens como cigarro, lanches, perfume, conserto de celular etc. Dois deles relataram que, com a bolsa, “compravam comida”. Outro contou que a bolsa foi um apoio para que ele pudesse voltar a morar sozinho necessitando de menos apoio financeiro da família.

Nos últimos meses do projeto, ele conseguiu um emprego e passou a frequentar menos as atividades semanais. Apesar disso, permaneceu atuando até o final.

Como pudemos ver, a bolsa, mesmo com suas contradições, contribuiu com o engajamento dos pesquisadores-cidadãos com o projeto. Seguindo nesse sentido prático, analisaremos a dimensão territorial e o seu resultado para os participantes do projeto.

13.1.1.4 Os Usuários no Território: entre o Medo e a Liberdade

A territorialidade do projeto “Eu quero entrar na rede” foi um ponto importante que se mostrou presente tanto no relato de experiência, quanto nas narrativas em história oral. Foram recorrentes os relatos de profissionais do CAPS-Magal sobre como a circulação pelo território, para a realização das atividades do projeto no LaISS, trouxe resultados positivos. Uma das gestoras afirmou que realização das atividades do projeto em um ambiente externo ao CAPS dialogou com a natureza territorial da instituição, que é também estabelecer parcerias com estabelecimentos, como o LaISS da região, como preconiza a RPB.

Para alguns entrevistados, sair de Manguinhos ou da Maré e entrar na Fiocruz para participar de um projeto de pesquisa trouxe a vantagem de promover o contato dos usuários com a comunidade e da comunidade com os usuários. Para uma das gestoras, “A gente tá falando de pessoas que historicamente ficam muito resguardadas, e essa coisa de estar resguardado gera uma certa *estatificação* [ficar estático] da relação deles com o mundo”.

O contato feito entre os participantes durante a realização do projeto é apontado pelos profissionais como um dos fatores responsáveis pela criação de uma maior proximidade entre eles. Segundo os profissionais, essa convivência contribuiu para a união e coesão do grupo, além de potencializar a criação de laços de amizade entre eles.

Os resultados obtidos pelo projeto dialogam com algumas conclusões apresentadas por Velasco et al. (2015) e Bittencourt e Francisco (2013). Os métodos adotados se mostraram eficientes para promover a independência dos participantes para transitarem pelo território e pelo Campus da Fiocruz. Esse aspecto gerou uma maior autonomia para alguns deles. O incentivo por parte da equipe e a necessidade de se deslocar para o LaISS – e dentro do espaço da Fiocruz – contribuíram para uma maior confiança dos participantes no território. Um deles, morador da Maré, comenta que ia ao CAPS-Magal todos os dias da semana. Com o projeto, ele pôde aprender a transitar por Manguinhos e caminhar pela Fiocruz.

Isso é mais evidente no caso de uma participante-cidadã que não tinha o costume de circular pelo território sem o acompanhamento de sua irmã ou algum amigo. Em seu relato de experiência, essa participante destaca que iniciou as atividades sendo constantemente acompanhada por um deles. A partir do momento que a autoconfiança aumentou, essas pessoas deixaram de acompanhá-la. Aos poucos, ela passou a transitar pelo Campus da Fiocruz na companhia dos colegas. Essa liberdade permitiu que ela realizasse mais trocas e se aproximasse dos colegas, potencializando suas relações afetivas e de comunicação. Sua irmã acredita que isso melhorou sua autonomia. Entretanto, os reflexos disso em sua relação com o local em que mora, o Complexo da Maré, foram limitados pelos constantes conflitos armados no território.

A violência também foi uma questão que interferiu na circulação dos participantes e no acesso por Manguinhos para chegar até o CAPS-Magal e de lá até o LaISS. Algumas vezes, as atividades não foram realizadas porque os usuários foram impedidos de chegar ao LaISS em função de conflitos armados. Esse contexto gerou, como poderia se esperar, medo e a insegurança em alguns participantes. Se, por um lado, dois deles tratam isso com desdém e normalidade, um outro admite ter medo de transitar por Manguinhos.

A seguir, analisaremos o potencial do projeto para o incentivo a confiança dos usuários participantes e o seu reconhecimento social

13.1.2 Reconhecimento e Confiança

Um ponto comum nos relatos dos depoentes é a forma como as atividades do projeto permitiram que os pesquisadores-cidadãos retomassem a confiança em si mesmos. Eles mencionaram que as atividades aumentaram sua capacidade de desenvolver suas habilidades. Também nos pareceu perceptível nas narrativas que esse ganho de confiança foi ampliado quando eles recebiam o reconhecimento externo.

Um exemplo disso foi o depoimento de um pesquisador-cidadão que avaliou as consequências do projeto pelo reconhecimento que ele passou a ter de si mesmo e de outras pessoas. Em diferentes momentos de sua fala, o reconhecimento de outras pessoas aparece atrelado às expectativas que elas tinham dele e à forma como, a partir disso, ele compreendia seu próprio potencial. Para ele, a participação no projeto gerou um ganho significativo de reconhecimento interno e externo de sua potencialidade. Para outro pesquisador-cidadão, isso se deu entre os usuários do CAPS-Magal, quando ele passou a ser reconhecido por eles como “o cara do blogue”.

Um resultado semelhante foi obtido no estudo realizado por Bittencourt e Francisco (2013), ao avaliar a experiência de criação de um blogue em um CAPS de Maceió, Alagoas. Nessa experiência, desenvolvida por três meses, foram realizados 12 encontros com quatro usuários na faixa etária de 21 a 34 anos. Apesar de ter menor duração, este projeto guarda várias semelhanças com o projeto “Eu quero entrar na rede”. Assim como no projeto analisado nesta tese, a experiência produziu resultados significativos no que tange aos processos de aprendizagem e o reconhecimento dos participantes:

A aprendizagem compartilhada resultante das atividades, os depoimentos quanto ao processo de autoria em blog, o reconhecimento das capacidades e das potencialidades desses sujeitos por parte dos seus familiares e dos profissionais do serviço sintetizam a relevância de oficinas terapêuticas informatizadas e a importância e a necessidade de exploração de outras ferramentas da web quanto as suas contribuições para o campo da saúde mental. (BITTENCOURT; FRANCISCO, 2013, p.996)

Essa dimensão de projetos como este pode ser analisada a partir da validação dos sujeitos através da “produção de valor” (KINOSHITA, 1996) e da “negociação da contratualidade” de suas relações com a sociedade (BASAGLIA, 1985). A “ausência de história”, apontada por Foucault (2010) e anteriormente problematizada nesta tese, também é atravessada por essa questão. O apagamento da história vem atrelado à invalidação social desses sujeitos.

Outro pesquisador-cidadão revelou o desejo de reconhecimento. Ele é o único pesquisador-cidadão que passou por um processo longo de institucionalização. Foi ele também que falou mais abertamente sobre a visibilidade proporcionada pela participação da elaboração no blogue e em sua publicação. É recorrente na sua fala o quanto o desejo de ser visto pelas outras pessoas através do blogue foi importante para ele. Ele afirma “Porque era a ideia do blogue, ser visto e analisado pelas outras pessoas. Eu gostava disso... Achava bom”.

A questão da “produção de valor” (KINOSHITA, 1996) fica ainda mais evidente quando os pesquisadores-cidadãos analisam o evento de lançamento do blogue. No evento, pesquisadores-cidadãos que, no início dos trabalhos, se mostraram tímidos e com dificuldades para se comunicar, se apresentaram para dezenas de pessoas. Nessa ocasião, eles foram capazes de se expressar e debater o trabalho que desenvolveram. Um deles, que ao longo do projeto apresentou uma maior dificuldade em aderir à proposta de trabalho, participou ativamente. Para uma das gestoras, os usuários estavam orgulhosos de protagonizarem o lançamento do blogue.

Como afirmou a irmã de um pesquisador-cidadão, no lançamento do blogue, ela sentiu que eles tinham “importância”. Um deles não gostou de participar do evento de lançamento.

Dois outros pesquisadores-cidadãos revelaram o reconhecimento e ganho de confiança decorrentes da experiência de ajudar outras pessoas, dentro e fora do projeto. Um deles menciona com orgulho sobre ter ajudado a sua irmã, que passou pela situação de sofrimento mental, e sobre poder atingir outras pessoas através da produção para o blogue e do evento de lançamento. O outro relata a satisfação em poder ajudar um vizinho e falar abertamente de seu sofrimento com um familiar. Assim, eles revelaram que usaram sua experiência com o sofrimento mental para auxiliar outras pessoas que passavam pela mesma situação. Esses depoimentos não deixam de ser uma forma de reconhecimento de seu potencial e de dar sentido às suas trajetórias de vida e cuidado.

A seguir, iremos analisar de que forma as relações sociais dos usuários participantes se desenvolveram por terem participado do projeto.

13.1.3 Relações Sociais: Caminhos de Diálogo e Entendimento

No campo das relações sociais, os relatos de alguns pesquisadores-cidadãos indicam que as ações promovidas no projeto “Eu quero entrar na rede” promoveram conexões entre os sujeitos participantes.

Nas entrevistas com os usuários, o relacionamento entre os participantes aparece atrelado ao sentimento de coletivo que foi proporcionado pela experiência e pelas trocas e conexões que ocorreram durante a realização do projeto. Como mencionamos anteriormente, a “Translação do Conhecimento” favoreceu a construção de um ambiente de ajuda ou suporte entre pares.

Apesar disso, cabe destacar que alguns conflitos foram identificados. Dois pesquisadores-cidadãos tiveram dificuldade de trabalhar juntos.

Entretanto, outros pesquisadores-cidadãos relataram que o projeto permitiu a criação de laços de amizade. Em alguns casos, esses laços extrapolaram as atividades do projeto, indo para a vida pessoal dos participantes. Para os profissionais, as relações sociais estabelecidas entre os participantes com a realização do projeto foram um dos melhores resultados do projeto. Os profissionais destacaram a forma como os usuários passaram a se relacionar, desenvolver uma identidade coletiva e como essas relações beneficiaram esses sujeitos.

A experiência do “Oficinando em Redes” (RICKES; MARASCHIN, 2011) apresenta resultados semelhantes. Elas criaram espaços de relacionamento que permitiram aos usuários terem experiências coletivas.

Velasco et al. (2015) analisaram o uso do aplicativo “Navega Feliz”, que visa oferecer auxílio terapêutico e inclusão digital de crianças e mulheres vítimas de escarpelamento (que é comum na região amazônica) atendidas pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA). De forma semelhante, os autores concluíram que o uso do software, e principalmente a produção de histórias em quadrinhos, resultaram em “elevação da autoestima, melhora na interação social com as outras participantes e com os instrutores, maior segurança em expressar suas emoções e sentimentos” (VELASCO et al., 2015, p.105).

No projeto “Eu quero entrar na Rede”, um caso merece destaque dentro deste tema. Um dos participantes teve muitas dificuldades de interagir com os colegas durante a realização do projeto. Entretanto, ele mesmo citou em seu depoimento que o relacionamento com os colegas foi a parte mais importante de todo o processo. De forma espontânea declarou: “A multidão indo comigo. Os amigos. A galera. Vou pra galera!”. O mesmo participante destaca pequenos momentos como esse. As afetividades construídas entre eles estão presentes em sua memória. Seu profissional de referência acredita que foi a convivência com os colegas que o manteve durante toda a experiência. Isso porque esse participante passou por algumas crises e teve dificuldade de aderir ao projeto. Segundo outro técnico de referência, o projeto facilitou as relações de amizade, aumentou o compromisso com as responsabilidades de um participante e ensinou-o a necessidade de dar a continuidade aos processos e não os deixar de lado.

Outra pesquisadora-cidadã também destaca que as relações estabelecidas entre os participantes foi um ponto alto do projeto. Outro participante contou que gostou do primeiro momento, quando pôde conhecer melhor os colegas de CAPS com quem, até então, não tinha aproximação. Um terceiro participante conta que foi a relação com os colegas que tornou possível que o blogue fosse construído. Ele defende que a construção do blogue ocorreu porque os usuários se ajudaram. Outro participante destacou que o suporte mútuo foi fundamental. Segundo ele, ajudar outras pessoas foi um dos motivos para participar do projeto. Esse foi um ponto de que ele ainda se lembra quando fala de sua experiência.

Todos os participantes destacaram os momentos de descontração que permitiam aos usuários se relacionarem informalmente. Momentos como o da sessão do filme “Nise: O coração da Loucura” assistido em grupo, os passeios, o intervalo para tomar café e comer bolo,

foram citados como importantes pelos participantes. Esses momentos envolveram a troca de afetos e a possibilidade do estabelecimento de laços.

Nesse sentido, as análises empreendidas nos permitiram inferir que os processos de cuidado, promoção da saúde e divulgação científica foram pautados nas relações humanas e favoreceram que os afetos emergissem. Isso produziu entre os pesquisadores-cidadãos um sentimento de proximidade e coletividade, o que possibilitou a formação de um grupo coeso. Essa movimentação no âmbito social foi benéfica para os participantes e teve o reconhecimento da comunidade do CAPS-Magal. Como alguns profissionais afirmaram, eles eram ‘o grupo do blogue’.

Nesse sentido, enxergamos nesses relatos o verdejar do cuidado e da comunicação enquanto atitudes de coexistência e convivência (BOFF, 1999). No conviver, eles se conheceram, comunicaram, se cuidaram e construíram algo em comum: uma história de (contra)ausência, ou obra de presença, contrariando a ideia de “ausência de obra” mencionada por Foucault (2010).

Apesar disso, consideramos importante tratar da questão do estigma, do medo e do preconceito que foram também mencionados nos relatos dos pesquisadores-cidadãos.

13.1.4 Preconceito e Estigma

Apesar da existência do CAPS estar inscrita no contexto da RPB, foram comuns os relatos dos pesquisadores-cidadãos revelando experiências carregadas de preconceito e estigma em relação à loucura.

A partir desses relatos, entendemos que o estigma e preconceito ainda são lugar-comum para pessoas em sofrimento mental. Nas falas dos pesquisadores-cidadãos e no relato de experiências que eles viveram, o estigma e o preconceito se mostram de três formas interligadas: o desconhecimento público sobre saúde mental, a forma como sujeitos em sofrimento mental são tratados por outras pessoas e a forma como introjetam essas ideias, resultando em dificuldade de aceitar e tratar seu sofrimento.

Em três relatos, identificamos narrativas em que pesquisadores-cidadãos não se identificavam enquanto usuários de CAPS. Eles não se viam como “malucos”. Um deles revelou: “Eu estava na oficina de pintura e pensava: pra que estou fazendo isso aqui? Eu não sou maluco!”. Sua irmã e seu técnico de referência confirmam que o preconceito e o medo de ser lido como louco dificultaram sua aderência ao tratamento.

Outro participante fez uma fala semelhante: “Eu não sou maluco, pra que eu preciso de CAPS?”. A leitura de sua “loucura” pelos outros, na fala de Tadeu, aparece atrelada à resistência em aderir às medicações.

Alguns participantes revelaram medo de julgamentos sobre sua condição e tinham vergonha de contar para os amigos que ainda tomavam medicação. Para um deles, o fato de contar para seus amigos no início do tratamento no CAPS virou motivo de piada. Por essa razão, passou a esconder que estava em tratamento. O médico psiquiatra contou que, por vergonha, um dos participantes tinha dificuldade em aderir às atividades no CAPS. Em ambos os casos, está presente o medo de ser visto como louco.

Um dos pesquisadores-cidadãos viveu uma realidade específica: esteve internado em um “Hospital de Custódia”. Seu depoimento revela o desespero de ter estado naquele lugar, principalmente em função da periculosidade de seus então colegas.

“As piores pessoas do mundo estavam lá. Então o que acontece: eles botavam remédio pra me deixar grogue. Eu lá com aquele pessoal perturbado. Eu tinha que estar alerta. Eles eram perturbados. Eles eram capazes de matar uma pessoa brincando”.

Uma pesquisadora-cidadã revelou inúmeros episódios de exclusão, preconceito e bullying vividos por ela na escola e no trabalho. Ela relata, principalmente, dos profissionais da educação e dos colegas olharem com preconceito e violência para suas limitações de relacionamento e comunicação.

Nesse sentido, o ambiente de participação no projeto promoveu um debate aberto e diverso sobre saúde mental que facilitou, em alguns casos, o reconhecimento da condição, a adesão ao tratamento e aos medicamentos.

Nesse sentido, um dos profissionais de referência, referindo-se a um participante, afirmou: “Ele era uma pessoa que tinha um certo receio do cuidado, do tratamento, da loucura em si. Acho que isso potencializa mais no encontro do blogue. Acho que isso vai potencializando até que ele vai criando essa condição de estar mais fora do que dentro [do CAPS]”.

Outro participante também aborda em sua fala seu processo de aceitação. Ele relata que, através do tratamento no CAPS, da participação no projeto “Eu quero entrar na rede” e em experiências posteriores ao projeto, ele passou a tratar com maior naturalidade seu sofrimento mental e se orgulhar de quem é. Isso veio com sua compreensão de que ele faz parte da luta antimanicomial.

Como afirma Amarante (2007), são muitos os preconceitos e estigmas sobre pessoas em sofrimento mental que se enraízam no imaginário social: o louco perigoso, preguiçoso, irracional, que deve ficar preso etc. O recorte do preconceito e do estigma apresentado pelos usuários participantes do projeto demonstra que muitas vezes o processo de sofrimento é acompanhado do medo, dos estigmas e do preconceito que circulam na sociedade. Entretanto, o diálogo e o compartilhamento de experiências se mostraram como uma opção para diminuir essas percepções entre os participantes.

Através do blogue enquanto mídia, o mesmo efeito pode ser buscado para a sociedade. Nesse sentido, por meio da comunicação e das NTICs, enquanto instrumentos da dimensão sociocultural da RPB, acreditamos ser possível buscar um “novo lugar social para a loucura” (AMARANTE, 2021, p.17).

É nesse sentido que propomos, a seguir, pensar as diferentes narrativas que compõem essa história (des)silenciadora.

13.1.5 Diversas Narrativas que Compõem a Comunicação

As narrativas dos depoentes nos sugerem uma melhoria nos processos comunicativos dos usuários participantes.

Um deles considera que sua participação no projeto facilitou o desenvolvimento de habilidades no uso das NTICs. Porém, sua amiga acredita que, para além disso, tanto o tratamento no CAPS-Magal quanto a participação no projeto “Eu quero entrar na rede” potencializaram sua capacidade de comunicação. O mesmo foi dito por diferentes pesquisadores-cidadãos sobre três outros participantes.

O blogue é apresentado em alguns depoimentos como espaço de fala que permitiu a produção de narrativas próprias, deslocadas do sofrimento. Ao longo da análise do relato de experiência e dos depoimentos dos pesquisadores-cidadãos, foi possível perceber como esses processos de comunicação de si se deram de forma variada. Tivemos condições de identificar como cada sujeito construiu sua própria forma expressão. Eles, por vezes, transitaram entre linguagens e modos de construir, conectar e comunicar suas ideias e pensamentos.

Vimos alguns desses exemplos durante as atividades do projeto. Um deles, mesmo com pressa e impaciência, teve a música como uma forma efetiva e afetiva de se expressar. Outra participante, que até então tinha uma comunicação restrita, se mostrou habilidosa com a comunicação em vídeo. Outro participante produziu um relato autobiográfico sobre seu

itinerário terapêutico até chegar ao CAPS-Magal. Finalmente, um pesquisador-cidadão, após um debate coletivo, conseguiu compreender melhor e escrever, mesmo que brevemente, sobre sua experiência com a violência em Manguinhos.

Durante os depoimentos, também surgiram outras formas de expressão e de narrativas de si mesmo. Um deles adotou a literatura como linguagem para contar sua trajetória e foi escrevendo sua própria história utilizando autores que gosta e lê com frequência.

Dois participantes revelaram, desde o início, maior domínio e compreensão sobre questões políticas, sociais e culturais que envolvem a saúde mental. Eles inseriram essa dimensão em suas falas disponibilizadas no blogue. Em alguns momentos, o pronunciamento desses participantes assumiu uma conotação de militância. Para a participante, as falas foram permeadas pelo tom de denúncia. Esse tom é aprofundado nas narrativas de outro participante, que, apesar de um menor domínio de questões políticas relacionadas com a saúde mental, trouxe uma linguagem que une militância com a expressão de sentimento de revolta e histórias de denúncia. Essas foram as formas encontradas por ele para narrar as violências que sofreram.

Outro participante tem um olhar crítico, mas gentil, sobre sua própria trajetória. Essa posição se converte em uma linguagem de superação, com influência religiosa e uma reflexão existencial sobre sua própria experiência. Outros dois participantes apresentaram formas menos críticas de contar as suas histórias. Eles narram as suas trajetórias e nelas vão aos poucos encontrando os recortes da saúde mental em suas problemáticas, sem fazer uso de uma linguagem militante, de denúncia ou de superação. Eles usam de dispositivos de humor e narram histórias de seu dia a dia para fazer emergir suas experiências enquanto sujeitos em sofrimento mental. Falando do filme que assistiu com os colegas, um deles conseguiu finalmente se identificar e contar sobre seus medos e preconceitos.

Essas diferentes linguagens e formas de construir narrativas, reunidas, exemplificam como o ato comunicativo pode ser diverso e construir uma história múltipla, em oposição ao conceito de “história única” apontada por Adiche (2019). Nesse sentido, mesmo em suas curvas e becos, o ato comunicativo pode revelar-se efetivo e empoderador.

O empoderamento é a questão que analisaremos em sequência.

13.1.6 Empoderamento dos Sujeitos

A nosso ver, as reflexões até aqui empreendidas sugerem que o projeto “Eu quero entrar na rede”, no geral, resultou no empoderamento desses sujeitos, pois interferiu em suas

trajetórias de vida e contribuiu com seus tratamentos. Entretanto, nosso entendimento do projeto como um propulsor de mudanças de vida pelos usuários participantes está ligado à retomada de vida no sentido profissional. Usuários que voltaram a trabalhar e estudar mostraram maior facilidade para enxergar o projeto como um instrumento que contribuiu para a retomada da vida.

Para os usuários, visões positivas acerca do projeto e de suas consequências para as suas trajetórias de vida e terapêuticas estão ligadas aos resultados de longo prazo, principalmente ao retorno ao mercado de trabalho ou aos estudos. Entretanto, esta não foi uma opinião unânime. Um dos participantes, que mesmo apontando pontos positivos do projeto, no momento da entrevista não era mais usuário do CAPS-Magal, havia retomado sua vida social, mas não trabalhava e nem estudava e escondia dos amigos que tomava medicação.

Já os profissionais tiveram uma análise mais abrangente sobre os resultados pontuais e de longo prazo. No primeiro caso, trata-se dos resultados obtidos pelo projeto no momento de sua realização. O segundo refere-se aos resultados obtidos depois da realização do projeto. Eles trouxeram diferentes olhares sobre a questão do empoderamento dos sujeitos. O médico psiquiatra tendeu a trazer uma abordagem clínica sobre trajetória terapêutica dos sujeitos no projeto, tendo como foco o tratamento que eles recebiam. Já técnicos de referência tiveram um olhar mais amplo, tratando da vida do sujeito como um todo, incluindo suas relações dentro e fora do CAPS. Por sua vez, as gestoras não trataram de especificidades de cada usuário, mas realizaram análises das práticas do projeto dentro da perspectiva da gestão; enfatizaram a relação do projeto com a comunidade do CAPS, as demais atividades realizadas na instituição e as mudanças no grupo de usuários participantes enquanto coletivo. Todos eles, em algum nível, foram capazes de refletir sobre o projeto em seu diálogo com as diretrizes e paradigmas de cuidado. Eles tomaram a comunicação e as NTICs como ponto central do processo de empoderamento. Houve uma polêmica se ele foi ou não realizado. Ainda assim, o empoderamento foi entendido como possível.

Se comparado com os resultados encontrados por Bittencourt e Francisco (2013), entendemos que a produção do blogue pôde ser um facilitador para o empoderamento dos sujeitos. Isso se deu tanto na relação desses sujeitos com o mundo digital quanto no ambiente social.

Posto isso, por fim, trataremos, de forma objetiva, do último ponto de nossa análise: os impactos do projeto para o tratamento dos usuários participantes.

13.1.7 Evolução no Tratamento e Medicação

Os efeitos negativos das medicações durante as atividades do projeto não apareceram de forma marcante nas entrevistas dos pesquisadores-cidadãos, apesar de ter sido um ponto de atenção no relato de experiência.

Esse aspecto revela percepções diferentes entre os depoimentos dos pesquisadores-cidadãos e dos demais depoentes.

Apenas um dos pesquisadores-cidadãos ressaltou os pontos negativos da medicação durante o projeto. Esse aspecto não foi destacado de forma geral em seu relato. Ele dizia que não gostava de tomar medicação, pois sentia que a sua ingestão atrapalhava suas atividades na produção do blogue. Por outro lado, outro pesquisador-cidadão afirmou que não sentia que a medicação atrapalhava nas atividades do projeto, mas sim ajudava.

Nenhum dos usuários passou por internações durante o período de um ano de realização das atividades do blogue. Alguns deles passaram por períodos de crise. Essas crises foram raras e não interferiram na participação deles nas atividades. Um dos pesquisadores-cidadãos ficou cerca de um mês em crise. Ele continuou participando das atividades do projeto. Nesse caso, a mediadora foi informada e passou a adaptar os processos pedagógicos comunicacionais para que ele se sentisse disposto e interessado em realizar suas atividades. Nesse sentido, os métodos dialogais adotados permitiram que a participação de usuários atendesse ao mínimo esperado mesmo quando as condições de saúde não eram favoráveis à realização das atividades propostas. Nesses momentos, a participação de usuários nessas condições foi possível graças à realização de atividades que foram realizadas sem tempo definido ou resultados pré-determinados.

A partir dos depoimentos dos sete pesquisadores-cidadãos que foram entrevistados, foi possível constatar que apenas um não toma mais medicação e recebeu alta. Dois continuam tomando medicação, mas foram ou estão sendo transferidos para a clínica da família. Identificamos ainda quatro participantes que reduziram as medicações e continuam a participar das atividades do CAPS-Magal.

- Fernando – continua tomando as mesmas medicações, mas teve uma redução das suas idas ao CAPS-Magal.
- Austrý – teve redução de sua medicação, mas continua com uma alta dependência do CAPS-Magal. Seu caso é o que permanece mais complicado. A equipe tenta encontrar alternativa para promover uma maior “conexão” dele com a sociedade.

- Maura – está sendo transferida para Clínica da Família da Maré. Toma medicações para controlar a ansiedade. Para sua irmã, o projeto foi um complemento ao tratamento que a participante já recebia.
- Rafael – passou a fazer acompanhamento na clínica da família, mas ainda toma medicação.
- Tadeu – acredita-se que passou por uma internação após o projeto, em 2021, mas atualmente teve uma redução de medicação.
- Juliano – ao longo do projeto teve uma melhora e foi morar sozinho. Depois do projeto, foi o único que teve alta e hoje não toma mais medicação, entretanto ele sente falta de ter um acompanhamento psicológico.
- Antônio – teve um retrocesso após a pandemia, toma muitos medicamentos para dormir, afirma que não consegue dormir sem. Porém, segundo Washington, houve uma redução de suas medicações e ele voltou a participar das atividades do CAPS-Magal.

13.1.8 Leituras para Além do Projeto

Alguns temas nos parecem importantes, apesar de não estarem diretamente ligados às questões analisadas nesta tese. Trouxemos esses temas para dar a eles, de alguma forma, a visibilidade que merecem. A íntegra das entrevistas, disponível nesta tese, permitirá que os interessados analisem essas importantes dimensões, presentes nos depoimentos prestados.

13.1.8.1 Violência como Ruptura de Laços Comunitários

A questão da violência se mostrou evidente nos relatos dos entrevistados através de diferentes perspectivas: como parte do cotidiano, causador de sofrimento etc. Uma delas foi a forma como pessoas com deficiência e sujeitos em sofrimento mental são tratados pelos membros da comunidade e o nível de risco a que estão expostos.

O avanço da violência não só é mencionado como causador de sofrimento mental nos moradores da comunidade de Manguinhos. Ela também representa um dispositivo para aprofundamento da situação de vulnerabilidade de pessoas em sofrimento mental.

O relato de Darcília sobre a trajetória de Carlos Augusto Silva, o Magal, nos revela uma realidade em que pessoas em sofrimento mental, especialmente quanto em crise, estão expostas à violência quando estão nas ruas. Magal foi assassinado em função disso. Um dos participantes

declarou que, ao transitar por territórios de favela durante suas crises psiquiátricas, se sentiu exposto à violência. Ele temia que seu destino fosse o mesmo de Magal.

Outra possibilidade foi apresentada por uma participante. Ela evita transitar sozinha pelo território, pois tiroteios são gatilho para que ela tenha crises, o que a deixa ainda mais exposta aos tiros.

Darcília afirma que mudou a forma da comunidade lidar com os “doentes mentais” e que vagavam ou ‘mendigavam’ pelas ruas com o avanço do narcotráfico, das milícias e, conseqüentemente, com o aumento da violência.

Quando eu te falei sobre na época da ditadura que eu era pequena, existia uma figura, hoje não se fala mais em mendigo, né? Naquela época, era o mendigo que tinha. Era um personagem que tinha nas comunidades que as pessoas sabiam que aquela pessoa era louca. Elas não mexiam. Tinha sempre aquele mendigo tradicional. Manguinhos teve um, acho que ninguém se atrevia. Ninguém maltratava. Também a violência não era o que é hoje, né?

Esse depoimento ganha uma importância especial quando analisamos e o comparamos com a narrativa de um dos participantes. O que aconteceu com ele foi exatamente o contrário do que Magal sofreu. Esse participante passou por uma situação semelhante, transitando pelas ruas de Manguinhos, mas recebeu apoio de amigos e vizinhos da comunidade. Foi graças a esse apoio que ele conseguiu chegar ao CAPS-Magal e receber um tratamento adequado. Outros dois participantes receberam apoio nas igrejas que frequentavam.

Esses depoimentos nos sugerem que a relação do cidadão em sofrimento mental com a comunidade é de grande importância para a sua sobrevivência e segurança e bem-estar.

13.1.8.2 Pandemia como Ponto de Fissura dos Processos de Cuidado

A questão da Pandemia de Covid-19 esteve presente nas entrevistas de usuários participantes e nas realizadas com profissionais. Nesses casos, foi recorrente a menção a uma fissura nos processos de cuidado, retomada de vida e gestão dos dispositivos de saúde mental.

Segundo os profissionais, o CAPS-Magal foi muito prejudicado. A equipe observou o afastamento dos usuários e enfrentou dificuldades para dar continuidade às suas atividades. Mesmo com o crescimento da conectividade, o CAPS estava tecnologicamente desatualizado. A instituição não conseguiu usar as NTICs para reinventar os seus processos de gestão e cuidado. Um dos profissionais revelou que a pandemia acabou afastando alguns usuários. “Teve pacientes que ficaram afastados por muito tempo, que a gente perdeu de vista”.

Por sua vez, os usuários viram seus processos de retomada de vida e tratamentos serem interrompidos e acabaram com planos de vida, como voltar a estudar, estagnados. Os depoimentos de alguns participantes revelam esse problema.

Um deles afirmou que o período pandêmico representou “anos de atraso para sua saúde”. Outra participante, que havia voltado a cursar faculdade de administração, parou os estudos em função da dificuldade de se adaptar às aulas à distância, no formato virtual. Somado a isso, aumentaram os confrontos armados na região em que vive.

Alguns usuários mencionam a mudança de abordagem no CAPS-Magal após a pandemia.

Dois deles relataram como a instituição se tornou um local para “pegar remédio”. Outro afirma que o CAPS “virou farmácia”. Essa visão se justifica na medida em que foram interrompidas as atividades socioculturais, que a instituição ordinariamente desenvolve. Para que projetos como “Eu quero entrar na rede” se desenvolvam na RAPS, é necessário o aparelhamento e investimento nos dispositivos territoriais de saúde. Esse posicionamento mostra a dificuldade do CAPS-Magal de retomar suas atividades ordinárias com o fim da pandemia. Nesse sentido, os períodos de isolamento social contribuíram para o esvaziamento do papel do CAPS dentro do território e para os usuários.

13.1.8.3 Desigualdade e Efeitos dos DSS na Saúde Mental

Nos depoimentos, em diversas ocasiões, nos deparamos com narrativas permeadas pelos Determinantes Sociais da Saúde. Violência, desemprego, miséria, exposição a condições ambientais degradantes, o abandono dos estudos, entre outras questões, surgem atreladas aos processos de sofrimento mental dos usuários participantes do projeto “Eu quero entrar na rede”.

Um dos pesquisadores-cidadãos acredita que seu processo de sofrimento mental começou em função da perda do pai e do desemprego. Outro tem opinião semelhante sobre seu sofrimento. Outro relata ainda as situações degradantes de trabalho que ele acredita terem sido o gatilho para o seu adoecimento. Dois deles enumeram as violências que presenciaram e falam com naturalidade sobre a violência armada na região em que vivem. Outra pesquisadora-cidadã, além dos relatos sobre a violência, conta da falta de estrutura do sistema educacional para lidar com sua condição. Casos como os deles não são isolados e resultam em desdobramentos de diferentes naturezas, o sofrimento mental pode ser um deles.

Não caberia nesta tese todas as discussões possíveis sobre essas questões. Posso isso, optamos por finalizar nossas análises com o relato de Darcília acerca da realidade de vulnerabilização encontrada por ela em sua atuação no território. Para ela, são claras as muitas raízes sociais dos sofrimentos dos cidadãos atendidos pelo CAPS-Magal e os recursos limitados de que a instituição dispõe para tratá-los frente ao descaso público. Para ela, é preciso ir além dos dispositivos de cuidado.

“Olha, o meu maior choque foi, quando eu comecei a levar paciente em casa e você descobre que [pausa] além da doença mental, você se choca com a estrutura social, psicológica, familiar. Você percebe que você não tem muita perna, você fica chocado. Eu falo muito pro pessoal do CAPS: não adianta tratar o paciente se não tratar a família, você vai lá na casa, pega o doente, traz pro CAPS, ele participa de atividades, aí ele come, ele bebe, ele toma um banho e no final do dia ele volta praquele caos [pausa] aí meu choque foi esse. É, porque os CAPS não têm pernas pra isso, é muita desestrutura, é muita miséria. E aí o que você faz, né? Aí tem a Reforma (RPB) que não se interna mais, mas como cuidar dessa família, como restituir a estrutura dessa família, a psicológica, a social? A gente tem a impressão que a gente, eu não posso dizer que eu não vi êxito, vi, mas é muito pouco, tem casos que a gente tem a sensação de que a gente está enxugando gelo. Se você não tratar a família, você não cuida do paciente, é muito triste, é uma realidade que a gente vive. Pra mim, os CAPS é um refúgio, tenta-se, algumas vezes até consegue, mas a gente vive num estado de miserabilidade, de desestrutura família, conflito família que é muito grande, e que não entende a doença do paciente. Porque os CAPS não estão 24 horas com esses pacientes, e aí às vezes você peleja, peleja, peleja com o mesmo paciente, porque tudo depende muito da estrutura que ele vive, entendeu? A Reforma [RPB] [pausa] ela impede que pegue as pessoas e joguem dentro de sarjetas e que fique aquele tumultuado de gente, eles fingindo que estão tratando, impede isso, mas precisa de muito, precisa de muito mais investimento, não só nos CAPS. A questão social, ela é gritante no nosso país cara, é horrível, eu moro em comunidade, eu sei, as histórias se repetem. A gente vive com coisas assim, sub-humanas, surreal, e é sofredor... Em geral, é a miséria, a miséria e a desestrutura familiar e a ignorância de não saberem, de não entender, porque o pior é a ignorância, mas o que eu digo de ignorância de não entender a questão do paciente, sabe, mas também você não pode nem cobrar, porque você não pode dar o que você nunca teve.”

14 CONCLUSÃO

“Testemunha ocular da biografia” – ao realizar a conclusão desta tese, analiso esta expressão que me nos foi apresentada por um técnico de referência durante uma das entrevistas. A nosso ver, ao acompanhar os usuários participantes durante o projeto e depois tentar compor textualmente sua história oral, exercemos o papel de “testemunhas oculares da biografia”.

Para tanto, foi necessário traçar linhas de existência, opressão, resistência, empoderamento e emancipação que cruzam as vidas dos sujeitos em sofrimento mental participantes do projeto “Eu quero entrar na rede”. Esse foi um processo que compartilhamos com eles, seus familiares e os profissionais do CAPS-Magal.

Para compreender os diferentes atos comunicativos na sua relação com os sujeitos, observamos as formas de contar sobre si que apareceram nos depoimentos, principalmente, dos cidadãos em sofrimento mental ao contar sua própria história. Não devemos esquecer que cada uma dessas narrativas compreende uma jornada longa (VASCONCELOS, 2005). Uma narrativa complexa que precisou ser resumida em horas de entrevistas e, em sequência, poucas páginas de texto. O próprio projeto teve um ano de duração: de 2018 a 2019.

Cada texto inclui também os instrumentos que os pesquisadores-cidadãos fizeram uso para contar sobre si. Inserimos o que eles acreditam ser importante e, por isso, chegaram até nós em sua contação de histórias biográficas. O que eles consideravam prazeroso ou doloso narrar etc. São histórias apresentadas a partir das escolhas dos próprios sujeitos. Essas narrativas são em si parte do processo comunicativo. Elas não são menos válidas por utilizarem diferentes instrumentos de narração. Encontrar no meio dessas histórias os fragmentos que nos permitiriam entender o nosso objeto de pesquisa, o projeto “Eu quero entrar na rede”, foi um processo rico, porém difícil. Ele envolveu diversos desafios. Uma delas é avaliar a efetividade de seus resultados.

Como afirma Vasconcelos (2013): “No campo da saúde mental, é extremamente difícil avaliar a efetividade de uma única intervenção de outras, de forma isolada das demais, ou ainda as contribuições relativas de diferentes componentes” (VASCONCELOS, 2013, p.199).

Desde o começo, sabíamos do caráter desafiador da proposta desta tese. Os usuários participantes são cidadãos no mundo, são múltiplos e estão sujeitos a realidades diferentes. A tese poderia analisar o projeto enquanto experiência de inclusão digital e o blogue, enquanto produto, independente da trajetória dos participantes. Entretanto, nesta tese, a análise do projeto e de seus resultados foi realizada de forma indissociável da vida dos cidadãos em sofrimento

mental participantes do projeto. Mais do que sobre o projeto, escolhemos falar sobre os cidadãos.

O relato de experiência e as narrativas em história oral nos revelam que, apesar de suas limitações, o projeto “Eu quero entrar na rede” no geral funcionou para a maioria dos pesquisadores-cidadãos como um “organizador mental e social” (VASCONCELOS, 2021b). Nesse sentido, ela fomentou seu empoderamento. Porém, os resultados sofreram as limitações impostas pelos DSS que atingem os usuários participantes.

Nesta tese, foi possível analisar as interfaces entre os campos da Comunicação e Saúde, do cuidado, da promoção da saúde e da divulgação científica em sua relação com a comunidade. Tivemos como base a ideia de que a voz dos usuários em saúde mental cabe em todos esses lugares, através de diferentes narrativas e formas de se expressar. A Educação Popular em Saúde pode ser o caminho. Através do diálogo e do pensamento crítico, podem surgir ações orientadas para que suas vozes ecoem nesses lugares. Justamente por isso, os entrevistados ocuparam o papel de pesquisadores-cidadãos, como sugerem Pereira Neto e Paolucci (2020).

Nesse sentido, as NTICs se mostraram como uma alternativa para o enfrentamento do silenciamento e apagamento histórico de que sujeitos em sofrimento mental, em geral, padecem. Entretanto, seus usos e apropriações estão sujeitos a fatores limitantes que desenham um quadro complexo de exclusão digital que contém cor, idade, gênero, local de moradia, escolaridade etc.

Nesta tese, buscamos, ao longo de suas falas, enxergar a “Tecnologia Mundana” enquanto frestas por onde passem e ganhem corpo, alma e asas os “antidestinos”, as (contra)ausências, as histórias múltiplas e os (des)silêncios. Frestas que se tornem portas abertas para o mundo. Sendo assim, uma resposta para nós é certa: eles entraram na rede!

O entendimento dos profissionais entrevistados sobre a importância de projetos que envolvam cultura e comunicação nos permite incluir este projeto na dimensão sociocultural da RPB (AMARANTE, 2007; 2021). Além disso, o projeto “Eu quero entrar na Rede”, em sua relação com a promoção das “potencialidades no cuidado” e da “capacidade de gerir vida” (AMARANTE, 2007), também se insere, de forma mais profunda, nas dimensões epistemológica, ou teórico-conceitual, e técnica-assistencial. O projeto também dialoga, em maior e menor grau, com todos os conceitos-chave do empoderamento do usuário em saúde mental elencados por Vasconcelos (2003). São eles: *recovery*, cuidado de si, ajuda e suporte mútuo, *advocacy*, transformação dos preconceitos, participação social e narrativas pessoais de vida.

Ambas as gestoras apontaram o projeto “Eu quero entrar na rede” como uma experiência exitosa dentro do CAPS-Magal. Para uma delas, foi uma experiência consistente que causou impacto e mudança. Para outra, foi um exemplo de suporte mútuo que reverberou para outros âmbitos da vida dos sujeitos em sofrimento mental que foram participantes. Dentre eles, estavam as narrativas pessoais de vida (VASCONCELOS, 2003), o deslocamento pelo território e o uso das NTICs. A gestora avalia que a experiência do blogue permitiu à equipe analisar as atividades desenvolvidas no CAPS-Magal naquele momento e se abrir para outras iniciativas inovadoras.

Para um técnico de referência, a combinação entre uso terapêutico de processos laborais e a saída dos usuários do espaço do CAPS para a realização de atividades no LaISS gerou a aproximação entre os pesquisadores-cidadãos. Segundo ele, o uso das NTICs como ferramenta potencializou o “equilíbrio dos usuários”. Para a gestora, o projeto foi um resultado da combinação entre uma boa ideia, o investimento da gestão e a dedicação dos profissionais certos.

Porém, o projeto nos suscita também algumas questões. Algumas delas estão relacionadas com a sustentabilidade financeira de projetos como este. O financiamento do projeto “Eu quero entrar na rede” só foi possível graças ao apoio obtido depois que ele foi aprovado em um edital da VPEIC/Fiocruz.

Alternativas de sustentabilidade financeira de projetos de comunicação que envolvam cidadãos em sofrimento mental poderiam ser organizados enquanto iniciativas de geração de renda, podendo contribuir com a reinserção financeira desses sujeitos na sociedade. Além disso, elas poderiam garantir o maior interesse e engajamento e a potencialização do sentimento de importância dos usuários produtores de conteúdo. Hoje, o financiamento a projetos que envolvam as mídias digitais se dá principalmente através de anunciantes e/ou assinaturas. Esse modelo de financiamento poderia ser implementado em projetos de comunicação produzidos por cidadãos em sofrimento mental? Que outras formas de financiamento e monetização seriam possíveis? Essas são questões importantes para que projetos desta natureza consigam se fortalecer e sobreviver. O financiamento coletivo parece ser uma resposta possível, já que, nos últimos anos, ele se fortaleceu como uma alternativa à produção de conteúdo independente para redes sociais.

Partindo para temas mais gerais, que são pilares desta tese, lançamos também outras questões, visando garantir que mais discussões saiam desta tese: o que é necessário para que estes cidadãos em sofrimento mental permaneçam na rede e se empoderem ainda mais usando-

a como ferramenta de emancipação? O que é necessário para que outros cidadãos em sofrimento mental tenham o mesmo acesso? Como esse acesso pode ser caminho para a inserção social?

Enfim, depois de tantas problematizações, teorias, argumentos e narrativas, o que nos resta são mais questionamentos e mais respostas a se buscar. Afinal, como nos disse Paulo Freire, é esta nossa vocação enquanto sujeitos historicizados: “Ser mais”. É com suas palavras que trazemos o poente desta tese. “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2019, p. 253).

Compartilhamos com Freire esta esperança, afinal, Guimarães Rosa estava, de novo, certo, pois todo amor é mesmo um tantinho de saúde, o merecido descanso na loucura (ROSA, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Dolores Maria Franco de. et al. **Usos e influências de uma avaliação:** translação do conhecimento? Saúde Debate. V. 41, n. especial, p.302 – 316. 2017.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Caderno de campo digital** – antropologia em novas mídias. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 273-289, jan./jun. 2004.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras. 2019 (Online).

ALBAGLI, Sarita. **Ciência aberta em questão.** In: Ciência aberta, questões abertas. ALBAGLI, Sarita; HANNUD, Alexandre; MACIEL, Maria Lucia (org). Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em: http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PORTUGUES_DIGITAL%20%285%29.pdf. Acesso em: 24 de jul. 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV. 2013.

ALVES, Domingos Sávio; GULJOR, Ana Paula. **O cuidado em Saúde Mental.** Cuidado, as fronteiras da integralidade. Rio de Janeiro: CEPES/UERJ, IMS: ABRASCO, 2013.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs:** mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AMARANTE, Paulo. **Loucura e transformação social,** autobiografia da Reforma Psiquiátrica no Brasil. São Paulo: Zagodoni, 2021.

_____. **Saúde mental e atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

_____. **Loucos pela vida, a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

_____. **O homem e a serpente,** outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1996.

_____; TORRE, Eduardo. **Direitos humanos, cultura e loucura no Brasil:** um novo lugar social para a diferença e a diversidade. In: Walter Ferreira de Oliveira; Ana Maria Fernandes Pitta; Paulo Amarante (Org.). Direitos Humanos e Saúde Mental. 1a. ed. São Paulo: HUCITEC, v. 39, p. 107-133. 2017.

ARAÚJO, Inesita Soares de. **Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 8, n. 14, p. 165-178, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 mai. 2019.

ARAÚJO, Inesita Soares. **Tensões e sinergias entre o público e o privado em um campo em movimento: anotações para uma pauta de pesquisa em Comunicação e Saúde.** In:

CASTRO, Paulo César (Org.). *Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?* Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2015. p. 167-186.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Miranda Janine. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Miranda Janine. **Comunicação e saúde**. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (Org). *Dicionário da educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

ARAÚJO, Inesita Soares de; MOREIRA, Adriano De Lavor; AGUIAR, Raquel. **Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada**. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v.6, n.4, 2013

ARAÚJO, Doralice; NABUCO, Edvaldo. "**No Espelho do Olhar do Outro**" A TV Pínel e a Construção Coletiva da Auto-Imagem em Vídeo. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 7, n. 2, p. 232–239, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24448>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ARAÚJO, Marco Antônio Pereira. **A Inclusão Digital como Estratégia para Resgate da Cidadania e Diminuição da Exclusão Social e Econômica**. *Revista Interdisciplinar de Direito*, [S.l.], v. 6, n. 1, ago. 2017. ISSN 2447-4290. Disponível em: <<http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/50>>. Acesso em 26 de ago. 2021.

AZEVEDO, Carlito. **Sublunar**. 7letras: Rio de Janeiro, 2006.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARRETO, Lima. **Diário do hospício: cemitério dos vivos**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARRETO, Maurício L. **O conhecimento científico e tecnológico como evidência para políticas e atividades regulatórias em saúde**. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 329-338, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 mai. 2019.

BASAGLIA, Franco. **As instituições da violência**. In: BASAGLIA, Franco (org). *A Instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza.; FRANCISCO, Deise Juliana. **Habilitação psicossocial de pessoas em sofrimento psíquico: um trabalho com produção de blog**. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 22, jan.-mar. 2017, p. 61-67. Doi: 10.22491/1678-4669.20170007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/261/26155061007.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. São Paulo: Fósforo, 2021.

BODSTEIN, Regina et al. **Avaliação da implantação do programa de desenvolvimento integrado em Manguinhos**: impasses na formulação de uma agenda local. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(3). p. 593-604, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**, ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRAGA, Adriana. **Teoria e método na análise de um blog**: o caso Mothern. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório final da VIII Conferência Nacional de**

Saúde, 1986. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf
. Acesso em 22 de mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**: dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da União*, 09 abr. 2001.

BRASIL. **Programa de Aceleração do Crescimento 2007-2010**, romper barreiras e superar limites, investimento em infra-estrutura. Comitê Gestor do Plano de Aceleração do Crescimento (CGPAC). Brasília, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/arquivos/pac.pdf>. Acesso em 19 de abr. 2023.

BRASIL. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007b.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União* 2015; 7 jul.

BRASIL. Ministério da Saúde. SAS/DAPES. Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. *Saúde Mental em Dados – 12*, Ano 10, nº 12, outubro de 2015. Brasília, 2015. **Informativo eletrônico de dados sobre a Política Nacional de Saúde Mental**. 48p. Disponível em: www.saude.gov.br e www.saude.gov.br/bvs/saudemental. Acesso em 25 mai. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. **Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios**: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BUENO, Leonardo Brasil. **A favela (para)militarizada**: território contido e impacto da violência armada na saúde, na educação e no cotidiano de moradores de Manguinhos, Jacarezinho e Maré. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de

Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, 2018.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. **A saúde e seus determinantes sociais**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em 23 de nov. 2019.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Inclusão digital como invenção do cotidiano**: um estudo de caso. *Rev. Bras. Educ.* 2008, vol.13, n.38, pp.325-342.

CAMPOS, Franciele; SOARES, Luiz. **Fazendo cultura em Manguinhos: movimentos de vidas em contracultura**. In: GULJOR, Ana Paula Freitas et al (orgs.). **Estratégias culturais em Manguinhos**: olhares sobre o cuidado em saúde mental e o protagonismo de moradores de favelas / organizado por Ana Paula Guljor... [et al.]. — Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, Fundação Getúlio Vargas e Queen Mary University of London, 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; COHEN, Simone Cynamon; AKERMAN, Marco. **Refletindo sobre o instituído na Promoção da Saúde para problematizar 'dogmas'**. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 41, n. especial 3, p. 265-276, set 2017. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2017.v41nspe3/265-276/pt>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura** Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O Poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. **Favelas na cidade do Rio de Janeiro**: o quadro populacional com base no Censo 2010. Coleção Estudos Cariocas. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Instituto Pereira Passos: Rio de Janeiro, maio de 2012.

CLAVIER, C. et al. **A theory-based model of translation practices in public health participatory research**. *Sociology of Health & Illness*, Henley-on-Thames, v. 34, n. 5, p. 791-805, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9566.2011.01408.x>. Acesso em: 20 maio 2021.

COMITÊ DE GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). **Tic Domicílios 2017**. Disponível em: cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2017_coletiva_de_imprensa.pdf. Acesso em: 28 de ago. 2018.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC Domicílios 2019. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 24 de jun. 2022.

_____. **TIC Domicílios**, Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros. São Paulo: CGI, 2021.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 1., 1986, Ottawa. **Carta de Ottawa**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. As cartas da promoção da saúde. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 4., 1997, Jacarta. **Declaração de Jacarta**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. As cartas da promoção da saúde. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CUSTÓDIO, Márcia Moreira; JARDIM, Alex Fabiano Correia. **Maura Lopes Cançado**: considerações em torno do início da literatura feminina autobiográfica no Brasil. Revista Graphos, vol. 21, n° 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/46929>. Acesso em 2 de abr. 2023.

DANTAS, Marcos. **Economia política da informação e comunicação em tempos de internet**: revisitando a teoria do valor nas redes e no espetáculo. Liinc em Revista, v.8, n.1, março, 2012, Rio de Janeiro, p 283-307. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3356/2963>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

DANTAS, Marcos; CANAVARRO, Marcela; BARROS, Marina. **Trabalho gratuito nas redes**: de como o ativismo de 99% pode gerar ainda mais lucros para 1%. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 22-43, maio 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3545/3042>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

DAVISON, C. M. **Knowledge translation: Implications for evaluation**. In: OTTOSON, J. M.; HAWE, P. (Org.). Knowledge utilization, diffusion, implementation, transfer, and translation: Implications for evaluation. New Directions for Evaluation, Hoken, 2009. p. 75-87.

DE BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA E SAÚDE JORGE CARELI. **Relatório Final Teias**. Violência e Saúde na Estratégia de Saúde da Família de Manguinhos: ações de sensibilização e apoio aos profissionais e de fortalecimento da rede de proteção. Rio de Janeiro: ENSP / FIOCRUZ. 2019.

DIAS, João Vinícius dos Santos; AMARANTE, Paulo. Saúde Mental e Educação Popular: possíveis diálogos. In: PARO, César Augusto; LEMÕES, Marcos Aurélio Matos; PEKELMAN, Renata (orgs). **Coletânea Educação Popular em Saúde**. Volume 2: Educação Popular e a (re)construção de práticas cuidadoras. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

DUDENEY, Gavin; HOCLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola editorial. 2016.

EGSTRON, Elyne; PIVETTA, Fátima; SCHÜTZ, Gabriel. **Contexto do Teias-escola Manguinhos**. CARVALHO, Maria Alice Pessanha de; PIVETTA, Fátima (orgs). O território Integrado em atenção à saúde em Manguinhos: todos somos aprendizes

EYSENBACH, G. **What is e-health?** *Journal of Medical Internet Research*, v.3, n.2, p. e20. 2001. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1VKN7V4sBwmFiRyaiSifInI6Qq6sj7SkU>. Acesso em: 25 de ago. 2018.

FANON, Franz. **Alienação e liberdade**, escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu, 2020.

FARIS, Wendy. **García Márquez and Magical realism**. In: BELL-VILLADA, Gene; LÓPEZ-CALVO, Ignacio (orgs). Oxford: Oxford University Press, 2022.

FERNANDES, T.; COSTA, R. **As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro**. Tempo, v. 19, p. 117-133. 2013.

FERNANDES, Carla Montuori.; MONTUORI, Christina. **A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'**. Reciiis, Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 14(2), p. 443-460, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1975/2363>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERARI, Judete. **A cor dada na madrugada: grupos on-line como ferramentas de saúde mental para o acolhimento noturno**. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org.). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021.

FERREIRA, Monique Torres. **Sobre os "nós" dos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico: entre a lógica da periculosidade e procedimentos de avaliação psicossocial para desinstitucionalização de pessoas internadas nos Hospitais de Custódia do Rio de Janeiro**. Revista Campo Minado, nº 1, Niterói, p. 53-73, 1º semest. 2021. Disponível Em: <https://periodicos.uff.br/campominado/article/view/48601/28499>. Acesso em: 22 de abr. 2023.

FIGUEIREDO, Daniella Santa et al. **Promoção da saúde articulada aos determinantes sociais: possibilidade para a equidade**. Rev enferm UFPE on line., Recife, 13(4):943-51, abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/239123/31771>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

FIORI, Ernani Maria. **Prefácio: aprender a dizer a sua palavra**. In. FREIRE, Paulo. Pedagogia Do Oprimido. São Paulo: Paz e terra, 2019.

FORTUNA, Danielle Barros Silva. **O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: estudo de caso da Webradio Revolução FM**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2013

FORTUNA, Danielle Barros Silva; OLIVEIRA, Valdir de Castro. **Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.6, n.4 – Suplemento, fev., 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17317>. Acesso em: 15 ago. 2021

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

_____. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

_____. **A máquina está a serviço de quem?** Revista BITS, maio. 1984.

_____. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia Do Oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 2019.

FURTADO, Juarez Pereira et al. **A concepção de território na Saúde Mental**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, set, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n9/1678-4464-csp-32-09-e00059116.pdf>. Acesso em: 28 de nov. 2019.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GARBIN, Helena.; PEREIRA NETO, André; GUILAM, Maria Cristina. Rodrigues. **A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica**. Interface, Botucatu, v.12, n.26, p. 579-88. 2008.

GARBIN, Helena.; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; PEREIRA NETO, André. **Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais**. Physis: Revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p. 347-63, 2012.

GARBIN, Helena Beatriz da Rocha. **Empowerment ou medicalização? Reflexões sobre o uso da Internet para obtenção de informações em saúde**. / Helena Beatriz da Rocha Garbin. -- 2012. 113 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012.

GARCIA, Regina Leite; VALLA, Vincent Valla. **A fala dos Excluídos** em Cadernos Cede, 1996.

GARCIA, Carla Costa. **Comunicação e desrazão entre contextos e mediações**, o direito a voz da pessoa com esquizofrenia. 2017. 422 f. Tese (Doutorado em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2017.

GONDIN, Grácia Maria de Miranda; MONKEN, Maurício. **Territorialização saúde**. Dicionário em educação profissional de saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tersau.html>. Acesso em: 28 de nov. 2019.

GUIZARDI, Francine Lubi; PINHEIRO, Roseni. **Quando dádiva se transforma em saúde**: algumas questões sobre a integralidade e o cuidado nas relações entre sociedade e Estado. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Rubem Araujo de (Orgs.). Cuidado, as fronteiras da integralidade. Rio de Janeiro: CEPES/UERJ, IMS:ABRASCO, 2013.

GULJOR, Ana Paula Freitas. **O fechamento do hospital psiquiátrico e o processo de desinstitucionalização no município de Paracambi**: um estudo de caso. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

_____; AMARANTE, Paulo. **Movimentos sociais e luta antimanicomial**: contexto político, impasses e a agenda prioritária. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, [S.I], n.242, p. 65-656, mar. 2018. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/412>>. Acesso em: 16ago. 2021.

GULJOR, Ana Paula Freitas et al (orgs.). **Estratégias culturais em Manguinhos**: olhares sobre o cuidado em saúde mental e o protagonismo de moradores de favelas / organizado por Ana Paula Guljor... [et al.]. — Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, Fundação Getúlio Vargas e Queen Mary University of London, 2022.

HARSIN, Jayson. **Post-Truth and Critical Communication Studies**. Oxford Research Encyclopedias, Oxford, 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-757>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

HELLMAN, Cecil. Cultura, saúde e doença. Artmed: São Paulo. 2009.

HEWITT, Hugh. **Blog**: entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Aglomerados subnormais – Informações territoriais. Notas Técnicas. 2010. Disponível em:

https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Aglomerados_subnormais/Aglomerados_subnormais_informacoes_territoriais/notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 06 de abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Nota Técnica nº72. **Aspectos socioeconômicos da covid-19: o que dizem os dados do município do Rio de Janeiro?** Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura (DISET). 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10155/1/NT_72_Diset_AspecSocioeconCOVID-19RJ.pdf. Acesso em: 06 de abr. 2023.

INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS. **Índice De Progresso Social no Rio De Janeiro**. IPS Bairros 2022. Prefeitura do rio de Janeiro. 2022.

INSTITUTO MUNICIPAL DE URBANISMO PEREIRA PASSOS. **Índice de Desenvolvimento Social (IDS) por Áreas de Planejamento (AP), Regiões de Planejamento (RP), Regiões Administrativas (RA), Bairros e Favelas do Município do Rio de Janeiro**. 2010.

INTERNACIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Measuring the Information Society Report 2017 Volume 2**. ICT country profiles. Disponível em: itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2017/MISR2017_Volume2.pdf. Acesso em: 27 de ago. 2017.

_____. **Measuring the Information Society Report 2017 Volume 1**. ICT country profiles. Disponível em: itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/misr2017/MISR2017_Volume2.pdf. Acesso em: 27/08. 2017.

_____. **Measuring digital development**, Facts and figures 2020. UTI Publications: Genebra. 2020. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2020.pdf>. Acesso em: 23 de mai. 2021.

_____. **Low ICT skills Remain a barrier to meaningful participation in a digital society**. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Dashboards/Pages/IFF.aspx>. Acesso em 15 ago. 2021.

IRIART, J. A. B.; SILVA, L. A. V. da. **As tecnologias da informação e comunicação e novas formas de sociabilidade: possibilidades e desafios para o campo da saúde coletiva**. Cad. Saúde Pública. 2015, vol.31, n.11, pp.2253-2254.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORENTE, Maria José Vicentini et al. **Collaborative e-Health Environments: The enhanced role of health agents**. Transinformação, Campinas, v. 31, e170059, 2019

KELLY, L.; ZIEBLAND, S.; JENKINSON, C. **Measuring the effects of online health information: scale validation for the e-Health Impact Questionnaire**. Patient Education and

Counseling, v.98, p.1418–24. 2015. Disponível em:

<<https://drive.google.com/open?id=1tDzHPLrdDyVk0Ap3KmDpdpM-A7K2yZVu>>

KINOSHITA, Roberto Tikanori. **Contratualidade e Reabilitação Psicossocial**. In: PITTA, Ana. (org.). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo: HUCITEC. p. 55-59. 1996.

KINOSHITA, Roberto Tikanori et al. **Cuidado em Saúde Mental: do Sofrimento à Felicidade**. In: Nunes M, Landim FLP. **Saúde Mental na Atenção Básica – Política e Cotidiano**. Salvador: EDUFBA; 2016. p. 47-77.

KINOSHITA, Roberto Tikanori et al. **Atenção psicossocial e bem viver: relato de experiência de um Projeto Terapêutico Singular pelas dimensões da Felicidade Interna Bruta**. *Saúde debate* 44 (spe 3). out. de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/LRfLgVBwRTRRkymn7wJBcLP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 de nov. 2022.

KREZINGER, Miriam et al. **Impactos sociais da exposição à violência armada na Maré: incidências, consequências e estratégias de enfrentamento**. In: SILVA, Eliana et al. **Coleção Construindo Pontes**. Rio de Janeiro: People’s Palace Project Brasil. 2021

LACERDA, Alda; VALLA, Victor Vincent. **As práticas terapêuticas de cuidado integral à saúde como proposta para aliviar o sofrimento**. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Rubem Araujo de (orgs). **Cuidado, as fronteiras da integralidade**. Rio de Janeiro: CEPES/UERJ, IMS:ABRASCO, 2013.

LAPÃO, L.; DUSSAULT, G. **The contribution of eHealth and mHealth to improving the performance of the health workforce: a review**. *Public Health Panorama*, v.3, n.3, p. 463-71. 2017.

LEMOS, André. **Prefácio**. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

_____. **Cibercultura**, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Sulina: Porto Alegre. 2015.

_____. **Datificação da vida**. Dossiê: Digitalização e Dataficação da Vida: Pervasividade, Ubiquidade e Hibridismos Contemporâneos, *Civitas* 21 (2): 193-202, maio-ago. 2021. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/39638/26950>. Acesso em 04 de abr. 2022.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora34: São Paulo. 2007.

LIMA, Carla Moura; BUENO, Leonardo Brasil. **Introdução**. In: LIMA, Carla Moura; BUENO, Leonardo Brasil (orgs) **Território, participação popular e saúde: Manguinhos em debate**. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2010.

LOTTENBERG, Claudio. **Saúde e cidadania – a tecnologia a serviço do paciente: a Tecnologia a Serviço do Paciente e Não ao Contrário**. Rio de Janeiro: Atheneu. 2015.

LUPTON, Deborah. *Digital Sociology*. London: Routledge; 2015.

MALAGGI, Vitor.; MIYASHIRO, Rosana. **Inclusão digital de jovens e adultos e educação popular**. *Revista de Educação Popular*, v. 19, n. 1, p. 193-218, 13 mar. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/49586>. Acesso em 04 de jun. 2021

MANTOURA, Pascale; GENDRON, Sylvie; POTVIN, Louise. **Participatory research in public health: creating innovative alliances for health**. *Health Place*. 2007 Jun;13(2):440-51. Epub 2006 Jun 21.

MARINHO, Alexandre Ceconello. **A História Oral de Vida como método desestabilizador nas pesquisas sobre sexualidade e gênero**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (16): 131-144, janeiro a abril de 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11769>. Acesso em: 24 de jun. 2022.

MARQUES, Danilo Moreira et al. **A dimensão do rádio no campo da saúde mental: a experiência da rádio ondas mentais online**. *Cad. Bras. Saúde Ment.*, Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 104-117, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-21472016000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 fev. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Vozes: Petrópolis, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultix: São Paulo. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas, história oral aplicada**. São Paulo: contexto. 2021.

MENDES, Rosilda; FERNANDEZ, Juan Carlos Aneiros; SACARDO, Daniele Pompei. **Promoção da saúde e participação: abordagens e indagações**. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, V. 40, N. 108, P. 190-203, jan-mar 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2016.v40n108/190-203/pt>. Acesso em 22 de mar. 2023.

MEZZA, Martin; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira. Nunes. **A Reforma Psiquiátrica Brasileira como luta pelo reconhecimento e progresso moral**. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. Especial 3, p. 235-249, outubro 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2020.v44nspe3/235-249/pt>. Acesso em: 09 de mar. 2023.

MOREIRA, Reginaldo. **Projeto Maluco Beleza: a comunicação como dispositivo terapeutizante de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica**. Tese (doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2011.

MOROSINI, Márcia Valéria; FONSECA, Angélica Ferreira; PEREIRA, Isabel Brasil. **Educação em saúde**. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (org). *Dicionário da educação profissional em saúde* Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

MOURA, Erly et al. **Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020–2022**. Artigo Original, *Revista de Saúde Pública*, 56, 2022.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/798jKxCNGhB85QBJXdK6h9z/?format=pdf&lang=en>. Acesso em 14 de abr. 2023.

MURERO, Mônica. **Internet e cuidado de e-health**: um campo de estudo interdigital. In: PEREIRA NETO, André; FLYNN, Matthew (orgs). *Internet e saúde no Brasil: desafios e tendências*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 33-48.

NABUCO, Edvaldo. (2011). **As imagens do afeto**: homenagem à Doralice Araújo. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 5(2). Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/783>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

NEMER, David. **Tecnologia do oprimido**, desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória: Milfontes, 2021.

OMETTO, Ana Maria; FURTUOSO, Maria Cristina; SILVA, Marina Vieira da. **Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população**. *Rev. Saúde Pública* 29 (5), out 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/XRCdDpSndmxTY5J7wXz6tXn/?lang=pt#>. Acesso em 22 de abr. 2023.

OLIVEIRA, Rosely Magalhães. **A Produção do Conhecimento em saúde em escala local**: Repensando a relação entre a investigação científica e a experiência dos grupos populares, tese de doutorado, ENSP: Fiocruz, 2000. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/xmlui/bitstream/handle/icict/4576/85.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em 25 de mai. 2021.

OLIVEIRA, V. C. de et al. **Perfil sociodemográfico e clínico de pessoas atendidas em um Caps ad do sul do brasil**. *Rev. baiana enferm*; 31(1) 2017.

OLIVEIRA, J. F. M. de; SILVA, R. J. G. da. **Perfil sociodemográfico de pessoas com transtorno mental**: um estudo num centro de atenção psicossocial. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, Vol.05, Nº. 04, Ano 2014 p. 2447-57

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (PAHO). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** - ferramentas de conhecimento. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 23 de mar. 2023.

ORIHUELA, José Luis. **La revolución de los blogs**. España: La esfera de los libros, 2005.

PAES, Marcio Roberto et al. **Contenção física em hospital psiquiátrico e a prática da enfermagem**. *Rev. enferm. UERJ*; 17(4): 479-484, out.-dez. 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-18009>. Acesso em 21 de abr. 2023.

PALUDO, C. **Educação popular como resistência e emancipação humana**. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/CK6NyrM6BhKXbMmhjrmB3jP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 jun. 2021.

PAOLUCCI, Rodolfo; PEREIRA NETO, André de Faria; LUZIA, Rafaela. **Avaliação da qualidade da informação em sites de tuberculose**: análise de uma experiência participativa. *Saúde em Debate*, v.41, n. especial, p.84-100, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/TDCjG3Yg6bnT8MFBD9PNdyQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 de set. 2021.

PARO, C. A.; LEMÕES, M. A. M.; PEKELMAN, R. **Educação Popular e a (re)construção de práticas cuidadoras**. In: PARO, C. A.; LEMÕES, M. A. M.; PEKELMAN, R. (org.). *Coletânea Educação Popular em Saúde: Educação Popular e a (re)construção de práticas cuidadoras*, v. 2. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

PARRA, Henrique Z. M. **Ciência cidadã**: modos de participação e ativismo informacional. In: *Ciência aberta, questões abertas*. ALBAGLI, Sarita; HANNUD, Alexandre; MACIEL, Maria Lucia (org). Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia**, história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google. Rio de Janeiro: Elsevier. 2012.

PASSOS DE OLIVEIRA, A. C.; JORGE, I. M. P.; MARIOTTI, M. C. **Perfil sociodemográfico de usuários de um centro de atenção psicossocial e o trabalho**. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 4, p. 795-802, 2017.

PASSOS, Rachel Gouvea; MORAES, Andressa da Silva de. **“Entre os bambas, os sambas e a loucura”**: o discreto protagonismo de D. Ivone de Lara na saúde mental. In: DAVID, Emiliano de Camargo et al. (orgs). *Racismo, subjetividade e saúde mental, pioneirismo negro*. São Paulo: Hucitec. 2021.

PENNA, Mariana Affonso. **História oral e militância política**: o caso do Movimento das Comunidades Populares. *Revista História Oral*, v. 20, n. 2, p. 7-32, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/714/pdf>. Acesso em ago. 2021.

PENTEADO, Cláudio; SANTOS, Marcelo; ARAÚJO, Rafael. **O movimento “Cansei” na blogosfera**: o debate nos blogs de política. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

PEOPLE’S PALACE PROJECT. **Construindo Pontes**. 2023. Disponível em: <https://peoplespalaceprojects.org.uk/pt/projects/building-the-barricades-the-mental-health-impact-of-violence-in-rios-largest-favela/>. Acesso em: 23 de abr. 2023.

PEREIRA, Adriana Paula Macedo Ferreira. **Habitação saudável nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento na Comunidade DSUP, Complexo de Manguinhos, RJ. 2013**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Melissa; AMARANTE; Paulo. **Mulheres, Loucura e Patologização**: desafios para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. In: Passos, Raquel Gouveia, Costa, Rosane de Albuquerque & Silva, Fernanda Gonçalves da (orgs). *Saúde Mental e os desafios atuais da Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Ed Gramma. 2017.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Foucault, Derrida e a História da Loucura**: notas sobre uma polêmica. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1998, vol.14, n.3, pp.367-641.

PEREIRA NETO, André et al. **O paciente informado e os saberes médicos**: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, v.22, supl. p. 1653-71. 2015. Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1voL0WciErxeskiNjU6azZCt_a1ujjfeK. Acesso em 22 ago. 2018.

PEREIRA NETO, André et al. **Digital Natives and Health**: An Exploratory Study with Young Brazilians of Different Socioeconomic Profiles. In: PEREIRA NETO, André; FLYNN, Matthew (Orgs.). *The Internet and Health in Brazil. Challenges and Trends*. Cham: Springer, 2019. p. 113-140.

PEREIRA NETO, André de Faria.; BARBOSA, Letícia.; MUCI, Stephanie. **Internet, Geração Y e saúde**: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). *Revista Comunicação e Informação*, Goiânia, Goiás, v.19, n. 1, p. 20-36, jan/jun. 2016.

PEREIRA NETO, André; PAOLUCCI, Rodolfo. **Avaliação da qualidade da informação de saúde na internet**: análise das iniciativas brasileiras. In: PEREIRA NETO, A.; FLYNN, M. (orgs.). *Internet e saúde no Brasil: desafios e tendências*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 257-291.

PEREIRA NETO, André de Faria; MONTENEGRO, Antônio Torres; MACHADO, Bárbara Araújo. **História Oral no Brasil**: uma análise da produção recente. *História Oral*, 10(2). 2012. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/219>. Acesso em: 25 de ago. 2022.

PEREIRA NETO, André de Faria et al. **Avaliação participativa da qualidade da informação de saúde na internet**: o caso de sites de dengue. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 22(6). 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/49V9Tpwwsyg4NYCMCF3qhxb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 06 de set. 2021.

PEREIRA NETO, André de Faria et al. **Avaliação da qualidade da informação em sites de aleitamento materno**: notas sobre uma experiência. In: LEITE, Dennis Soares; SILVA, Patrício Francisco da (Orgs.). *Saúde coletiva: avanços e desafios para a integralidade do cuidado: volume 2*. Guarujá: Científica Digital, 2021. p.74-88. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-89826-67-5.pdf>. Acesso em 06 de set. 2021.

PEREIRA NETO, André de Faria et al. **Eu quero entrar na rede**: análise de uma experiência de inclusão digital com usuários de Caps. *Revista do centro brasileiro de estudos de saúde*, volume 44, número especial 3, Rio de Janeiro, out 2020. Disponível em: <https://saudeemdebate.org.br/sed/issue/view/41/v.%2044%2C%20n.%20ESPECIAL%203>. Acesso em 04 de abr. 2022.

PEREIRA NETO, André; FLYNN, Matthew. **Prefácio da edição norte-americana - Internet e saúde no Brasil: desafios e tendências**. In: PEREIRA NETO, André.; FLYNN, Matthew.

(orgs.). *Internet e saúde no Brasil: desafios e tendências*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 19-32.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PINHEIRO, Roseni; GUIZARDI, Francine Lubi. **Cuidado e integralidade**: por uma genealogia de saberes e práticas do cotidiano. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Rubem Araujo de (Orgs). *Cuidado, as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: CEPES/UERJ, IMS:ABRASCO, 2013.

PORTER, Roy. **Uma história social da loucura**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1987.

PORTUGAL, Clarice Moreira; MEZZA, Martin; NUNES, Mônica. **A clínica entre parênteses**: reflexões sobre o papel da arte e da militância na vida de usuários de saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28(2), e280211, 2018. Disponível

em:<https://www.scielo.br/j/physis/a/gK8h3HfBtXyd3NsSCTsnrJK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 09 de mar. 2023.

PRATES, H. **Crítica social e participação política na internet**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 254-257, jun. 2014.

PRIMO, Alex. **Blogs e seus gêneros: avaliação estatística de 50 blogs em língua portuguesa**. *Revista Matrizes* Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 – São Paulo – Brasil – ALEX PRIMO p. 129-147.

RAMOS, Juliana de Sousa; PEREIRA NETO, André; BAGRICHEVSKY, Marcos. **Cultura Identitária pró-anorexia**: características de um estilo de vida em uma comunidade virtual. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v.15, n.37, p.447-60, abr./jun. 2011.

RANGEL-S, Maria Ligia; RAMOS Natália. Introdução. In: RANGEL-S, Maria Ligia; RAMOS Natália (orgs). **Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2017. p.13-31.

REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

RIBEIRO, Regina Céli Fonseca. **Experiências autonomistas em saúde mental**: possibilidades de empoderamento. 196 f.: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2017.

RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Saúde mental, cidadania e televisão**: representações da loucura no programa “A Liga”. 2015. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas Ribeiro; PEREIRA NETO, André de Faria; GULJOR, Ana Paula Freitas. **Inclusão digital de pessoas em sofrimento psíquico**: uma reflexão freiriana sobre a mediação no projeto “Eu quero entrar na Rede”. *Revista de Educação Popular*, [S. l.], p. 170–191, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/62354>. Acesso em: 4 abr. 2022.

RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Comunicação pedagógica**: sofrimento psíquico e inclusão digital. In: OGATA, Márcia Niituma; PEDRO, Wilson José Alves (orgs). *Diálogos CTS com Paulo Freire*. Campina Grande: Eduepb, 2021.

RIBEIRO, Mara Cristina; MACHADO, Ana Lúcia. **O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas**: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v.14, n. 2, p. 578-591, ago. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2022.

RICE, Ronald; YATES, Simeon; BLEJMAR, Jordana. **Introduction to The Oxford Handbook of digital technology and society**: terms, domains and themes. In: RICE, Ronald; YATES, Simeon (orgs). *The Oxford Handbook of digital technology and society*. New York: Oxford University Press, 2020.

RIDER, T.; MALIK, M.; CHEVASSUT, T. **Haematology patients and the internet**: the use of on-line health information and the impact on the patient-doctor relationship. *Patient Education and Counseling*, v.97, p.223–38. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1qcRdQWVOf-2tCSvXhbwnho7qv4MuhYtN>. Acesso em: 21 ago. 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSÁRIO, Celita Almeida; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria; MATTA, Gustavo Corrêa. **Sentidos da universalidade na VIII Conferência Nacional de Saúde**: entre o conceito ampliado de saúde e a ampliação do acesso a serviços de saúde. *Saúde em Debate* 44 (124), jan-mar 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/xmZCCHhzYYd7CwZfnsVnTQp/?lang=pt>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

ROTELLI, Franco. **A instituição inventada**. In: ROTELLI, Franco et al. (orgs) *Desinstitucionalização*. São Paulo: Hucitec, 2001. P.89 – 99.

_____; AMARANTE, Paulo. **Reformas Psiquiátricas na Itália e no Brasil**: Aspectos Históricos e Metodológicos. In: Bezerra B Junior, Amarante P, organizadores. *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro (RJ): Relume-Dumará; 1992. p. 41- 55.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SABOGA-NUNES, Luís et al. **Literacia para a saúde**: origens e implicações do conceito. In: SABOGA-NUNES, Luís; MARTINS, Rosane Aparecida de Sousa; FARINELLI, Marta Regina Cláudia; JULIÃO, Helena (orgs). *O papel da literacia para a saúde e educação para a saúde na promoção da saúde*. Curitiba: CRV, 2019.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. **Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil**. *Matrizes*, 14(1), p.79-106, 2020. disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081>. Acesso em 23 de mar. 2023.

SACRISTÁN, José Gimeno et al. **Educar por competências: o que há de novo?** São Paulo: Artmed; 2011.

SACRISTÁN, José Gimeno. Dez teses sobre a aparente utilidade das competências em educação. In: SACRISTÁN, José Gimeno et al. **Educar por competências: o que há de novo?** São Paulo: Artmed; 2011. p.13-63.

SAMOOCHA, D. et al. Effectiveness of web-based interventions on patient empowerment: a systematic review and meta-analysis. *J. Med. Internet Res.*, v.12, n.2, p. e23. 2010.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos, Porto Alegre*, v. 1, n. 22, p. 24-32, dez. 2003.

SENA, Aderita Ricarda Martins et al. (orgs). **Ciência cidadã e determinação social da saúde: desafios e perspectivas.** Rio de Janeiro : Editora ICICT/FIOCRUZ, 2016. Disponível em:
file:///D:/Downloads/Ci%C3%A2ncia%20cidad%C3%A3%20e%20determina%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20sa%C3%BAde%20ppgics.pdf. Acesso em: 25 de jul. 2019.

SILVA, Leticia Tereza Barbosa da. **Saúde, internet e empoderamento uma análise bibliográfica.** 2017. 173 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Eliana et al. **Coleção Construindo Pontes.** Rio de Janeiro: People's Palace Project Brasil. 2021.

SOARES, Ilka de Araujo. **Comunicação e Saúde Mental: a Democratização dos Meios Comunicacionais como Veículo de Reconstrução Identitária.** *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2004, 24 (4), p.12-21. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MxtJsdhvthQ3j754xbtBWLQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

_____. **Coletivo TiVi Piraí: saúde mental e comunicação.** *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 750-761, jul.-set. 2021. Disponível em:
<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2415>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

_____. **Reflexões sobre Trabalho e Associativismo no Contexto da Saúde Mental.** *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 31-42, ago. 2022. ISSN 2447-1798. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/378>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SOARES, Daniel. **Análise crítica do Plano de Desenvolvimento Urbanístico do Complexo de Manguinhos.** In: LIMA, Carla Moura; BUENO, Leonardo Brasil (orgs) *Território, participação popular e saúde: Manguinhos em debate.* Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2010.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora, AIDS e suas metáforas.** Rio De janeiro: Companhia de bolso, 2007.

SORJ, B.; GUEDES, L.E. Exclusão Digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. *Novos Estudos*, v. 72, p. 101-17. 2005.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA kco, GOULART mb, CAPELLA n. **Oficinas Tecnológicas em Saúde mental: convergindo sujeitos e saberes**. In: MARASCHIN, Cleici; FRANCISCO, Deise Juliana; DIEHL, Rafael (orgs). *Oficinando em rede: oficinas, tecnologias e saúde mental*. Porto Alegre: UFRGS; 2011. p.19-40.

SOUSA, Rosane Aparecida et al. **Literacia Digital e interfaces com a saúde: uma revisão integrativa**. In: PEREIRA NETO, André.; FLYNN, Matthew (orgs). *Internet e saúde no Brasil: desafios e tendências*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SOUZA, Ândrea Cardoso. **Estratégias de inclusão da saúde mental na atenção básica**, um movimento das marés. São Paulo: Hucitec Editora. 2015.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

TEIAS ESCOLA MANGUINHOS. **Território Escola Manguinhos - Situação da Saúde**. 2023. Disponível em: http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/situacao_de_saude. Acesso em: 05 de abr. 2023a.

_____. **Território Escola Manguinhos – o território**. 2023. Disponível em: <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/o-territorio>. Acesso em: 05 de abr. 2023b.

_____. **Território Escola Manguinhos – população e meio ambiente**. 2023. Disponível em: <http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/populacao-meio-ambiente>. Acesso em: 05 de abr. 2023c.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Goiânia: EDFU, 2012.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. **The inclusive internet Index 2022**. Disponível em: <https://theinclusiveinternet.eiu.com/explore/countries/performance>. Acesso em: 15 ago. 2021.

TENÓRIO, Fernando. **A reforma psiquiátrica brasileira**, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 25-59, jan./abr.2002.

TRÄSEL, Marcelo. **A vitória de Pirro dos blogs: ubiquidade e dispersão conceitual na web**. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

TREVISAN, Erika Renata; CASTRO, Sybelle Souza. **Perfil dos usuários dos centros de atenção psicossocial: uma revisão integrativa** *Revista Baiana de Saúde Pública* v. 41, n. 4, p. 994-1012 out./dez. 2017. Disponível em: https://cetadobserva.ufba.br/sites/cetadobserva.ufba.br/files/usuarios_de_caps.pdf. Acesso em 09 de mar. 2023.

TRINDADE, Claudia Peçanha da. “**Não se faz omelete sem quebrar ovos**”. Política pública e participação social no PAC Manguinhos – Rio de Janeiro / Claudia Peçanha da Trindade. – 2012.

VALLA, Victor Vincent. **A crise de compreensão é nossa**: procurando compreender a fala das classes populares. Educação e Realidade, n. 21, p. 177-190, 1996.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão et al. **Manual de direitos e Deveres dos Usuários e Familiares em Saúde Mental e Drogas**. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde, 2014.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **O poder que brota da dor e da opressão**: empowerment, sua história, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Reinventando a vida: narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. Rio de Janeiro – São Paulo: encantarte – Hucitec, 2005.

_____. **Apresentação**. Novos horizontes para resistir e avançar na luta antimanicomial e na saúde mental. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021a.

_____. **Estratégia antimanicomial para resistir e avançar**: abordagens baseadas em direitos e protagonismo de usuários e familiares. Novos horizontes para resistir e avançar na luta antimanicomial e na saúde mental. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021a.

_____. **As abordagens anglo-saxônicas de empoderamento e recovery (recuperação, reestabelecimento) em saúde mental I**: uma apresentação histórica e conceitual para o leitor brasileiro. Novos horizontes para resistir e avançar na luta antimanicomial e na saúde mental. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021b.

_____. **Grupos de ajuda e suporte mútuos e projetos de suporte de pares em saúde mental no Brasil: História, implementação, efeitos e desafios**. uma apresentação histórica e conceitual para o leitor brasileiro. Novos horizontes para resistir e avançar na luta antimanicomial e na saúde mental. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021c.

_____. LA CERDA, Marcela weck de. **Desafios e recomendações para a realização de atividades de ajuda mútua on-line no campo da saúde mental**. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão (org). Novos Horizontes da Saúde mental. Análise de conjuntura, direitos humanos e protagonismo de usuários(as) e familiares. São Paulo: Editora Hucitec, 2021.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making: Council of Europe report DGI (2017) 09. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em:

<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-forresearch/168076277c>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WHO. **WHA58.28 eHealth**. 2005. Disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/20378/WHA58_28-en.pdf?sequence=1.
Acesso em: 20 ago. 2020.

WHO. **Global diffusion of eHealth: Making universal health coverage achievable**. 2016. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/252529/9789241511780-eng.pdf?sequence=1#page=16>. Acesso em 20 ago. 2020.

XAVIER, Caco; GUIMARÃES, Cátia. **Uma semiótica da Integralidade: o signo da integralidade e o papel da comunicação**. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Rubem Araújo de (orgs). Cuidado, as fronteiras da integralidade. Rio de Janeiro: CEPES/UERJ, IMS:ABRASCO, 2013.